Título: Criação. Título Original: Criation.
Autor: Gore Vidal.
Dados da Edição: Publicações Dom Quixote, lisboa, 1989,
1ª Edição. Género: Romance.
Digitalização: GaiaInclusiva - Serviço de Leitura e Promoção Cultural para Portadores de Necessidades Especiais.
Correcção: Gilberto Henrique Buchmann.
Estado da Obra: Corrigida.

Ficção Universal

O protagonista deste romance, um dos mais conhecidos e celebrados de entre a vasta obra de Gore Vidal, é neto do profeta Zaratustra, tendo sido educado segundo a disciplina militar da corte persa. Ainda jovem, recebeu o cargo de embaixador, o que o levou, em sucessivas missões oficiais, a transpor as fronteiras do seu reino, que então se estendia do Mediterrâneo até à índia.
Fascinado pelas interrogações fundamentais que se colocam ao género humano (como é que foi criado o Universo? por que motivo é que o aparecimento do mal é simultâneo ao do bem?), Ciro deslocou-se tanto às regiões para onde Buda se retirara, como ao lugar onde Confúcio costumava pescar, como à própria cidade de Atenas, onde chegou a encontrar-se com Sócrates.
O século V a. C., foi decerto um dos mais férteis períodos da história da Humanidade. Nele viveram Dário e Xerxes, reis da Pérsia, Buda, Confúcio, Heródoto, Anaxágoras, Sócrates e Péricles. E foi nessa mesma época que se concebeu todo um conjunto de ideias espirituais, filosóficas e políticas, sobre o qual assenta ainda em parte o mundo que conhecemos. É esse universo fascinante e só aparentemente um pouco longínquo que Gore Vidal nos descreve nas páginas deste livro, considerado um dos exemplos máximos do romance histórico contemporâneo.
Nascido em 1925, Gore Vidal publicou com apenas dezanove anos de idade o seu primeiro livro, que ainda hoje é referido como um dos melhores romances de guerra dos Estados Unidos. Entre as suas obras mais conhecidas, destacam-se, para além de Washington D.C. (já editado nesta mesma colecção) e do presente volume, os romances Juliano (a lançar em breve por Publicações Dom Quixote), Messiah, Myna Breckinridge, Burr e Empire.

Ficção Universal
Próximos títulos:
A VALSA DO ADEUS Milan Kundera

REFÚGIO Lynne Alexander
A CONVIDADA Simone de Beauvoir
UM CAPRICHO DA NATUREZA Nadine Gordimer
O JOGO DAS PÉROLAS DE VIDRO Hermann Hesse
O OUTONO EM PEQUIM Boris Vian
Contracapa.
A acção deste romance decorre numa época extraordinária da história da Humanidade, quando o Império Persa dos Grandes Reis, os reinos indianos do Ganges, a China de Confúcio e a Atenas de Péricles podiam ser observados simultaneamente no seu apogeu. The Times.
Para Thomas Pryor Gore (1870-1949)
NOTA DO AUTOR

Para os povos do século V a. C., a índia era uma província persa no rio Indo e Ch'in apenas um dos inúmeros principados que se digladiavam no território que hoje é a China. Por uma questão de clareza utilizei o termo, índia como designação não só da planície gangética mas também das regiões actualmente conhecidas por Paquistão e Bangladesh. Como para este período o termo China seria uma designação errada, utilizei o termo arcaico Catai para designar os Estados entre-os-rios Yang-tze e Amarelo. Sempre que pude, optei pelo termo contemporâneo para designar entidades como o Mediterrâneo e Confúcio; por outro lado, prefiro chamar o infeliz Afeganistão - e o igualmente infeliz Irão - pelos seus nomes antigos, Báctria e Pérsia.
As distâncias dei-as em milhas. Quanto às datas, o narrador teve, em geral, o cuidado de referir os acontecimentos à altura em que começou a ditar a sua resposta a Heródoto (que ainda não era conhecido como "o pai da História"), ou seja, à noite do que para nós seria o dia 20 de Dezembro de 445 a. C.

LIVRO UM

Heródoto dá uma Conferência no Odeon de Atenas

Sou CEGO, MAS NÃO SOU SURDO. E porque a minha desgraça não é completa, ontem fui obrigado a ouvir, durante quase seis horas, um auto-intitulado historiador cuja descrição do que os Atenienses gostam de chamar "as Guerras Persas" era um disparate de tal ordem que, se fosse menos velho e tivesse mais privilégios, ter-me-ia levantado do lugar, no Odeon, e escandalizado Atenas inteira com a resposta que lhe daria.
A verdade é que eu sei qual foi a origem das guerras gregas. Ele não. Como

poderia sabê-la? Como poderia um Grego saber uma coisa dessas? Passei a maior parte da minha vida na corte da Pérsia e ainda hoje, com setenta e cinco anos, sirvo o Grande Rei, como servi o seu pai, o meu querido amigo Xerxes, e, antes de Xerxes, o pai de Xerxes, um herói conhecido inclusivamente pelos Gregos como Dário, o Grande.
Quando finalmente a penosa conferência acabou - o nosso "historiador" tem uma vozinha monótona que um sotaque dórico torna ainda mais desagradável -, o meu sobrinho Demócrito, de dezoito anos, quis saber se eu gostaria de ficar para trás, para falar com o caluniador da Pérsia.
- Devias falar com ele - disse ele. - Pois está toda a gente a olhar para ti. Sabem que deves estar fulo -. Demócrito está a estudar filosofia aqui em Atenas. O que quer dizer que gosta muito de discutir. Isto também é para escrever, Demócrito. Afinal foi porque mo pediste que dito este relato de como e por que razão começaram as guerras gregas. Não pouparei ninguém... nem mesmo a ti. Onde ia eu? No Odeon.
15
Sorri o pungente sorriso dos cegos, como um poeta sem nome e além disso pouco observador caracterizou a expressão daqueles que, como eu, não vêem. Não que eu tenha alguma vez prestado muita atenção aos cegos quando podia ver. Por outro lado, nunca esperei viver tanto tempo que desse para chegar a velho e muito menos ficar cego, como fiquei há três anos, quando as nuvens brancas, que se vinham formando sobre as retinas dos meus olhos, se tornaram, de repente, opacas.
A última coisa que vi foi a mancha do meu rosto num espelho de prata polida. Foi em Susa, no palácio do Grande Rei. Ao princípio pensei que a sala estivesse a ficar com fumo. Mas era Verão e a lareira não estava acesa. Durante um instante vi-me no espelho; em seguida deixei de me ver; nunca mais voltei a ver fosse o que fosse.
No Egipto os médicos fazem uma operação para dissipar as nuvens, ou como tal é suposta. Mas estou demasiado velho para ir ao Egipto. Além de que já vi o suficiente. Pois não vi o fogo sagrado, que é o rosto de Ahura Mazdah, o Senhor da Sabedoria? E além disso vi a Pérsia e o longínquo Catai. Nenhum outro homem viajou por tantas terras como eu.
Estou a divagar. É um hábito dos velhos. O meu avô, aos setenta e cinco anos, falava horas seguidas sem nunca encadear um assunto no outro. Era completamente incoerente. A verdade é que ele era Zoroastro, o profeta da Verdade; e tal como o Deus Único, que ele serviu, é obrigado a acompanhar simultaneamente cada aspecto da criação, o mesmo fazia o Seu profeta Zoroastro. O resultado era inspirador, se se conseguisse perceber de que estava a

falar.
Demócrito quer que eu registe o que aconteceu ao sairmos do Odeon. Muito bem. Quem se cansará, serão os teus dedos. A minha voz nunca me falhou, nem a minha memória... até à data.
Ouviu-se um aplauso ensurdecedor quando Heródoto de Halicarnasso acabou de descrever a "derrota" persa em Salamis, há trinta e quatro anos. A propósito, a acústica do Odeon é miserável. E pelos vistos não sou o único a achar que o novo auditório não tem condições. Até os nada musicais Atenienses sabem que há qualquer coisa que não está bem com o seu precioso Odeon, recentemente construído em tempo recorde por ordem de Péricles, que o pagou com os dinheiros colectados de todas as cidades gregas para a defesa comum. O edifício é uma cópia em pedra da tenda do Grande Rei Xerxes que por qualquer razão caiu nas mãos dos Gregos durante as confusões da última campanha persa na Grécia. Eles fazem gala do seu desprezo por nós; e depois, imitam-nos.
16
Enquanto Demócrito me conduzia para o vestíbulo do auditório, ouvia de todos os lados a frase: "O embaixador da Pérsia!" As sílabas guturais feriam-me os ouvidos como aqueles cacos de cerâmica onde os Atenienses costumam escrever os nomes dos que os ofenderam ou aborreceram. O homem que recebe mais votos nesta eleição.
- ou rejeição - é exilado da cidade por um período de dez anos. Tem sorte.
Alguns comentários que ouvi a caminho da saída:
- Aposto que não gostou do que ouviu.
- É irmão de Xerxes, não é?
- Não, é um Mago.
- Que é isso?
- Um sacerdote persa. Comem cães e cobras.
- E cometem incesto com as irmãs, as mães e as filhas.
- E com os irmãos, os pais e os filhos, não?
- Tu és insaciável, Glaucon.
- Os Magos são sempre cegos. É uma condição. Aquele é neto dele?
- Não. Amante.
- Não me parece. Os Persas são diferentes de nós.
- Pois são. Perdem batalhas. Nós não.
- Como sabes? Nem sequer tinhas nascido quando corremos com Xerxes até à Ásia.
- O rapaz é muito bonito.
- É Grego. Tinha de ser bonito. Nenhum bárbaro podia ser tão bonito.
- É de Abdera. Neto de Megacreonte.

- Um medófilo! Do piorio.
- Do piorio, mas com dinheiro. Megacreonte é dono de metade das minas de prata da Trácia.
Dos dois sentidos que me restam relativamente em bom estado
- o tacto e o olfacto - pouco mais poderei dizer do primeiro além de que sentia o braço forte de Demócrito a que me agarrava com a mão direita, mas do segundo! No Verão os Atenienses não tomam banho com frequência. No Inverno - e estamos na semana que tem o dia mais pequeno do ano - pura e simplesmente não tomam banho e, como se não bastasse, parece que a sua dieta consiste inteiramente em cebola e peixe de conserva... de conserva desde os tempos de Homero.
Empurraram-me, respiraram para cima de mim, insultaram-me. Sei perfeitamente, claro, que a minha situação como embaixador do Grande Rei em Atenas é não só perigosa como altamente ambígua.
17
É perigosa porque em qualquer momento esta gente volátil é capaz de reunir uma das suas assembleias em que todo e qualquer cidadão pode dizer o que pensa e, pior, votar. Depois de ouvirem um dos muitos corruptos e dementados demagogos da cidade, os cidadãos são muito capazes de romper um tratado sagrado, que foi o que fizeram há catorze anos, quando enviaram uma expedição à conquista da província persa do Egipto. Foram estrondosamente derrotados. Esta aventura foi duplamente vergonhosa porque há dezasseis anos uma embaixada tinha ido a Susa com instruções para celebrar uma paz permanente com a Pérsia. O chefe da embaixada era Cálias, o homem mais rico de Atenas. Na altura devida redigiu-se um tratado. Atenas reconhecia a soberania do Grande Rei sobre as cidades gregas da Ásia Menor. Pelo seu lado, o Grande Rei concordava em manter a esquadra persa fora do mar Egeu, etc. O tratado era muito longo. De facto, tenho pensado muita vez que foi durante a redacção do texto persa que dei cabo da vista para sempre. O que é certo porém é que as nuvens brancas começaram a adensar-se durante esses meses de negociações em que fui obrigado a ler todas as palavras que os amanuenses escreveram.
Depois da catástrofe egípcia foi a Susa outra embaixada. O Grande Rei foi magnífico. Ignorou o facto de os Atenienses terem rompido o tratado original ao invadirem a sua província do Egipto. Em vez disso falou calorosamente da sua amizade por Esparta. Os Atenienses ficaram aterrorizados. E com razão, pois temiam Esparta. Numa questão de dias chegou-se a um acordo em como o tratado, que nenhuma das partes pudera reconhecer, entraria novamente em vigor e, como prova de confiança nos seus escravos atenienses - tal como os trata -, o Grande Rei enviaria para Atenas o maior amigo do peito do seu falecido pai,

Xerxes. Ou seja, eu, Ciro Spitama.
Não posso dizer que tenha ficado plenamente satisfeito. Nunca pensei passar os últimos anos da minha vida nesta cidade fria e ventosa, entre gente tão fria e tão cheia de vento como o próprio lugar. Por outro lado, e o que digo, Demócrito, é só para os teus ouvidos - de facto, este comentário é em grande parte para teu proveito pessoal, para usares como entenderes depois de eu morrer... uma questão de dias, creio, dada a febre que me consome e os acessos de tosse que devem tornar este ditado tão cansativo para ti como para mim... Perdi o fio à meada.
Por outro lado... Sim. Depois e a partir do assassínio do meu querido amigo Xerxes e da subida ao trono do seu filho Artaxerxes, a minha situação em Susa tornou-se relativamente incómoda.
18
Embora o Grande Rei seja bondoso comigo, sou por demais associado ao reinado anterior para que a nova corte confie inteiramente em mim. A pouca influência que ainda exerço advém de um acidente de nascimento. Sou o último neto vivo, por via masculina, de Zoroastro, o profeta do Deus Único, Ahura Mazdah - em grego, o Senhor da Sabedoria. Desde que o Grande Rei Dário se converteu ao zoroastrismo há meio século, a família real tratou sempre a nossa família com reverência, o que me faz sentir um tanto impostor. A verdade é que não se pode escolher o próprio avô.
À entrada do Odeon fui abordado por Tucídides, um homem melancólico, de meia-idade, que lidera o Partido Conservador de Atenas desde a morte do seu sogro, Címon, há três anos. Por conseguinte, é o único sério rival de Péricles, o líder do Partido Democrático.
As designações políticas daqui são imprecisas. Os líderes de ambas as facções são aristocratas. Mas certos nobres - como o falecido Címon - favorecem a abastada classe latifundiária, enquanto outros - como Péricles - cultivam a multidão citadina cuja conhecida assembleia ele reforçou, continuando o trabalho do seu mentor político, Efialtes, um líder radical que foi misteriosamente assassinado há uns doze anos. Naturalmente, os conservadores foram responsabilizados pelo crime. Se são responsáveis, deviam ser felicitados. A multidão não pode governar uma cidade, muito menos um império.
O que é certo é que se o meu pai tivesse sido Grego e a minha mãe Persa, e não ao contrário, eu seria membro do Partido Conservador, ainda que esse partido nunca resista à ideia de se servir da Pérsia como meio de manter o povo em respeito. Apesar do amor de Címon por Esparta e do seu ódio por nós, gostaria de o ter conhecido. Toda a gente daqui diz que a sua irmã Elpinice é parecida com ele no carácter. É uma mulher maravilhosa e minha amiga leal.

Demócrito chama-me à atenção, cortesmente, de que estou a desviar-me outra vez do assunto. A ele, lembro-lhe que, depois de todas aquelas horas a ouvir Heródoto, já não consigo passar, com lógica, de um ponto para o seguinte. Ele escreve como um gafanhoto aos saltos. Eu imito-o.
Tucídides falou comigo no vestíbulo do Odeon: - Suponho que vai ser enviada para Susa uma cópia do que acabámos de ouvir.
- Por que não? -. Fui amável e incolor, o perfeito embaixador. - O Grande Rei gosta de histórias fantásticas. Aprecia imenso as fábulas.
19
Pelos vistos não fui suficientemente incolor. Senti o desagrado de Tucídides e do grupo de conservadores que assistia. Os líderes partidários de Atenas raramente andam sozinhos, por temerem ser assassinados. Demócrito diz-me que sempre que se vê um grande grupo de homens ruidosos e em cujo centro se destaca um capacete em forma de cebola ou de uma lua escarlate, o primeiro só pode ser Péricles e o segundo Tucídides. Entre a cebola e a lua outonal, a cidade está irritantemente dividida.
Hoje era o dia da lua escarlate. Por qualquer razão a cebola não assistiu à conferência no Odeon. Terá sido por que Péricles tem vergonha da acústica da sua obra? Mas já me esquecia. A vergonha não é um sentimento conhecido dos Atenienses.
Actualmente Péricles e a sua cabala de artistas e construtores estão a fazer um templo a Atena, na Acrópole, uma coisa grandiosa que substituirá o tempo miserável que o exército persa incendiou até às fundações há trinta e quatro anos, um facto em que Heródoto prefere não se demorar.
- Queres dizer, Embaixador, que a descrição que acabámos de ouvir não é verdadeira? -. Tucídides foi insolente. Presumo que estivesse bêbedo. Embora nós, Persas, sejamos acusados de beber muito por usarmos haoma nos nossos rituais, nunca vi um Persa tão bêbedo como certos Atenienses e, para ser justo, nenhum Ateniense seria alguma vez capaz de ficar tão bêbedo como um Espartano. O meu velho amigo, o Rei Demarato de Esparta, dizia que foi só quando os nómadas do Norte enviaram a Esparta uma embaixada pouco depois de Dário ter arrasado a sua Scitia natal que os Espartanos começaram a beber vinho sem lhe juntarem água. Segundo Demarato, os Seitas ensinaram a beber vinho sem água aos Espartanos. Não acredito nessa história.
- O que ouvimos, meu jovem, é apenas uma sucessão de acontecimentos ocorridos antes de tu teres nascido e, desconfio, antes do nascimento do historiador.
- Ainda estão vivos muitos que se lembram perfeitamente do dia em que os Persas chegaram a Maratona -. Uma voz de velho fez-se ouvir ao meu lado.

Demócrito não reconheceu o dono. Mas é o tipo de voz de velho que se ouve com bastante frequência. Em qualquer ponto da Grécia, dois desconhecidos de uma certa idade cumprimentam-se com a pergunta: "E onde estavas e que fazias tu quando Xerxes chegou a Maratona?" E em seguida trocam mentiras.
- Sim - disse eu: - Ainda há quem se lembre dos velhos tempos. Eu, infelizmente, sou um deles. De facto, o Grande Rei Xerxes e eu somos exactamente da mesma idade. Se não tivesse morrido,

Xerxes teria hoje setenta e cinco anos. Quando subiu ao trono tinha trinta e quatro, estava na força da vida. Contudo o vosso historiador acabou de nos dizer que Xerxes era um rapazelho de sangue na guelra quando sucedeu a Dário.
- Um simples pormenor -, começou a dizer Tucídides.
- Mas típico de uma obra que divertirá tanto Susa como aquela outra de Ésquilo, Os Persas, por mim traduzida para o Grande Rei, que achou delicioso o espírito ático do autor -. Nada disto era verdade, evidentemente; Xerxes teria tido um ataque de fúria se alguma vez viesse a saber até que ponto ele e a sua mãe tinham sido caricaturizados para gáudio da ralé ateniense.
Tenho como princípio nunca mostrar desprazer quando insultado por bárbaros. Felizmente sou poupado aos seus piores insultos. Esses, guardam-nos eles uns para os outros. É uma felicidade para o resto do mundo o facto de os Gregos se detestarem uns aos outros mais do que a nós, estrangeiros.
Um exemplo perfeito: quando o outrora aplaudido dramaturgo Ésquilo perdeu um prémio para o actualmente aplaudido Sófocles, ficou tão furioso que trocou Atenas pela Sicília, onde encontrou um fim muitíssimo consolador. Uma águia, à cata de uma superfície dura onde pudesse quebrar a tartaruga que segurava nas garras, tomou a careca do autor de Os Persas por uma pedra e deixou cair a tartaruga com uma pontaria certeira.
Tucídides preparava-se para prosseguir com o que se afigurava ser o princípio de uma cena muitíssimo desagradável, quando o jovem Demócrito me empurrou para a frente de repente com o brado: "Deixai passar o embaixador do Grande Rei!" E deixaram-me passar.
Felizmente a minha liteira aguardava-me logo em frente ao pórtico.
Tive a sorte de poder alugar uma casa construída antes de incendiarmos Atenas. É um tanto mais confortável e menos pretenciosa que as casas que são construídas actualmente pelos Atenienses ricos. Não há nada como incendiarem-nos a nossa cidade natal até às fundações para inspirar os arquitectos ambiciosos. Sardis é hoje mais esplêndida depois do grande incêndio do que nunca o foi no tempo de Creso. Embora eu nunca tenha visto a velha Atenas - e, é claro, não possa ver a nova - dizem-me que as casas particulares ainda são feitas de tijolo

de lama, que as ruas raramente são direitas e nunca são largas, que os novos edifícios públicos são esplêndidos, embora sem irem além de meros improvisos, coisas temporárias - como o Odeon.

21

Presentemente, a maior parte da construção está a fazer-se na Acrópole, um penhasco da cor do leão na descrição poética de Demócrito, que se projecta não só sobre grande parte da cidade mas também sobre esta casa. Como consequência, no Inverno - agora mesmo - temos menos de uma hora de sol por dia.

Mas o rochedo tem os seus encantos. Eu e Demócrito passeamos lá muitas vezes. Toco nas paredes em ruínas. Ouço o martelar dos pedreiros. Medito naquela esplêndida família de tiranos que vivia na Acrópole antes de ser expulsa da cidade, como acontece mais tarde ou mais cedo com todos quantos sejam verdadeiramente nobres. Conheci o último tirano, o gentil Hípias. Esteve muitas vezes na corte de Susa quando eu era novo.

Hoje a principal característica da Acrópole são as casas ou templos que contêm as imagens dos deuses que o povo diz que adora. Digo que diz que adora porque é minha opinião que, apesar do conservadorismo básico do povo ateniense quando se trata de manter as formas das coisas antigas, o espírito essencial deste povo é ateu - ou, como afirmou um meu primo grego há pouco tempo e com um orgulho perigoso, o homem é a medida de todas as coisas. Penso que no fundo dos seus corações os Atenienses acreditam verdadeiramente que é assim. Daí que sejam, paradoxalmente, invulgarmente supersticiosos e punam severamente todos quantos sejam suspeitos de impiedade.

2

Demócrito não estava preparado para algumas coisas que eu disse ontem à noite ao jantar. Não só me pediu agora um relato fiel das guerras gregas como, e isto é o mais importante, queria também que eu registasse as minhas recordações da índia e do Catai e dos homens sábios que conheci no Oriente - e a oriente do Oriente. Ofereceu-se para apontar tudo de quanto me lembrasse. Os meus convidados instaram-me no mesmo sentido. Mas desconfio que fosse apenas por delicadeza.

Estamos agora sentados no pátio da casa. É a hora em que apanhamos sol. O dia está fresco mas sem ser frio e posso sentir o calor do Sol no rosto. Sinto-me bem, pois estou vestido à maneira persa. Todas as partes do meu corpo estão cobertas, excepto o rosto. Até as mãos em repouso estão cobertas por mangas.

Evidentemente,

22
visto calças - uma peça de vestuário que perturba sempre os Gregos.
As nossas noções de modéstia divertem imenso os Gregos, que nunca se sentem mais felizes do que quando estão a observar os rapazes nus nos jogos. A cegueira poupa-me a vista não só dos rapazes turbulentos de Atenas como a dos debochados que os contemplam. No entanto, os Atenienses são modestos quando se trata das suas mulheres. Aqui as mulheres andam cobertas da cabeça aos pés como as damas persas - mas sem cor, sem ornamento, sem estilo.
Dito em grego porque sempre falei fluentemente o grego jónico. A minha mãe, Lais, é uma Grega de Abdera. É filha de Mega-creonte, o bisavô de Demócrito. Como Megacreonte possuía ricas minas de prata e tu descendes dele por via masculina, és de longe mais rico do que eu. Sim, é para escrever. Fazes parte desta narrativa, apesar de jovem e insignificante. Afinal, tu é que agitaste a minha memória.
Ontem à noite dei um jantar ao facheiro Cálias e ao sofista Anaxágoras. Demócrito passa muitas horas do dia com Anaxágoras, a ouvi-lo falar. A isto chamam educar-se. No meu tempo e no meu país, educação queria dizer aprender textos de cor, estudar matemática, praticar música e tiro ao arco... "Cavalgar, tender o arco, dizer a verdade." Nesta máxima contém-se a educação persa. Demócrito faz-me notar que a educação grega é quase igual... salvo no que se refere a dizer a verdade. Ele sabe de cor o jónico Homero, outro cego. Isso poderá ser verdade, mas nos últimos anos os métodos de ensino tradicionais foram abandonados (Demócrito diz suplementados) por uma nova categoria de homens que se autodenominam sofistas. Teoricamente um sofista é competente numa ou noutra das artes. Na prática muitos dos sofistas locais nem sequer têm um assunto ou competência próprios. São simplesmente uns habilidosos com as palavras e é difícil de determinar o que, especificamente, pretendem ensinar, pois põem tudo em questão, menos o dinheiro. Do que não se esquecem é que os jovens da cidade lhes paguem bem.
Anaxágoras é o melhor dessa corja. Fala com simplicidade. Escreve um bom grego jónico. Demócrito leu-me um livro de Anaxágoras, Física. Embora não compreendesse muita coisa, maravilha-me a audácia do homem. Anaxágoras tentou explicar todas as coisas por meio de uma observação minuciosa do mundo visível. Consigo acompanhá-lo quando descreve o visível, mas quando chega ao invisível, deixo de o seguir. Ele acredita que o nada não existe. Acredita que todo o espaço está preenchido, ainda que não consigamos ver
23
com quê - por vento, por exemplo. É muito interessante (e ateu!) quando fala do nascimento e da morte.

"Os Gregos", escreveu ele, "têm uma concepção errada sobre o começar e o deixar de ser. Nada começa a ser nem deixa de ser, antes há mistura e separação de coisas que existem. Assim sendo, deveriam antes falar mais propriamente da geração como mistura e da extinção como separação". Isto é aceitável. Mas essas "coisas que existem", o que são? O que é que faz com que se juntem e se separem? Como, quando e por que razão foram criadas? Por quem? Para mim, há só um assunto digno de reflexão: a criação.
Em resposta, Anaxágoras avançou com o termo "mente". "Na origem, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, todas as coisas estavam em repouso. A mente ordenou-as." Então essas coisas (o que são ? onde estão ? por que razão são ?) começaram a girar.
Uma das coisas de maiores dimensões é uma pedra incandescente a que chamamos Sol. Quando Anaxágoras era muito jovem, predisse que mais cedo ou mais tarde um bocado do Sol se desprenderia e cairia na Terra. Há vinte anos provou-se que tinha razão. O Mundo inteiro viu um fragmento do Sol descrever um arco de fogo no céu e aterrar perto de Aegospotami, na Trácia. Quando o fragmento incandescente arrefeceu, verificou-se que não passava de um pedregulho castanho. De um dia para o outro Anaxágoras tornou-se famoso. Hoje o seu livro é lido em todo o lado. Pode encontrar-se na Ágora por uma dracma, em segunda mão.
Péricles convidou Anaxágoras para vir para Atenas e concedeu-lhe uma pequena pensão que dá para sustentar o sofista e a família. É escusado dizer que os conservadores o odeiam quase tanto como a Péricles. Sempre que querem criar problemas a Péricles, acusam o seu amigo Anaxágoras de blasfémia e impiedade e de todas as parvoíces do género... não, as acusações não são disparatadas, pois Anaxágoras é tão ateu como os outros Gregos, se bem que, ao contrário deles, não seja hipócrita. É um homem sério. Reflecte sobre a natureza do Universo mas, sem um conhecimento do Senhor da Sabedoria, é mesmo necessária muita reflexão, pois de outra maneira nada fará sentido.
Anaxágoras tem cerca de cinquenta anos. É um Grego da Jónia, natural de uma cidade chamada Clazomenae. É baixo e gordo, pelo menos é o que me disse Demérito. Vem de uma família abastada. Quando o pai morreu, recusou administrar a propriedade ancestral ou ocupar um cargo público. O seu único interesse consiste apenas em observar o mundo natural. Acabou por entregar todos os bens a uns parentes afastados e saiu de casa. Quando perguntado se o seu

país natal lhe interessava ou não, Anaxágoras respondeu: "Oh, sim, o meu país natal interessa-me muito." E apontou para o Céu. Perdoo-lhe este gesto

tipicamente grego. Os Gregos gostam de se exibir.
Durante o primeiro prato, enquanto comíamos peixe fresco e não peixe de conserva, Anaxágoras mostrou curiosidade em conhecer a minha reacção às historietas de Heródoto. Tentei por várias vezes responder-lhe mas o velho Cálias interrompia-me sempre. Tenho de ser indulgente com Cálias pois o nosso invisível tratado de paz não é de forma alguma popular junto dos Atenienses. De facto, existe sempre o perigo de o nosso acordo ser um dia denunciado e eu obrigado a ir-me embora, partindo do princípio de que a minha posição como embaixador seja respeitada e não me condenem à morte. Os Gregos não respeitam embaixadores. Entretanto, como co-autor do tratado, Cálias é meu protector.
Cálias descreveu mais uma vez a batalha de Maratona. Estou muito cansado da versão grega deste incidente. Nem vale a pena dizer que Cálias lutou com a bravura de um Hércules: - Não que fosse obrigado. Pois sou facheiro hereditário. Sirvo os mistérios de Deméter, a Grande Deusa. Em Elêusis. Mas já sabias isto tudo, não é verdade?
- De facto já sabia, Cálias. Temos isso em comum. Já te esqueceste? Também eu sou facheiro hereditário.
- És? -. Cálias não tem memória no que respeita a informações recentes. - Oh, sim. Claro. O culto do fogo. Sim, é muito interessante, isso. Tens de nos deixar assistir a uma das vossas cerimónias. Ouvi dizer que são um grande espectáculo. Principalmente a parte em que o Arquimago come fogo. És tu, não é assim?
- Sim -. Deixei de me incomodar em explicar aos Gregos a diferença entre Zoroastristas e Magos. - Mas nós não comemos fogo. Cuidamos dele. O fogo é o mensageiro entre nós e o Senhor da Sabedoria. Além disso, lembra-nos o dia do juízo, quando cada um deverá passar através do mar de metal derretido, que se parece realmente com o Sol, se a teoria de Anaxágoras está certa.
- Mas depois, que é que acontece? -. Embora Cálias seja facheiro hereditário, é muito supersticioso. O que é bizarro. Os sacerdotes hereditários tendem geralmente para o ateísmo. Sabem demais.
Dei-lhe a resposta tradicional: - Se serviste a Verdade e rejeitaste a Mentira, não sentirás o metal fervente. Passarás...
- Estou a ver -. A mente de Cálias é como se esvoaçasse de um lado para o outro, como um passarinho à procura de uma saída.

- Nós também temos uma coisa parecida. Seja como for, gostaria de ver-te comer fogo um dia destes. Naturalmente, não posso retribuir. Os nossos mistérios são muito profundos, compreendes? Não posso contar-te absolutamente nada. A não ser que renasces depois de passares por tudo. Isto é, se chegares ao fim. E

quando morreres, poderás entrar... -. Cálias calou-se; o pássaro tinha encontrado um ramo onde pousar. - De qualquer modo, combati em Maratona, ainda que tivesse sido obrigado a fazê-lo envergando todos os paramentos que uso sempre, como podes ver. Bom, não, tu não podes vê-los, claro. Mas sacerdote ou não sacerdote, matei a minha conta de Persas nesse dia...
- ...e deste com o teu ouro numa cova -. Anaxágoras acha Cálias tão exasperante como eu. Mas ao contrário de mim não tem que o suportar.
Essa história foi muito deturpada -. Cálias de repente tornou-se muito preciso no que dizia. - Aconteceu-me fazer prisioneiro um Persa que pensou que eu era um general ou um rei por usar este filete na cabeça, que tu não podes ver. Como ele só falava persa e eu só falava grego, não havia maneira de nos entendermos. Não conseguia dizer-lhe que eu não era nada importante, tirando o facto de ser facheiro. Aliás, como eu tinha só dezassete ou dezoito anos, ele podia ter visto que eu não era importante. Mas não. Mostrou-me a margem de um rio, e não uma cova, onde tinha escondido uma caixa com ouro. Naturalmente, fiquei com o ouro. Despojos de guerra.
- E que aconteceu ao dono? -. Como toda a gente em Atenas, Anaxágoras sabia que Cálias tinha morto o Persa imediatamente. Em seguida, graças à caixa do ouro, Cálias pôde investir em vinho, azeite e navios. Hoje é o homem mais rico de Atenas. É profundamente invejado. Mas a verdade é que em Atenas todos são invejados... nem que seja pela ausência de qualquer qualidade invejável.
- Libertei-o. Naturalmente -, mentiu Cálias sem qualquer esforço. Pelas costas é conhecido por "o rico Cálias-da-cova". - O ouro foi como um resgate. Na guerra isso é normal. Acontece todos os dias entre Gregos e Persas, ou acontecia. Agora isso acabou, graças a nós, Ciro Spitama. O Mundo deve-nos, a mim e a ti, uma gratidão eterna.
- Contentar-me-ei com um ano ou dois de gratidão.
Entre o levantar do primeiro prato e o serviço do segundo veio juntar-se-nos Elpinice. Elpinice é a única dama ateniense que janta com homens sempre que lhe apetece. Tem esse privilégio porque é mulher do rico Cálias e irmã do esplêndido Címon... irmã e viúva de facto, aliás. Antes de se casar com Cálias, ela e o irmão viviam

como marido e mulher, escandalizando os Atenienses. Um sinal da imaturidade essencial dos Gregos é que ainda não compreenderam que uma grande família torna-se ainda maior sempre que um irmão casa com uma irmã. É que cada um é uma metade da mesma entidade. Combinem-se pelo casamento e cada um torna-se duplamente formidável.
Diz-se também é Elpinice, e não Címon, quem dirige realmente o Partido

Conservador. Neste momento ela tem muita influência no seu sobrinho Tucídides. É admirada e temida. A sua companhia é agradável. Alta como um homem, Elpinice é de uma beleza já devastada - o meu informador é Demócrito que, com dezoito anos, considera qualquer pessoa, com tanto como uma branca que seja no cabelo, como alguém que fugiu ilegalmente ao túmulo. Ela fala com aquela doce pronúncia da Jónia de que gosto tanto como detesto o duro sotaque dórico. Mas eu aprendi o meu grego de uma mãe jónica.

- Sou um escândalo. Estou perfeitamente consciente disso. Mas não posso fazer nada. Janto com homens. Não acompanhada. Sem nenhum pudor. Como uma companheira milesiana... só que não tenho os dotes musicais delas -. Nestas paragens chamam companheiras às prostitutas elegantes.

Embora as mulheres tenham alguns direitos em qualquer cidade grega, existem anomalias bárbaras. Da primeira vez que assisti aos jogos numa cidade jónica da Ásia Menor, fiquei espantado ao reparar que, embora as raparigas solteiras fossem encorajadas a assistir aos jogos para examinar os potenciais maridos nus, as senhoras casadas estavam proibidas de ver, sem dúvida pela boa razão de que qualquer alternativa a um marido legítimo não deve nem pode ser considerada. Na conservadora Atenas, às esposas e às donzelas raramente é permitido sair da parte da casa que lhes está destinada, muito menos assistir a jogos. Excepto a Elpinice.

Pude ouvir que a grande dama se instalava - como um homem - num leito em vez de, modestamente, se sentar numa cadeira ou num tamborete, que é a atitude que as senhoras gregas devem adoptar naquelas raras ocasiões em que jantam com homens. Mas Elpinice ignora os costumes. Faz o que lhe apetece e ninguém se atreve a queixar-se... à sua frente. Como irmã de Címon, mulher de Cálias, tia de Tucídides, é a maior dama de Atenas. Muitas vezes não tem tacto nenhum e raramente se incomoda em disfarçar o desprezo que tem por Cálias, que a admira imoderadamente.

Nunca fui capaz de saber se Cálias é estúpido ou não. Não negarei que é preciso uma certa inteligência para fazer dinheiro com ou

sem um tesouro encontrado numa cova. Mas a sua astúcia nos negócios é anulada pela sua estupidez em todos os outros aspectos da vida. Quando o seu primo, o nobre, o honesto, o altruísta (para um Ateniense) homem de Estado Aristides vivia na miséria, Cálias foi muito criticado por não o ajudar nem à família.

Quando Cálias se apercebeu de que estava a ficar com fama de mesquinho, pediu a Aristides que contasse à assembleia quantas vezes tinha recusado aceitar dinheiro dele. O nobre Aristides disse à assembleia exactamente o que Cálias

queria que ele dissesse. Cálias agradeceu-lhe e não lhe deu dinheiro. E por isso, agora Cálias é não só tido como um miserável mas como um perfeito hipócrita. Aristides é conhecido como o justo. Não sei bem porquê. Há grandes lacunas no meu conhecimento desta cidade e da sua história política.
Mas ontem à noite uma dessas lacunas foi prontamente preenchida por Elpinice:
- Ela teve um filho. Hoje de manhã cedo. Ele está encantado -. Ela e ele pronunciados com uma determinada ênfase querem sempre dizer a companheira Aspásia e o amante, o General Péricles.
O conservador Cálias parecia ter achado muita graça: - Então o filho terá de ser vendido como escravo. É o que diz a lei.
- A lei não diz isso -, disse Anaxágoras. - O filho é livre porque os pais são livres.
- Pela nova lei que Péricles fez passar na assembleia, não. A lei é muito clara. Se a mãe é estrangeira. Ou se o pai é estrangeiro. Quero dizer, Ateniense... -. Cálias confundia tudo.
Anaxágoras ajudou-o: - Para se ser cidadão de Atenas, ambos os pais têm de ser Atenienses. Como Aspásia é de Mileto, o filho que teve de Péricles não pode ser cidadão nem ocupar cargos públicos. Mas não é escravo, do mesmo modo que a mãe também não é... ou nenhum de nós, que somos estrangeiros.
- Tu estás certo. Cálias está errado -. Elpinice é cortante e directa. Faz-me lembrar a mãe de Xerxes, a velha Rainha Atossa. - Mesmo assim, dá-me um certo prazer o facto de ter sido Péricles a forçar a aprovação da lei. Agora a sua lei excluirá para sempre da cidadania o seu próprio filho.
- Mas Péricles tem mais filhos. Os da esposa legítima -. Cálias ainda guarda um profundo rancor, ou é o que se diz, pelo facto de há muitos anos a mulher do seu filho mais velho ter abandonado o marido para se casar com Péricles, desse modo tornando infelizes duas famílias em vez de uma só.
- As más leis são feitas para castigar quem as faz -, disse Elpinice, como se citasse um provérbio conhecido.

- Foi Sólon quem disse isso? -, perguntei. Sólon é um sábio lendário que os Atenienses estão sempre a citar.
- Não -, disse Elpinice. - Fui eu. Gosto de me citar. Não sou modesta. Bom, quem vai ser o rei do nosso jantar?
Assim que o segundo prato é levantado, o costume ateniense manda que os convivas elejam um rei que então decidirá, primeiro, quanta água se vai misturar ao vinho - muito pouca quer dizer obviamente uma noitada alegre - e, segundo, escolher o tema da conversa. O rei então orienta a discussão.
Elegemos Elpinice rainha. Ela ordenou três partes de água para uma de vinho. A

discussão pretendida era séria. E com efeito seguiu-se uma discussão muito séria sobre a natureza do Universo. Digo muito séria porque em Atenas há uma lei - que lugar de leis! - que proíbe não só a prática da astronomia como tudo quanto seja especulação sobre a natureza do Céu, das estrelas, do Sol, da Lua, da criação.
A velha religião prescreve que as duas maiores formas celestiais são duas divindades, chamadas Apolo e Diana. Sempre que Anaxágoras sugere que o Sol e a Lua são simplesmente duas enormes pedras de fogo que rolam nos céus, corre o risco muito sério de ser denunciado por impiedade. É escusado dizer que os mais brilhantes Atenienses passam o tempo a especular sobre estes assuntos. Só que há o perigo constante de um inimigo fazer uma acusação de impiedade contra nós na assembleia e, se se dá o caso de nessa semana sermos impopulares, seremos condenados à morte. Os Atenienses nunca deixam de me espantar.
Mas antes de entrarmos em assuntos perigosos fui interrogado por Elpinice sobre a conferência de Heródoto no Odeon. Tive o cuidado de não defender a política do Grande Rei Xerxes em relação aos Gregos... que outra coisa poderia fazer? Mas frisei-lhe com que horror ouvi Heródoto difamar a nossa rainha-mãe. Amestris não se parece de modo nenhum com a virago sequiosa de sangue que Heródoto achou por bem inventar para a sua plateia. Quando ele disse que recentemente ela tinha enterrado vivos alguns jovens Persas, a assistência arrepiou-se de prazer. Mas a verdadeira história é muito diferente. Depois do assassínio de Xerxes, determinadas famílias rebelaram-se. Quando a ordem foi reposta, os filhos dessas famílias foram executados da forma habitual. O ritual dos Magos exige que Os mortos sejam expostos aos elementos. Como boa Zoroastrista, Amestriz enfrentou os Magos e ordenou que os jovens fossem enterrados. Tratou-se de um acto político calculado que demonstrou mais uma vez a vitória de Zoroastro sobre os adoradores dos demónios.
29
Falei-lhes da perfeita lealdade de Amestris ao marido, o Grande Rei. Do seu heróico comportamento por ocasião do seu assassínio. Da fria inteligência que demonstrou ao assegurar o trono para o seu segundo filho.
Elpinice ficou encantada: - Eu devia ter sido uma dama persa. É óbvio que estou a desperdiçar-me em Atenas.
Cálias ficou chocado: - Já tens liberdade demais. Aliás tenho a certeza de que nem sequer na Pérsia uma senhora pode reclinar-se num leito, beber vinho com homens e dizer blasfémias. Lá, estarias fechada à chave num harém.
- Não, estaria a comandar exércitos como a de Halicarnasso... como se chama ela? Artemísia? Tens de preparar -, disse, voltando-se para mim: - uma resposta a Heródoto.

- E de nos contar as tuas viagens -, disse Cálias. - Todos esses lugares do Oriente que conheceste. As rotas comerciais... Isso seria realmente muito útil. Por exemplo, como é que se chega à índia e ao Catai?
- Mas mais importante do que as rotas comerciais são as concepções sobre a criação que encontraste -. A aversão de Anaxágoras ao comércio e à política colocam-no à parte dos outros Gregos. - E deves passar a escrito a mensagem do teu avô Zoroastro. Toda a minha vida ouvi falar de Zoroastro mas nunca ninguém me tornou claro quem ele era ou qual era a concepção que ele tinha da natureza do Universo.
Deixo a Demócrito o registo da séria discussão que se seguiu. Noto apenas que Cálias foi previsível; acredita em todos os deuses, ao que diz. De que outra maneira poderia ele ter ganho três vezes as corridas de carros de Olímpia? Mas a verdade é que ele é o facheiro dos mistérios de Deméter em Elêusis.
Elpinice foi céptica. Gosta de provas. Com isto quer-se dizer um argumento bem construído. Para os Gregos, a única prova que interessa são as palavras. São mestres em fazer com que o fantástico pareça plausível.
Como sempre, Anaxágoras foi modesto; fala como "alguém que é simplesmente curioso". Embora aquela pedra que caiu do Céu provasse a sua teoria sobre a natureza do Sol, ele é, mais do que nunca, modesto, pois "ainda há tanto por saber".
Demócrito perguntou-lhe por aquelas famosas coisas dele: as coisas que estão sempre em todo o lado e não podem ser vistas.
- Nada - disse Anaxágoras, depois da sua terceira taça do vinho altamente diluído de Elpinice - é gerado ou destruído. Tudo é simplesmente misturado e separado a partir das coisas existentes.

- Mas certamente - disse eu - o nada não é uma coisa e portanto não tem absolutamente nenhuma existência.
- A palavra nada não serve? Então tentemos tudo. Pensa o tudo como um número infinito de pequenas sementes que contêm tudo o que existe. Ou seja, por conseguinte, tudo está em tudo.
- Isso custa mais a acreditar do que a paixão da santa Deméter depois de a filha descer ao Hades - disse Cálias -, levando consigo a Primavera e o Verão, e isto é um facto observável -. Cálias murmurou em seguida uma oração, como convinha a um alto sacerdote dos mistérios de Elêusis.
- Não fiz nenhuma comparação, Cálias -. Anaxágoras é sempre cheio de cautelas. - Mas sem dúvida és capaz de admitir que uma malga de lentilhas não contém um único cabelo.
- Pelo menos esperemos que não -, disse Elpinice.

- Nem aparas de unhas? Nem esquírolas de ossos?
- Concordo com a minha mulher. Isto é, espero que nenhuma dessas coisas se misture com as lentilhas.
- Muito bem. Também eu. Estamos também de acordo em que, por mais de perto que se observe uma lentilha, ela não contém outra coisa senão lentilha. Isto é, não há nela cabelos humanos nem ossos nem sangue nem pele.
- Certamente que não. Pessoalmente não gosto de feijões de nenhuma espécie.
- É por isso que Cálias é um verdadeiro pitagórico -, disse Elpinice. Pitágoras proibiu aos membros da sua seita que comessem feijões porque os feijões contêm almas humanas transmigrantes. é uma ideia indiana que de alguma maneira foi retomada por Pitágoras.
- Não. É porque sofro de flatulência -. Cálias achou que este comentário tivesse graça.
Anaxágoras apresentou a sua conclusão: - Com uma dieta apenas de lentilhas e água invisível, um homem verá crescer os seus cabelos, as suas unhas, os seus ossos, os seus tendões, o seu sangue. Logo, todos os constituintes do corpo humano estão de alguma forma presentes na lentilha.
Demócrito registará para si, que não para mim, o resto do nosso jantar, o qual foi agradável e instrutivo.
Cálias e Elpinice foram os primeiros a ir-se embora. Então Anaxágoras aproximou-se do meu leito e disse: - Talvez não possa visitar-te durante algum tempo. Sei que compreenderás.
- Medismo? -. Isto é o que os Atenienses chamam aos Gregos que favorecem os Persas e os seus irmãos de raça, os Medos.
31
- Sim.
Fiquei mais exasperado do que alarmado: - Esta gente não pensa. Se o Grande Rei não quisesse a paz, eu não seria embaixador em Atenas mas o governador militar de Atenas -. Isto foi insensato, efeito do vinho.
- Péricles é popular. Sou amigo dele. Além disso sou de uma cidade que já foi súbdita do Grande Rei. Portanto, mais cedo ou mais tarde, serei acusado de medismo. Para o bem de Péricles, espero que isso seja daqui a muito tempo -.
Em muito jovem, Anaxágoras combateu em Maratona, do nosso lado. Nunca nenhum de nós aludiu a este episódio da sua vida. Ao contrário de mim, ele não se interessa pela política. Por conseguinte, será sempre usado pelos conservadores como meio de atingir o General Péricles.
- Esperemos que nunca sejas acusado -, disse eu. - Se fores considerado culpado, condenam-te à morte.
Anaxágoras soltou um leve suspiro que poderia ser uma risada:

- A descida ao Hades é a mesma, independentemente de onde ou de quando começas.
Fiz então a mais tenebrosa das perguntas gregas, formulada pela primeira vez pelo autor de cabeça pouco fria de Os Persas: - Não seria melhor que um homem nunca tivesse nascido?
- De certeza que não -. A resposta foi rápida: - Só o facto de poder estudar o Céu é razão suficiente para viver.
- Infelizmente não posso ver o Céu.
- Então ouve música -. Anaxágoras é sempre directo: - De qualquer modo, Péricles está convencido de que os Espartanos estão por trás da rebelião de Euboea. Por conseguinte, desta vez o inimigo é Esparta e não a Pérsia -. Anaxágoras baixou a voz até ser um murmúrio: - Quando disse ao general que vinha jantar contigo, ele pediu-me que te apresentasse as suas desculpas. Há já um certo tempo que deseja receber-te. Mas está sempre vigiado.
- Um exemplo da liberdade ateniense.
- Há cidades piores, Ciro Spitama.
Quando Anaxágoras se preparava para sair, perguntei-lhe:
- Onde estava toda essa matéria infinitesimal antes de ser posta em movimento pela mente?
- Em toda a parte.
- Isso não é resposta.
- Talvez porque também não havia pergunta.
Ri-me. - Fazes-me lembrar um sábio que conheci no Oriente. Quando lhe perguntei como começou o Mundo, deu-me uma resposta sem sentido. Mas quando lhe disse que a sua resposta não

fazia sentido, ele disse: "Perguntas impossíveis pedem respostas impossíveis."
- Um homem sábio -, disse Anaxágoras sem convicção.
- Mas por que razão a mente pôs a criação em movimento?
- Porque tal é a natureza da mente.
- Isso é demonstrável?
- Está demonstrado que o Sol é uma rocha que roda tão rapidamente que pegou fogo. Bom, o Sol deve ter estado em repouso em algum momento, ou agora já teria ardido todo, como aquele seu fragmento que caiu na Terra.
- Então por que não concordas comigo em como a mente que pôs todas essas sementes em movimento foi a do Senhor da Sabedoria, cujo profeta foi Zoroastro?
- Tens de me falar mais do Senhor da Sabedoria e do que ele disse ao teu avô. Talvez o Senhor da Sabedoria seja essa mente. Quem sabe? Eu não sei. Tens de

me ensinar.
- Acho Anaxágoras simpático. Não se impinge como muitos sofistas. Penso no meu patrício Protágoras. Os jovens pagam-lhe para lhes ensinar uma coisa chamada moralidade. É o sofista mais rico do mundo grego, segundo os outros sofistas - que disto devem saber.
Há muitos anos conheci Protágoras em Abdera. Veio um dia a casa do meu avô entregar lenha. Era jovem, atraente, de espírito vivo. Mais tarde, não sei como, tornou-se culto. Não creio que o meu avô o tenha ajudado, embora fosse um homem rico. Protágoras há vários anos que já não está em Atenas. Dizem que ensina em Corinto, uma cidade cheia de jovens ricos, ociosos e ímpios, segundo os Atenienses. Demócrito admira o nosso patrício e ofereceu-se para me ler um dos seus muitos livros. Declinei tal prazer. Por outro lado, não me importaria de voltar a vê-lo. Protágoras é outro dos favoritos de Péricles.
- Salvo um curto encontro público com o General Péricles na casa do governo, nunca mais o vi. Mas a verdade é que, tal como Anaxágoras disse ontem à noite, Péricles está sempre vigiado. Embora seja de facto o governante de Atenas, não deixa de poder ser acusado na assembleia de medismo; ou ateísmo - ou até do assassínio do seu mentor político, Efialtes.
Demócrito acha o grande homem pouco brilhante. Por outro lado, o rapaz admira Aspásia. Há pouco tempo foi a casa dela, onde meia dúzia de atraentes raparigas de Mileto têm residência permanente.
Como Demócrito está a escrever o que dito, não posso dar aqui as minhas opiniões sobre o comportamento ideal de um jovem em

sociedade. Ele garante-me que Aspásia ainda é muito bonita apesar da idade avançada - ela tem cerca de vinte e cinco anos - e do parto recente. Além disso é corajosa, o que é uma boa coisa, pois há muito de que se ter medo nesta cidade turbulenta, especialmente uma meteca - o termo com que aqui se designa uma estrangeira - que por acaso é a amante de um homem odiado pela velha aristocracia e os seus numerosos clientes. E que além disso se rodeia de homens brilhantes que não acreditam nos deuses.
Actualmente um adivinho louco faz ameaças de acusar Aspásia de impiedade. Se isso acontecer, ela pode correr um perigo sério. Mas segundo Demócrito, ri-se à simples menção do nome do adivinho. Serve o vinho. Dá instruções aos músicos. Dá atenção aos que conversam. Trata de Péricles; e do filho de ambos.

3

No PRINCÍPIO ERA O FOGO. TODA A criação parecia estar em chamas.

Tínhamos bebido o haoma sagrado e o Mundo tinha um aspecto tão etéreo e luminoso como o próprio fogo que crepitava no altar.
Isto foi em Bactra. Eu tinha sete anos. Estava com o meu avô, Zoroastro. Numa mão tinha o feixe ritual de gravetos e observava...
Precisamente quando começava a ver novamente aquele dia terrível, bateram à porta. Como o criado nunca está em casa, Demócrito correu o ferrolho e deixou entrar o sofista Arquelau e um dos seus discípulos, um jovem pedreiro.
- Ele foi preso! -. Arquelau possui a voz mais forte de todos os Gregos que conheci; o que é o mesmo que dizer que é a voz mais forte do Mundo inteiro.
- Anaxágoras -, disse o jovem pedreiro. - Foi preso por impiedade.
- E medismo! - trovejou Arquelau. - Tens de fazer qualquer coisa.
- Mas - (fui suave) - como em Atenas eu sou o Medo, acho que tudo quanto disser não impressionará a assembleia. Antes pelo contrário.
Mas Arquelau não pensa assim. Quer que eu vá junto das autoridades e diga que, desde o tratado de paz, o Grande Rei não tem planos em relação ao mundo grego. Mais exactamente, já que

actualmente existe, demonstravelmente, uma paz perfeita entre a Pérsia e Atenas, Anaxágoras não pode ser culpado de medismo. Achei este argumento tão ingénuo como o próprio Arquelau.
- Infelizmente - disse-lhe - uma das condições do tratado é que os termos não sejam discutidos em público.
- Péricles pode discuti-lo -. O som da voz dele fazia vibrar o pátio.
- Poder, pode. Mas não o fará. O assunto é demasiado delicado. Além disso, mesmo que o tratado pudesse ser discutido, os Atenienses seriam bem capazes de culpar Anaxágoras de medismo ou de qualquer outra coisa que lhes venha à cabeça.
- Exacto -, disse o discípulo. O jovem pedreiro chama-se Sócrates.
Invulgarmente feio segundo Demócrito, é invulgarmente inteligente. No Verão passado, por deferência com Demócrito, contratei-o para reparar a fachada da nossa casa. Fez uma tal bodega que hoje temos mais uma dúzia de frinchas por onde assobia o vento gelado. E devido a isso fui obrigado a abandonar completamente a sala da frente. Sócrates ofereceu-se para compor tudo outra vez mas temo que baste ele tocar na parede com a sua colher e a casa toda nos caía em cima. Como artesão é totalmente desconcertante. A meio de deitar a argamassa a uma parede é capaz de ficar parado de repente, de olhos fixos num ponto do espaço, durante vários minutos, a escutar um qualquer espírito particular. Quando lhe perguntei que coisas lhe contava o espírito, riu-se simplesmente e disse: - O meu dàimon gosta de me fazer perguntas.

O que me pareceu um espírito muitíssimo decepcionante. Mas não nego que o alegre Sócrates não seja muitíssimo decepcionante quer como sofista quer como pedreiro.
Arquelau concordou comigo em como, já que os conservadores não se atrevem a atacar Péricles directamente, têm de contentar-se em acusar Anaxágoras. Mas discordei quando disse que eu devia dizer à assembleia que a acusação de medismo é falsa.
- Por que razão deveriam ouvir-me? - perguntei. - Além disso, a acusação principal deve ser de impiedade, e disso ele é culpado. Como tu, Arquelau. E como eu, aos olhos da multidão e dos que o acusam. Quem fez a acusação?
- Lísicles, o negociante de ovelhas -. O nome rebentou-me contra os ouvidos como uma enorme vaga. Lísicles é um vulgar videirinho que faz fortuna servindo Tucídides e os interesses dos conservadores.
- Então é tudo claro -, disse eu. - Tucídides atacará Anaxágoras... e o seu amigo Péricles na assembleia. Péricles defenderá Anaxágoras... e o seu próprio governo.
35
- E tu...?
- Não farei nada - respondi com firmeza: - A minha posição aqui é frágil, para dizer o mínimo. No momento em que os conservadores decidam que é tempo doutra guerra contra a Pérsia, serei condenado à morte... se o tempo não se antecipar aos vossos políticos -. Obriguei-me a tossir pateticamente; e então não consegui parar de tossir. Estou realmente doente.
- O que é que acontece - perguntou bruscamente Sócrates - quando tu morreres? -. Fiquei sem pinta de ar; passou-se uma eternidade antes que o meu peito se enchesse novamente. - Apenas uma coisa - respondi: - Terei deixado Atenas.
- Mas pensas que tu próprio continuarás doutra maneira? -. O jovem parecia genuinamente interessado no que eu pensava, ou antes, no que os Zoroastristas pensam.
- Nós acreditamos que todas as almas foram criadas no início pelo Senhor da Sabedoria. No decurso do tempo as almas vão nascendo, mas só nascem uma vez. Por outro lado, no Oriente, acreditam que uma alma nasce, morre e volta a nascer milhares e milhares de vezes sob formas diferentes.
- Pitágoras defendia a mesma posição -, disse Sócrates. - Quando eu e Arquelau estivemos em Samos, conhecemos um dos discípulos mais antigos de Pitágoras. Ele disse que Pitágoras aprendeu esta doutrina com os Egípcios.
- Não -. Fui firme. Não sei porquê. Não sei verdadeiramente nada sobre Pitágoras. - Aprendeu-a com os que vivem do outro lado do rio Indo, terras essas que percorri...

Arquelau estava impaciente: - Isso é muito fascinante, Embaixador. Mas o que é um facto é que o nosso amigo foi preso.
- Também é um facto - disse friamente Sócrates - que os homens morrem e o que acontece ou não acontece ao espírito que habita a sua carne tem muito interesse.
- Que vamos fazer? -. Arquelau parecia a ponto de chorar. Na sua juventude tinha sido aluno de Anaxágoras.
- Pergunta a quem quiseres menos a mim. Vai falar com o General Péricles.
- Já lá fomos. Não está em casa. Não está na casa do governo. Não está em casa de Aspásia. Desapareceu.
Por fim acabei por me ver livre de Arquelau. Entretanto Anaxágoras está na cadeia e na próxima reunião da assembleia será processado por Tucídides. Parto do princípio de que será defendido por Péricles.
Digo que parto do princípio porque hoje de manhã cedo o exército espartano atravessou a fronteira e entrou na Ática. O General

Péricles foi-lhe ao encontro e a guerra que todos previam há muito começou finalmente.
Tenho a certeza absoluta de que Atenas será derrotada. Demócrito está transtornado. Digo-lhe que não faz absolutamente nenhuma diferença quem vença. O mundo continua. Seja como for, entre Atenas e Esparta, a escolha não é muita. Ambas são gregas. Acabarei agora, Demócrito, explicando-te o que não pude dizer ao teu amigo que me perguntou o que acontece depois da morte. Uma vez liberta do corpo, a alma regressa ao Senhor da Sabedoria. Mas primeiro tem de atravessar a ponte do redentor. Aquelas almas que em vida seguiram a Verdade irão para a casa do bom espírito e da felicidade. As que seguirem a Mentira - ou seja, a via do irmão gémeo do Senhor da Sabedoria, Ahriman, que é o mal - irão para a casa da Mentira e sofrerão aí toda a espécie de tormentos. No fim, quando o Senhor da Sabedoria vencer o mal, todas as almas serão uma só.
Demócrito quer saber porque é que o Senhor da Sabedoria criou Ahriman em primeiro lugar. É uma boa pergunta, que o meu avô respondeu de uma vez por todas.
No momento da criação, o Senhor da Sabedoria disse do seu irmão gémeo: "Nem os nossos pensamentos, nem os nossos actos, nem as nossas consciências, nem as nossas almas concordam."
Demócrito diz que isto não é propriamente uma resposta. Eu digo que é. Tu dizes que é meramente uma afirmação sobre contrários. Eu digo que é mais profunda do que isso. Tu dizes que o Senhor da Sabedoria não explica por que razão criou o seu irmão mau. Foi porque os dois foram criados simultaneamente. Por quem? Tu és muito irritante com as tuas maneiras gregas. Deixa-me explicar.

No momento da criação havia apenas o tempo infinito. Mas então o Senhor da Sabedoria decidiu conceber uma armadilha para Ahriman. Então criou o tempo do longo domínio dentro do tempo infinito. A raça humana está agora dentro do tempo do longo domínio, mais ou menos como uma mosca num pedaço de âmbar. No fim do tempo do longo domínio o Senhor da Sabedoria derrotará o seu irmão gémeo e as trevas serão consumidas pela luz.
Demócrito quer saber por que razão o Senhor da Sabedoria se deu a tanto trabalho. Por que razão consentiu na criação do mal? Foi porque não tinha escolha, Demócrito. Perguntas de quem era a escolha. Dediquei a minha vida a tentar responder a essa pergunta, uma pergunta que fiz a Gosala, ao Buda, a Confúcio e a muitos outros sábios do Oriente e a oriente do Oriente.
37
Portanto, Demócrito, instala-te confortavelmente. Tenho uma memória muito comprida e libertá-la-ei. Enquanto esperamos, nesta casa cheia de correntes de ar, que chegue o exército de Esparta - que, quanto a mim, não chega nem um momento atrasado - começarei pelo princípio e dir-te-ei o que sei sobre a criação deste mundo e também de todos os outros mundos. Explicarei ainda por que razão o mal existe... e não existe.
38

LIVRO DOIS

No Tempo de Dário, o Grande Rei

1

No PRINCÍPIO ERA O FOGO. TODA A criação parecia estar em chamas. Tínhamos bebido o haoma sagrado e o Mundo tinha um aspecto tão etéreo e tão luminoso e tão sagrado como o próprio fogo que crepitava no altar.
Isto foi em Bactra. Tinha sete anos. Estava com o meu avô Zoroastro. Numa mão tinha o feixe ritual de gravetos e observava atentamente Zoroastro, que acendia o fogo no altar. Quando o Sol se pôs e o fogo flamejou em cima do altar, os Magos começaram a cantar um dos hinos que Zoroastro tinha recebido directamente de Ahura Mazdah, o Senhor da Sabedoria. No seu trigésimo ano de vida o meu avô pedira ao Senhor da Sabedoria que lhe mostrasse a maneira de um homem praticar a virtude como forma de realizar uma existência pura, agora e sempre. Foi então que se deu o milagre.
O Senhor da Sabedoria apareceu a Zoroastro. O Senhor da Sabedoria disse a Zoroastro o que era necessário fazer exactamente para que ele - e toda a

humanidade - fosse purificada antes do fim do tempo do longo domínio. Assim como o Senhor da Sabedoria iluminou com o fogo a via da Verdade que devemos seguir se não quisermos sucumbir à Mentira, também Zoroastro e aqueles que seguem a verdadeira religião acendem sempre o fogo num lugar sem sol.
Ainda vejo a luz do altar do fogo iluminando as filas de jarros dourados que continham o haoma sagrado. Ainda ouço os Magos cantando o hino em louvor do Senhor da Sabedoria. Ainda me lembro do ponto do hino onde iam quando, de repente, a morte veio do Norte.
41
Cantávamos os versos que descrevem o fim do Mundo, "quando todos os homens forem uma só voz e louvarem em alta voz o Senhor da Sabedoria e nesse momento ele terá completado a sua criação e não haverá mais trabalho que ele precise de fazer".
Como o haoma tinha agido em mim, eu não estava completamente dentro ou fora do meu corpo. De modo que não estou bem certo quanto ao que aconteceu. Ainda consigo evocar o tremor característico das mãos do meu avô quando levou aos lábios pela primeira vez o jarro do haoma. A mim ele inspirava-me um terror respeitoso. Mas quem não sentia terror e respeito por Zoroastro? Eu julgava-o imensamente alto. Mas eu era uma criança. Mais tarde vim a saber que Zoroastro era de estatura mediana e com propensão para o largo.
Lembro-me de que, à luz do fogo, os caracóis da sua comprida barba branca pareciam de fios de ouro. Lembro-me de que à luz do fogo o seu sangue parecia ouro fundido. Sim, lembro-me muito vivamente do assassínio de Zoroastro junto ao altar do fogo.
Como foi?
A província da Báctria fica na fronteira nordeste do império. A capital, Bactra, situa-se no ponto médio não só entre a Pérsia e a índia como também entre as tribos do Norte que vivem da rapina e aquelas civilizações antigas que contemplam os mares do Sul.
Embora durante semanas tivessem corrido rumores de que as tribos do Norte estavam a deslocar-se, em Bactra nenhuns preparativos de defesa tinham sido feitos. Suponho que o povo se sentia seguro porque o nosso sátrapa - ou governador - era Histaspes, pai do Grande Rei Dário. Os Báctrios pensavam que nenhuma tribo se atreveria a atacar a cidade do pai de Dário. Enganaram-se. Enquanto Histaspes e a maior parte do seu exército iam a caminho de Susa, os Turos devastaram a cidade. O que não saquearam, incendiaram.
No altar do fogo só soubemos do que se passava quando os Turos de repente e silenciosamente estavam entre nós. Os Turos são homens enormes, de cabelos

louros, caras vermelhas e olhos claros. Quando, por fim, os Magos em transe os viram, começaram a gritar. Ao tentarem fugir, foram massacrados. Dos jarros do haoma quebrados corria um líquido dourado que ia misturar-se com o ouro mais escuro do sangue.
Demócrito quer saber o que é o haoma. Não faço a menor ideia. Só os Magos estão autorizados a prepará-lo e eu não sou Mago - ou seja, sacerdote hereditário. Tudo quanto sei é que a base dessa poção sagrada, inspiradora, mística, é uma planta que cresce nas terras altas da Pérsia e se parece, disseram-me, com o que vós chamais ruibarbo.
42
Durante todos estes anos inventaram-se toda a espécie de histórias sobre a morte de Zoroastro. Como ele se opunha tão firmemente aos antigos devas, ou deuses demónios, os adoradores desses espíritos negros atribuem a este ou àquele demónio a morte do profeta do Senhor da Sabedoria. É um disparate. Aqueles animais louros do Norte estavam simplesmente a saquear e a incendiar uma cidade rica. Não faziam ideia de quem era Zoroastro.
Eu não saí da posição que me tinha sido atribuída no início do ritual. Continuava com o feixe de gravetos na mão. Suponho que ainda estava no transe induzido pelo haoma.
Quanto a Zoroastro, ele ignorou os assassinos. Prosseguiu com o ritual, sem desprender o olhar da chama no altar. Embora não me mexesse do meu lugar, creio que eu já não olhava para o fogo como o ritual exigia.
Olhava com pasmo para a chacina à minha volta. Não sentia medo, mais uma vez devido ao haoma. De facto, achava incrivelmente bela a maneira como as casas das proximidades se transformavam em fogueiras amarelas. Entretanto Zoroastro continuava a alimentar o fogo sagrado no altar. Enquanto o fazia, os lábios circundados de barba branca formularam pela última vez as famosas perguntas:
"Isto que te pergunto, Senhor, responde-mo com verdade: Qual de entre aqueles a quem falo é o bom e qual é o mau? Qual dos dois? Sou mau eu ou é mau aquele que maldosamente me mantém afastado da tua salvação? Como não pensarei eu que ele é que é o mau?"
Zoroastro caiu de joelhos.
Ao longo de quase setenta anos tenho contado tantas vezes a história do que aconteceu a seguir que às vezes penso que sou como uma criança da escola a repetir simplesmente, de cor e sem cessar, um texto mal compreendido.
Mas outras vezes, em sonhos, volto a ver aquele fogo, cheiro o fumo, observo o braço gordo do guerreiro turo a erguer o machado que de repente se abate pesadamente sobre o pescoço de Zoroastro. Com o sangue dourado a espumar e

a esguichar, os lábios do velho continuam a mexer-se em oração e o bárbaro olha para ele com uma admiração estúpida. Em seguida Zoroastro eleva a voz e eu ouço todas as palavras que ele diz. Habitualmente Zoroastro fazia perguntas rituais ao Senhor da Sabedoria. Mas agora é o próprio Senhor

da Sabedoria que fala com a língua do seu profeta agonizante: "Porque Zoroastro Spitama renunciou à Mentira e abraçou a Verdade, o Senhor da Sabedoria concede-lhe neste momento as glórias da vida eterna até ao fim do tempo infinito, assim como concede esta mesma bênção aos que seguirem a Verdade."
O machado do Turo abateu-se pela segunda vez. Ao cair para a frente sobre o altar, Zoroastro juntou deliberadamente contra o peito o que restava do filho do Senhor da Sabedoria, as brasas da fogueira.
Eu teria sido igualmente massacrado se um Mago não me tivesse tirado dali. Felizmente para mim, ele tinha chegado tarde demais para beber o haoma e por isso, graças à sua cabeça fria, fui salvo. Passámos a noite juntos nas ruínas fumegantes do mercado central.
Pouco antes do amanhecer os bárbaros partiram, levando tudo quanto podiam. O que não puderam levar incendiaram-no, menos a cidadela, onde a minha mãe e vários membros da nossa família se tinham refugiado.
Dos dias seguintes pouco me lembro. O nosso sátrapa, Histaspes, acorreu à cidade. No caminho capturou uma quantidade de Turos. A minha mãe disse-me que me pediram para olhar para os prisioneiros, para ver se era capaz de identificar o assassino de Zoroastro. Não fui capaz. De qualquer modo não me lembro de nada disto com muita clareza. Na altura ainda estava num mundo intermédio entre a vigília e o sonho, no estado de haoma. Lembro-me de ver empalar os cativos turos em estacas aguçadas fora dos escombros das portas da cidade.
Passadas algumas semanas Histaspes levou-nos pessoalmente, à minha mãe e a mim, para a corte imperial, em Susa, onde não fomos exactamente bem recebidos. De facto, se não tivesse sido Histaspes, duvido muito que ainda estivesse vivo agora, a gozar todos os momentos de uma velhice gloriosa nesta jóia de cidade que nunca, nem por um momento, pensei visitar, quanto mais nela viver.
Demócrito acha Atenas maravilhosa. Mas tu não viste o mundo civilizado. Espero que um dia vás viajar e transcendas a tua condição helénica. Demócrito está comigo há três meses. Tento educá-lo. Ele tenta educar-me a mim. Mas concorda comigo em que, quando eu morrer - julgo que dentro de muito pouco tempo -, tem de ir ao Oriente. Entretanto ele é quanto há de mais Grego, de mais Ateniense. Escreve isto.

Gostava do velho Histaspes. Mesmo sendo eu uma criança, tratava-me como se fosse um adulto. Tratava-me também como se eu de algum modo fosse santo - aos sete anos de idade! É verdade que

fui a última pessoa que ouviu as últimas palavras de Zoroastro, que foram as primeiras palavras jamais pronunciadas, através dos lábios de um homem, pelo próprio Senhor da Sabedoria. Por essa razão é que sou considerado, ainda hoje, como não sendo completamente terreno pelos Magos que seguem a via da Verdade em oposição à da Mentira. Por outro lado, não sou, no seu verdadeiro sentido, o herdeiro de Zoroastro, apesar de toda uma série de tentativas bem intencionadas - e também mal-intencionadas - de fazerem de mim chefe da ordem.
Demócrito chama-me à atenção para o facto de que ainda não expliquei o que é um Mago. De facto Heródoto só disse erros durante aquela interminável palestra no Odeon.
Os Magos são os sacerdotes hereditários dos Medos e dos Persas, tal como os Brâmanes são os sacerdotes hereditários da índia. Tirando os Gregos, todas as tribos arianas têm uma casta sacerdotal. Embora os Gregos mantenham o panteão ariano de deuses e rituais, perderam os sacerdotes hereditários. Não sei como isso aconteceu mas, ao menos nisto, os Gregos são mais sábios e mais felizardos do que nós.
O costume persa exige que todas as cerimónias religiosas sejam dirigidas pelos Magos. O que provoca enormes tensões. Embora na sua maioria os Magos não sejam Zoroastristas, estão obrigados, pelo costume, a assistir aos nossos ritos sagrados. O meu avô fez o melhor que pôde para os trazer do culto dos demónios para o monoteísmo. Mas até hoje os seus melhores esforços não foram suficientes. Talvez um Mago em cada dez siga a Verdade; os restantes celebram, exuberantemente, a Mentira.
O meu pai era o terceiro filho e o mais novo de Zoroastro. Como comandante de cavalaria combateu ao lado do Grande Rei Dário durante a campanha contra os Scitas. Numa escaramuça perto do rio Danúbio foi ferido. Voltou para casa, em Bactra, e morreu. Eu era muito pequeno para me lembrar dele. Disseram-me que era moreno - um autêntico Spitama, com os olhos negros brilhantes como ónix e a voz mágica do profeta, ou pelo menos é o que a minha mãe, Lais, me conta. Mas ela é Grega...
Demócrito surpreende-se por eu usar o presente do indicativo. Também eu. Mas é verdade. Lais vive actualmente na ilha de Tasos, mesmo em frente da cidade de Abdera, onde nasceu numa família grega jónica.
O pai de Lais era um súbdito leal do Grande Rei - o revoltante termo "medófilo"

ainda não tinha sido cunhado, em grande parte porque todas as cidades gregas da Ásia Menor e a maior parte das

cidades ao longo do Helesponto e da costa trácia pagavam de bom grado tributo ao Grande Rei. Os problemas vieram mais tarde, pelas mãos dos Atenienses.
Demócrito quer saber que idade tem Lais e como foi que se casou com o meu pai. Começando pela segunda pergunta, eles conheceram-se pouco depois de Dário subir ao trono. Era uma época conturbada. Havia rebeliões em Babilónia, na Pérsia, na Arménia. Dário precisava de dinheiro, soldados, alianças. Com esse objectivo mandou o meu pai como embaixador para o brilho da corte de Polícrates, o tirano de Samos.
Polícrates tinha sido aliado do faraó do Egipto contra a Pérsia durante muitos anos. Mas quando viu que o Egipto já não era capaz de resistir aos nossos exércitos, passou-se - ou fingiu que se passou - para o nosso lado.
A missão do meu pai era obter dinheiro e navios de Polícrates. As negociações foram longas e desagradáveis. Sempre que corria o rumor de que Dário tinha perdido uma batalha, o meu pai recebia ordem para sair de Samos. Então, precisamente, quando estava prestes a zarpar, chegava um mensageiro do palácio. Volta, por favor. O tirano consultou agora mesmo o oráculo e... Por outras palavras, Dário não tinha perdido, mas sim ganho, uma batalha.
Durante esta árdua discussão, o meu pai foi muito ajudado por Megacreonte de Abdera, proprietário de numerosas minas de prata na Trácia. Megacreonte era um bom amigo da Pérsia e um sábio conselheiro do escorregadio Polícrates. Era, além disso, pai de Lais, uma menina de onze anos de idade. Quando o meu pai a pediu em casamento, Megacreonte mostrou-se muito agradado. Dário não. Desaprovava casamentos mistos, embora ele próprio tenha feito vários por razões políticas.
Finalmente Dário consentiu no casamento, na condição de que o meu pai tomasse imediatamente pelo menos uma esposa persa. Como veio a acontecer, o meu pai nunca se casou com nenhuma dama persa ou de qualquer outra nacionalidade. No mês em que eu nasci, morreu. Lais tinha então treze anos... o que lhe dá oitenta e oito anos agora, mais ou menos. Isto responde à tua primeira pergunta.
Lais vive feliz em Tasos, numa casa voltada para Abdera. O que quer dizer que o vento Norte lhe bate sempre de frente. Mas ela nunca se queixa do frio. É como uma Scita. Até parece uma Scita. Tem - ou tinha - os cabelos louros; e os seus olhos azuis são como os meus. Ou como os meus eram antes de o azul se tornar branco. Desta vez não fui desviado da minha narrativa por outra ideia mas por ti, Demócrito.

46
Onde ia eu? A meio caminho entre Bactra e Susa. A meio caminho entre uma vida velha e uma vida nova.
É noite. Lembro-me nitidamente desta cena. Acabei de entrar na tenda de Histaspes, o sátrapa da Báctria e da Partia. Naquela altura olhava para Histaspes como se ele fosse meu avô, tão velho o achava. Mas ele não devia ter mais de cinquenta e cinco anos. Histaspes era um homem baixo, largo, vigoroso, com o braço esquerdo inutilizado; numa batalha, na juventude, uma cutilada tinha-lhe cortado os músculos até ao osso.
Histaspes estava sentado em cima de um malão de viagem. De um lado e de outro flamejavam archotes. Quando me preparava para me prostrar diante dele, ele estendeu o braço bom para baixo e pôs-me em cima de um tamborete.
- Que é que tu queres ser quando fores grande? -. Falava com as crianças, ou pelo menos comigo, da mesma maneira directa que falava com toda a gente incluindo o seu filho, o Grande Rei.
- Talvez soldado -. Nunca tinha pensado a sério no assunto. O que eu sabia era que nunca quis ser sacerdote. Sacerdote, repara, e não Mago. Embora todos os Magos sejam sacerdotes por nascimento, nem todos os sacerdotes são Magos. Nós, os Spitamas, não fomos Magos. Além disso devo frisar que já na infância as cerimónias religiosas sempre me aborreceram e a memorização constante de textos sagrados fazia-me doer a cabeça. De facto havia ocasiões em que sentia que a minha cabeça era como um jarro que estava a ser cheio até cima com os hinos do meu avô. Os Cataios, a propósito, acreditam que a alma ou mente de um homem não se situa na cabeça mas no estômago. Isto sem dúvida explica por que razão se preocupam tanto com a preparação e a apresentação dos alimentos. Também pode explicar por que razão as suas memórias são muito melhores do que as nossas. As informações são armazenadas não numa cabeça finita mas num estômago dilatável.
- Soldado? Muito bem, e por que não? Serás mandado para a escola do palácio com os outros rapazes da tua idade. E se mostrares promessas para o manejo do arco, e assim por diante... - . A voz de Histaspes foi morrendo até se apagar. Ele costumava perder o fio do pensamento muito facilmente. Eu estava habituado aos seus discursos inconclusos, aos seus longos silêncios.
Enquanto esperava que ele continuasse, fitava indolentemente a chama de um dos archotes. Histaspes tomou o facto como uma espécie de presságio: - Estás a ver? Não consegues afastar os olhos do filho do Senhor da Sabedoria. É natural.
47
Apressei-me a olhar para outro lado. Mesmo com sete anos era capaz de ver o que vinha a seguir. E o que veio foi: - És neto do maior homem que caminhou

sobre a Terra. Não queres seguir os seus passos?
- Sim. Gostaria muito. Tento segui-los -. Sabia como representar o papel de menino-sacerdote; e representei-o. - Mas também gostaria de servir o Grande Rei.
- Não existe outra missão mais alta na Terra... salvo para ti. Tu és diferente. Estavas lá. No tempo. Ouviste a voz do Senhor da Sabedoria -. Embora a minha boa sorte (se é assim que se diz) em estar presente no assassínio de Zoroastro tivesse feito de mim um interesse permanente para todos quantos seguem a Verdade e renunciam à Mentira, às vezes penso que a minha vida podia ter sido bem menos complicada se tivesse nascido como um simples nobre persa, sem ter sido marcado pela divindade. Senti-me sempre como um impostor de todas as vezes que um dos nossos Magos me beijava a mão e me pedia que contasse, mais uma vez, o que foi que disse o Senhor da Sabedoria. Sou crente, evidentemente. Mas não sou zelota. Aliás, nunca me satisfez a explicação - ou não explicação - de Zoroastro sobre como foi criado o Senhor da Sabedoria. O que era que existia antes do Senhor da Sabedoria? Viajei por toda a Terra à procura de uma resposta para essa pergunta fundamental. Demócrito quer saber se a encontrei. Espera.
Suponho que o meu sangue jónico por parte de Lais fez de mim muito mais céptico em assuntos religiosos do que é habitual num Persa, muito menos num membro da sagrada família dos Spitamas. Contudo, de todos os Jónios, os de Abdera são os menos propensos ao cepticismo. Há aliás um velho ditado que diz que não é humanamente possível ser-se mais estúpido do que um Abderano. Aparentemente o ar trácio teve um efeito embotante nas mentes daqueles colonizadores gregos de quem eu e Demócrito descendemos.
Demócrito observa-me que o mais brilhante dos sofistas gregos é um Abderano... e nosso primo. Abdera pode reivindicar também o maior pintor vivo, Polignotos, que pintou o comprido pórtico do mercado, ou Agora, de Atenas. Eu nunca o verei.
Histaspes falou-me, apesar de tudo, mais uma vez da sua veneração pelo meu avô. Enquanto falava massajava o braço inutilizado. - Fui eu quem o salvou dos Magos. Bom, não. Não é bem verdade. O Senhor da Sabedoria é que salvou Zoroastro. Eu fui simplesmente o instrumento -. Histaspes estava agora lançado numa história de que nunca se cansava e que eu nunca ouvia: - O Grande Rei Ciro tinha acabado de me fazer sátrapa da Báctria. Eu era novo.

Acreditava em tudo o que os Magos me tinham ensinado. Adorava todos os devas, especialmente Anahita e Mitra. Bebia muitas vezes haoma não por santidade mas por prazer, e nem uma única vez ofereci as porções correctas do

sacrifício ao Senhor da Sabedoria porque não sabia quem ele era. Então Zoroastro chegou a Bactra.
- Tinha sido expulso da sua terra natal, Rages. Viajou para Leste, de cidade em cidade. Mas sempre que pregava a Verdade, os Magos obrigavam-no a prosseguir viagem. Por fim chegou a Bactra. Os Magos pediram-me que o expulsasse. Mas eu tinha curiosidade. Obriguei-os a discutir com ele na minha presença. Ele falou durante sete dias. Um por um, confundiu-lhes os argumentos. Denunciou os seus deuses como demónios, agentes da Mentira. Provou que existe apenas um criador, o Senhor da Sabedoria. Mas juntamente com este criador único existe também Ahriman, o espírito do mal. Ahriman é a Mentira com que a Verdade tem de contender eternamente... Retrospectivamente vejo que, por temperamento, Histaspes era um Mago nato ou um sacerdote. Ele é que devia ter sido neto ou filho de Zoroastro. A verdade é que, espiritualmente, era-o. Quando Histaspes aceitou os ensinamentos do meu avô, ordenou aos Magos da Báctria que fizessem o mesmo. Oficialmente, eles obedeceram. Em privado e até hoje a maior parte continua como sempre a adorar os demónios.
A entrada de Zoroastro em cena foi como o terramoto que recentemente arrasou Esparta. Ele disse aos Magos que os deuses a quem eles rezavam eram na verdade demónios. Achava também que o modo como dirigiam os diversos rituais - especialmente os dos sacrifícios - era não apenas ímpio como escandaloso. Acusou-os de promover orgias em nome da religião. Por exemplo, os Magos costumavam esquartejar um boi vivo enquanto se embebedavam com haoma sagrado. Em seguida reservavam para eles próprios as partes que de direito pertencem ao Senhor da Sabedoria. É bom de ver que os Magos ficaram amargamente ressentidos com Zoroastro. Mas graças a Histaspes, os Magos da Báctria foram obrigados a rever muitos dos seus rituais.
À medida que reconstruo a cena na tenda de Histaspes, começo a perceber que esperanças e que temores ele tinha em relação a mim na corte do seu filho, o Grande Rei.
Alguns anos antes, com muito alarde, Dário tinha aceite o Senhor da Sabedoria e o seu profeta Zoroastro. Quando o meu avô foi assassinado, Histaspes decidiu enviar-me a Dário, como testemunho visível e permanente de Zoroastro. Eu seria educado como se fosse membro de uma das seis famílias nobres que ajudaram Dário a subir ao trono.

- Encontrarás muitos inimigos em Susa -. Histaspes falava comigo como se eu fosse um circunspecto homem de Estado e não uma criança. - A maior parte dos Magos são adoradores dos demónios. Especialmente os originários da antiga Média. Seguem a Mentira. Além disso são muito poderosos na corte. O meu

filho é demasiado tolerante na maneira como os trata.
O à-vontade de Histaspes em criticar o seu filho Dário chocou sempre a conservadora nobreza persa. Mas nem ele nem Dário tinham sido educados na corte. De facto, para dizer a verdade, a linha principal da família imperial - os Acménidas - acabou quando os filhos de Ciro, o Grande, foram assassinados. Como parente afastado dos Acménidas, o jovem Dário apoderou-se do trono com a ajuda de Os Seis - e do Senhor da Sabedoria. Então convidou Zoroastro para o assistir em Susa. Mas o meu avô não quis deixar Bactra. Se o tivesse feito, podia ter tido uma vida mais longa e eu não teria vivido em tanto perigo durante tantos anos.
Histaspes compunha e recompunha o braço inútil. - O meu filho jura-me que segue a Verdade. Como é Persa, não pode mentir -. Agora que me tornei historiador, ou contra-historiador, devo notar que para nós, Persas, não há nada pior do que dizer uma mentira, enquanto que para os Gregos não há prazer mais delicioso. Acredito que isto se deva ao facto de os Gregos terem de viver de vender coisas uns aos outros e, é claro, todos os mercadores são desonestos. Uma vez que a nobreza persa está proibida, pelos costumes, quer de comprar ou vender, não pode mentir.
Histaspes nunca gostou da falta de zelo religioso do seu filho: - Sei que Dário tem de governar mais de mil cidades, cada uma com deuses diferentes. Quando restaurou os nossos templos do fogo, o teu avô ficou satisfeito. Mas quando restaurou o templo de Bel Marduk em Babilónia, o teu avô ficou horrorizado. Eu também. Mas como o meu filho governa todas as terras, julga que tem de aceitar todas as religiões, por mais abomináveis que sejam.
Histaspes passou a mão boa muito lentamente através da chama do archote ao seu lado, um velho truque dos Magos. - A corte do Grande Rei está dividida em muitas facções. Mantém-te alerta. Serve apenas o Grande Rei... e o Senhor da Sabedoria. Cada uma das esposas principais tem os seus seguidores. Evita-as. Evita os Gregos na corte. Muitos são tiranos expulsos pelas novas democracias. Estão sempre a tentar que o meu filho faça guerra aos outros Gregos. São homens maus e muito persuasivos. Já que a tua mãe é grega... -. Histaspes deixou também esta frase por acabar. Não gostava da minha mãe por ela não ser Persa, e não teria gostado do

filho dela se a criança híbrida não tivesse sido escolhida para ouvir as palavras do próprio Senhor da Sabedoria. O que o deve ter mistificado. Um rapazinho meio grego tinha sido escolhido para ouvir a voz do Senhor da Sabedoria. Convenhamos que os caminhos da divindade não são fáceis de compreender. Nisto está toda a gente de acordo.

- Terás acesso ao harém até teres idade de ir para a escola. Está atento. Estuda as esposas. Três delas são importantes. A mais velha é a filha de Góbrias. Dário casou-se com ela aos dezasseis anos. Têm três filhos. O mais velho é Artobazanes. Já é um homem feito. Espera-se que suceda a Dário. Mas o Grande Rei está enfeitiçado por Atossa, a segunda esposa, que é rainha porque é filha de Ciro, o Grande. Como deu a Dário três filhos depois de ele já ser Grande Rei, ela clama que o mais velho dos três é o único herdeiro legítimo. Aliás, como neto de Ciro, o rapaz é verdadeiramente real. Chama-se Xerxes -. Foi desta maneira que ouvi pela primeira vez o nome do homem que iria ser o meu amigo de toda a vida... de toda a vida dele, entenda-se.
Histaspes fitava-me com gravidade. Eu lutava contra o sono; fazia o melhor que podia para parecer atento. - Atossa é aquela a quem tens de agradar - disse Histaspes, tendo acabado de me avisar contra todas as esposas e facções. - Mas não ponhas contra ti as outras esposas e os seus eunucos. Tens de ser sinuoso como uma serpente. Por amor do Senhor da Sabedoria, tens de sobreviver. Não será fácil. O harém é um lugar impuro. Astrólogos, feiticeiras, adoradores dos demónios, toda a espécie de maldade é popular junto das mulheres. E a pior de todas é Atossa. Ela acredita que devia ter nascido homem de modo a poder ter sido Grande Rei como o pai, Ciro. Mas como não é homem, tenta compensá-lo através da magia. Tem uma capela privativa onde reza à deusa-demónio Anahita. Entre Atossa por um lado e os Magos por outro, a tua vida não vai ser fácil. Os Magos vão tentar converter-te à Mentira. Mas não cedas. Nunca te esqueças de que és o agente do Senhor da Sabedoria na Terra, que foste enviado por ele para perseguir em Susa a via da Verdade, para continuar o trabalho de Zoroastro, o homem mais santo que jamais viveu.
Isto era mais do que arrasante para uma criança sonolenta que queria crescer para ser soldado porque os soldados não têm que passar muito tempo na escola como os Magos e os sacerdotes... ou os sofistas.

2

Com um frio de gelar subimos para Susa. Envolto em lã, eu ia ao lado da minha mãe em cima de um camelo, o único meio de transporte de que nunca consegui gostar. O camelo é uma criatura insuportável cujo andar põe uma pessoa tão enjoada como o balançar de um navio. Ao aproximarmo-nos da cidade, a minha mãe não parava de murmurar fórmulas mágicas entre dentes.
A propósito, Lais é feiticeira. Confessou-mo alguns anos após a nossa chegada à corte. - Feiticeira trácia. Somos as mais poderosas da Terra -. Ao princípio

julguei que estivesse a brincar. Mas não estava. - Afinal - costumava dizer - se não fosse feiticeira, nunca teríamos sobrevivido em Susa -. Nisto talvez tenha razão. Contudo, durante todo o tempo em que se entregou secretamente aos mistérios trácios, não deixou de promover piamente o filho como o verdadeiro herdeiro do único profeta do Senhor da Sabedoria, que fora, evidentemente, o inimigo jurado de todos esses demónios que adorava em segredo. Lais é uma mulher inteligente.

Amanhecia quando chegámos ao rio Karun. Em fila lenta, a caravana atravessou a ponte de madeira cujas tábuas cediam e rangiam. Por baixo de nós a água do rio era gelo sólido e, mesmo à nossa frente, perfilava-se Susa, a cintilar ao Sol. Eu não fazia ideia de que uma cidade pudesse ser tão grande. Bactra inteira cabia dentro de um dos seus mercados. É verdade que a maior parte das casas de Bactra são uns pardieiros a cair, feitas de tijolo de lama ou, o que é muito estranho, construídas abaixo do solo, em estreitas trincheiras de terra, cobertas por camadas de rama de palmeira, para manter à distância o calor tórrido no Verão e no Inverno o frio de gelar. Mas o palácio que recentemente Dário tinha acabado de construir era de longe o edifício mais esplêndido do Mundo. Erguendo-se sobre a sua alta plataforma, o palácio domina a cidade, tal como Susa é dominada pelos picos cobertos de neve dos Montes Zagros.

Susa fica entre dois rios, numa planície fértil rodeada a toda a volta por montanhas. Até onde a memória das gentes alcança, a cidade era a capital do Anshan, um território súbdito, primeiro dos Elamitas, e em seguida dos Medos. No canto sudoeste do Anshan ficam as terras altas persas, de que Ciro, o Acménida, senhor hereditário do Anshan, foi chefe de clã. Quando por fim Ciro irrompeu do Anshan, conquistou a Média, a Lídia e Babilónia. O seu filho Cambises conquistou o Egipto. Disto resultou que todo o mundo

desde o Nilo ao rio Indo é hoje persa, graças a Ciro e a Cambises; e graças a Dário e ao seu filho Xerxes e ao filho deste, o meu actual amo, Artaxerxes. A propósito, desde a ascensão de Ciro até hoje, passaram-se apenas cento e sete anos e eu vivi na corte da Pérsia durante a maior parte deste século fabuloso.

No Verão Susa é tão quente que foram encontradas cobras e lagartos cozidos nas ruas ao meio-dia. Mas nesses meses a corte muda-se duzentas milhas para Norte, para Ectabana, onde os reis medos construíram o maior e talvez o menos confortável palácio do Mundo; feito inteiramente de madeira, este edifício ocupa mais de uma milha quadrada, num vale alto e fresco. Durante os meses frios de Susa o Grande Rei costumava deslocar a corte duzentas e vinte e cinco milhas para Oriente, para a mais antiga e voluptuosa das cidades, Babilónia. Mas, posteriormente, Xerxes preferiu Persépolis a Babilónia. Por conseguinte, hoje a

corte passa o Inverno na pátria original dos Persas. Os velhos cortesãos - como eu - sentem muito a falta da langorosa Babilónia.
Às portas de Susa esperava-nos um olho-do-rei. Há sempre, em qualquer altura, pelo menos vinte olhos-do-rei, um por cada uma das vinte províncias, ou satrapias. Este funcionário é uma espécie de inspector-geral e representante do Grande Rei. A tarefa deste olho-do-rei era a de velar pelos membros da família real. Cumprimentou Histaspes com reverência. Em seguida dotou-nos com uma escolta militar, uma necessidade em Susa, pois as ruas são tão tortuosas e cheias de voltas que um estrangeiro perde-se nelas ao fim de pouco tempo - às vezes para sempre, se não estiver acompanhado por guardas.
Fiquei encantado com o mercado, grande e poeirento. Até onde a vista alcançava, havia tendas e pavilhões, enquanto bandeiras de cores vivas marcavam o começo ou o fim desta ou daquela caravana. Havia mercadores de todos os cantos da Terra. Além disso havia malabaristas, acrobatas, adivinhos. Ao som de flautas contorciam-se cobras. Mulheres, de véu e sem véu, dançavam. Mágicos lançavam encantos, arrancavam dentes, restauravam virilidades. Um assombro de cores, sons, cheiros...
Chega-se ao novo palácio de Dário por uma larga avenida recta, ladeada por enormes touros alados. A fachada do palácio tem um revestimento de tijolos vidrados sobre os quais, em baixo-relevo, se descrevem as vitórias de Dário de uma ponta à outra do Mundo. Estas ilustrações, em tamanho natural e delicadamente coloridas, são modeladas no próprio tijolo, e ainda estou para ver algo tão esplêndido em qualquer cidade grega. Embora as figuras tendam a

parecer-se todas umas com as outras - cada uma é mostrada de perfil, segundo o antigo estilo assírio - ainda é possível identificar os traços dos diversos Grandes Reis, bem como os de alguns dos seus companheiros mais chegados.
Na parede oeste do palácio, quase na esquina, em frente a um monumento a um rei medo há muito desaparecido, há um retrato do meu pai na corte de Polícrates em Samos. O meu pai é mostrado com uma mensagem cilíndrica, marcada com o selo de Dário, na mão. Está de frente para Polícrates. Mesmo por trás da cadeira do tirano está o famoso físico Demócedes. Lais acha que a semelhança com o meu pai é pobre. Mas a verdade é que ela detesta as convenções estritas da nossa arte tradicional. Em criança, em Abdera, via trabalhar Polignoto na sua oficina. Ela gosta do estilo realista grego. Eu não.
O palácio de Susa é uma construção que circunda três pátios segundo um eixo leste-oeste. À frente do portão principal, o olho-do-rei entregou-nos ao comandante da guarda do palácio, que nos escoltou até ao primeiro pátio. À direita há um pórtico de altas colunas de madeiras sobre bases de pedra. Por

baixo do pórtico, uma fila de guardas reais - conhecidos por imortais - saudou-nos.
Atravessámos corredores de tecto alto para chegar ao segundo pátio. Este ainda é mais impressionante que o primeiro. Apesar de criança senti alívio ao ver o símbolo do Sol do Senhor da Sabedoria guardado por esfinges.
Por fim entrámos no assim chamado pátio privado, onde Histaspes foi cumprimentado pelo camareiro do palácio e pelos amanuenses principais da chancelaria que executam o verdadeiro trabalho da governação do império. Todos os camareiros e a maior parte dos amanuenses são eunucos. Enquanto o velho camareiro - penso que era Bagopates - cumprimentava Histaspes, uma quantidade de Magos idosos estendiam turíbulos de incenso para nós. Enquanto cantavam as suas incompreensíveis orações não deixavam de me fitar. Sabiam quem eu era. Não eram amistosos.
Quando finalmente as cerimónias acabaram. Histaspes beijou-me nos lábios. - Enquanto eu viver serei o teu protector, Ciro, filho de Pohuraspes, filho de Zoroastro -. Em seguida, Histaspes voltou-se para o camareiro, que se encolheu respeitosamente. - Confio-te este jovem -. Tentei não chorar quando Histaspes partiu.
Um funcionário menor escoltou-nos, à minha mãe e a mim, para os nossos alojamentos no harém, que é uma pequena cidade dentro da grande cidade do palácio. Mostrou-nos uma sala pequena que dava para um galinheiro.

- Os teus aposentos, Senhora -. O eunuco fez um trejeito de desprezo.
- Esperava uma casa -. Lais estava furiosa.
- A seu tempo, Senhora. Entretanto a rainha Atossa espera que tu e a criança vos sintais felizes aqui. Tudo quanto desejes, é só ordenares.
Este foi o meu primeiro contacto com o estilo de uma corte. Prometem-nos tudo; e então não nos dão nada. Por mais que Lais exigisse, argumentasse, implorasse, continuámos confinados àquela sala pequena que dava para um pátio poeirento com uma fonte seca e uma dúzia de galinhas que pertenciam a uma dama de companhia da rainha Atossa. Embora o barulho das galinhas aborrecesse a minha mãe, eu gostava bastante delas. Quanto mais não fosse porque não tinha outra companhia. Demócrito diz-me que estão a importar galinhas para Atenas. Chamam-lhes - que outro nome podiam ter? - galinhas da Pérsia!
Apesar da protecção oficial de Histaspes, Lais e eu fomos mantidos prisioneiros durante quase um ano. Nunca fomos recebidos pelo Grande Rei, cujas inúmeras chegadas e partidas eram acompanhadas por um tumulto de tambores e tamborins que punham as galinhas a correr desaustinadas pelo pátio de uma maneira muitíssimo cómica - o que fazia com que a cara da minha mãe tomasse

uma expressão muitíssimo trágica. Pior, quando chegou o Verão, não fomos com a corte para Ectabana. Nunca tive tanto calor.
Não vimos nenhuma das esposas, salvo Artistone, irmã de sangue da rainha Atossa e portanto filha de Ciro, o Grande. Ao que parecia ela estava curiosa. Uma tarde apareceu no nosso pátio. Devo dizer que afinal era tão bela como diziam. Isto foi uma surpresa para Lais, que tinha adoptado a opinião de que aquilo por que é notado um personagem famoso, tende a ser a coisa que mais notoriamente lhe falta. Para as feiticeiras tudo é ilusão. Talvez tenham razão. O que eu realmente penso é que não passou de uma ilusão que Artistone tenha sido a única mulher que Dário amou. Na verdade, ele não amou nada na Terra a não ser a própria Terra; ou seja, amou o domínio sobre todas as terras. Xerxes foi o oposto. Amou demasiadas pessoas; e por isso perdeu o domínio sobre a Terra e sobre todas as terras.
Artistone veio acompanhada por dois belos eunucos gregos, não muito mais velhos do que eu. Tinham sido vendidos ao harém por um infame mercador de Samos que traficava em jovens gregos raptados. Como os Gregos são os mais resistentes à castração, os eunucos gregos são os mais procurados. O Samiano ficou riquíssimo.
55
Na verdade os eunucos mais agradáveis e úteis são os Babilónios. Anualmente quinhentos jovens Babilónios submetem-se alegremente à castração tendo em vista servir nos haréns do Grande Rei e dos seus nobres. De um modo geral, estes rapazes são invulgarmente inteligentes; são além disso invulgarmente ambiciosos. Bem vistas as coisas, se não se nasce nobre, a condição de eunuco é a única forma de se subir na vida. Não é segredo nenhum que na corte persa a verdadeira fonte do poder não se encontra no trono mas no harém, onde ambiciosas mulheres e eunucos cheios de ardis conspiram. Hoje os eunucos não só são os acompanhantes e guardiães das esposas e concubinas como também são conselheiros do Grande Rei, ministros de Estado e inclusivamente, às vezes, generais e sátrapas.
Artistone vestia um manto de fio de ouro; trazia na mão uma varinha mágica de marfim. Tinha uma cor natural carregada e parecia estar sempre de mau humor. Como Lais era Grega e eu meio-Grego, Artistone ordenou aos rapazes que falassem connosco em grego.
Lais interrompeu-a: - Não precisamos de tradutor, Senhora. O meu filho é o neto do verdadeiro profeta.
- Sim, eu sei -. Artistone apontou-me a sua varinha de marfim: - És capaz de comer fogo?
Eu estava por demais aflito para responder. Lais tinha mau temperamento: - O

fogo é o filho do Senhor da Sabedoria. Não é bom brincar com as coisas sagradas.
- Sim? -. Os olhos cinzentos claros arregalaram-se. Ela parecia-se com o pai, Ciro, o Grande, que era um homem extraordinariamente belo. Eu sei. Eu vi o seu corpo coberto de cera na sagrada Pasárgada. - Bom, mas não estamos na Báctria.
- A Báctria é a terra do pai do Grande Rei, Senhora.
- Não é a terra dele. Lá ele é simplesmente um sátrapa. Ele é um Acménida, da sagrada Pasárgada.
Vestida com um vestido de lã desbotado e rodeada de galinhas, Lais enfrentou não só a filha de Ciro como a esposa mais amada de Dário. Lais foi sempre destemida. Feitiçaria?
- Foi da Báctria que Dário veio para reconquistar o império do teu pai -, disse Lais: - E foi na Báctria que Zoroastro falou pela primeira vez com a voz do Senhor da Sabedoria, em nome de quem o teu marido, o Grande Rei, governa todas as terras. Senhora, acautela-te para não atraires a cólera do Deus Único.
Em resposta Artistone ergueu o braço direito; a manga dourada escondeu-lhe o rosto... num gesto esquisito, de protecção. Em seguida retirou-se.

Lais voltou-se para mim, de olhos brilhantes de fúria: - Nunca te esqueças de quem és. Nunca renuncies à Verdade, nunca sigas a Mentira. Nunca te esqueças de que somos mais fortes do que todos os adoradores dos demónios.
Fiquei profundamente impressionado. Especialmente por saber, já então, que Lais não tinha o mínimo interesse por religião alguma. Não conto a feitiçaria tessálica como religião. Mas Lais é uma mulher muito hábil e prática. Em Bactra tinha-se obrigado a aprender um milhar de hinos e rituais para convencer Zoroastro de que era uma seguidora da Verdade. Em seguida instilou em mim a ideia de que eu não era como os outros, de que tinha sido escolhido especialmente pelo Senhor da Sabedoria para dar testemunho constante da Verdade.
Na minha juventude nunca duvidei de Lais. Mas agora, com a vida no fim, não faço ideia de se cumpri ou não a missão que me foi imposta pelo Senhor da Sabedoria, partindo do princípio de que tal missão existia. Devo confessar igualmente que nos setenta anos que se passaram desde a morte de Zoroastro, vi tantos rostos da divindade, em tantos lugares deste mundo imenso, que não tenho a certeza de nada.
Sim, Demócrito, sei que te disse que explicaria a criação. E fá-lo-ei... até onde ela é cognoscível. Quanto à existência do mal, isso é mais fácil de responder. De facto, surpreende-me que não tenhas adivinhado a génese da Mentira, a qual define - é um palpite - a Verdade.

3

POUCO DEPOIS DA VISITA DE ARTIStone, todas as galinhas do nosso pátio foram massacradas. Senti a sua falta. A minha mãe não.

Tinha começado o Outono quando recebemos a visita de um funcionário menor da chancelaria. Vinha do gabinete do camareiro, onde se tinha decidido que eu iria frequentar a escola do palácio. Ao que parecia, não tinha havido vaga na Primavera anterior quando a corte estava em residência. Mas agora ele próprio me escoltaria para as aulas.

Lais fez render a nossa misteriosa vantagem. Pediu novos aposentos. Ele disse que não era possível. Não tinha instruções nesse

sentido. Ela pediu uma audiência com a rainha Atossa. O eunuco fez os possíveis para não se rir da imodéstia descabida do pedido.

Assim, enquanto a pobre Lais continuava a viver como prisioneira, eu pelo menos frequentava a escola. Fiquei encantado.

A escola do palácio está dividida em duas secções. A primeira é para os membros da família imperial - nessa altura cerca de trinta príncipes, de idades entre os sete e os vinte anos -, bem como para os diversos filhos de Os Seis. Na segunda secção estão os filhos da nobreza menor e os jovens convidados do Grande Rei, como são chamados os reféns. Quando Lais soube que eu não estava na primeira secção, ficou furiosa. Na verdade ela não fazia ideia da sorte que tínhamos em não estarmos mortos.

Eu gostei da escola, a qual funcionava numa grande sala que dava para um parque murado onde todos os dias nos ensinavam manejo de arco e equitação. Os nossos professores eram todos Magos da velha escola; odiavam Zoroastro e temiam a sua influência. Assim sendo, eu era ignorado tanto pelos professores como pelos estudantes persas. Os meus únicos companheiros eram os convidados do Grande Rei porque, em certo sentido, eu também era um convidado. Além de ser meio-Grego.

Em breve fiquei amigo de um rapaz da minha idade de nome Milo cujo pai, Tessalos, era meio-irmão de Hípias, o tirano reinante de Atenas. Hípias, se bem que tivesse continuado a idade de ouro do seu pai, o grande Pisístrato, os Atenienses tinham-se cansado dele e da sua família. Mas a verdade é que sempre que os Atenienses se fartam de uma coisa boa, anseiam logo por outra que seja má. E uma tal busca nunca é árdua e é sempre recompensada.

De resto, na minha turma estavam os filhos de Histiaeus, o tirano de Mileto. O próprio Histiaeus estava também retido como convidado simplesmente porque se

tinha tornado demasiado rico e poderoso. Contudo Histiaeus tinha provado a sua lealdade - e a sua utilidade - quando Dário invadiu a Scitia.
Para transportar o exército persa para a Scitia, Dário construiu uma ponte de barcas sobre o Helesponto. Quando foi repelido no Danúbio - onde o meu pai foi ferido -, muitos dos Gregos jónicos quiseram incendiar a ponte e deixar que Dário fosse destroçado pelos Scitas. Com Dário morto ou prisioneiro, as cidades gregas jónicas declarar-se-iam então independentes da Pérsia.
Mas Histiaeus opôs-se ao plano. - Dário é o nosso Grande Rei -, disse ele aos seus colegas tiranos. - Jurámos-lhe fidelidade -.

Em privado avisou-os de que, sem o apoio de Dário, a nobreza jónica aliar-se-ia à populaça e derrubaria os tiranos, mais ou menos da mesma maneira como em Atenas estava em curso uma aliança semelhante para expulsar o último dos Pisistrátides. Os tiranos seguiram o conselho de Histiaeus e a ponte foi deixada intacta.
Dário regressou são e salvo. Por gratidão deu a Histiaeus algumas minas de prata na Trácia. De repente, com o senhorio da cidade de Mileto e as ricas concessões trácicas, Histiaeus já não era apenas mais um tirano de uma cidade - era um rei poderoso. Sempre cauteloso, Dário convidou Histiaeus e dois dos seus filhos para Susa, onde ficaram como convidados. Homem subtil e inquieto, Histiaeus não nascera para convidado... Menciono tudo isto para explicar aquelas guerras a que Heródoto se refere como persas.
Na escola passava a maior parte do tempo com os reféns gregos. Embora os Magos nos proibissem de falar grego, não falávamos outra coisa sempre que estávamos fora do alcance do ouvido dos professores.
Num dia frio de Inverno eu e Milo estávamos sentados no chão gelado, a ver os nossos companheiros a lançar o dardo. Vestidos à persa - calças grossas e três pares de ceroulas - não sentíamos o frio. Eu ainda me visto como deve ser e aconselho com frequência os Gregos a fazerem o mesmo. Mas é impossível convencer um Grego de que várias camadas de tecido fino não só aquecem no Inverno como refrescam no Verão. Os Gregos, quando não andam nus, enrolam-se em lã que tresanda a suor.
Do seu pai Milo tinha herdado um gosto - por oposição a talento - pela intriga. Gostava de explicar-me as divisões na corte: - Toda a gente quer que Artobazanes suceda a Dário quando ele morrer, pois é o filho mais velho. Além disso Artobazanes é neto de Góbrias, que continua a pensar que ele é que devia ser o Grande Rei e não Dário. Mas os outros cinco nobres escolheram Dário.
- Não tinham alternativa. Dário é o Acménida. É sobrinho de Ciro, o Grande.
Milo olhou-me cheio de comiseração. Sim, em Susa até os rapazinhos se davam

a esse tipo de olhares. Numa corte, até os rapazinhos querem que os outros pensem que eles conhecem segredos que mais ninguém conhece.
- Dário - disse Milo - é tão parente de Ciro como tu ou eu. E claro, todos os nobres persas são parentes uns dos outros. De modo que ele deve ter algum sangue acménida nas veias, tal como eu pelo lado da minha mãe e tu pelo lado do teu pai. Só que tu não

tens sangue persa, pois os Spitamas não são verdadeiramente nobres. Na verdade, nem sequer são Persas, pois não?
- A nossa família é mais importante do que qualquer família nobre. Nós somos sagrados -. Falava o neto do profeta. - Fomos escolhidos pelo Senhor da Sabedoria, que falou comigo...
- És mesmo capaz de comer fogo?
- Sou - respondi: - E também de o inalar quando estou divinamente inspirado ou muito zangado. Mas seja como for, se Dário não é parente de Ciro, como foi que conseguiu ser Grande Rei?
- Matou pessoalmente o Mago que era o chanceler e que se fazia passar pelo filho de Ciro e enganava toda a gente.
- Mas talvez o Mago fosse realmente o filho de Ciro -. Já nessa idade eu tinha uma noção de como o Mundo é governado.
O rosto de Milo tornou-se subitamente muito grego... quero dizer, grego dórico. Os olhos azuis tornaram-se redondos; os lábios róseos abriram-se completamente. - Como puderam contar uma mentira assim?
- As pessoas mentem -. Era a minha vez de me mostrar mundano. - Eu não posso mentir porque sou o neto de Zoroastro -. Mostrei-me sublimemente superior e irritante: - Mas os outros podem, e mentem mesmo.
- Estás a chamar mentiroso ao Grande Rei?
Vi o perigo e contornei-o impecavelmente: - Não. Por isso é que fiquei surpreendido agora mesmo ao ouvir-te chamar-lhe mentiroso. Afinal ele é que diz que é o Acménida e parente de Ciro e tu é que dizes que ele não é.
Milo ficou completamente baralhado e assustado. - Para um nobre persa, como o pai da minha mãe, dizer uma mentira não é possível. Ou para um tirano ateniense como eu sou...
- Queres dizer um tirano como o teu tio era.
- Ainda é. Atenas ainda é a nossa cidade. Porque Atenas não era nada antes de o meu avô Pisístrato se tornar tirano e toda a gente o sabe, digam o que disserem os demagogos na assembleia. De qualquer modo, o Grande Rei é o Acménida, já que o diz. Não pode mentir. O que eu queria dizer é que todos nós somos Acménidas. Isto é, parentes deles. Especialmente Góbrias e a sua família e

Otanes e a sua família e...
- Creio que compreendi mal o que disseste -. Deixei-o escapar-se. Em Susa temos de saber ser cortesãos experientes antes sequer dos primeiros pelos da barba. O mundo de uma corte é um lugar supremamente perigoso: um passo em falso... e é a morte, ou pior.
60
Já tinha ouvido falar bastante sobre a maneira como Dário tinha derrubado o falso filho de Ciro. Mas como nunca ninguém se tinha atrevido a dizer alto na minha presença que Dário não era parente de Ciro, fiquei a saber uma coisa importante com o estúpido do Milo.
O facto de Dário ser tão usurpador como o Mago que ele substituíra, explicava muito das facções existentes na corte. Agora via por que razão o sogro de Dário, Góbrias, tinha querido ser Grande Rei. Era mais velho que Dário. Era um de Os Seis e tão nobre como Dário. Mas Dário foi mais esperto do que ele. Góbrias aceitou Dário como Grande Rei com a condição de que a sucessão fosse para o seu neto Artobazanes. Mas Dário tomou imediatamente como segunda esposa Atossa, filha de Dário. Dois anos mais tarde, no mesmo dia e no mesmo ano que eu, nasceu o filho de ambos, Xerxes. Se a relação de Dário com os Acménidas era ténue, quanto aos antepassados do seu filho Xerxes não havia dúvidas. Ele era o neto de Ciro, o Grande; ele era o Acménida.
Com o nascimento de Xerxes, a corte dividiu-se entre as facções da rainha Atossa e da filha de Góbrias. Os Seis inclinavam-se para Góbrias, enquanto os outros nobres apoiavam Atossa... tal como os Magos. A minha mãe afirma que Dário encorajou deliberadamente todos a conspirarem contra todos, com base no princípio lógico de que estariam muito ocupados uns com os outros para conspirarem contra ele. Isto é um tanto simplista e Dário podia ser tudo menos ingénuo. Ainda assim, é um facto que Dário ora parecia encorajar uma facção ora a outra.
Susa era também palco de outra luta bem significativa. Como os Magos que adoravam os devas estavam em maioria, faziam tudo quanto podiam para fazer sofrer o punhado de Magos que seguiam Zoroastro. Os que seguiam a Mentira tinham o apoio da rainha Atossa. Os que seguiam a Verdade deveriam ser apoiados pelo Grande Rei. Mas Dário esquivava-se. Falava com grande carinho do meu avô; e em seguida dava dinheiro aos Judeus para reconstruírem o seu templo em Jerusalém, aos Babilónios para repararem o templo de Bel-Marduk e assim por diante.
Embora eu fosse demasiado novo para desempenhar um papel activo nesta guerra religiosa, a minha presença na corte era profundamente ofensiva para os adoradores dos devas. Pelo facto de a rainha Atossa estar muito próxima deles,

eu e Lais tínhamos sido confinados àquele horrendo pátio das galinhas do harém - do qual fomos salvos por Histaspes. Pelos vistos ele escreveu ao filho a perguntar pelos meus progressos na escola do palácio. Devido a essa carta fui mandado para a segunda secção da escola. E devido a essa

carta eu e Lais fomos salvos do que se chama a febre, uma doença misteriosa que mata invariavelmente quem tenha inimigos poderosos na corte.
Numa luminosa manhã primaveril, a minha vida voltou a mudar, inteiramente por acaso, se não tivermos em conta o destino - a única divindade que vós, Gregos, pareceis levar a sério.
Estava na aula, sentado sobre as pernas cruzadas, no fundo da sala. Tentava parecer invisível; e geralmente conseguia-o. Um professor Mago estava a aborrecer-nos com um texto religioso. Já não sei do que se tratava. O mais certo era ser um daqueles hinos intermináveis à fertilidade de Anahita, a quem os Gregos chamam Afrodite. Era bem conhecido na corte que a rainha Atossa era devota de Anahita e os Magos fazem sempre tudo para agradar aos grandes.
A um sinal do professor a turma toda começou a cantar louvores a Anahita. Toda a turma menos eu. Sempre que era chamado a cantar louvores a este ou àquele deva, ficava calado e os professores Magos fingiam que não reparavam. Mas esta manhã foi diferente de todas as manhãs.
De repente o Mago interrompeu as lamentações e os gemidos. A turma ficou em silêncio. O velho olhou directamente para mim. Isso foi por acaso ou foi o destino? Nunca o saberei. O que sei é que aceitei o seu olhar como um desafio. Pus-me em pé. Estava pronto para... não sei o quê. Para a luta, suponho.
- Tu não cantas o hino connosco, Ciro Spitama?
- Não, Mago. Não canto.
Cabeças estupefactas voltaram-se para mim. A boca de Milo abriu-se e ficou aberta. A minha atitude era supremamente desrespeitosa.
- E por que não cantas?
Assumi uma atitude que tinha visto o meu avô tomar milhares de vezes diante do altar do fogo em Bactra. Coloca-se uma perna cuidadosamente à frente da outra e ao mesmo tempo ergue-se os braços, direitos, até à horizontal, com as palmas voltadas para cima.
- Mago! - imitei o melhor que pude a voz de Zoroastro. - Eu sacrifico apenas ao imortal, ao brilhante, ao Sol do cavalo veloz. Pois quando o Sol se ergue, a Terra, feita pelo Senhor da Sabedoria, torna-se limpa. As águas correntes ficam limpas. As águas dos poços ficam limpas. As águas do mar ficam limpas. As águas paradas ficam limpas. Todas as criaturas sagradas ficam limpas.
O Mago fez um gesto para afastar o mal enquanto os meus colegas olhavam para

mim estarrecidos e apavorados. Até os mais estúpidos viam que eu estava a convocar dos céus o Sol do cavalo veloz para ser minha testemunha.
62
- Se o Sol não se erguer - comecei a parte final da invocação -, os devas destruirão todas as coisas do mundo material. Mas aquele que oferecer um sacrifício ao imortal, ao brilhante, ao Sol do cavalo veloz, resistirá às trevas e aos devas e à morte que, invisível, rasteja...
O Mago murmurava fórmulas mágicas para me contra-atacar.
Mas eu não podia parar mesmo que quisesse. Em voz alta lancei a Verdade contra a Mentira. - Enquanto vós defendeis Ahriman e tudo quanto é mal, eu grito ao Sol que antes disso sereis destruídos no tempo do longo domínio...
Nunca cheguei ao fim do anátema.
Com um grito o Mago fugiu e os outros foram atrás dele.
Lembro-me de ficar de pé durante muito tempo, sozinho, na sala de aulas, a tremer como uma folha verde com um vento equinocial.
Não faço ideia de como regressei ao pátio com os seus fantasmas de galinhas.
O que sei é que a notícia do que eu tinha dito e feito ecoou de uma ponta à outra do palácio de Susa e, pouco antes do anoitecer, fui mandado comparecer perante a rainha Atossa.

4

O QUE SE DIZ DO PALÁCIO DE SUSA é que ninguém sabe onde vão dar todos os corredores. Acredito nisto. Também se diz que há exactamente dez mil salas, do que duvido muito. Tenho a certeza de que se tivessem contado a Heródoto esta história ele relataria que existem vinte mil salas.
Lembro-me de ter sido conduzido por corredores estreitos e com uma milha de comprimento (ou assim me pareceu), mal iluminados e a cheirar a bafio, e cujos soalhos tinham manchas de um vermelho escuro de mau agouro. E contudo nunca saímos nem uma vez dos alojamentos das mulheres, os quais em breve me seriam vedados: mais ou menos aos sete anos, os rapazes persas são retirados do harém e entregues aos membros masculinos da família. Como Lais era o meu único parente em Susa, foi-me permitido viver no harém até à relativamente avançada idade de nove anos. Não que se possa dizer que eu e Lais tivéssemos de facto vivido no harém. Tirando as criadas, não víamos damas da corte no nosso esquálido anexo.
Dois eunucos de Babilónia invulgarmente altos e magros
63
receberam-me à porta dos apartamentos pessoais da rainha Atossa. Um disse-me

que antes de a rainha entrar deveria prostrar-me de rosto no chão, em cima de um sofisticado tapete persa. Quando ela entrasse na sala, deveria rastejar até ela e beijar-lhe o pé direito. Caso não me dissesse para me levantar, deveria permanecer de cara voltada para baixo até me mandar retirar. Em momento algum deveria olhar directamente para ela. Esta é a maneira como um suplicante se deve aproximar do Grande Rei ou do seu representante. Os membros da família real ou das famílias nobres devem curvar-se profundamente diante do soberano enquanto lhe beijam a mão direita, em sinal de submissão. Caso seja essa a sua disposição, o Grande Rei consentirá que uma personalidade das suas graças o beije na face.

O protocolo era especialmente estrito na corte de Dário, como costuma ser sempre que um monarca não nasceu no trono. Embora a corte do filho de Dário, Xerxes, fosse muito mais brilhante do que a do seu pai, o protocolo era muito menos opressivo. Como filho e neto de Grandes Reis, Xerxes não precisava de lembrar ao Mundo a sua grandeza. Todavia tenho pensado muitas vezes que se ele se tivesse sentido tão pouco à-vontade com a soberania como o seu pai, poderia ter durado tanto como ele. Mas quando se trata do destino, como os Atenienses gostam de nos lembrar naquelas tragédias que passam a vida a pôr em cena, não se pode vencer. Da altura da fama de um homem careca, uma águia deixará cair uma tartaruga na sua cabeça.

Lais diz que aos oito anos eu era o único, o verdadeiro herdeiro de Zoroastro, etc. Embora tais preconceitos fossem naturais nela, parecia haver concordância em que eu tinha uma coragem e uma autoconfiança fora do vulgar. Se dava essa impressão, devo ter sido um actor talentoso, pois a maior parte desse tempo vivi num estado de terror - e mais do que nunca naquele momento, naquele fim de tarde gelado em que estava de cara no chão, no tapete vermelho e preto dos aposentos da rainha, de coração a bater descompassadamente, enquanto aguardava a entrada dela.

A sala era pequena, o único mobiliário era uma cadeira de marfim com um banquinho de prata para os pés e uma estátua pequena da deusa Anahita. à frente da estátua ardia incenso num braseiro. Ao respirar aquele ar perfumado e pesado senti arrepios incontroláveis. Sabia onde estava: estava nas mãos de uma adoradora dos devas.

Uma porta de cedro trabalhada abriu-se silenciosamente à minha frente. Com um som roçagante de panos a rainha Atossa entrou na sala e sentou-se na cadeira de marfim. Rastejei na sua direcção, roçando o nariz nas ásperas dobras do tapete. Por fim vi duas chinelas

de ouro colocadas lado a lado no banquinho para os pés. Com o pânico em que

estava, beijei a chinela esquerda. Mas a rainha pareceu não notar o meu engano.
- Levanta-te -. A voz de Atossa era quase tão grave como a de um homem. Além disso falava o elegante persa antigo da primitiva corte de Anshan, um sotaque hoje em dia raramente ouvido em Susa ou, já agora, em qualquer outro lado. Ouvir Atossa - assim costumavam dizer os velhos cortesãos - era voltar a ouvir a voz do falecido Ciro.
Embora tivesse o cuidado de não olhar directamente para a rainha, olhei para ela pelo canto do olho. Como visão era espantosa. Não seria maior do que eu e parecia uma boneca frágil em cujo pescoço tivessem posto, muito arbitrariamente, a grande cabeça de Ciro com aquela curvatura do nariz acménida, que me lembrava a tal ponto um galo que conhecera no nosso pátio, que quase esperei ver narinas em forma de fenda encimando a ponte do nariz dela.
O cabelo ou peruca de Atossa era vermelho tingido; e os grandes olhos vermelho-acinzentados estavam rodeados não pelo branco normal mas por um vermelho tão feroz como o seu cabelo. Embora tivesse uma doença incurável nos olhos, nunca cegou, feliz mulher. Cobria-lhe o rosto uma camada espessa de esmalte, com o fim de esconder - toda a gente o dizia - uma barba de homem. Tinha mãos pequenas, todos os dedos estavam carregados de anéis.
- Deram-te o nome do meu pai, o Grande Rei -. O estilo da antiga corte impedia que um membro da família imperial fizesse perguntas. Para quem não estivesse habituado à vida da corte, a conversação podia tornar-se muito confusa, pois as perguntas directas soavam sempre como afirmações e as respostas tendiam a soar como perguntas.
- Deram-te o nome do Grande Rei -. Em seguida recitei todos os títulos de Atossa, tanto os facultativos como os obrigatórios. Lais instruiu-me com muito cuidado.
- Conheci o teu pai -, disse a rainha quando acabei: - Não conheci o teu avô.
- Ele foi o profeta do Senhor da Sabedoria, que é o único criador.
Dois pares de olhos rodaram por um segundo para a estátua sorridente de Anahita. Tal uma cobra azul, o incenso elevava-se em espirais entre mim e Atossa. Os meus olhos lacrimejavam.
- Assim disseste na sala de aulas. Meteste medo ao teu professor. Agora diz-me a verdade, rapaz. Lançaste alguma maldição sobre ele? -. Esta era uma pergunta verdadeira, muito ao estilo da corte moderna.

- Não, Grande Rainha. Não tenho esse poder... que eu saiba -, acrescentei. Não iria descurar nenhuma arma possível. - Sirvo simplesmente o Senhor da Sabedoria e o seu filho, o fogo -. Era realmente assim tão sábio, assim tão

prodigioso aos oito anos? Não. Mas tinha sido bem ensaiado por Lais, que estava decidida não só a sobreviver em Susa como a vencer.
- O meu pai, o Grande Rei Ciro, adorava o Sol. Por conseguinte, adorava o fogo. Mas também adorava os outros grandes deuses. Restaurou o templo de Bel Marduk em Babilónia. Construiu templos a Indra e a Mitra. Era muito amado pela deusa Anahita - Atossa inclinou a cabeça para a estátua em bronze. O pescoço do ídolo estava engrinaldado com viçosas flores de Verão. Tomei isto por um milagre sinistro. Não sabia que em Susa se cultivam flores dentro de casa durante todo o Inverno, um luxo inventado pelos Medos.
Atossa interrogou-me sobre o meu avô. Contei-lhe tudo o que sabia sobre as suas revelações. Descrevi também a sua morte. Ela ficou especialmente impressionada quando soube que eu tinha ouvido a voz do Senhor da Sabedoria. Conquanto fossem adeptos da Mentira, Atossa e os seus Magos eram obrigados a reconhecer que o Senhor da Sabedoria era um deus singularmente poderoso, nem que fosse apenas pelo facto de o próprio Grande Rei ter proclamado de um extremo ao outro do Mundo que a sua coroa e as suas vitórias lhe tinham sido dadas pelo Senhor da Sabedoria. Como dificilmente se podia opor ao seu marido, Dário, Atossa abordava o assunto com uma cautela compreensível.
- Zoroastro é venerado aqui -, disse ela sem muita convicção. - E, evidentemente, tu e a tua mãe sois-nos... -. Enquanto procurava as palavras, Atossa franziu o sobrolho. Então proferiu uma antiga frase elegante em persa antigo, intraduzível para grego, mas que quer dizer mais ou menos "muito queridos como os nossos primos".
Fiz uma vénia muito grande, perguntando-me o que é que devia responder a isto. Lais não me tinha preparado para tanta civilidade.
Mas Atossa não esperava uma resposta. Durante um longo momento a rainha fitou-me com aqueles curiosos olhos vermelho-azulados. - Decidi mudar-vos para uns aposentos melhores. Dirás à tua mãe que fiquei muito surpreendida quando soube que estáveis a viver no palácio velho. Foi um engano. Os que se enganaram, foram punidos. Podes também dizer-lhe que antes da partida da corte para Ectabana a receberei. Também foi decidido que

frequentarás a primeira secção da escola do palácio. Serás ensinado juntamente com os príncipes reais.
Devo ter mostrado a minha alegria pois a rainha deixou de parecer menos alegre. Anos mais tarde, quando já éramos amigos, Atossa disse-me que a verdadeira decisão de melhorar a nossa situação não tinha sido dela mas do próprio Dário. Pelos vistos uma das mensagens de Lais tinha conseguido chegar a Histaspes. Furioso, ele queixou-se ao filho, que então ordenou a Atossa que nos tratasse

com todas as honras devidas.
- Mas - disse-me Atossa, vinte anos depois e presenteando-me com o seu mais cativante sorriso de dentes negros - eu não tinha a menor intenção de obedecer ao Grande Rei. Muito pelo contrário. Ia mandar-vos matar, a ti e à tua mãe. Estás a ver, eu estava completamente debaixo da influência daqueles Magos perversos. É difícil de acreditar, não é? Como eles nos envenenam o espírito contra o Senhor da Sabedoria, contra Zoroastro, contra a Verdade! Eu era realmente uma seguidora da Mentira!
- E ainda és! -. Em privado, eu era sempre atrevido com Atossa, o que a divertia.
- Nunca! -. Atossa quase sorriu. - Na verdade, o que te salvou foi aquela cena que fizeste na escola. Até aí quase ninguém tinha ouvido falar de ti ou da tua mãe. Mas quando começou a espalhar-se que o neto de Zoroastro estava no palácio e lançava maldições contra os Magos... Bom, não havia maneira de serdes ignorados ou mortos. Quero dizer, se tu e a tua mãe tivessem sido encontrados estrangulados no fundo de um poço... que era o que tinha em mente, a febre é muito demorada... as outras esposas de Dário ter-me-iam culpado e então ele ter-se-ia irritado. Portanto, fui obrigada a mudar de táctica. Tal como Lais tentava salvar a sua vida e a tua, eu agia para que o meu filho mais velho fosse o herdeiro de Dário. Se eu tivesse caído em desgraça, o império persa não teria ido para o meu filho, mas para Artobazanes, que não tem uma gota de sangue real, tal como Dário.
- Ou Ciro, o Grande -, acrescentei. Com a velha Atossa podia-se brincar, mas só até certo ponto.
- Ciro era o chefe hereditário de todos os clãs das montanhas - Atossa foi severa na sua resposta. - Nasceu já Acménida. Nasceu senhor do Anshan. Quanto ao resto do Mundo... Bom, conquistou-o pelos processos normais e se o seu filho Cambises não tivesse... morrido, Dário nunca teria existido. Mas isso pertence ao passado. Hoje Xerxes é o Grande Rei e tudo se resolveu da melhor maneira.
67
Atossa falava cedo demais, evidentemente. Todas as coisas acabam mal, no fim. Mas acabar é a natureza das coisas.
Lais e eu mudámo-nos para o palácio novo. Sem que o soubéssemos, tínhamos estado alojados numa parte das cozinhas do palácio velho. Se bem que agora eu frequentasse a primeira secção da escola do palácio, só viria a conhecer o meu exacto contemporâneo nesse Verão, depois de a corte se ter mudado para Ectabana.
A primeira secção da escola do palácio afinal não era diferente da segunda, só que não havia rapazes gregos com quem falar. Fizeram-me falta. Não era mal tratado pelos jovens nobres persas, mas também não se pode dizer que era posto

à vontade. Para ser preciso, não me sentia à vontade. Primeiro, porque não era nobre. Segundo, porque a minha situação especial como neto de Zoroastro constrangia tanto os professores como os alunos.
Por causa do anátema que lançara sobre o Mago velho, julgavam que eu tinha poderes sobrenaturais e, embora durante algum tempo negasse que fosse diferente dos outros, logo me dei conta de que o segredo do poder - ou, neste caso, da magia - reside não no seu exercício mas na sua aura. Se os meus companheiros de escola queriam pensar que eu fazia bruxedos, que pensassem. Além disso achava que era útil ver de vez em quando o Senhor da Sabedoria. Sempre que o via, os professores Magos arrepiavam-se e eu não era chamado a recitar o que não queria recitar. De um modo geral, nada deste fingimento me prejudicou. Numa corte, se não se tem a protecção de uma família poderosa, é melhor então ser-se um protegido do Senhor da Sabedoria.
A rainha Atossa cumpriu a sua promessa. Antes da corte se mudar para Ectabana recebeu Lais. O facto de Lais não a aborrecer com dissertações sobre a Verdade contra a Mentira agradou-lhe imenso. Lais teve sempre o dom de saber o que as pessoas mais gostam de ouvir. É capaz de encantar quem quer que seja. Embora ela atribua esse dom à feitiçaria, suspeito que ela é simplesmente mais inteligente do que a maioria das pessoas - o que é o suprassumo da magia. Como a rainha era adepta da feitiçaria, Lais fez-lhe presente de toda a espécie de poções e feitiços e outros disparates da Trácia - para não falar de filtros e venenos subtis. Não obstante, apesar da protecção da rainha, a situação de Lais na corte assentava no facto de ser a mãe do neto de Zoroastro, o flagelo dos devas... para não falar das feiticeiras. Isto queria dizer que sempre que eu dava com a rainha e Lais a olharem para dentro de um caldeirão e a murmurar encantamentos, aceitava a explicação de Lais de que estavam simplesmente a

fazer uma experiência com um remédio exótico qualquer. Já antes disso tinha chegado à conclusão de que, na corte, o que não é dito, nunca se pode transformar, como que - sim, por magia -, numa faca afiada no escuro ou numa poção de veneno de efeito retardado.

5

A CORTE PARTIU DE SUSA EM QUATRO contingentes. Como a marcha do harém é sempre a mais lenta, as mulheres e os eunucos são os primeiros a partir. Lais, evidentemente, viajou de liteira no séquito da rainha Atossa. Lais era agora uma importante dama da corte. O tesouro e as mobílias do Grande Rei partem logo a seguir ao harém. Os seguintes a partir eram os amanuenses da

chancelaria, com os seus arquivos sem fim. Por último, os funcionários do Estado, os magistrados, os nobres e o Grande Rei fazem-se à estrada a cavalo ou em carros de guerra. Graças a Milo, eu viajei com os nobres, num carro de guerra puxado por quatro cavalos.
Pouco depois de ter sido mandado para a primeira secção da escola do palácio, Tessalo insistiu em que o seu filho fosse promovido para a mesma turma, alegando que o sobrinho do tirano de Atenas era igual a qualquer nobre ou sacerdote persa. Assim Milo passou a tomar parte nas nossas aulas e eu já tinha alguém com quem falar grego. Quando chegou a altura de partirmos para Ectabana, Tessalo fez questão em que eu viajasse com ele e Milo.
Saímos de Susa ao nascer do Sol. Os dois rios transbordavam de águas brancas devido à neve que tinha começado a derreter nas Montanhas Zagros. Contudo, dali a um mês, aqueles rios rápidos seriam apenas dois regatos lamacentos. Nunca conheci lugar nenhum, em parte nenhuma do Mundo, tão quente como Susa no Verão, e vivi na índia; ou tão frio como Susa no Inverno, e atravessei os altos Himalaias.
O próprio Tessalo conduzia o carro de quatro cavalos. Ele tinha ganho a corrida de carros nos Jogos Olímpicos e quando se punha a falar disso era tão aflitivo como Cálias. Esses jogos quatrienais em Olímpia têm qualquer coisa que enlouquece até o mais inteligente dos Gregos. Acho que se tivesse tido que optar entre ser tirano de Atenas e vencedor da coroa da vitória na Trigésima Nona Olimpíada, Tessalo teria preferido a coroa de folhas de oliveira.
69
Para as liteiras e as carroças do harém a viagem de Susa a Ectabana dura, pelo menos, doze dias. Para dois rapazinhos e um campeão de quadrigas demora quatro dias. A propósito, este foi o meu primeiro encontro com o magnífico sistema rodoviário que Dário estava a criar. Partindo de Susa as estradas de Dário dirigem-se para Norte, Sudoeste e o Oriente. De dez em dez ou de quinze em quinze milhas há uma estação de muda, bem como uma estalagem e cavalos. A volta das estações de muda tendem a crescer pequenas aldeias.
Na nossa primeira paragem vi através dos botões brancos e cor-de-rosa de milhares de árvores de fruto em flor, as cabanas de madeira de um novo povoado. Acima de Susa a terra é extraordinariamente fértil.
Devido à condição social de Tessalo, o estalajadeiro atribuiu-nos um quarto pequeno de tecto baixo e chão de terra batida. Os de menos importância dormiam nos estábulos e nos currais do gado ou no chão à luz das estrelas. Embora os homens de alta condição costumem viajar com as suas próprias tendas, as suas mobílias e os seus escravos, Tessalo queria que nós viajássemos "como soldados a sério. Porque é o que vós dois ireis ser".

- Ciro, não -, disse Milo. - Ele vai ser sacerdote. Está sempre a rezar e a tramar maldições -. Embora Milo pouco se pudesse lembrar da sua cidade natal, o seu estilo era muito o estilo trocista de Atenas. Afirmo aqui que isso está-lhes no sangue.
Tessalo olhou para mim com algum interesse: - És Mago de nascença?
- Não, não sou. Sou...
- Ele não é Persa. É Medo -. Milo não tinha tacto nenhum. Nunca foi considerado de bom gosto na corte fazer alusões ao facto de o profeta enviado pelo Senhor da Sabedoria para converter os Persas não ser Persa mas Medo, de Rages. Pesem embora as pretensões de vários membros da nossa família, Zoroastro não tinha sangue persa. Por outro lado, também não acho que sejamos Medos. Suspeito que somos de uma estirpe verdadeiramente antiga - assíria ou caldeia ou até mesmo babilónica. À excepção de mim, os Spitamas são demasiado escuros, têm um olhar demasiado intenso, são demasiado exóticos para serem Medos. Eu, evidentemente, não sou um exemplo típico da família. Por parte de Lais, sou louro e pareço ser Grego.
Tessalo acendeu um braseiro. Em seguida fez-nos um pão dos soldados, de trigo esmagado e misturado com água. O resultado parecia e sem dúvida sabia a bosta de vaca seca ao Sol.

- Tu tens uma grande herança -, disse Tesalo. Ele era um belo homem. Tinha-se casado muito novo com uma senhora persa de Mileto. Embora os Atenienses dessa época não se opusessem tanto como hoje aos casamentos mistos, toda a gente em Atenas era de opinião de que, se um membro da dinastia reinante se casasse com uma dama persa, esta deveria ser no mínimo membro da nossa casa imperial.
Soube que Tessalos amava a sua mulher de uma maneira nada ateniense. Mas a verdade é que ele era um apaixonado fora do comum. Tão violentos, ainda que breves, foram os seus amores com o futuro tiranicida Harmódio que mudaram a história de Atenas.
Penso que actualmente ninguém entende exactamente o que aconteceu. Elpinice, que geralmente é muito entendida nestes assuntos, pensa que tanto Tessalo como seu meio-irmão Hiparco estavam enamorados de Harmódio, um belo jovem atleta de Tanagra. Naturalmente Harmódio sentia-se lisonjeado por ser amado pelos dois irmãos do tirano de Atenas. Harmódio era de resto um tanto leviano. Oficialmente era o amante de outro Tanagro, um oficial de cavalaria chamado Aristogeiton. Como é frequente nestas coisas em Atenas, zangaram-se todos uns com os outros. Aristogeiton zangou-se com os irmãos do tirano, enquanto Tessalo zangou-se com o seu irmão por este lhe tentar roubar o rapaz. Enquanto

pelo seu lado o rapaz... A história é um enredo tal que só tem interesse para um Ateniense. Por outro lado, o resultado desta trapalhada mudou o curso da História.
Hiparco insultou a casta irmã de Harmódio numa cerimónia pública. Diz-se que ele disse que esperava que ela fosse menos licenciosa que o irmão. Furioso, Harmónio foi ter com o seu antigo amante Aristogeiton e os dois juraram vingar este insulto. No Grande Festival Pan-Atenaico, não só Harmódio e Aristogeiton assassinaram Hiparco como tentaram debalde matar o tirano Hípias. Embora tivessem sido ambos imediatamente condenados à morte, a tirania ficou abalada e a posição de Hípias tornou-se tão difícil que ele sentiu-se obrigado a enviar Tessalo para Susa, encarregando-o de fazer uma aliança com Dário. Mas as coisas tinham ido longe demais em Atenas. Devido a uma zanga de amantes, a casa de Pisístrato caiu e ergueram-se estátuas aos dois amantes na ágora. A propósito, quando Xerxes conquistou Atenas, trouxe estas estátuas para Susa onde, por conselho meu, foram colocadas por baixo de um monumento à família de Pisístrato. Ainda hoje se podem ver os dois jovens assassinos erguerem os olhos para aqueles bons tiranos a quem o seu ciúme e a sua loucura expulsaram de uma cidade que

nunca mais voltará a conhecer nada que se compare com a longa e gloriosa paz tão honradamente mantida por Pisístrato. Tudo isto é muito estranho. Só em Atenas é que é possível encontrar a paixão sexual misturada com a política. Demócrito lembra-me que na corte persa as esposas ou concubinas favoritas do Grande Rei costumam ser muito influentes. É verdade. Mas sempre que as nossas rainhas exercem o poder, não se deve tanto aos seus encantos sexuais como ao facto de governarem as três casas do harém e, além disso, ao facto de a rainha consorte ter uma renda independente da do Grande Rei. Além disso, a rainha consorte está em condições de lidar directamente com os eunucos que controlam a chancelaria. Embora eu não tenha conhecido nenhum homem tão susceptível às belas mulheres como Xerxes, não consigo pensar numa só instância em que os seus prazeres privados tenham afectado a política pública. Bom, houve uma excepção - mas tal deu-se no fim da sua vida. Se eu viver o suficiente, contar-ta-ei.
Enquanto comíamos o pão dos soldados, eu fazia todos os possíveis para convencer Tessalo de que também queria ser um soldado a sério.
- Não há melhor vida -, disse Tessalo. - E também é necessária. O Mundo é perigoso se não fores capaz de lutar. Ou comandar um exército -. Remexeu as brasas do braseiro. - Ou formar um exército -. O seu olhar era triste.
Todos sabíamos que Tessalo tinha fracassado na tentativa de convencer Dário a

ir em ajuda de Hípias. Naquele tempo Dário dava pouca atenção ao mundo grego. Controlando embora as cidades gregas da Ásia Menor e exercendo uma certa suserania sobre algumas ilhas como Samos, o Grande Rei nunca se interessou pelo mundo ocidental, especialmente depois de ter sido derrotado no Danúbio.
Embora o Oriente o fascinasse, Dário nunca pôde, salvo uma expedição ao rio Indo, dar toda a sua atenção ao Oriente e ao oriente do Oriente. Tal como Ciro antes dele, Dário estava permanentemente ocupado com aqueles cavaleiros do Norte de pele clara, que ameaçam continuamente as nossas fronteiras. Mas a verdade é que nós somos eles. Há mil anos, os primeiros Arianos desceram do Norte e escravizaram aqueles a quem ainda hoje chamamos os povos de cabelos pretos, os primeiros habitantes da Assíria e da Babilónia. Hoje, sendo já Medos e Persas, os guerreiros das tribos do Norte civilizaram-se e o chefe do nosso clã é o Grande Rei. Entretanto, os nossos primos das estepes olham-nos cobiçosamente; e esperam a sua vez.
72
Tessalo falou de Atenas com saudade e eu, apesar de jovem, apercebi-me de que ele falava com uma intenção. A rainha Atossa era amiga da minha mãe. As palavras que me fossem ditas seriam repetidas à rainha. - Hípias é um bom amigo da Pérsia. Os inimigos de Hípias em Atenas são inimigos da Pérsia e amigos de Esparta -. O rosto fechado de Tessalo estava corado com a luz do braseiro. - Hípias precisa da ajuda do Grande Rei.
Fora da estalagem alguém gritou: - Deixai passar o correio do Grande Rei! -. Ouviu-se algum alarido enquanto o mensageiro mudava de cavalo. Mesmo naquele tempo, os mensageiros reais conseguiam fazer as mil e quinhentas milhas de Susa a Sardis em menos de uma semana. Dário disse sempre que não eram os seus exércitos mas as suas estradas que sustinham o império.
- Um dia Esparta fará uma aliança com os inimigos do meu irmão em Atenas. Quando isso acontecer, atacarão a Pérsia.
Isso até para uma criança parecia ridículo. A Pérsia era todo um mundo. Embora não fizesse ideia do que fosse Esparta, sabia no entanto que era grega, fraca, e que ficava muito longe. Além disso sabia que os Persas derrotavam invariavelmente os Gregos. Isso era uma lei natural.
- O meu irmão Hípias é tudo quanto está entre a Pérsia e Esparta -. Não acho que Tessalo fosse de uma grande inteligência. Como morreu antes de eu chegar a adulto, nunca cheguei a conhecê-lo como homem. Por outro lado, tive muitos contactos com o seu irmão Hípias durante o longo exílio do tirano na Pérsia. Hípias era não só impressionante como culto.
- Por que é que Esparta é tão perigosa? - perguntei.

- Eles vivem para a guerra. Não são como os outros povos. Esparta é um quartel, não é uma cidade. Querem conquistar toda a Grécia. Invejam Atenas. Odiavam o nosso rei, Pisístrato, porque ele era amado por todo o povo e por todos os deuses. Na verdade, a própria deusa Atena conduziu o meu pai à Acrópole e, à frente de todos os cidadãos, deu-lhe, a ele e aos seus herdeiros, poder sobre a cidade -.
Não faço ideia se Tessalo acreditava ou não nesta história. Certamente nenhum Ateniense moderno acredita nela. Naquele tempo acreditavam? Duvido.
A verdade da questão é que Pisístrato e os seus amigos persuadiram uma rapariga alta de nome Fia a vestir-se de Atena. Conheci o neto desta Fia, que gosta muito de contar como a sua avó escoltou Pisístrato ao longo da via sagrada até ao templo de Atena na Acrópole. Como de qualquer modo a maioria do povo apoiava Pisístrato fingiram que Fia era realmente Atena. Os que não acreditavam, calaram-se... com medo.

A seu tempo, Pisístrato foi expulso de Atenas. Foi para a Trácia, onde possuía minas de prata. Durante algum tempo foi sócio do meu avô Megacreonte. Logo que juntou outra fortuna, comprou os líderes do Partido Aristocrático de Licurgo. Em seguida comprou o Partido dos Comerciantes de Megacles. Como ele próprio liderava o partido da arraia-miúda da cidade, estava agora em condições de regressar como tirano a Atenas, onde morreu, velho e feliz. Sucederam-lhe os seus filhos Hípias e Hiparco.
Há duas teorias - duas? Mil! - sobre os móveis dos assassinos de Hiparco. Uns pensam que foi por motivos políticos. Outros pensam que eles eram simplesmente um par de amantes que perderam a cabeça. Eu inclino-me mais para esta última tese. Elpinice também. Como ela observou recentemente, nenhum dos jovens tinha ligações com a família ilustre que era o foco da oposição dos aristocratas à tirania. Refiro-me, claro está, aos descendentes do maldito
- com todas as letras: o maldito Alcmeon - que matou uma quantidade de homens que se refugiaram num templo. Por causa disso, Alcmeon foi amaldiçoado com uma maldição que passa do pai para o filho durante gerações. A propósito, Péricles é um Alcmeónida, pelo lado da mãe. Pobre homem! Embora não acredite nos diversos deuses gregos, costumo acreditar no poder das maldições. Seja como for, a partir de uma base em Delfos, o neto de Alcmeon, Clístenes, dirigiu a oposição ao popular Hípias.
- Clístenes é um homem perigoso -. Tessalo estava sombrio.
- Além disso é ingrato, como todos os Alcméonidas. Quando Hípias sucedeu ao nosso pai, fez de Clístenes magistrado. Então Clístenes foi para Esparta, tentando levá-los a invadir Atenas. Ele sabe que só um exército estrangeiro seria

capaz de nos expulsar. Nenhum Ateniense o faria. Somos populares. Os Alcmeónidas não.
A análise de Tessalo revelou-se verdadeira, ainda que desinteressada. Mais ou menos um ano depois desta conversa, Clístenes chegou a Atenas com o exército espartano e Hípias foi derrubado. Então Hípias jurou obediência ao Grande Rei e instalou-se com a família em Sigeum, uma cidade moderna perto das ruínas de Tróia.
Hípias era íntimo dos sacerdotes de Apolo de Delfos. Além disso ajudava a presidir a esses mistérios de Elêusis onde Cálias transporta o seu facho hereditário. Dizem que sabia mais de oráculos que qualquer outro Grego. Sabia além disso predizer o futuro. Uma vez, nos meus verdes e insolentes anos, perguntei ao tirano se tinha previsto a sua própria queda.
- Sim - respondeu.
Fiquei à espera de pormenores. Não obtive nenhum.
74
Sempre que acontece um mistério moral ou político, os Atenienses gostam de citar o seu sábio Sólon. Farei o mesmo. Sólon criticou correctamente os Atenienses e não Pisístrato pela subida ao poder do tirano. Disse... o quê? Demócrito acaba de me encontrar as palavras exactas de Sólon: "Vós próprios, com o vosso apoio, fizestes destes homens grandes, razão por que caístes na escravidão nefanda. Cada um de vós caminha com o passo de uma raposa, mas tomados todos juntos a vossa cabeça é tola. Pois olhais para a língua e para as palavras de um homem astuto e não vedes a acção que está a ser cometida."
Isto parece-me a melhor análise do carácter ateniense que jamais se poderá obter - e feito por um Ateniense! Tem apenas um ponto fraco. Ninguém caiu na escravidão nefanda. Os tiranos eram populares e, se não tivesse sido o exército de Esparta, Clístenes nunca teria derrubado Hípias. Mais tarde, para consolidar o seu mando, Clístenes foi obrigado a fazer todo o tipo de concessões à multidão que outrora tinha apoiado os tiranos. O resultado? A famosa democracia ateniense. Nessa altura, o único rival político de Clístenes era Iságoras, o líder do Partido Aristocrático.
Hoje, passado meio século, nada mudou, salvo que em vez de Clístenes temos Péricles, e em vez de Iságoras, Tucídides. Quanto aos herdeiros de Pisístrato, são prósperos latifundiários perto do Helesponto. Todos, menos o meu amigo Milo. Milo morreu em Maratona, combatendo pela sua família - e pelo Grande Rei. Naquela noite na estrada de Susa para Ectabana tornei-me um fervoroso partidário dos Pisistrátides. Naturalmente, não falo do meu entusiasmo aos Atenienses de hoje, que foram ensinados durante meio século a odiar a família que os seus avós amavam.

Uma vez, muito delicadamente, toquei no assunto com Elpinice. Ela mostrou-se surpreendentemente compreensiva. - Eles deram-nos o melhor governo que já tivemos. Mas os Atenienses preferem o caos à ordem. Nós também odiamos os nossos grandes homens. Olha para o que o povo fez ao meu irmão Címon. Tenho pena de Péricles. Como todos estão de acordo em como é um grande homem, há-de acabar mal. Elpinice pensa que ele vai ser ostracizado dentro de um ano ou dois. Onde ia eu? Ectabana.

Neste momento, na minha cabeça, onde a maior parte das minhas memórias não têm imagens de nenhuma espécie - misteriosamente, a cegueira parece ter-se alargado a grande parte da minha memória - ainda consigo ver a aproximação espantosamente bela a Ectabana.

75

Viaja-se para o interior através de uma escura floresta. Então, precisamente quando parece que a cidade foi mudada de sítio ou nós nos perdemos, ela aparece, uma visão de uma cidade fortificada, rodeada por sete muralhas concêntricas, cada uma de uma cor diferente. No centro exacto da cidade, uma muralha redonda cerca a colina onde fica o palácio.

Porque as terras altas da Média são densamente florestadas, o palácio é totalmente feito de madeira de cipreste e cedro. Devido a isso as salas cheiram opressivamente a madeira velha e está sempre a haver incêndios. Por outro lado a fachada do palácio está coberta por quadrados de cobre verde, que lembram as placas de uma armadura. Há quem pense que os Medos fizeram isto para impedir que os inimigos incendiassem o palácio. Quer-me parecer a mim que isso foi feito simplesmente por motivos estéticos. O que é certo é que o efeito é extraordinariamente belo quando o Sol faz cintilar o verde claro do cobre contra o verde escuro das coníferas que cobrem as montanhas por trás da cidade.

Na tarde em que entrámos em Ectabana, pudemos gozar as suas lendárias belezas durante nove horas - o espaço de tempo que levámos a atravessar as sete portas. Quanto a confusão e tumulto não há nada que se compare com a chegada da corte persa a uma cidade capital.

Durante aquelas longas horas diante das portas de Ectabana, aprendi com Tessalo uma quantidade de frases que desde aí me dá muito prazer repetir.

6

No MEU TEMPO A VIDA ESCOLAR ERA muito dura. Levantávamo-nos antes da alva. Ensinavam-nos a usar todos os tipos de armas. Ensinavam-nos inclusivamente lavoura, criação de gado e aves de capoeira, gestão e economia de uma quinta, bem como matemática e música. Aprendíamos a ler, e até a

escrever se necessário. Ensinavam-nos não só a construir uma ponte como também fortalezas e palácios. Recebíamos apenas uma magra refeição por dia. Quando um nobre persa faz vinte anos, pouco há que não seja capaz de fazer por si só em caso de necessidade. Originalmente este sistema educativo era muito mais simples: um rapaz aprendia

a montar, a tender o arco, a dizer a verdade; e mais nada. Mas no tempo de Ciro constatou-se que a nobreza persa teria também de ter conhecimentos não exclusivamente militares. Por fim, no tempo de Dário, éramos educados propositadamente com o único objectivo de administrarmos mais de metade do Mundo.

Mas havia um aspecto da governação que nos era mantida secreta - o harém. Embora muitos dos nossos instrutores fossem eunucos, nunca a nenhum de nós foi dito o que quer que fosse sobre o funcionamento interno do harém, esse mundo maravilhoso para sempre vedado a todos os machos persas, com excepção do Grande Rei... e de mim. Tenho pensado muitas vezes que a minha estadia relativamente longa no harém foi extremamente útil à minha futura carreira.

Quando finalmente me mudei para os alojamentos dos príncipes reais, tinha passado quase três anos no harém. Retrospectivamente alegro-me por ter vivido tanto tempo no harém. Geralmente um jovem nobre é retirado à mãe, pelo menos, três anos antes da puberdade e enviado para a escola do palácio. Eu fui uma excepção. Como resultado vim a conhecer não só as esposas de Dário como também os eunucos do harém que trabalham em íntima colaboração com os seus homólogos na primeira e na segunda sala da chancelaria.

Demócrito quer saber o que são essas salas. A primeira fica sempre nas traseiras do primeiro pátio do palácio onde o Grande Rei esteja na altura a viver. Centenas de amanuenses recebem em compridas mesas a correspondência do Grande Rei bem como todas as petições. Depois desses documentos serem classificados, os amanuenses da segunda sala decidem sobre o que deve ser mostrado ao Grande Rei ou, mais provavelmente, que carta ou petição deve ser dada a este ou àquele conselheiro de Estado ou jurista. A segunda sala exerce um poder enorme. É escusado dizer que está nas mãos dos eunucos.

Ja homens maduros, Xerxes costumava provocar-me dizendo que eu tinha toda a subtileza e a manha de um eunuco do harém. Eu respondia-lhe dizendo que, se ele tivesse ficado mais tempo no harém em criança, teria aprendido a arte de governar com a sua mãe. Ele ria-se; e concordava. O futuro não traria nada de que rir.

Devo notar aqui que, até ao reinado de Dário, as mulheres casadas da classe

dominante podiam dar-se com homens e não era nada fora do vulgar que uma viúva rica, digamos, administrasse as suas propriedades como se fosse homem. No tempo de Ciro as mulheres não estavam sequestradas, salvo, evidentemente, durante a menstruação.
77
Mas Dário tinha concepções diferentes de Ciro. Mantinha as damas reais completamente fora das vistas do público. Naturalmente os nobres imitaram-no e as suas esposas viviam igualmente sequestradas. Hoje não é possível que uma dama persa veja e fale com qualquer outro homem que não o marido. Uma vez casada, nunca mais pode olhar para o seu pai ou os seus irmãos - ou mesmo para os filhos, depois de estes terem saído do harém.
Não sei bem por que razão Dário se empenhou tanto em retirar as damas reais da vida pública. Sei que politicamente as temia. Mesmo assim, não sei por que razão pensou que seriam menos perigosas se confinadas ao harém. Na verdade, o poder delas aumentou logo que foram subtraídas aos olhares públicos. No segredo mais completo, passaram a utilizar os eunucos e os eunucos utilizavam-nas a elas. Durante o reinado de Xerxes muitos dos altos postos do Estado eram controlados por eunucos, em íntima parceria com uma ou outra das esposas reais. Isto nem sempre era bom. Para dizer o mínimo.
Mas mesmo durante a rigidez da era de Dário houve excepções às suas regras. A rainha Atossa recebia quem lhe apetecia: homem, mulher, criança ou eunuco. Muito curiosamente, nunca houve escândalo com ela... no meu tempo. Anos antes correu que ela tinha tido um caso amoroso com Demócedes, o físico que lhe fez a ablação de um seio. Duvido muito. Conheci Demócedes e ele era um homem demasiado inteligente e nervoso para se envolver com uma dama real. Na sua juventude, Atossa preferia os eunucos aos homens. Muitas damas procedem assim. Afinal, se um eunuco é adulto sexualmente quando foi castrado, é capaz de uma erecção normal. Os eunucos belos são disputadíssimos pelas damas do harém. Os nossos Grandes Reis, sabiamente, preferem ignorar esses comércios: as mulheres são sequestradas não tanto para preservar a sua saúde moral mas para garantir que os seus filhos serão legítimos. O que quer que uma dama possa fazer com o seu eunuco ou com outra dama não interessa ao seu amo, se ele for sábio.
Outra excepção às regras do harém era Lais. Porque era o meu único parente na corte, ela e eu víamo-nos regularmente nos seus aposentos, os quais ficavam sempre contíguos, da parte de fora, ao harém. Sendo uma mulher sensual, Lais não se sentia obrigada a recorrer a eunucos ou a mulheres. Esteve grávida pelo menos duas vezes, que eu saiba. De ambas as vezes conseguiu abortar, o que é um crime capital na Pérsia. Mas Lais tem a coragem de uma leoa. Embora

qualquer um pudesse tê-la denunciado, ninguém o fez. Ela

atribuía isso ao facto de que tinha, literalmente, encantado a corte. Talvez. O que é certo é que seduziu e submeteu o tirano Histiens, com quem manteve uma prolongada relação amorosa.

É curioso eu não ter nenhuma lembrança do meu primeiro encontro com a figura mais importante da minha vida, Xerxes. Ele também não era capaz de se lembrar desse encontro. Mas afinal por que deveria ele lembrar-se? Xerxes era um príncipe real que já era falado como herdeiro de Dário, enquanto eu nem era nobre nem sacerdote, o que na corte é uma anomalia. Ninguém sabia a minha posição ou que fazer comigo. Mas não obstante isso, tinha dois protectores poderosos: Histaspes e Atossa.

Eu e Xerxes conhecemo-nos nesse Verão em Ectabana. Vimo-nos forçosamente na primeira recepção a que assisti: o casamento de Dário com uma das suas sobrinhas, uma ocasião que estará sempre viva em mim porque foi aí que finalmente vi pela primeira vez o Grande Rei Dário.

Durante semanas o harém esteve num reboliço total. As damas não falavam de outra coisa senão no casamento. Umas apoiavam a união de Dário com a sua sobrinha - uma neta de Histaspes, de onze anos; outras eram de opinião de que desta vez o Grande Rei devia ter casado fora da família imperial. Discussões intermináveis e para mim aborrecidas enchiam as três casas do harém.

Demócrito quer saber o que são as três casas. Julgava que toda a gente soubesse que o harém está dividido em três secções. A chamada terceira casa é ocupada pela rainha ou pela rainha-mãe. Se há uma rainha-mãe, ela tem precedência sobre a rainha consorte. A segunda casa é para as mulheres que o Grande Rei já conheceu. A primeira casa guarda as virgens, as novas aquisições que ainda estão a ser treinadas na música, na dança e na conversação.

No dia do casamento houve uma parada militar à frente do palácio. Para meu desgosto, enquanto todos os meus companheiros de escola estavam à porta do palácio à espera do Grande Rei, eu fui obrigado a observar as manobras do telhado do harém.

Esmagado no meio de uma multidão de damas e eunucos, observei, fascinado, os complicados exercícios dos dez mil imortais, como é conhecida a guarda pessoal do Grande Rei. À luz viva do Sol, as suas armaduras pareciam escamas prateadas de peixes acabados de pescar. Quando lançaram as lanças em perfeita sincronia, o próprio Sol foi eclipsado por uma nuvem de madeira e ferro.

Infelizmente, do sítio onde estava, com a cara espremida contra uma coluna de madeira cheia de lascas, não conseguia ver o Grande Rei, que estava mesmo por baixo de mim, debaixo de um toldo de

ouro. Mas pude ver bem a noiva. Estava sentada num tamborete entre as cadeiras da mãe e da rainha Atossa. Era uma criança bonita, claramente apavorada com o que estava a acontecer. De vez em quando, durante a parada militar, quer a mãe quer Atossa segredavam-lhe qualquer coisa. O que quer que lhe diziam não resultava. Ela parecia cada vez mais assustada.

Mais tarde, durante esse mesmo dia, celebrou-se o casamento de Dário com a sua pequena sobrinha, em privado. Seguiu-se-lhe uma recepção no salão principal do palácio, à qual assisti juntamente com os meus companheiros. No reinado de Dário, o cerimonial da corte tornou-se tão intrincado que havia quase sempre qualquer coisa que corria mal. No Catai, quando uma parte de uma cerimónia sai mal, tem de se repetir tudo desde o princípio. Se tivéssemos sido obrigados a observar esta regra na corte persa, nunca teríamos tido tempo para governar o Mundo.

Atribuo uma certa tendência para a confusão na corte persa às grandes quantidades de vinho que os Persas bebem durante as ocasiões festivas. Isto remonta ao tempo em que eram um clã de montanheses selvagens, dados a orgias de bebedeira intermináveis. Nota que eu disse eles e não nós. Os Spitamas são Medos ou ainda mais antigos; e, é claro, Zoroastro tinha ódio às bebedeiras. Esta era uma das razões pelas quais os Magos o odiavam tanto. Os Magos embebedam-se não apenas com vinho mas também com haoma sagrado.

Ainda me lembro do pavor que senti quando pela primeira vez vi o trono do leão em cima do seu estrado. Tendo sido feito para o Rei Creso da Lídia, o espaldar do trono é um leão em tamanho natural com a cara dourada voltada de modo a olhar por cima do ombro esquerdo, com os olhos de esmeraldas a faiscar e os dentes de marfim à mostra. Um pálio de ouro martelado está suspenso sobre o trono por uma comprida corrente, enquanto que do lado direito e do lado esquerdo do estrado, arde sândalo em sofisticados braseiros de prata.

Em Ectabana as paredes da apadana - ou sala das colunas - estão recobertas de tapeçarias onde se descrevem acontecimentos da vida de Cambises. Embora a conquista do Egipto seja mostrada com bastante pormenor, a morte misteriosa do Grande Rei Cambises é discretamente omitida.

Eu e os meus companheiros ficámos do lado direito do trono. Os príncipes reais eram os mais próximos do trono. A seguir aos príncipes estavam os filhos de Os Seis - e, a seguir a eles, os rapazes convidados do Grande Rei. Eu tinha sido colocado na fronteira entre

os convidados e os nobres, entre Milo e Mardónio, o filho mais novo de Góbrias e da irmã mais nova do Grande Rei.

À esquerda do trono estavam os seis nobres que tornaram possível que Dário se tornasse Grande Rei. Apesar de um dos primitivos Seis ter sido recentemente condenado à morte por traição, ao seu filho mais velho foi permitido representar a família, uma família permanentemente nobilitada e coberta de honrarias.
Como o Mundo inteiro sabe, quando Cambises estava no Egipto, um Mago chamado Gaumata fez-se passar por Mardos, o irmão de Cambises. Quando Cambises morreu no regresso do Egipto, Gaumata apoderou-se do trono. Mas o jovem Dário, com a ajuda de Os Seis, matou o pseudo-Mardos, casou com Atossa, viúva tanto de Gaumata como de Cambises, e tornou-se Grande Rei. Isto é o que todo o mundo sabe.
De Os Seis, eu estava especialmente interessado em Góbrias, um homem alto, de ombros ligeiramente curvos e de cabelo e barba tingidos de vermelho de sangue. Lais contou-me mais tarde que o cabeleireiro tinha cometido o erro fatal de usar as tinturas erradas - fatal para o cabeleireiro, entenda-se. Foi executado. Em grande parte devido àquela ridícula primeira impressão, nunca consegui levar Góbrias tão a sério como todos os outros naquele tempo.
Perguntei-me muitas vezes o que pensaria Góbrias de Dário. Desconfio que o odiava. Invejava-o de certeza. No fundo Góbrias tinha tanto ou tão pouco direito ao trono como Dário. Mas foi Dário quem se tornou Grande Rei e pronto. Agora Góbrias queria que o seu neto Artobazanes fosse o herdeiro de Dário e a corte estava dividida. Os Seis inclinavam-se para Artobazanes; Atossa e a família de Ciro queriam Xerxes. Como sempre, o próprio Dário não se comprometia. A sucessão ainda não tinha sido decidida.
De repente ouviram-se tambores e címbalos. As portas de cedro trabalhadas abriram-se de par em par e Dário apareceu no limiar. Trazia o cidaris, um chapéu alto e redondo de feltro que só o Grande Rei e o príncipe herdeiro podem usar. Na base do cidaris, Dário tinha o filete azul e branco da soberania que tinha pertencido a Ciro e, antes de Ciro, aos dez reis da Média.
Não consegui ter mais do que um rápido vislumbre do Grande Rei ao prostrar-me no chão. Embora os príncipes reais e os altos nobres permanecessem de pé, todos eles se curvaram profundamente à passagem do Grande Rei e cada um beijou-lhe a mão direita. é bom de ver que, tal como toda a gente, eu olhava para o Grande Rei furtivamente, se bem que seja crime grave olhar para ele sem a sua autorização.
81
Dário tinha na altura trinta e oito anos. Embora não fosse alto, era belamente proporcionado e as suas pernas musculosas eram realçadas pelas calças escarlates justas que ele usava por baixo de uma túnica púrpura da Média, na qual tinha sido bordado a ouro um falcão prestes a atacar. Ao aproximar-se do

trono reparei que os seus sapatos de couro cor de açafrão eram abotoados com contas de âmbar.
Na mão direita Dário tinha um fino ceptro de ouro, emblema do seu poder de chefe do Estado. Na mão esquerda, segurava um lótus dourado de dois botões, símbolo universal da imortalidade.
A barba do Grande Rei, que ele não tingia, era comprida e naturalmente encaracolada e luzia como o pêlo sedoso da raposa vermelha, enquanto o rosto se apresentava muito bem pintado. As linhas escuras traçadas em volta das pálpebras tornavam brilhantes os olhos azuis celeste. O lendário Ciro tinha a fama de ser o homem mais bonito da Pérsia. Se Dário não era o mais bonito dos Persas, foi certamente uma visão deslumbrante quando passou por entre as vinte e duas colunas da apadana - como um leão à caça.
Dário era seguido pelo seu escanção, que usava turbante, e pelo camareiro da corte, que transporta o guardanapo pessoal e o mata-moscas do Grande Rei. Acompanhavam-no também Histaspes e o pai da criança que ele acabava de desposar, e o seu filho mais velho, Artobazanes, um brutamontes de vinte anos, cuja barba natural era quase tão vermelha como a desastradamente tingida do seu avô Góbrias. Artobazanes era já comandante na fronteira norte.
Ao aproximar-se do trono, Dário, num gesto amistoso, tocou com o ceptro dourado em Góbrias; em seguida fez um gesto para o homem mais velho o abraçar. Isto era um sinal de um favor especial. De olhos baixos e com os braços dobrados de modo a esconder cada mão na manga do braço contrário, Góbrias beijou Dário. A propósito ninguém pode mostrar as mãos ao Grande Rei, salvo se lhe for ordenado ou em circunstâncias normais de serviço que nada tenham a ver com a corte. A razão é óbvia. Como ninguém pode apresentar-se armado ao Grande Rei, os cortesãos e os suplicantes são revistados antes de serem recebidos. Então, para redobrar a segurança, são obrigados a esconder as mãos. Este antigo costume medo foi adoptado, como tantos outros, por Ciro.
Junto ao trono do leão, Dário bateu palmas. Toda a gente se ergueu, pronta para a aclamação do soberano. Por mais vezes que tenha ouvido esta cerimónia antiga, nunca deixo de me emocionar quando a ouço - o que não quer dizer que ainda venha a ouvi-la mais uma vez.
82
Como primeiro de Os Seis, Góbrias foi o primeiro a saudar o Grande Rei. - O Acménida!. A voz áspera de Góbrias soou quase hostil; sem dúvida um reflexo involuntário dos seus verdadeiros sentimentos.
A seguir foi a vez de Histaspes. - Pela graça do Senhor da Sabedoria Grande Rei! -, gritou. Isto era uma afronta premeditada aos Magos que seguem a Mentira, a maioria dos Magos naquele dia. Embora do sítio onde estava não pudesse vê-los,

disseram-me depois que os Magos quando ouviram o nome do Senhor da Sabedoria, fizeram sinais secretos uns para os outros.
Um após outro, de diferentes partes da sala, os irmãos de Dário proclamaram os seus títulos. De quatro esposas, Histaspes tinha vinte filhos, todos vivos naquele tempo e, evidentemente, estavam todos presentes em Ectabana nesse dia. Felizmente Dário tinha muitos títulos. Após a evocação de cada título os tambores rufavam e os címbalos soavam.
O irmão mais velho de Dário declamou: - Rei da Pérsia! -. O irmão a seguir: - Rei da Média! -. O seguinte: - Rei de Babel! - um título eliminado por Xerxes quando foi obrigado a dissolver para sempre esse reino antigo. Então, do outro lado da sala: - Faraó do Egipto! - seguido do nome egípcio de Dário. Tal como Cambises antes dele, Dário pretendia ser a incarnação terrena do deus egípcio Rá, e por conseguinte o rei-deus legítimo do Egipto. Creio que Dário se revelou tão oportunista em religião como Ciro. Mas Ciro nunca reconheceu que recebera o mando como uma dádiva do Senhor da Sabedoria, enquanto Dário declarou publicamente que, se não tivesse sido o Senhor da Sabedoria, nunca teria sido Grande Rei. E logo a seguir apressou-se a dizer aos Egípcios que o seu (dele) antepassado Rá era um deus superior ao Senhor da Sabedoria! Alegra-me poder dizer que consegui persuadir Xerxes a não se intitular faraó. E assim hoje o Egipto é uma satrapia como outra qualquer e desapareceram para sempre do vale do Nilo esses reis-deuses diabólicos.
Um por um, os títulos de Dário foram gritados - e em triunfo! Por que não? Graças a Ciro e a Dário, a maior parte do Mundo era persa e o nosso Grande Rei é conhecido de todos nós como um rei entre muitos mas como o rei de todas as lonjuras e de todas as larguras da Terra.
Para surpresa de todos, foi o filho mais velho de Dário, Artobazanes, que deu um passo em frente e proclamou, em voz baixa, aquele título único: - Rei dos Reis! O facto de Artobazanes ter sido escolhido para declamar, não

importa se em voz baixa, o título supremo, foi tomado como sinal de um favor único, e a causa da rainha Atossa recebeu automaticamente um revés.
Olhei para Góbrias. Sinistramente, por entre o fogo da barba, ele estava a sorrir-se.
Então o Grande Rei sentou-se no trono do leão.

7

Lais iniciou a sua ligação com Histieus pouco depois de nos instalarmos no palácio de Ectabana. Histieus era um homem moreno que estava sempre mal-

humorado. Não posso dizer que gostasse dele. Era um homem muitíssimo infeliz que espalhava a tristeza à sua volta de uma forma muito agressiva. Mas, compreensivelmente, tinha todos os motivos para ser infeliz. No apogeu da sua glória como tirano de Mileto, foi-lhe ordenado que viesse a Susa como convidado do Grande Rei. Ou seja, foi feito prisioneiro. Entretanto a rica cidade de Mileto era governada pelo seu genro Aristágoras.
Lais, quando recebia um homem, estava sempre acompanhada por dois eunucos. Como os dois eunucos de Lais eram não só muito velhos mas além disso extraordinariamente feios, ela tinha a certeza de que a discrição patenteada na escolha dos eunucos tornava a sua viuvez muito especial inteiramente respeitável aos olhos das damas do harém. Na verdade, Lais não precisava de se preocupar com a sua reputação. A corte via-a, desde o início, como completamente estrangeira e a quem as costumeiras leis do harém não se aplicavam. A seguir a Atossa era a mulher mais livre da corte e ninguém se importava com o que fizesse, uma vez que não tinha o mínimo parentesco com o Grande Rei. Lais tinha de resto todo o cuidado em não hostilizar nenhuma das esposas. Por último, como mãe do neto de Zoroastro, ocupava uma espécie de posição religiosa na corte, uma situação que não se coibia de explorar. Gostava de usar vestidos misteriosos que não eram nem gregos nem persas. Em público afectava um ar sobrenatural; em privado, dava a entender que por um preço justo traçaria horóscopos, faria filtros de amor, administraria venenos de acção retardada. Era muito popular.
Em Ectabana Histieus andava de cabeça rapada porque estava de luto por Síbaris, uma cidade que mantinha relações estreitas com

Mileto; no começo desse ano Síbaris tinha sido completamente destruída pelo exército de Croton.
Carrancudo, Histieus sentava-se numa cadeira de madeira em frente ao banco de armar onde Lais se empoleirava, no patiozinho do seu apartamento, enquanto os eunucos decrépitos dormitavam ao Sol. De vez em quando era-me concedido fazer-lhes companhia; a minha presença tinha por fim dar um ar de respeitabilidade à cena - não que eu estivesse muitas vezes com Lais. A maior parte desse primeiro verão em Ectabana passei-a com os príncipes reais, em treino militar.
- Tens sorte em estares aqui na escola -. Histieus fez um esforço para conversar comigo. - Mais tarde não haverá posto que não possas ocupar.
- Ele já tem um posto. Vai ser o chefe da ordem de Zoroastro e arqui-sacerdote de toda a Pérsia -. Naquele tempo Lais dedicava-se a garantir-me este alto, não desejado, para já nem dizer totalmente imaginário posto. Não existe nenhum

arqui-sacerdote zoroastrista de toda a Pérsia. Nós não somos uma casta sacerdotal mas uma ordem.
- No caso de ele querer outra coisa, pode ser sátrapa, conselheiro de Estado, tudo -. Histieus tinha o desprezo dos Jónios por todas as religiões. - Mas seja o que for que fizeres na vida - disse, gravemente - nunca esqueças a língua da tua mãe.
Como falávamos sempre grego com Histieus, isto parecia um conselho escusado.
- Eu falo grego com Milo - disse-lhe, para querer agradar. - Não se pode, mas nós falamos.
- Milo, o filho de Tessalo?
Fiz que sim. - É o meu melhor amigo.
- Bom, eu fiz o que pude por essa família -. Histieus ficou com um ar mais sombrio do que nunca. - Disse ao Grande Rei que devia mandar uma frota para Atenas antes que os latifundiários chamassem o exército espartano, como hão-de fazer. Certamente é melhor ajudar Hípias enquanto ainda é tirano do que depois, quando for tarde demais. A Pérsia deve agir agora, mas infelizmente... -. Histieus calou-se. Não podia criticar directamente o Grande Rei. - Até me ofereci para ir como almirante. Mas... -. Seguiu-se um longo silêncio. Ouvíamos os eunucos ressonarem suavemente. Lais e eu sabíamos o que todos os outros sabiam: Dário não confiava em Histieus longe da sua vista.
Juntou-se-nos Demócedes, que dizia sempre que estava a ensinar medicina a Lais. Hoje suspeito que ela é que lhe ensinava magia a ele, se é que medicina e magia não são a mesma coisa. Quando

o tirano de Samos foi executado pelo sátrapa persa de Sardis, o seu físico Demócedes foi feito escravo. Mais tarde, quando Dário foi a Sardis, caiu do cavalo e sofreu uma ruptura dos músculos do pé direito. Apesar de toda uma vida na guerra, o Grande Rei não era um bom cavaleiro.
Foram convocados os físicos egípcios. Como resultado das suas sofisticadas ministrações e dos seus melodiosos cânticos, o pé de Dário ficou completamente aleijado. Ele ficou furioso.
Então alguém se lembrou de que o célebre físico Demócedes era escravo em Sardis e que trabalhava num armazém. Ora Demócedes era um homem tão audacioso como engenhoso. Sabia que se Dário descobrisse que ele era um mestre da medicina, nunca poderia comprar a sua liberdade e voltar para casa, em Croton, na Sicília. Quando o mandaram buscar, negou todo e qualquer conhecimento de medicina. - Não sou eu -, declarou. - Esse é outro Demócedes.
Dário mandou trazer ferros de marcar gado e tenazes. A audácia cedeu ao engenho e Demócedes aceitou o caso. Pôs Dário a dormir durante dois dias. Durante esse tempo massajou o pé; exerceu a sua arte. Ao terceiro dia Dário

estava curado e os piores receios de Demócedes concretizaram-se. Foi nomeado físico de toda a família imperial. Foi-lhe inclusivamente concedido o privilégio único de poder visitar as damas no harém, a qualquer hora do dia ou da noite, sem a presença de eunucos.
Foi Demócedes quem salvou a vida da rainha Atossa. Quando um dos seios de Atossa ficou com um caroço que começava a espalhar-se, Demócedes cortou-lho pela base. Para espanto de todos, Atossa recuperou. O desgosto dos físicos egípcios só foi igualado pelo das outras esposas do Grande Rei.
Embora não tivesse ficado feliz com a perda de um seio, Atossa percebeu que, se tivesse seguido a cura egípcia habitual (uma parte de leite de égua, veneno de serpente e marfim moído que, quando aplicada na zona afectada mata o paciente mais expeditamente que uma espada), teria morrido. O facto de agora poder viver até uma idade avançada mudou não só a minha vida - uma bagatela - como a do mundo, uma coisa importante. Se Atossa tivesse morrido nessa altura, o seu filho Xerxes não teria sucedido ao seu pai. Não é segredo nenhum que a subida de Xerxes ao trono foi inteiramente obra da sua mãe.
Outro facto curioso. Depois da ablação do seio, Atossa começou a ficar com pelos na cara. Embora os tirasse diariamente com depilatórios egípcios, os pelos continuavam a crescer. Por fim resolveu esmaltar as faces com chumbo branco para disfarçar a vermelhidão

provocada pelos depilatórios. O resultado tinha na verdade um aspecto bem esquisito. A minha mãe dizia sempre que depois da mutilação, Atossa era mais homem que mulher.
Pouco tempo depois de Demócedes ter salvo a vida de Atossa, conseguiu que o enviassem à Itália como emissário do Grande Rei. Em Tarento fugiu do navio e correu para casa em Croton, a sua cidade natal, onde se casou com a filha de Milo, o lutador mais famoso do mundo grego - sim, outro vencedor dos Jogos Olímpicos. Este mesmo Milo foi também o general que comandou o exército que destruiu Síbaris.
Mas Demócedes em breve se aborreceu da sua cidade natal. No fundo, a maior parte da sua vida tinha-a a passado em cortes resplandecentes. Tinha servido Pisístrato em Atenas, Polícrates em Samos e o próprio Grande Rei em Susa. Estava habituado à vida palaciana. Não podia suportar a vida provinciana. De rabo entre as pernas, perguntou a Dário se podia regressar a Susa com a sua noiva. O Grande Rei ficou feliz por lhe perdoar e Demócedes voltou para a Pérsia, onde foi homenageado por todos menos pela sua velha amiga Atossa. Atossa não podia suportar a mulher de Demócedes, o que era estranho. Como a rapariga nunca foi capaz de falar mais do que algumas palavras de persa, não

podia ter aborrecido a rainha. Lais pensa que Atossa tinha ciúmes. Se tal foi o caso, então o boato de que tinha tido um caso com o físico que lhe tirou o seio deve ser verdadeiro.
Depois de Demócedes ter feito uma grande vénia ao antigo tirano de Mileto, os dois homens beijaram-se nos lábios, como os Persas fazem quando cumprimentam um amigo da mesma classe social. A um amigo de classe inferior oferece-se apenas a face. Estritamente falando, Histieus devia ter oferecido a face - como tirano de Mileto era de mais alta condição que Demócedes. Mas os amigos gregos que são convidados do Grande Rei tendem a ignorar as diferenças de condição.
Demócedes também era um ardente partidário de Hípias. - Conheço Hípias desde criança. Foi sempre fora do vulgar. É ao mesmo tempo profundo e justo. É uma combinação rara... num tirano -. Demócedes fez um sorriso desdentado. - Nos nossos dias, só Atenas e Mileto estão felizes com os seus tiranos.
- Estavam -. Histieus parecia uma nuvem escura carregada de chuva. - Falaste de Hípias ao Grande Rei?
- Tentei falar-lhe dele. Mas a Grécia não lhe interessa. Fala constantemente da índia e dos países a oriente do Oriente.

- A índia fica a um mundo de distância da Pérsia -. Histieus misturou água ao vinho que Lais lhe tinha servido. - Mas Atenas é logo em frente de Mileto, é só atravessar o mar.
Demócedes fez que sim. - E a Itália é logo a seguir à Grécia. Como toda a gente sabe, fui enviado a Cróton, para abrir caminho ao Grande Rei. Mas ele nunca veio... e eu vim-me embora -. Isto era um disparate. Mas Demócedes tinha dificuldade em admitir que tinha desertado do serviço do Grande Rei. Oficialmente a sua defecção foi sempre descrita como uma missão diplomática altamente secreta para a segunda sala da chancelaria.
- O Grande Rei não tem ambições no Ocidente -. Demócedes tossiu ligeiramente para um pano. Poucas vezes vi um bom físico que não estivesse constantemente doente.
- Excepto em Samos -, disse Histieus. Durante um curto momento o sobrolho franzido desanuviou-se e ele ergueu as sobrancelhas. - Era uma ilha grega no Ocidente.
- Um homem difícil, Polícrates -. Demócedes estudou o pano à procura de sinais de sangue. Eu também olhei. Olhámos todos. Mas não havia sangue... o que foi uma ligeira decepção para todos nós, menos para Demócedes. - Dava-me bem com ele. É claro, muitos achavam-no...
- Traiçoeiro, vaidoso, tolo -, disse Lais.

- Esqueço-me sempre de que também estiveste na corte de Samos -. Demócedes sorriu. No maxilar inferior tinha três dentes implantados numa gengiva lívida e nenhum no superior. Antes de comer inseria um bocado de madeira de tal modo talhado que aderia ao céu da boca. Desse modo conseguia mastigar, bastante lentamente, tudo menos a carne mais rija ou o pão mais duro. Agora que estou velho, penso bastante em dentes... e no que a sua ausência significa. - Pois, pois. Lembro-me de seres uma criança com o teu pai. Ele era da Trácia, não era? Sim, claro. O rico Megacreonte. Minas de prata. Pois, pois!
- Conheci o meu marido na corte de Polícrates -, disse Lais, com uma expressão triste. - É a única coisa boa desse tempo de que me lembro. Detestava Samos. E também Polícrates. Não passava de um pirata. Chegou ao ponto de dizer ao meu pai que quando devolvia aos seus amigos os cargueiros que lhes tinha roubado, eles ficavam mais contentes do que se nunca lhos tivesse roubado.
- Era um pirata -, concordou Demócedes. - Mas também era um tipo muito impressionante. Lembro-me de quando a corte de Samos ainda era mais deslumbrante do que a de Pisístrato. Lembras-te

-de Anacreonte? O poeta? Deve ter sido antes do teu tempo. Ele vivia na Trácia mais obscura antes de vir para Samos.
- Anacreonte vivia -, disse Lais, muitíssimo friamente - em Abdera, na Abdera grega.
Os dois homens riram-se. Demócedes fez uma vénia a Lais.
- Ele vivia na Trácia mais luminosa antes de ir para Samos. Depois mudou-se para Atenas. Era um favorito do pobre Hiparco. Foi uma história bem triste, não achas? Bom, há que conceder a Polícrates uma coisa: ele olhava sempre para Ocidente. Era um verdadeiro senhor dos mares.
- Sim - disse Histieus, erguendo outra vez as sobrancelhas - um senhor dos mares que queria ser senhor de todas as ilhas.
Demócedes voltou-se para o ex-tirano. - Talvez devesses falar de ilhas ao Grande Rei. No fundo, Dário ficou contente quando adquiriu Samos. E mais contente ainda quando se apoderou da frota sâmia. Bom, quando se tem à disposição uma frota esplêndida... - Demócedes calou-se e olhou para Histieus.
- Quando eu ainda estava em Mileto - disse Histieus quase sonhadoramente - podia ter conquistado Naxos com toda a facilidade.
Demócedes fez que sim. - Uma bela ilha. Solo fértil. Homens vigorosos.
Os dois homens trocaram olhares.
Foi assim que as guerras gregas começaram.
Criança como era, ouvindo os adultos a falar, não reconheci o significado desta troca de olhares. Anos mais tarde vi como, quase indolentemente, estes dois

gregos intriguistas começaram o que veio a ser uma conspiração bem sucedida para envolver o Grande Rei nos assuntos da Grécia.
Mas isto é sabedoria retrospectiva. Na altura, o que mais me interessou, foi quando Demócedes falou do prodigioso Pitágoras.
- Conheci-o em Samos -, disse o velho físico. - Ainda era joalheiro então... como o pai, que foi joalheiro de Polícrates até à ruptura entre ambos. Mais cedo ou mais tarde, todos rompiam com Polícrates. Bom, mas Pitágoras era, ou antes é, voltei a vê-lo quando estive em Cróton, um homem fora do vulgar. Com ideias estranhas. Acredita na transmigração das almas...
Embora as crianças persas não devam fazer perguntas aos adultos, eu sempre tive uma certa liberdade. - O que é - perguntei - a transmigração das almas?
- É tal qual o avô! -, exclamou Lais a esta pergunta absolutamente vulgar. Lais aludia constantemente à minha alegada parecença com Zoroastro.

- Quer dizer que quando morremos a nossa alma vai para outro corpo -; respondeu Demócedes. - Ninguém sabe donde veio esta ideia...
- Da Trácia -, disse Histieus. - Todas as ideias loucas de feitiçaria começam na Trácia.
- Eu - disse Lais com firmeza - sou Trácia.
- Então, senhora, sabes precisamente do que estou a falar -. Histieus quase sorriu.
- Sei que somos a terra mais próxima do Céu e do Inferno -, disse Lais com a sua voz de feiticeira. - Assim cantou Orfeu quando desceu às entranhas da terra.
Não demos seguimento a este assunto. Demócedes continuou: - Não sei como a ideia chegou até Pitágoras. O que sei é que ele passou um ano ou dois nos templos do Egipto. Pode ter sido lá que a ouviu. Não sei. O que sei é que os rituais egípcios são muito impressionantes, para quem se deixe impressionar. Felizmente eu não sou impressionável. Ele era. Lembro-me também que Polícrates lhe deu uma carta para o seu amigo faraó. O faraó era o velho Amasis. Assim sendo, Pitágoras deve ter assistido a toda a espécie de rituais de que o comum dos mortais habitualmente não ouve falar nem vê. Mas então Cambises atacou o Egipto, Amasis morreu e o pobre do Pitágoras foi feito prisioneiro e, ainda que insistisse sempre em como era amigo do tirano Polícrates, os Persas venderam-no a um joalheiro de Babilónia. Felizmente o joalheiro era indulgente. Deixou Pitágoras estudar com os Magos...
- Não foi lá grande coisa -, disse Lais firmemente.
- Os sábios aproveitam tudo o que encontram, mesmo nos lugares mais inverosímeis -. Demócedes era dado ao lado prático das coisas. - Seja como for, Pitágoras era um homem diferente quando por fim comprou a sua liberdade ao

joalheiro e voltou a Samos. Para começar, foi para minha casa e não para a corte. Contou-me que tinha aprendido a ler e a escrever os hieróglifos egípcios. Também tinha aprendido persa. Tinha teorias novas sobre a natureza e a ordem daquilo a que chamava o Universo.
Sim, foi Pitágoras quem pela primeira vez cunhou a palavra que hoje é usada milhares de vezes por dia, aqui em Atenas, por sofistas que não fazem ideia de que subtilezas o inventor dela tinha em mente.
Tal como compreendo Pitágoras - e quem o compreenderá em toda a sua extensão? -, ele pensava que a unidade simples era a base de todas as coisas. Da unidade simples deriva o número. Dos números, os pontos. Dos pontos, as linhas que unem dois pontos.

Das linhas, os planos e destes, os sólidos. Dos sólidos, os quatro elementos - o fogo, a água, a terra, o ar. Estes elementos combinam-se e formam o Universo, que é vivo e está em constante mutação - é uma esfera que contém no seu centro uma esfera mais pequena, a Terra.
Pitágoras acreditava que, de todos os sólidos, a esfera é o mais belo e, de todas as figuras planas, a mais sagrada é o círculo - dado que todos os pontos estão ligados entre si e não tem começo nem fim. Pessoalmente nunca fui capaz de compreender os seus teoremas matemáticos. Demócrito diz que os compreende. Folgo muito com isso.
Demócedes contou igualmente como Polícrates se zangou com Pitágoras e mandou os seus archeiros prenderem o sábio. - Felizmente consegui persuadir o engenheiro-chefe de Polícrates a escondê-lo no túnel que estavam a construir junto da cidade. Então, numa noite escura, metemos Pitágoras num barco que largava para a Itália. Dei-lhe uma carta para o meu velho amigo, hoje meu sogro, Milo de Cróton...
- O destruidor de Síbaris -. O azedume de Histieus voltou novamente. Este Milo era um verdadeiro destruidor. Depois de ter derrotado os exércitos de Síbaris, desviou o curso de um rio de tal modo que a cidade inteira desapareceu debaixo da água.
- Que posso dizer? - perguntou Demócedes educadamente. - Conheço Milo desde os seus tempos de rapaz. De facto, tenho idade para ser avô dele. Quando ganhou o seu primeiro combate nos Jogos Olímpicos...
Demócrito pensa que a destruição de Síbaris ocorreu vários anos mais tarde. Eu não. Mas já agora, devo assinalar que quando reconstruo uma conversa de há sessenta anos, sou bem capaz de misturar acontecimentos diversos.
Durante vários anos ouvi Demócedes falar muito de Pitágoras. Quero dizer com isto que o que relato é sempre exacto no sentido de que repito exactamente o que

me contaram. A cronologia é outra questão. Não guardo anais. Tudo quanto tenho como certo é que durante o meu primeiro Verão em Ectabana ouvi o nome de Pitágoras. De ainda mais importância do que isso, nesse mesmo dia ouvi Histieus e Demócedes discutirem o senhor dos mares Polícrates. Devido a certos olhares que trocaram e a certos silêncios carregados de significado, mais tarde percebi que foi naquele encontro que os dois homens se aliaram, tendo em vista envolver Dário no mundo grego. A estratégia deles consistia em tentar o Grande Rei com o único título que lhe faltava, senhor dos mares. Fizeram também

o melhor possível para o persuadir a apoiar o tirano Hípias - por meio da guerra, se necessário. Naturalmente a guerra acabou por ser necessária, graças em grande parte à cumplicidade ociosa de dois Gregos, em Ectabana, num dia de Verão.

- A tua mulher contou-me que Pitágoras construiu uma escola em Cróton -. Lais gostava muito da mulher de Demócedes por não constituir uma ameaça. - Vem gente de todo o mundo estudar com ele.

- Não é propriamente uma escola. É mais... Bom, ele e uma quantidade de outros homens veneráveis têm uma casa onde vivem segundo o que Pitágoras chama uma vida justa.

- Não comem feijões -. Histieus permitiu-se uma gargalhada. Ainda hoje a maneira mais segura de fazer rir uma plateia ateniense é mencionar a injunção de Pitágoras contra comer feijões. Os Atenienses acham este tabu tremendamente hilariante, especialmente quando o actor cómico acompanha a piada com uma série de sonoros peidos.

- Ele acredita que os feijões têm dentro as almas dos homens. Afinal, os feijões parecem fetos humanos -. Demócedes era sempre o homem de ciência e não havia nenhuma ideia sobre a criação que não considerasse seriamente. - Pitágoras recusa-se igualmente a comer carne, com medo de poder comer inadvertidamente um antepassado ou um amigo cuja alma tenha passado para esse animal.

- Até quando - perguntei: - pensa Pitágoras que as almas continuam a passar de criatura para criatura?

Os dois gregos olharam para mim com verdadeira curiosidade. Eu tinha feito uma pergunta decisiva. Durante um instante deixei de ser uma criança para ser o herdeiro de Zoroastro.

- Não sei, Ciro Spitama -. Demócedes disse o meu nome com verdadeira reverência.

- Até ao fim do tempo do longo domínio? Ou antes? -. Eu estava genuinamente fascinado pelo que, para mim, era uma concepção nova e alucinante da morte, do

renascimento e... de que mais? - O que é certo é que nada pode nascer depois do fim do tempo infinito.
- Não sei falar nos termos da concepção de Zoroastro... quero dizer, da sua verdade -. Demócedes não ia pôr em dúvida a religião do Grande Rei. - O que posso dizer é que, segundo Pitágoras, a meta da vida de cada homem deveria ser libertar a centelha de divindade que nele reside, de modo a poder reunir-se ao Universo, que ele vê como uma espécie de éter vivo e em evolução... um todo perfeito e harmonioso.
92
- Eu sou uma filha da terra e das estrelas do céu - anunciou Lais. Escutei-a com impaciência enquanto ela cantava uma canção muito longa e muito misteriosa sobre a criação vista pelas feiticeiras da Trácia.
Quando acabou, Demócedes reatou a conversa: - Sair do ciclo contínuo da morte e renascimento é o objectivo do ensinamento de Pitágoras. Ele pensa que isto é possível através da renúncia de si, do ritual, da purificação por meio da dieta, do estudo da música e da matemática. Quer esta doutrina seja verdadeira ou falsa, graças a ele e à sua escola, Cróton controla hoje a maior parte do Sul da Itália.
- A razão não é essa -, disse Histieus. - Devias antes agradecer ao teu sogro, Milo. É um grande soldado -. Histieus era um grego extraordinariamente não interessado pela filosofia, a palavra que Pitágoras inventou para designar um verdadeiro amor pela sabedoria.
Foi também Pitágoras, com a ajuda de Demócedes - ou assim mo contou Demócedes - que estabeleceu que o cérebro humano é o centro de todo o pensamento. Não vi as provas desta teoria, nem as compreenderia se as visse. Mas acredito que seja verdade. Discuti o assunto com os Cataios, que pensam que o estômago é o centro da mente, dado que é mais sensível que qualquer outra parte do corpo, devido aos seus gases gorgolejantes. Demócrito diz-me que já tinha dito isto. Tens de me suportar. Além do mais, a repetição é o segredo da aprendizagem.
- Atribuo o êxito de Cróton à virtude dos seus habitantes -. Demócedes tossiu para o seu trapo. - Eles acreditam que o seu mestre é um deus e eu penso que talvez seja.
- E ele, que pensa? -. Histieus foi directo na sua pergunta. Demócedes abanou a cabeça. - Eu penso que Pitágoras acredita
que todas as coisas estão relacionadas entre si, que todos nós fazemos parte de um cosmos, que cada um de nós é uma parte de divindade. Mas nós só podemos reunir-nos ao todo quando nos libertarmos da carne, que é o nosso túmulo.
- Porquê? -, perguntou Lais.
- Para transcender o sofrimento deste mundo, a sensação de incompletude...

- Orfeu desceu ao Inferno -, disse Lais, como se estivesse a dar uma resposta relevante; talvez estivesse. Nunca soube muito do culto de Orfeu. Sendo Trácio, ele desceu ao Inferno para reclamar a sua esposa morta. Ele voltou mas ela não - os mortos costumam não voltar. Depois disso foi feito em bocados, por irreligiosidade, creio.
93
O culto de Orfeu foi sempre popular nas regiões atrasadas, especialmente na Trácia assombrada por feiticeiras. Mais tarde começou a espalhar-se por todo o mundo grego. Do pouco que sei do Orfismo, penso que não seja mais do que uma variante grosseira da bela e verdadeiramente antiga lenda do herói Gilgamesh. Ele também desceu ao Inferno para buscar a sua amante morta, Enkidu. Não, Demócrito, Gilgamesh não era grego mas era um herói autêntico e, como muitos heróis, queria demasiado. Não havia nada que não pudesse vencer, excepto o próprio nada - a morte. O herói queria viver eternamente. Mas nem o glorioso Gilgamesh era capaz de inverter a ordem natural. Quando aceitou esta verdade suprema, ficou em paz... e morreu.
Ouvi a história de Gilgamesh em Babilónia. Uma vez, há muito tempo, Gilgamesh foi uma figura de culto mundial. Hoje está muito esquecido, salvo em Babilónia. O tempo do longo domínio é muito longo na verdade. O problema dos Gregos é que não fazem ideia de quão velha é esta Terra. Parecem não se dar conta de que tudo já aconteceu e voltará a acontecer, menos o fim. Na índia pensam que o fim já aconteceu e que se repete constantemente à medida que os ciclos da criação se apagam... e se reacendem.
Demócrito acha melhor dar-me uma lição de Orfismo agora. Ao que parece, também eles acreditam na transmigração das almas, um processo que termina quando, através do ritual, etc, o espírito fica purificado. Acato o que Demócrito diz. Afinal és Trácio de nascença. Além disso convenceste-me de que Lais, apesar de toda a sua familiaridade com as artes ocultas, nunca compreendeu o culto de Orfeu.
- Não estou certo de que Pitágoras afirme ter visitado o Hades, mas ele contou-me uma história estranha -. Demócedes parecia algo perturbado, como se não gostasse muito do que nos ia contar. - Pouco depois de voltar de Babilónia, estávamos a passear no molhe novo que Polícrates tinha acabado de construir no porto. De repente Pitágoras parou. Olhou-me fixamente, de cima. Ele é muito mais alto do que eu. "Lembro-me", disse, "lembro-me de tudo". Não fazia a mínima ideia do que estivesse a falar. "De tudo o quê?", perguntei-lhe.
- "Das minhas vidas anteriores", respondeu, com toda a veemência. Disse-me que numa incarnação anterior tinha sido filho de Hermes e de uma mortal. Ora Hermes gostava tanto do filho que lhe disse que lhe daria tudo o que lhe pedisse

menos a imortalidade. Só os deuses são imortais. Então o menino pediu a segunda melhor coisa a seguir à imortalidade: "Faz com que me lembre, em cada

nova incarnação, de quem fui e do que fui nas minhas vidas anteriores." Hermes concedeu-lho.
- "E", disse Pitágoras, "lembro-me de ter sido um pássaro, um guerreiro, uma raposa, um Argivo em Tróia. Todas essas coisas eu fui, e sou, e serei até me reunir ao todo".
Fiquei muito impressionado com o que Demócedes me contou e tenho lamentado bastantes vezes não ter conhecido Pitágoras. Quando ele foi expulso de Cróton por uma facção rival, procurou refúgio em Metaponto, onde se deixou morrer lentamente à fome. Como eu tinha cerca de vinte anos na altura, poderia ter ido vê-lo. Dizem que recebia visitantes até ao fim. Pelo menos eu parto do princípio de que foi o fim. Se não foi, pode muito bem andar hoje pelas ruas de Atenas, com a cabeça cheia de todas as recordações de milhares de antigos eus.
Demócrito diz-me que existe uma escola pitagórica em Tebas, até há pouco tempo presidida por um Crotoniano chamado- Lisis. Demócrito ficou muito impressionado com uma coisa atribuída a Lisis: "Os homens têm de morrer porque não são capazes de juntar o princípio com o fim."
Sim, isto é verdadeiramente sábio. A vida de um homem pode ser traçada como uma linha recta descendente. Mas quando a alma ou o fragmento do fogo divino em cada um de nós se reúne à fonte original da vida, então a forma perfeita foi realizada e o que era uma linha recta é agora um círculo e o princípio juntou-se ao fim.
Devo dizer aqui que, em criança, eu de modo nenhum era um prodígio. Em todo o caso não desejo dar a impressão de que era um profeta ou um taumaturgo ou um filósofo de tenra idade ou, já agora, em qualquer outra idade. Foi meu destino ter nascido Spitama e, no fundo, não posso afirmar que achei que o meu lugar no Mundo fosse tudo menos agradável, apesar da constante inimizade dos Magos que seguem a Mentira, uma inimizade mais do que compensada pela bondade que me demonstraram os três Grandes Reis - Dário, Xerxes e Artaxerxes.
Embora a minha mente nunca se tenha inclinado muito para a religião ou a magia, sou realmente de natureza especulativa. Além disso sinto-me compelido a examinar outras religiões ou sistemas de pensamento, para ver quanto divergem da via da Verdade que fui mandado seguir quando nasci.
No decurso de uma longa vida admirei-me por descobrir noutras religiões elementos que sempre tomei por revelações especiais do Senhor da Sabedoria a Zoroastro. Mas hoje vejo que o Senhor da Sabedoria é capaz de falar em todas as

línguas do mundo, e em
95
todas as línguas do Mundo as suas palavras raramente são compreendidas ou acatadas. Mas as palavras não variam. Porque são verdadeiras.

8

Durante a infância tive duas vidas: uma vida religiosa, em casa, com Lais e os Magos que seguiam Zoroastro, e uma vida escolar. Sentia-me mais feliz na escola, na companhia dos meus contemporâneos Xerxes e o seu primo Mardónio, filho de Góbrias. Com excepção de Milo, todos os meus colegas eram Persas. Por uma razão desconhecida, os filhos de Histieus nunca passaram para a primeira secção. Não creio de modo nenhum que tal exclusão agradasse a esse homem ambicioso.
Embora o nosso treino militar fosse duro, eu gostava dele, quanto mais não fosse por não ter nada a ver com Magos. Éramos ensinados pelos melhores dos imortais. Ou seja, pelos melhores soldados do Mundo.
A manhã em que pela primeira vez dei por Xerxes está mais presente em mim do que esta manhã de hoje. Mas a verdade é que eu era jovem. Podia ver. Via o quê? O Sol, como uma placa de ouro, contra um céu azul esbranquiçado. Florestas de cedros verde-escuros. Montanhas altas cobertas de neve. Campos amarelos com gamos castanhos a pastar a um canto. A infância é só cor. A velhice... Ausência da cor... e, para mim, também da visão.
Começámos a nossa marcha diária antes do nascer do Sol. Caminhávamos dois a dois; cada um levava uma lança. Por uma razão qualquer, o meu parceiro era Xerxes. Ele não me ligava nada. Escusado será dizer que eu o examinava atentamente. Como criança do harém sabia que se a facção de Atossa vencesse a de Góbrias, ele seria um dia Grande Rei.
Se Xerxes tinha alguma consciência do seu destino, não a traía. Nas atitudes não era nem mais nem menos do que um dos filhos do Grande Rei. Tinha um sorriso encantador.
Ao contrário de muitos homens, ele conservou os seus dentes todos até ao fim. Não falei com ele; nem ele comigo.
Ao meio-dia foi-nos dada ordem de alto, ao lado de uma fonte da floresta. Foi-nos permitido beber água mas não comer. Por uma
96
razão qualquer, em vez de me estender na relva juntamente com os outros, entrei na floresta.
Os ramos de um loureiro de repente abrem-se. Vejo-lhe o focinho; as presas

amarelas e curvas. Fico paralizado, de lança na mão, incapaz de me mexer quando o enorme corpo de pelo eriçado irrompe através da sebe de loureiros. O javali fareja-me; recua. Sem dúvida, a fera está tão assustada como eu. Mas então, num esquisito movimento circular, o javali volta-se e carrega sobre mim. Sou lançado ao ar. Ainda no ar dou-me conta de que o meu peito não tem ar nenhum.

Pensei que estava morto até que descobri que, embora já não pudesse respirar, ainda conseguia ouvir... e ouvi um grito quase humano do javali quando Xerxes enterrou profundamente a sua lança no pescoço do animal. Consegui inspirar algum ar com o javali já a sangrar e aos bordos no meio dos loureiros onde cambaleou, caiu, morreu.

Todos correram a felicitar Xerxes. Ninguém me deu a menor atenção. Felizmente eu não tinha sido ferido. De facto, ninguém reparou em mim, a não ser Xerxes.

- Espero que estejas bem -. Baixou o olhar para mim e sorriu. Ergui o olhar para ele e disse: - Salvaste-me a vida.

- Eu sei -, replicou com a maior simplicidade.

Devido ao muito que podíamos ter dito naquele momento, nenhum de nós disse mais nada ou jamais voltou a mencionar este episódio.

Ao longo dos anos tenho tido ocasião de reparar em que quando um homem salva a vida de outro homem, muitas vezes fica com um sentimento de propriedade sobre o que salvou. De nenhuma outra maneira sou capaz de explicar por que razão Xerxes me escolheu para ser seu amigo íntimo. Pouco depois da nossa aventura na floresta, por insistência dele, mudei-me para os aposentos dos príncipes.

Continuei a visitar Lais mas deixei de viver com ela. Ela ficou encantada por eu ser íntimo de Xerxes, ou pelo menos foi o que disse. Passados anos disse-me que a nossa amizade a preocupou. - Naquele tempo toda a gente pensava que Artobazanes sucederia a Dário. Se isso tivesse acontecido, Xerxes teria sido morto com todos os seus amigos.

Se tinha consciência da existência de um perigo naquele tempo, agora não sei o que sentia. Xerxes era um companheiro apaixonante. Tinha tudo quanto queria. Era um cavaleiro exímio; era exímio no manejo de todo o tipo de armas. Embora não se interessasse pelas

lições que os Magos nos davam, sabia ler com alguma facilidade. Não penso que soubesse escrever.

Todos os anos, consoante as estações, seguíamos o Grande Rei de Susa para Ectabana, para Babilónia, e depois de novo para Susa. Xerxes e eu preferíamos

Babilónia às outras capitais. Mas qual o jovem que a não prefere?
Enquanto estudantes, as nossas vidas eram inteiramente controladas por oficiais do exército, Magos e eunucos. Aliás, a corte era a corte, fosse qual fosse a cidade onde estivesse e o mesmo acontecia com a escola do palácio. Não tínhamos mais liberdade do que aqueles escravos que trabalhavam nas minas de prata do meu avô. Contudo, em Babilónia, apercebíamo-nos de que existia uma vida verdadeiramente maravilhosa fora dos estritos recintos da corte de Dário. Ansiosamente, Xerxes, Mardónio e eu púnhamo-nos a imaginar como seria visitar a cidade quando a corte não estivesse em Babilónia. No nosso décimo nono ano, o nosso desejo realizou-se.
Mardónio era um jovem muito vivo e esperto de quem Dário parecia gostar muito. Digo parecia porque nunca se sabia o que Dário sentia realmente por alguém. Ele era um consumado manipulador de homens, capaz de um encanto brutal. O Grande Rei era também o mais impenetrável dos homens e nunca se sabia precisamente em que pé se estava com ele até, às vezes, ser demasiado tarde. Dário era de certeza influenciado pelo facto de Mardónio ser filho de Góbrias, um homem extremamente difícil e um rival em potência. Por conseguinte, era muito indulgente tanto com o pai como com o filho.
No aniversário do Grande Rei, na presença dos membros e dos íntimos da família real, ele unge a própria cabeça segundo o ritual e satisfaz os pedidos dos que lhe são mais chegados. Nesse ano, em Susa, foi Xerxes quem segurou o jarro de água de rosas e foi Mardónio quem secou com um pano de seda a barba e o cabelo de Dário.
- Que posso conceder-te, Mardónio?
- O governo de Babilónia durante o terceiro mês do próximo ano, Grande Rei.
Embora o protocolo exija que o Grande Rei nunca mostre surpresa, Xerxes disse-me que o seu pai ficou absolutamente pasmado.
- Babilónia? Porquê Babilónia? E porquê o governo durante um único mês?
Mas Mardónio não respondeu; lançou-se simplesmente aos pés de Dário, a posição cerimonial que significa: sou o teu escravo, faz de mim o que quiseres.
Dário fitou duramente Mardónio. Em seguida olhou a toda a volta do salão apinhado. Embora nenhuma pessoa possa olhar

directamente para ele, Xerxes olhou. Quando Dário apanhou o filho a olhar para ele, Xerxes sorriu.
- Nunca conheci ninguém tão modesto -. Dário afectava espanto. - É claro, já se fizeram fortunas em menos de um mês. Mas não em Babilónia, de certeza. No que toca a dinheiro, os cabelos pretos são muito mais espertos do que nós, Persas.

- Eu irei com ele, Grande Rei, se mo concederes como meu desejo -, disse Xerxes. - Velarei pela virtude de Mardónio.
- E quem velará pela tua? - contrapôs gravemente Dário.
- Ciro Spitama, se lhe concederes o seu desejo, que ele me pediu para fazer por ele -. Xerxes tinha sido bem ensaiado por Mardónio. - Ele cuidará da nossa educação religiosa.
- Ciro Spitama jurou converter o sumo sacerdote de Bel Marduk ao caminho da Verdade -, disse Mardónio com ar piedoso.
- Sou vítima de uma conspiração -, disse Dário. - Mas tenho de me comportar como um rei neste dia. Mardónio, filho de Góbrias, entrego-te o governo da minha cidade de Babilónia pelo terceiro mês do novo ano. Xerxes e Ciro Spitama assistir-te-ão. Mas porquê o terceiro mês? -. Dário sabia, é claro, exactamente o que tínhamos em mente.
- Os jardins suspensos à beira do Eufrates estarão em flor, Grande Rei -, disse Mardónio. - É uma linda época do ano.
- Tornada ainda mais linda pelo facto de no terceiro mês o Grande Rei estar a muitas milhas de distância, em Susa -. Dário riu-se, um hábito plebeu que conservou até ao fim dos seus dias. Eu nunca achei o seu riso ofensivo, antes pelo contrário.

9

Babilónia é mais esmagadora do que bela. É tudo feito do mesmo tijolo sem cor, cozido da lama do Eufrates. Mas os templos e os palácios são de proporções egípcias e, evidentemente, naquele tempo as muralhas eram tão largas que - como os habitantes nunca se cansam de o lembrar às pessoas - um carro de quatro cavalos poderia dar uma volta à cidade nos seus parapeitos. Não que eu alguma vez tivesse visto um carro de qualquer espécie em cima das muralhas, ou qualquer outra coisa, já agora. Não havia guardas. Tal era a paz absoluta do Grande Rei naquele tempo.
99
Há algo de curiosamente fascinante numa cidade que existe há mais de três mil anos. Embora Babilónia tenha sido muitas vezes arrasada em guerras, os habitantes - conhecidos simplesmente como os cabelos pretos - reconstroem-na sempre exactamente tal como era antes, ou assim nos contam. A cidade fica no centro de um quadrado imenso que é quase dividido ao meio pelo rio Eufrates, um rio rápido e escuro. Originariamente Babilónia estava bem protegida por uma muralha exterior, uma muralha interior e um fosso profundo. Mas da segunda vez que Dário foi obrigado a submeter a cidade, arrasou parte da muralha

exterior. Anos mais tarde, depois de Xerxes ter debelado uma rebelião da cidade, destruiu praticamente todas as muralhas e mandou aterrar o fosso. Acho difícil agora que os Babilónios voltem a criar-nos problemas. Por natureza, os cabelos pretos são indolentes, sensuais e obedientes. Durante séculos foram governados por uma complexa casta sacerdotal altamente corrupta. De vez em quando os sacerdotes de um templo levantam o povo contra os sacerdotes doutro templo e gera-se violência, como uma tempestade de Verão - e, tal como uma tempestade de Verão, logo passa. Mas estas confusões periódicas criam problemas aos administradores.

Embora eu esteja feliz por não ser Babilónio de nascença, devo dizer que não há outro lugar na Terra que satisfaça tão bem os gostos dos jovens, especialmente dos jovens criados à austera maneira persa.

Ao pôr do Sol entrámos pelas portas de Ishtar, assim chamada em homenagem a uma deusa semelhante a Anahita ou Afrodite, salvo que é homem e mulher ao mesmo tempo. Sob qualquer das formas, Ishtar é sexualmente insaciável e o seu culto dá o tom a toda a cidade. A porta de Ishtar é na realidade duas portas - uma na muralha exterior da cidade, outra na muralha interior. Os portões enormes estão cobertos de ladrilhos vidrados de azul, amarelo e preto e que representam todo o tipo de feras estranhas e terríveis, incluindo dragões. O efeito é mais assustador do que belo. Das nove portas da cidade - todas elas com nomes de deuses - as de Ishtar são as mais importantes, pois conduzem directamente até ao coração da margem esquerda de Babilónia, onde ficam os templos, os palácios e os tesouros.

Logo a seguir ao primeiro portão, Mardónio foi cumprimentado pelo verdadeiro governador da cidade e pela sua comitiva. Por razões óbvias, a identidade de Xerxes e a minha foi mantida secreta. Éramos simplesmente os companheiros do governador do terceiro mês.

, Depois da oferta ritual do pão e da água, fomos escoltados ao longo da via processional. Esta avenida impressionante está

pavimentada com lajes de pedra calcária bem ajustadas umas às outras. De ambos os lados da via processional, as paredes dos edifícios estão cobertas com mosaicos esmaltados representando leões.

À esquerda da avenida processional fica um templo a um deus-demónio qualquer; à direita fica o chamado palácio novo, construído pelo rei Nabucodonosor em quinze dias, segundo os habitantes. Último rei-herói de Babilónia, Nabucodonosor expulsou os Egípcios da Ásia; conquistou Tiro e Jerusalém. Infelizmente, como tantos Babilónios, era um religioso fanático. Não negarei que não tinha escolha: os sacerdotes de Bel Marduk controlam a cidade,

e nenhum rei de Babilónia é verdadeiramente rei sem se vestir de sacerdote e pegar, literalmente, nas mãos de Bel, o que significa que deve apertar as mãos da estátua dourada de Bel Marduk no grande templo. Ciro, Cambises, Dário e Xerxes, todos eles pegaram nas mãos de Bel.
A maior parte dos últimos dias de Nabucodonosor foram passados em cerimónias religiosas, durante as quais era frequente ele afirmar que era a cabra do sacrifício. Numa ocasião pôs-se de gatas e comeu erva nos jardins suspensos. Mas ao contrário da cabra, nunca foi sacrificado de facto. Morreu completamente louco cerca de cinquenta anos antes da nossa visita a Babilónia. Nunca conheci um Babilónio que não gostasse de falar dele. Foi o último verdadeiro rei dos Babilónios. A propósito, ele descendia de uma antiga estirpe caldeia, como descende - tenho tanta certeza nisto como se pode ter sem provas - a família Spitama.
Trinta anos depois da morte de Nabucodonosor, Ciro foi bem recebido em Babilónia pelo partido anticlerical, uma associação de mercadores e cambistas internacionais que tinha deposto o último rei, uma figura apagada de nome Nabonido. Como este muito estranho soberano apenas se interessava por arqueologia, podia ser geralmente encontrado não em Babilónia mas no deserto, desenterrando as cidades perdidas da Suméria. Devido à imersão total do rei nas coisas do passado, os sacerdotes tomaram a seu cargo as coisas do presente. Governavam o Estado e deixaram-no ir à ruína ou, propriamente falando, à glória, uma vez que foi para Ciro.
Foram-nos dados uns apartamentos esplêndidos no palácio novo. Directamente por baixo dos nossos aposentos ficava a ponte de pedra que une a margem esquerda à margem direita da cidade. Todas as noites os tabuleiros de madeira da ponte são levantados para que os ladrões não possam atravessar de um lado para o outro.
Por baixo do rio Nabucodonosor construiu um túnel. Esta obra notável de engenharia tem cerca de seis metros de largura e quase

outros tantos de altura. Devido às constantes infiltrações do Eufrates, o piso e as alturas são assustadoramente lamacentos e o ar é pestilento, não só por causa dos bois que puxam as carroças mas pelo fumo do pez dos archotes que cada viajante é encorajado a alugar à entrada. Eu estava já quase sem ar quando chegámos ao outro lado e Xerxes disse que se sentia como se tivesse sido enterrado vivo. Todavia o túnel está em funcionamento desde há meio século sem acidentes.
Os nossos apartamentos ficavam no topo do palácio novo, uns quatro andares mais elevado que a cidade. De uma varanda central tínhamos uma óptima vista daquilo a que os Babilónios chamam um zigurat, ou lugar alto. O zigurat em

questão é conhecido como a Casa da Fundação do Céu e da Terra. É o maior edifício do Mundo, tornando pequena mesmo a maior das pirâmides egípcias - ou assim os Babilónios gostam de dizer. Nunca fui ao Egipto.
Sete enormes cubos de tijolo foram colocados uns em cima dos outros. O cubo maior é a base; o mais pequeno o topo. Uma escadaria contorna toda a forma piramidal. Como cada nível é consagrado a uma divindade, cada cubo tem uma cor diferente. À luz do luar podíamos mesmo distinguir os fantasmagóricos e brilhantes azuis, vermelhos e verdes dos vários deuses do Sol, da Lua e das estrelas.
Perto do zigurat fica o templo de Bel Marduk, um conjunto de enormes edifícios cor de lama e pátios poeirentos. O templo não é especialmente bonito de fora, exceptuando-se as altas portas de bronze que dão para a sala do deus. Realmente só há uma coisa digna de nota no templo: o facto de se dizer que é exactamente igual ao de há três mil anos. O verdadeiro deus ou espírito desta cidade é a imutabilidade. A nada é permitido mudar.
é uma pena que tão poucos Atenienses visitem Babilónia. Podiam aprender aí a serem humildes diante da duração do tempo e da brevidade das nossas mesquinhas existências... para não falar já das obras. Na presença de tanta História, não é de admirar que os cabelos pretos vivam tão inteiramente para o prazer do aqui e agora. No fundo, Babilónia é um lugar muito bem calculado para deprimir os ambiciosos. De certeza que nenhum dos nossos Grandes Reis gostava realmente de ter a sua corte aqui. Foi Xerxes, finalmente, que quebrou o que tinha sido uma prática anual desde Ciro.
O governador da cidade tinha-nos preparado um banquete nos jardins no telhado do palácio novo. Estes célebres jardins foram criados para Nabucodonosor. Primeiro, os engenheiros construíram uma série de colunatas bastante fortes para suportarem dois metros

de terra. Então plantaram árvores e flores para fazer feliz uma rainha saudosa - se é que isso é possível! - de Ectabana. Por fim instalaram bombas mecânicas. Dia e noite, continuamente, baldes de água do Eufrates alimentam os jardins suspensos. Como resultado, até mesmo no pino do Verão os jardins estão verdes e frescos. Devo dizer que uma pessoa sentar-se num bosque de pinheiros no alto de um palácio rodeado de palmeiras é um prazer sem igual.
Pela primeira vez nas nossas vidas éramos homens livres e lembro essa noite como uma das mais mágicas que já passei. Estávamos reclinados em leitos por baixo do que pareciam ser, com o luar, glicínias prateadas. Ainda hoje não sinto o perfume das glicínias sem me lembrar de Babilónia... e da juventude. Não, Demócrito, ver ou tocar a prata não estimula a memória. Não sou nem mercador

nem banqueiro.
O governador da cidade usava um turbante de ouro e tinha uma vara de marfim. Embora soubesse quem era Xerxes, conseguiu conter aquele terror que o Grande Rei e os seus filhos muitas vezes inspiram. Anfitrião muitíssimo solícito, apresentou-nos uma dúzia de raparigas bem treinadas nas artes de Ishtar.
- O sátrapa Zópiros está na sua casa do rio, jovens senhores -, disse o governador. - Há meses que tem estado doente. Se não fosse isso, estaria aqui a receber-vos pessoalmente.
- Manda-lhe os nossos cumprimentos -. Mardónio desempenhava com todo o prazer o papel de governador, enquanto Xerxes e eu fingíamos bajulá-lo na melhor tradição da corte. Mais tarde concordámos que tinha sido uma sorte não termos sido recebidos pelo sátrapa, pois ele seria obrigado a beijar os companheiros do Grande Rei, e Zópiros, claro, não tinha lábios... nem nariz, nem orelhas.
Quando Dário sitiou Babilónia pela segunda vez, a cidade resistiu durante quase dois anos. Zópiros era filho de um de Os Seis e oficial do exército persa. Por fim Zópiros perguntou ao Grande Rei quanto significava para ele a posse de Babilónia. Uma pergunta um tanto descabida, acho eu, ao fim de dezanove meses de cerco. Quando Dário reconheceu que a cidade era mais importante do que tudo para ele, Zópiros disse que daria ao Grande Rei Babilónia de presente. Zópiros chamou um magarefe e ordenou-lhe que lhe cortasse as orelhas, os lábios e o nariz. Em seguida passou-se para os Babilónios. Apontando para a sua cabeça desfigurada, disse: - Vede o que o Grande Rei me fez! -. Acreditaram nele. Naquele estado, quem não acreditaria?

Zópiros acabou por ser admitido nos conselhos supremos dos sacerdotes que governavam a cidade. Quando as provisões começaram a escassear, aconselhou-os a matar a maior parte das mulheres, com o fim de arranjar comida suficiente para os soldados. Cinquenta mil mulheres foram mortas. Então, numa noite, quando os Babilónios celebravam uma das suas cerimónias religiosas, Zópiros abriu as Portas de Nannar e Babilónia foi mais uma vez conquistada.
A justiça de Dário foi célere. Três mil homens foram crucificados fora das muralhas. As portas da cidade e uma parte da muralha exterior foram demolidas. Com o fim de repovoar a cidade, Ciro importou milhares de mulheres de diversas partes do Mundo. Aquando da nossa visita as senhoras estrangeiras tinham feito o seu trabalho e a maioria da população da cidade tinha menos de dezasseis anos.
Tal como os costumes exigiam, Dário voltou a pegar nas mãos de Bel e tornou-se - mais uma vez - rei legítimo de Babel, como era conhecida a nação. Então fez

de Zópiros sátrapa vitalício. O que é curioso é que encontrei o neto de Zópiros ainda há poucos dias na ágora. É mercador, disse-me, e "já não é persa". Respondi-lhe que haveria de ser sempre o neto do homem a quem Dário chamava o maior persa desde Ciro. Bom, nós não somos responsáveis pelos nossos descendentes. Ironicamente este neto chama-se Zópiros; é filho de Megabizos, até há pouco o melhor general da Pérsia.
- Onde está o tesouro da rainha Nitocris? - Mardónio queria brincar.
- Juro-te, Senhor, que não está no túmulo -. Os modos do governador eram tão sérios que nós não conseguimos conter o riso.
- Tal como o Grande Rei ficou a saber -. Xerxes bebia copos de cerveja seguidos. Era capaz de beber mais do que qualquer outro homem que eu conhecesse e sem que se lhe notassem os efeitos. Devo também notar que com dezanove anos ele era extraordinariamente belo e naquela noite, ao luar, os olhos claros pareciam duas adularias e a barba uma pele de raposa da Scítia.
- Como - perguntei - foi possível que uma mulher fosse soberana deste país?
- Porque, Senhor, determinadas rainhas nossas fingiam que eram homens, à maneira egípcia. E, é claro, a deusa Ishtar é homem e mulher ao mesmo tempo.
- É nossa vontade ver o seu templo -, disse Xerxes.
- Talvez o famoso tesouro esteja lá escondido -, disse Mardónio.
Retrospectivamente vejo agora como Dário tinha compreendido

tão perfeitamente o jovial Mardónio. A piada que Dário dissera sobre a possibilidade de se fazer fortuna num mês era a sério. O Grande Rei sabia, já naquele tempo, o que me levou anos a aprender - que o meu amigo Mardónio era um homem muito avarento.
Xerxes queria ver o túmulo da rainha, que está colocado por cima de uma das portas da cidade. Na parede interior do portão está gravada a frase: "Caso algum futuro rei das minhas terras precise de dinheiro, que abra o meu túmulo."
Como Dário estava sempre com falta de dinheiro, ordenou que o túmulo da rainha fosse aberto. Salvo o corpo da rainha, conservado em mel, não havia mais nada no sepulcro excepto uma placa de pedra, na qual ela tinha escrito: "Se tivesses sido menos cobiçoso e importuno, não te terias tornado ladrão de túmulos." Dário lançou pessoalmente o corpo da rainha ao Eufrates. Não foi muito delicado; mas ele estava realmente furioso.
O governador garantiu-nos que o tesouro de Nitocris era simplesmente uma lenda. Por outro lado, embora não o mencionasse, o que parecia ser a maior parte do ouro do Mundo estava à vista, no templo de Bel Marduk.
Anos mais tarde Xerxes retirou todos os objectos de ouro do templo, incluindo a estátua de Bel Marduk. Em seguida fundiu tudo para fazer dáricos - moedas de

ouro - para pagar as guerras gregas. Como era de esperar, os Babilónios de hoje gostam de dizer que os problemas posteriores de Xerxes se deveram inteiramente a este sacrilégio, o que é um disparate. A verdade dos factos é que Ciro e Dário e o jovem Xerxes fizeram demasiadas concessões aos inúmeros deuses locais do império. Embora os nossos Grandes Reis, astutamente, consintam que os povos adorem as suas divindades, eles próprios nunca deveriam reconhecer nenhum outro deus além do Senhor da Sabedoria. Meia Verdade é o mesmo que a Mentira toda, disse Zoroastro.
Zópiros demonstrou ser o anfitrião perfeito. Deixou-se ficar na sua casa do rio e nós nunca o vimos. Disfarçados de Medos vulgares, éramos livres de explorar a cidade. É escusado dizer que os guardas nunca estavam muito longe de Xerxes; a rainha Atossa tratara disso. De facto, tinha mesmo ido ter com Dário e implorado que mantivesse Xerxes em casa. Mas como uma promessa feita pelo Grande Rei não pode ser desfeita, Atossa insistiu em que, pelo menos, lhe fosse permitido escolher os guardas de Xerxes. Obrigou-me a jurar que vigiaria Mardónio. Ela achava-o capaz de matar Xerxes e nada que eu pudesse dizer a convenceria do contrário. - O pai dele é Góbrias. O sobrinho dele é Artobazanes. É o bastante. Isto é uma

conspiração. No momento em que o meu filho fique sozinho em Babilónia... -. Mas desta vez Atossa não tinha razão. Mardónio era dedicado a Xerxes. Mais precisamente, não gostava do seu pai e não sentia nada pelo seu sobrinho Artobazanes.
Como todos os visitantes de Babilónia, fomos direitos ao templo de Ishtar, onde as mulheres se prostituem. Segundo uma antiga lei local, cada mulher de Babilónia é obrigada a ir, uma vez na vida, ao templo de Ishtar e esperar no pátio que um homem lhe ofereça prata para fazer amor com ele. O primeiro que lhe oferecer dinheiro, leva-a. Noutros templos da deusa, homens novos e rapazes actuam como prostitutos, e o homem que vá com um catamita do templo é considerado como tendo ganho a bênção especial da deusa. Felizmente para o macho babilónico, ele não é obrigado a ser, uma vez na vida, prostituto do templo. Só as mulheres é que têm essa honra.
De olhos esbugalhados, nós os três parámos à entrada do pátio exterior. Talvez umas mil mulheres de todos os tamanhos, formas, idades e classes estavam sentadas no chão, debaixo de um Sol escaldante. Não havia toldos. O pórtico do outro extremo do pátio é reservado aos lânguidos eunucos do templo, que velam para que os visitantes não saíam das linhas que foram traçadas no chão. Cada homem é obrigado a seguir uma determinada linha. Doutro modo a confusão seria enorme. Entre as linhas estão as mulheres sentadas.

Bastante curiosamente, os homens de Babilónia raramente visitam o templo. Suponho que já estejam habituados a ele. De resto, devem ter um certo embaraço em ver as suas esposas ou irmãs ou filhas a servir a deusa. Felizmente vem um número suficiente de estrangeiros de todas as partes do Mundo ajudar as senhoras a obter a bênção de Ishtar.
Em fila indiana, Xerxes, Mardónio e eu seguimos uma linha que conduzia a um grupo de mulheres sentadas. Tínhamos sido avisados de que as que parecessem estar a gostar daquilo são prostitutas que fingem estar a servir Ishtar pela segunda vez. Apesar de às vezes serem atraentes, essas mulheres devem ser evitadas. Devem preferir-se as mulheres com ar pensativo e sério, como se se tivessem separado daqueles corpos que oferecem à divindade.
Como a maioria dos homens que vão ao recinto sagrado não são propriamente atraentes, imagino que alegria não será para um padeiro mal feito de corpo, digamos, ter, por uma moeda de prata, a bela filha de um distinto senhor. Deste modo, mesmo para um belo trio de príncipes persas - inflaciono a minha condição - a situação era muitíssimo atraente. Aliás, devido à nossa juventude, recebemos muitos olhares convidativos.

Segundo o costume, a escolha faz-se deixando cair a moeda no colo da mulher. Ela então levanta-se, pega-te pelo braço e conduz-te para o interior do templo, onde centenas de divisórias de madeira foram levantadas para criar uma série de celas sem portas. Encontrando uma cela vazia, copulas no chão. Embora os espectadores não sejam encorajados pelos eunucos, as mulheres ou os homens bonitos atraem com frequência uma plateia considerável... durante um momento. As circunstâncias são tais que a pressa precipitada tende a ser a regra no serviço de Ishtar. Se para outro fim não fosse, queimam tanto incenso em braseiros para disfarçar o odor omnipresente da sexualidade que não só o ar asfixiante é de um azul tão opaco que, se te demoras muito tempo na celebração da deusa, corres o risco de também ficares azul.
Enquanto a maioria dos estrangeiros se põem nus em pêlo, nós, jovens Persas pudicos, não tirámos roupa nenhuma, o que divertiu muito os Gregos. Em menos tempo do que leva a contar, santificámos três raparigas que nos pareciam ser da alta sociedade de Babilónia. Elas pareceram ficar satisfeitas connosco. Mas quando Mardónio perguntou à sua se ela podia voltar a vê-lo, ela disse-lhe muito séria que se o fizesse, seria amaldiçoada para sempre pela deusa Ishtar. Além disso, era casada. E agradeceu-lhe polidamente os seus serviços.
A rapariga que escolhi mostrou-se muitíssimo pouco à vontade com tudo aquilo. Disse-me que se tinha casado há pouco. Tinha querido servir Ishtar enquanto ainda era virgem mas a mãe achou melhor não. Ao que parece, demasiadas

virgens babilónicas têm tido experiências infelizes às mãos de estrangeiros grosseiros. De modo que tinha esperado até agora. Mas, disse ela, ainda bem que tinha sido assim. Ajeitámos as nossas roupas após o breve acto sexual que muito divertiu um par de homens do Norte, que não paravam de dizer em mau grego: - Mas como é que eles podem fazer alguma coisa com todas aquelas roupas vestidas? -. Ignorámo-los.
- O pior que pode acontecer - disse ela, quando vínhamos já a sair para o pátio - é apanharmos alguma doença. Realmente não há maneira de sabermos quem nos vai calhar. A minha mãe disse-me mesmo que, se um homem de aspecto porco se aproximasse de mim, eu devia fazer caretas e esgares horríveis como uma idiota. Ou por outro lado, se visse alguém que parecesse limpo, devia sorrir. Ainda bem que me sorri -. Senti-me lisonjeado, tal como ela pretendia. Quando parámos no pátio, para limpar os pulmões de todo aquele fumo de forte cheiro que tínhamos respirado, ela contou-me que "as mulheres verdadeiramente feias vêm aqui dias seguidos e às vezes

meses, à espera de um homem que as compre. Ouvi histórias de famílias que foram forçadas a pagar a um estranho que pegue na mulher. É mal feito, claro. E também um grande pecado. Mas não é um pecado tão grande aos olhos da deusa como nunca vir cá".
Despedimo-nos amigavelmente. A experiência foi muitíssimo agradável até que, passada uma semana, verifiquei que me tinha pegado piolhos. Rapei completamente os pelos do púbis, um hábito que mantenho desde então.
A área à volta do templo de Ishtar é especializada em casas de prostituição mais do tipo secular do que religioso. Geralmente estes estabelecimentos situam-se na parte de cima de lojas de vinhos e cerveja. São na sua quase totalidade possuídas por mulheres; de facto as mulheres da classe baixa de Babilónia são mais livres do que quaisquer outras mulheres do mundo inteiro. Podem possuir bens. Dominam os mercados. Vi-as trabalhar ao lado dos homens nos fornos de tijolos ou a retirar o lodo dos canais.
Depois de sairmos do templo de Ishtar, um ajudante do sátrapa encarregou-se de nós. Servia-nos de guia enquanto a uma distância discreta os guardas de Xerxes não nos perdiam de vista.
Em Babilónia as avenidas correm paralelas umas às outras. Ruas mais pequenas intersectam-nas na perpendicular. Vi cidades semelhantes na índia e no Catai, mas em mais parte nenhuma. O efeito é muito esplêndido, especialmente quando se para à sombra de um zigurat e se olha ao longo da buliçosa avenida até ao seu extremo, um baixo portão de ferro que marca a margem do rio.
Em ambos os lados de uma rua larga havia todo o tipo de doentes. Ao

aproximar-nos eles gritavam os seus sintomas. Segundo o nosso guia, "os Babilónios não confiam nos físicos. Por conseguinte, as pessoas doentes vêm para aqui. Sempre que vêem alguém que lhes pareça ser uma pessoa com conhecimentos, contam-lhe a sua doença. Se a pessoa sabe a cura, discute-a com o doente".
Enquanto observávamos, bastantes transeuntes paravam de facto para falar com os doentes e dizer-lhes que erva ou raiz podia ser eficaz.
- Demócedes ficaria escandalizado -, disse Xerxes. Ele acha que a medicina é uma arte.
- Feitiçaria, mais provavelmente -. Mardónio fez o sinal de afastar o mal.
Ao pé de uma larga escadaria que conduz ao topo da Casa da Fundação do Céu e da Terra, fomos recebidos pelo Sumo Sacerdote de Bel Marduk. Um velho iracundo, de modo nenhum impressionado com príncipes persas. Os Grandes Reis vêm e vão; a casta sacerdotal de Bel Marduk é eterna.

- Em nome do Senhor Bel Marduk, aproximai-vos -. O velho estendeu as mãos para nós. Quando Mardónio se preparava para lhe pegar nelas, retirou-as prontamente. O nosso guia nunca nos explicou como devíamos agir. Penso que não devia saber. O Sumo Sacerdote fez-nos um discurso incompreensível na antiga língua dos Babilónios. Então, abruptamente, no primeiro andar do zigurat, deixou-nos.
Até ao topo da Casa da Fundação do Céu e da Terra são mil degraus. A meio parámos, a suar como cavalos. Por baixo de nós estava a cidade, um quadrado perfeito formado pelas muralhas e dividido em dois pelo rio escuro que entra na cidade entre margens fortificadas. Como uma miragem no deserto, a nuvem verde dos jardins suspensos flutuava por cima do tijolo pardo da cidade.
O nosso guia explicou-nos o intrincado sistema de canais que não só irrigam o que é a terra mais rica do império persa mas também serve para facilitar o transporte. A água que vai até onde nós queremos é a forma mais barata de viajar, mesmo que se viaje num barco redondo babilónico. A propósito, nenhum Babilónio conseguiu explicar-me por que razão os seus barcos não só são redondos como extraordinariamente ineficazes.
Arquejantes, continuámos até ao topo do zigurat, onde duas sentinelas montavam guarda à porta de um templo pequeno de tijolo amarelo vivo.
- Que é aquilo? - perguntou Mardónio.
- Um santuário dedicado a Bel Marduk -. O guia pareceu relutante em contar-nos mais.
Na minha qualidade de autoridade religiosa, pedi para saber o que havia lá dentro. - Afinal - disse eu hipocritamente - se há lá uma imagem do deus,

devemos prestar-lhe a devida homenagem -. Zoroastro teria ficado horrorizado ao ouvir o seu neto falar tão respeitosamente de um deva. Por outro lado, teria aprovado a minha perfeita falta de sinceridade. Ele dizia sempre que vivemos num mundo que não foi feito por nós.
- Não há imagem nenhuma. Vós já vistes a única verdadeira imagem de Bel Marduk -. Nessa manhã o nosso guia tinha-nos levado ao grande templo onde nos tinha mostrado uma estátua enorme, de ouro maciço, de um homem em pé ao lado de uma mesa também de ouro maciço, sobre a qual, tal como prescrito, colocámos flores. A mão direita da estátua estava mais gasta e mais polida que o resto porque é a mão que cada rei de Babilónia foi obrigado a segurar nas suas ao longo de não se sabe quantos séculos. Em voz baixa eu tinha dito uma oração ao Senhor da Sabedoria a pedir-lhe

que destruísse o ídolo. Vinte anos mais tarde a minha oração foi ouvida.
As evasivas do guia sobre o santuário no topo do zigurat despertaram a nossa curiosidade até um ponto tal que Xerxes por fim disse: - Nós vamos entrar.
Como a possibilidade de alguém discutir com o herdeiro do Grande Rei não se põe, o nosso guia falou com os guardas. De mau humor, abriram-nos a porta do santuário e nós entrámos para uma sala sem janelas que era agradavelmente fresca depois da longa subida. Um simples candeeiro suspenso do tecto revelava todo o mobiliário da sala: uma grande cama.
- Quem dorme aqui? - perguntou Xerxes.
- O deus Bel Marduk -. O guia parecia infeliz.
- Alguma vez o viste? - perguntei.
- Não. Claro que não.
- Mas os sacerdotes vêem-no? -. Estas questões sempre me interessaram.
- Não sei.
- Então - perguntou Mardónio - como sabes que o deus dorme realmente naquela cama?
- É o que nos dizem.
- Quem? - Xerxes lançou ao homem o seu olhar cinzento de Acménida. O efeito é muito perturbante.
- As mulheres, Senhor -, segredou o guia. - Ao pôr do Sol, todas as noites, é trazida para aqui uma mulher diferente. É escolhida por Ishtar, a esposa de Bel Marduk. À meia-noite o deus aparece à mulher e possui-a.
- E como é ele? - Eu estava verdadeiramente curioso.
- As mulheres não dizem. Não se atrevem a falar. Calam-se para sempre. A lei é essa.
- Uma lei muito boa -, disse Xerxes.

Quando voltámos para o palácio novo, Mardónio ordenou ao governador da cidade que nos apresentasse os dois sacerdotes que cuidavam do santuário do topo da Casa da Fundação do Céu e da Terra.
Quando os sacerdotes chegaram, Xerxes perguntou-lhes: - Quem é que aparece realmente à mulher no santuário?
É o próprio Bel Marduk, Senhor -, responderam em coro os dois sacerdotes.
Quando deram a Mardónio a mesma resposta três vezes, ele mandou buscar um laço dos que estrangulam num instante. Quando a pergunta foi feita uma quarta vez, ficámos a saber que cada noite da semana Bel Marduk é impersonado por um sacerdote diferente.

- é exactamente o que eu pensava -. Xerxes estava satisfeito. - Hoje à noite aliviarei um dos vossos sacerdotes da sua tarefa. Hoje à noite vou ser Bel Marduk.
- Mas não és sacerdote! -. Os guardiães do zigurat estavam horrorizados.
- Mas sou capaz de fingir que sou Bel Marduk tão bem como qualquer sacerdote. É uma questão de trajo, não é verdade?
- Mas o sacerdote é Bel Marduk. Transforma-se no deus. O deus entra nele.
- Tal como por sua vez ele entra na rapariga? Pois. Percebi. Cria-se um círculo sagrado absoluto -. Xerxes foi sempre muito bom neste tipo de coisas. - Estai descansados que o deus entrará também em mim. Afinal, e digo-vos isto como confidência, só para vos sossegar, o meu pai apertou a mão a Bel Marduk.
- Mesmo assim é sacrilégio, Senhor Príncipe.
- Seja como for, esta é a minha vontade.
Xerxes disse-lhe então que Mardónio e eu o acompanharíamos ao santuário. Embora os sacerdotes estivessem horrorizados, não podiam fazer nada. Contorcendo-se no chão, imploraram-nos que ao menos nos apresentássemos com o aspecto de deuses. Xerxes iria vestido de Bel Marduk, o senhor de todos os deuses, enquanto Mardónio iria de deus-Sol Shamash e eu de deus-Lua Nannar - um deva adorado em Ur. Os sacerdotes imploraram-nos então que não falássemos com a mulher - sem dúvida porque Bel Marduk nunca fala persa com as suas noivas babilónicas.
Este momento é tão bom como qualquer outro para referir que os Babilónios adoram sessenta e cinco mil deuses. Como só o Sumo Sacerdote conhece todos os sessenta e cinco mil, é obrigado a gastar grande parte do seu tempo a ensinar os nomes ao seu herdeiro presuntivo.
Pouco antes da meia-noite subimos para o topo do zigurat. Os nossos trajos estavam à nossa espera e as sentinelas ajudaram-nos a vesti-los. Devem ter sido escolhidas especialmente para o sacrilégio pois estavam muito bem humoradas,

ao contrário dos macambúzios guardas dessa tarde.
Eu usava na cabeça o disco de prata da lua cheia. Na mão levava um bastão de prata encimado por um crescente. Mardónio ia coroado com o disco de ouro do Sol. Xerxes usava correntes de ouro; levava também um pequeno machado dourado, equipamento necessário do soberano de sessenta e cinco mil deuses indisciplinados.
Quando ficámos prontos, os guardas abriram a porta do santuário e nós entrámos. Na cama estava deitada uma rapariga ainda mais

nova do que nós. Era extremamente bonita, de cabelo negro de obsidiana e pele branca de morta, muito ao estilo babilónico. Estava nua, envolta apenas num lençol de linho do género em que se amortalham os cadáveres. Depois de um único olhar desvairado aos três resplandescentes deuses supremos de Babilónia, mostrou o branco dos olhos... e desmaiou.
Em voz baixa discutimos o que havíamos de fazer agora. Mardónio foi de opinião que a rapariga despertaria se Xerxes se lhe juntasse na cama. Xerxes concordou em honrá-la com o seu corpo. Eu fui delegado para remover o lençol de linho, o que fiz. A rapariga tinha não só um corpo maravilhoso como também conseguira desmaiar na posição mais provocante.
Avidamente Xerxes saltou para a cama.
Mardónio disse com malícia: - Os Babilónios fazem amor sem a roupa.
- Mas os deuses não -. Xerxes estava pouco à vontade.
- Principalmente os seus deuses. No fundo, tu és o primeiro homem. E ela é a primeira mulher. Ainda não inventaste as roupas.
Como já referi anteriormente, não só os homens persas não se despem uns à frente dos outros como também nunca são vistos completamente nus pelas suas esposas ou concubinas - ao contrário dos Gregos, que se apresentam modestamente vestidos à frente das suas mulheres excepto nos jogos, e desavergonhadamente nus uns com os outros. Mas este momento era singular. Afinal, nunca mais brincaríamos aos deuses em Babilónia, onde a carne nua é omnipresente, mesmo no topo da Casa da Fundação do Céu e da Terra. Éramos, de resto, jovens. Xerxes despiu-se. Fiquei impressionado com a extraordinária beleza do seu corpo. Sem dúvida saía ao Ciro de proporções perfeitas e não ao Dário de pernas um tanto arqueadas e grande tronco.
Sem nenhuma inibição Xerxes montou a rapariga, que agora estava perfeitamente consciente. Enquanto eu e Mardónio observávamos os dois vultos à luz do lampião, eles pareciam ser realmente o primeiro homem e a primeira mulher da Terra. Devo confessar que existe algo de muito estranho em Babilónia e nos seus costumes antigos.

Quando Xerxes acabou, limpou-se ao lençol de linho e nós ajudámo-lo a vestir-se. Então, com toda a dignidade, Xerxes ergueu o machado de Bel Marduk. Mas antes que pudesse falar, a rapariga sorriu e disse num persa perfeito: - Adeus, Xerxes, filho de Dário, o Acménida.
112
Xerxes quase deixou cair o machado. O vivo e esperto Mardónio disse na língua de Babilónia: - Este é Bel Marduk, rapariga. E eu sou o deus-Sol Shamash. E ali está o deus-Lua...
- Sei quem vós todos sois -. Ela estava muito segura de si para os seus treze anos de idade. - Também sou Persa. Ou meia-Persa. Já te vi em Susa, Senhor Príncipe. A ti também, Mardónio. E a Ciro Spitama.
- Os sacerdotes disseram-te quem éramos? - Xerxes estava sombrio.
A rapariga sentou-se na cama. - Não -, respondeu. Não estava nada atemorizada.
- A minha mãe é sacerdotisa de Ishtar e este ano é ela quem escolhe as raparigas para o santuário. Hoje ela disse-me que era a minha vez de ser possuída por Bel Marduk e foi o que aconteceu. Foi simplesmente uma coincidência.
Mais tarde soubemos que a mãe da rapariga era Babilónia e o pai Persa. Viviam parte do ano em Susa e o resto em Babilónia, onde o pai era aparentado com a casa bancária Egibi e filhos, uma alta recomendação aos olhos de Mardónio, que era ávido por dinheiro. A mãe da rapariga era sobrinha do último rei de Babilónia, Nabonidos, o que a tornava mais interessante aos olhos de Xerxes. Era inteligente e nada supersticiosa, o que me encantou.
Dezanove anos mais tarde Xerxes casou-se com ela. Ela é, evidentemente, a terrível Roxana. - Que tomamos por esposa - declarou Xerxes em Persépolis - como sinal do nosso amor por Babel, nosso reino leal, e pela casa de Nabucodonosor.
Na realidade Xerxes casou-se com ela porque o caso que começara tão inusitadamente no topo do zigurat continuou de modo muito satisfeito, ainda que clandestino, até à morte de Dário. Uma vez casado, Xerxes deixou de fazer amor com ela. Mas estiveram sempre em bons termos. De facto, das muitas esposas de Xerxes, Roxana era de longe a mais encantadora. Era, com toda a certeza, a melhor actriz.
- Soube perfeitamente o que ia acontecer mesmo antes de vós os três entrardes no santuário - contou-me Roxana passados anos, em Susa. - Quando o sumo sacerdote avisou a minha mãe de que o príncipe persa sacrílego pretendia fazer-se passar por Bel Marduk, ela ficou horrorizada. Ela era uma mulher muito devota e bastante estúpida. Por sorte, eu ouvi-os. Portanto, quando o sacerdote saiu, disse-lhe que estava disposta a fazer o supremo sacrifício. Eu iria ao santuário. Ela disse, Nunca! Resisti e ela bateu-me. Então disse-lhe que se não

me deixasse ir, contaria a toda a gente o sacrilégio de Xerxes. Contaria também como os sacerdotes imitam Bel Marduk.
113
Ela deixou-me ir e foi assim que fui seduzida por Xerxes e me tornei rainha da Pérsia.
Isto é um exagero. Ela não foi rainha. De facto, entre as esposas, Roxana era a sétima. Mas Xerxes teve sempre prazer na sua companhia, tal como todos os que éramos admitidos à sua presença no harém. Ela prosseguiu a tradição de Atossa de receber quem lhe agradava, mas sempre na presença de eunucos e apenas depois da menopausa.
Para surpresa de todos, a rainha Amestris não odiava Roxana. As mulheres são incompreensíveis.
114

Livro três

Começam as Guerras

1

Xerxes, mardónio e eu, durante a juventude, ligámo-nos cada vez mais uns aos outros - e não o contrário. Os Grandes Reis e os seus herdeiros não fazem amigos com tanta facilidade como fazem inimigos. Por consequência, os amigos feitos na juventude são amigos para toda a vida, se o príncipe não for louco e o amigo cobiçoso.
Com a passagem dos anos, Histaspes passava mais tempo na corte do que na Báctria. Foi sempre uma boa influência em Dário. Na verdade, se tivesse vivido mais alguns anos, tenho a certeza de que teria neutralizado a facção grega da corte, poupando-nos a essas guerras fastidiosas e caras.
Quando fiz vinte anos, Histaspes nomeou-me comandante da sua casa militar em Susa. Como não tinha forças militares fora da sua satrapia, este cargo era totalmente honorífico. Histaspes queria-me perto dele para eu o ajudar a seguir a via da Verdade, oposto à da Mentira. Eu sentia-me um impostor. Não era religioso. Deixava todas as questões respeitantes à ordem zoroastrista ao meu tio, então instalado num palácio de Susa onde, regularmente, acendia o fogo secreto para Dário. Hoje que o meu tio morreu, posso dizer que ele tinha a alma de um mercador. Mas era o primogénito de Zoroastro e isso era o que realmente importava.
Apesar das pressões constantes de Histaspes para que eu desenvolvesse todos os

meus dons espirituais e proféticos, a minha vida tinha sido tão completamente moldada pela corte do Grande Rei que não pensava senão em guerras, intrigas e viagens a lugares longínquos.

117

No vigésimo primeiro ano do reinado de Dário, por altura do solstício de Inverno, Histaspes chamou-me aos seus aposentos no palácio de Susa.

- Vamos à caça -, disse.

- Nesta época do ano, Senhor?

- Cada estação, tem a sua caça -. O velho tinha uma expressão sombria. Não fiz mais perguntas.

Embora tivesse já mais de setenta anos e padecesse invariavelmente de dores - estes dois estados confundem-se -, Histaspes recusava ser transportado de liteira mesmo nos dias mais frios do Inverno. Quando saímos de Susa, ele mantinha-se muito direito ao lado do condutor do carro. Os flocos de neve que caíam lentamente e que se pegavam à sua comprida barba branca faziam com que a sua cabeça, com a luz branca do Inverno, brilhasse. Eu montava um cavalo. Além de mim Histaspes não levava nenhuma escolta. Isto era fora do vulgar. Quando comentei o facto ele disse: - Quanto menos pessoas souberem, melhor -. Em seguida deu uma ordem ao condutor: - Para a estrada de Pasárgada.

Mas não fomos até Pasárgada. Pouco antes do meio-dia chegámos a um pavilhão de caça num vale fortemente arborizado. Este pavilhão tinha sido construído pelo último rei dos Medos e depois reconstruído por Ciro. Dário gostava de pensar que, quando estava no pavilhão, ninguém sabia onde ele estava. Mas, evidentemente, o harém sabia sempre exactamente onde estava o Grande Rei a qualquer minuto do dia e com quem. Sempre, menos neste dia.

O Grande Rei tinha chegado ao pavilhão na noite anterior no mais completo segredo. Notava-se que não tinha avisado o pessoal do pavilhão. O salão principal estava gelado. O carvão dos braseiros tinha acabado de ser aceso. Os tapetes sobre os quais o Grande Rei caminha - os seus pés nunca devem tocar a terra ou um vulgar soalho - tinham sido desenrolados tão à pressa que eu próprio me dei ao trabalho de os esticar.

Sobre um estrado estava o trono persa: uma cadeira alta dourada com um banquinho para os pés. À frente do estrado tinham sido dispostos seis tamboretes numa fila. Isto era invulgar. Na corte só o Grande Rei é que se senta. Mas eu tinha ouvido falar de certos conselhos em que personalidades importantes se sentam na presença do Grande Rei. É evidente que estava muito excitado com a ideia de ver o Grande Rei no seu papel mais autêntico e secreto, o do chefe guerreiro do clã montanhês que tinha conquistado o Mundo.

Fomos cumprimentados pelo filho de Histaspes, Artafrenes, o sátrapa da Lídia.

Embora esta poderosa personalidade tivesse o seu
118
assento real em Sardis, a capital do rico e antigo reino da Lídia que Ciro tomara a Creso, aqui era um mero criado, escravo do seu irmão mais novo, o Grande Rei. Quando abraçou o seu pai, o velho perguntou-lhe: - Ele está cá?
Na corte sabemos pela maneira como a palavra "ele" é dita, se se trata ou não do Grande Rei. Este "ele" referia-se claramente a outra pessoa.
- Sim, Senhor Pai. Está com os outros Gregos.
Já naquela época eu sabia que reuniões secretas com Gregos queriam dizer problemas.
- Tu sabes o que eu penso -. O velho Histaspes acariciava o seu braço inutilizado.
- Sei sim, Senhor Pai. Mas temos que os ouvir. As coisas estão a mudar no Ocidente.
- Quando é que não estão? - replicou, amargo, Histaspes. Julgo que Artafrenes esperava ficar a sós com o pai durante um
momento, mas antes que eu pudesse retirar-me com uma desculpa, fomos interrompidos pelo camareiro, que fez uma profunda vénia aos dois sátrapas e disse: - Vossas Senhorias querem receber os convidados do Grande Rei?
Histaspes disse que sim com a cabeça e o convidado menos importante foi o primeiro a entrar. Era o meu velho amigo, o físico Demócedes. Ele servia sempre de tradutor quando Dário recebia Gregos importantes. Seguidamente entrou Tessalo de Atenas. Depois Histieus, que não precisava de tradutor; era tão fluente na língua persa como cheio de recursos na intriga grega.
O último Grego a entrar foi um homem alto e magro e de cabelos grisalhos. Caminhava com passo lento, grave, hierático. Possuía aquele sublime à-vontade com os outros que se encontra apenas naqueles que nasceram para mandar. Xerxes tinha essa qualidade. Dário não.
O camareiro anunciou: - Hípias, filho de Pisístrato, tirano de Atenas por vontade do povo -. Histaspes atravessou a sala lentamente e abraçou o tirano. Imediatamente Demócedes se pôs ao lado deles, traduzindo rapidamente nos dois sentidos as frases cerimoniais. Histapes tratou sempre Hípias com verdadeiro respeito. Hípias era o único soberano grego que o velho suportava.
No pavilhão, as entradas e saídas do Grande Rei são sempre silenciosas. Não há tambores nem címbalos nem flautas. E assim, antes que déssemos conta, Dário estava na sua cadeira, com Xerxes ao lado direito e o general comandante Datis à esquerda.
119
Embora Dário estivesse apenas com cinquenta e poucos anos, começava a

mostrar sinais de idade. Queixava-se com frequência de dores no peito. Tinha problemas de respiração. Como Demócedes nunca contava nada sobre o seu paciente, ninguém sabia o estado exacto da saúde de Dário. Não obstante, para se precaver - bem como para observar um antigo costume medo - Dário tinha já encomendado um túmulo para si, perto de Persépolis, a umas vinte milhas a ocidente da sagrada Pasárgada.
Nesse dia Dário estava envolto em roupas pesadas de Inverno. Tirando o filete azul e branco não trazia mais nenhum sinal de realeza. Brincava constantemente com a adaga que trazia à cintura. Nunca conseguia estar absolutamente quieto - mais outro sinal de que ao contrário de Xerxes ou Hípias, não nascera soberano.
- Dei já as boas vindas ao tirano de Atenas -, disse. - Como os restantes estão sempre junto de mim, não precisam de boas vindas na minha casa -. Dário não tinha paciência com cerimónias, quando o motivo delas não era a própria cerimónia.
- Eu começo. Isto é um conselho de guerra. Sentai-vos -. Dário estava corado, como se estivesse com febre. Era achacado a febres no tempo frio.
Sentaram-se todos, menos Xerxes, Datis e eu.
- Hípias acaba de chegar de Esparta -. Isto foi um choque para todos nós, tal como Dário pretendera. Se não tivesse sido a ajuda do exército espartano, os latifundiários e os mercadores nunca teriam conseguido expulsar o popular Hípias.
Dário tirou da bainha escarlate, até meio, a sua adaga curva de prata. Ainda vejo a lâmina cintilante na zona da minha memória onde são visíveis as coisas.
- Fala, Tirano de Atenas.
Considerando o facto de que o tirano era obrigado a parar de minuto a minuto para que Demócedes pudesse traduzir o que dizia, Hípias foi não só impressionante como também eloquente.
- Grande Rei, estou-te grato por tudo quanto fizeste pela casa de Pisístrato. Permitiste que conservássemos as terras da nossa família em Sigeu. Tens sido o melhor dos soberanos supremos. E se os céus nos obrigam a sermos hóspedes de um poder terrestre, estamos felizes em sermos teus hóspedes.
Enquanto Hípias falava, Histieus olhava para Dário com toda a intensidade daquelas serpentes indianas que primeiro imobilizam com o olhar vítreo um coelho assustado e depois atacam. Mas Dário não era nenhum coelho assustado. Apesar de uma década de corte, Histieus nunca compreendeu o Grande Rei. Se o tivesse compreendido,

teria sabido que o rosto de Dado nunca dizia nada, nunca. Num conselho, o Grande Rei assemelhava-se a um monumento de pedra a si próprio.

- Mas, Grande Rei, agora desejamos voltar para a cidade donde há sete anos fomos exilados por um punhado de aristocratas que conseguiram o auxílio do exército espartano. Felizmente a aliança entre os nossos inimigos e Esparta desfez-se. Quando o rei Cleómenes consultou o oráculo da Acrópole de Atenas, foi-lhe dito que tinha sido um erro grave da parte de Esparta juntar-se aos inimigos da nossa família.
Os Gregos têm grande fé nos seus confusos e às vezes corruptos oráculos. É possível que o rei espartano tivesse sido na verdade persuadido por um oráculo que sempre tinha sido favorável à família de Pisístrato. Mas acho mais verosímil que ele encontrou incompatibilidade na facção latifundiária de Atenas, na altura liderada por um dos malditos Alcmeónidas, um homem chamado Clístenes, cujo entusiasmo pela democracia não era de molde a encantar um rei espartano muitíssimo convencional. Fosse como fosse, Cleómenes convocou um congresso de representantes de todos os Estados Gregos. O congresso teve lugar em Esparta. Cleómenes acusou Clístenes. A propósito, ouvi dizer que Cleómenes era a favor do aristocrata Iságoras para tirano - ou de qualquer outro, menos Clístenes.
Hípias defendeu brilhantemente a sua posição em Esparta. Mas os outros Gregos não ficaram convencidos e recusaram coligar-se contra Atenas pela defensável razão de que, como também temiam o exército espartano, não queriam um governo pró-espartano em Atenas. Era tão simples como isto. Mas os Gregos raramente são directos. O representante de Corinto foi particularmente subtil. Na presença de Hípias denunciou todos os tiranos, bons e maus. Vencidos na votação, os Espartanos foram obrigados a jurar que não revolucionariam Atenas.
- Nesse momento, Grande Rei, disse ao congresso que, como estudioso de longa data dos oráculos, era meu dever avisar os Coríntios de que a seu tempo a sua cidade será esmagada pela mesmíssima facção de Atenas que eles agora apoiam.
A profecia de Hípias realizou-se. Mas a verdade é que, quem conheça o carácter mercúrico dos Gregos, sabe que, mais tarde ou mais cedo, duas cidades vizinhas acabam por se zangar e que a mais forte esmaga a mais fraca e, se não desviar um rio sobre os escombros como Cróton fez a Síbaris, suja de tal modo a reputação da cidade derrotada que a verdade da guerra nunca será conhecida. Os Gregos seguem espontaneamente a Mentira. É a sua natureza.

Grande Rei, se apoiares a restauração da nossa casa, serás ajudado por Esparta. Eles renegarão o seu juramento. Seguirão o rei Cleómenes. E os usurpadores, que também são teus inimigos, serão expulsos da cidade que a sua impureza conspurcou.
Hípias calou-se. Dário fez que sim. Hípias sentou-se. Dário fez sinal a Datis. O

general comandante estava bem preparado. Falou rapidamente, ao mesmo tempo que Demócedes traduzia agilmente para Hípias o persa de sotaque medo de Datis.
- Tirano - disse Datis -, pela lei espartana há sempre dois reis. Com poderes iguais. Um dos reis de Esparta é favorável à restauração. O outro não. Antes de uma campanha militar, os reis tiram à sorte qual dos dois comanda o exército. Que aconteceria se o comando espartano da guerra contra Atenas fosse dado não ao teu aliado, o rei Cleómenes, mas ao teu inimigo, o rei Demarato?
A resposta de Hípias tinha sido igualmente bem preparada:
- Há, General, como dizes, dois reis em Esparta. Um apoia-me. O outro não. O que não me apoia deixará em breve de ser rei. O oráculo de Delfos assim o disse.
Hípias ficou de olhos no chão enquanto isto foi traduzido. Dário manteve a sua expressão de pedra. Tal como a todos nós, os oráculos gregos não o impressionavam muito. No seu tempo comprara mais do que muitos.
Hípias tornou-se mais objectivo: - Demarato será deposto porque é ilegítimo. Cleómenes disse-me que tinha provas.
Quando Dário ouviu a tradução, sorriu-se pela primeira vez:
- Tenho muito interesse - disse brandamente - em saber como é provada ou contestada a paternidade trinta anos após a concepção.
A tradução de Demócedes foi um tanto menos contundente que a piada de Dário. Mas, muito curiosamente, Hípias acabou por estar absolutamente certo. A ilegitimidade de Demarato foi provada e ele deposto. Então veio direito a Susa, onde serviu muito lealmente o Grande Rei... e Lais. Pouco depois, Cleómenes morreu louco furioso. Incapaz de parar de se morder, morreu esvaído em sangue. Demarato deliciava-se sempre que descrevia o curioso fim do seu rival.
Dário bateu palmas e o escanção trouxe-lhe um jarro de prata contendo água fervida do rio que passa por Susa. Onde quer que esteja, o Grande Rei só bebe água do rio Choaspes e nunca oferece a ninguém. Além disso só bebe vinho de Helbon, só come trigo de Assis e só usa sal do oásis de Ammon, no Egipto. Não sei como começaram estes costumes. Provavelmente são uma herança dos reis medos, que os Acménidas imitam em tantas coisas.

Enquanto Dário bebia reparei que Demócedes estudava atentamente o seu paciente: uma sede constante é sinal de febres cutâneas. Dário bebia sempre grandes quantidades de água e estava febril com frequência. Apesar disso era um homem vigoroso e capaz de resistir a todas as provações da guerra. No entanto, em todas as cortes do Mundo há sempre uma pergunta constante, embora nunca formulada: quanto tempo mais viverá o monarca? Naquele dia de Inverno, no pavilhão de caça na estrada de Pasárgada, Dário ainda tinha mais treze anos de

vida e não precisávamos de ter estado especialmente atentos às quantidades de água que bebia.
Dário limpou a barba às costas de uma mão grossa, quadrada, cheia de cicatrizes.
- Tirano de Atenas -, começou a dizer. E parou. Demócedes começou a traduzir. E também parou. Dário tinha falado grego.
Dário olhou para as traves de cedro que suportavam o tecto cheio de frinchas. O vento gelado atravessava o pavilhão e zunia. Embora os nobres persas das montanhas não devam reparar nos rigores do tempo, todos os que estávamos naquele salão tremíamos de frio, excepto o muito enroupado Dário.
O Grande Rei começou a improvisar, uma coisa que nunca o tinha visto fazer, dado que nunca tinha estado na sua presença sem ser naquelas ocasiões de cerimónia em que as perguntas e as respostas são tão rituais como as antifonias sagradas do meu avô.
- O Norte está em primeiro lugar - disse. - Aí é que está o perigo. Foi aí que o meu antepassado Ciro morreu a combater as tribos. Foi por essa razão que fui para o rio Danúbio. Foi por essa razão que fui para o rio Volga. Foi por essa razão que matei quantos Scitas encontrei. Mas nem mesmo o Grande Rei é capaz de os encontrar a todos. Eles ainda lá estão. As hordas estão sempre à espera. À espera de avançar para Sul. Um dia fá-lo-ão. Se for no meu tempo, matá-los-ei outra vez, mas... -. Dário calou-se: tinha os olhos semicerrados, como se contemplasse um campo de batalha. Talvez revivesse a sua derrota (actualmente podemos empregar a palavra correcta) nas florestas scitas. Se Histieus não tivesse conseguido impedir que os Gregos incendiassem a ponte entre a Europa e a Ásia, o exército persa teria sido destroçado. Dário nunca deixou de agradecer a Histieus. Também nunca deixou de desconfiar dele. Era por esta razão que pensava que se fosse seu hóspede, seria menos perigoso do que em sua casa, em Mileto. Isto veio a provar-se ser um erro.
Eu via que Histieus estava ansioso por nos recordar o seu papel decisivo na guerra scita, mas não se atrevia a falar sem lhe ter sido

dada licença, ao contrário do irmão do Grande Rei, Artafrenes que, em conselho, tinha o direito de falar sempre que queria.
Achei isto tudo, já agora, muito instrutivo. Quanto mais não fosse, via que, embora tivesse sido criado na corte, nada sabia da maneira como é realmente governada a Pérsia. Quando Xerxes falava comigo do seu pai, dizia apenas coisas convencionais. Histaspes às vezes resmungava sobre o filho, mas não dizia mais nada.
Foi só naquela reunião no pavilhão que comecei a compreender quem e o que era precisamente Dário, e apesar da sua idade avançada - sou tão velho agora

que naquele dia podia ser pai dele! -, consegui ter um vislumbre do jovem fogoso e matreiro que derrubou o chamado usurpador Medo e se tornou senhor do Mundo, ao mesmo tempo que mantinha a lealdade dos seus nobres que o ajudaram a subir ao trono.
Dário fez sinal ao escanção para se retirar. Em seguida voltou-se para Artafrenes. Os dois irmãos não eram nada parecidos. Artafrenes era uma versão um tanto mais grosseira do pai de ambos, Histaspes.
- Grande Rei e irmão -. Artafrenes inclinou a cabeça. Dário pestanejou; mais nada. Quando os chefes dos clãs persas se reúnem, muitas vezes é o que não é dito em palavras que é a verdadeira substância da reunião. Passados anos Xerxes contou-me que Dário possuía um vasto leque de gestos com os quais comunicava a sua vontade. Infelizmente nunca o servi de perto o tempo suficiente para aprender esse importantíssimo código.
Artafrenes começou: - Acredito que Hípias é nosso amigo, como o foi o seu pai, a quem concedemos o senhorio de Sigeu. Acredito que é do nosso interesse ver reposta em Atenas a casa de Pisístrato.
A cara de Tessalo mostrou alegria. Mas a cara de Hípias ficou tão impassível como a de Dário. Era um homem avisado, habituado às desilusões.
Artafrenes forneceria a desilusão quando de repente mudou de assunto: - Há duas semanas, em Sardis, recebi Aristágoras de Mileto.
Histieus endireitou-se no banco. Os seus olhinhos escuros estudavam cada gesto do sátrapa.
- Tal como o Grande Rei sabe - (a frase usada na corte para preparar o Grande Rei para algo que ele não sabe ou esqueceu ou não quer saber) -, Aristágoras é sobrinho, além de genro, do nosso amigo e aliado leal que hoje nos honra com a sua presença -. Artafrenes apontou para Histieus com um gesto da mão direita.

- O tirano de Mileto, que prefere, como nenhum outro, a companhia do Grande Rei a viver na sua terra natal.
Penso que Dário, aqui, sorriu. Infelizmente a sua barba era demasiado cerrada à volta dos lábios para eu ter a certeza.
- Aristágoras age em Mileto em nome do seu sogro -, disse o sátrapa. - Protesta ser-nos tão leal como ao próprio tirano. Acredito nele. Pois bem vistas as coisas, o Grande Rei nunca deixou de apoiar os tiranos das cidades gregas que lhe pertencem -. Artafrenes parou. Voltou-se para Dário. Foi trocado um olhar (em código?) entre os dois.
Dário disse: - Aristágoras é-nos muito querido -. Sorriu-se para Histieus. - Por te ser querido a ti, que és nosso amigo.
Histieus tomou o olhar de Dário como um sinal para falar. Pôs-se em pé. -

Grande Rei, o meu sobrinho é um guerreiro nato. É um comandante naval de comprovado valor.
A História do Mundo poderia ter sido diferente se neste momento alguém tivesse perguntado onde e quando e como tinha Aristágoras mostrado qualquer competência como comandante militar.
Hoje sei que Histieus e Artafrenes estavam conluiados. Mas na altura eu não passava de um rapaz inexperiente que tinha apenas a mais vaga das noções sobre onde ficavam Mileto, Sardis e Atenas, muito menos sobre o que eram. Sabia que a política persa era apoiar os tiranos gregos. Sabia também que os nossos tiranos favoritos estavam a ser constantemente exilados pela classe ascendente dos mercadores em combinação com a nobreza - se se pode empregar esta palavra para designar qualquer classe social grega. Nestas paragens a posse de dois cavalos e uma quinta com uma oliveira basta para se ser nobre.
- Aristágoras crê que a ilha de Naxos é vulnerável -, disse o sátrapa. - Se o Grande Rei lhe fornecer uma esquadra, ele jura que acrescentará Naxos ao nosso império.
De repente lembrei-me daquele dia em Ectabana, anos antes, em que Demócedes e Histieus falavam de Naxos e, apesar de inexperiente, fiz rapidamente a ligação.
- Uma vez senhores de Naxos, dominaremos a cadeia de ilhas conhecidas por Cidades. Uma vez senhores destas ilhas, o Grande Rei será senhor dos mares, bem como senhor de todas as terras.
- Eu sou senhor dos mares -, disse Dário. - Sou dono de Samos. O mar é meu.
Artafrenes fez um gesto de humildade. - Eu falava de ilhas, Grande Rei. Tu és todo poderoso, evidentemente. Mas vais precisar

de ilhas se quiseres aproximar-te, passo a passo, da Grécia continental, para que os nossos amigos possam voltar a mandar em Atenas -. Habilidosamente, Artafrenes ligou a ambição de Aristágoras em conquistar Naxos com a restauração da casa de Pisístrato, o motivo aparente deste alto conselho.
Seguiu-se um longo silêncio. Pensativo, Dário arranjava e voltava a arranjar o seu pesado manto de lã. Por fim falou: - O comércio está mau nas nossas cidades gregas. Os estaleiros pouco fazem. As receitas dos impostos caíram muito -.
Dário fitava o arranjo de lanças dispostas na parede à sua frente. - Quando Síbaris caiu, Mileto perdeu o mercado italiano. Isso é grave. Onde irá Mileto vender toda aquela lã que os italianos compravam? -. Dário olhou para Histieus.
O tirano disse: - Não há outro mercado que se lhe compare em mais sítio nenhum. Por essa razão é que rapei a cabeça quando Síbaris foi inundada.
Fiquei espantado por Dário saber o que quer que fosse sobre uma coisa tão prosaica como o comércio da lã milesiana. Mais tarde descobriria que Dário

passava a maior parte do seu tempo preocupado com rotas de caravanas, mercados mundiais, comércio. Eu tinha cometido o costumeiro erro de pensar que o Grande Rei era o mesmo em privado que em público - hierático, deslumbrante, imaterial. O contrário é que era verdade.
Com efeito, enquanto estávamos sentados naquela sala fria do pavilhão de caça, Dário tinha-se já apercebido de um ponto que escapara a todos os seus conselheiros. Enquanto eles queriam fazer dele senhor dos mares, ele queria revitalizar as estagnadas indústrias das cidades gregas jónicas da Ásia Menor. Dário preferiu sempre o ouro à glória... sem dúvida pela excelente razão de que o primeiro pode sempre comprar a segunda. - Quantos navios - perguntou - seriam necessários para conquistar Naxos?
Aristágoras é de opinião que pode tomar Naxos com cem navios de guerra -. Artafrenes falou com precisão. Nunca tinha falta de palavras. Parecia ter sempre a resposta certa para todas as perguntas. Além disso era totalmente incompetente, como os acontecimentos mais tarde provaram.
- Com duzentos navios - disse Dário - pode tornar-se senhor dos mares. Em meu nome, claro. - O sorriso de Dário era agora claramente visível e absolutamente encantador.
- Juro que ele te servirá tão lealmente como eu, Grande Rei -. Histieus disse a verdade absoluta como, mais uma vez, os acontecimentos posteriores provaram.

- Estou certo disso -. Dário então ordenou: - Serão construídas cem novas trirremes nos estaleiros das nossas cidades jónicas. Deverão estar prontas no equinócio da Primavera. Nessa altura dirigir-se-ão então para Mileto, onde se lhes juntarão cem navios da nossa esquadra de Samos. O nosso irmão, o sátrapa da Lídia, velará pela execução deste plano.
- Serás obedecido em tudo, Grande Rei -. Artafrenes deu a resposta cerimonial. Teve o cuidado de não mostrar até que ponto estava satisfeito. Por outro lado, Histieus estava claramente radiante de prazer. Apenas os Atenienses pareciam tristes: de Naxos a Atenas era um longo caminho.
- A esquadra será comandada pelo nosso mui leal almirante... A cara pesada de Histieus abria-se num largo sorriso.
- ...o nosso primo Megabetes-. Dário não pôde resistir a olhar para os lábios de Histieus que agora se cerravam.
- O segundo no comando será Aristágoras -. Quando Dário se levantou, todos nós nos curvámos profundamente. - Tal é a vontade do Grande Rei - disse Dário e, segundo o costume, nós repetimos em coro: - Tal é a vontade do Grande Rei. As guerras gregas estavam agora em marcha.
Histaspes e eu ficámos mais dois dias no pavilhão de caça. Em cada um desses

dias, Dário ofereceu-nos um festim formidável. O Grande Rei, embora jantasse sozinho com Xerxes, fazia-nos em seguida companhia para beber vinho. Como todos os montanheses se orgulham das quantidades de vinho que são capazes de beber, não me surpreendeu reparar que à medida que as libações prosseguiam, cada vez menos água do rio Choaspes era misturada ao vinho de Helbon do Grande Rei. Mas como todos os do seu clã, Dário tinha uma cabeça forte. Por mais que bebesse, nunca a perdia. Mas dava-lhe para adormecer bruscamente. Logo que isso acontecia, o escanção e o condutor do seu carro levavam-no para a cama. Na batalha do vinho os montanheses derrotaram os Gregos da planície. Com excepção de Hípias, que simplesmente parecia cada vez mais triste ao ver que de momento a sua missão tinha falhado.
De pouco mais me lembro sobre este famoso conselho. O que consigo evocar é só que Xerxes esperava tomar parte na campanha contra Naxos, mas havia algumas dúvidas em se ele seria autorizado a ir ou não.
- Eu sou o herdeiro -, disse-me ele enquanto cavalgávamos numa manhã fria e clara de Inverno. - Já foi decidido. Mas ninguém deve saber... para já.

- No harém toda a gente sabe. Não falam doutra coisa -. Isto era verdade.
- Mesmo assim, é ainda apenas um rumor até que o Grande Rei se pronuncie realmente e só o fará quando partir para a guerra -. Segundo a lei persa, o Grande Rei é obrigado a nomear o seu herdeiro antes de partir para a guerra; caso contrário, se for morto, pode haver um caos igual ao que se produziu com a morte inesperada de Cambises.
Com os cavalos a galope, o ar frio do Inverno limpava-nos o cérebro da bebedeira da noite anterior e eu não fazia ideia de que estávamos a viver o meio-dia do império persa. Ironicamente, no vigor da minha juventude e no apogeu da idade de ouro persa, sofria de constantes dores de cabeça e de peso no estômago devido àqueles intermináveis banquetes e bebedeiras. Alguns anos depois anunciei simplesmente que, como neto do profeta, só podia beber em ocasiões rituais. Esta sábia decisão permitiu-me viver até hoje. Como uma vida longa é uma maldição, concluo agora que devia ter bebido mais vinho de Helbon.

2

No VERÃO DO ano SEGUINTE EU E Mardónio partimos de Babilónia com destino a Sardis. Levávamos quatro companhias de cavalaria e oito de infantaria. Ao sairmos pelas Portas de Ishtar as damas do harém disseram-nos adeus do telhado do palácio novo; só que também os eunucos fizeram o mesmo.
Nós, jovens oficiais, tínhamos muito respeito pelos doze ou poucos mais homens

- para nós depressivamente velhos - que tinham combatido com Dário de um extremo ao outro do Mundo. Conheci inclusivamente um oficial superior que tinha conhecido realmente o meu pai; infelizmente não se lembrava de nada de interessante para me contar. O irmão de Dário, Artanes, comandava o nosso pequeno exército. Figura apagada, mais tarde ficou leproso e foi obrigado a viver sozinho num sítio desabitado. Diz-se que os leprosos possuem grandes poderes espirituais. Felizmente nunca me cheguei perto de nenhum para me certificar. Nunca me diverti tanto como nas semanas que durou a viagem de Babilónia até Sardis. Mardónio era um companheiro encantador.

Como sentíamos a falta de Xerxes, muito do afecto que cada um sentia pelo amigo ausente, transferiu-se para o outro.

Todas as noites armávamos as nossas tendas ao lado de uma das casas de posta que existem a intervalos de treze milhas ao longo das mil e quinhentas milhas de estrada de Susa a Sardis. Em seguida íamos para a farra. Cheguei mesmo a adquirir um gosto pelo vinho de palma, uma bebida muito forte e muito apreciada em Babilónia.

Lembro-me de uma determinada noite em que eu e Mardónio e várias raparigas que viajavam com o comboio das bagagens decidimos ver quanto vinho de palma conseguíamos beber. Estávamos sentados no parapeito da chamada muralha meda, uma construção velha a desfazer-se no pó de onde tinham sido moldados os seus tijolos e o asfalto. Ainda vejo a lua cheia dourada por cima de mim quando rebolei pelo parapeito. Ainda vejo o Sol igualmente dourado que me encandeava quando jazia numa duna de areia na base da alta muralha. Durante a noite caíra da muralha abaixo; a areia macia salvou-me a vida. Mardónio achou graça. Estive doente durante vários dias devido ao vinho de palma.

Seguimos com o Eufrates à nossa direita enquanto progredíamos para o mar. Fiquei impressionado com a extensão e a diversidade do nosso império. Saímos da região de Babilónia, escaldante e fortemente irrigada, atravessámos as terras desérticas da Mesopotâmia em direcção às terras altas e florestais da Frígia e da Caria. De tantas em tantas milhas, poucas, a paisagem mudava. As pessoas também. A gente do rio das terras baixas é pequena, escura, viva; têm cabeças grandes. Nas montanhas são altos, pálidos, lentos, de cabeça pequena. Nas cidades costeiras gregas há misturas raciais extraordinárias. Embora os Gregos jónicos e dóricos predominem, misturaram-se pelo casamento com os Trácios louros, os escuros Fenícios, os Egípcios pálidos como o papiro. Fisicamente a variedade humana é tão espantosa como é monótono o carácter humano.

Por razões óbvias não saímos da estrada real em Mileto. Em vez disso

abandonámos a estrada em Halicarnasso, a cidade do Grande Rei mais meridional. Os habitantes de Halicarnasso são Gregos dóricos e tradicionalmente leais à Pérsia.
Fomos muito bem recebidos pelo rei Lidagmis, que nos alojou no seu palácio à beira-mar, uma húmida construção militar de pedra cinzenta que domina a costa. Eu e Mardónio partilhávamos um quarto donde se avistavam ao longe as alturas verdes da ilha de Cos. Eu estava sempre à janela. Via o mar pela primeira vez. Devo ter sangue de marinheiro nas veias - dos antepassados de Lais? - porque não conseguia deixar de olhar para aquelas águas agitadas

de cor púrpura. Comandadas pelos ventos do Outono, grossas vagas batiam na base do palácio marinho com um tal estrondo que eu não conseguia dormir de noite, enquanto nos intervalos entre as vagas ouvia - se forçasse o ouvido, e era o que fazia - a espuma do mar, que borbulhava e murmurava por baixo da janela. Mardónio achava que o meu fascínio pelo mar era absurdo. - Espera só até embarcares! Vais enjoar. Os Magos enjoam sempre -. Desde os nossos tempos de rapazes, Mardónio gostava de me chamar o Mago. Como não o fazia por mal, nunca me ressenti muito do epíteto.
Naquele tempo eu conhecia Mardónio tão bem que de certo modo não sabia verdadeiramente nada dele. Nunca examinava o seu carácter como fazemos com os novos conhecidos ou com aquelas personalidades importantes que temos o privilégio de observar à distância.
Como Mardónio iria tornar-me mundialmente famoso, creio que devo tentar evocar como ele era em jovem e - o que é muito importante - como ele era quando estávamos em Halicarnasso e comecei a aperceber-me de que não era apenas mais um jovem nobre cuja única distinção lhe advinha da posição da sua família e do seu lugar à mesa de Xerxes.
Soubera sempre que Mardónio era rápido a tirar vantagem de todas as situações em que se encontrava. Era além disso de um secretismo total quanto aos seus actos, para não falar dos motivos. Raramente se fazia a mais pequena ideia do que ele tramava. Nunca se revelava de boa vontade. Mas em Helicarnasso fiquei a saber bastante sobre o homem que ele era. Se tivesse sido mais atento, poderia ter começado a compreendê-lo. Se o tivesse compreendido... Bom, não adianta especular sobre o que poderia ter sido.
O que era, era isto.
Éramos vinte naquela noite em que fomos recebidos pelo rei Lidagmis. Homem de aspecto insignificante de cinquenta e poucos anos, Lidagmis estava reclinado num leito no outro extremo da sala; à sua direita estava o irmão do Grande Rei, Artanes, à esquerda estava Mardónio, o segundo persa de melhor condição

presente na sala. Os restantes estávamos dispostos num semicírculo à frente das três personalidades. Escravos trouxeram-nos, a cada um de nós, uma mesa de três pés carregada com toda a espécie de peixe. Nessa noite comi a minha primeira ostra e vi, sem que me atrevesse a tocar-lhe, uma lula, cozinhada na sua própria tinta.
O salão do banquete era uma sala grande no algo gelado e sempre - em minha opinião - inacabado estilo dórico. Uma esteira

de junco cobria o chão, donde a água do mar nunca deixava de escorrer. Não é de admirar que os governantes de Halicarnasso sejam propensos a doenças que endurecem as articulações.
Logo por trás de Lidagmis estava uma cadeira onde se sentava a filha do rei, Artemísia. Era uma rapariga esbelta de cabelos louros. Como o seu marido estava constantemente doente, ela jantava com o pai como se fosse o seu genro. Dizia-se que tinha um irmão que era louco. E por conseguinte, pela lei dórica, ela é que era a herdeira legítima do rei. Tal como os outros, eu não conseguia desviar os olhos dela. Se por outra coisa não fosse, era porque era a primeira vez que jantava na presença doutra senhora que não Lais. Os meus companheiros persas estavam igualmente perplexos.
Embora Artemísia não falasse, a não ser quando interpelada pelo pai, ouvia com toda a atenção o que se dizia e comportava-se com modéstia. Eu estava demasiado longe para ouvir uma palavra do que ela dizia. Mas aprendi a comer ouriço-do-mar observando a maneira delicada como ela retirava, com os dedos, a carne do centro da concha espinhosa. Ainda hoje não posso ver um ouriço-do-mar sem pensar em Artemísia. Embora, para ser preciso, já não coma ouriços-do-mar. São muito perigosos para os cegos. Talvez isto explique por que razão há tantos anos não penso em Artemísia.
Bebeu-se muito vinho à moda dórica, que é igual à trácia. Um corno cheio de vinho é passado à volta. Bebe-se longamente e depois passa-se o corno ao vizinho do lado. As últimas gotas do corno são sempre espargidas sobre a pessoa mais próxima do bebedor. Esta porcaria é considerada como dando boa sorte.
Quando me fui deitar, Mardónio não estava no quarto. De madrugada, ao acordar, estava ao meu lado na cama e dormia profundamente. Acordei-o e propus-lhe que visitássemos o porto.
Não penso que exista outra parte do Mundo mais bela do que a costa da Ásia Menor. A região é acidentada e cheia de reentrâncias bizarras. As colinas são densamente arborizadas e as planícies férteis e bem irrigadas. Ao longe, aguçadas montanhas azuis parecem como templos do fogo singulares erigidos ao Senhor da Sabedoria; todavia, naquele tempo, o Senhor da Sabedoria era

desconhecido naquela bela e espiritualmente pobre parte do Mundo.
O porto estava cheio de navios de todas as espécies e o ar cheirava ao pez que os marinheiros usam para calafetar os cascos e os tombadilhos. Assim que os barcos de pesca atracavam, os homens lançavam para terra redes cheias de peixes brilhantes e a contorcer-se e, no cais, os mercadores começavam a regatear. O barulho era ensurdecedor mas alegre. Gosto de portos de mar.

Um pouco antes do meio-dia ou da hora do pleno mercado - uma frase grega que ouvi em Halicarnasso - um marinheiro alto aproximou-se de nós, vindo do molhe. Saudou gravemente Mardónio, que me apresentou a Scilax. Mardónio julgava que eu conhecia o nome, mas tenho vergonha de dizer que nunca tinha ouvido falar do homem que era, até àquela data, o melhor navegador do Mundo. Grego da vizinha Caria, Scilax era com frequência enviado por Dário em expedições. Foi ele que cartografou o oceano ao sul da índia, assim como as zonas mais ocidentais do Mediterrâneo. Foi ele quem persuadiu Dário a construir o canal entre o Mediterrâneo e o mar Arábico. Quando Xerxes se tornou Grande Rei, quis que Scilax circum-navegasse a África. Infelizmente o Cario estava já demasiado velho para fazer a viagem.
- Vai haver guerra? - perguntou Mardónio.
- Tu é que sabes, Senhor -. Scilax enviesou o olhar, baixando-o sobre Mardónio. Como muitos marinheiros, tinha os olhos sempre semicerrados, como se tivesse olhado fixamente muitas vezes para o Sol. Embora tivesse a pele da cara negra como a de um núbio devido à exposição ao ar, o pescoço era branco como a espuma do mar.
- Mas tu és Grego -. Com aqueles que considerava, mesmo que temporariamente, seus iguais, os modos de Mardónio tinham sempre uma ironia ácida. - Que está a fazer Aristágoras?
- Não tem estado aqui. Está no norte, ao que dizem. Duvido que desça tanto a sul. Nós somos Dórios, como sabes. Temos o nosso próprio rei. Aqui não há tiranos.
- De que tamanho é a esquadra dele?
Scilax sorriu. - Por mais navios que tenha, Aristágoras há-de conseguir afundá-los a todos.
- Não é um senhor dos mares?
- Não, não é um senhor dos mares. Mas - e Scilax franziu o sobrolho - se Histieus estivesse em Mileto, ele seria senhor dos mares.
- Considera-lo realmente bom? -. Tal como todos os jovens cortesãos da nossa geração, Mardónio tinha como certo que os homens da corte mais velhos do que nós nos eram necessariamente inferiores em todos os aspectos. A juventude

tende para este tipo de parvoíce.
- Conheço-o bem. E o Grande Rei também. Dário tem razão em mantê-lo junto de si. Histieus podia ser um homem perigoso.
- Lembrar-me-ei disso.
132
Scilax retirou-se e Mardónio e eu subimos as ruas estreitas que conduzem do porto buliçoso e a cheirar a peixe ao palácio marinho de Lidagmis.
Falámos da guerra que se aproximava. Como não tínhamos nenhumas informações, não éramos diferentes dos rapazinhos da escola que até há bem pouco tempo tínhamos sido e, tal como os rapazinhos, discutíamos as grandes proezas que faríamos um dia, quando fôssemos grandes. Felizmente o futuro era - e é sempre - um perfeito mistério.
No palácio marinho Mardónio voltou-se para mim e disse: - Há uma pessoa que quer falar contigo. Uma pessoa que se interessa muito pelo Senhor da Sabedoria -. Embora nunca se atrevesse a troçar abertamente da religião dos Acménidas, Mardónio tinha o dom de Atossa de ofender delicadamente sempre que o assunto vinha à baila.
- Sou um seguidor da Verdade - contrapus secamente, como sempre respondo quando outros esperam que eu reflicta a sabedoria do Senhor da Sabedoria.
Para meu espanto fomos conduzidos por duas velhas para os aposentos de Artemísia. Naquele tempo os eunucos eram desconhecidos nas cortes dóricas. Quando entrámos na sala pequena, Artemísia ergueu-se para nos cumprimentar. Ao perto vi que não era nada feia. Artemísia fez sinal às duas mulheres para que se retirassem.
- Sentai-vos -, disse Artemísia. - Cumprimento-vos em nome do meu marido. Ele queria receber-vos, aos dois. Mas não se sente bem. Está no quarto ao lado -. Artemísia apontou para uma porta de madeira trabalhada, uma tosca abertura numa parede de pedra sem qualquer ornamento. As únicas artes que os Dórios conhecem são a guerra e o roubo.
Artemísia começou por me fazer algumas perguntas superficiais sobre o Senhor da Sabedoria. Só depois da minha décima segunda resposta superficial é que percebi que Mardónio tinha dormido com Artemísia nessa noite. E naquele momento usava-me para lhe fazer uma visita respeitável à luz do dia, com a razão plausível de que nada poderia ser mais natural do que a filha de um rei discutir religião com o neto do profeta.
Irritado deixei de responder às perguntas da rapariga. Ela quase nem deu conta. Continuava de olhos postos em Mardónio, como se quisesse devorá-lo ali mesmo, naquele momento, da mesma forma com que tão destramente tinha conseguido comer uma série de ouriços cheios de espinhos na noite anterior.

Quando Mardónio viu que eu não colaborava, falou ele de religião com ela, e ela escutou-o solenemente. Mas por fim Mardónio esgotou o seu repertório de textos religiosos. Sabia tão pouco do Senhor da Sabedoria como eu do seu adorado Mitra.
Acabámos por ficar os três calados. Enquanto os amantes se olhavam, eu fingia estar perdido numa visão do fim do tempo do longo domínio. Sei fazê-lo muito bem. Melhor até do que o meu primo, o actual herdeiro de Zoroastro, que parece sempre estar a tentar vender às pessoas a carga de tapetes de um camelo.
O rei Lidagmis entrou, sem fanfarra - para dizer o mínimo: entrou na sala claramente a rastejar. Surpresos, pusemo-nos em pé de um salto. Se sabia que Artemísia e Mardónio tinham feito amor no chão daquela mesma sala nessa noite, não traiu nada. Em vez disso, tratou-nos com toda a gravidade própria de um anfitrião que sabe como receber os companheiros de mesa - ou antes, o companheiro: Mardónio jantava com Dário - do Grande Rei. Eu nunca jantei com Dário. Mais tarde, evidentemente, seria companheiro de mesa de Xerxes até ao fim da sua vida. Era uma grande honra, dado que eu nem era de condição real nem um de Os Seis.
- Ciro Spitama é neto de Zoroastro -, disse Artemísia. Não estava absolutamente nada perturbada com a situação. Era claro que Mardónio não tinha sido o primeiro a gozá-la.
- Eu sei. Eu sei -. O rei Lidagmis mostrou-se benigno. - Avisaram-me de que tinhas recebido estes dois ilustres e jovens príncipes. Ficaste tão encantada com eles que te esqueceste de que ias passear a cavalo comigo no parque.
Artemísia pediu desculpas súbitas. - Esqueci-me. Lamento. Eles também podem vir?
- Claro. Se lhes apraz.
- Ir aonde? - perguntou Mardónio.
- Vamos caçar veados -, disse Artemísia. - Vinde connosco. De modo que aquele curioso dia terminou comigo e Mardónio
a caçar veados invisíveis na companhia de Lidagmis e Artemísia. A rapariga, bastante provocatoriamente, cavalgava à nossa frente, de capa ao vento e dardo em riste na mão.
- Ela é como a deusa Artemis, não é? -. Lidagmis tinha orgulho na sua filha amazona.
- Mais bela, mais hábil -, disse Mardónio, sem olhar para mim.
Como Artemis é um demónio importante, fiz um gesto de esconjuração do mal; e fui demasiado bem sucedido. Artemísia foi imediatamente derrubada do cavalo por um ramo baixo. Como era eu

quem seguia mais perto da dama, ouvi-a praguejar como um soldado da cavalaria dórica. Mas quando Mardónio se aproximou o suficiente para poder ouvi-la, começou a chorar baixinho. Ternamente, Mardónio ajudou-a a montar.
Na estrada de Halicarnasso para Sardis discutimos Artemísia com algum pormenor. Mardónio confessou que a tinha seduzido. - Ou o contrário -, acrescentou -. Ela tem uma vontade muito forte. As damas dóricas são todas assim?
- Não conheço nenhuma. Lais é Jónia.
Lado a lado, atravessámos um desfiladeiro densamente arborizado. Durante a noite tinha caído uma geada fraca nas montanhas e os cascos dos cavalos faziam estalar folhas, galhos e plantas geladas. Em colunas de dois, à nossa frente e atrás de nós, a cavalaria abria caminho através de bosques frios e íngremes. Mardónio e eu seguíamos sempre a meio da coluna, logo atrás do nosso comandante, Artanes. Em caso de batalha, Artanes dirigiria o ataque a partir do centro, pois a coluna da frente forma sempre o flanco esquerdo e a coluna da rectaguarda o direito. Naturalmente, estou a falar de campo aberto. Na ravina daquela alta montanha, quem nos atacasse ter-nos-ia morto. Mas as nossas cabeças não corriam perigo... de ordem militar.
Bruscamente Mardónio disse: - Quero casar com ela.
- Mas ela é casada -. Achei isto digno de menção.
- Ele não dura muito. Ela pensa que é só uma questão de semanas, meses.
- Ela planeia... apressar-lhe o fim?
Mardónio fez que sim; estava muito sério. - No momento em que lhe disser que me posso casar, ela ficará viúva. Prometeu-mo, no chão.
- Uma esposa assim deixar-me-ia nervoso.
Mardónio riu-se: - Logo que se case comigo entra para o harém e nunca mais volta a sair. Nenhuma esposa minha receberá um homem da maneira como ela me recebeu. Ou caçará veados.
- Por que queres casar com ela?
Mardónio voltou-se e assestou em mim toda a beleza do seu rosto sorridente e de queixo quadrado. - Porque eu quero Halicarnasso, Cos, Nisiros e Calimna. Quando o pai de Artemísia morrer, ela será rainha desses lugares por direito próprio. É a lei dórica. A mãe dela também era Dória, de Creta. Artemísia disse-me que também pode reivindicar Creta. E fá-lo-á, se o seu marido for suficientemente forte.
- Isso faria de ti um senhor dos mares.

- Isso faria de mim um senhor dos mares -. Mardónio desviou o olhar. O sorriso

tinha desaparecido.
- O Grande Rei nunca autorizará esse casamento -. Fui directo. - Olha para Histieus. Logo que recebeu aquelas minas de prata na Trácia, foi chamado a Susa.
- Mas ele é Grego. Eu sou Persa. Sou sobrinho de Dário. Sou filho de Góbrias.
- Sim. E porque és quem és, esse casamento é impossível. Mardónio calou-se. Sabia, claro, que eu tinha razão e nunca se
atreveu a falar do assunto a Dário. Mas alguns anos mais tarde, quando Artemísia se tornou rainha sozinha, pediu autorização a Xerxes para casar com ela. Xerxes achou muita graça; até troçou de Mardónio: - Os montanheses - disse, do trono - não devem misturar o seu sangue com o sangue de uma raça inferior.
Xerxes sabia que Mardónio, por mais irreverente que pudesse ser, nunca se atreveria a lembrar-lhe todo o sangue acménida que ele próprio, Xerxes, tinha tão alegremente - e tão frequentemente e tão ilegalmente - misturado com o de mulheres estrangeiras. Muito curiosamente, os frutos das mulheres estrangeiras de Xerxes não vingariam. Mas para ser justo, não lhes foram dadas muitas oportunidades para mostrarem a sua qualidade. A maior parte foram mortos no reinado seguinte.

3

Chegámos a sardis no começo do Outono.
Durante toda a minha vida tinha ouvido falar desta cidade fabulosa, criada ou recriada por Creso, o homem mais rico do Mundo, cuja derrota às mãos de Ciro é assunto de milhares de baladas, peças, lendas - e até de histórias milesianas de devassidão e excesso.
Neste momento não me lembro do que esperava encontrar. Edifícios de ouro maciço, creio. Em vez deles encontrei uma cidade absolutamente incaracterística, de cerca de cinquenta mil habitantes amontoados em casas de lama e colmo. Como as ruas foram simplesmente construídas ao acaso, era ainda mais fácil uma pessoa perder-se em Sardis do que nas igualmente inóspitas Susa ou Atenas.
Depois de ajudarmos a aquartelar as nossas tropas num campo a sul da cidade, eu e Mardónio entrámos a cavalo em Sardis, onde

imediatamente nos perdemos. Para complicar tudo ainda mais, o povo nem fala persa nem grego, ao passo que ninguém mais neste Mundo fala lídio excepto os Lídios.

Cavalgámos durante horas de um lado para o outro. As varandas projectadas sobre a rua e os andares das casas eram um perigo constante... especialmente quando dissimulados por roupa a secar. Tanto eu como Mardónio achámos que as pessoas eram invulgarmente belas. Os homens fazem tranças compridas com os cabelos e têm muito orgulho na palidez da sua pele macia. Nenhum homem de posição se aventura a andar ao Sol. No entanto a cavalaria lídia é a melhor do Mundo e um esteio do exército persa.
Por fim desmontámos e levámos os cavalos ao longo do rio que passa não só pelo centro da cidade mas também pelo centro da grande praça do mercado. Quando em dúvida, segue um rio, como teria dito Ciro, o Grande.
A praça do mercado de Sardis era ainda maior do que a do mercado de Susa. Rodeadas por uma muralha de tijolo, dez mil tendas e bazares têm à venda tudo quanto há no Mundo. Enquanto deambulávamos por ali, de boca aberta como dois campónios cários, ninguém nos prestou a mínima atenção. Em Sardis oficiais persas dificilmente são novidade.
Comerciantes de todos os cantos do Mundo ofereciam os seus artigos. De Atenas havia ânforas e vasos de vinho. Da satrapia da índia, tecidos de algodão e rubis. Das montanhas persas, tapetes. Na margem do rio lamacento havia uma fila de palmeiras a que estavam amarrados uma centena de camelos. Uns estavam a ser aliviados das suas cargas exóticas, enquanto outros eram carregados com produtos lídios tais como figos pretos, harpas de doze cordas, ouro... Sim, Sardis é na verdade uma cidade do ouro, porque o rio lamacento está cheio de pó de ouro e foi o pai de Creso o primeiro que começou a bateá-lo e a transformá-lo em jóias; também foi ele que cunhou as primeiras moedas de ouro.
Nas colinas por trás de Sardis há minas do metal mais raro do Mundo, a prata. Eu tive uma moeda lídia de prata que se julgava ter mais de cem anos. Se os tinha, então foi cunhada pelo avô de Creso, e por conseguinte a cunhagem de moedas, tal como a conhecemos, teve origem na Lídia, como afirmam os Lídios. A minha moeda de prata lídia tinha um leão gravado, quase delido de tanto uso. Roubaram-ma no Catai.
- Eles são tão ricos! - exclamou Mardónio. Estava com um ar de quem era capaz de saquear o mercado sozinho.
- É porque não desperdiçam dinheiro com as casas -. Eu ainda estava desiludido com a fealdade da tão cantada cidade.

- O prazer está em primeiro lugar, creio eu -. Mardónio acenou a um mercador medo, que condescendeu em guiar-nos. Enquanto abríamos lentamente caminho através da praça do mercado, fiquei relativamente tonto com tantas cores e cheiros fortes e com o regatear cansativo em centenas de línguas.

Logo a seguir à muralha do mercado há um parque pequeno com árvores frondosas. No outro extremo do parque fica o velho palácio de Creso, uma casa de dois andares de tijolo de lama e madeira. Nele vive o sátrapa da Lídia.
Ao seguirmos atrás de um camareiro ao longo de um corredor cheio de pós até à sala do trono de Creso, Mardónio abanava a cabeça. - Se eu fosse o homem mais rico do Mundo teria certamente feito melhor do que isto.
Artafrenes estava sentado numa cadeira ao lado do trono, o qual está sempre vazio, a não ser quando o Grande Rei está presente. Surpreendeu-me ver que o trono era uma réplica perfeita, em liga de ouro e prata, do trono do leão do Grande Rei.
Embora Artafrenes estivesse em audiência com um grupo de Lídios, ergueu-se quando viu Mardónio e beijou-o na boca. Eu beijei o sátrapa na face.
- Sede bem vindos a Sardis -. Artafrenes lembrava-me mais do que nunca o seu pai, Histaspes. - Ficareis instalados aqui connosco -. Em seguida Artafrenes apresentou-nos os Lídios. Um homem muito velho era nada mais nada menos que o filho de Creso. Viria a conhecer bem esse elo fascinante com o passado.
Nos dias seguintes reunimo-nos com frequência com Artafrenes... e com os Gregos. Parecia que todos os aventureiros gregos se tinham juntado em Sardis. É escusado dizer que eram, até ao último, mercenários; e Artafrenes tinha-os contratado não só porque são excelentes soldados e marinheiros como também por serem tão inteligentes como traiçoeiros.
Demócrito é demasiado educado para discordar de mim. Mas eu vi um aspecto dos Gregos que eles usualmente não mostram uns aos outros. Vi-os na corte persa. Ouvi-os implorar ao Grande Rei que atacasse as suas cidades natais porque nenhum Grego é capaz de suportar o êxito de outro Grego. Naqueles anos, se não fossem os Gregos na corte persa, as guerras gregas não se teriam dado e Xerxes teria alargado o nosso império até à índia, até aos Himalaias e talvez até ao outro lado. Mas a categoria do que poderia ter sido já está demasiado sobrecarregada.
Hípias estava presente no primeiro conselho a que assisti em Sardis. Acompanhavam-no Tessalo e Milo, o meu velho amigo do tempo da escola.

Hípias evocou o nosso encontro no pavilhão de caça no Inverno anterior: - Depois disso tenho lido profundamente as obras do teu avô.
- Apraz-me saber que segues a Verdade, Tirano -. Fui educado. Não mencionei que naquele tempo muito pouco dos ensinamentos do meu avô tinham sido passados a escrito. Hoje, evidentemente, há um milhar de peles de vaca cobertas com orações, hinos e diálogos, todos atribuídos a Zoroastro.
Nesse primeiro conselho a que assisti em Sardis, Hípias propôs um ataque persa

em força a Mileto. O velho tirano falou com a sua gravidade habitual: - Sabemos que Aristágoras ainda está em Chipre com a sua esquadra. Sabemos que os demagogos de Atenas lhe enviaram vinte navios. Nesta altura estes navios já não devem estar longe de Chipre. Antes que as duas esquadras se encontrem, temos de retomar Mileto.
- A cidade está bem defendida -. Artafrenes foi sempre lento em comprometer-se com uma estratégia. Sem dúvida porque a essência da arte da política é saber quando não se deve fazer nada.
- Mileto - disse Hípias - começou a sua história como colónia de Atenas e ainda hoje há muitos milesianos que olham para a minha família com afecto.
Isto era um disparate. Se Mileto alguma vez foi colónia de Atenas, foi-o muito antes dos Pisistrátides. De qualquer modo, havia alguns adeptos dos tiranos em Mileto, como Aristágoras descobriu quando jogou a sua carta da independência. A classe alta da cidade recusou revoltar-se contra a Pérsia, a menos que Aristágoras lhe permitisse ter uma democracia de estilo ateniense. Por conseguinte, o aventureiro foi obrigado a dar-lhes o que eles queriam. Como viríamos a saber pouco tempo depois, a era dos tiranos tinha sido artificialmente prolongada pela política do Grande Rei em relação às cidades gregas. Ao que parecia, as classes governantes não podiam suportar nem os tiranos nem os seus aliados, o povo. De modo que hoje todas as cidades gregas são democracias de nome mas oligarquias de facto. Demócrito pensa que o sistema de governação actual de Atenas é mais complicado do que isso. Eu não acho.
Mardónio secundou a proposta de Hípias. Via uma oportunidade de se distinguir militarmente. - Será a minha consagração -, disse, numa noite em que tínhamos bebido demasiado vinho lídio. - Se me deixarem comandar o ataque a Mileto, estamos em casa no próximo Verão.
Mardónio tinha razão quando disse que a guerra seria a sua consagração. Mas não voltámos para casa no Verão seguinte. A guerra contra os rebeldes jónicos durou seis anos.
139
Ao fim de uma semana de discussão no conselho, Artafrenes decidiu utilizar metade do exército persa e metade da cavalaria lídia num ataque a Mileto. Mardónio foi designado segundo comandante, sob as ordens de Artobazanes, o filho mais velho de Dário e rival de Xerxes. Eu deveria ficar no estado-maior do sátrapa, em Sardis.
As primeiras más notícias chegaram durante uma cerimónia no templo de Cibele. Pareceu-me mesmo a propósito. Afinal, eu não tinha nada que tomar parte nos ritos de um culto demoníaco mas Artafrenes insistiu em que todo o seu estado-maior o acompanhasse ao templo. - Temos de fazer concessões aos

Lídios. Tal como nós, eles são escravos do Grande Rei. E tal como nós, eles são leais.
Vi sem prazer nenhum as sacerdotisas dançarem com os eunucos. Nem sempre era fácil dizer quais eram as sacerdotisas e quais eram os eunucos, pois estavam todos vestidos de mulher. De um modo geral, os eunucos estavam na verdade melhor vestidos que as sacerdotisas. Nunca compreendi a adoração que tantas raças ignaras têm por Anahita ou Cibele ou Artemis ou seja lá qual for o nome adoptado por essa voraz deusa-mãe.
Em Sardis, no dia da deusa, os jovens que desejam servi-la, cortam os genitais e correm pelas ruas, com as partes arrancadas na mão. Os devotos da deusa menos ambiciosos acham que dá sorte serem salpicados pelo sangue de um novo eunuco. O que não é difícil. O sangue jorra a rodos. Por fim, exausto, o eunuco voluntário lança os seus genitais cortados para dentro da porta aberta de uma casa, cujo dono é então obrigado a recolher a criatura e a tratá-la até ela recuperar completamente.
Vi esta cerimónia muitas vezes, tanto em Babilónia como em Sardis. Como os jovens têm um aspecto de loucos, penso que devem ter bebido primeiramente haoma ou outra substância alucinogénea como o mel da Cólquida, que produz alucinações. De outro modo, não consigo imaginar que uma pessoa no seu perfeito juízo deseje servir um demónio dessa maneira.
Em Sardis, nesse dia, vi um desgraçado lançar os seus genitais para dentro de uma porta aberta. Infelizmente falhou. Então prosseguiu pela rua adiante, lentamente, a esvair-se em sangue até morrer, pois é considerado uma blasfémia ir em socorro de um pretenso sacerdote de Cibele que, pelos vistos, não conseguiu encontrar um lar adequado para sua sexualidade.
A cerimónia em honra de Cibele foi interminável. O incenso era tão denso que a imagem da deusa gigantesca, que estava - está - colocada em cima de um pórtico de estilo grego, quase não se via. Ela estava no meio de um leão e um par de serpentes enroscadas.
140
O velho Ardes estava ao lado da Suma Sacerdotisa a fazer o que se esperava do último membro da casa real lídia numa ocasião tão importante. Os Sardios mantinham-se, muito correctamente, em êxtase, enquanto Artafrenes e Hípias faziam o melhor que podiam para não se mostrar aborrecidos. Mas Milo bocejava. - Detesto isto tudo -, disse-me, no seu jeito simples e arrapazado.
- Eu também -. A minha sinceridade era total.
- Ainda são piores que aqueles Magos lá da escola.
- Queres dizer piores que os Magos que seguem a Mentira -. O rigor da minha atitude era religiosamente correcto.

Milo riu-se com a boca fechada. - Se ainda és um adorador do fogo, que fazes vestido de soldado?
Antes que pudesse pensar numa resposta gelada, um cavaleiro apareceu com alarido; desmontou e amarrou o cavalo dentro do recinto do templo, cometendo sacrilégio. Artafrenes fuzilava-o com o olhar quando o homem se aproximou com uma mensagem. O olhar irado de Artafrenes tornou-se ainda mais intenso quando leu a mensagem. A esquadra jónica tinha ido ao encontro da esquadra ateniense e as duas armadas estavam agora ancoradas ao largo de Éfeso. Pior, de Mileto, no Sul, a Bizâncio, no Norte, todas as cidades gregas jónicas estavam em rebelião aberta contra o Grande Rei.
Uma semana depois Artafrenes ofereceu um banquete no palácio de Creso. Não me lembro por que razão. Do que me lembro é que foi só à meia-noite que um dos convidados deu conta que havia fogo na cidade. Como Sardis era tão mal construída, ninguém ligou muito ao facto. Ardem casas todos os dias; todos os dias são reconstruídas. O emblema de Sardis não devia ser o leão mas a fénix. Enquanto Hípias nos recordava mais uma vez o afecto que todas as cidades gregas nutriam pela sua família, chegou uma série de mensagens. Tinham desembarcado forças gregas em Éfeso. Estavam a avançar sobre Sardis. Estavam às portas da cidade. Estavam dentro da cidade. Tinham posto fogo à cidade. Artafrenes não só ficou surpreendido como também o mostrou, um sinal claro de que não era indicado para dirigir o que estava a transformar-se numa grande guerra. Por outro lado, quem teria acreditado que um bando de Gregos irrequietos da Jónia e de Atenas tinham tido a temeridade de penetrar tão profundamente em território persa e incendiado a capital da Lídia?
Artafrenes mandou tocar a reunir. Como as chamas da destruição faziam da noite dia, víamo-nos uns aos outros claramente quando corremos para o parque onde as tropas estavam a concentrar-se.

Até ao último homem, estavam prontas para a batalha. Mas onde estava o inimigo? Entretanto o céu resplandecia em chamas de um vermelho dourado e, o que tinha sido uma noite fria, era agora como o Verão sufocante de Susa.
Finalmente apareceu um dos ajudantes de Artafrenes. Deveríamos retirar, disse ele, "em boa ordem" para a acrópole. Infelizmente a ordem vinha demasiado tarde. Todas as estradas que saíam da cidade estavam bloqueadas pelo fogo. Por conseguinte, fizemos a única coisa que podíamos: corremos para a praça do mercado. Na pior das hipóteses poderíamos lançar-nos ao rio, até que o incêndio se extinguisse. Escusado será dizer que a mesma ideia tinha ocorrido a todos os habitantes de Sardis. Quando chegámos ao recinto fechado do mercado, este estava já a abarrotar de habitantes além de soldados persas e lídios.

Suponho que o último dia da criação há-de ser qualquer coisa como o incêndio de Sardis. Um barulho ensurdecedor de gente a gritar, animais a uivar, edifícios a desmoronar-se uns sobre os outros, enquanto as chamas correm em todas as direcções, em obediência a um vento inconstante.
Mas o vento que destruiu Sardis salvou-me a vida. Se não tivesse soprado com uma certa firmeza, as chamas ter-nos-iam sufocado. Mesmo assim, o ar que respirávamos era bastante pesado. Aliás, a alta muralha que envolvia a praça do mercado agiu como um quebra-fogo. Dentro do mercado nada pegou fogo excepto a fila de palmeiras que bordejavam o rio profundo onde as labaredas se reflectiam.
Rezei ao Senhor da Sabedoria e tremi com a ideia do metal derretido do fim da criação. Nunca me senti tão indefeso.
- Podíamos fazer uma jangada -, disse Milo. - Flutuávamos rio abaixo.
- É onde os Atenienses estão. Quando passássemos por eles, matavam-nos um a um.
- Bom, podíamos usar troncos de madeira. Escondiamo-nos por baixo deles... como aqueles ali.
Um bom número de Sardios debatiam-se na água, agarrados a bocados de madeira ou a bexigas cheias de ar.
- Teríamos de ver-nos livres das armaduras -. Eu preferia morrer afogado a assado, mas naquele momento estava disposto a esperar tanto quanto fosse possível, antes de fazer uma escolha definitiva.
Milo abanou a cabeça. - Não posso -. Como soldado profissional e herdeiro de tiranos tinha de morrer em combate. Só que não havia combate a não ser a luta contra dois dos quatro elementos.
142
De repente a cavalaria lídia carregou através da praça do mercado. A crina de um cavalo tinha pegado fogo: o mesmo aconteceu às compridas tranças do seu cavaleiro. Como se por consentimento mútuo, tanto o cavalo como o cavaleiro mergulharam no rio.
Felizmente o chefe do estado-maior de Artafrenes apareceu em cena. Não me lembro do seu nome, o que é ingratidão da minha parte, pois ele salvou-nos a vida. Só me lembro de que era um homem grande e que tinha um chicote curto, que utilizava livremente em toda a gente, militares e civis.
- Formar! Tomar posições! Cavalaria para a esquerda, junto à muralha. Infantaria, por companhias, ao longo da margem do rio. Afastai-vos das árvores a arder. Todos os civis para o outro lado!
Para meu espanto, voltávamos a ser um exército disciplinado. Lembro-me de pensar: agora vamos morrer assados vivos em perfeita formação. Mas o fogo não

passou a muralha do mercado. Por outro lado, os Gregos passaram a muralha. Com um ruidoso paian (1), entraram a correr na praça do mercado. Quando viram o exército persa e a cavalaria lídia em formação de batalha, estacaram. Com os cidadãos de Sardis a correr para se abrigarem, o comandante persa deu ordem de ataque. Sem um som, os Gregos desapareceram por onde vieram. Embora a cavalaria tentasse persegui-los através das alamedas tortuosas em chamas, os Gregos foram mais rápidos e o fogo era mais feroz do que eles.
Ao meio-dia do dia seguinte, dois terços de Sardis estavam em cinzas - cinzas que fumegaram durante semanas. Mas a cidade que tinha sido construída tão a esmo, foi reconstruída com uma rapidez surpreendente e, passados seis meses, Sardis voltava a ser como era, um pouco melhorada, salvo o templo de Cibele, que foi deixado ficar em ruínas. Isto veio a ser uma boa coisa para nós. Embora os Lídios tendam a ser pró-Gregos, ficaram num tal estado de fúria com o sacrilégio feito a Cibele que a cavalaria lídia aniquilou metade das forças gregas na estrada de Éfeso.
Apesar de tudo a estratégia de conjunto grego tinha sido bem sucedida. Tinham desafiado o Grande Rei no coração do seu império. Tinham incendiado a capital da Lídia. Tinham forçado Artobazanes a levantar o cerco a Mileto para defender a Lídia. Entretanto, no mar, as esquadras combinadas de Aristágoras e dos Atenienses demonstravam ser invulneráveis e, durante algum tempo, invencíveis.
(1) Grego, cântico ou grito de júbilo. (N. do T.)

Mais tarde, nesse Inverno, às cidades jónicas revoltadas juntou-se a ilha de Chipre e a Pérsia estava agora em guerra contra uma entidade nova formidável conhecida por Comunidade Jónica.

4

Fiquei em sardis dois anos. desempenhei o meu trabalho como oficial do estado-maior. Fui enviado em diversas expedições ao interior do país. Em determinado momento tentámos retomar a cidade de Bizâncio e falhámos. Estava em Sardis quando soube da morte de Histaspes. Morrera enquanto dirigia a construção do túmulo de Dário. Chorei-o. Ele era o melhor dos homens.
Em Sardis ajudei Mardónio a celebrar, primeiro, a sua vitória em Chipre, que recuperou para a Pérsia; em seguida, o seu casamento com Artazostra, filha do Grande Rei. Segundo Lais, ela era uma rapariga bonita, mas completamente muda de nascença. Dela Mardónio teria quatro filhos.
Pouco antes de regressar a Susa, Histieus rebelou-se contra o Grande Rei e Lais

achou que era tempo de visitar a sua família em Abdera. Ela sabia sempre quando desaparecer e quando voltar a aparecer. Passado tempo Histieus foi capturado e executado por Artafrenes. Mas nessa altura já Lais tinha dificuldade em lembrar-se do nome dele.
Quando regressei a Susa fiquei surpreendido - ainda era inocente nesse tempo - por descobrir que quase ninguém queria ouvir falar da revolta jónica. Embora o incêndio de Sardis tivesse sido um choque, a corte estava confiante em que os Gregos seriam punidos dentro de pouco tempo. Entretanto estavam todos mais intrigados com o último pretendente ao trono de Babilónia. Nunca soube de ocasião nenhuma em que não houvesse um pretendente a esse antigo trono. Ainda hoje, de vez em quando, surge dos brejos dos campos de Babilónia um louco a anunciar que é o verdadeiro herdeiro de Nabucodonosor. Isto é sempre embaraçoso para o que resta da antiga família real e irritante para o Grande Rei. Apesar da sua indolência inata, os Babilónios são sujeitos a ataques de violência, especialmente a gente do campo, quando bebem demasiado vinho de palma.
144
- Vou ser mandado acabar com a rebelião -, disse Xerxes. Estávamos no campo de treinos onde tanta da nossa infância se tinha passado. Ao perto, a nova geração de nobres persas praticava tiro ao arco. Lembro-me de ter pensado como ambos estávamos velhos e que alívio sentia por estar livre dos professores Magos.
- Eles têm muitos apoios?
- Não. O olho-do-rei diz que não me custará mais do que alguns dias... -. Xerxes franziu o sobrolho. Nunca o tinha visto tão preocupado. Em breve descobri a razão. - Mardónio conseguiu uma bela vitória, não achas?
- Chipre é outra vez nossa -. Não tinha passado uma vida na corte em vão. Sabia como me dirigir a um príncipe ciumento. - Mas Mardónio não estava sozinho. O plano da invasão era de Artafrenes. E além disso, o almirante encarregado...
- Mardónio ficou com a fama. Isso é que importa. E eu estou aqui, sentado, sem fazer nada.
- Casaste-te. Já é qualquer coisa -. Xerxes tinha desposado havia pouco tempo Amestris, filha de Otanes.
- Isso não é nada.
- O teu sogro é o homem mais rico do Mundo. Isso é qualquer coisa.
Geralmente Xerxes teria achado graça. Mas naquele momento não achou. Estava realmente preocupado. - Vós todos sois soldados a sério.
- Uns menos do que os outros -, disse, tentando fazê-lo rir. Mas nem sequer me ouviu.
- Sou praticamente um eunuco, um adereço do harém.

- Vais para Babilónia.
- Só porque não há perigo.
- És o herdeiro do Grande Rei.
- Não, não sou o herdeiro.
Fiquei tão estupefacto que até abri a boca.
- Houve uma mudança -, disse ele.
- Artobazanes?
Xerxes fez que sim. - Ele está a sair-se bem na Caria. É o que dizem. O meu pai fala dele constantemente.
- Isso não quer dizer nada.
- O Grande Rei disse, do trono do leão, que a sucessão só será decidida quando Atenas for destruída.
- Mas supõe que ele morre primeiro?
- O Grande Rei é todo poderoso. Morrerá no momento que escolher -. Só comigo é que Xerxes traiu alguma vez amargura

contra o pai. Mas a verdade é que, em certos aspectos, eu era mais íntimo dele que qualquer dos seus irmãos. Afinal, eu não era de sangue real. Não era uma ameaça.
- Que diz a rainha Atossa?
- O que ela não diz! -. Xerxes conseguiu fazer um sorriso. - Nunca viste um tal desfilar de Magos, sacerdotes e feiticeiras, todos a marchar pelos seus aposentos.
- E Dário... marcha pelos aposentos dela?
- Não -. A resposta foi curta mas conclusiva. Como Atossa controlava grande parte da administração do império através dos eunucos do harém, muitas vezes influenciava Dário a uma distância discreta.
- Vou falar com ela -, disse eu.
- Já terei partido quando isso acontecer. Estarei a conquistar Babilónia -. Xerxes tentou ser engraçado sem o conseguir. De repente disse: - Ciro fez o seu filho rei de Babel antes de morrer.
- Não fiz comentários. Não me atrevi.
Enquanto praticávamos com o dardo, contei a Xerxes o cerco de Mileto e o incêndio de Sardis. Mas ele estava mais interessado nos amores de Mardónio com Artemísia.
- Invejo-o -, disse Xerxes... com tristeza, e não com inveja.

5

Lais queixou-se de muita coisa de Abdera, da viagem por mar, dos

acontecimentos recentes na corte. Tinha engordado muito. - A cozinha trácia! É tudo feito com banha de porco. Ele está bem outra vez, sabes? O meu pai, o teu avô. É pena não o conheceres. Demo-nos famosamente. Curei-o, sabes? Mas que lugar aquele! Os nossos parentes são na verdade mais trácios do que gregos agora. Até vi primos meus com gorros de peles de raposa!
Fez-me não só uma descrição completa dos bens da família do meu avô de Abdera como também uma série de retratos engraçados de uma família que ainda me faltava conhecer.
Apesar de uma separação de três anos, Lais não me fez uma única pergunta sobre a minha vida. Isto era muito próprio dela. De facto, ela nunca mostrou o mínimo interesse pelas minhas coisas quando estamos sós os dois; contudo, quando estão presentes estranhos

- ou quando eu não estou presente - gaba constantemente os meus poderes místicos e o meu fervor religioso. Mas se não tivesse sido eu, Lais não teria tido lugar na corte. Devo dizer que o facto de Lais nunca se ter interessado por mim, nunca me magoou. Compreendo o seu carácter demasiado bem. Além disso percebi muito cedo que sempre que ela subia eu também beneficiava. Éramos como dois viajantes de acaso tornados aliados por uma série de perigos comuns. Pelo meu lado, achei sempre Lais fascinante. Ela é de longe a mentirosa mais plausível que jamais conheci; e passei toda a vida em cortes e com os Gregos.
Disse a Lais que tinha solicitado uma audiência à rainha Atossa, mas que ainda não me tinha sido concedida. Ela fez uma série de sinais... sem dúvida para apressar a hora da minha recepção pela rainha.
Então confirmou-me as suspeitas de Xerxes. Desde que Artobazanes provara ser um comandante eficaz no campo de batalha, Dário começou a falar de uma possível mudança na sucessão. O facto de Mardónio ter conquistado Chipre aumentava a glória da família de Góbrias.
Entretanto a rainha Atossa tinha-se retirado para os aposentos interiores da terceira casa do harém. Embora ninguém soubesse o que ela planeava, Lais estava optimista. - Atossa arranjará maneira de pôr o filho em primeiro lugar. Ela é simplesmente mais esperta do que todos, incluindo... -. Lais baixou dramaticamente a voz como se estivéssemos a ser ouvidos, o que não era o caso: não éramos tão importantes como isso. - Dário.
- Mas por que não dá ele as mesmas oportunidades a Xerxes que aos outros?
- Porque Dário tem medo da união de Xerxes com Atossa. Dário pode ser o senhor da Pérsia, mas quem governa é Atossa. Se Xerxes viesse a estar à frente de um exército vitorioso nas planícies... da Caria ou de outro lugar do género, e Atossa estivesse em Susa, e as estrelas estivessem em determinada conjunção...

- Traição?
- Por que não? Tais coisas já aconteceram antes. E Dário sabe-o. É por essa razão que mantém Xerxes em casa. É por essa razão que permite que os seus outros filhos e sobrinhos tenham toda a espécie de vitórias. Mas Atossa há-de dar um jeito nisso.
- Tens a certeza?
- Tenho a certeza. Mas não vai ser fácil. Todos temos que ajudar. Tu podes dar a tua contribuição ocupando o teu lugar legítimo

como chefe dos Zoroastristas. O teu tio é um idiota. Tu podes substitui-lo num abrir e fechar de olhos.
Lais então delineou uma estratégia através da qual eu me tornaria chefe da nossa ordem. Não lhe disse que antes queria ser mordido por uma das serpentes de Cibele. Não tinha nascido para ser sacerdote; contudo, ao mesmo tempo, não estava de modo nenhum certo sobre qual seria o meu futuro. Não tinha mostrado nenhuma aptidão real para a guerra. Mas podia sempre ser conselheiro do Estado ou camareiro da corte; infelizmente os eunucos fazem este tipo de coisas melhor do que nós. No fundo, apenas queria servir o meu amigo Xerxes - e conhecer lugares distantes.
Uma semana depois de um Xerxes ensimesmado ter partido para Babilónia, foi-me concedida uma audiência com a rainha Atossa. Como de costume, a porta dos seus aposentos estava guardada por eunucos imponentes, vestidos como reis. Nunca a vi nesses aposentos que não me lembrasse de mim, uma criança aterrada a rastejar pelo tapete vermelho e branco. O tapete agora estava gasto mas Atossa nunca substituía nada - nem ninguém - de que gostasse.
Achei Atossa na mesma. Mas no fundo como é que uma máscara de esmalte branco pode mudar? Ela era assistida por um surdo-mudo, o que é sempre um bom sinal. Podíamos falar à vontade.
Foi-me concedido o privilégio do tamborete.
Atossa foi directa ao assunto: - Suspeito que Góbrias faz feitiços. Penso que Dário foi enfeitiçado. Eu faço o que posso, claro. Mas não sou capaz de desfazer feitiços que desconheço. Por conseguinte, apelo agora para o Senhor da Sabedoria.
- Para mim?
- Sim, para ti. Tu parece que estás em comunicação com o primeiro e único deus... diferente de todos os outros deuses da Terra e do Céu. Bom, quero que invoques o Senhor da Sabedoria. Xerxes tem de ser Grande Rei.
- Farei o que puder.
- Isso não basta. Quero-te investido de autoridade. Quero que sejas o chefe dos

Zoroastristas. Para isso é que estás aqui. Fui eu que dei a ordem para tu voltares para Susa. Em nome do Grande Rei, evidentemente.
- Não sabia.
- Nem tinhas que saber. Não disse a ninguém. Nem sequer a Lais... que me deu a ideia, reconheço-o. Ela não fala doutra coisa desde que a conheço. Seja como for, instruí já os Magos... tanto os teus como os meus. Quero dizer, os nossos. Basta tu dizeres que sim e o teu tio ceder-te-á o lugar imediatamente. Eles têm-te medo,

todos, e é mesmo possível que tenham algum medo de mim -. Atossa tinha os lábios pintados num cor-de-rosa de coral um tanto ordinário. Durante um momento um sorriso estalou o esmalte branco.
- E eu tenho medo do Grande Rei.
- Dário gosta de ti. Não levantaria objecções a que fosses chefe dos Zoroastristas. Já discutimos o assunto. Além do mais não iria perder um grande general -. A crueldade de Atossa nunca estava inteiramente com o bridão bem puxado.
- Cumpro o meu dever...
- E o teu dever é aqui na corte. Como chefe dos Zoroastristas serás ouvido pelo Grande Rei. Como ele afirma seguir Zoroastro, terá de te ouvir. O que quer dizer que estarás em posição de o influenciar contra o inimigo.
- Góbrias.
- E o neto de Góbrias, Artobazanes e o filho de Góbrias, Mardónio, o bando todo. Dário está enfeitiçado e nós temos de exorcisar seja lá que demónio foi que se apoderou dele -. Atossa fechou e abriu as mãos com força. Reparei que a estátua de Anahita estava pesadamente carregada de correntes e coisas esquisitas. Era claro que a rainha estava a montar um vigoroso cerco ao Céu. Agora era a vez de o Senhor da Sabedoria ser importunado.
Não me atrevi a dizer que não. Se Atossa era uma amiga poderosa, como inimiga era letal. Disse-lhe que iria falar com o meu tio. - Não sei o que ele vai dizer. Gosta de ser chefe...
Atossa bateu palmas. Uma porta abriu-se e ali estava o chefe dos Zoroastristas. O meu tio tinha um ar apavorado, como possivelmente devia estar. Fez uma profunda vénia à rainha, que se ergueu, por respeito para com o Senhor da Sabedoria.
O meu tio então começou a cantar um dos mais famosos hinos de Zoroastro: "Para que terra fugirei? Para onde se viram os meus passos? Separaram-me da família e da tribo..."
Era nestes termos que Zoroastro se dirigia ao Senhor da Sabedoria no início da

sua missão. Deixei que o meu tio avançasse bastante no hino, apesar da impaciência de Atossa, que preferia declarações inequívocas dos deuses às perguntas dos profetas.
Mas então retomei o cântico na promessa exultante, na coda suprema, nas palavras do próprio profeta: "Àquele que for verdadeiro comigo, a esse prometo de boa vontade aquilo que eu próprio mais desejo. Mas opressão sobre aquele que procura oprimir-nos. Senhor da Sabedoria! Morro por satisfazer o teu desejo através da justiça. Esta é a decisão da minha vontade e do meu espírito."
149
Não creio que o meu tio tenha gostado muito disto. Ele era o filho do profeta. Eu era o neto. Ele veio primeiro; eu em segundo. Mas só dois homens que já pisaram esta Terra ouviram a voz do Senhor da Sabedoria. O primeiro foi assassinado no altar de Bactra. Eu sou o segundo. Será possível um terceiro?
O chefe zoroastrista estava nervoso. - Sim. Sim. Eu volto para Bactra. Guardarei o altar do fogo de Bactra. Também me encarregarei de transcrever as verdadeiras palavras do meu pai. Em pele de vaca. Na melhor pele de vaca. Que é depois de a vaca ter sido morta durante um sacrifício correcto, em que o haoma é bebido exactamente como Zoroastro nos disse para o bebermos, nem mais uma gota, naquele lugar sem Sol...
- Muito bem! - A voz de Atossa cortou a tendência do meu tio para a verborreia. Disse-lhe que eu seria investido imediatamente.
- Todas as cerimónias necessárias, sejam elas quais forem, terão lugar no altar do fogo, aqui em Susa -. Em seguida mandou que o chefe dos Zoroastristas se retirasse.
- Vamos... cercar o Grande Rei -, disse Atossa.
Mas como as paredes dos aposentos de Atossa tiveram sempre ouvidos atentos, foi Dário quem nos cercou. Um dia antes de ser investido como chefe da ordem, fui mandado comparecer perante o Grande Rei.
Fiquei aterrorizado. Fica-se sempre. Ia ser executado, mutilado, encarcerado? Ou enforcado nas correntes de ouro das honrarias? A corte dos Acménidas nunca foi um lugar isento de surpresas, geralmente desagradáveis.
Apresentei-me paramentado. Uma ideia de Lais. - Dário tem de respeitar Zoroastro e o seu herdeiro -. Mas Lais também estava nervosa.
Em silêncio maldizia Atossa. Mas eu consegui ler-lhe nos lábios:
- Ela é senil, arrogante, perigosa -. Embora a rainha de modo nenhum fosse senil, tinha tido pouco cuidado. A nossa conversa tinha sido relatada ao Grande Rei.

O GRANDE REI RECEBEU-ME NA SALA onde trabalhava. Esta câmara mantém-se tal como quando ele era vivo. É uma sala quadrada, de tecto alto. O único mobiliário é uma

mesa de pórfiro bruto e, destoando bastante, um banco alto de madeira, no qual Dário gostava de se empoleirar quando não andava de um lado para o outro, a ditar aos secretários, sentados no chão ao lado da mesa. Quando não ditava, os amanuenses liam-lhe relatórios de sátrapas, olhos-do-rei, conselheiros de Estado, embaixadores. Os documentos que eram só para ser lidos por Dário estavam escritos numa linguagem especial, com uma sintaxe simplificada. De um modo geral os seus olhos exigiam um tipo de escrita para a qual era necessária muita arte. Mas como disse já, ele estava muito mais à vontade com números. Sabia somar, subtrair e até dividir de cabeça sem que os outros notassem que se servia dos dedos.

Fui anunciado pelo primeiro camareiro, uma relíquia do tempo de Ciro. Enquanto fazia a homenagem devida ao Grande Rei, os dois secretários passaram por mim a deslizar, rápidos como serpentes. Ia-me ser concedida uma coisa única, uma audiência particular. O coração batia-me tão alto nos ouvidos que quase nem ouvi a ordem de Dário: - Levanta-te, Ciro Spitama.

Com a sensação de ir desmaiar, endireitei-me. Embora me mantivesse respeitosamente de olhos baixos, não pude deixar de notar que Dário tinha envelhecido consideravelmente durante os anos que eu passara em Sardis. Porque não se tinha incomodado em que lhe arranjassem devidamente o cabelo nesse dia, escapavam-se-lhe caracóis grisalhos de baixo do filete azul e branco que usava, a única insígnia da sua condição real. Tinha a barba grisalha desgrenhada.

Dário observou-me durante um longo momento. Inadvertidamente a minha perna direita começou a tremer. Esperava que as minhas vestes sacerdotais disfarçassem os sinais exteriores de um verdadeiro terror interior.

- Serviste-nos bastante bem em Sardis. -. Dário foi lacónico. Era este quase elogio um prefácio a um fatal "mas"?

- Sirvo de todas as formas o Grande Rei, cuja luz...

- Claro. Claro -. Dário cortou-me a resposta cerimonial. Empurrou para um lado uma pilha de rolos de papiro da satrapia do Egipto. Reconheci os hieróglifos. Em seguida remexeu numa segunda pilha de documentos até encontrar um rectângulo de seda vermelha na qual uma mensagem tinha sido pintada em folha de ouro, uma maneira de escrever cartas luxuosa ainda que nada prática.

Não consegui reconhecer em que língua estava escrita. Não era persa nem grego de certeza. Dário esclareceu-me: - Isto vem da índia. É de um rei de um país

qualquer de que nunca ouvi falar.
151
Quer comerciar connosco. Eu sempre quis voltar outra vez à índia. Lá é que está o nosso futuro. No Oriente. Sempre o disse. No Ocidente não há nada que valha a pena possuir -. Então, no mesmo tom de voz disse: - Tu não vais ser chefe dos Zoroastristas. Já decidi.
- Sim, Senhor de todas as terras.
- Desconfio que te sentes aliviado -. Dário sorriu e de repente senti-me quase à vontade.
- Tem sido sempre meu desejo servir apenas o Grande Rei.
- Não é a mesma coisa?
- Não pode deixar de ser a mesma coisa, Senhor -. Pelos vistos não iria ser este o dia da minha execução.
- Histaspes não concordaria contigo -. Então, para minha surpresa, Dário riu-se como um guerreiro das montanhas. Em privado nunca recorria à refinada tossa da corte. - O meu pai pensava muito bem de ti. Queria que fosses chefe dos Zoroastristas, como também quer, evidentemente, a rainha.
Fiquei outra vez tenso. Dário conhecia todas as palavras trocadas entre mim e Atossa. Com dedos indolentes, o Grande Rei raspava as letras douradas no quadrado de seda vermelha. - Mas eu decidi de outra maneira. Falta-te a vocação. Isso para mim foi sempre tão claro como para o Senhor da Sabedoria, que é o primeiro de todos os deuses -. Dário fez uma pausa, como se esperasse que eu pudesse acusá-lo de blasfémia.
- Eu sei, Senhor, que sempre foi claro para ti -. Isto foi o melhor que consegui.
- Tens tacto, o que é uma boa coisa... ao contrário do teu avô. Ciro teria cortado a cabeça a Zoroastro se ele alguma vez lhe tivesse falado como falava comigo. Mas eu sou... indulgente -. Os dedos de guerreiro de Dário brincavam com as iluminuras no pano de seda vermelha. - Em questões religiosas -, acrescentou. - Noutras... -. Calou-se. Eu podia ver que ele estava a decidir até que ponto podia abrir-se comigo.
Penso que por fim Dário foi tão franco comigo quanto lhe era possível com qualquer pessoa. Afinal o segredo do poder absoluto é o secretismo absoluto. O monarca deve ser o único conhecedor de todas as coisas. Pode partilhar migalhas e bocados de conhecimento com este ou com aquele. Mas o território só ele deve poder vê-lo na sua totalidade. Só ele é que é a águia dourada.
- Não estou contente com a guerra grega. Histieus pensa que é capaz de lhe pôr fim mas eu duvido. Vejo agora que a guerra só terminará quando eu tiver destruído Atenas e isso vai levar tempo e
152

dinheiro, e no fim não terei acrescentado absolutamente nada ao império, além de uns palmos de terra cheios de pedras do continente ocidental, onde nada cresce além daquelas oliveiras gordurosas -. Dário tinha a verdadeira aversão persa às azeitonas. O nosso mundo ocidental divide-se entre os que se alimentam unicamente de azeitonas e os que têm acesso a uma variedade de óleos civilizados.
- Esperei que nos meus últimos anos pudesse avançar para Oriente, que é onde nasce o Sol. O símbolo do Senhor da Sabedoria -, acrescentou, sorrindo-se para mim. Se Dário acreditava noutra coisa além de no seu destino pessoal, surpreender-me-ia. - Bom, as guerras gregas não nos tomarão mais do que um ano ou dois e acredito que ainda me aguento mais um ano ou dois...
- Possa o Grande Rei viver para sempre! - bradei o voto tradicional.
- Os meus agradecimentos -. Na intimidade Dário não era absolutamente cerimonioso. De facto, a sensação que me dava naquelas ocasiões em que estávamos só os dois, era de que éramos antes dois cambistas ou dois mercadores de caravanas a tentar descobrir a melhor maneira de espoliar os clientes no mercado.
- Sabes matemática?
- Sei, Senhor.
- És capaz de aprender línguas rapidamente?
- Acho que sou, Senhor. Aprendi algum lídio e...
- Deixa lá o lídio. Ciro Spitama, preciso de dinheiro. Preciso de muito dinheiro...
- ... para as guerras gregas -. Cometi este acto imperdoável. Embora não tivesse feito uma pergunta directa, tinha-o interrompido.
Mas Dário parecia mais contente do que o contrário por ter uma conversa a sério comigo. - Para as guerras gregas. Para as obras que estou a fazer em Persépolis. Para a defesa da fronteira norte. É evidente, podia aumentar os tributos que os meus leais escravos me devem, mas com as cidades jónicas revoltadas, confusões na Caria e um novo pretendente em Babilónia, não é boa altura para aumentar os impostos. Contudo tenho de ter dinheiro -. Dário calou-se.
De certo modo percebi logo que desde o início a razão por que tinha sido mandado apresentar-me. - Tu queres que eu vá à índia, Senhor.
- Sim,
- Queres que eu faça alianças comerciais.
- Sim.

- Queres que eu analise a natureza dos Estados indianos.
- Sim.
- Gostarias de acrescentar toda a índia ao império persa.

- Sim.
- Senhor, não sou capaz de imaginar missão mais grandiosa.
- Óptimo -. Dário pegou na mensagem de seda vermelha.
- Esta gente quer negociar com a Pérsia.
- Que têm eles a oferecer, Senhor?
- Ferro -. Dário ofereceu-me um sorriso rasgado e malicioso.
- Dizem-me que esse país especialmente é feito de ferro. A verdade é que toda a índia está cheia de ferro, pelo que ouço dizer, e quem deitar a mão a essas minas pode fazer uma fortuna! -. Dário parecia um jovem mercador a excitar-se com um golpe comercial.
- Queres que eu negoceie um tratado?
- Mil tratados! Quero um relatório completo sobre as finanças de cada país que visites. Quero saber o estado das estradas, os métodos fiscais e se usam ou não um sistema monetário ou trocas. Estuda os abastecimentos e os transportes militares. Vê quais são as suas culturas e quantas colheitas têm por ano. Presta uma atenção especial aos seus deuses. Tem sido sempre minha política apoiar as religiões que são verdadeiramente populares. A partir do momento em que finges venerar a divindade local, os sacerdotes põem-se imediatamente do teu lado. A partir do momento em que tens os sacerdotes, não precisas de uma guarnição muito grande para manteres a ordem. Isto é vital para nós. Nós, os Persas, somos poucos e o Mundo é vasto. Tal como Ciro e Cambises, eu governo os não-Persas por intermédio dos seus sacerdotes. Ora aí é que tu me podes ser muito útil -. Dário tornou-se conspirativo; até baixou a voz: - Têm-me chegado relatórios às mãos segundo os quais Zoroastro é altamente considerado por determinados Indianos. Por conseguinte, tu serás não só o meu embaixador como também um sacerdote.
- Como sacerdote serei obrigado a proclamar a unicidade do Senhor da Sabedoria. Serei obrigado a atacar os demónios que os Indianos adoram.
- Não farás nada disso -, contrapôs Dário com toda a dureza. - Serás agradável com todos os sacerdotes. Encontrarás pontos de semelhança entre os deuses deles e os nossos. Não deverás desafiá-los. Um dia terei de governar a índia. Precisarei dos sacerdotes. Por conseguinte a tua obrigação é... encantá-los -. Esta era uma palavra típica de Atossa.
Curvei-me todo. - Obedecer-te-ei em todas as coisas, Senhor. Dário deixou cair pesadamente a mão carregada de anéis no

tampo da mesa. O camareiro do palácio apareceu imediatamente à porta. Acompanhavam-no dois homens. Um era um eunuco indiano; o outro era o marinheiro Scilax, que eu conhecera em Halicarnasso. O Grande Rei tratou

Scilax quase como seu igual e ignorou o eunuco, que tremia como varas verdes. Dário apontou para a grande bolsa de couro que Scilax trazia na mão. - Trouxeste o teu. Vou buscar o meu.
Dário empurrou para o lado uma tapeçaria que representava Cambises a caçar veados. É curioso mas não me lembro de tapeçarias de Dário em qualquer dos palácios. Mas Cambises estava em todo o lado. Tanto quanto sei, existe apenas uma tapeçaria de Ciro em Susa; está no salão da rainha, uma peça muito grosseira que as traças não tornaram melhor.
Por trás da tapeçaria havia um nicho fundo onde estava colocado uma arca de madeira do género das que os mercadores usam para guardar o dinheiro. Dário levantou o tampo e remexeu lá dentro durante um momento. Então retirou um pequeno escudo de cobre. Entretanto Scilax retirara um escudo semelhante de dentro da bolsa.
Nunca até ali tinha visto um autêntico mapa de viagem. De facto, o único mapa que vira tinha sido aquele um tanto fantástico que cobre a parede do palácio novo de Babilónia. Nele, as cidades e os portos de Babilónia, da Ásia Menor e do Egipto estão representados por pedras preciosas, tal como eram no tempo de Nabucodonosor. Como os Babilónios são bons matemáticos as distâncias são consideradas exactas.
O próprio Dário colocou os dois mapas de cobre da índia lado a lado em cima da mesa. Em seguida começou a assinalar as diferenças significativas entre o seu mapa e o de Scilax. - Só estão de acordo quanto ao rio Indo, cujo reconhecimento te mandei fazer -. Dário indicou a linha complicada do rio que corre das altas montanhas a leste da Bactria até um delta confuso que desemboca no chamado mar da índia.
Scilax disse que este mapa era o mais recente. Mas estava de acordo em que nenhum deles era de confiança.
De repente Dário lançou o pano de seda vermelha ao chão de modo a que o eunuco indiano pudesse lê-lo. - De quem é esta mensagem? - perguntou. - E donde vem? -. Voltou-se para Scilax: - Que partes da índia viste realmente?
- O rio, Senhor. Partes do delta. A cidade de Taxila, no Norte.
- É minha, não é?
- Sim, Senhor. Todo o vale a leste do Indo é hoje a tua vigésima satrapia. A fronteira é mais ou menos aqui -. Scilax pôs o dedo

num ponto do mapa. - Para leste fica a terra dos cinco rios, a que os Indianos chamam... o quê? Scilax olhou para o chão onde o eunuco estava ocupado a ler a mensagem.
- O Punjab, Senhor Almirante.

- O Punjab. Bom, a norte, fica o reino de Gandhara...
- Que é meu.
- O rei paga-te tributo, Senhor -, disse Scilax com toda a diplomacia.
A seguir traçou a linha sinuosa do rio Indo de norte para sul. - Levei treze meses, Senhor, desde as altas montanhas até ao delta. Mas quando acabei, tudo isto era teu.
- Sem falar no tributo anual de trezentos e cinquenta talentos de ouro em pó -. Dário deu um estalo com os lábios, uma vulgaridade recusada ao resto de nós. - É o maior tributo anual de todas as minhas satrapias, incluindo o Egipto. Agora imagina qual não seria o produto de tudo isto! - A mão quadrada ia da esquerda para a direita, de oeste para leste, de um lado ao outro do disco de cobre. De repente, Dário franziu o sobrolho. - Mas o que é isto tudo? O meu mapa mostra dois rios e três cidades cujos nomes não consigo ler. E depois... bom, olha para a forma! A minha índia é como um disco redondo. A tua é uma espécie de península. E que há aqui, no lado mais extremo? É mar? Ou caímos do fim do mundo abaixo?
- Há outro mar, Senhor. E também montanhas altas, selvas, e a seguir um grande império, ou assim afirmam.
- Catai. Sim, já ouvi o nome. Mas onde é?
- No reinado de Ciro, Senhor, veio uma vez uma embaixada do Catai. Traziam seda e jade.
- Eu sei. Eu sei. Vi o inventário. Quero comerciar com eles. Mas é difícil negociar com um país que não se sabe onde fica. Oh, Scilax, sonho com vacas! Anseio por vacas! -. Dário riu-se.
Scilax sorriu-se, mas não se atreveu a rir-se.
Eu estava pasmado. Não sabia o que significava a referência às vacas. Mais tarde, na índia, iria ouvir a mesma frase milhares de vezes. As vacas eram a medida de riqueza das tribos arianas que conquistaram a Pérsia e também a Assíria, a Grécia e a índia. Embora nós já não meçamos a riqueza em vacas, os altamente civilizados herdeiros dos ladrões de gado há muito desaparecidos ainda dizem "Sonho com vacas" quando querem dizer que querem riqueza. Como verdadeiro chefe ariano, Dário nunca deixou de sonhar com vacas, uma expressão tão corrente para os Acménidas e os Arianos da índia como obscura para o resto de nós.

- Bom, Scilax, chegou a altura de termos mais vacas. Ao que parece convidaram-nos para visitar o estábulo. De... Onde fica isso? -. Dário olhou para o eunuco no chão.

- Magadha, Grande Rei. A mensagem é do rei, Bimbisara. Envia-te cumprimentos da sua capital, Rajagriha.
- Que nomes extraordinários eles têm! Piores do que os gregos. Bom, Scilax... mas que nome grego!... onde fica Magadha? Não está no meu mapa.
Scilax apontou para um rio comprido que corria do extremo noroeste para sudeste. - Este é o rio Ganges, Senhor. Aqui, a sul do rio, fica o reino de Magadha. Rajagriha deve ser mais ou menos aqui. Nada disto está correctamente assinalado no mapa.
- Vou querer um mapa perfeito da índia, Ciro Spitama.
- Sim, Senhor -. Eu estava excitado com a ideia da aventura, e apavorado com a vastidão da índia: treze meses simplesmente para descer um rio!
- Que mais diz o... Indiano?
- Diz que o seu avô trocou embaixadores com o Grande Rei Ciro. Diz que ele próprio está em íntimo contacto com o reino de Gandhara...
- Que é meu.
- Sim, Grande Rei.
- Mas esse Bimbo... ou lá como ele se chama... não reconhece a minha soberania?
- Todo o mundo a reconhece! -. O eunuco não conseguia dominar as tremuras.
- Mas ele não. Isso quer dizer que temos muito trabalho a fazer. Ele quer negociar connosco?
- Sim, Grande Rei. Fala de ferro. Teca. Algodão. Rubis. Macacos.
- Tudo quanto o coração deseja! -. Dário bateu no mapa com o dedo indicador. O som foi como o de um gongue em miniatura. Em seguida tirou a seda vermelha ao eunuco e ergueu-a até ao rosto. Em velho, Dário era extremamente míope. Com todo o cuidado retirou uma das letras douradas da seda vermelha. Em seguida pôs o fragmento na boca e, como um joalheiro, mordeu o metal. - Ouro -, disse com alegria. - Da melhor qualidade.
Cuspiu o ouro para o chão e deu um pontapé por brincadeira no eunuco. - Vais preparar uma mensagem para esse Sarabimba. Diz-lhe que o Grande Rei, o senhor de todas as terras, o Acménida, etc, etc, etc, olha com afecto para o seu escravo e condescende em enviar-lhe, como embaixador, o seu amigo do peito, Ciro Spitama,

neto de Zoroastro, o profeta ariano... sublinha ariano e o facto de que nós todos somos da mesma raça, separados apenas pela geografia. Uma separação que eu pessoalmente acho intolerável. Não, não ponhas isso na mensagem. Não queremos alarmá-lo. Diz-lhe que lhe pagaremos o ferro em moedas de ouro... se conhecem o que é a cunhagem de moedas... ou, caso contrário, em espécie. Faz a

lista habitual do que os nossos armazéns têm para oferecer. Tu és indiano e sabes do que é que eles gostam. De onde és tu?
- De Koshala, Grande Rei. É o mais antigo e o mais glorioso dos reinos africanos. Fica a norte do Ganges.
- Quem é o teu governante? Não posso verdadeiramente chamar-lhe rei. Há apenas um rei nesta Terra.
- Se ainda for vivo, Senhor, é Pasenadi, um homem bom e santo cuja irmã é a primeira rainha de Bimbisara de Magadha e mãe...
- Poupa-me aos pormenores. Mas dá-os todos ao meu embaixador -. Dário sorriu-se para mim. Sonhar com vacas dava-lhe um aspecto juvenil. O cabelo grisalho despenteado parecia quase louro e os olhos azuis brilhavam. - Deves preparar-te, Ciro Spitama. E tu, tu aí, vais ensiná-lo a falar essa coisa que falam nessa parte do Mundo. Irás com o meu embaixador -. Dário deu ao eunuco um pontapé de despedida. - Prepara uma mensagem semelhante para o teu governante. De apresentação do meu embaixador, etc.
Quando o eunuco saiu, Scilax e Dário começaram a planear a viagem... a minha viagem.
- Tomas a estrada da posta até Bactra. Isso até te vai agradar -, disse Dário para mim. - Vais voltar a ver o teu antigo lar. Estive lá no ano passado. Foi totalmente reconstruída -. Traçou uma linha no mapa. - Em seguida, podes seguir por aqui, pelo rio Oxus até às montanhas. Atravessas neste colo, que provavelmente nem sequer existe. Nunca existem quando são precisos. Então estás em Gandhara, onde poderás viajar luxuosamente descendo o rio Indo até... onde? -. Dário voltou-se para Scilax.
- Taxila. Do rio Indo até à cidade onde convergem todas as pistas das caravanas são três dias de viagem.
- Pistas? Não há estradas?
- Propriamente falando, não, Senhor. Mas o país é plano e as pistas estão bem assinaladas. Por outro lado, as selvas são densas. Há muitos animais selvagens, bandidos. Precisaremos de uma companhia de soldados. Há também que atravessar cinco rios antes de chegar ao rio Yamuna. Em seguida, de barco ou de jangada, desce-se o rio até à planície gangética, onde ficam os dezasseis reinos.

- Como sabes isso tudo? -. Dário fitava Scilax com uma certa admiração. - Nunca estiveste a oriente do delta do Indo.
- Também eu, Senhor, sonho com vacas -, disse Scilax. - Em teu nome, claro!
Dário deu a Scilax um abraço tão afectuoso pelo qual todos os seus filhos ou irmãos teriam oferecido pelo menos um braço. - Terás as tuas vacas, Scilax. Toma conta do rapaz -. Tratava-me com condescendência. - Podes levar cem

soldados, o suficiente para proteger o embaixador mas não o suficiente para alarmar os pastores das vacas. Além disso, os acompanhantes do costume, cartógrafos, arquitectos, etc. O eunuco... como se chama ele?... preparará presentes apropriados para os dois governantes. Mas nada de muito rico. Afinal, como senhor de todas as terras, possuo as deles por direito de... do Senhor da Sabedoria -, acrescentou para me contentar.
Então Dário voltou-se para mim. Fiquei espantado ao ver que era da minha altura. Tinha sempre pensado que ele era um gigante. O Grande Rei olhou-me nos olhos, e eu fiquei sem saber onde me meter. Isto não é permitido, lembro-me de ter pensado, quando aqueles olhos azuis escuros, com as suas pestanas levemente avermelhadas se fixaram nos meus. - Não podes falhar-me, Ciro Spitama. Dou-te am ano... dois anos no máximo. Nessa altura, quero saber tudo quanto preciso para montar uma invasão da índia. Quero ir até ao fim do Mundo... ou até Catai, o que ficar mais perto.
- Ouvir-te é obedecer-te, Senhor.
- Considero a índia como o meu último presente aos homens dos clãs. Portanto tens de ser observador, esperto, incisivo. Pregarás a via da Verdade mas não ameaçarás os que seguem a Mentira.
Dário temia com toda a razão o zelo do verdadeiro Zoroastrista. Não iria alienar dezasseis reinos indianos por causa do zelo religioso do seu embaixador.
- Farei como me ordena o Acménida -. Chamar o Grande Rei pelo seu verdadeiro nome é quase o equivalente a fazer um juramento perante o Senhor da Sabedoria.
- Óptimo -. Dário estendeu-me a mão, que beijei.
Desta forma eu era nobilitado. Podia jantar à sua mesa, quando para tal fosse convidado. Tal como veio a acontecer, nunca fui convidado, mas a minha condição estava agora assegurada. Era um nobre persa e se sobrevivesse à minha embaixada, a minha fortuna estava feita.

LIVRO QUATRO

Índia

1

De susa, a embaixada aos dezasseis reinos da índia - como éramos referidos, bastante depreciativamente pela segunda sala da chancelaria - dirigiu-se para o rio Tigre. Aí, em barcos de fundo chato, descemos o rio até ao delta. Aqui

encontrámos Scilax e duas trirremes que sobreviveram ao desastroso cerco de Naxos. Devia ter tomado esse facto como um presságio. Mas estava de muito bom humor.
Devido à formação constante de aluviões provocados pelos rios, propriamente falando nunca houve um porto no delta onde o Tigre e o Eufrates se juntam formando uma espécie de lago baixo e de águas estagnadas. Os Persas, os Babilónios, os Assírios, todos eles tentaram estabelecer um porto nesta confluência muitíssimo estratégica, mas a lama que nunca acaba de fluir do topo para o fundo do Mundo acaba por enterrar todas as tentativas. No reinado de Dário havia um porto provisório na borda do pântano salgado e que só podia ser atravessado por cima de uma série de jangadas que se estendiam por quase uma milha por cima da lama e das areias movediças. Vi uma vez um camelo e o seu condutor desaparecerem nas areias empapadas de água em menos tempo do que o condutor levou a pedir socorro.
Scilax tinha pensado utilizar os navios para uma circum-navegação da África. Mas a índia neste momento tinha prioridade e não penso que ele não estava de todo descontente, embora o sonho da sua vida fosse de facto dar a volta à África, uma coisa que nenhum homem fez ou é possível que faça, apesar das pretensões

dos Fenícios. A dar ouvidos ao que dizem, eles já cartografaram cada metro do oceano que envolve o Mundo.
Cada trirreme precisava de cento e vinte remadores, além de cerca de trinta marinheiros, carpinteiros e cozinheiros. Como estes navios são feitos para a guerra e não para o comércio, não há muito espaço para outros viajantes que não sejam soldados. Além da centena de soldados, acompanhava-me um estado-maior de doze homens com fama de serem peritos na índia, além de uma prenda valiosa da rainha Atossa - um escravo indiano de nome Caraka. - Ele servirá os nossos objectivos -, tinha ela dito; e mais nada. íamos também carregados com presentes para os dois reis, provisões para nós e oito cavalos com os respectivos tratadores. Os navios estavam seriamente superlotados.
Para minha irritação, Scilax demorou parte de uma semana a ter-nos todos a bordo. Mas ele tinha razão: em viagens longas o lugar inicial atribuído a cada homem é importantíssimo. Se houver dúvidas quanto a quem faz determinado trabalho e ao posto onde o deve fazer, desencadeiam-se rixas e a disciplina degrada-se. Felizmente, como íamos bordejar a costa persa até ao rio Indo, os marinheiros punham os navios a terra todas as noites e podíamos dormir confortavelmente à luz das estrelas. Embora eu fizesse o melhor que podia para desempenhar o papel do sábio comandante, Scilax, da maneira mais simpática e para mim agradável, assumiu o comando em meu nome.

Nunca esquecerei a excitação da nossa partida. Ao nascer do Sol, quando o vento oeste começou, Scilax ordenou que os navios erguessem o mastro. Então os remadores lançaram-se ao trabalho e pela primeira vez ouvi o som ritmado de remadores a cantar pela batida firme do tocador de flauta. Quando este cantar coincide com o do pulsar interior de um homem, podemos tornar-nos uma parte do navio, do mar, do céu, tal como no acto do amor.
Livres da terra, içámos as velas quadradas e quando elas se enfunaram, os navios balançaram de um lado para o outro e os remadores descansaram. À nossa esquerda, o deserto cintilava com o Sol enquanto o escaldante vento oeste cheirava a mar, sal e peixe podre. Ao longo de toda esta parte da costa, os nativos construíram salinas. Quando o Sol seca toda a água, os nativos recolhem o resíduo de sal puro e vendem-no às caravanas. Também conservam peixe nas salinas. Esse povo estranho vive em tendas estranhas, de armações feitas de esqueletos de baleias.
Não velejávamos havia uma hora quando Caraka veio ter comigo, aparentemente para a minha lição diária de língua indiana;

na realidade, tinha outras coisas na cabeça. - Senhor Embaixador -, disse, e eu gostei muito de ser chamado assim, embora a minha nova dignidade não fosse mais do que a sombra premonitória de Dário sobre a índia.
- Estive a examinar o navio -. Caraka baixou a voz, como se Scilax pudesse ouvi-lo. Mas o almirante estava na proa do navio, a falar com o primeiro piloto.
- É um navio excelente -, respondi-lhe no tom de como se tivesse sido eu quem o construiu. Amei o mar logo desde a primeira vez; e se lamento alguma coisa agora, é o facto de que nunca mais ouvirei o cantar dos remadores, nunca mais sentirei o sal salpicar-me a cara, nunca mais contemplarei o Sol a nascer ou a pôr-se sobre a curva sempre variável mas imutável do mar.
- Sim, Senhor. Mas o casco está cheio de pregos! Espantei-me. - Com que outra coisa se pode fazer um navio? - perguntei, não muito certo de como se constrói realmente um navio. Tirando uma breve visita a Halicarnasso, nunca realmente tinha observado os trabalhos de um porto de mar.
- Mas os pregos são de metal, Senhor -. Caraka tremia de medo.
- Mas as cunhas de madeira não são boas para o mar -, disse eu com toda a segurança de um entendido. Na verdade, pelo que sabia, as cunhas de madeira eram na verdade superiores aos pregos metálicos. Enquanto falava, tive todo o cuidado de abrir bem as pernas, tal como um experimentado homem do mar.
- Senhor, eu já fiz esta viagem antes. Mas viajei só em navios indianos, e nós não usamos pregos. Não nos atrevemos. É fatal.
- Porquê?

- Rochas magnéticas -. A cara negra e redonda erguia-se para mim com verdadeiro terror. Caraka tinha o nariz achatado e largo e os lábios grossos da primitiva raça indiana, às vezes conhecida pelos nomes de Nagos e outras de Drávidas. Estes povos escuros ainda dominam o Sul da índia e a sua língua e costumes são bastante diferentes dos dos homens altos e de pele clara das tribos arianas que há muito tempo arrasaram os seus reinos e repúblicas do Norte.
- Que raio é uma rocha magnética? - perguntei, verdadeiramente curioso, para não dizer alarmado.
- Além! - Caraka apontou para as elevações nuas e polidas pelo vento da costa. - Aquelas colinas são feitas de rochas que têm o poder de atrair o metal. Se um navio se aproxima demais, os pregos voam do navio para as rochas e as tábuas separam-se e nós afogamo-nos.

Como não tinha motivo para não acreditar nele, mandei chamar Scilax e perguntei-lhe se havia perigo. Scilax tranquilizou-me: - Há certas rochas que atraem realmente o metal, mas se o metal foi coberto primeiramente com pez, então os poderes magnéticos são anulados. Como todos os nossos pregos foram cuidadosamente protegidos, não temos nada a temer. Afinal, esta é a minha terceira viagem ao longo da costa e prometo-te que chegaremos à índia com todos os pregos no lugar.
Mais tarde perguntei a Scilax se o que Caraka tinha dito era verdade. Scilax encolheu os ombros. - Quem sabe? Talvez seja verdade para certas rochas de certas costas, mas não é verdade para esta costa. Eu sei.
- Então por que cobriste os pregos com pez?
- Não cobri nada. Mas digo sempre aos Indianos que sim. Doutro modo eles abandonam o navio. No entanto reparei numa coisa curiosa. Nunca nenhum deles foi verificar se os pregos estão realmente cobertos se não.
Ainda hoje tenho curiosidade em saber se essas tais rochas magnéticas existem. O que é certo é que nunca conheci um único marinheiro indiano que não estivesse convencido de que se um simples pedaço de metal tivesse sido usado na construção de um navio, seria extraído por uma força demoníaca e o navio afundar-se-ia. Os Indianos fixam os seus navios com cordas.
- Que não é o pior método de construção naval -, concordou Scilax. - Por pior que o mar esteja ou por mais forte que seja o vento, o barco não vai ao fundo porque a água passa através e ao redor das tábuas.
São cerca de novecentas milhas desde o delta do Tigre e do Eufrates até ao delta do Indo. A faixa de deserto entre o mar e as terras altas da Pérsia deve ser a mais desolada da Terra. Como há pouca água doce, a costa mal dá para uma mão cheia de pescadores, salineiros, pescadores de pérolas, piratas.

No terceiro dia de mar, ao pôr do Sol, logo que por trás de um grupo de ilhas de coral avistei o altar de fogo de Bactra, vi o meu avô, vi os Turos a atacar, vi a carnificina. Embora esta aparição mágica ou miragem tivesse durado apenas um minuto ou dois, fiquei paralisado com o que considerei ser uma mensagem de Zoroastro. Ele recordava-me que todos os homens devem seguir a Verdade e eu sentia-me culpado, pois tinha partido em viagem não para seguir pelo caminho da Verdade, mas pelo caminho da águia dourada do Acménida. Mais tarde, na índia, ir-me-ia sentir ainda mais desleal para com o meu avô. Embora nunca perdesse a fé nos ensinamentos

de Zoroastro, os sábios da índia fizeram-me sentir realmente pouco à vontade ao mostrarem-me que há tantas teorias da criação como deuses em Babilónia e, dessas teorias, há um bom número que considero absolutamente fascinantes... ou mesmo verdadeiras ou a Verdade.

Demócrito quer saber qual teoria era a mais esquisita. A esta sei responder. Que nunca houve uma criação, que nós não existimos, que isto é um sonho. Quem é o sonhador? Aquele que acorda... e recorda.

Durante as semanas que levámos a chegar ao rio Indo, fomos ora atingidos pela calmaria e obrigados a recorrer aos remadores, cada vez mais enfraquecidos com o Sol escaldante, ora atirados para nordeste pelos ventos. Quando viajávamos à vela, as nossas vidas estavam sempre em risco, pois nunca estávamos tão distantes dos corais aguçados da costa que uma rabanada súbita de vento não nos fizesse naufragar. Mas Scilax era um mestre marinheiro que nunca perdera um navio. Pelo menos era o que dizia, para minha grande inquietação. Aqueles que nunca sofreram desastres de pouca monta, geralmente estão destinados a sofrer qualquer coisa em grande.

Apesar de tudo, pude tirar grande proveito dessas semanas de mar. Quando era jovem aprendia tudo rapidamente e Caraka era um professor excelente. Quando a lama azul e negra do delta do Indo ficou à vista eu dominava o fundamental da língua indiana, ou era o que pensava. Como veio a verificar-se, Caraka tinha-me ensinado um dialecto dravídico que é quase tão ininteligível como o persa para os Arianos dos dezasseis reinos.

Felizmente Caraka sabia bastantes termos arianos para me ajudar a compreender não só uma língua nova mas um mundo novo, pois a língua de um povo é o que nos diz mais sobre que deuses adoram e que tipo de homens eles são, ou gostariam de ser. Embora a língua dos Indo-Arianos seja completamente diferente da que falam os Drávidas, é parecida com o persa, o que prova a velha teoria de que uma vez há muito tempo todos nós éramos membros da mesma tribo do Norte e tínhamos - até aparecer Zoroastro - os mesmos deuses. Hoje os

deuses arianos tornaram-se os nossos demónios.
Scilax contou-me uma coisa sobre a sua descida do Indo: - Ao princípio, Dário queria a índia toda. Hoje ainda a quer, claro, embora, aqui para nós, esteja já demasiado velho para uma campanha prolongada. Ele devia ter avançado para Oriente logo que eu lhe garanti o vale do Indo.
- Mas não podia. Havia uma rebelião em Babilónia. Havia...
- Há sempre qualquer coisa. Mas se é o mundo que queres, não podes perder-te com lugares insignificantes... como Babilónia.

Ri-me. É sempre um alívio não se estar na corte. Tal como Scilax, eu não vestia mais do que uns calções e um xaile indiano de algodão para proteger o corpo do Sol. Não parecíamos diferentes dos remadores. Embora Scilax devesse ter mais de cinquenta anos na altura, tinha o corpo rijo e seco e musculoso de um jovem. O sal conserva bem os homens, como o peixe. Os marinheiros parecem sempre mais jovens do que na realidade são.
- Babilónia é a maior cidade do Mundo -, disse eu. Scilax achava que não. - Há muito tempo, talvez. Mas as cidades da índia são muito mais ricas, mais grandiosas.
- Conheces realmente alguma delas?
- Apenas Taxila. E Taxila é tão grande como Sardis e muito mais rica. Mas os Indianos dir-te-ão que Taxila não é mais do que uma cidade fronteiriça.
- Então por que razão esperou Dário tanto tempo?
Scilax encolheu os ombros. - É como os faraós e os seus túmulos, creio. Ele pensa que logo que a índia seja sua, morrerá porque então não haverá mais nada no Mundo para conquistar.
- O Catai?
- Isso faz parte do Mundo? -. Para um marinheiro profissional, Scilax às vezes não era nada aventureiro. Contudo, foi o primeiro a cartografar, de um modo sistemático, o oceano dos Indianos até à ilha de Ceilão. Digo que foi o primeiro mas isso não é inteiramente verdade. Alguns anos mais tarde, quando presenteei o Grande Rei com um mapa razoavelmente exacto da índia, ele mostrou-me um mapa semelhante que tinha sido encontrado, havia pouco tempo, nos arquivos do templo de Bel Marduk em Babilónia. Ao que parece, os Babilónios e os Indianos tinham mantido uma correspondência regular numa época muito anterior a Dário e Scilax. Neste mundo velho não há nada novo a não ser nós próprios.
Através do largo delta do Indo, correntes e afluentes de todos os tamanhos retalham uma área considerável de terra. Parte dessa terra negra está plantada com arroz e a restante é constituída por pântanos salobros onde apenas se dão aves aquáticas, como o pato indiano, um prato soberbo se cozinhado durante

horas. Aqui e ali, bosques de salgueiros recortam belas formas contra o céu de chumbo: as chuvas anuais estavam atrasadas nesse ano e os Indianos não falavam doutra coisa. Sem as chuvas metade do país morre. Nesse ano não precisavam de se preocupar. Precisamente no dia em que desembarcámos no porto fluvial de Patalene, começou a chover torrencialmente e não voltaríamos a estar completamente secos nos três meses seguintes. A minha primeira impressão da índia foi de

água. A teoria da criação do grego Tales não deixa de ter atractivos para quem suportou as monções indianas.
Durante a subida do rio até Patalene, Scilax mostrou-me a paisagem. - Ambos os lados do rio são persas -, disse, com alguma satisfação.
- Graças a ti -. Mostrei-me educado.
- Sim -, disse ele, de modo nenhum vaidoso. - Levei treze meses. Felizmente, o povo da região prefere um soberano a milhas de distância a um à mão de semear. Preferem ser governados pelo Acménida de Susa do que por um rei daqui.
- Mas existe um sátrapa.
Scilax fez que sim e franziu o sobrolho. - Fui eu que escolhi o primeiro sátrapa. Era um Ariano, do Punjab. Depois morreu e agora temos o filho nas nossas mãos.
- É leal?
- Duvido. Mas pelo menos nunca se atrasa com o tributo anual. Nunca se viu tanto pó de ouro como nesta parte do Mundo.
Surgidos do nada, um cardume de golfinhos riscou arcos brilhantes a toda a nossa volta. Um até saltou por cima da proa do navio. Quando o golfinho ficou um momento suspenso no ar tórrido lançou-nos um olhar divertidíssimo.
- É um sinal de boa sorte -, disse Scilax.
- Golfinhos de água doce? - Nunca ouvira dizer que existissem tais criaturas.
- Sim. Mas só nos rios indianos, tanto quanto sei -, acrescentei. Scilax era um explorador apaixonado que não acreditava em nada. Era sempre céptico em relação às histórias que lhe contassem. Se não visse uma coisa com os próprios olhos, não relataria a sua existência como um facto comprovado... ao contrário desses Gregos dóricos que escrevem isso a que chamam histórias.
Desembarcámos em Patalene, uma grande cidade portuária sem outras características. O ar sufocava, devido a toda a chuva que ainda iria ser libertada do céu opressivamente baixo.
Referirei aqui que na índia há três estações. Do princípio da Primavera ao princípio do Verão o Sol brilha continuamente e, se não fossem os grandes rios e os complicados sistemas de irrigação, a terra transformar-se-ia em pó em pouco

tempo e a gente morreria. Em seguida, quando o Verão começa, sopram os ventos das monções e chove durante um terço do ano, provocando cheias dos rios. A esta estação segue-se um Inverno curtíssimo. Dias seguidos de uma frescura perfeita. Os céus são de um azul vivo e as flores crescem em tal profusão que, em comparação, os jardins de rosas de Ectabana parecem áridos.
169
Precisamente no momento em que punha os pés no cais de Patalene, uma grande rabanada de vento fez com que a nossa trirreme batesse fortemente contra o molhe e perdemos dois cavalos no rio. Então o Céu abriu-se ao meio e a chuva caiu em lençóis mornos. Completamente encharcados, fomos recebidos pelo olho-do-rei, que nos disse: - O sátrapa está em Taxila. Envia-te as suas desculpas.
Fomos então escoltados até à casa do governo, um casarão de madeira com um telhado muito mal acabado. Nunca antes na minha vida tinha estado ao mesmo tempo molhado e com calor, uma sensação desagradável, característica da estação das chuvas nesta parte do Mundo.
No dia seguinte Scilax e eu separámo-nos. Ele continuou a subir o rio até Taxila, enquanto eu começava a minha viagem por terra, em direcção aos reinos de Koshala e Magadha. Ansiava por meter-me ao caminho; estava feliz por poder dispor de mim como queria. Não tinha medo. Era estúpido. Era jovem. Demócrito acha que eu devia pôr primeiro jovem e depois estúpido. Pois que a primeira é causa da segunda. Mas eu não seria tão mal educado que fizesse uma tal ligação. Seja como for, o olho-do-rei arranjou-nos camelos, provisões, guias; e Caraka conhecia, mais ou menos, a rota.
Partimos para nordeste, na direcção de Mathura, uma cidade situada no rio Yamuna. Cem milhas a leste do Yamuna fica o Ganges. Os dois rios correm lado a lado, de norte para sul, até chegarem ao centro do que se chama a planície gangética. Aí o Ganges faz uma curva abrupta para leste e é ao longo deste braço oeste-leste do rio que os reinos centrais, as repúblicas e as cidades importantes da índia moderna estão situadas.
Sentindo-me muito como um Grande Rei, prossegui debaixo de chuva, com Caraka ao meu lado. A minha comitiva ascendia a trezentos homens, cinco concubinas e nenhum eunuco. Em Susa Caraka tinha-me prevenido de que os Indianos têm uma aversão tão forte à castração que nem sequer os animais são molestados com isso. Devido a esta excentricidade, os haréns indianos são guardados por homens e mulheres muito velhos. Embora isso pareça uma má solução, os velhos vigorosos de ambos os sexos tendem não só a ser vigilantes como incorruptíveis. No fundo não têm um futuro a planear, ao contrário dos nossos eunucos jovens.

Eu seguia a cavalo, tal como Caraka e a minha guarda pessoal. A restante gente seguia ou montada em camelos ou a pé, ao longo da pista de terra batida que as chuvas tinham transformado num leito de lama amarela e espessa. Viajávamos lentamente, de armas prontas. Mas embora a índia seja assolada por bandos de ladrões,

estes costumam ficar em casa durante a estação das monções. De facto, só um zeloso e ignorante embaixador teria tentado uma jornada de mil milhas por terra com um tal tempo.
Éramos detidos por soldados armados sempre que chegávamos a uma fronteira, o que sucedia uma vez por dia pelo menos. Nessa parte da índia existem inúmeros principados e cada principado está subdividido numa quantidade de Estados semiautónomos cujo rendimento principal provém dos impostos sobre as caravanas. Como embaixador do Grande Rei eu estava isento desses impostos. Mas, na prática, fiz questão de pagar sempre qualquer coisa. Disso resultou ser-nos concedida com frequência uma guarda de honra que nos acompanhava até à fronteira seguinte. Creio que os ladrões se intimidavam com estas escoltas.
Só um rei forte pode tornar o interior do país seguro para os viajantes e naquela época havia apenas um rei forte em toda a índia. Era Bimbisara, para cuja corte em Magadha eu tinha credenciais. Embora Pasenadi de Koshala governasse um reino mais vasto, mais antigo e mais rico do que Magadha, era fraco como governante e Koshala era um sítio perigoso para os viajantes.
Atravessámos selvas onde gritavam papagaios de cores vivas e leões sem juba que fugiam à nossa aproximação. Uma vez ergui o olhar e vi um tigre agachado num galho de uma árvore. Quando lhe fixei os olhos amarelos, ele olhou para os meus. Fiquei aterrorizado. Ele também, e desapareceu no meio da escuridão verde e húmida como uma miragem ou um sonho acordado.
Os animais mais perigosos da índia são os cães selvagens. Andam em matilhas. São mudos. São invencíveis. Mesmo os animais mais rápidos do que estes cães acabam por ser vítimas deles, pois a matilha é capaz de seguir, dia após dia, a pista de um veado ou de um tigre ou até de um leão, até que este se canse e fraqueje e então, num silêncio absoluto, os cães atacam.
No exterior da cidade abandonada de Gandhai reparei numa série de pequenas covas dispostas num semicírculo perfeito a um dos lagos da pista lamacenta. Quando perguntei a Caraka o que eram, ele disse: - Cada cão faz uma toca. Depois mete-se lá dentro às arrecuas e dorme. Ou fica de vigia. Estás a ver? Os olhos a luzir -. Através da chuva distinguia os olhos reluzentes dos cães selvagens. Vigiavam os nossos movimentos.

Nessa noite, um tanto bruscamente, a nossa escolta deixou-nos às portas de Gandhai. - Pensam - disse Caraka - que a cidade está assombrada.
- E está? - perguntei.

- Se está - respondeu, com um sorriso: - os fantasmas são do meu povo. De modo que estamos seguros.
Percorremos a cavalo uma larga avenida central até à praça principal de uma cidade que tinha sido construída pelos primitivos Indianos, milhares de anos antes da chegada dos Arianos. A cidade era muito semelhante a Babilónia, com casas de tijolo e avenidas principais rectas. A oeste da cidade ficam as ruínas de uma cidadela que os Arianos destruíram. Estes, por uma razão desconhecida, expulsaram a população nativa e a cidade ficou, desde então, abandonada.
- O povo que construiu esta cidade foi o povo dos Harappas. Creio que os que não foram mortos, foram para o Sul -, disse Caraka com amargura.
- Mas isso foi há muito tempo.
- Trinta e cinco gerações não é muito tempo para nós.
- Até pareces um Babilónio a falar -, disse-lhe, o que ele tomou por um elogio.
Pouco antes que o Sol se pusesse, entrámos num grande edifício que tinha sido outrora um celeiro. Embora o telhado velho, de telhas, estivesse em melhor estado que o telhado novo da casa do governo em Patalene, as traves do tecto oscilavam assustadoramente. Depois de expulsarmos uma colónia de macacos furiosos, mandei que montassem a minha tenda numa ponta da sala. Em seguida acenderam-se fogueiras e preparou-se a refeição da noite.
Nessa altura Caraka iniciava-me na comida indiana - um processo lento, pois sou um gastrónomo prudente. Embora a primeira experiência com manga fosse desagradável, o ananás foi uma delícia imediata. Gostei também da galinha-da-índia, uma ave de carne branca tão doméstica que os Indianos as criam não só pelos ovos e a carne como também pelas penas, que são usadas nas almofadas. Estas aves são parentes próximas das que os Gregos chamam galinhas persas, uma novidade actualmente aqui em Atenas.
Geralmente jantava sozinho com Caraka. Primeiro, porque os oficiais persas preferiam a sua própria messe; segundo, porque eu ocupava de certo modo o lugar do Grande Rei. Logo, tinha que me rodear de uma certa dignidade.
- Estás a ver que grande cultura era a nossa -. Caraka apontava para a sala enorme. Eu, tudo em que conseguia pensar, era naquelas traves pouco seguras. - É muito impressionante -, concordei.
- Construímos esta cidade mil anos antes de chegarem os Arianos -. Caraka falava como se tivesse sido ele o arquitecto. - Éramos construtores, comerciantes, fabricantes de objectos. Eles viviam em tendas, pastoreavam gado,

eram nómadas... e destruidores.
172
Sempre que perguntei a Caraka, ou a qualquer outro, quem eram precisamente e o que eram os Harappas, nunca obtive uma resposta coerente. Embora os seus príncipes e os seus mercadores molhassem selos cilíndricos numa pasta de barro para fazer o que com frequência eram belíssimos pictogramas, nunca ninguém foi capaz de ler esses textos.
- Adoravam a mãe de todos os deuses -, disse Caraka um tanto vagamente. - é o deus com cornos.
Mas nunca aprendi muito mais do que isso com ele. Ao longo dos anos ouvi um pouco mais sobre os deuses dos Harappas, como Naga o dragão, Nandi o touro, Honuman o macaco, bem como sobre os diversos deuses animais e árvores. Ao que parece o deus-serpente é o mais poderoso, ao passo que a divindade mais sinistra com forma humana tem uma serpente que lhe sai de cada ombro, tal como Ahriman.
Sem muita ajuda de Caraka, aprendi em pouco tempo a falar o indo-ariano correcto dos governantes. Surpreendeu-me o facto de descobrir que tanto os Persas como os Indo-Arianos usam o mesmo termo para designar a terra natal ariana comum, donde vieram também os Dórios e os Aqueus. Essa pátria fica algures no Norte e é por essa razão que a Estrela do Norte é sagrada para todos os Arianos. Devo dizer que sempre achei difícil de acreditar que temos um parentesco tão próximo com essas tribos louras, ferozes e criadoras de gado que, ainda nos dias que correm, descem sobre os povos escuros e pequenos do Sul para saquear e incendiar as suas cidades - como os Turos fizeram com Bactra. Há mil anos, por motivos há muito esquecidos, determinadas tribos arianas decidiram não destruir mas antes colonizar as cidades do Sul. Quando isto aconteceu na Média, na Ática e em Magadha, as tribos arianas foram civilizadas pelos seus escravos. Além disso, apesar de todo o tipo de tabus, casaram-se entre si. Quando isto acontece, o mais selvagem dos selvagens torna-se igual ao povo civilizado que conquistou. Isto ainda hoje é visível quando as fronteiras da Pérsia são constantemente fustigadas por esse povo selvagem das estepes, que é hoje o que outrora nós éramos e que gostaria de ser o que hoje nós somos, isto é, um povo civilizado.
A propósito, Ciro estava perfeitamente consciente do perigo de os seus montanheses se tornarem iguais ao povo voluptuoso de cabelo preto que conquistaram. Para o impedir, Ciro insistiu numa educação militar esforçada para todos os jovens Persas. Nunca deveríamos esquecer a nossa herança ariana. Mas quando Xerxes chegou à melancólica conclusão de que hoje os Persas não são diferentes

173
do povo que governam, abandonou grande parte do sistema educativo de Ciro. Eu disse-lhe que pensava que ele fazia mal. Mas ele era o Acménida.
Embora os Arianos se tivessem estabelecido no Norte da índia muito antes do tempo de Ciro, acredito que os antepassados, quer dos Medos quer dos Persas, chegaram ao que hoje é a Pérsia mais ou menos na mesma altura. Mas enquanto os Persas arianos se estabeleceram nas terras altas, os Medos arianos apoderaram-se das civilizações assíria e elamita. Por fim, os Medos foram tão completamente absorvidos pelas raças escuras que tinham conquistado que, na época de Ciro, o rei ariano da Média podia muito bem ser um rei assírio ou elamita. Devido a um acidente de geografia, os clãs persas puderam manter o seu feroz espírito ariano até Ciro se tornar monarca universal, como dizem na índia. Por outro lado, ao contrário dos Medos, os Indo-Arianos conseguiram não ser absorvidos, durante quase quarenta gerações, pelos Nagas ou Drávidas ou Harappas. Orgulham-se da sua pele clara, do nariz direito, dos olhos claros. Aliás, muito sagazmente, dividiram-se em quatro classes. A primeira, dos sacerdotes, a quem chamam Brâmanes - umas criaturas muito parecidas com os nossos próprios Magos; a segunda, dos guerreiros; a terceira, dos comerciantes; a quarta, dos agricultores ou artesãos. Em seguida vêm os povos primitivos desta terra. São escuros, taciturnos, submissos - como Caraka. Ainda vivem milhões deles no Norte, servindo contrafeitos os seus amos estrangeiros.
Em teoria, as quatro classes indo-arianas não podem casar entre si, ao passo que o casamento com o povo primitivo é absolutamente proibido. Não obstante isso, no milénio que passou desde a chegada dos Arianos à índia, estes tornaram-se consideravelmente mais escuros de pele e de olhos do que os seus primos Persas. Contudo os Indo-Arianos dir-te-ão, com toda a seriedade, que aquele tom moreno da pele se deve à força do Sol da estação seca. Concordo sempre com eles.
Quando me preparava para me retirar para a minha tenda para dormir, um homem alto e nu apareceu à porta do celeiro. Durante um momento ficou parado, a piscar os olhos por causa da luz. O cabelo chegava-lhe quase aos calcanhares. As unhas dos dedos das mãos e dos pés eram tão compridas e tão curvas como bicos de papagaios; de certeza que quando atingiam um certo comprimento quebravam-se. O homem trazia na mão uma vassoura. Logo que os seus olhos se habituaram à luz, veio lentamente na minha direcção, varrendo o chão à sua frente.
174
Os meus servidores que ainda estavam acordados olhavam para ele tão estupidamente como eu. Por fim um dos guardas puxou da espada, mas fiz-lhe

sinal para que deixasse passar o homem.
- Que coisa é esta? - perguntei a Caraka.
- Uma espécie de santo. Talvez seja um Jain. Ou um doido. Ou ambas as coisas.
O homem parou à minha frente e ergueu a vassoura, como numa saudação. Em seguida disse qualquer coisa que não percebi; mas Caraka percebeu: - É doido -, disse Caraka. - E Jain. É uma das nossas seitas mais antigas.
- Todos os Jains são doidos?
- Muito pelo contrário. Mas este diz que ele é o fazedor da travessia do rio, e não é. Não pode ser. Só houve vinte e três fazedores da travessia desde o princípio do tempo.
Nada disto fazia o mínimo sentido para mim. - O que é um fazedor da travessia? E por que razão está nu este homem? E para que é aquela vassoura?
Sem autorização, o homem varreu com todo o cuidado um lugar à frente dos seus pés. Depois sentou-se cruzando as pernas; e murmurou orações.
Caraka ficou tão embaraçado com o seu patrício que ao princípio recusou dizer-me o que quer que fosse até lhe recordar que o Grande Rei estava especialmente interessado em todas as religiões da índia, o que era verdade. Se fosse obrigado a andar nu e de vassoura para ganhar a índia, Dário fá-lo-ia.
- Um fazedor da travessia é um homem muito santo. O último apareceu há cerca de duzentos anos. Ouvi dizer que tinha aparecido outro mas tenho a certeza de que este homem nu não é o fazedor da travessia. Quanto mais não seja porque só os extremistas andam nus... ou vestidos de céu, como dizem os Jains.
- E a vassoura?
- É para varrer os insectos. Um Jain não pode matar nenhuma criatura viva. De modo que muitas vezes usam máscaras para não inalarem insectos. Recusam-se a ser agricultores porque, ao lavrar a terra, matam-se insectos. Não podem comer mel, pois as abelhas morreriam à fome. Não podem...
- Que é que eles podem fazer?
- São excelentes homens de negócios -. Caraka sorriu. - O meu pai era Jain. Mas eu não sou. O culto é muito antigo... para dizer a verdade é pré-ariano. Os Jains nunca aceitaram os deuses arianos. Não acreditam em Varuna, Mitra, Brama...
- Porque são demónios -. E depois citei livremente Zoroastro.

- Podem ser demónios para Zoroastro, mas são deuses verdadeiros para os Arianos. Para nós não são nada. Nós somos muito diferentes. Os Arianos acreditam numa vida depois da morte. Num Céu para os bons. Num Inferno para os maus. Nós não. Acreditamos na passagem das almas de uma pessoa para outra ou para uma planta, uma rocha, uma árvore ou um animal. Pensamos que o último estado é o nirvana. Isto é, o ser apaga-se, como uma candeia. Parar a

longa cadeia do ser. Existir no tecto do Universo, a perfeição, o silêncio, a plenitude total. Mas para se alcançar esse estado é preciso, como diriam os Jains, atravessar o rio. Deixar de querer as coisas terrenas. Obedecer às leis eternas.
Há anos que tento descobrir se Pitágoras esteve alguma vez em contacto com os Jains. Não encontrei provas de que tivesse estado. Se nunca lhe falaram na reincarnação e se a ideia da transmigração das almas lhe ocorreu por si só, então é possível que este conceito pré-ariano seja verdadeiro.
Pessoalmente esta ideia apavora-me. Já basta nascermos uma vez e morrermos uma vez. Depois da morte, diz Zoroastro, cada um de nós será julgado. Os bons existirão no paraíso; os maus no inferno. Por fim, quando a Verdade eliminar a Mentira, todos serão transmutados em Verdade. Isto parece-me ser não só uma religião racional como extremamente útil. É por esta razão que não consigo imaginar nada mais horroroso do que saltar de corpo em corpo, ou de cobra em vespa e de vespa em árvore. É claro, a pessoa não se lembra - ao contrário de Pitágoras - das incarnações anteriores. Mas a questão não é realmente essa.
Pessoalmente adiro totalmente ao nirvana - uma palavra difícil de traduzir. O nirvana é qualquer coisa como o apagar-se de uma vela, mas há outros aspectos da palavra que são não só impossíveis de traduzir como, para um não-crente como eu, difíceis de compreender.
- Como foi criada a Terra? -. Formulei a primeira pergunta
habitual.
- Nem sabemos nem queremos saber -. Caraka falou pelo santo, que ainda estava a murmurar orações. - É claro, os Arianos dizem que há muito tempo, no princípio, havia dois gémeos: um homem e uma mulher.
- Yama e Yina? -. Isto surpreendeu-me: estes dois gémeos eram aceites por Zoroastro e ainda são adorados pela gente do campo.
Caraka fez que sim. - São os mesmos. Yama queria um filho. Mas Yina temia o incesto. Por fim ela convenceu o homem de que deveriam copular e foi assim que começou a raça humana. Mas então, quem fez os gémeos? Os Arianos falam de um ovo que chocou

o deus Brama. Muito bem. Mas quem pôs o ovo? Nem sabemos nem queremos saber. Somos como os seis cegos que tentaram definir um elefante. Um tocou numa orelha e disse, isto não é um animal mas uma folha dura como couro. Outro apalpou a tromba e disse, isto é uma cobra. E assim por diante. O que importa é que o ser e o modo do ser transcendem-se definitivamente quando deixamos de desejar as coisas que tornam a vida não só miserável como profana.
É bom de ver que Caraka não fez nenhum discurso tal como o que acabo de relatar. Eu tentei preencher um pequeno espaço com uma quantidade de

informação que iria adquirir ao longo de muitos anos.
Mas a verdade é que tenho uma viva recordação daquela noite no celeiro da velha cidade dos Harappas. Primeiro, porque o Jain nu de repente se pôs a falar e, graças a Caraka por me ter ensinado a língua errada, pude compreender um discurso que não só me espantou na altura como ainda vibra na minha memória:
- Quando o nono antes do último atravessador do rio nasceu, tinha um irmão que era tão mau quanto ele era bom. Serpentes saltavam dos ombros do irmão tenebroso e ele cometeu toda a espécie de crimes. Tal como um irmão era totalmente bom, o outro era totalmente mau. E assim continuaram até que, por fim, a luz absorveu as trevas e só ficou a luz. Assim será quando o último atravessador do rio nos tiver trazido da margem tenebrosa para o lado iluminado pelo Sol.
Fiz o melhor que pude para interrogar o santo. Mas ele não podia ou não queria discutir comigo. Limitou-se a repetir histórias, cantou canções, rezou. Caraka também não ajudou muito. Mas eu agora desejava descobrir a resposta a uma pergunta cuja solução deve existir algures na Terra.
Zoroastro não fez mais do que revelar a religião que era a nossa antes de os Arianos conquistarem a Média e a Pérsia? Zoroastro não era, de certeza, Ariano. Tal como disse já, creio que a família Spitama é Caldeia. Mas essa raça hoje está tão misturada com outras que a nossa religião original está bastante esquecida ou adulterada. Apesar disso, se as chamadas reformas de Zoroastro não foram mais do que a reafirmação da verdadeira religião original da raça humana, isso então explicaria a ferocidade com que Zoroastro atacava os deuses que os Arianos tinham trazido consigo do Norte.
- Não são deuses, são demónios -, dizia ele. E o facto de tanta gente do povo aceitar a sua mensagem significa que, em segredo, a visão divina original nunca se extinguiu nas suas almas. Explicaria também por que razão os Acménidas nunca levaram muito a sério os ensinamentos de Zoroastro. Salvo Histaspes, apenas fingem

venerar o meu avô porque, como chefes arianos, ainda são leais aos deuses tribais que lhes deram todo o mundo a sul das estepes.
Devo dizer que a minha verdadeira educação religiosa começou em Gandhai. Com a chuva a bater nas telhas do telhado, o homem santo e nu disse-nos, com todo o tipo de floreados retóricos, que o espírito está em todas as coisas, até nas pedras.
A propósito, a palavra que ele usou para espírito é quase idêntica à palavra grega cuja invenção é atribuída a Anaxágoras. Disse-nos também que nada é verdadeiro, a não ser de um só ponto de vista. Doutro ponto de vista, a mesma

coisa parecerá ser completamente diferente; daí a história dos cegos e do elefante. Contudo existe uma verdade absoluta que só pode ser conhecida por um atravessador do rio ou redentor. Infelizmente o nosso homem santo foi um tanto vago quanto à forma como alguém pode tornar-se um redentor. Ele era um redentor, disse-nos, porque tinha cumprido os cinco votos, a saber: não matar, não mentir, não roubar, não ser não-casto, não procurar o prazer.
Este último voto apresentava alguma dificuldade, tal como observei a Caraka no dia seguinte quando continuámos a viagem: - Supõe que o prazer de uma pessoa seja andar nua e dar lições a embaixadores persas. Isso quebraria o quinto voto, não te parece?
- Mas supõe que ele detesta dar lições a embaixadores persas?
- Não. Ele teve muito prazer nisso. Acho que ele não era um verdadeiro atravessador do rio.
- Ou sequer um Jain! -. Caraka tinha ficado desconcertado com toda aquela aventura. De certo modo parecia pensar que eu tinha sido exposto a um aspecto da cultura dravídica em que ele não estava inteiramente à vontade. Embora detestasse claramente os conquistadores arianos, Caraka tinha vivido toda a sua vida entre eles, tanto na índia como na Pérsia. Devido a isso, nem era uma coisa nem outra. Uma situação em que eu próprio me encontrei muitas vezes. Afinal sou meio Persa ou Caldeu e meio Grego jónico. Sirvo o Grande Rei ariano, no entanto sou o neto de Zoroastro. Rejeito os deuses dos Arianos mas não os seus reis. Creio na via da Verdade mas não sei verdadeiramente onde é que ela está.

2

Cerca de quatrocentas milhas a leste do rio Indo fica o rio Yamuna e a rica cidade de Mathura. Em Mathura fomos recebidos pelo governador, um homenzinho gordo

de pêra amarela. Enquanto os nossos barbeiros tentam recriar cores jovens para os homens que começam a envelhecer, o barbeiro indiano é famoso pela sua fantasia. Uma barba de quatro cores é considerada altamente desejável. Assim resulta que não há visão mais estranha do que uma reunião de cortesãos indianos, cada um com a sua barba arco-íris, sapatos brancos de couro e perigosas solas grossas e uma sombrinha colorida.
Embora o governador tivesse sido nomeado pelo rei Pasenadi de Koshala, Caraka garantiu-me que Mathura era praticamente independente, tal como a maior parte das cidades de Koshala. - Ninguém tem medo de Pasenadi. O seu reino está a afundar-se. E ele não se importa.

- Com que é que ele se importa?
- Com mestres do subterfúgio e dissecadores de evidências.
- Esses, o que são?
- Vagabundos. Sábios, no dizer deles -. Como vês, a índia de há cinquenta anos era muito parecida com a Atenas de hoje, onde mestres do subterfúgio e dissecadores de evidências como Protágoras e Sócrates se impõem e nada é verdadeiro ou falso.
Agora que sou velho, começo finalmente a compreender aquilo por que tem estado a passar o nosso mundo. Há já um certo tempo que as primitivas populações da Grécia, da Pérsia e da índia estão a tentar derrubar os deuses - ou demónios - dos Arianos. Em todos os países, Zeus-Varuna-Brahma está a ser negado. Como a multidão ateniense ainda é ariana nas suas superstições, poucos são os que se atrevem a questionar abertamente os deuses do Estado. Mas, em privado, estão a voltar-se para os cultos de mistérios pré-arianos ou para profetas radicais como Pitágoras... ou para o ateísmo. As coisas são mais claras na índia. Em todo o lado os deuses arianos estão a ser desafiados. Crenças antigas como a transmigração das almas são outra vez populares e as zonas rurais estão cheias de santos e ascetas que trocaram os deuses arianos pelas antigas crenças. Sabe-se até que há reis arianos que desistiram dos seus tronos para viver na selva, onde meditam e mortificam a carne.
Atribuo inteiramente a Zoroastro o facto de ter mostrado à humanidade não só a unicidade da divindade mas também a dualidade simultânea, que é uma condição necessária da verdadeira divindade. A Verdade não pode ser verdadeira sem a Mentira, e a Mentira não pode ser refutada sem a Verdade. Por consequência, cada vida humana é um campo de batalha entre as duas.
Demócrito vê uma contradição onde eu vejo uma luz clara. Mas ele passa os dias com sofistas.
179
Em Mathura fomos alojados numa casa de madeira pequena e confortável, muito parecida com uma miniatura do palácio medo de Ectabana. Infelizmente na estação das monções o cheiro a madeira húmida é estranhamente opressivo e por mais incenso que se queime, o cheiro a podre persiste em todas as salas.
Ficámos duas semanas em Mathura. Durante estas duas semanas chegaram mensageiros dos reis de Koshala e Magadha. Ambos queriam que eu visitasse o seu reino em primeiro lugar. Como já estávamos em Koshala, Caraka era de opinião que eu me apresentasse primeiro a Pasenadi. Mas como tinha sido Bimbisara quem escrevera a Dário, achei que era obrigado a dar-lhe a honra de o ir ver a Rajagriha. Além disso, Bimbisara era o dono das minas que tanto intrigavam Dário.

Enviei um mensageiro para Susa, com um relatório da minha embaixada até àquele momento. Seguidamente fiz os preparativos para a nova fase da minha viagem: a travessia do rio Yamuna e a descida do Ganges até Varanasi. Preocupava-me o facto de se o Ganges estivesse com cheias, teríamos de ir por terra ou esperar em Mathura pelo fim da estação das chuvas. Tal como veio a acontecer, tanto o Yamuna como o Ganges tinham cheias e fomos obrigados a esperar. As chuvas continuavam a cair incessantemente e eu ficava cada vez mais deprimido. Por outro lado Caraka florescia positivamente com a chuva. A chuva é a vida para esta gente.

Foi em Mathura que conheci a personalidade religiosa mais odiada - mas apesar disso muito venerada - de toda a índia.

Tinha pedido ao governador que me mostrasse os diversos templos e estabelecimentos religiosos da cidade. Ele foi muito amável. Até fingiu saber quem era Zoroastro. Graças aos seus esforços passei vários dias a correr de um templo para outro. Não sei por que me dei a esse trabalho. Os deuses arianos são sempre os mesmos, quaisquer que sejam os nomes. Há Agni, o deus do fogo, e Indra, o deus da tempestade. Há as deusas-mães extremamente populares e cujos santuários idólatras teriam agradado muito a Atossa. Etc.

Uma manhã, cedo, armados de guarda-chuvas, Caraka e eu fomos dar uma volta pelos bazares. Diante de uma barraca contendo serpentes dentro de cestos de vime, um velho fez-me parar de repente. Não trazia um guarda-chuva mas um bordão. Embora estivesse encharcado, não reparava na água que lhe enchia os olhos escuros e pingava do nariz comprido. Durante um momento olhámos um para o outro. Reparei que a sua barba era branca, sem pintura. Por fim perguntei-lhe: - Queres uma esmola?

O velho abanou a cabeça. - Vem comigo -, disse. A pronúncia era de um Ariano de casta mais alta. Ao atravessarmos a praça do

mercado ele não olhou para trás. Partia do princípio de que nós lhe obedeceríamos. Obedecemos-lhe. E, pela primeira vez, as pessoas não olhavam para nós mas para ele. Algumas fizeram o sinal de afastar o mau olhado enquanto outras beijavam a bainha do seu xaile molhado. Ele ignorou toda a gente.

- Um santo -, disse Caraka com a sua sagacidade habitual. Seguimos o velho através de ruelas apinhadas de gente até uma

grande casa quadrada, construída à volta de um pátio cuja varanda de madeira protegia uma série de grandes buracos. Estes buracos eram as entradas das celas dos monjes. Por falar nisto, este foi o primeiro dos muitos mosteiros que iria ver na índia.

O velho conduziu-nos para uma comprida sala vazia. Sentou-se de pernas cruzadas no chão de terra batida e fez-nos sinal para fazermos o mesmo. O chão era desagradavelmente húmido - tal como toda a índia nesta terrível estação.
- Sou Gosala -, disse o velho. - Tu vens da Pérsia. Ouvi dizer que o teu Grande Rei deseja aprender a ser sábio connosco. Isso é bom. Mas devo avisar-te de que nesta terra há muitos mestres do subterfúgio que fingem ser conquistadores, iluminados, atravessadores do rio. Deves estar em guarda e deves relatar ao Grande Rei apenas o que é verdadeiro.
- E o que é verdadeiro, Gosala? -. Prudentemente, abstive-me de lhe dizer o que era verdadeiro.
- Sei dizer-te o que não é verdadeiro -. Apercebi-me então de que estava na presença de um verdadeiro mestre. É escusado dizer que não fazia ideia de quem era Gosala. Se soubesse quem ele era, podia ter aprendido mais do que aprendi com este nosso único encontro.
- Os Jains acreditam que se pode ser santo ou chegar mais perto da santidade não matando nenhuma criatura, não dizendo nenhuma mentira, não buscando o prazer -. Foi-nos apresentada a lista habitual do que não se deve fazer. Esta lista é comum a todas as religiões que desejam purificar a alma, ou simplesmente o homem. As duas coisas não são a mesma coisa, já agora, graças à dualidade essencial da criação. A alma emana directamente do Senhor da Sabedoria. A carne é matéria. Embora a primeira impregne a segunda, não são a mesma coisa. A primeira é eterna; a segunda transitória.
- Mas tu, Gosala, és Jain -. Caraka sabia quem era exactamente Gosala.
- Sou Jain. Mas separei-me daquele que se chama Mahavira. Ele é considerado o vigésimo quarto fazedor da travessia. Não é.
- E tu, és? -. Caraka estava verdadeiramente interessado.

- Não sei. Nem quero saber. Amava Mahavira. Éramos como irmãos. Éramos como um só. Observávamos a sabedoria antiga. Mas então comecei a estudar aquelas coisas que os homens esqueceram e fomos obrigados a separar-nos. Porque hoje sei exactamente o que é verdadeiro e sou obrigado a dizer a verdade a quem quiser ouvi-la.
- Mas acabaste de dizer que só nos dirias o que não é verdadeiro -. Apressei-me a lembrar-lhe o seu gambito de abertura.
- A afirmação decorre da negação -. Gosala era paciente. - Não é verdade que nenhuma criatura viva possa aproximar-se da santidade ou do nirvana através da prática de uma vida boa ou através da observância total de todos os nossos votos. O que é verdade... -. Gosala lançou-me um olhar severo que muito me perturbou; ele era ao mesmo tempo sereno e implacável. - O que é verdade é que cada um

de nós começa como um átomo ou mónada de vida. E cada mónada é obrigada a sofrer uma série de oitenta e quatro mil renascimentos, começando no átomo vivo original e passando sucessivamente por cada um dos elementos, o ar, o fogo, a água, a terra, e depois por ciclos complexos como as rochas, as plantas, as criaturas vivas de todas as espécies. Quando a série de oitenta e quatro mil renascimentos se completa, a mónada é libertada, apagada.
Devo ter ficado com um ar invulgarmente estúpido pois, de repente, como para agradar a uma criança, Gosala pôs-se em pé. Tirou do cinto um novelo de cordel, que segurou na mão. - Pensa neste fio como se fosse todo o percurso de uma mónada. Agora... vê como ele sobe.
Gosala lançou a bola de cordel ao ar. Quando o fio se desenrolou todo, caiu. - Agora chegou ao fim. E esta - disse Gosala - é a história da nossa existência. Nós passamos do átomo a ar, a fogo, a terra, a pedra, a erva, a insecto, a réptil, a homem, a deus... a nada. No fim, todas essas máscaras que fomos obrigados a pôr e tirar são irrelevantes, pois não ficou nada por mascarar. Esta é a verdade da nossa condição. Mas o meu antigo irmão Mahavira dir-te-á que este processo pode ser acelerado através de uma vida virtuosa, obedecendo aos cinco votos. Mente. Cada um de nós tem de suportar todo o ciclo do princípio ao fim. Não há outra alternativa.
- Mas, Gosala, como sabes que isso é verdade?
- Passei a vida a estudar a nossa sabedoria sagrada. Foi-nos tudo revelado ao longo dos séculos. O processo é tão simples como esse fio caído no chão. Ninguém pode apressar ou alterar o seu destino.
- Mas Mahavira ensinou a rectidão. Isso não é uma boa coisa? -. Caraka estava tão mistificado como eu com a intransigência gélida de Gosala.

- Mahavira encontra-se nesse estádio do seu desenvolvimento -. Gosala foi brando. - Está obviamente a chegar ao fim do seu próprio fio. Afinal, alguns homens estão mais perto do nirvana do que outros. Mas, quer façam o mal ou o bem, não altera nada. Eles são simplesmente.
Fazem o que têm de fazer e suportam o que têm de suportar e chegam ao fim quando for a altura... e nunca antes.
- Então por que razão... -. Puxei para mim a extremidade mais próxima do fio à procura de um conforto? - ...ensinas tu? Por que razão queres dizer-me o que não é verdadeiro e o que é verdadeiro?
- Estou perto da saída, filho. É o meu dever. É também uma prova de que estou perto do fim. Portanto não tenho escolha. Sou obrigado - sorriu-se - a brincar com o fio.
- Conheces Zoroastro?

Gosala fez que sim. - Pelo que dele ouvi falar, devia ser muito jovem -. O velho torceu o xaile encharcado. Comecei a sentir-me molhado só de olhar para ele. - A preocupação com práticas religiosas correctas, inventar céus e infernos e dias do juízo é sinal de extrema juventude. Não digo isto por mal - acrescentou. - Há milhares de anos atrás também eu passei por essa mesma fase. Como vês, é inevitável.
É inevitável.
Tal foi a mensagem gélida de Gosala e nunca a esqueci. Nesta minha longa vida ainda não encontrei uma visão do Mundo tão implacável como a dele. Embora ele fosse muito vilipendiado em toda a índia, havia um número grande de pessoas que via nele alguém tão perto da saída que acreditavam em tudo quanto ele dizia. Naturalmente eu não acreditava.
Quanto mais não fosse, falando de um ponto de vista prático, se a visão de Gosala de uma criação imutável e inexorável viesse a predominar, o resultado conduziria à desagregação completa da sociedade humana. Se o bem e o mal são simplesmente características do lugar de uma dada criatura ao longo daquele fio que se desenrola, então não haveria necessidade da acção justa, e sem uma acção justa não pode existir nenhuma espécie de civilização, muito menos salvação, quando a Verdade derrota a Mentira. Mesmo assim, acho curioso que não se passe um dia da minha vida sem que não pense em Gosala e no seu cordel.

3

Dado que existem tantos rios na índia e nenhuma ponte em condições, as balsas são uma necessidade absoluta. Só me dei conta disso quando chegou a nossa vez de atravessarmos o caudaloso rio Yamuna. Ao colocarmo-nos à mercê de dois barqueiros mal encarados, vi de repente por que é que os vinte e quatro ditos salvadores dos Jains se chamavam fazedores da travessia. Os Jains vêem o Mundo como um rio veloz. Nós nascemos numa margem, que é a vida do Mundo. Mas então, se nos submetermos ao fazedor da travessia, podemos passar para o outro lado, para o alívio da dor, para a libertação definitiva. Esta balsa espiritual é o símbolo da purificação.
A balsa mundana de Mathura revelou-se não ser mais do que uma jangada grande, impelida através do rio para o outro lado por um par de salvadores bastante fracos. Nunca estudei a religião jaina bastante bem para saber se há, em alguma parte, enriquecimentos da sua metáfora da balsa sobre aqueles infelizes que se afogam, como quase nos aconteceu, em trânsito para o outro lado. Mas sobrevivemos às águas amarelas e cheias de remoinhos, tal como se tivéssemos

sido devidamente purificados.
Depois atravessámos a terra até ao Ganges, onde vários barcos de fundo chato nos aguardavam para nos levar umas duzentas milhas rio abaixo, até à velha e santa cidade de Varanasi, que fica no reino de Koshala, mas não muito longe da fronteira com Madagha.
A jornada entre os dois rios fez-se sem incidentes. A terra é plana. Muita da primitiva selva foi limpa, dando lugar a arrozais. Durante o século passado a população da planície gangética mais do que duplicou, graças à facilidade com que o arroz pode ser cultivado. Não só as chuvas das monções alimentam realmente esta cultura sedenta de água mas também, quando as chuvas acabam, a planura da região permite que os agricultores irriguem com facilidade os seus campos com a água do sempre profundo, rápido e surpreendentemente frio rio Ganges.
As estradas eram tão más como me tinham prevenido. Em terreno aberto seguíamos por pistas de lama espessa. Nas selvas estávamos à mercê de guias pagos ao dia. Assim sendo, gastámos mais dias do que os necessários nessa imensidão verde e escaldante, onde restolham cobras na vegetação rasteira e mosquitos de tamanho fantástico bebem o sangue do viajante. Embora o trajo persa cubra

todas as partes do corpo excepto o rosto e as pontas dos dedos, a probóscide do mosquito Índico consegue penetrar num turbante de três camadas.
Achámos os aldeãos tímidos mas amáveis. Segundo Caraka, a gente dos campos é da velha cepa pré-ariana, enquanto as cidades são os lares dos invasores arianos. Os dois grupos raramente se misturam.
É o mesmo aqui - disse Caraka - que no Sul dravídico.
- Mas tu disseste-me que não há Arianos no Sul.
Caraka encolheu os ombros: - É possível -, disse. Caraka sofria da imprecisão congénita dos Indianos. - Mas a gente das aldeias é de origem diferente da gente da cidade. Nunca querem deixar a sua terra e os seus animais.
- Salvo quando o fazem -, observei-lhe. Muitos dos contos populares indianos têm por assunto um rapaz da aldeia que vai para uma cidade grande, torna-se amigo de um mágico, casa com a filha do rei, unge-se com ghee (1), ou manteiga clarificada, uma substância nauseabunda que faz as delícias dos ricos. Os sacerdotes dos templos banham periodicamente as imagens dos seus deuses neste líquido viscoso e de cheiro horrível.
Varanasi é uma cidade enorme, construída na margem sul do Ganges. Os seus habitantes gostam de dizer que é a cidade mais antiga, habitada, do Mundo. Como o Mundo é muito grande e muito antigo, não vejo como possam estar tão

certos disso. Mas compreendo os seus sentimentos. Os Babilónios também se gabam da antiguidade da sua cidade. Mas enquanto que em Babilónia há muitos escritos dos tempos antigos, pouco material escrito há que possa ser encontrado em qualquer das cidades da índia. Tal como os Persas, eles preferem - pelo menos até recentemente - a tradição oral.
Durante mais de mil anos os conquistadores arianos têm recitado as suas canções ou hinos do chamado conhecimento divino; são conhecidos como vedas. A língua dos vedas é muito antiga e não tem nenhuma semelhança com os dialectos modernos. Provavelmente trata-se da mesma língua ariana que os primitivos Persas falavam, e muitas das narrativas parecem-se com essas histórias persas que os velhos ainda hoje recitam no mercado. Falam do mesmo tipo de heróis e monstros, de guerras complicadas e súbitas revelações da divindade. Muito curiosamente, a divindade indiana mais frequentemente invocada é Agni, o deus do fogo.
De um lado ao outro da índia, os Brâmanes preservam cuidadosamente estes livros. Mas entre os Brâmanes existe uma grande especialização.
* (1) Manteiga de leite de búfalo, clarificada até parecer óleo. (N. do T.) *

Alguns são notados pelo seu domínio dos vedas que tratam, digamos, do deus Mitra ou de um herói semidivino como Rama; outros velam por que os sacrifícios sejam realizados como deve ser, etc.
Embora os Brâmanes constituam a classe ariana mais elevada, os guerreiros tendem a troçar deles e até os seus inferiores os ridicularizam abertamente em canções e representações teatrais. Os Brâmanes são considerados perigosos, corruptos e ímpios. Como tudo isto me era familiar! É assim que os Persas vêem os Magos. Contudo os deuses que os Brâmanes servem são levados muito a sério por muita gente. Agni, Mitra, Indra todos eles têm os seus devotos, especialmente entre as classes arianas mais simples.
Não acredito que alguém em todo o Mundo compreenda todas as complexidades e sobreposições das religiões indianas. Quando confrontado com uma confusão de divindades do mesmo género, Zoroastro simplesmente denunciou tudo isso como demónios e lançou-os ao fogo sagrado. Infelizmente, tal como o fogo, estão sempre a reacender-se.
Debaixo de uma forte chuva acostámos a um molhe de madeira no que parecia ser o centro de Varanasi. O governador da cidade tinha sido avisado da nossa chegada, e fomos recebidos por uma delegação oficial muito encharcada. Fomos felicitados por termos chegado sãos e salvos. Muito educadamente, foi-nos dito que ninguém viaja durante a estação das chuvas. Obviamente os deuses estavam satisfeitos connosco.

Trouxeram-nos então uma escada para eu poder subir para cima de um elefante. Como esta era a minha primeira experiência com um elefante, o condutor tentou acalmar-me com a informação de que estes animais são quase tão inteligentes como os homens. Embora eu suspeite que ele não era o melhor avaliador de homens, é de certeza verdade que os elefantes respondem a uma variedade de ordens verbais; são ao mesmo tempo afectuosos e ciumentos. De facto, cada elefante olha para o seu condutor como o seu condutor, e se este mostrar o mais pequeno interesse por outro elefante, arma-se uma cena terrível de primazias e vaidades ofendidas. Um curral de elefantes a mais nada se assemelha do que at) harém de Susa.

Sentei-me numa espécie de trono de madeira por baixo de um guarda-sol. O condutor falou então para a criatura e a nossa viagem começou.

Como antes disso nunca tinha viajado tão acima do solo, passou-se muito tempo antes que me atrevesse a olhar para baixo, para a rua enlameada, onde uma grande multidão se tinha juntado para ver o embaixador do longínquo Oeste.

186

Até há pouco tempo o nome da Pérsia era desconhecido na planície gangética. Mas como ao emergente reino de Magadha faltam boas universidades, os mais inteligentes dos seus jovens são mandados estudar ou para Varanasi ou para Taxila. Naturalmente, Taxila é preferida a Varanasi porque é mais longe e os jovens gostam sempre de interpor a maior distância possível entre eles e a família. Assim sendo, em Taxila os jovens Magadhanos não só tomam conhecimento do poder da Pérsia como entram em contacto com os Persas da vigésima satrapia.

Fomos recebidos no seu palácio pelo vice-rei de Varanasi. Embora fosse escuro como um Drávida, pertencia à classe ariana dos guerreiros. Ao aproximar-me, curvou-se todo. Quando proferi o meu discurso habitual vi que ele tremia como um salgueiro numa tempestade. Estava simplesmente aterrorizado e eu profundamente satisfeito. Eles que temam Dário, pensei, e o seu embaixador.

Quando acabei as minhas elegantes observações, o vice-rei voltou-se e apontou para um homem alto e pálido, com uma franja de cabelos de cor do cobre a despontar de um turbante de tecido dourado. - Senhor Embaixador, este é o nosso prezado convidado, Varshakara, camareiro-mor do rei de Magadha.

Varshakara aproximou-se de mim com o andar desengonçado de um camelo. De frente um para o outro cumprimentámo-nos à maneira formal indiana. O que implica inúmeras inclinações de cabeça e apertos de mãos... cada um aperta as suas. Não há contacto físico.

- O rei Bimbisara espera ansiosamente o embaixador do rei Dário -. A voz de Varshakara era surpreendentemente aguda para um homem tão grande. - O rei

está em Rajagriha e espera receber-te antes do fim das chuvas.
- é com ansiedade que o embaixador do Grande Rei aguarda o encontro com o rei Bimbisara -. Por esta altura eu já era capaz de diálogos de cerimónia sem intérprete. No fim da minha embaixada indiana ensinava já a linguagem da corte a Caraka.
Ao princípio referia-me sempre a Dário como o Grande Rei. Mas quando os cortesãos de Bimbisara começaram a usar esse título com Bimbisara, passei a referir-me a Dário como rei dos reis. Este título nunca eles o conseguiram superar.
- é a mais feliz das coincidências - disse o camareiro, cofiando a sua barba verde - que ambos estejamos em Varanasi ao mesmo tempo. O meu desejo mais caro e a minha grande esperança é que possamos viajar juntos até Rajagriha.
- Isso dar-nos-ia muita alegria -. Voltei-me para o vice-rei, desejando que ele se juntasse à conversa. Mas ele olhava desvairado

para Varshakara. Obviamente não fora eu mas o Magadhano quem tinha aterrorizado tanto o vice-rei e a sua corte.
Intrigado, pus de lado o protocolo e perguntei: - O que é que traz o camareiro a Varanasi?
O sorriso de Varshakara revelou uns dentes de um vermelho vivo; ele era um mascador inveterado de folhas de bétele. - Estou em Varanasi para estar perto do garanhão -, respondeu: - Neste momento ele está no parque dos veados, fora da cidade. Gosta tanto das chuvas como nós. Mas daqui a pouco continuará a sua santa viagem e se entrar em Varanasi... -. Varshakara não concluiu a frase. Em vez disso mostrou-me todos os seus dentes vermelhos. Entretanto, a cara escura do vice-rei ficou como as cinzas de um fogo há muito apagado.
- De quem é o cavalo - perguntei - que está no parque dos veados? E qual a razão da sua santa viagem?
- Pelo menos uma vez durante o seu reinado um grande rei realiza o sacrifício do cavalo -. Não gostei do uso da palavra "grande" pelo camareiro, mas não disse nada. Iria ter tempo suficiente para o corrigir. Na minha mente via a águia de Dário a pingar chuva, num voo alto sobre toda a índia.
- Um garanhão é empurrado para a água com uma vassoura. Em seguida um cão de quatro olhos é espancado até à morte pelo filho de uma puta. Como sacerdote ariano compreenderás certamente o significado disto.
A minha expressão foi solene; não compreendi nada.
- Depois o corpo do cão flutua por baixo da barriga do cavalo em direcção ao Sul, onde vivem os mortos. Depois, o garanhão é solto e deixado tomar o caminho que quiser. Se entrar noutro país, o povo desse país tem ou de aceitar a

soberania do nosso rei ou lutar pela sua liberdade. Naturalmente, se o cavalo for capturado, o destino do rei fica seriamente... ameaçado. Como podes ver, o sacrifício do cavalo é não só um dos nossos mais antigos rituais como, potencialmente, o mais glorioso.
Compreendia agora o nervosismo do vice-rei de Varanasi. Se o cavalo entrasse na cidade, os habitantes seriam obrigados ou a reconhecer Bimbisara como rei ou a lutar. Mas lutar contra quem?
O camareiro teve todo o prazer em dizer-me contra quem. Estava a gozar imensamente com o terror dos nossos anfitriões. - Naturalmente nós não arriscamos o destino do nosso rei. O cavalo é seguido constantemente por trezentos dos nossos melhores e mais nobres guerreiros. Todos eles vêm montados... mas nunca numa égua! O garanhão está privado de relações sexuais durante um ano,

assim como o rei. à noite o rei tem de dormir castamente entre as pernas da sua esposa mais atraente. Entretanto, nós estamos aqui. Se o garanhão entrar em Varanasi, então esta boa gente - (Varshakara fez um gesto que abrangia o vice-rei e a sua corte) - tornar-se-á súbdita do rei Bimbisara, do que, estou certo, não se importaria. Afinal, o nosso rei está casado com a irmã do rei deles, o rei de Koshala.
- Todos nós somos... súbditos do destino -, disse suspirando o vice-rei.
- Por isso é que estou eu aqui, para persuadir os nossos amigos, os nossos vizinhos, os nossos primos... estás a ver, nós consideramos o povo de Varanasi como fazendo já parte da família magadhana... a não resistir, caso o garanhão se decida a entrar na cidade e matar a sede na água do Ganges.
Em resumo, um começo nada auspicioso para uma embaixada, pensei, enquanto nos mostravam os nossos aposentos no palácio do vice-rei. Uma guerra entre Magadha e Koshala interromperia certamente o comércio do ferro; por outro lado, uma guerra entre dois Estados poderosos pode, às vezes, ser resolvida pela intervenção de uma terceira potência. Anos antes, um rei indiano tinha-se oferecido como medianeiro entre Ciro e o rei dos Medos. Naturalmente, foi recusado por ambos os lados. Embora os ocidentais possam viajar para oriente, os orientais nunca devem ser encorajados a ir para ocidente !
Por causa do comércio do ferro, esperava que o cavalo ficasse no parque dos veados. Por causa da futura glória do império persa, esperava que lhe desse a sede e fosse beber ao Ganges.
Dois dias mais tarde o garanhão virou para sul e Varanasi salvou-se.
Varshakara, embora ficasse furioso, fez o melhor que pôde para parecer sereno. - Tens de vir comigo - disse-me no dia a seguir à partida do cavalo - ao templo de

Agni. Ele é exactamente igual ao vosso deus do fogo, e estou certo de que quererás prestar-lhe culto num cenário indiano.
Não expliquei o Senhor da Sabedoria ao camareiro. Tinha já decidido que só falaria de religião com Brâmanes, santos e reis. Mas interessava-me ver se a influência do meu avô já se tinha espalhado para lá da Pérsia.
Através do que me pareceram milhas de ruas estreitas, tortuosas, incrivelmente populosas, fomos transportados em liteiras douradas até ao templo de Agni, uma construção pequena e feia, feita de madeira e tijolo. Fomos recebidos respeitosamente à porta pelo

Sumo Sacerdote que tinha a cabeça completamente rapada, à excepção de um rabicho no alto da cabeça. Usava vestes escarlates e brandia uma tocha.
Ao lado da porta do templo, um altar redondo de pedra estava protegido da chuva por um toldo. Com displicência, o sumo sacerdote queimou um pouco de ghee com a sua tocha. Devo dizer que fiquei siderado com o sacrilégio. O fogo sagrado só deve ser aceso num lugar sem Sol. Mas creio que o facto de o Sol não se ter mostrado uma só vez em vários meses podia servir para classificar a índia inteira como um lugar sem Sol.
Entrámos no templo, onde uma estátua de madeira de Agni reluzia de manteiga rançosa. O deus está sentado num carneiro. Num dos seus quatro braços segura um dardo, representativo do fogo, enquanto na cabeça tem uma complicada coroa de madeira representando o fumo. Dentro do templo, outras imagens mostram Agni com sete línguas, etc. Como muitas outras divindades indo-arianas, possui todo o tipo de personae. Na lareira, é o fogo. No Céu, é o relâmpago. E sempre, em todas as circunstâncias, é o intermediário entre o homem e deus, pois é o fogo que leva para o Céu a carne queimada da vítima; nisto e só nisto é que Agni se assemelha ao fogo de Zoroastro.
Seguiu-se uma série de rituais, na sua maior parte bastante confusos para um não-Brâmane. Além do mais, os sacerdotes serviam-se de uma língua arcaica que nem eu nem Caraka compreendíamos.
- Duvido que eles também a compreendam -, disse-me ele depois. Embora os pais de Caraka fossem Jains, ele gostava de afirmar que era adorador de Naga, o deus serpente dravídico sobre cujos anéis repousa o Mundo. Mas na verdade, Caraka era irreligioso.
Ao fim de uma hora de cânticos incompreensíveis, foi-nos oferecido, a cada um de nós, um líquido de gosto horrível numa taça comunitária. Respeitosamente bebi o líquido. O efeito foi rápido e infinitamente mais poderoso do que haoma. Mas como não aceito os deuses védicos, as minhas fantasias acordado não tinham relação com a cerimónia que decorria. Ainda assim, a certa altura os

quatro braços de Agni pareciam que estavam a mexer e por um efeito qualquer o dardo estava a arder.
Murmurei uma oração ao fogo, como mensageiro de Ahura Mazdah, o Senhor da Sabedoria. Mais tarde soube que um dos nomes do principal deus ariano Varuna é Ashura. Isto quer dizer que ele é o nosso Ahura, ou Senhor da Sabedoria. Compreendi então que, depois de ter reconhecido o deus central dos Arianos como o único

criador, o meu avô pôs de lado todos os outros deuses como demónios irrelevantes. Mas tirando Ashura-Varuna ou Ahura Mazdah, não partilhamos nada com os adoradores dos deuses védicos, salvo a crença de que a harmonia deve ser mantida entre quem cria e o que é criado através do ritual e dos sacrifícios correctos. Contudo não consigo deixar de pensar que a confusão doida que os Indo-Arianos fizeram com os seus deuses é sinal de que eles agora estão a mover-se em direcção à concepção de Zoroastro da unidade que contém todas as coisas. Não está a infinidade de deuses - como em Babilónia - mais perto de ser a aceitação de que não existe senão Um?
Em última análise, os sacrifícios feitos a este ou àquele demónio devem ser interpretados pelo Senhor da Sabedoria como oferendas a ele mesmo. Doutra maneira ele não deixaria tais coisas acontecer. Entretanto envia-nos homens santos para nos dizerem como, quando e o que sacrificar. O mais santo desses homens foi Zoroastro.
Na índia há todo o tipo de santos ou mestres disto ou daquilo, e muitas dessas figuras são ao mesmo tempo fascinantes e perturbantes. Muitos deles rejeitam os deuses védicos e a ideia de uma vida depois da morte. Segundo a religião védica, os que praticam o mal acabam num inferno conhecido como a casa de barro, enquanto os bons ascendem a algo chamado o mundo dos pais; e é tudo. A geração actual de homens santos acredita na transmigração das almas, um conceito pré-ariano; outros não. Os absolutamente indiferentes são bastante poucos; ficariam perfeitamente bem num dos jantares de Aspásia.
Mas como os adoradores do demónio indo-arianos acreditam que o fogo é um aspecto do bem porque o fogo destrói as trevas, não me importei absolutamente nada de tomar parte naquela cerimónia em Varanasi. Os Indianos chamam soma ao líquido que eu bebi e que provoca visões, obviamente uma variante do nosso próprio haoma. Infelizmente, os Brâmanes gostam tanto dos seus segredinhos como os nossos Magos, e assim não consegui saber de quê ou como é feito. Só sei que a uma certa altura vi - isto é, imaginei - Agni arremessar o seu dardo incandescente para o tecto.
Ouvi também, muito claramente, o sumo sacerdote falar da origem de todas as

coisas. Para minha surpresa, não falou de nenhum ovo cósmico ou de um homem colossal ou de gémeos. Em vez disso falou muito claramente de um momento em que nem sequer o nada existia.
Esta imagem impressionou-me. Nunca consegui visualizar o nada porque uma coisa - um homem - não pode, acho eu, compreender nenhuma coisa.
191
- Não havia nem a não existência nem a existência; não existia o ar, nem o céu -. Quando concluía cada verso do chamado hino da criação, o sacerdote percutia um pequeno tambor que tinha na mão.
- O que é que cobria tudo? E onde? -. O hino então fala de um tempo (anterior ao tempo) em que "não havia nem a morte nem a imortalidade, nem a noite nem o dia". Mas então, por causa do calor... - (donde veio o calor, perguntei-me eu) -... uma entidade conhecida como o Um tomou forma. "Depois surgiu o desejo, semente original e germe do espírito." Do Um vieram os deuses e os homens, este Mundo, o Céu e o Inferno. Neste ponto o hino toma um rumo estranho.
- "Quem sabe" - entoou o sumo sacerdote - "donde veio tudo e como se deu a criação? Os deuses, incluindo Agni, não sabem, pois vieram depois. Portanto, quem sabe? O mais alto de todos os deuses do céu, saberá ele como tudo começou... ou também o ignora?".
Para mim isto era ateísmo. Mas a verdade é que também nunca consegui perceber em que é que os Brâmanes acreditam realmente, se é que acreditam em alguma coisa. Embora os nossos próprios Magos sejam complicados, confusos, manhosos, são consistentes em certas coisas. Os gémeos originais existem e são para eles o primeiro homem e a primeira mulher. Aliás, não concebo um Mago a pôr de repente em questão - numa cerimónia religiosa! - a própria existência do deus-criador.
Fortemente drogado regressei ao palácio do governador, onde Varshakara queria conversar de política comigo. Mas eu desculpei-me. O soma e as chuvas e uma viagem de mais de mil milhas tinham-me deixado exausto. Dormi durante três dias.
Fui acordado, finalmente, por Caraka.
- Varshakara ofereceu-se para nos escoltar até Rajagriha. Digo-lhe que sim?
- Sim -. Embora ainda meio a dormir, apercebi-me de que havia qualquer coisa que não estava certa. Então vi que, pela primeira vez em quase quatro meses, não ouvia a chuva tamborilar no telhado. - As chuvas...
-... acabaram. Quanto mais não seja, por algum tempo. As monções acabam aos poucos.
- Estava a sonhar com aquele cavalo -. Isto era verdade. No meu sonho eu estava no túmulo de Ciro, perto de Persépolis. Montava o garanhão. A minha frente

estavam Atossa e Lais, cada uma com uma espada na mão.
192
- Isto é a Pérsia! - gritava Atossa.
- E esse é o cavalo errado -, disse Lais com firmeza; então Caraka acordou-me. Devia ter mandado estudar o sonho imediatamente. Os Indianos são de uma extravagância que raia o incrível na sua paixão pela interpretação dos sonhos. Mas esqueci-o logo a seguir e só agora, meio século depois, me ocorreu... vividamente e para nenhum fim prático.
- O cavalo voltou para Rajagriha -, disse Caraka. - Estão todos muito transtornados, especialmente Bimbisara. Ele esperava acrescentar Varanasi ao seu reino. Ou, em alternativa, uma dessas pequenas repúblicas a norte do Ganges. Mas até aqui o cavalo nunca saiu de Magadha. Já combinei o teu encontro com Mahavira.
- Quem? -. Ainda estava a dormir.
- O fazedor da travessia. O herói dos Jains. Está em Varanasi e concordou em encontrar-se contigo.
O nome Mahavira quer dizer grande herói. O nome real do vigésimo quarto e último fazedor de travessias era Vardhamana. Embora fosse de uma família de guerreiros, os seus pais eram Jains tão devotos que agiram seriamente de acordo com a injunção jaina de que a melhor morte é a que o indivíduo alcança através da extinção da sua vida, lenta, deliberadamente e reverentemente, por inanição. Quando Vardhamana tinha trinta anos, os seus pais deixaram-se morrer à fome. Devo dizer que para mim são verdadeiros heróis, se não grandes heróis. Vardhamana ficou tão impressionado com a morte dos pais que abandonou a mulher e os filhos e tornou-se monje da Jaina. Ao fim de doze anos de isolamento e renúncia de si mesmo, atingiu o estado a que os Indianos chamam kevala. Isto quer dizer que ele se reuniu de modo especial ao cosmos. Vardhamana foi aclamado Mahavira e tornou-se o chefe da ordem Jaina. Quando eu estava na índia, a ordem era constituída por cerca de catorze mil homens e mulheres celibatários. Os homens vivem em mosteiros, as mulheres em conventos. Alguns dos homens andam sem roupa e são conhecidos por "vestidos de céu". As mulheres não podem usar trajes tão celestiais.
Numa colina acima do Ganges, um grupo de monjes Jainas tinham convertido um armazém em mau estado num mosteiro onde Mahavira tinha passado a estação das chuvas. Foi-nos dito que chegássemos logo a seguir à refeição do meio-dia. Como os monjes não fazem mais do que engolir uma malga de arroz, mendigada como esmola, a refeição do meio-dia começa e acaba ao meio-dia. De modo que logo depois do meio-dia, dois monjes escoltaram-nos até
193

uma sala cavernosa e húmida, onde várias centenas de membros da ordem estavam a rezar em voz alta. Reparei que a maior parte não se lava com muita frequência e que muitos pareciam ser fisicamente deformados ou doentes.
Os nossos guias conduziram-nos para uma espécie de varandim, separado do armazém por uma cortina. Atrás da cortina encontrámos o grande herói em pessoa. Mahavira estava sentado, de pernas cruzadas, num sumptuoso tapete lídio. Vestia uma túnica dourada. Achei isso pouco ascético, mas Caraka garantiu-me que cada um dos vinte e quatro fazedores da travessia teve, desde o princípio dos tempos, a sua própria cor e emblema particulares. A cor de Mahavira era o dourado e o seu emblema o leão.
Suponho que Mahavira rondava os oitenta anos quando o conheci. Era um homem pequeno, largo, de voz sonora e imperiosa. Quase nunca olhava para a pessoa com quem falava, o que acho sempre desconcertante. Mas fui educado numa corte onde não se pode olhar para ninguém de condição real. Por isso, se uma pessoa não olha para mim, penso que estou na presença de uma pessoa real ou... do quê? De um impostor?
Sê bem-vindo, embaixador do Grande Rei Dário. Sê bem vindo, neto de Zoroastro, que falou pelo Senhor da Sabedoria, se tal é possível.
Agradou-me ser conhecido de Mahavira; e desagradou-me a ambiguidade do "se tal é possível". Queria ele dizer que Zoroastro não era o profeta? Em breve o descobri.
Saudei Mahavira à complicada maneira indiana, enquanto Caraka lhe beijava os pés em sinal de respeito. Em seguida sentámo-nos na borda do tapete. Do outro lado da cortina, ouvíamos os monjes cantar em coro um hino interminável.
- Eu vim ensinar a todos os homens os caminhos do Senhor da Sabedoria -, disse eu.
- Se algum homem o pode fazer, tenho a certeza de que esse homem és tu -.
Outra vez o sorrisinho de quem sabia ou julgava que sabia mais do que os outros. Dominei a minha irritação. Para seu proveito cantei um dos gathas de Zoroastro.
Quando me calei, Mahavira disse: - Há muitos deuses, tal como há muitos homens e muitos... mosquitos -. Este aparte ocorreu-lhe quando um mosquito deu uma volta lenta em torno da sua cabeça. Sendo Jain, Mahavira não podia tirar-lhe a vida. Como convidado dos Jains, decidi que também eu não o mataria. E, perversamente, o mosquito acabou por beber sangue das costas da minha mão e não da dele.

- Somos todos da mesma substância -, disse-me ele. Partículas minúsculas ou mónadas de vida que se ligam continuamente nesta e naquela forma. - Algumas

sobem o ciclo da vida -, disse ele. - Outras descem-no.
A visão dos Jains é que o cosmos é preenchido por átomos. Utilizo a palavra que Anaxágoras inventou para as partículas infinitesimais de matéria que constituem a criação. Contudo a mónada de vida dos Jains não é exactamente o mesmo que um átomo.
Anaxágoras não pensaria que uma partícula infinitesimal de areia, por exemplo, contém vida. Mas para os Jains todos os átomos são mónadas de vida. Certas mónadas associam-se e sobem o ciclo da vida desde a areia e a água, passando pelos reinos vegetal e animal até às criaturas superiores que possuem cinco sentidos, uma categoria que engloba não só os seres humanos mas também os próprios deuses. Ou as mónadas de vida desintegram-se e descem o ciclo. Primeiro perdem as. ditas cinco faculdades de acção, bem como os cinco sentidos; e depois decompõem-se gradualmente nos seus elementos constituintes.
- Mas quando começou esse processo de ascenção e queda e como? - perguntei, temendo a resposta que na realidade obtive.
- Não há princípio nem fim. Estamos condenados a prosseguir de um nível para outro, para cima e para baixo, como sempre fizemos e como sempre faremos até que este ciclo do Mundo acabe... para voltar a começar. Entretanto, eu sou o último fazedor da travessia, neste ciclo. Agora estamos a descer, todos nós.
- Tu também?
- Como todas as coisas descem forçosamente também eu desço. Mas sou o fazedor da travessia. Eu pelo menos fui capaz de tornar límpida como um diamante a mónada de vida que anima o meu ser.
Ao que parece, uma mónada de vida é como um cristal que é atenuado ou turbado ou colorido por uma das seis cores cármicas, ou do destino. Se tu matas alguém deliberadamente, a tua mónada de vida torna-se negra. Se matas sem querer, tornar-se-á azul escura, e assim sucessivamente. Mas se observares fielmente todas as regras da ordem, tornar-te-ás puro, mas não serás o fazedor da travessia. Para o seres, é preciso que tenhas nascido para isso.
A certeza com que Mahavira falava resultava de uma religião antiga cujos preceitos ele aceitava tão totalmente que era incapaz de conceber outra coisa. Quando lhe observei que a tensão entre a mónada de vida e as cores que a mancham se assemelha de certa forma ao combate entre o Senhor da Sabedoria e Ahriman, ele sorriu-se polidamente e disse:

- Em todas as religiões, por mais incipientes que sejam, é frequente haver uma tensão entre a ideia do bem e a ideia do mal. Mas as religiões juvenis carecem de verdade absoluta. São incapazes de aceitar o fim da personalidade humana.

Insistem numa caverna de barro ou em qualquer outro tipo de lar ancestral onde o indivíduo pode continuar a ser ele mesmo eternamente. Ora isto é infantil. Não é claro que o que não tem começo não pode ter fim? Não é claro que o que sobe também tem de descer? Não é claro que não se pode fugir a isto? A não ser o indivíduo tornar-se completo, como eu fiz, ao integrar-me com o todo, o Universo.
- Como realizaste isso? -. Fui educado; curioso mesmo.
- Isolei-me durante doze anos. Vivi sem roupas, comia raramente, era casto. Naturalmente fui espancado e apedrejado pelos aldeões. Mas como sabia que o corpo é sujo, transitório, uma âncora que prende a balsa a meio da passagem, ignorei todas as necessidades até que, finalmente, gradualmente, a minha mónada de vida se tornou limpa. Como agora sou impermeável a tudo, não posso nascer outra vez, nem sequer como rei dos deuses... uma coisa que sempre se deve temer, pois esse tipo de esplendor já turvou mais do que um cristal. De facto, ser um dos deuses supremos é a última tentação, a mais difícil de resistir, a mais refinada. Olha para o teu Ahura Mazdah. Ele escolheu ser o Senhor da Sabedoria. Mas se fosse verdadeiramente sábio, teria dado o passo seguinte e último e tinha-se integrado com aquela criatura cósmica de que todos nós fazemos parte, o homem colossal de cujo corpo todos nós somos simplesmente os átomos que não cessarão de se recombinar sempre, até que, com a integração, hoje uma libertação do ser e, tal como uma bolha, flutuarmos para o cimo daquele crânio curvo estrelado e acabarmos.
O que me fascina nos Jains não é tanto a sua certeza - uma característica de quase todas as religiões - como a antiguidade das suas crenças. É possível que a sua visão atomística do homem seja a mais antiga teoria religiosa. Durante séculos eles estudaram todos os aspectos da vida humana e relacionaram-nos com a sua visão do Mundo. Embora a integração seja a meta oficial de todos os monjes Jaina, só poucos a alcançam. Contudo o esforço desprendido na sua prossecução será compensado por um renascimento melhor, se tal coisa existe.
- Lembras-te de alguma das tuas incarnações anteriores? Pela primeira vez Mahavira olhou para mim. - Ora, não. Qual seria o interesse disso? Afinal, não custa nada imaginar como deve ser ser-se um leão ou o deus Indra ou uma mulher cega ou um grão de areia.

- Um Grego chamado Pitágoras afirma que se lembra de todas as suas vidas anteriores.
- Oh, pobre homem! -. Mahavira parecia genuinamente infeliz. - Lembrar-se de oitenta e quatro mil existências anteriores! Mas seria realmente um inferno, se existisse tal coisa.

O número oitenta e quatro mil lembrou-me Gosala. Disse-lhe que tinha conhecido o seu antigo amigo.
Mahavira piscou os olhos. Parecia um macaco gordo simpático. - Durante seis anos fomos íntimos como irmãos -, disse ele. - Então deixei de ser eu próprio. Deixei de me importar com ele. Ou com quem quer que fosse. Eu tinha alcançado a integração. O pobre Gosala não, não é capaz. De modo que separámo-nos. Passados dezasseis anos, quando voltámos a encontrar-nos, eu era o fazedor da travessia. Porque era incapaz de suportar isso, ele odiava-se a ele mesmo. Isso foi quando ele negou a crença essencial dos Jains. Se não podemos, alguns de nós, integrar-nos a nós mesmos, então o que fazemos não tem razão de ser. Nesse instante, Gosala decidiu que não há razão alguma para o que fazemos porque... Ele lançou um novelo de fio ao ar para tu veres?
- Sim, Mahavira.
Mahavira riu-se. - Que acontece, pergunto eu, com aquelas partículas mínimas que se desprendem quando o fio se desenrola? Suspeito que algumas se integram no todo, não te parece?
- Não faço ideia. Fala-me deste ciclo da criação que está a chegar ao fim.
- Que há a dizer? Termina...
- E volta a começar?
- Sim.
- Mas quando começaram os ciclos? E por que razão continuam? Mahavira encolheu os ombros. - O que não tem fim, não tem princípio.
- Mas e esse... homem colossal? Donde veio? Quem o criou?
- Não foi criado, pois já existia e todas as coisas fazem parte dele, para sempre.
- O tempo...
- O tempo não existe -. Mahavira sorriu. - Se achas isto demasiado difícil de compreender - (olhou para Caraka, o Drávida) - então pensa no tempo como uma serpente a engolir a própria cauda.
- O tempo é um círculo?
- O tempo é um círculo. Não tem princípio. Não tem fim -. Com isto Mahavira inclinou a cabeça e a audiência terminou. Ao

levantar-me para sair reparei que um mosquito tinha pousado no ombro nu de Mahavira. Ele não se mexeu enquanto o mosquito lhe chupava o sangue.
Um dos monjes insistiu em mostrar-nos o abrigo para animais ali perto onde, numa série de cabanas mal feitas, todo o tipo de animais doentes ou feridos são amorosamente tratados e onde, até àquele momento, eu nunca senti tal cheirete nem ouvi tamanhos uivos, gemidos ou mugidos.
- Também tratais seres humanos? - perguntei, de nariz tapado com um pano.

- Os outros tratam, Senhor. Nós preferimos tratar os verdadeiramente indefesos. Deixa-me mostrar-te uma infeliz vaca que encontrámos...
Mas eu e Caraka já tínhamos saído a correr dali para fora.
Nesse dia conheci um dos mais importantes mercadores da cidade. Embora a classe mercantil seja olhada de alto pelos guerreiros e pelos Brâmanes, a maior parte da riqueza dos Estados indianos é controlada por eles e eles são com frequência cortejados pelos que lhes são superiores socialmente.
Indicaria aqui o nome do homem mas já o esqueci. Ele estava, muito curiosamente, em correspondência com os ubíquos Egibi e filhos, os banqueiros babilónicos. Havia anos que tentava trocar caravanas com eles. - As caravanas são a base de toda a prosperidade -. Disse isto como se citasse um texto religioso. Quando lhe falei do desejo do Grande Rei de importar ferro de Magadha, achou que ele próprio podia ser útil. Tinha, disse ele, diversos sócios em Rajagriha. Eu deveria pôr-me em contacto com eles. Alguns eram banqueiros que usavam dinheiro.
De um modo geral os Indianos não cunham muitas moedas. O seu comércio ou é feito por troca directa ou então usam pesos de prata ou cobre grosseiramente cunhados. Não cunham ouro, o que é curioso, embora os nossos dáricos persas sejam muitíssimo apreciados ; no entanto produzem ouro em grandes quantidades, que formigas gigantes extraem das minas para eles. Embora achando estranho que estes países altamente civilizados e antigos sejam tão primitivos no que se refere ao dinheiro, fiquei muito impressionado com o seu sistema de crédito.
Por causa dos ladrões, os Indianos raramente viajam com arcas de ouro ou objectos de valor. Em vez disso, depositam os seus valores junto de um mercador reputado da sua própria cidade. Ele então entrega-lhes uma declaração escrita em como tem em depósito bens de um determinado valor e pedindo aos seus colegas mercadores de

todos os dezasseis reinos que forneçam ao portador da declaração dinheiro ou bens contra o dinheiro ou bens sob sua custódia. Isto é feito com todo o prazer. Não admira! Não só o dinheiro está seguro, como o prestamista cobra dezoito por cento sobre o montante do empréstimo. Felizmente, o mercador que te guarda os valores paga-te com frequência uma boa percentagem sobre o que te pertence por te ter emprestado dinheiro.
Devido à sua segurança e à sua conveniência, este sistema é difícil de ludibriar. Durante a minha embaixada ganhei na verdade mais dinheiro do que o que gastei. Há alguns anos consegui introduzir um sistema de crédito semelhante na Pérsia. Mas não penso que alguma vez chegue a enraizar-se. Os Persas são ao

mesmo tempo honestos e desconfiados, o que não é a melhor mentalidade para a realização de negócios.
Enquanto eu e o mercador conversávamos, uma criada velha entrou na sala com um jarro de água.
- Se me permites, tenho de fazer um dos cinco sacrifícios -. O mercador dirigiu-se para um nicho onde uma quantidade de figuras grosseiras de barro estavam dispostas lado a lado numa prateleira de mosaicos elegantemente vidrados. Lançando água para o chão à frente das figuras, murmurou uma série de orações. Depois entregou o jarro à criada, que se arrastou para fora da sala.
- Era a oração aos meus antepassados. Todos os dias devemos realizar o que chamamos os cinco grandes sacrifícios. O primeiro é a Brahma, o espírito do Mundo. Recitamos para ele fragmentos dos vedas. Depois fazemos uma libação de água aos antepassados e, para todos os deuses, lançamos ghee no fogo sagrado. Em seguida oferecemos cereais para os animais, aves e espíritos. Por último adoramos o homem oferecendo hospitalidade a um estrangeiro. Acabo - fez-me uma profunda vénia - de ter a honra de realizar dois sacrifícios ao mesmo tempo.
Citei-lhe uma atitude ariana semelhante, anterior a Zoroastro. Então o meu novo conhecido perguntou-me como educam os Persas os seus jovens. Ficou especialmente interessado no sistema escolar do palácio de Ciro.
- Os nossos reis deviam fazer o mesmo -, disse ele: - Mas nós aqui somos muito indolentes. Suponho que tem a ver com o calor e as chuvas. A nossa classe guerreira aprende a manejar o arco e alguns deles sabem realmente lutar, mas pouco mais. Se aprendem de cor um simples veda, são considerados instruídos. No fundo, acho que nós, os mercadores, somos os mais instruídos. É evidente, os Brâmanes aprendem milhares e milhares de versos dos vedas. Mas

é raro aprenderem as coisas que nós consideramos importantes, tais como a matemática, a astronomia, a etimologia. As origens da língua fascinam-nos. No Norte, em Taxila, a língua persa era estudada já muito antes de Dário conseguir dominar o rio Indo. Sempre nos fascinaram as palavras que nos separam e nos unem. Eu mantenho uma escola aqui em Varanasi onde ensinamos as seis escolas de metafísica, bem como os segredos do calendário.
Embora me sentisse um tanto ultrapassado pelas complexidades do ensino indiano, concordei em falar a um grupo de estudantes antes de partir para Rajagriha. - Eles terão muita honra - garantiu-me ele - e prestarão muita atenção.
A escola ocupava várias salas de um edifício velho logo por trás de um bazar especializado em artefactos metálicos. O som dos martelos a bater no cobre não contribuía propriamente para melhorar a qualidade da minha dissertação. Mas os

estudantes eram realmente interessados. A maioria era de pele razoavelmente clara. Alguns poucos eram da classe guerreira; os restantes eram da classe mercantil. Não havia Brâmanes.
Demócrito quer saber como é que eu sabia a que classe pertencia cada um deles. É assim: quando um rapaz indiano atinge a idade do que é chamado o seu segundo nascimento como Ariano, recebe uma corda de três fios entrançados, que deverá usar, até à morte, a tiracolo, do ombro esquerdo para a axila direita. Para o guerreiro, a corda é de algodão; para o sacerdote, de cânhamo; para o mercador, de lã. Na Pérsia temos um rito de iniciação semelhante mas sem marca visível de casta.
Eu estava sentado numa cadeira ao lado do professor. Apesar de ser da classe mercantil, ele era profundamente religioso. - Sou discípulo de Gautama -, disse-me gravemente quando nos conhecemos. - Chamamos-lhe o iluminado ou o Buda.
Achei os estudantes perguntadores, educados, tímidos. Muito curiosos sobre geografia. Onde ficava exactamente a Pérsia? E quantas famílias viviam em Susa? Eles medem a população não pelo número de homens livres mas pelo número de casas de família. Naquele tempo existiam quarenta mil famílias em Varanasi ou talvez duzentas mil pessoas, sem contar os estrangeiros e os nativos não-
-Arianos.
Falei bastante do Senhor da Sabedoria. Pareceram interessados. Evitei a violência de estilo que caracterizava as exortações do meu avô. Como os Indianos aceitam todos os deuses, é fácil aceitarem a ideia de um deus único. Aceitam inclusivamente a possibilidade de não existir absolutamente nenhum criador e que os deuses arianos

são simplesmente forças naturais de super-homens que um dia se extinguirão quando este ciclo da criação acabar, como tem de acabar, e um novo ciclo começar, como começará - ou pelo menos assim eles o crêem.
Hoje vejo até que ponto esta falta de certeza quanto à divindade conduziu ao recente florescimento de tantas novas teorias sobre a criação. Ao princípio isto confundiu-me imenso. Tinha sido educado na crença de que o Senhor da Sabedoria incluía tudo e estava bastante preparado para calar, numa discussão, quem quer que negasse a verdade da visão de Zoroastro. Mas nunca nenhum Indiano a negou. Todos aceitaram Ahura Mazdah como Senhor da Sabedoria. Aceitavam inclusivamente o facto de as suas próprias divindades Varuna, Mitra, Rudra, serem, para nós, demónios.
- Tudo evolui e muda -, disse o jovem professor quando a aula terminou. Então

insistiu em que visitássemos o parque de veados fora da cidade. Um carro de quatro cavalos tinha sido providenciado por um amigo do mercador, de modo que pudemos atravessar confortavelmente Varanasi. Tal como tantas cidades antiquíssimas, Varanasi tinha evoluído simplesmente sem um plano ou avenidas rectas. Grande parte da cidade cai sobre a margem do rio. Muitas das casas têm quatro e cinco andares e a tendência geral é para ruírem. Tanto de dia como de noite as ruas estreitas e tortuosas abarrotam de gente, animais, crianças, elefantes. Não há nenhum templo ou edifício público de interesse. O palácio do vice-rei é simplesmente uma casa maior que as outras. Os templos são pequenos, sujos e cheiram a ghee.

O parque dos veados não tinha veados, que eu visse. Era simplesmente um parque encantador com excesso de vegetação, cheio de flores estranhas e ainda mais estranhas árvores. Como a gente do povo pode servir-se do parque como lhe aprouver, apraz-lhe sentarem-se debaixo das árvores enquanto comem, jogam e ouvem contadores de histórias profissionais ou até homens santos. Graças a quatro meses de chuva, os relvados do parque eram de um verde tão intenso que me fazia chorar os olhos. Desconfio que já nessa época os meus olhos eram algo sensíveis e fracos.

- Foi aqui que Gautama se sentou da primeira vez que veio a Varanasi. O jovem professor apontou para uma árvore cuja única singularidade era que ninguém se aproximava dela a não ser para olhar para ela, tal como nós.

- Quem? -. Creio que já tinha conseguido esquecer o nome que ele referira apenas uma hora antes.

- Gautama. Chamamos-lhe o Buda.

- Ah, sim. O teu mestre.

- O nosso mestre -, declarou o meu companheiro simplesmente. - Debaixo daquela árvore conheceu a iluminação e tornou-se o Buda.

Isto ouvi-o mais do que distraidamente. Sidharta Gautama e a sua iluminação não me interessavam. Mas interessou-me saber que o rei Bimbisara era budista; e lembro-me de ter pensado: "Sim, é budista tal como Dário é zoroastrista. Os reis têm sempre muito respeito pelas religiões populares."

Ao despedirmo-nos disse ao jovem que estava de partida para Rajagriha.

- Então já estás a seguir os passos do Buda -. O jovem disse isto com toda a seriedade. - Quando a estação das chuvas terminou, o Buda, tal como tu, deixou este parque e seguiu para Rajagriha. Foi recebido, tal como tu serás, pelo rei Bimbisara.

- Mas as semelhanças acabam aí de certeza.

- Ou começam. Quem sabe quando ou de que maneira chega a iluminação?
Não havia resposta para esta pergunta. Tal como os Gregos, os Indianos são melhores a perguntar do que a responder.

4

Com grande estadão a embaixada persa deixou Varanasi. Normalmente o viajante desce de barco o Ganges até ao porto de Pataliputra, onde desembarca e continua por terra até Rajagriha. Mas como o Ganges ainda ia perigosamente cheio, Varshakara insistiu em que viajássemos, por terra, de elefante.
Ao fim de um dia ou dois do que só pode ser dito como enjoo de mar, uma pessoa não só se habitua a este tipo de transporte como se torna também amigo do próprio animal. Não me surpreenderia se os elefantes fossem mais inteligentes do que os seres humanos. Afinal, as suas cabeças são maiores do que as nossas e o facto de não falarem poderia muito ser um sinal de superioridade.
O que para nós é a frescura do Outono é para o povo da planície gangética uma estação escaldante e cheia de trovoadas. À medida que as monções vão diminuindo, o ar húmido torna-se pesado com o calor; e sentimo-nos como se flutuássemos dentro de água. As estranhas árvores emplumadas são como fetos marinhos, entre cujas copas

pássaros de cores vivas volteiam, em movimentos rápidos e súbitos como de peixes.
A estrada para Rajagriha é invulgarmente má. Quando falei nisso a Varshakara ele mostrou-se surpreendido: - Esta é uma das nossas melhores estradas, Senhor Embaixador -. E depois riu-se. Um jacto vermelho de saliva quase me acertou. - Se a estrada fosse melhor, teríamos exércitos a invadir-nos todos os dias.
Isto era uma alusão velada, para dizer o mínimo. Como Magadha é o Estado mais poderoso da índia, não há nenhum exército que ouse marchar contra ele. A não ser, evidentemente, que o camareiro estivesse a fazer uma referência subtil a Dário. Embora muitas vezes me fosse difícil compreender o que dizia, não tinha nenhuma dificuldade em compreendê-lo a ele. Varshakara era um homem impiedoso e de uma grande ambição. Faria tudo para aumentar o poder de Magadha. Iria ao ponto de... Mas lá chegaremos quando for a altura.
Impressionou-me a riqueza do solo da chamada grande planície. Há duas colheitas por ano. Uma é no Inverno, a única estação suportável; a segunda é por alturas do solstício de Verão. Logo a seguir à colheita do Verão, plantam-se arroz e milho miúdo e os campos ocupados por essas culturas eram, aos meus olhos,

como que tapetes verde-amarelados estendidos na terra plana. A população é bem alimentada sem muito esforço. Realmente, se não fosse a complexa tarefa de alimentar vastas áreas urbanas, o aldeão indiano poderia viver sem trabalhar. Os frutos e as nozes das árvores, as aves aquáticas e domésticas, as mil e uma variedades de peixes do rio favorecem uma alimentação abundante e gratuita. Mas as cidades exigem uma agricultura sofisticada. Devido a isso, os enormes rebanhos de gado dos conquistadores arianos estão a diminuir à medida que a terra de pastagem é convertida em terra de cultivo, e esta mudança do estilo de vida do povo é muito discutida. - Que é um Ariano sem a sua vaca? - perguntam os Brâmanes. Não esperam, evidentemente, uma resposta.
Logo a seguir à floresta ou selva a leste de Varanasi, há muitas aldeias. Cada povoado está rodeado por uma frágil estacaria de madeira, destinada não só a manter à distância um exército mas também a impedir que os tigres e outros predadores ataquem a criação e as crianças. No centro de cada uma destas comunidades um tanto dispersas há uma pousada onde os viajantes podem dormir no chão a troco de nada e comprar uma refeição por quase nada.
Fiquei surpreendido ao saber que a maioria dos agricultores mdianos são homens livres e que cada aldeia possui o seu próprio

conselho eleito. Embora sejam obrigados a pagar impostos a todos os senhores que lhes couberam em sorte, são deixados relativamente em paz. Isto explica sem dúvida a elevada produção agrícola da índia. Como qualquer proprietário fundiário de qualquer parte do Mundo sabe, um agricultor contratado ou um escravo produz exactamente metade dos alimentos que um homem livre que seja dono da terra que lavra. Obviamente, o sistema rural indiano é uma reminiscência de uma era mais remota e mais pristina.
A viagem de Varanasi a Rajagriha demorou duas semanas. Viajávamos lentamente. Tirando o calor durante o dia, a viagem fez-se confortavelmente. Tendas sofisticadas eram montadas todas as noites para mim e para o camareiro. Caraka partilhava comigo a minha tenda, enquanto o resto da embaixada dormia na pousada da aldeia mais próxima ou ao ar livre.
Queimava todas as noites um incenso mal cheiroso que afasta os insectos que se alimentam dos homens adormecidos. Mas as cobras indianas são outro problema. Como nem o incenso nem a oração as repele, Varshakara deixou-me utilizar uma pequena criatura felpuda comedora de cobras chamada mangusto. Acorrenta um mangusto a um poste ao lado da tua cama e não há cobra que te perturbe o sono. As noites eram tranquilas. Caraka e eu tomávamos notas do que tínhamos visto ou ouvido durante o dia. Orientávamos também a feitura de novos mapas, pois o mapa de Scilax do interior da índia era tão impreciso como

exacta era a descrição da zona costeira. Assim, logo que as tendas ficavam montadas, jantava geralmente com Varshakara. Ele tinha tanta curiosidade a meu respeito como eu a respeito dele. Se bem que contássemos um ao outro muitíssima mentira necessária, consegui recolher muita informação útil sobre o mundo exótico onde só agora começava a penetrar. Reclinávamo-nos em divãs, que se parecem um tanto com os leitos gregos, salvo que têm espaldares e estão repletos de almofadas. Ao lado de cada divã estava o inevitável escarrador. Os Indianos estão sempre a mascar uma outra espécie de folha narcótica.
A comida indiana não é diferente da lídia. O açafrão é muito usado, assim como também uma combinação picante de especiarias e caril. Nos cozinhados com gordura os ricos usam o ghee, que se conserva sem ranço mesmo no tempo quente. Com o tempo habituei-me ao ghee. Se não tivesse conseguido habituar-me, teria morrido de fome. O que não é feito em ghee é ensopado em ghee. Preferia muito mais o óleo usado pelos Indianos pobres. Feito de um grão chamado sésamo, é mais leve que o ghee e não tem pior sabor. O óleo de sésamo é para as massas o que o azeite é para os Atenienses.

Mas nas mesas reais ou nas ricas só se pode servir ghee e como eu comia teimosamente tudo quanto me servissem, tornei-me, pela primeira e única vez em toda a vida, gordo como um eunuco. A propósito, em ambos os sexos a gordura é muito admirada pelos Indianos. Uma mulher nunca é gorda demais, enquanto um príncipe de proporções esferóides é considerado bendito pelos deuses e perfeitamente feliz.
Contudo o camareiro comia pouquíssimo. Por outro lado, apreciava em demasia uma bebida forte, feita de cana-de-açúcar destilada. Eu também vim a gostar dela. Mas tanto eu como ele tínhamos o cuidado de não beber demasiado na companhia um do outro. Varshakara olhava-me com a mesma suspeita que eu a ele. Quando nos lisonjeávamos extravagantemente um ao outro à maneira indiana, cada um esperava que o outro desse um passo em falso; nunca tal aconteceu.
Lembro-me muito bem de uma conversa na tenda. A seguir a um jantar invulgarmente pesado continuámos a beber o vinho de cana-de-açúcar com que uma rapariga ia enchendo as nossas taças de porcelana. Eu estava quase a dormir; ele também. Mas lembro-me de ter perguntado: - Quanto mais tempo deverá o cavalo andar por aí?
- Até à Primavera. Mais cinco ou seis meses. Tendes alguma cerimónia parecida na Pérsia?
- Não. Mas o cavalo é especialmente sagrado para os nossos reis. Uma vez por ano os nossos sacerdotes sacrificam um cavalo no túmulo de Ciro, o Grande Rei.

O sacrifício indiano do cavalo fez-me uma grande impressão. Se por outra coisa não foi, a tremenda loucura de travar uma guerra simplesmente porque um cavalo decidiu pastar no campo doutro país chocou-me. Tinha ouvido, evidentemente, esses versos intermináveis do cego Homero, que nos garante que uma vez há muito tempo os Gregos atacaram Tróia - hoje Sigeu, na nossa parte do Mundo - porque a mulher de um chefe grego fugiu com um jovem Troiano. Para quem conheça tanto os Gregos como Sigeu, é absolutamente claro que os Gregos desde sempre quiseram controlar a entrada do mar Negro e as ricas terras que o marginam. Actualmente é o sonho de Péricles. Desejo-lhe sorte. Bem precisará dela. Entretanto, se a mulher de Péricles fugisse com o filho do velho Hípias de Sigeu, isso constituiria um excelente pretexto de guerra para os Gregos e tu, Demócrito, poderias celebrar o resultado em verso.

Nós, Persas, somos mais francos que os outros povos. Reconhecemos abertamente que criámos um império com o objectivo de alcançar uma riqueza maior e uma maior segurança. Além disso, se não tivéssemos conquistado os nossos vizinhos, ter-nos-iam conquistado

eles. O Mundo é assim. Certamente são assim as tribos arianas que Homero cantou de uma maneira muito parecida como os Brâmanes da índia cantam os heróis do seu passado ariano. A propósito, uma narrativa védica sobre um jovem rei de nome Rama é muito possível que seja o livro mais comprido jamais escrito. Ouvi dizer que são precisos, pelo menos, dez anos para um Brâmane inteligente aprender os versos todos. Ao fim de um dia ou dois de ouvir recitar este livro, acho que se pode dizer com alguma justiça que a narrativa ainda é mais aborrecida que a história de Homero. Para mim, o único interesse destas duas histórias antigas arianas é o facto de os deuses serem simplesmente super-heróis. O sentimento de uma verdadeira divindade não existe em nenhuma das histórias. Os deuses arianos são exactamente como homens e mulheres vulgares, salvo que parecem viver eternamente; além disso têm apetites exagerados, de que abusam enormemente, geralmente à custa dos seres humanos.

Demócrito diz-me que os Gregos inteligentes nunca levam a sério os deuses homéricos. É possível. Mas o templo enorme a Atena que está a ser construído actualmente, mesmo aqui atrás da nossa casa, na Acrópole, é um monumento evocativo incrivelmente dispendioso a uma deusa que é obviamente levada muito a sério não só pelo povo mas pelos governantes de uma cidade que dela recebeu o nome. Aliás, ainda é crime grave em Atenas troçar ou negar os deuses homéricos - em público, pelo menos.

Os Indianos do meu tempo - e talvez também os actuais - eram mais sábios que os Gregos. Para eles, os deuses ou existiam ou não existiam, dependendo da

percepção que se tivesse deles. A noção de impiedade é simplesmente estranha à mente indiana. Os reis arianos não só gostam de conversar com os ateus que troçam abertamente dos deuses supremos das tribos arianas, como nunca um governante ariano sonharia alguma vez em pôr fora da lei os deuses locais pré-arianos da gente do campo.
A tentativa de transformar em demónios os deuses arianos do meu avô impressionou os Arianos da índia não tanto como um sinal de impiedade mas como um exemplo acabado de irrelevância. Sob nomes como Brahma e Varuna, a ideia do Senhor da Sabedoria é dominante em toda a parte. Para quê, então, perguntavam-me, negar os deuses menores? Eu repetia as injunções de Zoroastro: devemos purificar-nos; expulsar os demónios; converter todos os homens à Verdade. Não fiz uma única conversão. Mas também é verdade que a minha missão era política.
Varshakara não sabia quando ou como ou porquê tinha começado o sacrifício do cavalo. - É muito antigo. Muito sagrado. De

facto, depois da cerimónia da coroação, é a cerimónia mais importante da vida de um rei.
- Porque acrescentava novos territórios ao reino? Varshakara fez que sim. - Que melhor sinal do favor dos céus?
Se o cavalo tivesse entrado em Varanasi, o nosso rei teria sido verdadeiramente glorioso. Mas... -. Varshakara suspirou.
- Não quero parecer irreligioso, Senhor Camareiro -. O vinho forte tinha-me solto um tanto a língua. - Mas aqueles guerreiros que seguiam o cavalo... podem determinar a sua direcção?
Quando Varshakara sorria, os seus dentes manchados de bétele pareciam pingar sangue. - Mesmo só a insinuação de que o cavalo possa ser guiado por mais qualquer coisa que não o destino é intolerável, uma impiedade... e parcialmente verdadeira. O cavalo pode ser guiado subtilmente, mas só até certo ponto. Como as cidades costumam assustar os cavalos, habitualmente nós encorajamos o cavalo a andar à volta de uma cidade. Para nós é o bastante. Controla o perímetro de uma cidade e ela é tua. Naturalmente, os nossos soldados terão então de derrotar os soldados da cidade. Mas essa parte é fácil... para nós. Koshala está a desintegrar-se e nós podíamos, com muita facilidade, ter... Mas o cavalo virou para Sul. A nossa única esperança, agora, é que vire para nordeste, para o Ganges, para as repúblicas da outra margem. Lá é que está o verdadeiro perigo.
- As repúblicas?
Mais uma vez Varshakara mostrou os dentes, mas sem ser num sorriso. - Há

nove repúblicas. Da república de Shakya, nas montanhas do Norte, à república de Licchavi, logo a seguir ao Ganges em relação a Magadha, as nove repúblicas estão unidas por um ódio sem tréguas a Magadha.
- Como podem nove pequenas repúblicas constituir uma simples ameaça para um grande reino?
- É que neste preciso momento estão a fazer uma federação que será tão poderosa como Magadha. No ano passado elegeram uma sangha geral. Suponho que assembleia é a melhor tradução para esta palavra. Mas enquanto a assembleia ateniense é supostamente aberta tanto aos plebeus como aos nobres, a sangha das repúblicas indianas era constituída por representantes de cada um dos nove Estados. Como veio a ver-se, só cinco repúblicas aderiram à federação e estas eram os Estados mais próximos de Magadha e, por isso mesmo, mais temidos pelo rei Bimbisara e o seu camareiro Varshakara. Ambos tinham razão em ter medo. Estas repúblicas estavam para Magadha muito como as cidades gregas jónicas estão para a Pérsia.

A única diferença é que no tempo de Dário, as cidades gregas da Ásia Menor não eram repúblicas mas tiranias.
Mesmo assim, achei que a analogia era pertinente. E disse-o: - A nossa experiência é que uma república nunca é capaz de resistir a uma monarquia popular. Olha para os Gregos... -. Podia muito bem ter dito os habitantes da Lua. Varshakara fazia uma ideia relativa da Pérsia e sabia alguma coisa de Babilónia e do Egipto; para lá disso, o Ocidente para ele não existia.
Tentei explicar-lhe como dois Gregos nunca conseguem pôr-se de acordo sobre uma política conjunta. E como, devido a isso, são ou derrotados por exércitos disciplinados do exterior ou dilacerados por dentro pelas facções democráticas. Varshakara compreendeu o suficiente disto para achar que estava contido no conceito indiano de república. - Estes países não são governados por assembleias populares. Essas acabaram há muito antes de nós chegarmos. Não, estas repúblicas são governadas por assembleias ou conselhos constituídos pelos chefes das famílias nobres. Aquilo a que chamamos república é na verdade uma... -. Empregou a palavra indiana que quer dizer oligarquia.
Mais tarde vim a saber que as antigas assembleias tribais a que ele se referia não eram pré-arianas; em vez disso, eram elementos integrantes do sistema tribal ariano primitivo. Os chefes eram eleitos em assembleia livre. Mas as assembleias foram desaparecendo progressivamente, como é a tendência geral em todo o lado; e a monarquia hereditária tomou o seu lugar, como é a tendência geral em todo o lado.
- Tens inteira razão quando dizes que nada temos a temer da parte de qualquer

destas repúblicas. Mas uma federação é um perigo real. Afinal, só o Ganges nos separa da sua fronteira sul.
- E Koshala? -. Embora o meu conhecimento da geografia indiana não fosse totalmente preciso, possuía já naquela altura, um quadro mental dessa parte do Mundo que não era inteiramente impreciso. Via na minha imaginação as montanhas altas do Norte. Supõe-se que sejam as mais altas do Mundo, como se alguém as tivesse medido... ou visto todas as outras que existem nesta vasta Terra. Todavia a verdade é que os Himalaias são impressionantes, especialmente quando vistos da mais que baixa planície gangética. Estas montanhas são a morada dos deuses arianos e, mais importante do que isso, neles nasce o rio Ganges. No sopé dos Himalaias ficam as nove pequenas repúblicas. Estão incrustadas num vale fértil entre o rio Rapti a oeste e os contrafortes densamente arborizados dos Himalaias a leste. O rio Gandak corre mais ou menos pelo

centro deste território, constituindo, quando se junta aos Ganges, a fronteira norte de Magadha. A rota comercial mais importante na Índia começa em Tamralipi, um porto no extremo oriental, atravessa as repúblicas em direcção a Taxila e á Pérsia. Magadha cobiçou sempre esta rota comercial.
A oeste das repúblicas ficava Koshala, uma nação incrivelmente rica e populosa. Infelizmente o rei Pansenadi era fraco. Era incapaz de manter a ordem. Era incapaz de cobrar tributos de muitas das suas próprias cidades, porque os senhores estavam frequentemente em rebelião contra ele. Mesmo assim no seu tempo tanto Arianos como Drávidas eram unânimes e como não havia no mundo nenhuma cidade que se comparasse a Shavasti, a capital de Koshala. Graças á riqueza acumulada do passado e á índole altamente civilizada de Pasenadi, Shravasti era um lugar encantado, como haveria de descobrir. Durante um certo tempo foi o meu lar; se os meus filhos ainda estão vivos, é lá que vivem.
- Koshala é um perigo para nós - Todo o mundo era um perigo para o perigoso Varshakara. - Naturalmente a nossa política tem sido apoiar o reino contra a federação. Mas, em última análise, governar é dominar o circuo concêntrico .
- Até para as relações entre estados soberanos os indianos desenvolveram intrincadas regras. O vizinho é sempre inimigo. Isso é da natureza das coisas. por isso tornam-se necessárias alianças com o país logo a seguir ao vizinho, o anel concêntrico seguinte. De modo que olhamos para Gandar...
- E para a pérsia
-E para a Pérsia-Foi-me concedido um vislumbre faiscante de dentes vermelhos .
-Temos agentes ou simpatizantes em todo o lado. Mas a federação é muito mais astuta do que nós . Não existe um canto em Magadha onde eles não se tenham infiltrado.

-Espiões?
- Pior. Pior! Mas a verdade é que tu sabes disto. Tiveste negociações com os nossos inimigos, senhor embaixador.
O meu coração bateu um tanto irregularmente.
- Nunca negociei, que eu saiba, com um inimigo de Magadha, Senhor Camareiro.
- Oh, estou certo de que não te deste conta disso. Mas seja como for já estiveste com os nossos inimigos . E eles são muito piores do que os espiões , pois a sua intenção é enfraquecer-nos com ideias , tal como enfraqueceram Koshala.
Percebi. - Referes-te aos Jains?
- E aos budistas . E aos que seguem Gosala . Deves ter reparado que o dito Mahavira e o dito Buda não são Arianos . Pior do que tudo, tanto um como outro são originários das repúblicas.
209
- Mas eu julgava que o teu rei era um patrono do Buda... Com o polegar e o indicador Varshakara assoou o nariz. De um modo geral as maneiras dos Indianos são quase tão delicadas como as nossas; contudo assoam-se e aliviam-se em público. - Oh, a nossa política tem sido deixar essas pessoas circular como lhes apetece. Mas temo-los vigiados e desconfio que, dentro de muito pouco tempo, o nosso rei há-de vê-los tal como são... inimigos de Magadha.
Pensei em Gosala e no seu cordel, em Mahavira e no seu perfeito desprendimento do mundo à sua volta. - Não consigo imaginar que esses... ascetas tenham o mínimo interesse na ascenção ou na queda deste ou daquele reino.
- É o que afirmam. Mas se não tivessem sido os Jains, Varanasi esta noite seria nossa.
Mascar bétele acaba por desregular os sentidos muito do mesmo modo que o haoma. Bebido demasiado frequentemente, o haoma destrói a barreira entre o sonho e a vigília. Por essa razão é que Zoroastro fixou regras tão precisas sobre o uso do haoma. Mascar bétele tem o mesmo efeito a longo prazo e naquela noite percebi que Varshakara tinha a mente já muito perigosamente transtornada. Digo perigosamente porque, por mais distorcida que fosse a sua visão das coisas reais, ele exprimia-se sempre do modo mais plausível.
- Quando o cavalo entrou no parque dos veados, dirigiu-se... bastante deliberadamente... para as portas que dão entrada na cidade. Eu sei. Os meus agentes estavam lá. De repente, apareceram dois Jains vestidos de céu. O cavalo assustou-se. E afastou-se correndo noutra direcção.
- Não achas que o facto de eles aparecerem podia ter sido coincidência?
- Qual coincidência! Não! A federação não quer Varanasi em nosso poder. E

Mahavira nasceu na capital da república de Licchavi. Bom, vai haver mais oportunidades. Especialmente agora que temos um novo aliado querido na Pérsia.
Bebemos à aliança.
Esperava que os agentes de Varshakara não lhe tivessem dito quão meticulosamente os geógrafos da minha comitiva estavam a cartografar a planície gangética. Eu não sonhava com outra coisa que não fosse com a conquista da índia. Sonhava com vacas! O exército persa ocuparia Taxila. Com esta base no Norte, os nossos exércitos varreriam a planície. Embora Koshala não oferecesse resistência, Magadha reagiria. Teríamos de enfrentar os elefantes de

couraças formidáveis. A cavalaria persa entraria em pânico? Não importava. Tinha a certeza de que, desse por onde desse, Dário venceria. Ele vencia sempre.
Enquanto falávamos dos espiões e dos inimigos que ameaçavam Magadha, perguntava-me se Varshakara se apercebia de que eu era o principal espião do seu inimigo supremo. Creio que sim. Ele de modo nenhum era um idiota.
Em Rajagriha existiu sempre uma povoação desde o princípio da História, o que se deve às cinco colinas que a protegem e que são como que uma fortaleza natural, a cerca de vinte milhas ao sul do Ganges. Mas logo ao princípio do reinado de Bimbisara, a cidade começou a estender-se pela planície e o rei construiu uma muralha maciça de pedras grosseiramente talhadas, com o fim de fechar e proteger não só a nova cidade como também os terrenos agrícolas, jardins, parques, lagos. Deste modo, em caso de cerco, há sempre comida suficiente dentro das muralhas. Ao princípio isto perturbou-me. Mas então Caraka observou que uma cidade capital rende-se sempre, se ficar cortada do resto do país, como uma cabeça do corpo.
Ao aproximarmo-nos de Rajagriha o Sol estava a pôr-se e, à meia luz, as muralhas tinham um aspecto de penhascos naturais fortificados a intervalos regulares por torres de vigia toscas. Como a índia é tão rica em madeira e lama, na construção raramente se usa a pedra e existem poucos pedreiros competentes no país. As construções importantes são feitas ou de madeira ou de uma combinação de madeira e tijolo de lama.
O Céu ainda estava cheio de luz quando entrámos a cavalo na cidade. Cornetas feitas de búzios soaram em nossa honra e a gente do povo aglomerou-se à nossa volta, como acontece sempre que há personagens para ver - para não falar de elefantes.
A cidade que Bimbisara tinha construído tinha uma quadrícula muito semelhante à que eu tanto admirava em Babilónia e na cidade dos Harappa abandonada.

Avenidas compridas e rectas correndo paralelas entre si. Cada avenida começa numa das portas da cidade e termina na praça central que é dominada por um edifício enorme, onde os viajantes podem dormir e comer a pagar.
Logo por trás da cidade nova ficam as cinco colinas sentinelas e a cidade antiga, uma confusão de azinhagas e alamedas estreitas, muito à semelhança de Sardis ou Susa.
O arquitecto da embaixada e eu costumávamos discutir se sim se não as primeiras cidades do homem tinham ruas direitas que se

encontravam em ângulo recto. Ele era de opinião de que as cidades originais eram simplesmente aldeias que cresceram demais, tal como Sardis, Susa, Ectabana ou Varanasi. Mais tarde, quando um rei fundava ou reconstruía uma cidade, tendia a preferir o padrão quadricular. Eu discordava. Acho que as primeiras cidades seguiam o padrão da quadrícula. Com o tempo, quando essas cidades se deterioravam, as grandes avenidas rompiam-se e surgiam ruas novas, tortuosas, entre os novos edifícios, construídos ao acaso, por entre as ruínas dos antigos. Nunca saberemos a resposta.
A parte nova de Rajagriha é impressionante. Muitas das casas têm cinco andares e todas elas são bem construídas. O rei fixou uma série de normas de construção que eram obedecidas à risca. Mas a verdade é que o rei era obedecido à risca em tudo, pois os serviços secretos de Magadha - graças a Varshakara - eram um instrumento formidável. Não havia nada que o rei não soubesse - ou se não o rei, o camareiro.
Entronizado no meu elefante, conseguia ver para dentro das janelas de segundo andar onde, por trás de requintadas gelosias trabalhadas, as mulheres podem observar a vida da cidade sem serem vistas. Muitos telhados sustentam encantadores pavilhões aéreos, onde os proprietários dormem nas noites de calor. A maior parte das janelas dos andares superiores têm varandas repletas de vasos de flores. Ao passarmos, homens e mulheres lançavam flores no nosso caminho. Pareciam todos muito amistosos.
O ar estava impregnado com os aromas que associo sempre com a índia: o jasmim em flor, o ghee rançoso, o sândalo e, evidentemente, o cheiro da decomposição - não só humana mas a da própria cidade. Em países onde a chuva cai como uma cheia, as casas de madeira têm uma vida curta.
O palácio real fica no centro de uma praça grande, de terra batida, sem monumentos de nenhuma espécie. Suponho que isto se deve - ou devia - ao facto de a cidade ser tão nova. Muito curiosamente, não existem arcadas em Rajagriha. Num clima onde uma pessoa é ou encharcada pelas chuvas ou esfolada viva pelo Sol, a arcada deveria ser uma necessidade. Mas em Rajagriha

é desconhecida. Os nativos contentam-se em fazer os seus negócios ou por baixo dos toldos de cores vivas que se alinham ao longo das avenidas ou debaixo da torreira do Sol. A maioria dos habitantes é de pele escura; alguns têm uma pele que é negro azulada.
Exceptuando as fundações de tijolo, o palácio de quatro andares do rei Bimbisara é todo construído de madeira. Mas ao contrário do palácio medo de Ectabana, que é, bastante opressivamente, feito

de madeira de cedro, a elegante construção do de Bimbisara contém toda a espécie de madeiras superiormente polidas incluindo ébano, teca e choupo, e as paredes de muitas das salas têm embutidos de madrepérola ou placas de marfim trabalhado. Cada parte do palácio possui o seu cheiro característico, resultante de uma cuidadosa escolha de madeiras aromáticas, combinadas com incenso e plantas em flor. Tectos abobadados tornavam o interior do palácio toleravelmente fresco, mesmo nos dias de maior calor.
O palácio está construído à volta de quatro pátios interiores. Dois estão reservados às damas do harém, e o terceiro é usado pela corte. O pátio privativo do rei está cheio de árvores, flores, fontes. Como as janelas que dão para o pátio do rei foram todas seladas menos as dos seus aposentos pessoais, ninguém pode espiá-lo quando passeia no seu jardim. Pelo menos a ideia é esta. Pouco tempo precisei para ficar a saber que os serviços secretos tinham feito todo o tipo de furos através dos quais podiam manter uma vigilância constante sobre o rei cujos olhos eles deviam ser. Nunca estive numa corte tão dominada pela intriga, e estive em Susa com Xerxes até ao fim.
Fui alojado juntamente com Caraka no segundo andar do palácio, nos chamados aposentos dos príncipes. O que era uma grande honra, pelo menos toda a gente gostava de nos chamar a atenção para esse facto. Tínhamos um apartamento de seis salas, com vista para o pátio dos nobres e um dos lados e para a praça da cidade no outro. O resto da embaixada foi alojado numa casa próxima.
Eu tinha avisado os meus agentes principais de que o país fervilhava de espiões e que qualquer palavra que dissessem podia ser escutada. Nunca deviam partir do princípio de que, quem ouvisse, não sabia falar persa. Entretanto deveriam descobrir os verdadeiros recursos militares de Magadha. Digo verdadeiros porque ainda estou para conhecer um Estado que não dê uma falsa imagem do seu poder militar e da sua riqueza que não acabe, mais tarde ou mais cedo, por se enganar a si próprio.
Não se passa um dia aqui em Atenas que não me falem de como dois ou três mil - ou foram cem? - Gregos derrotaram um exército e uma armada persa de dois ou três milhões de homens. Os Gregos falsearam tanto essas guerras que

acabaram por se confundir a eles mesmos. Isto é sempre um erro. Se não sabes contar correctamente, é melhor não ires ao mercado... ou à guerra.
213

5

Devo dizer que nunca na vida vi tanta carne nua como na índia. Mas ao contrário dos Gregos, os Indianos não revelam os seus corpos para se excitarem uns aos outros; revelam-nos simplesmente porque vivem num país quente. Usam apenas duas peças de vestuário. Tanto os homens como as mulheres usam uma espécie de saia, que é atada na cintura por um cinto ou por um cordão sofisticado. Além da saia usam um xaile, preso no pescoço por um nó ou por um alfinete. Dentro de casa costumam prescindir do xaile. O trajo de corte difere do trajo corrente apenas pela riqueza dos tecidos.
As damas da corte não põem segundas intenções no facto de mostrarem aos do mesmo nível social, homens e mulheres, os seios de mamilos pintados, os sovacos depilados, os umbigos realçados com pedras preciosas. Quando as damas não são demasiado gordas, podem ser extraordinariamente belas. Têm uma pele muitíssimo macia, tornada brilhante com pomadas aromáticas.
Tanto os homens como as mulheres pintam o rosto. Os olhos são cuidadosamente delineados com kohl, uma moda meda adoptada por Ciro e a partir dele continuada por todos os Grandes Reis e a maioria da corte. A ideia de Ciro era que os Persas deviam parecer deuses, especialmente quando se mostram aos seus súbditos estrangeiros. Felizmente, os Persas são geralmente mais altos e mais musculosos que os outros homens e assim, com olhos pintados e as maçãs do rosto avivadas de vermelho, parecem na verdade esplêndidas efígies vivas de deuses guerreiros.
Os homens e as mulheres indianos não só sublinham os olhos com kohl como também pintam os lábios de vermelho rubi com uma coisa chamada goma-laca. Não há dúvida de que os cosméticos melhoram a aparência da pessoa, mas são um incómodo para pôr e tirar. Durante a minha estadia nas cortes indianas era obrigado a pintar-me, ou deixar que me pintassem, duas vezes por dia. Como Persa da minha geração, achava um tal fascínio com a aparência pessoal não só ridículo como efeminado... e cansativo. Apesar disso, é muito langoroso e excitante sermos banhados e ungidos por raparigas bonitas enquanto um cavalheiro idoso nos lava os olhos com colírio, nos tinge a barba e nos conta os boatos do dia. A propósito, os Indianos usam apenas pêra - penso que se deve ao facto de não lhes crescerem pelos nas faces.
214

Um dia depois de me instalar no palácio, fui mandado chamar pelo rei Bimbisara. Várias centenas de cortesãos estavam reunidos numa comprida sala de tecto alto com janelas de clerestório, de gelosias de malha tão densa que a luz do Sol caía em pontos luminosos nos ladrilhos verdes-claros do chão.
Varshakara recebeu-me à porta da sala do trono. Ele tinha um turbante escarlate e um xaile transparente preso por uma corrente de rubis em bruto. Como muitos cortesãos indianos anafados, tinha seios como uma mulher. Como muitíssimos homens indianos, usava sapatos de salto alto para parecer mais alto. Obviamente tinha-se dado ao trabalho de me impressionar. Mas depois da corte do Acménida, a de Magadha era provinciana, para dizer o mínimo. Fazia-me lembrar Sardis. O camareiro tinha um bastão de marfim; e fez-nos um discurso breve, a mim e ao meu séquito de sete Persas. A minha resposta foi breve. Então Varshakara conduziu-nos para o alto trono de marfim, onde Bimbisara, rei de Magadha, se sentava de pernas cruzadas. Por cima do seu turbante dourado havia um dossel de penas de avestruz.
A rainha, uma velha, estava sentada num tamborete à esquerda do rei. Ao contrário das Persas ou das Atenienses, as Indianas têm liberdade de movimentos dentro de determinados limites. Por exemplo, uma senhora indiana pode ir a uma loja acompanhada apenas por uma velha. Mas deve fazer a sua visita ou de madrugada ou ao crepúsculo, para que o dono da loja não possa vê-la bem. Contudo, paradoxalmente, pode mostrar-se praticamente nua aos homens da sua própria classe.
A velha rainha usava um complicado penteado de pérolas enfiadas no que pareciam ser fios de prata artisticamente entrançados com o seu cabelo branco. Trazia um manto de penas de pavão. Tinha um aspecto muito distinto, inteligente mesmo. Durante algum tempo pensei que fosse a equivalente de Atossa. Afinal, ela era a primeira consorte de Bimbisara, além de irmã de Pasenadi. Mas numa corte onde as mulheres não estão totalmente sequestradas e onde, mais precisamente, não há eunucos, o poder é exercido inteiramente pelo rei e os seus conselheiros. O harém não tem praticamente nenhuma influência.
à direita do rei estava o príncipe Ajatashatru. O herdeiro do trono era definitiva e admiravelmente - pelos padrões indianos - gordo. Tinha o rosto de um enorme bebé cujos três queixos moles produziam, quanto a vegetação, um tufo de barba verde-clara. O príncipe sorria muito e com doçura. Os lobos das suas orelhas caíam-lhe com o peso dos brincos de diamantes e a grossa cintura era cilhada

por um cinto largo de elos de ouro. Tinha uns antebraços surpreendentemente musculosos.
O rei Bimbisara era um homem velho de comprida barba violeta. Nunca cheguei

a ver-lhe o cabelo - se o tinha - porque nunca o vi sem o turbante sofisticado de fio de ouro que é o equivalente do cidaris persa. Bimbisara era alto e seco de carnes e via-se que no seu tempo tinha sido um homem forte, ou até mesmo formidável.
Dado que eu era a sombra, por mais fraca que fosse, do Grande Rei, não me prostrei. Mas dobrei um joelho. Entretanto, a minha escolta ia abrindo as arcas que continham os presentes de Dário para Bimbisara, uma quantidade de jóias medíocres e diversos tapetes excelentes da Lídia e da Média.
Quando acabei o meu discurso de apresentação, entreguei a Varshakara a carta que o eunuco indiano tinha escrito em nome de Dário. Com um floreado, o camareiro deu a carta ao rei, que nem sequer olhou para ela. Mais tarde soube que Bimbisara não sabia ler. Mas falava realmente bem e usava não o antigo ariano da corte e dos templos mas o dialecto moderno.
- Recebemos-te como se fosses o nosso irmão Dário, cujos feitos são de nós conhecidos, mesmo a esta grande distância -. A voz de Bimbisara era tão áspera como a de qualquer comandante de cavalaria. Era directo. Nunca hesitava à procura das palavras.
- Apraz-nos que ele tenha recebido a nossa carta. Apraz-nos que nos tenha enviado a ti, um homem santo e guerreiro -. Na verdade, se eu fosse Indiano, não seria da classe guerreira. Seria Brâmane. Mas fiquei bastante satisfeito por aceitar a nobilitação de Bimbisara porque, quase sem excepção, os governantes indianos são da classe guerreira e desafiam constantemente os seus superiores nominais, os Brâmanes.
- Mostrar-te-emos o que queres ver. Trocaremos o nosso ferro pelo teu ouro. Negociaremos contigo como se fôssemos irmãos e como se apenas um rio nos separasse e não todo um mundo -. Houve mais deste jaez.
Finalmente o longo dia acabou com uma série de sacrifícios religiosos àqueles deuses arianos que são tão bem providos de braços e cabeças suplementares como de poderes mágicos e deveres misteriosos.
Depois fomos convidados para os apartamentos do rei, para um banquete, cujo primeiro prato coincidiu com a aparição, por cima do telhado do palácio, de uma lua cheia, que pousou, durante um instante mágico, como um escudo de ouro sobre o telhado de abas muito inclinadas.

Jantámos numa ampla varanda que dava sobre os jardins privativos do rei. Era uma grande honra, tal como Varshakara se apressou a observar. - Só a família real e os ministros hereditários são convidados para aqui. O rei aceitou realmente o teu Dário como um irmão mais novo.
Eu era um diplomata. Não referi o facto de que muitas das vinte satrapias de

Dário são mais ricas e maiores que Magadha. Por outro lado, nenhuma possui tanto ferro ou elefantes. Confesso que me via como sátrapa dos dezasseis reinos indianos - e também das nove repúblicas! Por que não? Imaginava como chamaria à minha satrapia. Grande índia? Estados Gangéticos? Sonhava com um império, como só se sonha na juventude. Além disso via que o homem que fizesse um só império com todos estes Estados seria um rival do Grande Rei. Como resultado da minha embaixada, a política permanente actual da Pérsia é garantir que nenhum Estado indiano se torne tão grande que absorva os outros. No fundo, tal como Dário e Xerxes sonhavam com conquistas no Oriente, não há razão para que a índia não possa um dia produzir um imperador que olhe cobiçosamente para Ocidente.

Na época da minha embaixada, não só era Bimbisara o rei mais poderoso de toda a índia como tinha chegado muito perto de ser o senhor de todas as terras. Através da mulher obtivera uma boa parte do Estado de Kasi, pertencente a Koshala. Como Varanasi é a capital do Kasi, tinha esperado que o sacrifício do cavalo lhe desse um pretexto para anexar essa cidade antiga. Agora iria precisar de um novo pretexto.

Eu estava reclinado num divã, de frente para o rei. Bimbisara estava mais uma vez flanqueado pela rainha e pelo herdeiro. Um certo número de damas da corte jantava lado a lado com os homens. Pior, elas deixaram cair a parte de cima do vestido, de uma maneira que pareceu o mais casual possível. Mais tarde fiquei a saber que na índia a arte de se despir em público é ainda mais elaborada que a própria arte do vestir. Muitas das damas tinham posto carmim nos mamilos. Algumas tinham inclusivamente desenhos complexos no ventre. Ao princípio julguei que fossem tatuagens. Mas revelaram-se ser feitos com pasta de sândalo colorida. Nunca me senti tão chocado.

Outro costume bizarro: o jantar foi-nos servido por mulheres. Naturalmente, para um Persa é estranho não ver eunucos, mas só quando cheguei à índia é que vi até que ponto os tinha considerado como uma coisa assente.

Serviram-me doze qualidades de vinhos e de sumos de frutas. Peixe, caça e legumes apareciam a intervalos regulares durante o que

pareceu uma eternidade. No jardim, meia dúzia de músicos, sentados ao luar da lua cheia, tocavam ou improvisavam melodias esquisitas em surdina, marcadas pelo batimento irregular de um tambor. Tal como a música grega, custa a habituarmo-nos à música indiana. O instrumento principal é uma coisa parecida com a harpa lídia, mas com dez cordas. As flautas também são populares e os címbalos.

As personagens reais quase não falaram durante o jantar. De vez em quanto o pai

e o filho trocavam algumas palavras. A rainha permaneceu completamente calada. Como comesse muito e não fosse gorda, conclui que teria alguma doença maligna, o que veio a confirmar-se. Caraka tinha notado a mesma coisa logo da primeira vez que a viu: - Vai morrer antes da próxima monção - disse, com toda a certeza de um médico que não vai ser responsabilizado pela saúde da pessoa doente. Na verdade, a rainha durou mais dois anos.
Uma mulher muito bonita tinha sido colocada ao meu lado. Usava um penteado que devia ter um metro e vinte de altura, um arranjo de jóias e cabelo fantástico. Parte do cabelo era o dela e a outra não. Tirou o xaile e vi que tinha à volta de cada seio uma trança de flores vermelhão de pasta de sândalo - deliciosamente desenhadas, não pude deixar de notar. Era a esposa do ministro da guerra e da paz. Mostrava-se discretamente provocante, sem dúvida agindo por ordens.
- Ao que sei, no teu país as senhoras são mantidas fechadas à chave e nunca ninguém as vê.
- Salvo o marido... e os eunucos das senhoras.
- Os... quê?
Expliquei-lhe o que era um eunuco. É muito desconcertante ver corar uma mulher nua da testa ao umbigo.
A dama ficou igualmente desconcertada. - Não sei bem se isso seja assunto de conversa -, disse, e afectadamente escolheu outro. - Nós podemos jantar com homens da nossa classe. Naturalmente, as mulheres de todas as grandes casas possuem os seus próprios aposentos e existe um certo grau de clausura, o que é normal. Antigamente, é claro, os rapazes e as raparigas eram autorizados a ver-se uns aos outros como quisessem. As raparigas até combatiam na guerra. No tempo da minha avó as senhoras aprendiam poesia, dança e música. Mas hoje só às mulheres das classes baixas que satisfazem os gostos dos homens se permite que pratiquem as sessenta e quatro artes, o que é terrivelmente injusto, mas como sabes, os Brâmanes...
- Prescrevem?

- Prescrevem e proscrevem. Não se sentirão satisfeitos enquanto a última de nós não estiver fechada à chave como uma monja Jaina.
É estranho - e encantador - conversar com uma mulher inteligente que não seja prostituta. Embora as cortes indianas estejam cheias dessas damas, só conheci três damas - fora da índia - que eram verdadeiramente inteligentes: Elpinice, a rainha Atossa e Lais. O facto de conhecer estas últimas duas foi inteiramente acidental. Se tivesse sido um nobre persa educado segundo os princípios, nunca teria visto qualquer delas depois dos sete anos.
- Não há problema algum com... -. Queria falar de ilegitimidade, a principal

razão para o sequestro das mulheres. O filho de um homem deve ser seu. Em caso de dúvida, os bens, para não falar de reinos, correm perigo. Procurei através do meu bastante reduzido vocabulário indiano e acabei por dizer: -... ciúmes? Quero dizer, as damas da corte jantarem assim, desta maneira?
Ela riu-se. Era jovem e tinha alegria. - Oh, nós conhecemo-nos todos bem demais. Além disso, estamos bem guardadas. Se um estranho fosse encontrado nos aposentos das mulheres de qualquer grande casa, para já não dizer do palácio, seria prontamente empalado numa estaca, como merecia. Naturalmente o povo nunca nos vê e isso inclui os Brâmanes -, acrescentou com firmeza. - Nós desprezamo-los completamente.
- Eles são muito cultos -, contrapus em tom neutro. Via que não estava a fazer-lhe uma grande impressão apesar do meu exótico trajo persa. Além disso suava fortemente. Antes do fim da estação quente, o embaixador persa usava roupas indianas.
- És casado? - perguntou-me ela.
- Não.
- É verdade que vós ocidentais tendes muitas esposas? Fiz que sim. - Tal como vós.
- Mas nós, não. É verdade. O rei é obrigado a casar-se muitas vezes, por razões políticas. Mas na nossa classe, raramente se casa mais do que uma vez.
- Então quem são as mulheres que estão nos vossos haréns?
- Criadas, escravas, concubinas. Para nós a relação ideal entre um homem e uma mulher é a de Rama com Sita -. Estes nomes são os do herói e da heroína do livro sagrado dos Indianos. Rama é um herói algo parecido com o Ulisses de Homero, só que Rama é sempre honesto no seu trato com os outros. Mas tal como Ulisses e Penélope, Rama e Sita são essencialmente monogâmicos e é por esta razão que de um modo muito geral um homem da classe dominante indiana raramente tem mais do que uma esposa de cada vez.
219
Depois de um esplêndido prato de faisão enfeitado com as penas da cauda, o rei Bimbisara fez-me sinal para passear com ele no jardim.
Ao sairmos da varanda, os criados retiraram as mesas e os convidados misturaram-se uns com os outros. Ouviu-se uma boa barulheira de pratos a quebrarem-se, um som a que iria habituar-me na índia, onde os criados são tão desastrados e incompetentes como afáveis e inteligentes.
O jardim do palácio era cheio de cor, mesmo ao luar. O perfume de jasmim enchia o ar morno. Aves nocturnas cantavam em todas as árvores. O palácio parecia um recorte feito numa montanha de prata. As janelas seladas aumentavam a impressão.

Bimbisara meteu-me o braço e levou-me por um carreiro que a Lua transformava na prata mais pura.
- É bom que tu estejas aqui.
- Sinto-me honrado...
O velho ouvia mas não escutava: um hábito da realeza. - Estou muito ansioso por saber mais de Dário. Quantos soldados tem ele?
Eu não estava preparado para a prontidão de uma pergunta tão óbvia. - Em trinta dias, Senhor, ele pode reunir um exército de um milhão de homens -. Isto era mais ou menos verdade. Não acrescentei que a maior parte desse milhão seriam aldeões estúpidos sem préstimo nenhum. Nesse tempo, o exército do Grande Rei não ia além de cem mil homens altamente treinados.
Obviamente Bimbisara dividiu o meu número mentalmente pelos dez habituais. - Quantos elefantes tem?
- Nenhum, Senhor. Mas a sua cavalaria lídia...
- Não tem elefantes? Tenho de lhe mandar alguns. Tenho mil. Dividi por dez mentalmente.
- Em cima de cada elefante - disse o rei - coloco seis archeiros numa torre de metal. Estão de tal maneira protegidos que é impossível matá-los. São capazes de destruir qualquer exército.
- Mas certamente os elefantes podem ser mortos?
- Também levam armaduras. São invencíveis -. Bimbisara avisava Dário por meu intermédio.
No centro do jardim havia um pequeno pavilhão contendo um grande divã no qual Bimbisara se reclinou enquanto eu me empoleirava na ponta do divã. Através das gelosias das janelas entrava o luar brilhante - que também era quente, reparei. A índia é o único país onde a lua cheia emite calor. Felizmente corre sempre uma brisa à noite nas colinas de Rajagriha.
- Venho aqui muitas vezes -. Bimbisara penteou a sua perfumada barba violeta com os dedos de ambas as mãos. - Não nos

podem ouvir. Percebes? -. Indicou as quatro janelas de arco que preenchiam as quatro paredes do pavilhão. - Ninguém se pode aproximar sem que eu o veja.
- Certamente ninguém espia o rei.
- Todos espiam o rei! -. Bimbisara sorriu. À luz do luar parecia feito de prata. - E o rei espia toda a gente. Não há nada em Magadha ou Koshala que eu não saiba.
- E na Pérsia?
- Tu serás os meus olhos e os meus ouvidos -. Fez um gesto polido com a mão. - Tenho curiosidade de um rei que é capaz de pôr cem mil homens em armas num prazo tão curto -. Isto provava que tinha de facto dividido por dez. Não o corrigi.

Comecei a falar-lhe de todas as terras que Dário governava, mas Bimbisara interrompeu-me: - O meu avô enviou uma mensagem a Ciro muito semelhante à que enviei a Dário. Mas não houve resposta.
- Talvez a embaixada não tivesse chegado ao destino.
- Talvez. Mas passada uma geração, o exército de Dário estava no rio Indo. Será que foi... uma resposta atrasada, Senhor Embaixador?
- Oh, não! -. Falei do amor de Dário pela paz. Da sua admiração por Bimbisara. Dos problemas com os Gregos. Isto era tudo verdade. Enquanto eu discorria, o velho manteve-se imóvel, sentado, ao luar, com um meio sorriso na metade da cara que voltava para mim.
Os músicos continuavam a tocar ali perto. Através de uma janela via a varanda onde tínhamos jantado. Um grupo de raparigas nuas dançava. Com o tempo acabei por me tornar um apaixonado da dança indiana, que não tem igual na Terra. Para começar, a cabeça da dançarina mexe-se para a frente e para trás de uma maneira que juraríamos ser impossível. Ao mesmo tempo o corpo parece estar separado da cabeça e as ondulações das ancas e do ventre são tremendamente sensuais. Muitas das dançarinas tornam-se ricas, famosas, poderosas. Na verdade, uma dançarina de Magadha conseguiu realizar, conservar e administrar uma fortuna considerável sem o inconveniente de ter de ser esposa ou concubina de ninguém. As recepções em sua casa eram tão disputadas como um convite para a casa da amiga de Demócrito, a prostituta Aspásia.
- Dário é tão rico no seu desejo de ser nosso amigo que nos pudesse mandar tropas para nos ajudar a dar cabo da federação das repúblicas?
- Tenho a certeza de que sim -. Eu estava encantado. Bimbisara acabava de nos dar uma aberta. Eu já tinha concebido uma

maneira de dar cabo dos elefantes. Eles têm medo dos ratos. No momento crucial, as nossas tropas soltariam milhares de roedores. Os elefantes desembestariam e eu seria sátrapa da Grande índia. Assim sonhava.
- Talvez eu recorra a ele -. Bimbisara brincava com a barba. - Tu também estás incumbido de visitar o nosso querido irmão, Pasenadi de Koshala.
- Sim, Senhor. O Grande Rei tem uma mensagem para o rei Koshala.
- Pasenadi é um bom homem, mas fraco. A minha mulher é irmã dele. Ela disse sempre que ele um dia há-de perder o seu reino porque não se interessa pelo governo. Realmente é triste. Quando eu era rapaz, Koshala era a maior nação do Mundo. Hoje é só um nome. Com a arrogância dos seus nobres e a temeridade dos seus ladrões, o reino dissolveu-se. Para mim isso é trágico -. O meio sorriso era agora um sorriso completo. A tragédia dos outros tem este efeito nos príncipes.

- O rei Pasenadi quer a tua ajuda?
- Não. Não se apercebe do perigo. Ou talvez lhe seja indiferente. Estás a ver, ele é budista. De facto, o Buda costuma passar a estação das chuvas em Shravasti. Depois vem para aqui um mês ou dois. Como deve saber, há muitos mosteiros budistas em Rajagriha. Nós consideramo-lo muitíssimo santo.
Não pude deixar de cotejar Bimbisara e Dário. O soberano indiano estava verdadeiramente fascinado pelo Buda, enquanto Dário não tinha absolutamente nenhum interesse em Zoroastro.
- Quem te impressionou mais, Senhor Embaixador, Gosala ou Mahavira?
Não perguntei ao rei como sabia que eu me tinha encontrado com os dois homens santos. Aprendo muito rapidamente determinados pontos essenciais. Tinha sido espiado desde a minha chegada à índia.
- Tanto um como outro me impressionaram -, respondi com a verdade. - Achei a visão de Gosala um tanto gélida. Se não há maneira de alterarmos o nosso destino através de boas acções, então por que não nos comportamos da pior maneira possível?
- Fiz-lhe essa mesma observação. Mas ele parecia pensar que observar todos os votos era uma boa coisa em si mesma, e se podes cumpri-los com êxito, isso é sinal de que estavas perto da saída. Ele acha também que a vida de um homem é como um poço; se não acrescentares água nova, o poço seca. Mas ele rejeita o conceito de que o destino ou karma pode ser alterado com boas ou más acções. Está tudo predeterminado. Chegas à saída quando chega a tua vez

e não antes. Segundo ele, os deuses e os reis deste Mundo, em parte nenhuma estão perto da saída -. Bimbisara parecia triste. Penso que acreditava realmente no que dizia. - Receio ter de regredir na minha próxima vida. Há sinais de que me tornarei Mara, o deus de todo o mal... e deste mundo. Rezo para que seja poupado. Tento observar todos os votos. Sigo as quatro verdades nobres do Buda. Mas o destino é o destino. Pior do que ser um rei como eu é ser-se um deus.
Não podia discordar, evidentemente. Mas achei, com efeito, a ideia de ser um deus muitíssimo tentadora, e perturbante. Como os deuses não podem morrer ou findar até ao fim deste ciclo da criação, como é possível que alguém se transforme num deus que já existe? Quando fiz esta pergunta a um Brâmane, a resposta levou meio dia. Há muito que já esqueci ambas as metades desse dia.
- Espanta-me, Senhor, o sentido do tempo que os vossos homens santos têm. Medem as existências em milhares.
- Mais do que isso -, disse Bimbisara. - Certos Brâmanes dizem-nos que um karma verdadeiramente mau só pode ser eliminado por trinta milhões de milhões

de milhões de renascimentos multiplicados por todos os grãos de areia do leito do Ganges.
- Isso é muito tempo.
- Isso é muito tempo -. Bimbisara repetiu gravemente. Não pude ver se acreditava nisto ou não. Tinha uma tendência para repetir a última frase do interlocutor; e em seguida mudava de assunto. - Quem é o rei actualmente em Babilónia?
Dário, Senhor.
- Não sabia. Outrora, há muito tempo, comerciávamos com Babilónia. Mas a verdade é que se perdiam muitos navios no mar. Não valia a pena.
- Há a rota por terra, Senhor.
- Sim e o meu desejo mais profundo é que dentro de pouco tempo a usemos até desfazermos todo o pó da estrada entre nós. Queres uma esposa?
Fui tão apanhado de surpresa que não consegui responder. O rei repetiu; e depois acrescentou: - Porque esperamos que consideres Rajagriha como a tua terra natal, teríamos todo o prazer em que desposasses uma das nossas damas, tal como eu desposarei uma das filhas do vosso rei, e ele desposará uma das minhas.
Penso que seria uma honra não merecida. Mas aceitarei com todo o prazer, Senhor.
Muito bem. Nós trataremos de tudo. Tens mais esposas?
- Nenhuma, Senhor.

- Muito bem. Certos Brâmanes adoptam uma posição idiota sobre o número de esposas que um homem pode ter, ainda que a nossa religião seja complacente quanto a isso -. Bimbisara levantou-se. A audiência terminara.
Ao dirigirmo-nos através do perfume do ar para a varanda, senti durante um instante que Rajagriha era a minha cidade natal.

6

Casei-me no fim da semana do sacrifício do cavalo. Ambas as cerimónias tiveram lugar no fim do Inverno, uma estação curta e maravilhosa que corresponde ao princípio do Verão em Ectabana.
Ao contrário do meu casamento, o sacrifício do cavalo foi menos que um êxito. Ao fim de um ano de errância o garanhão tinha conseguido evitar a federação republicana, bem como Koshala. Correu o rumor de que a certa altura o desesperado Varshakara tentara meter o cavalo numa balsa que o levasse até ao outro lado do Ganges, para território da república do Licchavi. Mas no último momento o cavalo assustou-se e nunca atravessou o Ganges.

Com uma perversidade quase humana, o garanhão manteve-se sempre no reino de Magadha durante o seu ano de errância. Isto era um mau presságio para Bimbisara. Por outro lado, não foi capturado por nenhum inimigo, e isto era um bom presságio. Quando se completou um ano, foi trazido para Rajagriha, para ser sacrificado ao fim de três dias de festividades.
O sacrifício do cavalo é uma das coisas mais estranhas que já presenciei. A origem deste rito é obscura. Todos os Brâmanes estão de acordo em como é de origem ariana, pela simples razão de que o cavalo era desconhecido nesta parte do Mundo antes da chegada dos homens de pele clara dos cãs do Norte. Mas os Brâmanes não estão de acordo em mais nada. Grande parte da cerimónia é feita numa língua tão antiga que nem os sacerdotes que recitam os hinos sagrados fazem ideia do que significam as palavras que cantam. Nisto assemelham-se aos Magos que seguem a Mentira. Mas os principais Brâmanes da corte interrogaram-me minuciosamente sobre os sacrifícios que se assemelham aos seus; e eu tive oportunidade de lhes dizer que na Pérsia o cavalo ainda é sacrificado ao deus do Sol

por aqueles que seguem a Mentira. Fora isto, sei tão pouco sobre as origens dos nossos sacrifícios como eles das dos deles.
Para um governante indiano o sacrifício do cavalo é importantíssimo. Em primeiro lugar, porque representa a reafirmação da sua realeza. Em segundo lugar, se consegue alargar o reino que herdou, será conhecido como um grande rei, ou maharajah, uma condição que determinados Indianos ambiciosos gostariam de imaginar que é igual à do Grande Rei. Com todo o tacto, fui-lhes explicando que um maharajah assemelha-se mais ao faraó do Egipto ou ao rei de Babel, títulos que Dário ostenta.
O sacrifício do cavalo realizou-se num terreiro de feira, do lado de dentro das muralhas da cidade. Uma torre dourada de quatro andares tinha sido construída no centro do campo. Trezentos mastros de bandeiras formavam um quadrado à frente da torre. Como não fazia vento, as bandeiras de cores vivas pendiam dos mastros.
Enquanto o garanhão, drogado e dócil, era preso a um dos postes, alguns Brâmanes amarravam um animal ou uma ave a cada um dos outros postes. Cavalos, vacas, gansos, macacos e até golfinhos com falta de ar iam todos ser sacrificados nesse dia. Entretanto, os músicos tocavam. Malabaristas e acrobatas exibiam-se. Tudo quanto era gente de Rajagriha estava no terreno da feira.
Eu estava junto à porta da torre, em pé, rodeado pela corte. A família real estava dentro da torre, preparando-se para o ritual.
Ao meio-dia em ponto o rei e as suas cinco esposas saíram da torre.

Vinham todos vestidos de branco. Não se ouvia um som no terreiro, salvo os ruídos dos animais e das aves amarradas e a sufocação quase humana dos golfinhos.
O sumo sacerdote conduziu o garanhão desde o poste até ao rei. Então Bimbisara e as esposas começaram a andar à volta do animal. Uma esposa ungiu-lhe os flancos, enquanto outra lhe colocava uma grinalda à volta do pescoço. Ali perto, um grupo de Brâmanes representava uma espécie de peça teatral, um simulacro de casamento com muitos gestos obscenos. Não consegui entender o que diziam. Em todo o terreiro a atitude era curiosamente solene. Geralmente as multidões indianas são ruidosas e alegres. Mas nesse dia sentiam a magia, suponho eu, de um acontecimento que raramente acontece mais do que uma vez durante um reinado, apesar da tradição antiga de que o primeiro rei terreno que celebrar cem sacrifícios do cavalo derrubará o deus Indra e ocupará o seu lugar no Céu.
Não creio que exista alguma coisa tão tediosa como uma cerimónia interminável, realizada numa língua estrangeira e dedicada a um deus ou deuses que não aceitamos.

Mas para o fim da representação da farsa, a cerimónia tornou-se muito intrigante. O cavalo foi novamente levado para o sítio onde estivera amarrado. Depois, o sumo sacerdote cobriu-lhe a cabeça com um pano. Lentamente, asfixiou o animal. Com um estrondo o garanhão caiu ao chão e durante alguns minutos as suas pernas agitaram-se na agonia da morte. Então a velha rainha aproximou-se do corpo do cavalo. A multidão agora estava completamente imóvel. Com cuidado, ela deitou-se ao lado do cadáver. Depois o sumo sacerdote cobriu a rainha e o cavalo com um lençol de seda.
Quando os dois ficaram completamente cobertos, ele disse em voz alta e claramente: - Nos céus estais ambos cobertos. E possa o fértil garanhão, o dador da semente, colocar a semente dentro. Levei algum tempo a compreender o que estava a acontecer. Depois dos ritos de Ishtar em Babilónia, julgava que nada mais poderia surpreender-me ou chocar-me. Mas isto ultrapassava tudo. Por baixo da coberta de seda, a velha rainha deveria introduzir nela o membro do garanhão morto.
O diálogo ritual era obscuro e obsceno. Começou com um grito de gelar o sangue da velha rainha: - Mãe, Mãe, Mãe! Ninguém me possuirá! O pobre cavalinho dorme. E eu, esta criaturinha maravilhosa, toda vestida de flores.
O sumo sacerdote gritou: - Eu incitarei o procriador. Tu deves incitá-lo também.
A velha rainha falou para o garanhão morto: - Vem, verte a semente no fundo do útero da que abriu as coxas para ti. Oh, símbolo da virilidade, faz funcionar o órgão que é para as mulheres o dador da vida, o órgão que entra e sai delas

rapidamente no escuro, o secreto amante!
Por baixo do lençol havia muita agitação. Então a velha rainha gemeu alto: - Mãe, Mãe, Mãe, ninguém me possui!
Isto foi seguido de jogos obscenos entre o sacerdote e uma senhora. O sacerdote apontou para o sexo da senhora: - Essa passarinha está tão agitada e faminta. Olha como ela quer que a alimentem.
A senhora apontou para o sexo do sacerdote: - Olha como ele se agita, quase tão grande como a tua língua. Cala-te, sacerdote.
Durante tudo isto a velha rainha não parava de berrar: - Mãe, Mãe, Mãe, ninguém me possui!
O sumo sacerdote trocou obscenidades crípticas com cada uma das esposas do rei. O rei não disse uma palavra. Por fim, o que quer que fosse que tinha de ser feito, foi feito. Decerto a velha rainha tinha conseguido enfiar de qualquer maneira o membro do garanhão

na sua vagina. O lençol foi retirado. As esposas do rei cantaram em coro um hino a um cavalo alado. Quando lhes trouxeram bacias, elas lavaram a cara e as mãos segundo um ritual e cantaram um hino à água. Em seguida todos os animais, aves e peixes foram abatidos e acenderam-se fogueiras.
A velha rainha sentou-se numa cadeira ao lado do garanhão morto e ficou a ver quatro Brâmanes esquartejar o animal. Em seguida o sumo sacerdote cozinhou os ossos do animal. Quando o tutano começou a rechinar, o rei Bimbisara inalou o vapor. Purgava-se, dessa forma, do pecado. Então dezasseis sacerdotes cozinharam, cada um, uma porção do cavalo, e quando terminaram, a multidão soltou um berro enorme. Bimbisara era agora monarca universal.
Ouvi falar de toda a espécie de cultos da fertilidade nos sítios mais selvagens da Lídia e da Trácia, mas o sacrifício do cavalo é de longe o mais bizarro e, segundo os Brâmanes, o mais antigo. Pensa-se que a cerimónia começou por ser um meio de propiciar a fertilidade do rei e das suas esposas. Mas nunca se saberá ao certo, porque não há ninguém vivo que perceba os hinos que os Brâmanes têm decorado e cantado nos últimos dois mil anos. O que eu sei é que a ceriimónia é terrível de suportar. É como se regressássemos a um tempo anterior ao tempo.
As danças e os festejos duraram toda a noite. De madrugada a família real retirou-se para a sua torre dourada. Tal como a maioria dos que assistiram ao sacrifício, dormi ao relento.
No dia seguinte fui informado de que iria casar-me com a filha do príncipe Ajatashatru. Era uma grande honra, como constantemente me lembravam. Por um lado, como representante do Grande Rei, era aceite como sendo da classe

guerreira. Mas como não era o Grande Rei, não podia desposar uma filha do rei Bimbisara. Apesar de tudo, era suficientemente digno de tomar como esposa uma das vinte e três filhas de Ajatashatru.
Ao princípio temi que desencantassem uma lei védica antiga que me obrigasse a comprar a minha esposa à família. Mas a lei védica antiga revelou-se exactamente ao contrário. Eu era pago, muito generosamente, por aceitar como esposa Ambalika, uma menina de doze anos que, conforme a mentira que o pai me contou, ainda não tinha menstruado. Os Indianos consideram isso um pormenor muito importante, pela excelente razão de que, como ás suas mulheres gozam de tanta liberdade, nenhuma menina núbil consegue manter-se virgem por muito tempo naquele clima e naquela corte.
Embora as primeiras negociações tivessem sido feitas muitíssimo formalmente entre Varshakara, representando a família real, e Caraka,

representando-me a mim, o acordo final foi conseguido, da forma mais amigável, encantadora mesmo, por Ajatashatru e eu próprio no Casino das Cinco Colinas, a maior das numerosas salas de jogo da capital
Os Indianos têm a paixão do jogo. São além disso jogadores inconscientes. Perdem-se fortunas num lance de dados ou no jogo do loto. No reinado de Bimbisara todas as salas de jogo eram rigidamente controladas pelo Estado. Cinco por cento das apostas iam para a manutenção do casino. Como não é permitido a nenhum jogador utilizar os seus próprios dados, o Estado retira também um lucro não desprezável do aluguer de dados. Como o casino nunca perde muito - (os dados estão viciados? há batota? ou a lei das probabilidades favorece o casino?) - as receitas do rei são tão grandes que a verdadeira quantia que ele recebe é um dos segredos melhor guardados de Magadha. O que é certo é que a minha embaixada nunca conseguiu penetrá-lo.
Embora pessoalmente o rei Bimbisara detestasse jogar e costumasse desencorajar a corte de o praticar, o seu herdeiro era um habitue do Casino das Cinco Colinas, a mais elegante das salas de jogo da capital. À boca pequena dizia-se que o próprio Ajatashatru era o dono do casino e que defraudava alegremente o governo na participação deste nos lucros.
O meu futuro sogro era mais velho do que eu apenas alguns anos.
Demo-nos bem desde o início; mas também, ele quando queria ser encantador, não havia quem se lhe comparasse. Nessa noite no Casino das Cinco Colinas, Ajatashatru irradiava de encanto; até tinha os mamilos pintados com carmim, uma coisa que os elegantes da corte só fazem em ocasiões festivas.
Entrámos de braço dado no salão principal, uma sala estreita e comprida com mesas de jogo de ambos os lados. No extremo da sala, uma alcova com cortinas

continha divãs com cobertas do Catai. Aqui o príncipe podia descontrair-se, sem ser observado, mas observando por um dos vários furos que tinham sido recortados nas cortinas cheias de pó.
Reparei que quando o gerente nos conduzia para a alcova, nenhum dos jogadores olhou para o príncipe. - Estás a ver? - segredou-me Ajatashatru, de hálito fortemente perfumado. - Sou invisível.
Conclui que era considerado má educação reparar no príncipe quando este se punha à vontade entre a gente do povo. Mais tarde fiquei a saber que era pior do que má educação: era fatal para

a pessoa que se atrevesse a olhar para o príncipe quando ele estivesse a divertir-se.
Quando ambos nos instalámos nos divãs, as cortinas foram corridas. Em seguida, raparigas muito novinhas trouxeram-nos uma série de vinhos fortes em jarros de prata. Uma delas ainda nem sequer era púbere, o que excitou o príncipe. Enquanto conversava comigo, acariciava-a quase da mesma maneira que um Mago a fazer festas a um cão enquanto discursa solenemente sobre a maneira correcta de fazer haoma ou sobre a criação do Mundo.
- Tu vais trazer-nos alegria e boa sorte -. O príncipe sorriu. Ao contrário do camareiro, mantinha os dentes limpos com uma goma cosmética que repele todas as partículas de comida. Estava sentado tão perto dele que via que todo o seu corpo tinha sido rapado ou depilado. Se não fossem os antebraços musculosos e as mãos brutais, teria pensado que estava sentado ao lado da minha futura sogra.
- Concedeste-me uma honra que não pode ser medida em ouro e prata. O meu amo, o Grande Rei, ficará satisfeito.
- Temos de o convidar a vir a Magadha. Para o casamento, não claro -, acrescentou Ajatashatru muito rapidamente. Parto sempre do princípio de que os serviços secretos de Rajagriha estavam mais ou menos a par das intenções da Pérsia. Apesar disso, creio que fomos sempre notavelmente subtis na nossa espionagem. Os cinco homens que eu destacara para avaliar a força militar de Magadha nunca escreviam nada. Cada homem era obrigado a memorizar os mesmos factos, no pressuposto de que pelo menos um deveria regressar vivo a Susa.
Quando se tratou das rotas comerciais, manufacturas e matérias-primas, as nossas negociações foram perfeitamente abertas e em pouco tempo ficámos com uma boa ideia da extraordinária riqueza do país. Muitas das receitas do reino provinham das taxas cobradas às caravanas que atravessavam Magadha; especialmente lucrativa era a famosa pista sudeste-nordeste - a palavra estrada

pura e simplesmente não se aplica a coisa alguma indiana.
O Estado exercia um monopólio sobre o fabrico de tecidos e de armas. O superintendente da tecelagem levou três dias a mostrar-me diversas oficinas onde trabalham mulheres de sol a sol, fiando e tecendo. As exportações de algodão preparado é uma fonte principal de rendimento dos reis de Magadha. Embora não me tivessem mostrado os arsenais, diversos membros da embaixada conseguiram descobrir alguns segredos. E, se bem que tivessem ficado surpreendidos com a maneira ineficaz como o ferro é fabricado, impressionou-nos o modo eficiente como montavam armas e alfaias agrícolas.

Um grupo de operários é responsável pela feitura, suponhamos, do cabo de madeira de uma enxada. Outro grupo verte o metal fundido no molde para o fabrico da enxada de ferro. Um terceiro conjunto monta o cabo e a enxada, enquanto um quarto é responsável pelo carregamento dos artigos prontos em carros. É incrível a rapidez com que é feita e expedida uma quantidade muito grande de
enxadas.
Infelizmente nunca consegui interessar ninguém em Susa por estas coisas. Em primeiro lugar, porque os nobres persas desdenham do comércio. Em segundo, como membro da corte, nunca consegui conhecer o género de pessoas que pudessem estar interessadas em produzir objectos em quantidade.
- Vais achar a minha filha um perfeito tesouro. Ser-te-á tão dedicada como Sita foi a Rama -. Era uma frase convencional.
- O facto de ser tua filha é para mim mais do que suficiente.
- É, de todas as minhas filhas, a que me é mais chegada -. Vieram lágrimas aos olhos brilhantes e lavados com colírio. Na realidade, como Ambalika me contaria depois, o seu pai nunca se incomodou em saber os nomes de nenhuma das suas filhas. Interessava-se apenas pelos filhos. - Eu tinha medo dele -, contou-me Ambalika. - Tínhamos todas medo dele. Ele nunca falou comigo senão no dia em que me disse que eu ia casar-me com um nobre persa. Quando lhe perguntei onde ficava e o que era a Pérsia, respondeu-me que isso não era comigo.
- Também hás-de querer conhecer o avô da minha preciosa filha, o príncipe Jeta. Também é parente do meu amado tio, o rei de Koshala. A nossa família é uma família maravilhosa, uma família feliz, cuja única divisão, sempre o disse, é o rio Ganges. E - acrescentou, subitamente sério - a federação. Oh, meu caro, tens de nos dar o teu conselho mais sábio -. A mão forte descansou por um momento nas costas da minha. O calor que os seus dedos irradiavam era intenso. O vinho de palma que tínhamos estado a beber aquece notoriamente a carne ao mesmo

tempo que perturba os sentidos.
- Nós somos mais fortes. Mas eles são mais manhosos. Estão sempre a criar problemas na fronteira. Infiltram as ordens religiosas. Os mosteiros Jaina e Budistas estão cheios de agentes republicanos. Mas como o meu pai (que ele viva para sempre) é um devoto do Buda, não podemos fazer nada. Pior do que isso, no ano passado, os agentes republicanos conseguiram introduzir-se nas guildas. Neste preciso momento controlam o conselho da guilda dos oleiros, aqui mesmo em Rajagriha. Além disso têm dois membros no conselho da

guilda dos tecelões. Pior do que tudo, o decano da guilda dos sapateiros é um republicano declarado. Estamos a ser lentamente devorados de dentro e... Oh, meu caro amigo, que devemos fazer?
- Saneia as guildas, Senhor Príncipe. Elimina os republicanos.
- Mas, caríssimo, tu não conheces o nosso pequeno mundo. As nossas guildas são quase tão antigas e tão sagradas como a monarquia. Quanto a saneá-las... Bom, eu gostaria de as fazer em pedaços. E no íntimo também o meu pai, claro. Mas são demasiado poderosas. São demasiado ricas. Emprestam dinheiro a juros altíssimos. Mantêm as suas próprias milícias...
- Mas isso é perigoso, Senhor Príncipe. Só o governante deve ter o poder de ter tropas -. Foi um choque descobrir que não só as guildas de Magadha dominam a vida comercial do país como, dado que são como minúsculas nações, os operários de qualquer ramo vivem juntos no mesmo bairro da cidade: cada guilda possui tribunais, tesouros, tropas próprias.
- Mas atenção, nós controlamos as guildas até certo ponto. Em tempo de guerra as milícias das guildas integram automaticamente o exército do rei. Contudo quando não há guerra...
- São praticamente independentes?
- Praticamente. É claro, as guildas são-nos úteis. Nenhum rei, nenhuns serviços secretos poderiam alguma vez controlar uma população tão grande como a nossa. De modo que as guildas mantêm a ordem por nós. Aliás, quando se trata de fixar os preços, geralmente sabem melhor do que nós qual é a procura do mercado.
- Mas como podes controlá-las? Se eu fosse o... decano da guilda dos sapateiros, digamos, havia de querer o máximo que pudesse por um par de sapatos. Dobraria o preço e o povo teria que comprar porque só a minha guilda está autorizada a fazer e vender sapatos.
O príncipe fez um sorriso bastante doce. Começava a reagir à enorme quantidade de vinho que bebera. - Em primeiro lugar, só nós temos o poder de vida e de morte. Raramente o usamos contra as guildas, mas está sempre presente e eles

sabem-no. Em termos práticos, o nosso poder assenta no facto de controlarmos as matérias-primas. Compramos por baixo preço e vendemos apenas com um lucro pequeno. Por exemplo, as vacas são abatidas numa determinada época do ano. Então, compramos todas as peles e guardamo-las em armazéns. Quando os couros começam a faltar, vendemo-los a um preço razoável às guildas. Se uma guilda fosse tentada a pôr no mercado os seus sapatos a um preço pouco razoável, nós retiraríamos o couro até eles se tornarem mais razoáveis.
231
Em mais nenhuma parte do Mundo encontrei um sistema monárquico tão delicadamente e tão inteligentemente equilibrado de modo a retirar o máximo de rendimento da população com o mínimo de coação.
- Vai haver guerra com a federação? -. Eu estava suficientemente bêbedo para fazer ao príncipe a pergunta cuja resposta toda a índia esperava nervosamente. Ajatashatru abriu os braços com as palmas das mãos voltadas para cima. As pontas dos dedos tinham sido pintadas de vermelho. - A guerra é sempre a última coisa que queremos. Mas se o sacrifício do cavalo tivesse corrido doutra maneira, teríamos pelo menos tido um sinal dos céus de que era a altura de lutarmos pela nossa sobrevivência. Assim... não sei, meu caro.
O príncipe acariciou uma menina de nove ou dez anos que estava atravessada no seu colo. Ela tinha uns olhos enormes, observadores. Conclui que era agente dos serviços secretos. Em Magadha os agentes são recrutados muito novos, geralmente entre os órfãos sem lar.
Se a criança era um agente secreto, não ficou a saber nada nessa noite. O príncipe foi discreto, como sempre. Embora o tivesse visto beber, mais do que uma vez, até à inconsciência, nunca lhe ouvi dizer nada que não quisesse que o Mundo soubesse. O vinho tornava-o sentimental, afectuoso, confuso. Os "meus caros" saíam-lhe em falanges gregas. A mão escaldante apalpava-me a minha e o braço à volta dos meus ombros apertava-me carinhosamente. Nessa noite recebi palmadas, abraços, fui tratado por meu caro e aceite como membro - relativamente - da família real de Magadha, que estava separada dos seus primos de Koshala pelo rio Ganges... e pela pérfida federação de repúblicas. Nessa noite, no Casino das Cinco Colinas, fiquei com a impressão de que a decisão de ir para a guerra já tinha sido tomada.
- Nunca houve um soldado que igualasse o meu pai, sabes? Nem sequer o teu Ciro, o Grande. Acredita, Bimbisara era já um grande rei antes do sacrifício do cavalo. Afinal, foi ele que conquistou o povo de Anga, que nos deu o porto de Champa, que controla todo o tráfego que desce o Ganges até ao mar que conduz ao Catai.
Ajatashatru chorava agora, do vinho. - Sim, foi Bimbisara que criou o que é hoje

a mais poderosa nação do Mundo inteiro. Foi ele quem construiu um milhar de milhar de estradas e um milhar de milhar de pontões sobre os pântanos. Foi ele que...
Deixei de prestar atenção. Quando os Indianos falam de números nunca sabem quando parar. É verdade que Bimbisara criou realmente uma quantidade de estradas de terra batida que se transformam

em lama nas monções, mas nunca conseguiu manter sequer a grande rota das caravanas de Champa a Taxila. Aliás, muito curiosamente, não há pontes de nenhuma espécie na índia. Eles dir-te-ão que as pontes não são práticas devido às inundações sazonais, mas a minha opinião é que não possuem a capacidade técnica para transpor rios mesmo com jangadas atadas umas às outras. É claro, uma das guildas mais poderosas de Magadha é a dos barqueiros e, como os Indianos gostam de dizer, nunca nenhuma guilda se dissolveu a si mesma.
Mais tarde nessa noite, depois de o príncipe ter adormecido, joguei um pouco aos dados com Caraka. Mas logo que comecei a perder, parei. Por outro lado, Caraka foi incapaz de parar. Por fim ordenei-lhe que se retirasse do casino. Até aí não me tinha apercebido como o desejo de jogar pode enlouquecer os homens. É igual ao haoma ou à paixão sexual. Mas o haoma e a paixão sexual esgotam-se com o tempo, enquanto que a necessidade de jogar não.
Devo dizer que admirei a maneira como Bimbisara era capaz de recolher sem nenhum esforço tantas receitas dos vícios do povo. Durante algum tempo experimentámos em Susa um casino. Mas os Persas não são jogadores - porque não são comerciantes? E só vinham Gregos ao casino. Como os Gregos perdem invariavelmente mais dinheiro do que o que alguma vez poderiam pagar, o local foi encerrado.

7

Logo que conclui até que ponto todos os seres humanos se assemelham, vi-me confrontado com algumas grandes diferenças entre as raças. Os Indianos jogam. Os Persas não. Os deuses védicos da índia são os demónios zoroastristas da Pérsia. Por que razão acreditam alguns homens que o cosmos é uma entidade única, enquanto outros acreditam que é múltipla? Ou a multiplicidade na unicidade. Ou absolutamente nenhuma coisa. Quem ou o quê criou o cosmos! O cosmos existe ou não existe? Eu existia antes de fazer esta pergunta a Demócrito? Eu existo neste momento? Existi noutra forma antes de ter nascido? Voltarei a nascer numa forma diferente? Se não houvesse gente na Terra para observar o Sol e o alongar das sombras que ele produz, existiria essa coisa que é

o tempo?
233
O príncipe Jeta retirava ainda mais prazer do que eu da meditação sobre o que ele chamava as primeiras coisas. Ele veio de Koshala para assistir ao casamento da neta. No nosso primeiro encontro convidou-me para a sua casa de campo, logo ao norte de Rajagriha. Foi-me dito para estar lá ao meio-dia. Não deveria, disse ele, preocupar-me com o calor. Nessa estação, as visitas sociais fazem-se geralmente ao fim da tarde. Mas, tal como me disse: - Sentir-te-ás tão fresco ao meio-dia como se estivesses no país da neve -. Esta é uma expressão caída em desudo e que data dos primitivos Arianos. Duvido que houvesse uma dúzia de pessoas na corte de Magadha que soubessem como é a neve.
Viajámos, eu e Caraka, num carro com toldo. Caraka tinha acabado de regressar de uma visita às minas de ferro, no Sul; vinha impressionado com a sua extensão. Como o condutor do nosso carro de bois era um espião que percebia persa, falávamos por subentendidos. Como conseguíamos distinguir os que sabiam persa dos que não sabiam? Os que falavam persa eram todos do Noroeste - de Gandhara ou do vale do Indo. São todos, até ao último, mais altos e claros de que os Magadhanos. Além disso têm as mesmas dificuldades que nós com o dialecto local. Em minha honra, Varshakara tinha importado várias dúzias deles para nos espiarem.
A propriedade do príncipe Jeta era rodeada por um muro de tijolo de lama, furado por um só portão de madeira logo à face da estrada principal. Como nem o muro nem o portão eram de modo nenhum impressionantes, mais parecia que estávamos a fazer uma visita à sede da guilda dos moleiros. Mas uma vez dentro do portão, até o antiariano Caraka ficou impressionado.
Ao fundo de uma comprida alameda de árvores em flor estava um sofisticado pavilhão cujas janelas altas, de arco, eram protegidas por toldos de um pano azul-claro que, ao tacto, parecia seda mas na verdade era uma nova variedade de tecido de algodão.
O aroma das flores e das ervas variava segundo as zonas do jardim. Como a região entre o Ganges e Rajagriha é absolutamente plana, o príncipe Jeta tinha quebrado a monotonia da paisagem construindo uma série de colinazinhas e montanhas em miniatura. As colinas artificiais estavam cobertas de canteiros de flores e árvores baixas, enquanto as montanhas tinham sido feitas de modo a parecerem os cinzentos Himalaias. O efeito era singularmente belo.
O interior do pavilhão tinha pouca luz e era fresco, tal como prometido, devido aos jactos de água que refrescavam periodicamente o ar ao humedecerem a vegetação verde do lado de fora das janelas. Um membro da minha embaixada acabou por descobrir o princípio

hidráulico em que se baseava este sistema e, durante algum tempo, foi usado nos jardins do palácio novo de Babilónia. Mas tal como todas as inovações nessa cidade, o sistema foi abandonado pouco depois. Tudo quanto seja posterior ao modernista Nabucodonosor é pura e simplesmente considerado um sacrilégio. Os Babilónios são à vontade o povo mais conservador da Terra.
O príncipe Jeta não era novo nem velho; a sua pele era mais clara do que a do Magadhano médio, e tinha aquela curiosa prega por cima de cada olho que é uma característica do povo das montanhas do Himalaia e dos Cataios. Para um nobre indiano no Verão, os movimentos do seu corpo esbelto eram surpreendentemente ágeis - sem dúvida resultantes de ser mantido fresco pela água corrente, as árvores frondosas, os mágicos leques giratórios.
O príncipe Jeta cumprimentou-nos formalmente. Em seguida, disse-me como estava encantado por eu me casar com uma neta sua, que era, todos estavam de acordo, tão leve como uma gazela, tão fértil como uma alface fresca, e assim por diante. Agradou-me ele não ter fingido que conhecia a menina.
Desembaraçados das cerimónias, foi-nos servida uma refeição ligeira mas deliciosa. - Eu não como carne -, disse ele. - Mas tu podes comer, evidentemente, se preferires.
- Não -, respondi, aliviado. Num dia quente de Verão, a combinação de carne com ghee deixava-me tão estúpido como um Brâmane balofo. Perguntei ao meu anfitrião se não comia carne por motivos religiosos.
O príncipe Jeta fez um gesto delicado de autodepreciação. - Eu gostaria de ser verdadeiramente iluminado. Mas não sou. Observo realmente os votos quanto me é possível, mas o que para mim é possível nunca é muito. Estou muito longe do nirvana.
- Talvez o Senhor da Sabedoria considere as tuas intenções iguais aos actos e te conceda a travessia da ponte da redenção para o paraíso -. Não sei por que razão tinha que ser tão pouco educado a ponto de abordar o assunto da religião na casa de um homem tão íntimo do Buda. Embora me tivessem ensinado que a nossa religião é a única verdadeira e que deve ser levada a todos os homens quer eles (ou os seus demónios) gostem dela ou não, eu era também um cortesão e, mais importante do que isso, um embaixador. Dário tinha-me dito, com muita firmeza, que não devia denunciar os outros deuses ou impor o Senhor da Sabedoria aos estrangeiros.
Mas o príncipe Jeta preferiu lidar com a minha grosseria muito amavelmente. - Na verdade seria muita generosidade da parte do teu

Senhor da Sabedoria ajudar alguém tão indigno como eu a passar a ponte para...

ah!... o paraíso -. Em geral a concepção de paraíso como mundo dos pais é vaga para os Indo-Arianos, enquanto é completamente ignorada em particular por aqueles que substituíram os seus deuses védicos pelo conceito de uma longa cadeia de mortes e renascimentos que terminará ou na iluminação pessoal ou porque um dos ciclos da criação do Mundo parou... para voltar a começar.
Deixei cair o assunto do Senhor da Sabedoria. O mesmo, lamentei reparar, fez o príncipe Jeta. Ele falou do Buda. - Conhecê-lo-ás quando nos visitares em Koshala e ficarei desolado se nos for recusada a enorme... como direi?... radiação da tua presença em Shravasti, não só como emissário do Grande Rei mas sobretudo como neto de Zoroastro -. Como todos os Indianos, o príncipe Jeta sabia tecer grinaldas de flores com as palavras. Tal como todos os cortesãos persas, eu também sabia. Mas depois da nossa refeição deixámos que as flores murchassem e passámos ao real.
- Vamos passear um pouco -, disse o príncipe Jeta, tomando-me o braço. Então conduziu-me até um lago artificial, com lótus e juncos tão artisticamente plantados a toda a volta que facilmente poderia ser tomado, erradamente, por uma obra da natureza raramente conseguida. Devido a uma ilusão de perspectiva, o lago parecia enormemente largo e profundo, e limitado no outro extremo por uma cadeia de montanhas.
À beira da água o príncipe Jeta despiu a parte de cima da sua indumentária. - Sabes nadar? - perguntou.
- É uma das primeiras coisas que nos ensinam -, respondi. Na verdade nunca aprendi a nadar correctamente. Mas fui capaz
de me manter ao lado do príncipe Jeta enquanto ele dava braçadas com estilo no lago baixo em direcção à cadeia de montanhas em miniatura. Peixes de cores vivas passavam como dardos por entre as nossas pernas enquanto da margem éramos observados por flamejantes flamingos. Havia, naquele dia, uma sensação de paraíso naquele lugar.
Quando estávamos já a pouca distância do rochedo artificial, o príncipe Jeta disse: - Agora retém a respiração e mergulha por baixo da montanha -. Num instante, tal uma gaivota atrás de um peixe, desapareceu.
Como não sabia mergulhar, enfiei com todo o cuidado a cabeça debaixo de água e dei aos pés. Julguei que me afogava em pouco tempo. Mas o certo é que, pela primeira vez na minha vida, abri os olhos debaixo de água e fiquei maravilhado com os peixes de cores vivas, os fetos verdes ondulantes, as cadeias de lótus que se elevavam

para a superfície. Precisamente quando estava já quase sem fôlego, vi a entrada de uma caverna. Com um grande impulso lancei-me para dentro da caverna e

disparei para a superfície.
O príncipe Jeta ajudou-me a sair da água. Divãs, mesas, cadeiras estavam espalhadas pela areia branca fina. Só que a areia não era branca mas azul. Na caverna tudo reflectia uma luz azul intensa como se houvesse um fogo debaixo de água. Este efeito natural era o resultado de várias pequenas aberturas ao nível do lago. Embora a luz e o ar pudessem circular dentro da caverna, ninguém podia espreitar lá para dentro. - Ou escutar-nos -, disse o meu anfitrião, instalando-se num divã. - Este é o único lugar de Magadha onde Varshakara não pode ouvir-nos.
- Foste tu que construíste esta caverna?
- E a montanha também. E o lago. E o parque. Era jovem na altura, claro. Não tinha tomado votos. Ainda estava ligado a todos os prazeres deste Mundo e essa espécie de ligação é a causa do sofrimento, não achas?
- Mas certamente provoca mais alegria do que dor. Olha para a maravilha que criaste...
- ... pela qual terei de pagar quando fizer a minha próxima aparição como um cão pária -. Os modos do príncipe Jeta eram tão serenos que não conseguia perceber se falava a sério se não, o que é sempre um sinal da mais requintada educação. Mas o príncipe Jeta era capaz de ser directo. - Soube que fizeste um tratado com o meu primo Bimbisara.
- Realmente estamos a fazer um tratado. Ferro para a Pérsia. Ouro para Magadha. O preço ainda não foi decidido. Posso ter de voltar a Susa antes de poder dar a palavra definitiva do Grande Rei.
- Estou a ver. Quando vens a Koshala?
- Não faço ideia.
- Eu estou aqui não só para ajudar a presidir ao teu casamento com a minha neta mas para te convidar, em nome do rei Pasenadi, para visitares a sua corte o mais cedo possível.
Após uma pausa diplomática, respondi à urgência do meu anfitrião: - Acreditas que vai haver guerra?
- Sim. Dentro de pouco tempo. Tem havido movimentação de tropas na direcção do rio.
- Para invadir a federação?
- Sim... -. Os olhos do príncipe Jeta eram tão azuis como a piscina sob a montanha. Na verdade, a uma luz normal, os olhos do príncipe eram o que vim a designar como cinzento-himalaia, uma cor ou tonalidade que só se encontra nos nativos desse lugar alto do Mundo.

- Que fará Koshala?

- Que fará a Pérsia?
Não estava preparado para uma franqueza que superava a minha. - São mais de mil milhas de Taxila a Magadha.
- Ouvimos dizer que os exércitos do Grande Rei se deslocam rapidamente.
- Então deves saber que o exército do Grande Rei está ocupado no Ocidente com os Gregos que... -. Mas não achei necessário explicar quem eram os Gregos a um homem tão civilizado como o príncipe Jeta. Se ele tivesse sentido necessidade de saber quem eles eram, ter-se-ia informado; como veio a verificar-se ele não sabia nada da Europa.
- Na fronteira norte está outro contingente - disse eu - a combater as tribos.
- Nossas primas -. O príncipe Jeta sorriu.
- Há trinta ou quarenta gerações. Mas quaisquer que fossem as nossas antigas relações, hoje são o nosso inimigo comum.
- Sim, é claro. Mas certamente o Grande Rei mantém um exército na sua satrapia ao longo do rio Indo.
- Apenas para fins defensivos. Nunca o mandaria para Magadha.
- Tens a certeza?
- O Grande Rei controla o vale do Indo há menos de uma geração. Sem uma guarnição persa...
- Compreendo -. O príncipe suspirou. - Tinha esperança de que... -. Fez um gesto com uma mão que foi ao mesmo tempo delicado e complicado. Mas eu ainda não tinha aprendido a linguagem das mãos, como dizem os Indianos. Os seus argumentos mais subtis são feitos muitas vezes não com palavras mas com gestos, uma forma de comunicação que deriva das danças pré-históricas.
- Achas o meu genro simpático?
- Oh, sim. Ele tem um ar muitíssimo elegante e... sentimental.
- Lá sentimental é. Uma vez chorou durante uma semana quando o seu pássaro de estimação morreu.
- Mas o camareiro não chora! -. Com isto, pensei, vou ficar a saber se os serviços secretos de Magadha penetraram na gruta do príncipe Jeta.
- Não. É um homem duro. Sonha com a anexação de Varanasi. Sonha com a queda de Koshala.
- Isso é apenas um sonho?
- Pasenadi é um homem santo. Não se interessa por este Mundo. É um arhat. O que quer dizer que está próximo da iluminação, da dissolução definitiva do eu.

- é por essa razão que o seu reino está também perto da dissolução se não da iluminação?
O príncipe Jeta encolheu os ombros. - Por que razão deveriam os reinos diferir

dos seres humanos? Os reinos nascem. Crescem. Morrem.
- Então por que te importa que Koshala pareça agora o corpo de um homem que morreu há três meses?
- Oh, importa-me muito. Importa-me muito. Por causa da sangha.
Sangha é o termo que designa a ordem ou comunidade dos Budistas. Mas este termo e o conceito são séculos ou milénios anteriores ao Buda. Nas repúblicas, a sangha é o conselho de todos os chefes de família. Em algumas repúblicas, cada membro do conselho ou assembleia é chamado rajá ou rei, uma simpática negação do princípio monárquico: se todos são reis, nenhum o é. Naquele tempo nenhum homem governava sozinho qualquer das repúblicas.
Como o Buda era filho de um membro do conselho da república dos Shakyas, é referido com frequência como sendo filho de um rei. Mas o seu pai era simplesmente um entre mil reis que se reuniam para administrar a república. Mas enquanto uma sangha republicana é governada pela metade dos membros mais um, a sangha dos Budistas não pode tomar nenhuma decisão sem ser por unanimidade. Uma vez que o Buda se extinguiu, esta regra iria causar uma boa quantidade de problemas à ordem.
- Temes o rei Bimbisara?
- Não. Ele é nosso amigo.
- E Varshakara?
Distraída ou deliberadamente, o príncipe Jeta desenhava uma estrela na macia areia branca - não, azul. - Ele é um típico camareiro do rei. Para ele, a ordem... qualquer ordem... é perigosa.
- A republicana?
- Exactamente. E como Bimbisara é velho e Varshakara novo, é correcto prever o pior -. O príncipe Jeta riu-se. - Percebes agora por que razão sou um Budista com falhas? Sou obrigado a ocupar-me de política quando devia estar a observar os votos.
- Que votos não observas? -. Nesse tempo eu era muito literal. Aliás, as mil e uma religiões da índia tinham-me posto num estado de perfeita confusão. Os Indianos parecem aceitar tudo, o que é o mesmo que não aceitarem nada.
Sempre que acendia o fogo sagrado num local sem Sol, assistiam sempre alguns Brâmanes curiosos. Eram sempre educados e faziam perguntas interessadas. Mas nunca voltavam uma segunda vez. Não consigo pensar como teria feito o meu avô para os converter.

- Sou por demais deste Mundo -, disse o príncipe Jeta. Lançou uma pedrinha para o azul brilhante da piscina aos nossos pés. Passado um momento, o que parecia ser um cardume de golfinhos nadou para nós. Mas quando os golfinhos

vieram à superfície, mais não eram do que rapariguinhas. Cada uma delas trazia um instrumento musical envolto em peles à prova de água.
- Achei que gostarias de um pouco de música. Eu concebi tanto a montanha como a gruta de modo a poder ouvir música nas condições óptimas. Lamento não praticar todas as sessenta e quatro artes, mas não sei música, a única arte que considero estar mais próxima da...
- Sabiamente preferiu não comparar com nada aquilo que acreditava ser incomparável.
Não posso dizer que tenha. apreciado tanto o concerto como apreciei a luz da água azul que tornava todas as coisas tão incorpóreas como um sonho de haoma. Pergunto-me agora se tudo aquilo não foi deliberadamente planeado. O que sei é que muitas das coisas que o príncipe Jeta me contou sobre o Buda me ficaram na memória. Podiam a luz e a música ter-se combinado de algum modo para induzir o tipo de visão que temos com o haoma sagrado ou mesmo até com o diabólico soma? Só o príncipe Jeta poderia responder, mas ele há muito que trocou o corpo que se sentava ao meu lado por... o quê? Por uma divindade menor indiana quando muito, apenas com dois braços, esperemos, e uma quase eternidade de gozo antes do nada final.
Enquanto a música tocava, o príncipe Jeta descrevia as quatro verdades nobres do Buda: - A primeira verdade é que toda a vida é sofrimento. Se não consegues o que queres, sofres. Se consegues o que queres, sofres. Entre o conseguir e o não conseguir, a vida humana é como um fogo a crepitar. Não concordas?
- Sim, príncipe Jeta -. Digo sempre que sim, para aprender mais. Um verdadeiro mestre do subterfúgio como Protágoras ou Sócrates haveria de querer saber o que se queria dizer exactamente com sofrer. Com conseguir. Com não conseguir. Se o dissecador de evidências possuir uma faca bem afiada, o facto pode ser retalhado até não ser nada. Eu acho isso uma perda de tempo. Numa caverna azul por baixo de uma montanha artificial, estou disposto a aceitar, ainda que por um momento, a ideia de que a existência é um fogo crepitante.
- Nós gostamos de nos deleitar nos cinco sentidos. Tentamos evitar a dor ou o sofrimento. Como se faz isso? Através dos sentidos, que acrescentam combustível ao fogo e o fazem arder. Por isso a segunda verdade é que um desejo de prazer ou, pior, um desejo de permanência

numa criação onde tudo é fluxo, mais não pode fazer do que tornar o fogo ainda mais intenso, o que quer dizer que, quando o fogo diminuir de intensidade, a dor e a tristeza serão bem maiores. Não concordas?
- Sim, príncipe Jeta.
- Então é claro que o sofrimento nunca acabará enquanto o fogo for alimentado.

Portanto concordas que, para evitar o sofrimento, o indivíduo deve deixar de acrescentar combustível ao fogo?
- Sim, príncipe Jeta.
- Muito bem. Esta é a terceira verdade. A quarta verdade mostra como o fogo pode ser extinto. Isso alcança-se através do não querer.
O príncipe Jeta interrompeu-se. Durante um momento escutei a música, que achei estranhamente atraente. Digo estranhamente pois ainda não me tinha habituado à música indiana. Mas como a própria ocasião tinha um tão grande sortilégio, todas as coisas me agradavam, e eu encontrava-me mais do que nunca distante das quatro verdades do Buda! Não estava absolutamente nada desprendido nem solto. De certeza que não queria extinguir-me.
De repente apercebi-me de que a quarta verdade do príncipe Jeta não era absolutamente nada, o que em si é uma verdade como alguns Atenienses - e mesmo até Abderanos - poderiam dizer. Voltei-me para o meu anfitrião. Ele estava a sorrir. Antes que eu pudesse fazer a minha pergunta, ele respondeu-ma:
- Para apagar a chama desta dolorosa existência, deves seguir a via óctupla. Esta é a quarta verdade.
Mais tarde ou mais cedo os Indianos puxavam dos números. Como são os matemáticos mais vagos que existem, desconto sempre em todos os números que um Indiano me dá, mesmo que sejam trinta milhões de milhões de milhões de vezes o número de grãos de areia do leito do Ganges.
- Oito? -. Tentei mostrar-me interessado. - Mas pensava que havia apenas quatro verdades.
- A quarta verdade exige que se siga a via óctupla.
- E, príncipe Jeta, qual é ela? -. Uma das flautistas distraía-me. Ou estava fora do tom ou num tom que eu nunca ouvira antes.
Refiro para ti, Demócrito, o que é a via óctupla: Um, opiniões, justas. Dois, intenção ou propósitos justos. Três, palavra justa. Quatro, acção justa. Cinco, vida justa. Seis, esforço justo. Sete, atenção justa. Oito, concentração justa.
O príncipe Jeta acabou por reparar que eu estava aborrecido. - Estas coisas podem parecer-te óbvias...
- Não, não -. Fui educado. - Mas são tão gerais. Não há

nada de específico... como as instruções muito precisas do Senhor da Sabedoria ao meu avô sobre como sacrificar um touro.
- Os sacrifícios do Buda não são de animais, mas do animal que existe em nós.
- Compreendo. Mas o que é, concretamente, ... bom, uma vida justa?
- Há cinco regras morais.
- Quatro verdades nobres, uma via óctupla e cinco regras morais... Pelo menos

os números do Buda não são tão enormes como os de Mahavira -. Isto foi muito rude da minha parte.
Mas o príncipe Jeta não se perturbou. - Nós achamos que as opiniões de Mahavira são muito semelhantes -, disse ele muito brandamente. - Mas ele é apenas um fazedor de travessias do rio. O Buda atravessou o rio. É um iluminado. É perfeito. Não existe.
- Só que está a residir presentemente em Shravasti.
- Está lá um corpo. Mas ele não está lá.
Como tu, Demócrito, queres saber as cinco regras morais, dou-as agora. A flautista desafinada fixou na minha memória todas as palavras que o príncipe disse. Eis as cinco regras morais: Não matar. Não roubar. Não mentir. Não se embriagar. Não condescender com o sexo.
Questionei esta última regra: - Que aconteceria à raça humana se todos obedecessem às cinco regras morais?
- A raça humana deixaria de existir e isso, aos olhos do Buda, é uma coisa perfeita.
- Ainda que a ordem Budista acabasse.
- A ambição da ordem é extinguir-se. Infelizmente, nunca mais do que uma magra fracção da raça humana será atraída para a ordem, e desses, só um número infinitesimal, no decurso dos milénios, se tornará iluminada. Nada tens a temer, Ciro Spitama -. O príncipe Jeta estava divertido. - A raça humana continuará até ao fim deste ciclo.
- Mas qual é o interesse de uma religião que só pode atrair uns poucos? E desses poucos, tal como acabaste de dizer, quase nenhum alcançará o estado final do nirvana?
- O Buda não se interessa pela religião. Ele é simplesmente útil àqueles que estão na margem do rio. Ele mostrar-lhes-á a balsa. Se eles alcançarem a outra margem, descobrirão então que não existe nem rio nem balsa nem sequer duas margens...
- Nem o Buda?
- Nem o Buda. O fogo ter-se-á apagado e o sonho desta existência terá sido esquecido e aquele que foi iluminado despertará.
- Onde?

- Não sou iluminado. Ainda estou demasiado próximo da margem má.
Isto é tudo quando acabaria por recordar daquela tarde encantada, ainda que perplexa, na gruta do príncipe Jeta. Depois disso, quando vi e falei com o Buda, fiquei com uma ideia algo mais clara dos seus ensinamentos, que não são realmente ensinamentos nenhuns.

Demócrito diz que vê uma semelhança entre as verdades do Buda e as de Pitágoras. Eu não. Pitágoras, Gosala e Mahavira todos eles acreditam na transmigração das almas desde o peixe à árvore, ao homem, o que quer que seja. Mas o Buda era indiferente à transmigração porque, no fundo, não acreditava na existência. Nós não estamos aqui, disse ele. Também não estamos acolá. Nós apenas imaginamos que o fogo crepita.
Contudo existimos... Não há absolutamente dúvida nenhuma de que sou um velho cego, que está sentado numa casa fria e cheia de correntes de ar de Atenas, quase surdo pelos ruídos feitos por todas essas obras que estão a fazer atrás de nós. Não há dúvida, pelo menos na minha mente, de que estou a discutir os velhos tempos com um jovem meu parente de Abdera. Logo existo, ainda que pouco; mais cinzas do que chama.
Para o Buda a ideia de existência era uma coisa totalmente dolorosa. Como estava certo! Da qual devemos desembaraçar-nos, eliminando todo o desejo, incluindo o desejo de nos desembaraçarmos de todo o desejo. Obviamente, poucos o conseguem - pelo menos na eternidade. Mas estou relativamente convicto de que aqueles que seguem a via do Buda estão em melhores condições no que respeita a este Mundo do que aqueles que o não seguem.
É estranho. Nunca pensei que viesse a aproximar-me deste ponto de vista. Nem o príncipe Jeta: - Nada do que te disse interessa verdadeiramente -, disse ele ao prepararmo-nos para deixar a gruta dos prazeres.
- Porque a meta da matéria é o sunyata -, disse eu, para surpresa dele e para o meu próprio deleite terreno com a minha argúcia. - E o sunyata é o nada, que é também o nome que vós dais ao círculo que simboliza o nada e que no entanto existe.
Durante um momento o príncipe Jeta parou na borda da piscina. Reflexos de luz azul aquosa cobriam-lhe o rosto como outras tantas teias de aranha iridiscentes.
- Tens de conhecer Tathagata -, disse, em voz baixa, como se quisesse que nem a água o ouvisse.
- Quem é?
- Outro nome do Buda. O nosso nome particular. Tahtagata

significa aquele que veio e se foi -. Dizendo isto, o próprio príncipe Jeta foi-se. Mergulhou na água. Desajeitadamente, segui-o. Passados anos vim a saber que todas as palavras ditas na gruta por baixo da montanha foram cuidadosamente registadas por um agente dos serviços secretos magadhanos. De uma maneira ou de outra Varshakara tinha conseguido abrir um canal estreito até à gruta através da pedra macia da montanha. Felizmente o príncipe Jeta era demasiado importante para ser preso, enquanto a pessoa de um embaixador do Grande Rei

era sagrada.
A viagem de regresso a Rajagriha foi interminável. A estrada poeirenta estava atravancada de gente, carroças, contingentes de soldados, camelos, elefantes. Toda a gente estava ansiosa por chegar à cidade antes do pôr do Sol e do fecho das portas.
Devo dizer que nunca consegui habituar-me à maneira como os Indianos se aliviam em público. Seja qual for a distância que se percorra em qualquer pista indiana, vêem-se sempre dúzias de homens e mulheres alegremente acocorados ao lado da estrada. Os monges Jain e os Budistas são os piores dos prevaricadores. Como um monge só pode comer aquilo que mendiga, geralmente põem-lhe na sua tigela alimentos estragados, às vezes deliberadamente. Uma vez a comida na tigela, ele é obrigado a comê-la. Devido a esta dieta verdadeiramente atroz, a maior parte dos monges sofre de toda a espécie de doenças do estômago... à vista de todos.
Vi, talvez, uma dúzia de monges budistas. Usavam todos andrajos e transportavam uma tigela de pedinte. Nenhum usava o trajo amarelo que hoje é característico da ordem porque, naquele tempo, os Budistas mais fervorosos ainda viviam na selva, longe da tentação. Mas por fim a vida solitária foi considerada estar em contradição com a necessidade sentida pela ordem de registar e transmitir os sutras, ou palavras que o Buda terá dito. Gradualmente, esses homens e mulheres verdadeiramente devotados ao Buda formaram comunidades. Mesmo durante a minha primeira visita à índia a ordem era já bastante menos peripatética do que fora ao princípio. Os primeiros discípulos viajaram com o Buda e, excepto durante a estação das chuvas, ele estava sempre em viagem. Durante os seus últimos anos tendia a mover-se num círculo que começava e acabava em Shravasti, onde passava a estação das chuvas num parque que tinha sido dado à ordem pelo príncipe Jeta e não por um mercador de Shravasti de nome Anathapindika, que costumava afirmar que tinha pago ao príncipe Jeta uma enorme soma de dinheiro pelo parque. Como o príncipe Jeta tinha sempre todo o cuidado em evitar o reconhecimento ou louvor pelas suas acções, Anathapindika é hoje

reconhecido como sendo o patrono mais generoso do Buda. Nunca conheci nenhum homem tão nobre como o príncipe Jeta.
Quando as chuvas acabavam, o Buda às vezes costumava visitar a sua casa de Shakya, nos contrafortes dos Himalaias. Em seguida descia para sul através das repúblicas, visitando cidades como Kushinara e Vaishali. Então atravessava o Ganges no porto de Paliputra e dirigia-se para sul, para Rajagriha, onde passava pelo menos um mês num bosque de bambus, logo da parte de dentro da muralha

da cidade. Dormia sempre debaixo das árvores. Preferia mendigar a sua comida nos caminhos do campo do que nas ruas populosas de Rajagriha. Durante o calor do dia meditava debaixo de uma árvore, e todo o tipo de pessoas ia vê-lo, incluindo o Rei Bimbisara.
Devo referir aqui que ver santos acocorados debaixo de árvores é comum na índia. Muitos deles são conhecidos como tendo estado sentados na mesma posição durante anos. Encharcados pela chuva, esfolados pelo Sol, fustigados pelo vento, vivem da comida que lhes trazem. Uns nunca falam; outros nunca se calam.
De Rajagriha o Buda seguia para Varanasi. Aí era sempre recebido como um herói conquistador. Milhares de pessoas curiosas acompanhavam-no até ao parque dos veados onde ele tinha posto em movimento a roda da doutrina. Por causa das multidões, raramente permanecia muito tempo no parque dos veados. Saía de Varanasi pela calada da noite em direcção a Kaushambi e Mathura, cidades do Noroeste, e então, antes do começo das chuvas, voltava a Shravasti. O Buda era venerado por todos, incluindo aqueles Brâmanes que podiam tê-lo considerado uma ameaça ao seu prestígio. Afinal ele pertencia à classe dos guerreiros. Mas era mais do que um guerreiro, mais do que um Brâmane. Era o homem dourado. Por isso os Brâmanes temiam-no porque ele era como mais ninguém. Mas o certo é que, estritamente falando, ele não era ninguém. Ele tinha vindo; e tinha-se ido.

8

Depois de me pagar o dote, ajatashatru disse-me: - Agora precisas de comprar uma casa. Não deve ser demasiado grande nem demasiado pequena. Entre a minha e o palácio do rei. Deve ter um pátio central com um poço da agua

mais pura. Deve ter também dez espécies diferentes de arbustos de flor. Suspensa entre duas árvores, deve ter uma cama de rede que permita que duas pessoas se baloucem ao mesmo tempo, lado a lado, durante muitos anos de felicidade. O quarto de dormir deve ter uma cama larga com um dossel de tecido do Catai. Deve também ter um divã junto a uma janela que dê para uma árvore em flor -. Depois de discriminar todas as coisas que a minha casa devia ter, fez as sobrancelhas arquearem-se muito e perguntou: - Mas onde se poderá encontrar esse lugar perfeito? Meu caro, temos de procurar. Não há um momento a perder!
É bom de ver que Ajatashatru já tinha encontrado a casa ideal para nós. Na verdade, era dono dela. De modo que acabei por devolver ao meu sogro metade

do dinheiro do dote, para comprar uma casa agradável, ainda que um tanto estragada e numa rua cheia de barulhos.
Para minha surpresa, não houve nenhuma tentativa de me converterem ao culto do demónio antes do casamento. De mim não se esperava mais nada além de representar o papel do noivo numa cerimónia ariana antiga, que não é diferente da nossa. Tal como na Pérsia, a parte religiosa da cerimónia é realizada pela casta sacerdotal. Isto quer dizer que não se é obrigado a prestar atenção ao que eles
dizem e fazem.
A tarde ia já em mais de meio quando cheguei à casa baixa de madeira de Ajatashatru. Junto à porta fui aclamado por uma grande multidão de gente do povo que fez comentários favoráveis à minha aparência. Eu estava resplandecente, ainda que a morrer de calor, com um xaile de tecido de ouro e um turbante que um criado levou uma hora a enrolar e ajustar. O barbeiro do próprio rei tinha-me delineado os olhos de preto e posto laca nos lábios. Em seguida decorara-me o corpo com pasta de sândalo às cores, transformando-me o peito nas folhas e nos ramos de uma árvore cujo tronco delicadamente desenhado me descia pela barriga até ao sexo, que foi pintado de modo a figurar as raízes. Uma serpente brilhante rodeava-me a barriga das pernas. Sim, o barbeiro era um Drávida e não conseguiu resistir a este toque pré-ariano. No tempo quente os Indianos elegantes costumam cobrir-se com pasta de sândalo alegando que isso os faz sentir mais frescos. É claro que não faz nada disso. Sua-se como um cavalo, mas, pelo menos, o suor cheira ao mais exótico dos perfumes.
Eu era escoltado por Caraka e toda a embaixada. Nesta altura já todos nós vestíamos à indiana. O calor tinha triunfado sobre o patriotismo.

Fomos cumprimentados à porta do palácio por Ajatashatru e Varshakara. Eles estavam vestidos ainda mais maravilhosamente do que eu. Varshakara tinha rubis da Birmânia da cor dos seus dentes, enquanto o herdeiro do trono usava um milhar de milhar de diamantes, como diriam os Indianos. Os diamantes pendiam-lhe em colares à volta do pescoço, cobriam-lhe os dedos, caíam-lhe em cascatas dos lobos das orelhas, cingiam-lhe a barriga enorme.
Segundo o costume antigo, Ajatashatru ofereceu-me uma taça de prata cheia de mel e leite coalhado. Depois de ter bebido esta mistura poderosíssima, conduziram-me ao pátio central, onde tinha sido armada uma tenda de cores alegres. No fundo da tenda estava a minha noiva nunca vista, com a mãe, a avó, a irmã, tias e acompanhantes femininas. No nosso lado estavam os homens da família real, chefiados pelo rei Bimbisara, que me cumprimentou grave e

amavelmente: - Este dia verá a união dos Arianos da longínqua Pérsia com os Arianos de Magadha.
- Tu reflectes, Senhor, tal como o Grande Rei Dário, a verdadeira luz dos Arianos, e estou feliz por ser a humilde ponte entre os dois resplandecentes Senhores gémeos de todo o Mundo -. Tinha preparado este disparate com antecedência e ainda outros que podem perfeitamente ser esquecidos. O que importava era ferir a nota certa, que era fingir que a Pérsia e Magadha estavam agora unidos contra a federação das repúblicas e, se necessário, Koshala.
Ladeado por Bimbisara e Ajatashatru entrei na tenda. Lamparinas de prata ardiam. Flores tinham-se multiplicado em milhares de milhares - nota, Demócrito, que estou neste momento a pensar realmente naquele florido dialecto indiano e em seguida traduzo os meus pensamentos, tal qual, para o grego de pedra. Os estilos das duas línguas são completamente diferentes, ainda que muitas palavras sejam parecidas. Seja como for, havia uma grande quantidade de arranjos florais e o ar fechado cheirava a jasmim e a sândalo.
O chão estava coberto por tapetes cataios. Um era notavelmente belo - um dragão azul contra um céu branco. Mais tarde, quando Ajatashatru perguntou à filha qual era o seu maior desejo, ela respondeu que era aquele tapete. Ele chorou de alegria. Nada, declarou, o faria mais feliz do que ver o tapete cataio do dragão na casa da sua filha favorita. Mas nós nunca recebemos o tapete. Este era o tipo de felicidade que ele tendia a negar-se a si mesmo.
A tenda estava dividida ao meio por uma cortina cor-de-rosa. Do nosso lado da cortina, os Brâmanes entoavam passagens dos textos védicos. Durante um tempo infinito foi evocado o perfeito amor que existiu entre Rama e Sita. Divertiu-me reparar que os nobres nem

sequer fingiam que estavam atentos. Estavam demasiado ocupados a examinar os trajos e as pinturas da pele uns dos outros.
Por fim o sumo sacerdote de Magadha acendeu um fogo num braseiro. Depois juntaram-se-lhe três Brâmanes. Um levava uma bacia de arroz; outro uma bacia de ghee; outro uma bacia de água.
A tenda estava agora tão quente que eu pude sentir a árvore do meu peito perder as folhas. Suava da maneira como Ciro queria que cada soldado suasse antes de lhe ser permitido comer a sua única refeição do dia.
Do outro lado da cortina cor-de-rosa ouvíamos as vozes das damas que cantavam mantras. Então o rei Bimbisara segredou qualquer coisa ao sumo sacerdote. Passado um momento a cortina foi levantada e as damas da família real ficaram de frente para os homens.
A minha primeira impressão foi de que os penteados eram quase tão altos como

as próprias damas. A minha mulher depois disse-me que, como alguns penteados levam um dia e uma noite a arranjar, a dama que foi ornamentada dessa maneira é obrigada a dormir numa tábua inclinada para não desarranjar a maravilha que foi
criada para ela.
Entre a rainha velha e a primeira esposa de Ajatashatru estava uma rapariguinha bonita. Tanto podia ter seis anos como vinte e seis. Tinham-lhe pintado entre as sobrancelhas o círculo vermelho de que as damas indianas tanto gostam. Estava vestida com simplicidade, como uma virgem.
Durante um momento os homens olharam para as mulheres e as mulheres fingiram não olhar para os homens. Agradou-me ver que os seios de ambos os sexos estavam cobertos, um tributo àquela modéstia ariana original que foi tão eficazmente destruída pelo clima lânguido da planície gangética.
Por fim o sumo sacerdote mexeu-se. Pegou num cesto de arroz que uma criada segurava e fez sete montinhos num tapete. Enquanto isto era feito, Ajatashatru atravessou a linha divisória entre os homens e as mulheres. Quando pegou na mão da filha, Varshakara fez-me sinal. - Vai ter com eles -, segredou-me.
Juntei-me ao pai e à filha junto do fogo sagrado. Já tinha aprendido as minhas respostas; felizmente eram poucas.
- Ciro Spitama - disse Ajatashatru - guerreiro ariano, senhor embaixador do rei persa, toma a minha filha Ambalika e promete que observarás os votos arianos, que lhe trarás riqueza, que lhe darás prazer.
Respondi que faria isso tudo o melhor que pudesse. Então Ajatashatru atou a ponta do meu xaile à ponta do xaile dela. Os dois,

Ambalika e eu, alimentámos o fogo com arroz e ghee. Achei esta parte da cerimónia reconfortante, dado que estávamos com o filho do Senhor da Sabedoria num lugar sem Sol. Em seguida peguei na mão da rapariga e dei voltas com ela à volta do fogo até que alguém colocou uma pequena mó de moinho à frente de Ambalika. Ela pôs-se em cima da pedra durante um momento. Continuo sem saber o que significava a mó do moinho.
Desconfortavelmente atados um ao outro, demos sete passos, fazendo com que tanto o pé dela como o meu parassem um instante em cima de cada um dos sete montes de arroz. Sei o que isso representava: as sete deusas-mãe da índia pré-ariana. Essas senhoras são eternas e estão em toda a parte.
Quando acabámos de pular de um lado para o outro em cima do tapete do dragão, o sumo sacerdote aspergiu-nos com água, que foi insuficientemente refrescante para me lembrar o calor que sentia; e foi tudo. Estávamos casados.
Mas a consumação do casamento só pôde ter lugar depois de termos dormido ao

lado um do outro durante três noites. A origem deste rigor de abstinência foi-me explicada na altura mas já me esqueci. Além disso éramos obrigados, na primeira noite na nossa casa, a observar em conjunto a Estrela do Norte, com isso lembrando-se ao recém-casado casal ariano que tinha sido do Norte que vieram as tribos... e a onde um dia regressarão?
Gostei de Ambalika. Estava preparado para não gostar. No fundo fiz questão de esperar o pior da vida e o facto de ocasionalmente ser desiludido nas minhas expectativas é fonte de um sombrio alívio.
Era perto da meia-noite quando o último convidado deixou a casa. O meu sogro estava bastante bêbedo. - Meu caro - soluçou - estas lágrimas são as lágrimas da mágoa inigualável que vem de saber que nunca, mas nunca mais nesta vida conhecerei outra vez uma alegria tão perfeita como esta! -. Ao piscar os olhos a tinta das pestanas picou-lhe os olhos, produzindo lágrimas de dor autênticas. Franzindo o sobrolho, esfregou os olhos com as costas de uma mão cintilante de diamantes. - Ó meu querido, trata bem o lótus do meu coração, a favorita das minhas filhas! -. Num rodopio de saias perfumadas e jóias cintilantes, a família real partiu e fiquei sozinho com a minha primeira esposa.
Olhei para ela, à procura do que dizer. Mas não precisava de me ter preocupado. Ambalika tinha tido uma educação esmerada nos aposentos das mulheres. Parecia uma dama do Mundo com meio século de corte.

- Acho - disse ela - que depois de acenderes o fogo sagrado, seria melhor irmos para o telhado e olharmos para a Estrela do Norte.
- Claro. O fogo também é sagrado para nós -, acrescentei.
- Naturalmente -. Ambalika nunca mostraria o mínimo interesse pelo Senhor da Sabedoria de Zoroastro. Mas as histórias da vida na corte persa interessavam-na vivamente.
Acendi o fogo num braseiro. Tinha sido tudo preparado pela meia dúzia de criados que se tinham apresentado ao serviço logo de manhã cedo. Ostensivamente era uma prenda da rainha velha. Na realidade eram todos membros dos serviços secretos. Como se sabe? Se um criado magadhano é eficiente e obediente, é um agente secreto. Os criados vulgares são preguiçosos, desonestos e alegres.
Juntos subimos as escadas periclitantes para o telhado. - Térmitas - disse em voz baixa Ambalika. - Meu amo e senhor, teremos que fumigá-las.
- Como sabes que são térmitas?
- É uma das coisas que somos obrigadas a saber -, respondeu bastante orgulhosamente. - Tal como as sessenta e quatro artes, que me foram ensinadas pela rainha velha, que as conhece realmente. Ela é de Koshala, onde ainda

acreditam que as senhoras devam aprender essas coisas. Em Magadha é diferente. Aqui só as prostitutas aprendem as artes, o que é uma pena porque, mais tarde ou mais cedo, os maridos das senhoras acham as suas esposas aborrecidas e então fecham-nas à chave e passam todos os seus dias e as suas noites nos casinos ou nas casas de putas que dizem ser absolutamente encantadoras. Uma das minhas criadas trabalhou para uma puta e disse-me: "Tu achas que os teus aposentos do palácio são belos... bom, espera só até veres a casa de Fulana." É claro, teria de ficar para sempre à espera, pois nunca poderia visitar uma pessoa dessas. Mas os homens podem. Bom, espero que tu esperes até eu ser bastante velha antes de começares a visitar esses lugares.
No telhado da casa tinha sido armada uma tenda. À luz de uma meia-lua era-nos possível ver cinco suaves colinas da cidade velha.
- A Estrela do Norte está ali -. Ambalika pegou-me na mão e juntos ficámos a olhar para o que Anaxágoras pensa ser uma rocha e eu pensava, como me acontece frequentemente, donde é que todos nós viemos. Onde se tinham reunido pela primeira vez os Arianos? Vindos das florestas a norte do Volga? Ou das grandes planícies da Scitia? E por que razão viemos para Sul, para a Grécia, a Pérsia, a índia? E quem eram os povos de cabelos pretos que encontrámos nas cidades sumérias e harappas e donde vieram eles? Ou eles

brotaram simplesmente da terra, como outras tantas flores do lótus na época da floração?
Demócrito quer saber por que razão o lótus é sagrado para os povos orientais. A razão é esta. O lótus ao abrir caminho da lama para a superfície da água forma uma cadeia de botões. Quando o botão do lótus troca a água pelo ar, abre, floresce, morre; então é substituído pelo rebento seguinte, numa cadeia infinita. Suspeito que se alguém meditasse durante bastante tempo no lótus, a ideia da morte e renascimento simultâneos ocorrer-lhe-ia. É claro, pode muito bem ter acontecido ao contrário: um crente na reencarnação achou que a imagem do lótus reflecte a cadeia do ser.
Uma vez devidamente contemplada a Estrela do Norte, entrámos na nossa tenda no telhado. Despi o xaile. A árvore do meu peito quase não tinha sobrevivido à chuva do meu suor.
Mas Ambalika ficou fascinada: - Deve ter sido uma árvore muito bonita.
- De facto era. Também tens uma?
- Não -. Despiu o xaile. Como não comungava da paixão do pai dela por crianças, fiquei aliviado por ver que ela era uma mulher plenamente desenvolvida. À volta de cada seio pequeno, tinha folhas e flores desenhadas. No umbigo, uma ave de cabeça branca abria as suas asas vermelhas por baixo dos

seios em flor. - Este é Garuda -, disse ela, com uma palmadinha na barriga. - O pássaro do Sol. Vishnu cavalga-o. Ele traz boa sorte, excepto às serpentes. É inimigo de todas as serpentes.
- Olha -, disse eu e mostrei-lhe as serpentes das minhas pernas. Ambalika soltou uma gargalhada bonita e muito natural. - Isso
quer dizer que terás de obedecer às nossas leis ou o meu Garudo destruirá as tuas cobras.
Eu estava impaciente. - Temos de estar três dias sem fazer amor?
Ambalika fez que sim. - Três dias, sim. Mas não vão parecer muito. Olha, eu sei as sessenta e quatro artes. Bom, a maior parte delas. Manter-te-ei divertido. Mas olha, não sou boa em nenhuma delas. Quero dizer, não sou uma prostituta. Toco e improviso no alaúde. Danço bastante bem. Canto... não tão bem. Sei representar nas peças antigas muito bem, especialmente quando represento um dos deuses como Indra. Prefiro representar o papel de um homem-deus. Além disso sei escrever poesia que construo mentalmente mas não sou capaz de a fazer por inspiração do momento, à maneira da rainha velha, e não sei esgrimir com a espada ou a vara, embora seja boa archeira. Sei fazer tranças para cerimónias, arranjar flores...

Ambalika descreveu os graus variáveis de mestria com que praticava cada uma das sessenta e quatro artes. A lista completa há muito que a esqueci. Mas do que me lembro é de me ter perguntado como é que um homem, e muito menos uma mulher, pode ter sido exímio em todas aquelas coisas que ela nomeou, além de ser feiticeiro, carpinteiro, charadista e professor de pássaros - especialmente esta última. Todas as senhoras indianas têm, pelo menos, um pássaro estridente e vistosa plumagem colorida a quem ensinaram a dizer "Rama" ou "Sita". Quando penso na índia, penso em aves falantes... nos rios e na chuva, e num Sol como um deus.
Ambalika era tão boa como a sua palavra. Divertiu-me e entreteve-me distraído durante três dias e três noites, e embora dormíssemos ao lado um do outro no pavilhão do telhado, consegui observar a lei védica.
Quando lhe disse que Ajatashatru lhe tinha chamado a sua filha favorita, ela riu-se. - Nunca nos vimos a não ser no dia em que ele decidiu que eu me casaria contigo. Na verdade, foi a rainha velha quem me escolheu. Sou a sua neta favorita. Não achaste magnífico o sacrifício do cavalo? A rainha velha estava tão excitada. "Agora posso morrer realizada", disse-nos depois. Sabes, ela vai morrer dentro de pouco tempo. O último horóscopo não foi bom. Olha! Uma estrela cadente. Os deuses estão a ter uma festa. Estão a lançar coisas uns aos outros. Vamos formular um desejo.

Como eu ainda não tinha conhecido Anaxágoras, não lhe pude dizer que o que ela julgava ser uma mão-cheia de luz pura não passava de um pedaço de um metal incandescente a caminho da Terra.
- O teu pai tem uma esposa favorita? - perguntei-lhe.
- Não. Gosta de variar. De esposas não, claro. A prazo acabam por ficar mais caras e ele já tem três. Ainda podia casar mais uma vez... ou mesmo duas. Mas só depois de ser rei. Agora não se podia permitir uma nova esposa. Seja como for, ele dorme com as putas elegantes. Foste alguma vez com ele à casa de alguma delas?
- Não. Quando dizes que ele não tem dinheiro...
- As minhas irmãs e eu falamos muitas vezes em vestirmo-nos de homem e entrarmos na casa de uma puta quando ela está a dar uma festa, para podermos vê-la praticar as artes todas correctamente. Ou, talvez, podíamos ir como dançarinas, com véu, claro, só que se fôssemos apanhadas...
- Eu vou lá. E depois conto-te como é.
- Não acho que seja uma coisa que devas contar à tua primeiríssima mulher antes de a teres conhecido.

- Mas não seria muito pior contar-lho depois?
- É verdade. Quanto ao meu pai não ter dinheiro... -. A criança era rápida. Tinha-me ouvido. Tinha esperado distrair-me. Como falou, foi franca mas prudente. Levou uma mão ao ouvido para indicar que estávamos a ser escutados. Em seguida franziu o sobrolho e levou aos lábios cerrados um dedo indicador pintado de vermelho. Era uma actriz excelente. Avisava-me que não devíamos discutir o assunto em casa, ou mesmo até no telhado à meia-noite.
- Ele é demasiado generoso com toda a gente -, disse em voz alta.
- Quer ver toda a gente feliz. De modo que dá demasiados presentes. É por isso que não pode permitir-se ter novas esposas, o que nos deixa todas muito felizes. Porque nós queremo-lo só para nós. Não queremos partilhá-lo com ninguém -. Este pequeno discurso era uma obra-prima da vigésima oitava arte, a qual é representar.
No dia seguinte enquanto estávamos a balouçar-nos na cama de rede no centro do pátio, ela segredou-me ao ouvido. - Todo o dinheiro do meu pai está a ser usado na criação de um exército para combater as repúblicas. Isto é segredo mas todas as mulheres o sabem.
- Por que é que o rei não cria um exército?
- A rainha velha diz que ele quer realmente a paz. Afinal, desde o sacrifício do cavalo ele é monarca universal. Assim, por que é que iria agora para a guerra?
Não lhe disse que Dário e não Bimbisara é que era monarca universal porque,

desde o primeiro momento, parti do princípio de que a primeira lealdade de Ambalika seria para com a sua família e não para comigo. Consequentemente, presumia que tudo quanto lhe dissesse de natureza política seria relatado ao seu pai ou a Varshakara.
- Que pensa o rei dos planos do teu pai?
- Não sabe. Como podia saber? A rainha velha não lhe conta, porque tem medo do meu pai. Não sei porquê. Afinal, ela é mãe dele.
- Mas o camareiro deve ter-lhe contado.
- Ninguém sabe do que fala o segundo camareiro em segredo -. Ambalika de repente parecia ter o dobro da idade.
- Mas ele odeia as repúblicas.
- Também já mo disse.
- Sim, toda a gente sabe o que ele diz -. Ela foi ambígua. Na altura pensei que, se houvesse uma sexagésima quinta arte, não seria a diplomacia ou a conspiração?
Fomos interrompidos pela chegada do avô de Ambalika, o príncipe Jeta. Como este era o terceiro dia, trazia-nos presentes e

recebêmo-lo na sala principal da casa. Apesar da elegância do mobiliário e dos objectos de decoração, era impossível disfarçar o facto de que a casa ruiria em pouco tempo devido às térmitas e à podridão. Como sempre, o meu sogro tinha feito um bom negócio.
Quando Ambalika fez menção de se retirar, o príncipe Jeta fez-lhe sinal para que ficasse. - Afinal, quando é que um homem tem ocasião de ver uma das suas netas?
Ambalika ficou.
O príncipe Jeta voltou-se para mim: - Foste convidado, oficialmente, para a corte do rei Pasenadi -. O príncipe Jeta falou absolutamente sem nenhuma da urgência que eu sabia que ele sentia. - O próprio rei gostaria de te receber antes que as chuvas comecem.
- É muita honra para mim -. Fiz o discurso habitual, acrescentando: - Infelizmente, tenho de esperar que o primeiro carregamento de ferro parta para a Pérsia.
- O que será no princípio do próximo mês, Senhor Embaixador -. O príncipe Jeta sorriu-se e eu tive o cuidado de não demonstrar a menor contrariedade por ele saber as combinações altamente secretas entre mim e Varshakara. Tínhamos estabelecido um preço para o ferro e concordado que o ferro seria trocado por ouro em Taxila. De um modo geral, estava muito satisfeito com o meu primeiro tratado comercial. O que não me agradava era que o príncipe Jeta estivesse a par de tudo.

- Como a tua caravana passa por Shravasti, esperava que tu pudesses ir com ela.
- Estaremos bem protegidos -, disse Ambalika, subitamente interessada. - Sabes, há bandos de ladrões de uma ponta à outra de Koshala... e piratas no rio, também. Mesmo assim, anseio por ver Shravasti. A rainha velha diz que não há cidade mais linda no
Mundo.
- Concordo com ela - disse o príncipe Jeta. - Mas evidentemente - voltou-se para mim - eu só conheço a terra entre os dois rios, como chamamos ao nosso pequeno mundo.
- Naturalmente tentarei fazer a viagem -, comecei.
- Oh, diz que sim! -. Ambalika foi insistente como uma criança. Tinha de ser tudo logo. Lais tinha muito a mesma qualidade.
O príncipe Jeta sorriu-se para a neta. - O teu marido há-de querer também conhecer o Buda, sobre quem tu ouviste coisas terríveis nos aposentos das mulheres.
- Não é verdade, príncipe Jeta. Muitas das nossas damas admiram o Senhor Buda -. Ambalika era de repente uma princesa real cheia de tacto.

- E tu?
- Realmente não sei. Não posso dizer que goste da ideia de me apagar como uma vela. Penso que Mahavira é muito mais interessante.
- Viste e ouviste Mahavira? - O príncipe Jeta ficou curioso. Ambalika fez que sim. - Quando tinha seis anos mais ou
menos, a dama de companhia levou-me ao convento dos Jains, que não é longe da tua casa na estrada do rio. Mahavira estava sentado na terra à frente do convento. Nunca vi uma multidão como aquela!
- Que disse ele de que te lembres? -. O príncipe Jeta parecia genuinamente interessado na sua neta. Por que ela era minha esposa?
- Bom, gostei da sua descrição da criação do Mundo. Sabes, como tudo na verdade faz parte de um homem gigante, e que nós estamos num sítio qualquer à volta da cinta dele. É claro, a geografia de Mahavira não é a que nos ensinaram na escola, mas gostei realmente de todos aqueles diferentes círculos de oceanos. Há um de leite e outro de manteiga refinada e outro de cana-de-açúcar. Oh... -. Ela tinha o hábito de se interromper. - Gostei especialmente da sua descrição do primeiro ciclo da criação, quando estávamos todos a seis milhas de altura e éramos gémeos e cada irmão gémeo casava com a sua irmã gémea, como actualmente se faz na Pérsia, e ninguém tinha que trabalhar porque havia árvores que davam tudo o que se quisesse. Uma árvore tinha folhas que se transformavam em panelas e caçarolas. Outra dava toda a espécie de alimentos,

já cozinhados. Desta é que eu gostava mais. Eu era uma menina gulosa, creio. E depois havia uma árvore que dava roupa e outra que dava palácios, embora não veja como se podia arrancar um palácio de uma árvore como se fosse uma banana. Mas talvez quando o palácio estivesse maduro pousasse no chão, que era feito de açúcar, enquanto a água era vinho... -. Ambalika voltou a interromper-se.
- Mas não estou a dizer isto a sério. Apenas te estou a contar o que me lembro. Ele pareceu-me ser muito velho. Lembro-me também de como fiquei muito contente por ele estar correctamente vestido e não vestido de céu.
Nessa noite o nosso casamento foi agradavelmente consumado. Ela satisfez-me. Ela ficou satisfeita. Os deuses védicos também devem ter ficado satisfeitos, pois passados nove meses nasceu o meu primeiro filho.
Pouco depois do casamento no pino da estação seca, foi-me concedida uma audiência particular com o rei Bimbisara. Ele recebeu-me numa salinha com vistas para os jardins secos e poeirentos, que fervilhava de zumbidos de gafanhotos.
255
Bimbisara foi directo ao assunto. Ele comportava-se muitíssimo como um rei guerreiro ou até mesmo como o monarca universal. Por falar nisto, até à minha estadia no Catai eu pensava que o conceito de monarca universal era especificamente ariano - veja-se o nosso próprio Grande Rei. Mas no Catai disseram-me que uma vez há muito tempo, um único monarca tinha governado todo o Reino do Meio - o nome que eles dão ao Catai - em perfeita harmonia com o Céu e que um dia ele voltará e será conhecido como o Filho do Céu. Como existe somente uma divindade, só pode haver um monarca universal. Na realidade é evidente que há tantos falsos deuses no Céu e na Terra como reis e príncipes no Mundo. Contudo, para mim é claro que toda a humanidade anseia pela unicidade. Os Cataios não têm absolutamente nenhum parentesco com os Arianos mas pensam como nós. É mais do que óbvio que o Senhor da Sabedoria os inspirou.
Pedi autorização a Bimbisara para seguir com a caravana até
Shravasti.
- És livre de ir, meu filho -. Bimbisara tratava-me como membro da sua própria família, o que de facto era segundo a lei védica.
- Tenho curiosidade em conhecer o Buda -. Não fiz obviamente nenhuma referência ao urgente convite do rei Pasenadi.
- Eu daria o meu reino para seguir o Buda - disse Bimbisara - mas não posso.
- O monarca universal pode fazer o que lhe aprouver -. Numa corte real nunca se é totalmente sincero.
Bimbisara acariciou a sua barba violeta. - O monarca universal não existe -.

Sorriu-se. - Como sabes. E se existisse, seria provavelmente Dário. Digo-te isto particularmente, é claro. O teu Dário é senhor de muitíssimas terras. Mas não é senhor, como se proclama, de todas as terras. Como podes ver...
- Como posso ver, Senhor Rei.
- Como podes ver -, repetiu vagamente. - Se o Buda te perguntar pelo sacrifício do cavalo, diz-lhe que fui obrigado a prestar homenagem aos deuses arianos.
- Ele desaprova?
- Nunca desaprova. E nunca aprova. Mas, em princípio, considera toda a vida sagrada. Assim, o sacrifício de animais é sempre um erro, tal como a guerra é sempre um erro.
- Mas tu és um guerreiro e um rei e um Ariano. Tens de sacrificar animais aos teus deuses e matar os teus inimigos na guerra e os prevaricadores na paz.
- E na medida em que sou todas essas coisas não posso conhecer a iluminação nesta encarnação -. As lágrimas nos olhos do rei

eram autênticas, ao contrário daqueles fluidos de curso livre que estavam sempre a jorrar dos olhos do filho. - Esperei tanto poder um dia largar tudo isto -. Levou a mão ao turbante cheio de jóias que trazia. - Para que, logo que não fosse nada, pudesse seguir a via óctupla do Buda.
- Mas por que não o fazes? -. A minha curiosidade era genuína.
- Sou fraco -. Com todos os outros, Bimbisara mostrava-se reservado, cauteloso, enigmático. Comigo era muitas vezes espantosamente sincero. Suponho que, porque eu estava tão absolutamente fora do seu mundo, sentia que comigo podia falar livremente de assuntos não-políticos. Eu, embora tivesse casado com a sua neta, não deixava de ser o embaixador do Grande Rei; e um dia a minha embaixada terminaria.
Por delicadeza, na corte nunca ninguém se referia à minha partida certa. No entanto, o meu regresso à Pérsia estava-me sempre no pensamento e, no nosso último encontro, também no de Bimbisara. Para ele, eu podia decidir prosseguir com a caravana para a Pérsia. E eu podia muito bem fazê-lo. A minha missão tinha sido levada a bom termo. O comércio entre a Pérsia e Magadha tinha sido estabelecido; e não havia nenhum motivo para não continuar assim enquanto uma tivesse ouro e a outra ferro.
Mas no momento da minha audiência com Bimbisara, ainda estava indeciso. O que tinha como certo é que não tencionava abandonar Ambalika. Por outro lado, não sabia como ela se poderia sentir com a ideia de abandonar a índia. Além disso temia o que Ajatashatru pudesse dizer e fazer se lhe dissesse que me ia embora. Afogar-me-ia em lágrimas, se não no Ganges.
- Sou fraco -, repetiu Bimbisara, enxugando os olhos ao xaile. - Ainda tenho aqui

que fazer. Estou a tentar criar uma sangha de todos os chefes de aldeia. Reúno-me com eles individualmente, claro. Agora quero que eles venham, todos, pelo menos uma vez por ano, dizer-me os seus problemas.
- Transformarás Magahda numa república -. Sorri, para mostrar que estava a gracejar. Confesso que me perturbou um pouco ele querer discutir a política interna com um estrangeiro.
Mas Bimbisara estava simplesmente a pensar em voz alta. - Os chefes das aldeias são o segredo da nossa prosperidade. Controla-os e florescerás. Oprime-os e perecerás. Eu sou o primeiro rei de Magadha a conhecer pessoalmente todos os chefes. Por isso é que sou monarca universal. Não, não estou a criar nenhuma república -. Afinal tinha-me ouvido. - Desprezo esses Estados onde

qualquer homem com bens se julga um rei. É contrário à natureza. Num país só pode haver um rei, do mesmo modo que só pode haver um Sol no Céu ou um general à frente de um exército. Diz a Pase-nadi que o nosso afecto por ele é constante.
- Sim, Senhor Rei -. Bimbisara parecia agora pronto a entrar num assunto que eu tinha dificuldade em ver qual fosse.
- Diz-lhe que a sua irmã floresce. Diz-lhe que ela realizou o sacrifício do cavalo. Diz-lhe que não dê ouvidos aos que desejam... criar problemas entre nós. Não o conseguirão enquanto eu for vivo.
Ergui os olhos para ele na expectativa. O olhar de um rei indiano podemos retribui-lo. De facto, ele ficaria ofendido e alarmado se não olhássemos para ele directamente... mas com humildade.
- Vai ver o Buda. Prostra-te perante o homem dourado. Diz-lhe que nos trinta e sete anos que se passaram desde o nosso primeiro encontro eu pratiquei seis vezes por mês a moral óctupla. Diz-lhe que só recentemente comecei a compreender a verdade daquilo que ele me disse uma vez: "que a única realização absoluta é a renúncia absoluta". Diz-lhe que fiz voto pessoal de dentro de um ano abandonar as coisas terrenas e segui-lo.
Nunca ninguém saberá se o rei Bimbisara falava ou não a sério sobre renunciar ao Mundo. Eu acredito que ele pensava que sim, o que em assuntos de religião conta ligeiramente mais do que nada.
Ajatashatru despediu-se de mim na chancelaria do palácio do seu pai. Para um amante do prazer, ele passava muito do seu tempo com o conselho pessoal do rei e com o primeiro conselheiro.
Em Magadha o primeiro conselheiro é quem faz o verdadeiro trabalho de governar o país, assistido por cerca de trinta conselheiros, muitos dos quais hereditários e na sua maioria incompetentes. Como camareiro do palácio,

Varshakara era responsável não só pela corte como também pela polícia secreta. É escusado dizer que era mais poderoso que o chanceler e teria sido mais poderoso do que o rei, se Bimbisara não tivesse decidido governar em estreita aliança com os chefes das aldeias, que não só viam no soberano um amigo numa corte muito corrupta e muito complicada como também, em seu nome, cobravam os impostos, deduziam a sua parte e enviavam o resto para o tesouro. O rei raramente era enganado.
Tal como em Susa, diversos conselheiros administravam as diferentes funções do Estado. Tradicionalmente o sumo sacerdote é íntimo do rei. Mas o budista Bimbisara raramente consultava o guardião oficial dos deuses védicos, cujo único momento de glória tinha sido a recente celebração do sacrifício do cavalo. De entre os membros do conselho pessoal o rei nomeia um ministro da guerra e da

paz e um juiz supremo, que preside sobre os magistrados do país e ouve no seu tribunal aqueles casos que não sobem directamente ao rei; além destes designa também um tesoureiro e um responsável pela arrecadação dos impostos. Estes dois últimos funcionários são muito importantes e tradicionalmente morrem ricos. Mas com Bimbisara, eram mantidos de rédea curta. Ele tinha-lhes dado a volta com a sua aliança com os chefes de aldeia.
Existe uma hoste de subministros que são conhecidos como superintendentes. Como todos os metais em bruto pertencem ao rei, as minas de ferro são administradas por um superintendente que me exigiu nada mais do que uns patrióticos cinco por cento do valor do ferro exportado pelo seu amo, que paguei. Como todas as florestas pertencem ao rei, os elefantes, os tigres, as aves exóticas, a madeira para construção e para lenha estão sob a alçada de um único superintendente. De facto, quase todos os aspectos rendosos da vida indiana são regulados pelo Estado. Há inclusive superintendentes responsáveis pelo jogo, pela venda de bebidas alcoólicas, pelas casas de prostituição. De um modo geral o sistema não funciona muito mal. Se o monarca é vigilante, pode, se assim o desejar, fazer com que as coisas aconteçam rapidamente. De outro modo a administração corrente do Estado é morosa, o que para mim é uma boa coisa. O que não fazes, nunca pode estar inteiramente errado. Isto, Demócrito, é uma observação política e não religiosa.
Os trinta membros do conselho pessoal sentam-se em divãs baixos numa sala de alta abóbada do rés-do-chão do palácio. De certo modo esta sala corresponde à segunda sala da nossa chancelaria. Quando entrei, Ajatashatru pôs-se em pé. Ao eu fazer uma profunda vénia - para o sogro e também para o príncipe - ele caminhou para mim e abraçou-me. - Não nos abandones, meu caro! Oh, por

favor, diz que não o farás! -. Pelo menos desta vez os olhos não estavam cheios de lágrimas. Estavam intensos e brilhantes como os de um tigre quando te fita do ramo baixo de uma árvore.
Proferi um discurso elegante que já trazia pronto. Ajatashatru conduziu-me para o fundo da sala. Baixou a voz, como se faz em todos os palácios do Mundo. - Meu caro, diz ao rei Pasenadi que o seu sobrinho gosta dele como se fosse o seu próprio filho.
- Assim farei, Senhor Príncipe.
- Diz-lhe -, Ajatashatru agora segredava-me ao ouvido; o seu hálito cheirava a caril. - Diz-lhe, tão delicadamente quanto possível, que a nossa política soube que vai haver um atentado contra a sua vida. Dentro de muito, muito pouco tempo. Tu compreendes... e ele também compreenderá... que não podemos avisá-lo abertamente.

Seria embaraçoso nós admitirmos que temos agentes em Koshala. Mas tu és neutro. És de fora. Podes dizer-lhe que se previna.
- Mas quem são os conspiradores? -. Então permiti-me uma inspiração de cortesão: - A federação de repúblicas?
Ajatashatru ficou obviamente grato por uma sugestão que nem por um momento lhe ocorrera: - Sim! Eles querem dar cabo de Koshala, o que, diga-se, já está feito. É por isso que estão a trabalhar em conjunto, secretamente e oh! tão traiçoeiramente com o principal conspirador que é - (Ajatashatru proferiu, sem emitir qualquer som, as palavras): - Virudahka, o filho do rei.
Não sei por que razão me senti chocado. Afinal, o homem de quem tenho o nome matou o sogro. Mas um sogro não é um pai e os Arianos acreditam que a sacralidade do pai é um elemento essencial do seu código. Acreditei em Ajatashatru? Há muito que me esqueci. Mas suspeito que não. Ele tinha uma tendência para cantar como um pássaro; trinava, chilreava, fazia vibrar o ar com sons sem significado.
No dia seguinte ao meio-dia Varshakara acompanhou-me até à porta norte de Rajagriha. A primeira parte da caravana tinha partido antes da madrugada e neste momento quase duas milhas separavam a frente da caravana da rectaguarda. Eu iria com o centro, acompanhado por toda a embaixada menos alguns membros. Ainda não tinha decidido se voltaria ou não para a Pérsia com a embaixada. Estava cortado do mundo real havia mais de dois anos, durante os quais nenhuma mensagem me tinha chegado de Susa. Sentia-me isolado, para dizer o mínimo.
- Consideramos Pasenadi um bom aliado -. Varshakara cuspiu um escarro vermelho de bétele sobre um cão vadio, sujando a orelha ao animal.

Para norte, tanto quanto a vista alcançava, mil carros de bois carregados de ferro moviam-se lentamente, no meio de uma nuvem de pó amarelo. O ferro fundido era de uma qualidade invulgarmente boa, graças a um membro da minha embaixada, que tinha conseguido ensinar aos Magadhanos a fundir o ferro à moda persa.
- Por que um aliado fraco é um bom aliado? - Gracejar com Varshakara era quase como acirrar com um pau um tigre numa jaula frágil.
- Às vezes. Outras vezes não. Mas de certeza que preferimos o velho ao filho.
Como a multidão indiana em cujo centro estávamos era muito ruidosa, o perigo de sermos ouvidos não era muito grande.
260
- Isso é verdade? - perguntei.
Varshakara fez que sim. - Antes do fim da estação das chuvas haverá um novo rei.
- Espero já lá não estar.
- Espero que possas impedi-lo.
- Como?
- Prevenindo o velho. Tenho a certeza de que a Pérsia quer tanto um rei forte em Koshala como nós.
- Como pode haver um rei forte se os Budistas controlam o país?
Varshakara fez uma expressão de surpresa. - Mas não controlam o país. E se controlassem, que é que isso alteraria?
Obviamente Varshakara tinha-se esquecido do discurso que me fizera sobre o perigo que os Budistas e os Jains representavam para a ordem estabelecida. Como eu o achava louco, falei com todo o cuidado. - Eu julgava que os mosteiros estavam cheios de republicanos apostados em enfraquecer Koshala... e também Magadha.
- Muito pelo contrário -. Varshakara, incisivamente, contradisse tudo quanto me dissera na estrada de Varanasi: - Os Jains e os Budistas são uma ajuda enorme para qualquer rei. Não, Pasenadi é que está errado. É um santo que só pensa no próximo mundo... ou em nenhum mundo, ou lá no que é que essa gente acredita. Isso pode ser digno de admiração num homem mas não num rei. Esse velho idiota há muito que devia ter abdicado. Então podíamos ter... domado o filho.
Embora a análise de Varshakara do carácter de Pasenadi não me interessasse - em princípio nunca acreditei numa só palavra que ele dissesse sobre assuntos políticos - intrigou-me saber que ele agora aprovava o Budismo. Perguntei-lhe porquê.
A resposta de Varshakara pareceu ser sincera: - Toda a religião que crê que este Mundo é uma espécie de doença a eliminar pela oração, pelo respeito por toda a

espécie de vida e pela renúncia aos bens terrenos é extremamente útil a um governante. Afinal, se o povo não quer coisas materiais, então não quererá o que possuímos. Se respeitam toda a vida, nunca tentarão matar-nos ou derrubar o nosso governo. Francamente, nós fazemos tudo quanto podemos, por intermédio da polícia secreta, para encorajar os Jains e os Budistas. Naturalmente, se alguma vez víssemos neles uma ameaça...
- Mas as virtudes deles são inteiramente negativas. Nunca resultariam. Eles são pedintes. Como podes fazer deles soldados?
- Nem tentamos. Além disso, só os monges é que são assim. A maioria dos Jains e dos Budistas limita-se a venerar Mahavira

ou o Buda e depois continua com os seus negócios como qualquer outra pessoa... com uma diferença. Criam-nos menos problemas que
os outros.
- Por que no fundo são republicanos?
Varshakara riu-se. - Mesmo que o fossem, que poderiam fazer? Seja como for, o Mundo não lhes interessa, o que é muito simpático para aqueles que, como nós, amam o Mundo tal como é.
O meu carro de bois estava pronto. Despedi-me de Varshakara. Depois eu e Caraka abrimos caminho através da multidão até ao sítio onde a minha guarda esperava. Embora estivessem vestidos à indiana, estavam armados à persa.
Eu insistira em que o carro estivesse dotado com um toldo e assentos almofadados. Para minha surpresa, fora obedecido. Logo que eu e Caraka nos instalámos, o chicote do condutor tocou os flancos dos bois e, com um sacão, começámos a jornada de duzentas e vinte e cinco milhas até Shravasti.
Ambalika não me acompanhava porque estava doente com febre. Como havia grandes possibilidades de que também estivesse grávida, concordámos ambos que era perigoso para ela viajar. - Mas tu voltas, não voltas? - Ambalika parecia, ao dizer isto, ter a idade que tinha e estava muito infeliz.
- Sim. Logo que acabe a estação das chuvas.
- Então vais poder ver-me dar à luz o teu filho.
- Rezarei ao Senhor da Sabedoria para que esteja em casa nessa altura -. Abracei-a.
- No próximo Inverno - disse firmemente Ambalika - nós os três iremos para Susa.

9

A CARAVANA ATRAVESSOU O GANGES no porto fluvial de Pataligama,

cujos barqueiros são célebres não apenas pela sua falta de habilidade como pelo prazer que têm em desastres de toda a ordem. Connosco tiveram duas ocasiões de supremo deleite, cada uma delas envolvendo a perda da carga de ferro de um carro, num dia em que o rio ia tão macio e plano como um espelho de metal polido.
Devido ao calor do Sol, viajávamos de noite e dormíamos de dia. Não vimos nenhuns ladrões até entrarmos na floresta logo a sul de

Vaishali. Aí fomos atacados por várias centenas de bandidos bem armados que fizeram uma grande barulheira mas não nos causaram prejuízos. Este bando que nos atacou é bem considerado em toda a índia porque dele não pode fazer parte quem não seja filho legítimo, há três gerações, de um membro da guilda dos ladrões. O latrocínio é tão lucrativo que esta guilda especial não quer que um negócio tão antigo seja estragado por amadores.
A capital do Licchavi, Vaishali, é também a capital das repúblicas, também chamada algumas vezes Federação Vajjiana.
Fomos recebidos pelo governador da cidade, que nos mostrou o salão dos congressos onde se reúnem os delegados das outras repúblicas. Mas como o congresso não estava em sessão, o enorme salão estava vazio. Fomos também levados ao sítio onde Mahavira nasceu, uma casa suburbana incaracterística, já com o aspecto inconfundível de um santuário.
Levei algum tempo a perceber que tanto o Buda como Mahavira eram muito mais do que simples mestres ou profetas nas mentes dos seus adeptos. Eram considerados maiores do que qualquer deus ou do que todos os deuses. Achei este conceito tão desnorteante como aterrador. Embora continuem a rezar a Varuna e a Mitra e aos outros deuses védicos, os Budistas e os Jains vulgares consideram esses deuses inferiores ao vigésimo quarto iluminado e ao vigésimo quarto fazedor de travessias do rio pelo facto de que nenhum deus pode alcançar o nirvana ou kevala sem ter renascido como homem. Volto a repetir isto, Demócrito. Nenhum deus pode tornar-se iluminado e alcançar a extinção sem primeiro renascer como homem.
É espantoso pensar que no meu tempo - e hoje também, creio eu - milhões de pessoas pensavam realmente que, num dado momento da história, dois seres humanos evoluíram para um estado superior ao de todos os deuses que existem ou existirão. Isto é titanismo, como diriam os Gregos. Isto é loucura.
Enquanto estive em Vaishali, fiquei com a sensação de que, embora as repúblicas esperassem um ataque de Magadha, estavam a sentir alguma dificuldade em reunir um exército. Isto acontece sempre nos países onde qualquer homem de posses se julga um rei. Não se pode travar uma guerra com dez mil generais.

Apesar de todos esses inquebrantáveis tributos à sabedoria do povo que somos obrigados a aguentar aqui em Atenas, qualquer idiota sabe que o povo não é manipulado assim tão facilmente pelos demagogos, mas é susceptível ao suborno. Pior, o povo raramente está desejoso de se submeter ao tipo de disciplina sem a qual nenhuma guerra pode ser feita, muito menos ganha. Prevejo o regresso dos tiranos a Atenas. Demócrito discorda.

263

Era madrugada quando chegámos à margem norte do rio Ravati. Shravasti fica na margem sul. Como o rio, que era lento, grosso, diminuído pelo calor, faz uma curva larga nesse ponto, Shravasti tem a forma de um crescente. Do lado da terra está rodeada por muralhas altas de tijolo e formidáveis torres de vigia. Do lado do rio há todo o tipo de molhes e docas e armazéns - a confusão habitual de um porto fluvial indiano. Uma delgada paliçada separa o porto da cidade propriamente dita; obviamente os habitantes não temem um ataque pelo rio. Num país sem pontos nem navios de guerra, a água é a defesa perfeita. Agradou-me reparar que o Grande Rei podia conquistar Shravasti num dia. Agradou-me igualmente reparar que às primeiras luzes da manhã as altas torres de Shravasti pareciam feitas de rosas.

Como a caravana ia continuar para norte, para Taxila, não se justificava que atravessasse o rio. De modo que despedi-me de toda a embaixada menos dos meus guardas e do inestimável Caraka.

Enquanto nos transportavam para o outro lado do rio, comecei a perceber algo melhor todas aquelas referências dos Budistas e dos Jains aos rios e às barcas, às travessias e à outra margem. De facto, no meio do rio, a meio da travessia, quando vi com que rapidez a caravana na margem norte começava a diminuir, enquanto ao mesmo tempo as muralhas, as torres e os templos da cidade aumentavam de volume, recordei-me da imagem dada pelo príncipe Jeta. De facto, ao aproximar-me da residência do homem dourado, dei por mim como que a viver essa imagem. A margem que deixava era a vida familiar, a vida quotidiana. O rio era a torrente da existência onde podemos afogar-nos com toda a facilidade. À minha frente estava não tanto a cidade de Shravasti mas antes o que os Budistas referem como "a outra margem do nascimento e da morte".

A minha chegada a Shravasti tinha sido prevista e fui recebido no cais por uma delegação resplandecente. O príncipe Jeta em pessoa apresentou-me ao governador da cidade e ao seu séquito. Estes dignitários são mais claros de pele do que os seus equivalentes magadhanos. Além disso dão um ar de autoconfiança que raramente se encontra na corte magadhana. Mas a verdade é que o rei Pasenadi também não tinha pretensões à monarquia universal; aliás não tinha nenhum camareiro como Varshakara, cuja política secreta e cujas prisões

repentinas contribuíam para haver uma tensão constante. Fossem quais fossem os infortúnios de Koshala como Estado, a vida era visivelmente bastante agradável para os que podem viver no conforto em Shravasti, a mais opulenta e luxuriosa das cidades do Mundo.
264
- Os hóspedes de honra costumam vir do Sul e nós recebemo-los às portas da cidade com uma cerimónia muito atraente. Mas aqui, à beira-rio... -. O governador desculpou-se pela grande multidão de estivadores, pescadores, barqueiros. Estes empurravam-nos e acotovelavam-nos, apesar de um contingente da polícia da cidade que continha a multidão, que então empurrava a polícia. Embora todos fossem de índole pacífica, é sempre uma experiência alarmante vermo-nos afogar na carne escura e odorosa de uma multidão indiana. De repente o cordão da polícia rompeu-se e a pressão da multidão lançou-nos contra a paliçada de madeira. Felizmente os meus guardas persas salvaram-nos de morrermos esmagados. Os Persas puxaram das espadas. A multidão recuou. Então, em voz alta, o governador deu ordens para abrirem os portões. Mas os portões continuaram fechados. Agora estávamos presos entre a multidão subitamente predadora e a paliçada de madeira.
- É sempre assim em Koshala -, disse o príncipe Jeta, dando uma pancada no braço de um ladrão que conseguira insinuar-se entre dois guardas persas.
- Bom, o povo parece... alegre -, disse eu.
- Oh, são extraordinariamente alegres.
- E são tantos -, acrescentei sem convicção.
- Oh, sim, vivem cinquenta e sete mil famílias em Shravasti. Entretanto o governador gritava ordens o mais alto que podia
enquanto batia nos portões com os punhos. Depois do que pareceu todo um ciclo da criação védica, as portas de madeira abriram-se a ranger e fiquei aliviado ao ver logo da parte de dentro da paliçada uma fila de soldados de lança em riste. A multidão recuou e nós entrámos em Shravasti com mais pressa do que dignidade. Havia à nossa espera carros de cavalos mas eu disse que preferia ir a pé, porque "depois de três semanas num carro de bois tinha as pernas presas". E deste modo, à frente de uma procissão um tanto contrafeita, percorri todo o comprimento da que afinal não era senão a mais curta das quatro avenidas rectas que convergem na praça das caravanas. Cada uma das três avenidas compridas começa nas portas de sudoeste, nordeste e sul, respectivamente, e cada uma delas representa o término ou o ponto de partida de uma rota de caravanas.
A imensa riqueza de Shravasti deve-se à geografia - a cidade fica no cruzamento não só das caravanas entre o Leste e o Oeste como das entre o Norte e o Sul. Devido a isto, a cidade é dominada por magnates riquíssimos, o que quer dizer

que, praticamente falando, os Brâmanes e os guerreiros ocupam o segundo e o terceiro

lugares, abaixo da classe mercantil, uma anomalia no mundo védico muito ressentida pelas desalojadas classes governantes, ou melhor, ignoradas. Em tempo de paz o rei, os nobres e os Brâmanes dependem completamente dos mercadores, que são como os mercadores de qualquer outro lugar - interessados no comércio, dinheiro, paz. É só em tempo de guerra que as classes governantes ocupam o seu lugar, obrigando os mercadores a resguardarem-se até o perigo passar.

O príncipe Jeta acreditava que a razão pela qual a classe mercantil apoia os Budistas e os Jains é que as duas ordens respeitam toda a vida e desaprovam a guerra. Além disso as duas ordens agradam aos aldeões que adoram os deuses pré-arianos. Em primeiro lugar, os aldeões preferem a paz à guerra, em segundo lugar detestam aqueles massacres descomunais e inúteis de cavalos, bois e carneiros que os Brâmanes oferecem continuamente aos deuses védicos. Nenhum aldeão está disposto a ceder o seu boi seja lá a quem for, Ariano ou não-Ariano, homem ou deus. Penso que é perfeitamente possível que um dia as ordens budista e jaina deponham os deuses arianos, graças aos esforços conjuntos dos mercadores ricos e da população não-ariana dos campos.

Antes de chegar à índia pensava que as cidades não eram mais do que paredes nuas e irregulares, de diferentes alturas e dispostas ao acaso ao longo de alamedas cheias de curvas. Mesmo em Babilónia as casas dão para as ruas compridas e direitas e são tão neutras e tão sem janelas como as de qualquer cidade persa ou grega. Não fosse a arcada grega ocasional, a monotonia seria depressiva, especialmente naqueles climas onde o país vive na rua durante todo o ano.

Mas Shravasti é diferente das cidades ocidentais. Todas as casas exibem janelas e varandas e os telhados são fantasticamente torreados. As paredes são com frequência decoradas com cenas da vida interminável de Rama. Muitas destas pinturas são magnificamente bem feitas - ou refeitas - dado que, a cada ano que passa, a chuva apaga tudo. Actualmente alguns proprietários cobrem as suas paredes com baixos-relevos e o efeito é delicioso.

Enquanto o governador e eu descíamos lentamente pelo centro da avenida apinhada de gente, esta era subida por carros de cavalos e éramos examinados por ricos mercadores do alto dos seus elefantes. Ao contrário da multidão do porto, a gente da cidade comportou-se com decoro. Mas a verdade é que estão habituados aos estrangeiros. Já tinham visto Persas, para não falar de Babilónios, Egípcios, Gregos e até visitantes do outro lado dos Himalaias, o povo amarelo

do Catai.
266
- à esquerda - disse o príncipe Jeta, um guia sempre dedicado - são os bazares e as manufacturas -. Não precisava de mo dizer. Eu ouvia ou cheirava a especialidade de cada uma das ruas ou alamedas que partiam da avenida. Uma cheirava a flores; a outra tresandava a couros curtidos. Alguns quarteirões vibravam de sons de metais a serem malhados, enquanto outros estavam cheios de cantos de aves, para venda como animais de estimação ou para comer.
- À direita ficam os edifícios governamentais, as grandes casas, o palácio do rei. Ao passo que aqui - (estávamos agora na enorme praça central) - se juntam caravanas de todo o Mundo.
A praça das caravanas de Shravasti é um lugar assombroso. Milhares de camelos, elefantes, bois e cavalos enchem a maior praça que jamais vi. Dia e noite, caravanas chegam e partem, carregam e descarregam. Três grandes fontes dão água tanto para os animais como para os homens enquanto que, completamente ao acaso, se erguem tendas e barracas de feira. Mercadores imperturbáveis compram e vendem de tudo. Solenemente saltam de carga em carga, de olhos tão acerados e faiscantes como os daquelas aves de rapina que aparecem depois de uma batalha.
Com início na praça das caravanas, a via real conduz a um parque verde, em cujo centro há um sofisticado palácio de tijolo e madeira. Ainda que um tanto menos impressionante do que a recente criação de Bimbisara, é de longe mais belo.
Mas a verdade é que eu estava exausto. A minha escolta também. De resto, estava toda a gente menos do que agradada com a longa e escaldante caminhada a que eu os submetera. Uma vez dentro do palácio, tiveram a sua vingança: - O rei disse que deves apresentar-te logo que chegasses -. O camareiro encharcado em suor parecia muito feliz.
Eu não. - Mas estou cheio de pó...
- Hoje o rei é indiferente ao protocolo.
- Nesse caso, o rei não sê importará que eu mude de roupa e...
- Ele pode ser indiferente ao protocolo, Senhor Embaixador, mas espera ser obedecido em tudo.
- Mas eu trago presentes do Grande Rei...
- Noutra altura.
- Lamento -, segredou o príncipe Jeta.
Quando o camareiro me conduziu através de uma série de salas de tectos altos com embutidos de placas de prata, madrepérola e marfim, pude aperceber-me perfeitamente de que o esplendor que me rodeava contrastava vivamente com a

sujidade da minha pessoa.
Por fim, sem cerimónia, mandou-me entrar para uma sala pequena de cujas janelas em ogiva se viam árvores, trepadeiras em

flor, uma fonte de mármore sem água. Recortados contra a janela estavam dois idosos monges budistas de cabeça rapada.
Durante um momento pensei que me tinham trazido para a sala errada. Olhei estupidamente para os dois homens. Eles sorriam. Pareciam irmãos. Então o mais baixo dos dois disse: - Sê bem-vindo, Ciro Spitama, à nossa corte.
Ao começar a dobrar o joelho, o rei Pasenadi deteve-me: - Não, não. Tu és um homem santo. Só deves ajoelhar-te perante os que adoram... o fogo, não é?
- Nós só adoramos o Senhor da Sabedoria. O fogo é somente o mensageiro que ele nos envia -. Embora estivesse demasiado cansado para pregar um sermão maior do que este, achei a doçura do rei nada complacente.
- Claro. Claro. Adoras um deus do céu. Nós, também, não é,
Sariputra?
- Assim é, na verdade. Temos deuses de todos os tipos imagináveis -, disse o alto e de aspecto frágil Sariputra.
- Incluindo os que são inimagináveis -, acrescentou Pasenadi.
- O Senhor da Sabedoria é o único deus -, disse eu.
- Nós também temos deuses únicos. Não é, Sariputra?
- Montes deles, meu caro.
Nesta altura eu já estava habituado à maneira como os homens santos indianos se dirigem aos seus discípulos - como se falassem com crianças pequenas a quem amam. Os "meus caros" são empregados com gentileza, muito diversamente dos algo ameaçadores "meus queridos" de Ajatashatru, cujo uso de palavras de afecto era sempre calculado para manter os outros de guardas abaixadas.
- Acho que isso é uma contradição -, disse eu, pouco à vontade.
- Também temos disso -, disse com brandura o rei Pasenadi.
- De facto, a própria vida é uma contradição quanto mais não seja porque - Sariputra soltou um risinho - o nascimento é a causa directa, em todos os casos, da morte.
Os dois homens riram-se de contentamento.
Como neste momento eu já estava de muito mau humor, tornei-me formal: - Venho da parte do Acménida, de Dário, o Grande Rei, o senhor de todas as terras, o rei dos reis.
- Meu caro, nós sabemos, nós sabemos! E vais poder dizer-nos tudo sobre Dário quando te recebermos na nossa corte, formalmente. Então, e só então,

receberemos o mensageiro... não, o embaixador desse rei persa cuja presença no vale do Indo tem sido causa de tanta preocupação para todos nós. Mas, por ora, somos simplesmente

dois velhos que gostariam de seguir a via óctupla. Como rei não posso ir tão longe como gostaria. Mas, felizmente, agora sou arhat, enquanto Sariputra está pertíssimo da iluminação.
- Meu caro, não estou nada disso! Sirvo o Buda e a ordem, modestamente...
- Ouve o que ele diz, Ciro Spitama! Foi Sariputra que criou a ordem. é ele quem faz todas as regras. É ele quem vela para que tudo quanto o Buda diz ou disse não seja esquecido. Claro, Sariputra lembra-se de todas as palavras que o Buda disse desde aquele dia no parque dos veados em Varanasi.
- Meu caro, exageras. É Ananda e não eu que se lembra de todas as palavras. Tudo quanto eu faço é pôr essas palavras em versos que até as crianças pequenas possam aprender -. Voltou-se para mim. - Sabes cantar, meu caro?
- Não. Quero dizer, mal -. Tinha a sensação de estar a enlouquecer. Não conseguia acreditar que um daqueles dois velhos governava um país tão grande como o Egipto e que o outro era o chefe da ordem budista. A impressão que me davam era a de dois perfeitos simplórios.
- Vejo que não estás a ver. Mas estás cansado. Mesmo assim, hás-de querer saber o que aconteceu. Numa certa época, uma jovem senhora chegou a Shravasti. Disse que era do clã Gautama, tal como o próprio dourado! Oh, como eu me entusiasmei! Depois de nos casarmos, o dourado revelou-me uma linda partida que me tinham pregado. Ao que parece os Shakyas não queriam misturar o seu sangue nobre com a casa real de Koshala. Por outro lado, não se atreviam a ofender-me. De modo que enviaram-me uma vulgar prostituta. E eu casei com ela. Mas deu-me alguma fúria quando descobri, caro Sariputra?
- Deu-te uma fúria, caríssimo.
- Oh não, não deu -. Pasenadi parecia magoado.
- Oh sim, deu-te. Ficaste tão furioso que tememos por ti.
- Eu parecia furioso, talvez.
- Meu caro, ficaste furioso.
- Meu caro, não fiquei.
Misericordiosamente uma mão superior eliminou o resto desta cena da minha memória. É possível que eu tenha desmaiado.
A embaixada persa foi alojada num pequeno edifício ao fundo dos jardins do palácio. Entre nós e o palácio havia fontes, flores, árvores... e silêncio. Até os pavões eram silenciosos - ter-lhes-iam cortado a língua - enquanto o bando de macacos sagrados nos observava em perfeito silêncio, do alto das árvores. No

centro de uma grande cidade, o rei tinha criado um refúgio na floresta.
269
Durante a semana que me foi concedida para me preparar para a apresentação formal ao rei, o príncipe Jeta tomou-me a seu cargo. Convidou-me para sua casa, um alto edifício sobranceiro ao rio. Na companhia civilizada do príncipe, o meu encontro com os dois velhos idiotas parecia como um delírio da febre. Mas quando contei ao príncipe Jeta a história da minha recepção pelo rei Pasenadi, ele mostrou-se ao mesmo tempo divertido e perturbado. - O velho é assim -, disse.
Estávamos sentados no telhado da casa do príncipe Jeta. Com o Sol a pôr-se por trás das colinas de um azul sem brilho, as nuvens faziam estranhos desenhos às riscas, uma característica do começo da estação das monções.
A abóbada celeste que cobre a terra indiana é misteriosamente alta - um efeito de luz? Não sei qual seja a causa mas o efeito é terrível, e torna o homem mais pequeno.
- O comportamento de Pasenadi explica a razão de ser da dissolução do Estado?
- As coisas não estão assim tão más -. O príncipe Jeta respondeu com precisão. - Koshala ainda é uma grande potência. Pasenadi ainda é um grande rei.
Sussurrei a palavra: - Espiões?
O príncipe Jeta fez que sim. Mas, até certo ponto, tinha querido dizer o que disse. - O problema é que Pasenadi agora é ao mesmo tempo arhat e rei, e é difícil ser-se as duas coisas ao mesmo tempo. Sei-o, dentro da minha modesta maneira.
- O que é um arhat?
- Arhat quer dizer "aquele que matou o inimigo". Neste caso, o desejo humano.
- Como o Buda.
- Só que o arhat existe... ao contrário do Buda, que veio e se foi. Há aqueles que pensam em Sariputra, sendo tão santo como Gautama, também alcançou o nirvana. Mas não é possível. O Buda é sempre singular, no tempo presente. No passado houve vinte e três Budas. No futuro haverá só mais um Buda e depois acaba tudo, neste ciclo do tempo.
- Sariputra é realmente considerado... santo?
- Oh sim! Pode haver algumas dúvidas quanto a Pasenadi, mas não quanto a Sariputra. A seguir ao Buda ele é o homem que mais perto está de ser libertado. Depois, claro, é o único fundador da ordem. Foi ele quem deu as regras aos monges. Agora ele a Ananda estão a recolher todas as palavras que o Buda disse.
- Eles escrevem essas palavras?
270
- é claro que não. Por que haviam de as escrever?

- É verdade -. Nesse tempo eu acreditava que sempre que se registam palavras sagradas, elas perdem o seu poder religioso. Acreditava que as palavras do Senhor da Sabedoria não devem viver numa pele de vaca mas na mente do verdadeiro crente. Infelizmente, não consegui explicar isto aos meus primos Zoroastristas de Bactra, que apanharam com os Gregos a mania de escrever. Demócrito pensa que os primeiros textos religiosos foram egípcios. Quem sabe? Quem se importa? Eu continuo a acreditar que registar hinos e histórias sagradas acabará por diminuir o sentimento religioso. Com certeza nada há mais mágico do que uma narrativa, uma injunção, ou uma oração religiosa a agir na mente, assim como não há nada mais eficaz do que a voz humana quando convoca dos recessos da memória as palavras da Verdade. Apesar disso, com os anos, mudei. Agora quero um registo escrito completo das palavras do meu avô, pela simples razão de que se nós, os sobreviventes, o não fizermos, outros o farão e o verdadeiro Zoroastro desaparecerá por trás de uma pilha de peles com iluminuras.
Sem cerimónia de espécie nenhuma juntou-se-nos no telhado um belo homem de quarenta anos. Vestia armadura completa e trazia um elmo que parecia ser feito de ouro.
O príncipe Jeta caiu de joelhos. Eu dobrei o joelho, partindo do princípio, correctamente, que se tratava de Virudhaka, o herdeiro do trono.
Virudhaka pôs-nos prontamente à vontade. Com um gesto gracioso fez-nos sinal para que nos sentássemos no divã. - Ver-nos-emos oficialmente amanhã, Senhor Embaixador. Mas achei que seria mais agradável para nós encontrarmo-nos assim, com o nosso nobre amigo.
Em nome do Grande Rei concordei. Pelo canto do olho, estudava o príncipe. Três perguntas acudiam-me ao espírito. Ele pensava em parricídio? Se pensava, sair-se-ia bem? Se se saísse bem, para a Pérsia que significaria isso?
Sem se aperceber dos meus negros pensamentos, Virudhaka fez-me uma quantidade de perguntas inteligentes sobre a Pérsia. Tirando Bimbisara, era o primeiro Indiano de alta condição a reconhecer a extensão do poder do Grande Rei. - Em alguns aspectos -, disse ele: - Dário parece estar muito perto de ser o há muito profetizado monarca universal.
- Pensamos, Senhor Príncipe, que ele é o monarca universal -. Tinha desaparecido toda a cor do Céu. As aves nocturnas elevavam-se e mergulhavam. O ar cheirava a chuva.

- Mas não devia esse universo incluir Koshala? E as repúblicas? E Magadha? E o sul da índia? E do outro lado daquelas montanhas - (apontou para os altos e escuros Himalaias) - fica o Catai, um mundo maior que a Pérsia e todas as terras

do Ocidente juntas. Não deve o Catai ser súbdito do monarca universal?
- Dizem que eles proclamam ter o seu próprio monarca universal -, respondi com tacto.
Virudhaka abanou a cabeça: - Há muitos reinos no Catai. Mas falta-lhes o monarca que os una.
- Monarca? Ou deus? - perguntou o príncipe Jeta. - Eu diria que um verdadeiro monarca universal teria de assemelhar-se muito
a um deus.
- Julgava que vós, Budistas, éreis ateus -. Virudhaka riu-se
para mostrar que falava a sério.
- Não, nós aceitamos todos os deuses. São um elemento necessário da paisagem cósmica -. O príncipe Jeta mostrava-se sereno. - Naturalmente, o Buda ignora-os. Naturalmente, os deuses
veneram-no.
- Não me meto nesses assuntos -, disse Virudhaka. - Tenho um único interesse: Koshala -. Voltou-se para mim: - Nós temos os nossos problemas.
- Qual o reino que os não tem, Senhor Príncipe?
- Uns têm menos do que outros. Bimbisara afirma agora ser o monarca universal. Tu assististe ao sacrifício do cavalo. Portanto,
viste. Ouviste.
- Mas não posso dizer que compreenda. Bem visto tudo, o país de Bimbisara não é tão grande nem tão rico como a satrapia da Lídia do Grande Rei -. Desde o início que tinha sido minha política impressionar, sem alarmar, os Indianos, duvido que tenha tido algum êxito especial. - E a Lídia é apenas uma das vinte satrapias.
- É possível -, disse Virudhaka. - Mas nesta parte do Mundo só o vale do Indo é súbdito da Pérsia e essa... satrapia fica muito longe de Koshala. De resto, o teu rei deve saber que nós nunca fomos derrotados na guerra. O que nos preocupa é o seguinte: Bimbisara proclama ser monarca universal. Contudo o sacrifício do cavalo correu mal. Ele tinha esperado obter Varanasi. Não o conseguiu. Agora o meu primo Ajatashatru está a reunir um exército. Isto quer dizer que quando a estação das chuvas chegar ao fim, ele atravessará o Ganges e estaremos em guerra.
- Pelo que julgo saber - avancei muito como um nadador debaixo de água - o príncipe Ajatashatru apenas teme as repúblicas.

- Teme-as tanto como nós, ou seja, nada -. Virudhaka foi cortante: - Não, a guerra não será contra as repúblicas mas contra nós. Nós venceremos, claro.
- É claro, Senhor Príncipe -. Fiquei à espera do pedido inevitável.

- A Pérsia controla o vale do Indo.
- Mas, tal como disseste, a satrapia da índia fica muito longe de Koshala.
Voltara as palavras de Virudhaka contra ele. Mas ele não se desconcertou: - Na estação seca - disse - quinhentas milhas não é o fim do mundo.
Enquanto conversávamos, íamo-nos dissolvendo na noite sem luar, misturando-se as nossas vozes sem corpo com as vozes na margem do rio, distante e abaixo de nós. A certa altura fez-se um hiato na conversa e de repente senti que nos tínhamos extinguido. O nirvana é isto? - perguntei-me.
Mas então Virudhaka trouxe-nos de novo ao mundo real. Para um príncipe indiano foi directo. Disse-me que queria uma aliança com a Pérsia contra Magadha. Quando lhe perguntei o que tinha a Pérsia a ganhar com uma tal aliança, o príncipe afogou-me em benefícios: - Nós controlamos a rota terrestre para o Catai. Temos o monopólio do comércio da seda. Somos o centro de todas as rotas importantes de e para o extremo oriente. Da Birmânia importamos rubis e jade. Por nosso intermédio podes chegar ao sul da índia, não só por terra mas também por mar, logo que o porto de Champa volte a ser nosso -. E mais do mesmo teor. Em seguida disse-me quantos soldados seriam precisos exactamente, quando seriam precisos e onde. O discurso que Virudhaka me fez tinha sido cuidadosamente preparado.
Enquanto ele falava imaginei a expressão do rosto de Dário quando lhe descrevesse toda a riqueza que vira reunida na praça das caravanas de Shravasti. Imaginava também o que lhe iria na cabeça quando soubesse que o príncipe queria fazer uma aliança com a Pérsia. Essse seria, finalmente, o pretexto perfeito para a conquista da índia inteira. O exército persa seria bem recebido por Koshala. Em seguida Magadha seria esmagada e Koshala absorvida, sem sofrimento.
Dário era mestre na delicada arte de prender a si os reinos dos outros. Mas também é verdade que todos os rapazinhos da escola persa sabem de cor o famoso discurso de Ciro aos Medos: "Com a vossa presente submissão preservastes as vossas vidas. Quanto ao futuro, se vos comportardes bem, nenhum mal vos advirá, a não ser

o de que não sereis governados pela mesma pessoa que vos governou até aqui. Mas vivereis nas mesmas casas e cultivareis as mesmas
terras..."
Este discurso define a política perene do Acménida. Para um povo conquistado nada muda a não ser o soberano; e como o Acménida é sempre um soberano justo, é geralmente recebido com alegria, como Ciro foi pelos Medos. Aliás, sempre que possível, o Acménida tenta deixar, pelo menos, a aparência do poder

para as antigas classes governantes. Não havia razão para que Ajatashatru e Virudhaka não permanecessem como sátrapas... a não ser a de que o Acménida que confiasse em qualquer destes dois príncipes subtis seria um idiota.
- Farei o que puder, Senhor Príncipe -. Fui ao mesmo tempo enigmático e encorajante... no melhor estilo de Susa.
- Não há muito tempo. As chuvas estão a começar. Quando começarem, a rota do mar será impossível, enquanto a pista terrestre estará... Onde pára a tua caravana durante a monção?
- Em Taxila. Dei um prazo de três meses para se concluírem as negociações.
- Mas poderias regressar à Pérsia quando as chuvas acabarem?
- Sim. Mas como te sentes... pressionado pelo tempo, eu poderia enviar um esboço de tratado ao sátrapa da índia. Ele enviá-lo-ia para Susa e nós poderíamos ter uma resposta antes do começo da estação seca -. Escusado será dizer que eu não dizia nada disto a sério. Estava a ganhar tempo. Primeiro, a caravana deveria chegar ao destino. Em seguida eu devia apresentar-me a Dário. Em seguida... quem sabe?
Virudhaka estava agora de pé. Erguemo-nos também. Nós os três éramos algo mais escuros que o céu nocturno. Virudhaka abraçou-me ritualmente. - O conselho pessoal preparará um tratado -, disse ele. - Espero que colabores com eles. Além disso espero que traduzas pessoalmente o tratado para persa. É importantíssimo.
- O rei... -. O príncipe Jeta começou a frase mas calou-se.
- O rei concordará -, disse Virudhaka. - Ele ainda não está totalmente desprendido do seu reino -. Em seguida retirou-se.
Eu e o príncipe Jeta aproximámo-nos do parapeito e olhámos lá para baixo. Mil fogueiras pequenas ardiam na escuridão como outras tantas estrelas apanhadas pela Terra. A gente do rio preparava a refeição da noite. Enquanto olhávamos para baixo, segredei ao ouvido do príncipe Jeta o que me tinham dito em Magadha.
O príncipe Jeta fez um gesto esquisito, baixando ambas as mãos: - Eles queriam que tu me dissesses isso.

- Não há dúvida. Mas é verdade?
O príncipe Jeta abanou a cabeça. - O filho é leal ao pai. Por que motivo não devia sê-lo? O filho tem mão livre. Pasenadi raramente interfere. Ele... -. O príncipe Jeta fez uma pausa. Em seguida disse: - Estão a mandar-nos um recado. Mas como interpretá-lo? Que querem eles realmente?

- Querem uma guerra com as repúblicas.
- E também com Koshala. Mas não podem enfrentar a federação e Koshala ao mesmo tempo. Portanto, se pudessem dividir Koshala pondo o pai contra o filho... -. O príncipe Jeta não precisava de concluir a frase.
- É inteligente -, disse eu.
- Só que, se nós não contássemos a ninguém - o príncipe Jeta olhou para mim como se conseguisse distinguir realmente a minha expressão no escuro - não haveria divisão, não é?
Concordámos em não falar a ninguém do aviso de Ajatashatru a Pasenadi. Mas, evidentemente, cada um tencionava usar esta informação para prosseguir os seus próprios fins, porque é assim que são as cortes e o Mundo. Contudo a confusão do príncipe Jeta confundia-me. Ajatashatru tinha-me mentido? E se me mentira, porquê?

10

Na MANHÃ SEGUINTE, ENQUANTO ME vestiam à persa para a minha apresentação ao rei, a primeira das chuvas da monção esmagava-se nos telhados de Shravasti. Poucos momentos depois apresentou-se-me o molhado e despenteado Caraka.
- Passa-se qualquer coisa -, anunciou, ignorando o barbeiro todo ouvidos. - O rei tem estado em conselho toda a manhã. O príncipe está nas muralhas com os archeiros... -. Caraka calou-se, dando-se finalmente conta do barbeiro.
- Não poderá ser... -. Comecei mas não conclui uma frase cujo significado Caraka compreendia.
- Não sei -, respondeu. - Não acho que seja isso.
O barbeiro sorria-se ao pôr-me laca nos lábios. Sendo membro de alta patente dos serviços secretos de Koshala, sabia o que nós não sabíamos.
275
Ao meio-dia fui escoltado até ao salão de recepções cheio de gente. Embora os presentes do Grande Rei tivessem sido colocados aos pés do trono, o trono estava vazio. Os nobres de Koshala, habitualmente serenos e até um bocado frios, pareciam ansiosos nas vozes que se misturavam com o som da chuva que caía no telhado. Fiquei parado no limiar, ignorado no meu esplendor de bordados.
Finalmente o camareiro viu-me. Correndo para mim, deixou cair o bastão do seu cargo. Em seguida pegou nele pela ponta errada, saudou-me incorrectamente e gaguejou: - Lamento, Senhor Embaixador. Deves pensar que somos uns selvagens. Mas houve... Por favor. Vem comigo. O teu séquito também.

Fomos levados para uma câmara pequena logo a seguir à antecâmara. Depois, a porta não foi fechada mas antes bateu com força. Eu e Caraka entreolhámo-nos. No telhado a chuva era agora tão ruidosa que quase não conseguimos ouvir o que deveriam ser mil vozes a gritar em coro: - Longa vida para o rei!
Caraka segredou: - Qual rei?
Abri as mãos. Estava preparado para tratar tanto com Virudhaka como com Pasenadi. O meu único receio era que rebentasse uma guerra entre Magadha e Koshala antes de Dário poder tirar vantagem da situação.
De repente um búzio soou três vezes. Como este é o toque de às armas tradicional fiquei, pela primeira vez, alarmado. Teria a casa real sido derrubada? Estavam soldados inimigos no palácio? O camareiro apareceu; chegou sem fôlego, como se tivesse vindo a correr. - O rei está no trono - disse: - Segue-me, Senhor Embaixador.
Acorremos à sala de audiências, onde um vulto resplandecente estava sentado na cadeira de prata. Numa mão tinha uma espada; na outra um ceptro de marfim. O camareiro anunciou a chegada da embaixada do Grande Rei da Pérsia. Em seguida, escoltado por ostiários, caminhei para o trono, cujo ocupante, absolutamente reluzente, em nada se parecia com o monge frágil como um caule com quem me encontrava quando cheguei a Shravasti. Só depois de saudar o soberano é que vi que este monarca austero, coberto de jóias, era na verdade Pasenadi. O rosto estava tão cuidadosamente pintado e vazio de expressão como o de qualquer deus védico. Não havia absolutamente nenhum vestígio do monge brincalhão que encontrara com Sariputra.
Com uma formalidade fria o rei disse: - Desejamos boas relações com o nosso irmão da Pérsia -. A voz era sonora, distinta,

sem emoção. - Trabalharemos para esse fim. Enviamos-lhe a nossa bênção fraterna. Nós...
Pasenadi calou-se. Parecia ter perdido o fio do que estava a dizer. Seguiu-se um longo momento algo embaraçado, connosco a olhar para o rei, que olhava por cima de nós para a porta. Embora ouvisse passos atrás de mim, não me atrevi a voltar as costas ao rei. Então Virudhaka passou por mim; vinha a pingar água da chuva. Aos pés do trono fez uma saudação filial e, numa voz que só o seu pai e eu podíamos ouvir, disse: - É verdade.
Pasenadi pousou o ceptro. Pôs-se em pé. Segurou com as duas mãos o punho da espada, como se esta fosse um archote com que iluminasse um caminho sangrento. - Acabamos de saber que o nosso amado irmão, o rei Bimbisara, foi deposto pelo seu filho, o príncipe Ajatashatru, que nos pede a nossa bênção. Não lha damos. Maldito seja o filho que levanta a mão contra aquele que o gerou.

Maldito seja o país cujo soberano usurpa o lugar do seu pai. Maldito seja Ajatashatru.
Com uma agilidade notável o velho desceu os degraus do trono e o rei, o príncipe, os conselheiros de Estado desapareceram da sala. Em seguida o camareiro conduziu-nos rapidamente para fora da sala. As cerimónias formais da corte de Shravasti ficavam suspensas temporariamente e os presentes do Grande Rei continuavam por aceitar. Caraka ficou de muito mau humor; bem vistas as coisas tínhamos carregado com aquelas arcas de tapetes e jóias através de meio mundo.
- É muito aborrecido - disse ele - não termos entregado os presentes do Grande Rei.
- A guerra tem precedência -, disse eu com uma sagacidade de homem de Estado. - Mas como não vai poder haver guerra até à estação seca, de certeza que veremos o rei dentro em breve.
Mas não vimos nem o rei nem o príncipe nos dois meses seguintes. Diariamente, apesar das chuvas, chegavam à corte delegações de todas as partes do Reino. O conselho pessoal estava em sessão permanente. Entretanto a rua dos ferreiros foi fechada a todos, excepto aos espiões e foi como espião que Caraka penetrou no bairro. - Espadas, pontas de lança, armaduras -, relatou. - Trabalham noite e dia -. A guerra tinha tomado precedência sobre todas as outras actividades.
Foi o príncipe Jeta quem me contou o que acontecera em Rajagriha. Numa reunião do conselho, Ajatashatru pedira autorização para atravessar o rio Ganges e atacar a federação das repúblicas. Bimbisara, apesar de concordar que a federação não seria capaz de

resistir aos exércitos magadhanos, observou que a tarefa subsequente de governar esses Estados turbulentos não valia o esforço de uma guerra. Além disso, não era já monarca universal? Levara muito a sério o sacrifício do cavalo. Demasiado a sério, como veio a verificar-se. Alguns dias depois, sem consultar o pai, Ajatashatru reclamou Varanasi em nome da sua mãe. Bimbisara ficou furioso; disse que Varanasi era parte integrante de Koshala. E com isto encerrou a sessão do conselho.
Na noite seguinte, pouco depois do pôr do Sol, os guardas pessoais de Ajatashatru entravam no palácio real e prendiam o rei. Como o acto tinha sido tão rápido como inesperado, não houve resistência.
- Agora Bimbisara está prisioneiro no Pico do Abutre. É uma torre na cidadela velha -. O príncipe Jeta não traía nem surpresa nem mágoa. Conhecia o Mundo. - Diz-se que nunca ninguém fugiu do Pico do Abutre.
- E agora, que vai acontecer?

- O meu genro e teu sogro é um homem feroz e determinado que parece querer guerra. Se é guerra que quer, tê-la-á.
Estávamos sentados na varanda interior da casa do príncipe Jeta. Mesmo à nossa frente um renque de bananeiras tremia ao vento perfumado de chuva.
- Nunca me passou pela cabeça uma coisa destas -, disse eu: - Ajatashatru sempre... chorava tão facilmente.
- Estava a representar um papel. Agora será ele próprio.
- Não. Ele representará simplesmente um novo papel sem... ou talvez com... todas aquelas lágrimas. Numa corte a maior parte das vidas - acrescentei com uma certeza bramânica - passam-se pondo e tirando máscaras.
Isto divertiu o príncipe Jeta. - Até pareces um de nós. Só que em vez de trocarmos de máscaras, nós trocamos de existências.
- Mas ao contrário do cortesão, vós não vos lembrais das vossas vidas anteriores.
- Excepto o Buda. Ele consegue lembrar-se de cada uma das suas encarnações anteriores.
- Como Protágoras.
O príncipe Jeta ignorou esta referência obscura. - Mas o Buda uma vez disse que, se realmente se desse ao trabalho de evocar cada existência anterior, não lhe ficaria tempo para viver esta, que é a mais importante de todas, pois é a última.
Soprou uma rabanada de vento repentina. Cachos de bananas ainda verdes foram arrancados dos ramos à nossa frente. A chuva caía.
278
- Bimbisara disse-me que esperava tornar-se monge dentro de um ano.
- Rezemos que para isso lhe seja concedido.
Durante algum tempo ficámos a olhar para a chuva. - Como é curioso - disse por fim eu - que Ajatashatru tenha querido que eu avisasse Pasenadi contra o seu filho.
E que esperto! Enquanto nós procurávamos uma conspiração em Shravasti ele executa uma em Rajagriha.
- Mas porquê dar-se ao trabalho de me induzir em erro?
- Para te despistar. Afinal, mais tarde ou mais cedo, ele tem de negociar com a Pérsia -. O príncipe Jeta lançou-me um olhar estranho. - Um dia todos nós teremos que negociar com a Pérsia. Soubemo-lo logo que o teu rei se apoderou de uma das nossas regiões mais ricas.
- Não se apoderou, príncipe Jeta. Os governantes do vale do Indo pediram ao Grande Rei que os incluísse no seu império -. Eu parecia um eunuco de oitenta anos, da corte do tempo de Ciro.
- Perdoa-me. Fui indelicado -. O príncipe Jeta sorriu. - Seja como for, Ajatashatru quer causar o máximo de problemas a Koshala. O que não pode ser

tomado do exterior deve ser adquirido por meio da divisão a partir de dentro. Portanto tentou pôr o filho contra o pai.
- Tentou?
- Não precisa disso. Pasenadi quer ser rei e ao mesmo tempo arhat. Não é possível. De modo que Virudhaka... não está feliz. E quem pode censurá-lo?
Passados vários dias Caraka presenteou-me com uma mensagem pessoal de Ajatashatru; estava escrita em pele de vaca, com tinta vermelha, uma cor apropriada. Juntos decifrámos a caligrafia difícil. O ponto principal era: "Tu continuas tão junto do nosso coração como sempre. És tão querido aos nossos olhos como se fosses nosso filho. Chorarás, tal como eu choro, a morte do meu pai, o monarca universal Bimbisara. Ele ia no seu septuagésimo oitavo ano de vida e no quinquagésimo primeiro do seu glorioso reinado. A corte estará de luto até ao fim da estação das chuvas, altura em que esperamos que o nosso querido filho, Ciro Spitama, assista à nossa coroação."
Escusado será dizer que não havia nenhuma referência à forma como Bimbisara morrera. Alguns dias mais tarde soubemos que Ajatashatru tinha estrangulado pessoalmente o seu pai com aquele cordão de seda que o protocolo indiano exige no caso de um soberano deposto.
Passei várias semanas difíceis nos jardins luxuriantes e cobertos da neblina do palácio de Pasenadi. Nem o rei nem o príncipe

mandaram chamar-me. Não havia nenhuma mensagem de Susa. Da parte da caravana, em Taxila, era o silêncio mais completo. O meu isolamento foi quebrado, por fim, pela chegada do príncipe Jeta e do monge Sariputra. Apareceram, sem se anunciar, na varanda. Ajudei-os a torcer as suas roupas molhadas.
- Calhou encontrar Sariputra no jardim - disse o príncipe Jeta - e disse-lhe que tu gostarias muito de falar com ele -. Desculpei a mentira. Eu estava desesperado por companhia, nem que fosse de um arhat budista de gengivas negras.
Enquanto Caraka mandava vir vinho, Sariputra sentou-se no chão e o príncipe Jeta numa almofada. Eu empoleirei-me num banco.
O velho concedeu-me o que tomei por um sorriso. - Meu caro... -, começou a dizer. Depois parou.
- Talvez gostasses de lhe fazer perguntas -. O príncipe Jeta olhou para mim com expectativa.
- Ou talvez - disse eu perversamente, lembrando-me da minha missão espiritual - ele gostasse de me fazer perguntas, a mim.
- Sabe-se que o Buda faz perguntas -, disse com todo o tacto o príncipe Jeta. - Tal como Sariputra.

- Sim -. Havia algo na bonomia constante do velho que me fazia lembrar um bebé bem alimentado; por outro lado, os olhos penetrantes eram tão frios e tão fixos como os de uma serpente. - Gostas de jogos, meu filho?
- Não. E tu?
- De jogos eternos, sim! -. Sariputra riu-se sozinho.
- Por que é que não te interessas absolutamente nada pelo Senhor da Sabedoria e o seu profeta Zoroastro?
- Todas as coisas têm interesse, meu filho. E como o teu interesse é claramente falar-nos do teu Senhor da Sabedoria, deves falar dele. Neste preciso minuto! A verdade não pode esperar, diz-se. Não vejo porquê. Tudo o resto espera. Mas fala.
Falei.
Quando acabei, Sariputra disse para o príncipe Jeta: - Este Senhor da Sabedoria parece mesmo Brama a tentar passar por persa. Oh, estes deuses! Mudam de nome de país para país e julgam que nós não reparamos. Mas nós reparamos sempre! Não conseguem enganar-nos, não é? Ou fugir de nós. Mas este Brama! É de longe o mais ambicioso. Pensa que ele é o criador. Imaginem! Oh, devias tê-lo ouvido quando veio falar com o Buda da primeira vez. Não, da primeira vez não, da segunda. A primeira foi quando implorou ao Buda que pusesse em movimento a roda da doutrina.
280
Oh, Brama foi muito insistente, muito persuasivo. Porque sabe que tem de renascer como ser humano antes de poder alcançar o nirvana e quando renasce, a única maneira de poder alcançar o nirvana, é através do Buda: Ele não é nenhum idiota, sabes? Faz-se. Seja como for, o Buda deixou-se persuadir, dado que Brama é o melhor dos deuses, o que não é dizer muito, não é? Portanto o Buda concordou (isto foi depois da sua primeira visita) em pôr em movimento a roda, o que era um grande sacrifício para ele, dado que ele próprio já tinha alcançado o nirvana e já não está mais aqui ou ali ou em sítio algum, ao contrário do pobre Brama.
- Então Brama veio ter com ele pela segunda vez. Foi em Rajagriha. Temos de perguntar a Ananda quando e onde foi exactamente, ele recorda-se de tudo, por mais trivial que seja. Isso foi antes do meu tempo. Então o Brama disse ao Buda: "Eu sou Brama. Sou o grande Brama, o rei dos deuses. Fui iniciado. Criei o Mundo. Sou o soberano do Mundo. Posso criar, alterar e dar à luz. Sou o pai de todas as coisas." Ora nós sabemos que isto é um perfeito disparate. Mas o Buda é sempre educado. Além disso é sublime. "Se existes, Brama", disse-lhe muitíssimo amavelmente, "foste criado. Se foste criado, evoluirás. Se evoluis, o teu objectivo é seres libertado do fogo e do fluxo da criação. Logo, terás de

tornar-te no que eu sou agora. Terás de tomar o último degrau da via óctupla. Terás de cessar de evoluir e de ser."
- Que respondeu a isto Brama? -. Nunca antes ou depois ouvi uma tal blasfémia.
- Oh, ficou transtornado. Tu não ficarias? Quero dizer, ele está ali, tal como o teu Senhor da Sabedoria... sempre tão cheio de si e sempre tão poderoso, ou assim se julga. Contudo, se é omnipotente, então é perfeitamente capaz de não ser, um estado por que anseia mas que não pode alcançar, e é por isso que implorou ao Buda que pusesse em movimento a roda da doutrina.
- Tens a certeza absoluta de que foi realmente o Senhor... quero dizer Brama quem falou com o Buda?
- é claro que não tenho a certeza! Isto é tudo um sonho, meu caro, e nos sonhos há coisas que fazem menos sentido que outras. Quero dizer, depende tudo do sítio onde estejas quando dormes, não é?
Confesso que também eu tinha a sensação de estar ou a sonhar ou a ficar doido. - Zoroastro ouviu realmente a voz do Senhor da Sabedoria... - comecei a dizer.
- ...tal como Brama ouviu as respostas do Buda -. Sariputra fazia que sim encorajativamente, como se um aluno estúpido tivesse conseguido somar dois com dois.

- Por respeito sou obrigado a dizer que Zoroastro ouviu as respostas do Senhor da Sabedoria e não ao contrário.
- Eu digo ao contrário, por respeito pelo Buda. Num determinado momento há só um Buda.
- Há só um Senhor da Sabedoria.
- Salvo quando se escapa para a índia e tenta passar por Brama. De qualquer modo, ele não é o único deus. É apenas o mais
vaidoso.
Tentei manter a minha máscara de cortesão o melhor que pude. - Negas que o Senhor da Sabedoria é o único criador de todas as
coisas?
- É evidente, meu caro. E tu também -. Então o perverso do velho repetiu-me tudo quanto eu lhe cantara do nosso texto mais sagrado: "Ahura Mazdah, antes do acto da criação, não era o Senhor da Sabedoria. Depois do acto da criação, tornou-se o Senhor da Sabedoria, desejoso de crescer, de saber, livre da adversidade, manifesto..." Já me esqueci do resto dos seus atributos que tu tão amavelmente nos recitaste agora mesmo. A minha memória já não é o que era.
Continuei, de mau humor: - ... comandando sempre com justiça, generoso, omnisciente.
- Sim, sim. "E através da sua visão clara Ahura Mazdah viu que o espírito da

destruição nunca abandonaria a agressão..." E continua por aí fora até que faz uma armadilha para apanhar o espírito da destruição ao inventar, a partir do tempo infinito, o tempo do longo domínio. Oh, meu caro, tudo isto é tão rebuscado! Se ele é o criador omnipotente, por que razão inventou, para começar, o espírito da destruição? Com que interesse? Mas uma vez que o inventou, por que razão se dá ao trabalho de combater a sua própria invenção? Isto não foi muito sábio da parte dele, não achas? E depois, insistir em que a raça humana, outra das suas invenções, deve combater permanentemente a sua primeira criação... Bom, isto é que não é nada amável.
- O mal também não é amável e existe, Sariputra. Mas como o bem existe, também existe o mal e a luta entre os dois deve continuar até ao triunfo do bem no fim do tempo do longo domínio.
- Uma vez que o bem vencerá apesar de tudo, porquê incomodarmo-nos com a luta?
- Porque essa é a vontade do Senhor da Sabedoria. A partir dele mesmo ele criou todas as almas humanas de uma só vez. E esses espíritos eternos existem com ele até serem obrigados a tomar a forma humana. Então fazem uma escolha. Ou seguem a Verdade ou

a Mentira. Se seguirem a Verdade, serão recompensados. Se seguirem a Mentira...
- Sim, meu querido. Lento como é o meu cérebro, entendi o conceito. Mas porquê fazer sofrer toda a gente dessa maneira?
- De que outra maneira pode ser vencido o mal?
- Eliminando primeiro o Mundo, depois o eu. Ou se preferires... e puderes... primeiro o eu e depois o Mundo.
- O Mundo existe. O eu existe. O mal existe. O bem existe. A luta é... inevitável e obrigatória.
- Então é melhor não existir, não é? E isso pode ser alcançado seguindo a via óctupla.
O velho era ainda mais irritante que o pior dos nossos so-fistas aqui de Atenas. - Todas as coisas contendem... -, comecei a dizer.
- ... excepto as que não contendem -, concluiu ele. - Mas o teu Senhor da Sabedoria, exactamente como o nosso orgulhoso, ainda que bastante traiçoeiro Brama, está tão nas trevas como o resto das suas criações. Faz tanto ideia de para onde vai como sabe donde veio.
- O Senhor da Sabedoria sabe que apanhará e destruirá o mal Ahriman no tempo do longo domínio. Quando o fizer, todas as almas serão salvas.
- É o que ele diz. Mas também ele evolui. Houve um tempo em que ele não

existia. E depois existia. Agora existe. Mas existirá?
- Antes do Senhor da Sabedoria existir, existia o Senhor da Sabedoria.
- E antes disso? Ele diz, se te cito correctamente, "antes do acto da criação, eu não era senhor". Se não era ele, então quem era? E donde veio esse criador?
- O tempo...
- Ah, o tempo! Mas donde vem o tempo?
- O tempo existia. Existe. Existirá.
- Talvez sim. Talvez não. Eu falo, filho querido, das primeiras coisas porque te interessas por elas. Nós não nos interessamos por elas. Não temos curiosidade pela origem das coisas, pela criação. Não temos maneira de saber o que existiu primeiro, ou se existe uma primeira coisa no tempo ou no espaço, ou fora do tempo ou do espaço. É a mesma coisa. Deuses, homens, fantasmas, animais, peixes, árvores... tudo isso são manifestações de uma criação na qual a dor é uma constante porque tudo está em fluxo e nada permanece na mesma. Não é verdade?

- Há uma só origem única... -, comecei.
Mas Sariputra já não me ouvia. - A primeira coisa que faço com os nossos noviços é levá-los aos cemitérios e mostrar-lhes corpos em decomposição. Estudamos a vida nova que brota dos corpos -nortos. Observamos os gusanos que põem ovos na carne putrefacta. então os ovos chocam e uma nova geração de gusanos come a sua ração até que... num tempo de muito curto domínio, meu caro... nada resta a não ser o osso e os pobres dos gusanos morrem de fome. Mas do seu pó saem plantas, insectos, núcleos de vida invisíveis e a cadeia continua, continua, continua... e quem não quereria quebrar essa dolorosa cadeia se pudesse?
- A cadeia rompe-se quando o Senhor da Sabedoria vence e tudo é luz.
- Devo dizer que isso soa muito a Brama. Mas tal como ele próprio reconhece... isto é, quando não diz mentiras... ele faz tanto ideia de como as coisas acabarão como de como ele próprio começou. Ele está no meio do rio, como todos nós. Naturalmente, o rio dele é maior do que o nosso, mas o princípio de todos os rios é o mesmo. Como tu próprio tão maravilhosamente cantaste... não, verdadeiramente, maravilhosamente, "O Tempo é mais poderoso do que ambas as criações... a criação do Senhor da Sabedoria e a do espírito da destruição". Connosco, filho, o tempo é apenas um elemento do sonho de que deves acordar, se quiseres ser iluminado.
- E extinto?
- Aprendeste a lição, Ciro Spitama! -. A perversa criatura aplaudiu-me. Embora nenhum dos argumentos de Sariputra pudesse ser inteligentemente

defendido, lembrei-me da ordem de Dário. Deveria aprender e ensinar ou, dito doutra maneira, não se pode ensinar sem primeiro saber precisamente o que é que os outros crêem ser verdadeiro. Naquele tempo nunca duvidava da minha missão, a qual era levar a Verdade a todos os homens. Mas ao mesmo tempo tinha uma curiosidade profunda pela origem... se origem havia... da criação; e algo embaraçosamente, Sariputra chamava-me a atenção para uma curiosa lacuna na concepção da divindade de Zoroastro. Sim, Demócrito, tu também reparaste na mesma omissão. Mas isso deve-se a que tu só te interessas pelo que é material. E nós interessamo-nos pelo que é sagrado.
Concordo em que nunca foi claro como ou quando ou porquê o Senhor da Sabedoria nasceu do tempo infinito, o qual, em si, nunca pode ser verdadeiramente compreendido, dado que o que é

infinito é, por definição, não só ainda não, mas também nunca ainda. Mas, até conhecer os Budistas, não pensava que fosse possível que uma religião ou uma filosofia ou uma concepção do Mundo, por mais ou menos complexa que fosse, existisse sem uma teoria da criação por mais imprecisa que fosse. Mas aqui estava uma seita ou ordem ou religião que tinha capturado a imaginação de dois poderosos reis e de muitos homens de saber e que o tinha feito sem nunca se pôr seriamente a única grande questão: como começou o cosmos?
Pior, os Budistas consideram todos os deuses com o mesmo tipo de desprezo amistoso que os Atenienses instruídos. Mas os Atenienses receiam a perseguição da opinião pública, enquanto os Budistas são indiferentes às superstições dos Brâmanes. Eles nem sequer se importam bastante com os deuses para os transformar em demónios como fez Zoroastro. Os Budistas aceitam o Mundo como ele é e tendem eliminá-lo.
Entretanto, no aqui e no agora, sugerem que talvez seja melhor que o laico budista seja alegre, amistoso, equitativo e compassivo; os membros da ordem, no entanto, devem não só abdicar das mágoas deste Mundo como também das alegrias.
- Depois de termos estudado os corpos putrefactos, lembro aos noviços até que ponto é verdadeiramente repugnante o corpo humano. Como muitos noviços são jovens, ainda se sentem atraídos pelas mulheres, o que, evidentemente, os liga à cadeia do ser. Portanto mostro-lhes como o corpo da mais bela mulher é como uma ferida, com nove aberturas que exsudam revoltantemente, enquanto todo o corpo está coberto por uma pele pegajosa que...
- Lento como é o meu cérebro, percebi o conceito -, disse-lhe, de certo modo igualando o resultado.
- Meu caro, se realmente o percebeste, estás agora a fazer rodar para ti próprio a

roda da doutrina! Que criança inteligente -. Sariputra olhou para o príncipe Jeta. Embora o rosto do monge estivesse sorridente, os olhos eram tão brilhantes e fixos como os de um papagaio. Era uma pessoa desconcertante.
- Acho - disse o príncipe Jeta - que chegou a altura do nosso amigo visitar o Buda.
- Por que não?
Demócrito quer saber quem era precisamente o Buda e donde vinha. A primeira pergunta é provavelmente irrespondível. Sei que a fiz bastantes vezes quando estive na índia e que recebi uma variedade incrível de respostas. Os Indianos não têm o nosso interesse pelos factos; o seu sentido do tempo é diferente do nosso, enquanto

a sua percepção da realidade se baseia no sentimento profundo de que o Mundo não interessa porque é apenas matéria em mutação. Eles pensam que estão a sonhar.

11

Isto é o que julgo saber sobre o Buda. Na altura em que o conheci - há mais de meio século - ele tinha setenta e dois ou setenta e três anos. Nasceu na república de Shakya, que fica nos contrafortes do Himalaia. Era originário de uma família de guerreiros chamada Gautama. Ao nascer, deram-lhe o nome de Sidhartha. Foi criado na capital, Kapilavastru. Em certa altura o pai de Gautama ocupou um cargo oficial na república, mas dificilmente era um rei, como certos pedantes de Shravasti e Rajagriha ainda gostam de acreditar.
Sidhartha casou-se. Teve um filho, Rahula, que quer dizer elo ou ligação. Suspeito que o filho deve ter começado a vida com outro nome, mas nunca descobri qual. O que é certo é que era uma ligação àquele mundo que o Buda queria eliminar... para si próprio.
Aos vinte e nove anos Sidhartha encetou o que chamou a busca nobre. Porque tinha uma consciência aguda de que "o eu lhe impunha obrigações para com o nascimento e, conhecendo o perigo que há em tudo que tenha obrigações para com o nascimento, procurou a extrema segurança contra as ligações deste mundo - o nirvana".
A busca de Sidhartha durou sete anos. Viveu na floresta. Mortificou a carne. Meditou. A seu tempo, através dos seus próprios esforços - ou simplesmente por ter evoluído no decurso de todas as suas encarnações autênticas? - compreendeu não só a causa da dor mas a sua cura. Viu tudo o que existia e tudo o que viria a existir. Num confronto mágico derrotou o deus do mal Mara, que é o senhor

deste mundo.
Sidhartha tornou-se o iluminado ou o Buda. Como se eliminou não só a ele próprio mas também ao mundo tangível, é superior a todos os deuses: eles ainda estão a evoluir e ele não. Eles continuam a existir dentro de um mundo que ele dissolveu completamente. Como a iluminação é um fim em si próprio - o grande fim, o mundo agora eliminado não devia ter preocupado o Buda. Mas o mundo de que tinha acordado voltou a ele, tal como era quando o alto deus Brama desceu do Céu e lhe implorou que mostrasse a via aos outros.
286
Mas o Buda não estava interessado. Porquê falar, disse ele, do que não pode ser descrito? Mas Brama foi tão insistente que o Buda concordou em ir a Varanasi e pôr em movimento a roda da doutrina. Expôs as quatro verdades e revelou a via óctupla. Contudo, ao mesmo tempo, paradoxalmente, todo este exercício era - é - sem sentido porque ele tinha abolido este mundo e também todos os mundos. "Tudo quanto é sujeito à causalidade", disse o Buda "é como uma miragem." Para ele, a personalidade é como um sonho mau - de que há que vermo-nos livres, de preferência, acordando para... o nada? Há um ponto para lá do qual não consigo seguir o Buda. Mas a verdade é que ele é que é o iluminado e não eu.
O ensinamento do Buda é o oposto, em todos os aspectos, do do Senhor da Sabedoria. Para os Budistas e os Jains, o mundo deteriora-se; logo a extinção é a meta do sábio. Para Zoroastro, cada homem deve fazer o seu caminho ou para a Verdade ou para a Mentira e será julgado na eternidade pelo que fez ou não fez no decurso de uma única vida. Finalmente, depois de um tempo no Céu ou no Inferno, todas as almas humanas compartilharão a vitória do Senhor da Sabedoria sobre Ahriman, e atingiremos um estado perfeito do ser - que não é tão diferente como isso do sunyata do Buda, ou vazio brilhante - se esta é a tradução certa de uma palavra que explica tão precisamente o inexplicável.
Para os Indianos, todas as criaturas estão sujeitas a uma constante reencarnação. O castigo e as recompensas em qualquer vida são o resultado das acções nas vidas anteriores. A pessoa está totalmente sujeita ao seu karma pessoal, ou destino. Para nós, há sofrimento ou gozo no tempo do longo domínio e, finalmente, união com Ahura Mazdah no tempo eterno. Para eles, há morrer e renascer infinito, apenas quebrado, para alguns, pelo nirvana, que não é nada e pelo sunyata que é o que é, se é.
Demócrito pensa que as duas atitudes não são tão divergentes como isso. Eu sei que são completamente diferentes. Há, reconhecidamente, qualquer coisa de luminoso ainda que ambíguo, no conceito de sunyata de Buda; de facto, quanto mais penso nas suas verdades, mais sinto que estou a tentar agarrar com duas mãos desajeitadas uma daquelas enguias escorregadias que se contorcem nas

quentes noites dos mares do sul iluminados por uma luz fria. No centro do sistema budista há um espaço vazio que não é só o procurado nirvana. É o perfeito ateísmo.
Tanto quanto eu saiba, o Buda nunca discutiu qualquer dos deuses a não ser da forma mais marginal. Nunca os negou; ignorou-os

simplesmente. Mas apesar da sua formidável presunção, não se colocou a si próprio no lugar dos deuses porque, na altura em que pôs em movimento a roda da sua doutrina, ele próprio tinha deixado de existir, o que é o último estádio da evolução. Mas enquanto habitou a carne do Gautama, permitiu que outros criassem a sangha com o fim de aliviar, para os poucos eleitos, alguma da dor da vida.
Ao princípio só os homens podiam ser admitidos na ordem. Mas então Ananda persuadiu o Buda de que também as mulheres deviam ser admitidas. Elas viveriam nas suas próprias comunidades e seguiriam a via óctupla. Embora condescendesse, o certo é que o Buda disse uma piada muito citada pelos misóginos. "Ananda, se a ordem tivesse sido constituída apenas por homens, teria durado mil anos. Agora que foram admitidas as mulheres, durará apenas quinhentos anos." Em qualquer dos casos, suspeito que tenha sido inadvertidamente optimista.
Com a estação das chuvas a chegar ao fim, acompanhei o príncipe Jeta ao parque que terá ou não terá sido vendido ao mercador Anathapindika para uso do Buda. Vivem lá quinhentos monges, discípulos, admiradores. Muitos dos ascetas dormem fora de portas, enquanto os peregrinos vivem em hospedarias e os membros da ordem estão alojados num grande edifício com telhado de colmo. Não muito longe deste mosteiro foi erigida uma cabana de madeira numa plataforma baixa. Aí, numa esteira, estava sentado o Buda. Como a cabana foi feita sem janelas, ele vivia à vista do mundo.
Sariputra deu-nos as boas-vindas ao mosteiro. Tinha um andar de rapaz, com passos saltitantes. Não trazia guarda-chuva. A chuva morna parecia nunca o incomodar. - Tens sorte. Tathagata está com disposição para falar. Ficamos contentes por tua causa. Desde a lua cheia que ele se mantém silencioso. Mas hoje não -. Sariputra deu-me uma palmadinha no braço. - Disse-lhe quem tu eras.
Como se esperasse que lhe perguntasse o que o Buda dissera sobre o embaixador persa, ficou desapontado. Eu mostrei-me cerimonioso : - Estou ansioso por este encontro -. Utilizei a palavra upa-nishad, que quer dizer não só um encontro mas também uma discussão séria sobre assuntos espirituais.
Sariputra escoltou-nos, a mim e ao príncipe Jeta, até ao pavilhão que fora construído numa plataforma a que davam acesso oito degraus baixos - um por

cada parte da via óctupla? No primeiro degrau, um homem alto e de forte compleição cumprimentou Sariputra, que no-lo apresentou: - Este é Fan Ch'ih. Veio do Catai aprender com o Buda.

- Não é possível não aprender com o Buda -. Fan Ch'ih falava o dialecto koshalano ainda melhor do que eu, apesar de a pronúncia ser bastante pior. Uma vez que eu e Fan Ch'ih viríamos a ser amigos íntimos, referirei aqui apenas que ele não tinha vindo à índia aprender com o Buda; estava numa missão comercial de uma pequena nação do sudeste do Catai. Mais tarde disse-me que viera ao parque naquele dia a fim de conhecer o embaixador persa. Era tão fascinado pela Pérsia como eu pelo Catai.
Subimos os degraus atrás de Sariputra e entrámos na cabana, onde todos os que estavam sentados se ergueram para nos cumprimentar, menos o Buda, que permaneceu sentado na sua esteira. Vi por que razão lhe chamavam o dourado. Ele era tão amarelo como um nativo do Catai. Não só não era Ariano como também não era Drávida. Obviamente, uma tribo do Catai transpusera os Himalaias para dar origem ao clã dos Gautama.
O Buda era pequeno, esbelto, flexível. Estava sentado muito direito, sobre as pernas cruzadas. Os olhos rasgados eram tão estreitos que não se via se estavam abertos ou fechados. Alguém descreveu os olhos do Buda como sendo tão luminosos como o céu nocturno no Verão. Não sei. Na verdade nunca lhos vi. Umas sobrancelhas claras e arqueadas uniam-se a tal ponto que tinha um tufo de cabelos na junção. Na índia isto é considerado uma marca de divindade.
A carne do velho era enrugada mas lustrosa de boa saúde, e o crânio calvo brilhava como alabastro amarelo. Havia um odor de sândalo à sua volta, que me chocou como menos do que ascético. Durante o tempo em que estive com ele, raramente mexeu quer a cabeça quer o corpo. De vez em quando fazia um gesto com a mão direita. A voz do Buda era baixa e agradável e parecia sair-lhe sem esforço de respiração. De facto, por algum mistério, parecia nem sequer respirar. Inclinei-me profundamente perante ele. Ele fez-me sinal para me sentar. Proferi um discurso preparado. Quando acabei, o Buda sorriu. Foi tudo. Não se incomodou em responder-me. Seguiu-se um momento embaraçado.
Então um jovem perguntou: - Oh Tathagata, és de opinião que o Mundo é eterno e todas as outras opiniões falsas?
- Não, filho, não sou da opinião que o Mundo seja eterno e todas as outras opiniões falsas.
- Então, és de opinião que o Mundo não é eterno e todas as outras opiniões são falsas?
- Não, filho, não sou de opinião que o Mundo não seja eterno e todas as outras

opiniões falsas.
289
O jovem então perguntou ao Buda se o cosmos era finito ou infinito, se o corpo era ou não semelhante à alma, se um santo existe ou não depois da morte, e assim por diante. A cada pergunta o Buda deu ao jovem a mesma resposta ou não-resposta que tinha dado à pergunta sobre se o Mundo era eterno. Por fim o jovem perguntou: - Que objecção faz então Tathagata a cada uma dessas três teorias já que não adoptou nenhuma delas?
- Porque, filho, a teoria de que o Mundo é eterno é uma selva, uma desolação, um teatro de marionetes, uma violência e uma cadeia para sempre ligada à miséria, à dor, ao desespero e à agonia... essa teoria não contribui para a aversão, a ausência de desejo, a cessação, a quiescência, o conhecimento, a suprema sabedoria e o nirvana.
- Essa é a resposta de Tathagata a cada pergunta?
O Buda fez que sim. - Esta é a objecção que faço a essas teorias aparentemente conflituosas e esta é a razão por que não adoptei nenhuma delas.
- Mas Tathagata tem alguma teoria sua?
Houve um silêncio. Devo confessar que o sangue me tinha subido de repente ao rosto e senti-me como com febre. Queria desesperadamente saber a resposta ou não-resposta.
- O Buda é livre de todas as teorias -. A voz era branda. Os olhos pareciam não estar a olhar para nós mas para um mundo ou não-mundo que nós não podíamos abarcar. - Há coisas, evidentemente, que eu sei. Sei a natureza da matéria. Sei como as coisas chegam à existência e sei como perecem. Sei a natureza da sensação. Sei como é que a sensação vem e como vai. Sei como começa a percepção e como acaba. Como a consciência começa e como pára. Porque sei estas coisas fui capaz de me libertar de todas as ligações, o eu foi-se, desistiu, cedeu o seu lugar.
- Mas Tathagata, tu... o sacerdote que está num estado como o
teu, renasceu?
- Dizer que ele renasceu é incorrecto.
- Quer isso dizer que não renasceu?
- Isso também é incorrecto.
- Então ele renasceu e ao mesmo tempo não renasceu?
- Não. A simultaneidade é incorrecta.
- Estou confuso, Tathagata. Ou ele é uma coisa ou outra ou mesmo as duas coisas ao mesmo tempo, e contudo...
- Basta, filho. Estás confuso porque muitas vezes não te é possível veres o que está certo à tua frente porque estás a olhar na direcção errada. Deixa-me fazer-te

uma pergunta. Se um fogo estivesse a arder à tua frente, repararias nele?
290
- Sim, Tathagata.
- Se o fogo se apagasse, repararias?
- Sim, Tathagata.
- Ora muito bem, quando o fogo se apaga, para onde vai? Para leste? Para oeste? Para norte? Para sul?
- Mas a pergunta não tem sentido, Tathagata. Quando um fogo se apaga por falta de combustível, bom... acabou, extinguiu-se.
- Não respondeste à tua própria pergunta sobre se um homem santo renasceu ou não renasceu. A pergunta não se põe. Tal como o fogo que se apaga por falta de combustível para arder, ele acabou, extinguiu-se.
- Estou a ver -, disse o jovem. - Compreendo.
- Talvez comeces a compreender.
O Buda olhou na minha direcção. Não posso dizer que tenha olhado para mim. - Temos esta discussão muitas vezes -, disse. - E sirvo-me sempre da imagem do fogo pois parece fácil de compreender.
Fez-se um longo silêncio.
De repente Sariputra anunciou: - Tudo o que é sujeito à causalidade é uma miragem -. Fez-se outro silêncio. Nesta altura já eu tinha esquecido todas as perguntas que pretendia fazer. Tal como o fogo proverbial, a minha mente tinha-se apagado.
O príncipe Jeta falou por mim: - Tathagata, o embaixador do Grande Rei da Pérsia tem curiosidade em saber como foi criado o Mundo.
O Buda voltou aqueles olhos estranhamente cegos para mim. Depois sorriu. - Talvez - disse - tu gostasses de me dizer como foi -. Os dentes do Buda eram manchados e amarelos, desconcertantemente parecidos com presas.
Não sei o que disse. Suponho que lhe tenha descrito a criação simultânea do bem e do mal. Repetido as doutrinas do meu avô. Observado aqueles olhos estreitos que estavam apontados - não há outro verbo - na minha direcção.
Quando acabei, o Buda deu uma resposta educada: - Como nunca ninguém pode ter a certeza se a sua teoria da criação é ou não a correcta, é absolutamente impossível que essa pessoa saiba se a teoria doutra pessoa está errada -. Deste modo encerrou o único assunto importante que existe.
O silêncio seguinte foi o mais longo de todos. Eu pus-me a ouvir o som da chuva no telhado de colmo, do vento nas árvores, dos monges cantando no mosteiro próximo.
291
Por fim lembrei-me de uma das muitas perguntas que tencionava fazer-lhe: -

Diz-me, Buda, se a vida neste Mundo é um mal, então por que é que o Mundo existe!
O Buda olhou para mim fixamente. Penso que desta vez deve ter-me visto realmente, ainda que a luz no interior da cabana fosse agora tão pouco e tão verde como a água de um poço quando abrimos os olhos debaixo de água.
- O Mundo está cheio de dor, sofrimento, mal. Esta é a primeira verdade -, disse ele. - Alcança esta verdade e as outras serão evidentes. Segue a via óctupla e...
- ... e o nirvana poderá extinguir ou não o eu -. Ouviu-se um ah abafado dos presentes. Eu tinha interrompido o Buda. Apesar de tudo, persisti na minha grosseria. - Mas a minha pergunta é: quem ou o quê faz um mundo cuja única razão é, segundo tu, causar dor inútil?
O Buda condescendeu: - Meu filho, suponhamos que estiveste a combater numa batalha. Foste atingido por uma seta envenenada. Sofres. Tens febre. Receias a morte... e a próxima encarnação. Eu estou por ali perto. Sou um cirurgião experiente. Que é que me pedes que eu faça?
- Que tires a seta.
- Imediatamente?
- Imediatamente.
- Não quererias saber de quem era o arco que disparou a seta?
- Ficaria curioso, claro -. Vi a direcção que ele estava a tomar.
- Mas quererias saber antes de eu tirar a seta se o archeiro era alto ou baixo, guerreiro ou escravo, bonito ou feio?
- Não, mas...
- Então, isto é tudo quanto a via óctupla te pode oferecer. A libertação da dor da seta e um antídoto para o veneno que é este Mundo.
- Mas uma vez retirada a seta e eu curado, podia ainda querer saber de quem era a seta que me feriu.
- Se tiveres seguido com verdade a via, a pergunta será imaterial. Terás visto que esta vida é um sonho, uma miragem, uma coisa produzida pelo eu. E quando o eu se vai, vai-se.
- Tu és Tathagata... aquele que vai e se foi e vem outra vez. Quando estás aqui, estás aqui. Mas quando vais, para onde vais?
- Vou para onde vai o fogo quando se apaga. Meu filho, não há palavras que definam o nirvana. Não tentes agarrar com uma rede de frases familiares aquilo que existe e não existe. Por fim, mesmo a contemplação da ideia do nirvana é uma prova de que ainda se está no lado mais próximo do rio. Aqueles que alcançam esse estado não tentam nomear o que é inominável. Entretanto,

tiremos a seta. Curemos a carne. Saíamos a dar uma volta, se pudermos, na barca

que vai para o lado mais afastado. Deste modo seguimos a via intermédia. É esta a via certa? -. O sorriso do Buda era quase visível no crepúsculo. Depois disse: - Tal como o espaço do Universo está preenchido por incontáveis rodas de estrelas de fogo, a sabedoria que transcende esta vida é abissalmente profunda.
- É difícil de compreender, Tathagata - disse Sariputra - mesmo para aqueles que estão acordados.
- Razão essa pela qual, Sariputra, nunca ninguém a poderá compreender através do acordar.
Os dois velhos riram-se à gargalhada com o que obviamente era uma piada entre eles.
Não me lembro de mais nada daquele encontro com o Buda. Penso que antes de deixarmos o parque, visitámos o mosteiro. Creio que foi então que me encontrei com Ananda pela primeira vez. Ananda era um homem baixo cujo trabalho de toda a sua vida era aprender de cor tudo quanto o Buda tinha dito e feito. Lembro-me realmente de perguntar ao príncipe Jeta se o Buda me tinha dito alguma coisa que não tivesse dito já um milhar de vezes antes.
- Não. Ele usa sempre as mesmas imagens. A única coisa nova... para mim... foi o paradoxo sobre o acordar.
- Mas não era novo para Sariputra.
- Bom, Sariputra vê-o mais do que qualquer outra pessoa e eles dizem um ao outro piadas complicadas. Riem-se muito os dois. Não sei de quê. Embora eu seja suficientemente avançado para poder sorrir-me deste Mundo, ainda não posso rir-me dele.
- Mas por que é que ele é tão indiferente à ideia da criação?
- É porque ele pensa que a criação é, literalmente, imaterial. A tarefa humana suprema é desmaterializar o eu. No caso dele, ele conseguiu-o. Agora construiu a roda da doutrina que os outros porão em movimento o melhor que puderem. Ele veio... e foi-se.
Demócrito acha estas ideias mais fáceis de compreender do que eu. Posso aceitar a ideia de que toda a criação está em fluxo e que o que nós tomamos pelo Mundo real é uma espécie de sonho fugaz, percebido por cada um de nós de uma maneira que difere da dos outros todos, bem como da própria coisa. Mas a ausência de divindade, de origem e de término, de bem em conflito com o mal... A ausência de finalidade, por fim, torna as verdades do Buda demasiado estranhas para eu as aceitar.

Na última semana da estação das chuvas, o rio transbordou. As águas amarelas subiram, cobriram os cais, derrubaram a paliçada de madeira, inundaram parcialmente a cidade.
Aqueles que tinham casas altas como o príncipe Jeta mudaram-se simplesmente para os andares superiores. Mas aqueles cujas casas tinham um só andar foram forçados a mudar-se para os telhados. Felizmente, o recinto do palácio ficava num terreno ligeiramente mais elevado que o resto da cidade e os meus aposentos foram inundados só até altura do tornozelo.
No segundo dia das cheias estava eu a jantar com Caraka e Fan Ch'ih. De repente a nossa refeição foi interrompida por uma série de toques de búzio. Então ouvimos os sons agourentos de metal a bater contra metal. Como as inundações e a desobediência civil andam a par na índia, concluímos que os que tinham sido desalojados pelo rio tinham atacado de repente o palácio.
Acompanhados por guardas persas, corremos para o palácio. Lembro-me de como o vento quente nos lançava a chuva contra os olhos. Lembro-me de como por baixo dos pés a lama era escorregadia. Lembro-me da nossa surpresa quando descobrimos que a entrada do jardim para o palácio estava desguarnecida.
De espadas desembainhadas, entrámos no vestíbulo, com água até à cinta. Embora não se visse ninguém, ouvíamos gritos noutras partes do edifício. À entrada da sala de recepções vimos uma coisa espantosa. Os guardas do rei combatiam uns contra os outros - mas com movimentos lentos porque a água tolhia-lhes os movimentos. Enquanto observávamos esta estranha batalha de sonho, as portas da sala escancararam-se e uma fila de lanceiros apareceu no limiar, de armas baixas para o ataque. Em silêncio o combate cessou. Em silêncio, o rei Bimbisara apareceu à porta; tinha uma comprida corrente à volta do pescoço, que um oficial da sua própria guarda segurava na mão. No silêncio aquoso, o tilintar ritmado da cadeia do rei criava aquela espécie de música áspera de que os deuses védicos tanto gostam.
Quando o rei passou por nós eu curvei-me. Mas ele não me viu. De facto ninguém prestou a menor atenção à embaixada persa. Logo que o rei deixou se ver, dirigi-me para a porta da sala de recepções e vi uma dúzia de soldados mortos a flutuar na água amarela raiada de vermelho. Na outra ponta da sala, o trono tinha sido

derrubado e vários homens tentavam colocá-lo outra vez no palanque. Um dos homens era Virudhaka.
Quando Virudhaka me viu, deixou aos outros a tarefa de endireitar a cadeira de prata. Caminhou lentamente para mim, limpando a cara a uma ponta do manto molhado. Lembro-me de pensar como era bizarro que um homem encharcado

em sangue e água do rio quisesse secar a cara suada com um pano molhado.
- Como vês, Senhor Embaixador, não estamos preparados para formalidades.
Dobrei um joelho. Já tinha visto o suficiente para saber o que se esperava de mim. - Que os deuses concedam uma longa vida ao rei Virudhaka.
Caraka e Fan Ch'ih entoaram o mesmo piedoso voto.
A resposta de Virudhaka foi grave: - Farei o possível para me provar digno do que os deuses me deram neste dia.
Ouviu-se um estrondo ao mesmo tempo que o trono voltava a escorregar do estrado. De qualquer modo, não era o melhor começo para um reinado.
- Há alguns anos que o desejo do meu pai era abdicar -, disse Virudhaka com suavidade. - Hoje de manhã mandou chamar-me e implorou-me que o deixasse render o fardo deste Mundo. E assim, hoje, por sua insistência, concedi-lhe, como bom filho, o seu desejo e tomei o seu lugar.
Obviamente a insistência do Buda de que este Mundo é um sonho tinha tido efeito não só em Virudhaka como em toda a corte. Nunca ninguém se referiu, pelo menos na minha presença, ao derrube sangrento de Pasenadi. Nas poucas ocasiões em que o seu nome foi mencionado, disse-se que ele tinha ido para um, há muito desejado, retiro na floresta. Dizia-se que ele estava perfeitamente contente; havia mesmo rumores de que tinha atingido o nirvana.
Na realidade, nesse mesmo dia Pasenadi foi esquartejado e feito em bocadinhos pequenos que foram oferecidos como sacrifício ao deus do rio. Como o rio regressou imediatamente às suas margens, o sacrifício foi claramente aceite.
Não muito depois, encontrei o príncipe Jeta numa rua movimentada cujo ar tinha tanto pó de lama seca do rio que éramos obrigados a tapar a cara com panos molhados e a respirar o menos possível.
Enquanto andávamos para a praça das caravanas, o príncipe Jeta disse: - Pasenadi estava sempre a prometer que se ia embora mas no último momento mudava de opinião. "Mais um mês", dizia. Está visto que ficou um mês a mais.

- Pois. Mas ele era tão velho. Por que é que ele... não esperou? -. Na índia é sempre boa ideia substituir os nomes por pronomes.
- Por medo. Ele é um homem devoto e, ainda que para ele fosse claro que o pai estava a destruir Koshala, estava disposto a esperar. Mas quando Ájatashatru tomou o poder em Magadha, sabia que iria haver guerra. De modo que fez o que tinha a fazer, para salvar o que resta do reino.
Parámos numa barraca cheia de louças vidradas do Catai, de aspecto esquisito, recentemente introduzidas por Fan Ch'ih. - Aprovas o que ele fez?
- O príncipe Jeta suspirou: - Como posso aprovar? Sou Budista. Acredito que não se deve molestar nenhum ser vivo. Aliás, o... morto era um meu amigo

velho. Mas - (ociosamente o príncipe Jeta apontou para uma peça de cerâmica com cabeça de dragão) - dizem-me que há muitas criaturas como esta no Catai.
- Foi o que me disse Fan Ch'ih. O melhor remédio é feito com osso de dragão -. Esperava uma resposta à minha pergunta.
O príncipe Jeta comprou a terrina. - Se alguém pode salvar este país de Ájatashatru, é o novo rei -, disse.
- Qual foi a reacção do Buda?
- O Buda riu-se... como um leão.
- Não tem compaixão.
- Como pode tê-la? Ele veio e foi-se. Os reis são simplesmente um elemento deste teatro de marionetes que prende a atenção a que o homem perfeito já não assiste.
Durante a estação quente, Ambalika chegou a Rajagriha com o nosso filho. O príncipe Jeta ofereceu à neta e ao bisneto uma ala da mansão do rio e eu mudei-me para lá. Entretanto tinha chegado uma mensagem de Susa, via Taxila. O Grande Rei acusava-me de ter pago demasiado pelo carregamento de ferro, mas como eu tinha reaberto a antiga rota entre a Pérsia e Magadha, ele estava mais do que satisfeito com o seu escravo e eu era já um herói na corte, pelo menos era o que se depreendia da carta do chanceler para o Oriente. Deveria regressar imediatamente.
Cuidadosamente fiz os meus planos. Mandei Caraka para Rajagriha, onde agiria como agente comercial do Grande Rei. Além disso deveria preparar uma segunda caravana de ferro de Magadha, a um preço mais razoável do que o que eu tinha negociado. Ambalika e o nosso filho permaneceriam em Shravasti até eu mandar buscá-los ou regressar.

Para surpresa e satisfação de todos, a guerra entre Magadha e Koshala não teve lugar. Embora tivesse enviado soldados para Varanasi, Ájatashatru não tentou tomar a cidade. Entretanto Virudhaka não conduziu o exército koshalano para sul, para a cidade sitiada de Varanasi, mas para leste, para a república de Shakya. Numa questão de dias a república caiu e o seu território foi absorvido por Koshala. A federação das repúblicas estava agora em pé de guerra.
De um modo geral eu estava contente por voltar para a Pérsia, onde as batalhas têm lugar a uma distância considerável de Susa e o supremo crime de parricídio é virtualmente desconhecido entre os nossos Arianos. Embora para mim fosse curiosamente abominável que os dois reis arianos mais poderosos da índia fossem assassinados pelos seus filhos, o príncipe Jeta não parecia absolutamente nada perturbado. - Temos um velho ditado que diz: "Os príncipes, como os caranguejos, comem os próprios pais" -. Em última análise, a minha embaixada

aos reinos da índia tinha sido marcada da forma mais sangrenta pelo signo astrológico do caranguejo.
Do ponto de vista prático achei Virudhaka muito mais fácil de tratar do que o pai. Quanto mais não fosse, ele era um soberbo administrador e passado pouco tempo Koshala era outra vez o que devia ter sido naqueles tempos gloriosos de que todos gostavam de me contar. Mas o que é certo é que nunca visitei nenhuma cidade do Mundo onde não me dissessem que acabava de perder a sua idade de ouro. Parece que nunca chego a tempo.
Fui convidado de honra na coroação de Virudhaka, um ritual antigo que teve lugar num terreiro de feira fora da cidade. Não me lembro de muito das complicadas cerimónias, salvo que pareceram ser um tanto à pressa.
Do que me lembro realmente é do momento mágico em que o novo rei deu três passos sobre uma pele de tigre, em imitação dos três passos que o deus Vishnu deu quando atravessou a criação e encheu o Universo de luz. Ananda diz que o Buda fez a mesma coisa pouco depois da sua iluminação. Mas tanto quanto posso dizer, o próprio Buda parece nunca ter mencionado este regresso notável ao Universo a ninguém a não ser a Ananda. Fiquei com a impressão, talvez errada, de que o Buda não era dado a esses gestos tão exagerados.
Embora Virudhaka tivesse pedido ao Buda para que assistisse à sua investidura, o perfeito achou melhor sair de Shravasti na noite anterior. Foi visto pela última vez na estrada para a terra dos Shakyas. Mais tarde disse-se que o Buda sabia que o rei tencionava atacar o seu país natal e que queria estar com o seu próprio povo quando

a guerra começasse. Mas anos mais tarde, quando perguntei ao príncipe Jeta se esta teoria era verdadeira, ele abanou a cabeça. - Ao Buda tanto lhe fazia. Todas as tentativas de o envolver na política falharam. No fundo, ele ria-se do teatro de marionetes. É verdade que os Shakyas pensaram que ele pudesse ajudá-los a salvarem-se porque ele parecia aprovar a sangha deles. Talvez aprovasse. Mas não era a sangha shakyana mas a budista o que lhe interessava... se alguma coisa lhe interessava.
Esta conversa teve lugar durante a minha última visita à índia. Com sorte que baste, Demócrito, tu viverás o bastante para dizeres de alguma coisa que é a última e saberes com certeza que o que disseste é a simples verdade. Nunca mais voltarei a ver papagaios escarlates, tigres de olhos amarelos, loucos vestidos de espaço. Nunca mais voltarei a viajar por aquela terra plana e escaldante onde rios claros e rápidos sobem e descem, e há sempre uma travessia a fazer.
- Por que razão atacou Virudhaka os Shakyas?
Ao princípio o príncipe Jeta deu-me a razão oficial: - Ele desejava vingar o

insulto feito ao pai. Como arhat, Pasenadi foi obrigado a perdoar aos Shakyanos o terem-lhe enviado uma prostituta como esposa. Como guerreiro, Virudhaka nunca poderia perdoar
este insulto.
- Mas deve ter havido outra razão -. Nunca aceito a razão oficial de nada. Na segunda sala da chancelaria de Susa, eu próprio inventei de uma ponta à outra demasiados pretextos nobres para acções necessárias ainda que feias.
- Virudhaka temia as repúblicas tanto como Ajatashatru. Suponho que pensava que, se as destruísse, seria ainda mais poderoso que o seu primo. Quem sabe? Virudhaka não teve sorte.
Mas no dia da coroação Virudhaka parecia ter a bênção do Céu. Se por outra coisa não fosse, logo a seguir a ter dado o último dos passos em cima da pele do tigre, todos os deuses desceram do Céu e subiram do Inferno para o cumprimentar e as multidões aclamaram este espectáculo encantador.
- Aí vem Vishnu -, disse o príncipe Jeta. - É sempre o primeiro a chegar.
Com o dobro do tamanho de um homem normal, o deus Vishnu pairou por cima das cabeças da populaça excitada. O belo rosto do deus era azul-negro e ele trazia um alto toucado sofisticado. Numa mão tinha um lótus, como o Grande Rei. Na outra um búzio. Fiquei aliviado por ele ter preferido não usar os outros dois braços nesse dia. Enquanto Vishnu caminhava lentamente para a pele do tigre onde Virudhaka estava, o povo prostrou-se no chão. Muitas pessoas

rastejaram para ele, para tocarem uma fímbria da sua veste. De repente o terreiro pareceu encher-se de cobras com cabeça humana. Logo por trás de Vishnu estava a sua esposa Lakshmi. Os mamilos da deusa tinham sido pintados de vermelhão e a pele dourada brilhava de ghee, tal como o fazem as suas estátuas às portas da cidade. Quando os dois supremos deuses adornaram Virudhaka com grinaldas, a multidão em êxtase começou a uivar e a dançar como os Magos bêbedos de haoma.
- Quem na Terra são estes? - perguntei ao príncipe Jeta.
- Na Terra como no Céu são os deuses dos Arianos! -. Ele divertia-se com a minha admiração.
Caraka riu-se também: - O teu Vishnu está há muito tempo na índia -, disse ele para o príncipe Jeta. - É da mesma cor que um dos nossos velhos deuses.
- Estou certo de que todos eles são aparentados -. A polidez do príncipe Jeta exigia uma mudança de assunto. - Naturalmente esta é uma ocasião muito rara. Só uma vez ou duas numa geração um rei convoca todos os deuses para o seu lado -. Enquanto o príncipe Jeta falava, o rosto maligno e vermelho de Indra materializou-se no outro extremo do terreiro. Numa mão trazia um raio, na outra

um frasco de soma, do qual ia bebendo. Perto, toda de preto, de olhos em brasa, estava Agni, num carro puxado por cavalos vermelhos de fogo.
Brilhantemente, sobrenaturalmente, surgindo de todas as direcções, os deuses védicos convergiam solenemente para o rei Virudhaka.
O príncipe Jeta não estava inteiramente certo de qual fosse a minha reacção. Nem eu, até hoje. Acreditei, por um instante que os deuses estavam realmente presentes? É possível. O que é certo é que a representação inspirava terror. Mas era apenas uma representação, como me garantiu o príncipe Jeta: - Os deuses - disse ele - estão a ser impersonados por actores.
- Mas estes actores são gigantes!
- Cada deus é na verdade dois actores. Um senta-se nos ombros do outro e as roupas cobrem os dois. O efeito é convincente, não é?
- E assustador -. Sentia-me como num sonho de haoma. O povo acredita mesmo que estes são os seus deuses?
O príncipe Jeta encolheu os ombros. - Alguns sim. Outros não.
- A maioria acredita -, disse Caraka. Voltou-se para o príncipe Jeta: - Vós, Arianos, copiastes esta ideia de nós. No Ano Novo, quando nosso povo vai aos templos fazer sacrifícios, todos os deuses

aparecem. Ameaçam o povo com a peste e a fome. De modo que para evitar o desastre, os sacerdotes do templo pedem ao povo uma contribuição para o templo. Se os deuses-actores fazem uma representação realmente boa, as receitas do templo podem dobrar.
- Nesse caso, foi Brama ou um par de actores que veio ver o Buda no parque dos veados? - provoquei o príncipe Jeta.
- Não sei. Não estive lá - A resposta foi serena. - Mas a verdade é que nem o Buda lá estava, dado que já estava extinto. De modo que Brama... ou o seu duplo... perdeu o seu tempo.
Devo confessar que aquelas divindades enormes que ocupavam todo o terreiro apinhado de gente me perturbaram muito. De certo modo, todos os principais demónios do meu avô estavam a ser impersonados e eu vi como podia ser um inferno zoroastrista.
Mas Ambalika divertiu-se imenso; - Parecem tão reais! O que é tão bom como serem reais, não é? -. Ela assistira à coroação no séquito da rainha velha. Ambalika estava um tanto mais cheia de corpo do que era antes de o meu filho nascer. - Não estou pesada demais para o teu gosto, pois não? -. Este foi o seu cumprimento quando a recebi às portas da cidade. Num momento de falta de tacto, uma vez tinha-me queixado a ela de que toda a gente da corte de Magadha era demasiado gorda, incluindo eu próprio. Em três anos quase dobrara de peso.

- Não. Assim estás perfeita.
- Se não estou, diz-me -. Estávamos no jardim principal da
casa do príncipe Jeta.
- Está bem -. Eu estava completamente encantado com Ambalika. Disse-lho.
- Então deixas-me ir para Susa?
- Se puder.
- Porque tenho a certeza de que nunca mais voltarás aqui -. Ambalika tinha uma expressão triste mas parecia alegre.
Disse-lhe que tinha a certeza de voltar pela simples razão de que "vai haver mais comércio entre a Pérsia e Magadha. E também com Koshala".
Isto provou-se ser verdade. De facto, antes de eu deixar Shravasti, fui abordado por todos os mercadores importantes da cidade. Todos eles queriam concessões comerciais especiais. Embora recusasse várias fortunas em subornos, acabei por aceitar um adiantamento da parte da guilda dos oleiros, na forma de um empréstimo sem juros. O empréstimo seria pago pela associação se eu conseguisse que as importações persas de cerâmicas indianas não fossem taxadas. Fiz este acordo de modo a que Ambalika e os meus filhos - ela estava novamente grávida
300
- tivessem um amparo no caso de o príncipe Jeta morrer ou cair em desgraça.
Naturalmente partia do princípio que quando voltasse a ver a minha mulher e os meus filhos, viria na companhia do senhor de toda a índia, Dário, o Grande Rei.
No Outono desse ano, juntei-me a uma caravana com destino ao Ocidente. Além dos meus guardas pessoais era acompanhado por Fan Ch'ih. Todos os outros membros da sua primitiva expedição tinham sido mortos ou morreram de febre ou tinham voltado para casa.
O povo do Catai não gosta de viajar -. Fan Ch'ih fez o seu constante mas nunca fastidioso sorriso. - Como o Catai é o Mundo, porquê ir a outro sítio?
- Os Persas pensam o mesmo.
Dado que os dias eram secos e frescos, íamos a cavalo. De facto, o tempo estava tão esplêndido que éramos perfeitamente felizes por sermos jovens e estarmos vivos - no fundo, uma sensação rara.
Durante a nossa jornada para Ocidente aprendi muita coisa sobre o Catai, que narrarei a seu tempo. Esperava impressionar Fan Ch'ih com os esplendores do império persa. Em vez disso ele é que me impressionou com a magnificência - alegada, é claro - do mundo cataio, onde uma vez há muito tempo tinha havido um só império conhecido como o Reino do Meio. Mas como acontece a todos os impérios, também este ruiu e hoje o Catai é composto por uma quantidade de Estados belicosos como a índia. Aliás, mais uma vez como a índia, estes Estados

não só estão constantemente em guerra uns com os outros como não há um duque ou um marquês ou um conde que, na sua fortaleza, não sonhe em tornar-se um dia senhor único de um novo Reino do Meio.
- Mas isso só pode acontecer se o governante... quem quer que ele seja... receba o mandato do Céu.
Lembro-me de ouvir esta frase pela primeira vez no mesmo momento em que vi, como um sonho, as torres de Taxila, à distância, na neblina violeta.
Habitualmente um viajante cheira uma cidade antes de a ver. Desta vez vimos primeiro as torres e só depois cheirámos o fumo das cozinhas.
- Nós chamamos ao mandato do Céu a terrível glória real -, disse eu. - Um dos nossos deuses demónios era o seu único concessor e só ele podia dar a glória a um governante, tal como só ele a Podia tirar. Agora sabemos que não é um deus demónio mas o Senhor da Sabedoria que concede ou retira a temível glória real.
- O Mestre K'ung diria que o concessor é o Céu, o que é a mesma coisa, não é?
301
Alguns anos depois disto viria a conhecer o Mestre K'ung e, de todos os homens que conheci, ele era o mais sábio. Tens a minha palavra, Demócrito. Não que tenhas muita escolha. Afinal, eu sou provavelmente o único homem do mundo ocidental que conheceu este extraordinário mestre.
Não, o Mestre K'ung - ou Confúcio, como também lhe chamam - não era como Protágoras. Confúcio não era esperto. Era sábio. Quando puder tentarei explicar a diferença entre estas duas coisas. Mas o meu melhor pode não ser o suficiente. Afinal, o grego é a língua do dissecador de evidências e do ganhador de discussões; não é a língua de Deus enquanto oposto aos deuses.
302

LIVRO CINCO

A Passagem da Terrível Glória Real

1

Cheguei a susa quatro anos menos três dias depois de ter embarcado na minha embaixada aos dezasseis reinos da índia, uma designação completamente errada mesmo já aquando da minha partida. Na planície gangética havia menos do que dezasseis reinos e nunca ninguém se incomodou a contar quantas nações existem no sul. A chancelaria concordou comigo em que futuramente os embaixadores seriam destinados apenas aos reis de Magadha e Koshala.
Embora a corte ainda estivesse em Susa, Dário tinha-se mudado para a

residência de Inverno em Babilónia. A chancelaria preparava-se para partir enquanto o harém tinha começado já a sua lenta viagem de carro para ocidente. Da família real apenas Xerxes estava em residência.
Durante a minha ausência a guerra do harém tinha terminado com a vitória incontestável de Atossa, como se alguma vez tivesse havido dúvidas. Salvo o lance de fazer de mim chefe dos Zoroastristas, ela quase nunca falhou em nada do que empreendeu. Tinha obrigado Dário a reconhecer Xerxes como seu herdeiro, que era o que importava.
Fui recebido pelo príncipe herdeiro nos seus aposentos pessoais. Quando me preparava para me prostrar, Xerxes agarrou-me com a mão esquerda e abraçámo-nos como irmãos.
Retrospectivamente vejo agora como éramos afortunados. Tanto um como o outro estávamos na força da vida. Infelizmente nem um nem outro tínhamos consciência disso. Eu estava cansado da

viagem. Xerxes estava cansado de Mardónio. Um homem nunca sabe quando está feliz; só é capaz de saber quando esteve feliz.
Bebíamos vinho de Helbon enquanto eu contava a Xerxes as minhas aventuras na índia. Ele ficou encantado: - Tenho de ser eu a comandar o exército! -. Os seus olhos cinzentos-claros luziam como os de um gato. - O Grande Rei está demasiado velho. Terá de me mandar a mim. Só que - as sobrancelhas que normalmente se uniam numa linha recta formaram agora uma ruga - não o fará. Mandará Mardónio.
- Podíeis ir os dois. E Mardónio serviria às tuas ordens.
- Se me deixassem ir - A luz dos olhos cinzentos apagou-se. - Ele consegue tudo. Eu, nada. Ele teve cem vitórias. Eu, nenhuma.
- Conquistaste Babilónia. Ou ias conquistá-la precisamente
quando eu parti.
- Debelei uma rebelião, mais nada. Mas quando pedi para ser feito rei de Babel como Cambises, o Grande Rei disse que não. Disse que era perfeitamente suficiente para mim administrar Babilónia, que é o que faço. Além disso construí um novo palácio, no qual me deixam ficar quando ele não está lá.
Nunca consegui saber ao certo se Xerxes gostava ou não do pai. Desconfio que não. O que é certo é que ficara ressentido com toda a confusão quanto à sucessão e tomava como insulto propositado o facto de nunca lhe ter sido dado nenhum comando militar fosse de que importância fosse. Contudo era absolutamente leal a Dário; e temia-o tanto como Dário temia Atossa.
- Por que é que estás aqui nesta época tão tardia? - perguntei-lhe. Em privado falávamos sempre directamente um com o outro, e olhávamo-nos nos olhos.

- Está frio, não está? -. A sala estava gelada. Não há mais nenhuma cidade em todo o Mundo com mudanças de tempo tão abruptas como Susa. O dia anterior tinha estado positivamente abafado. Contudo naquela mesma manhã, quando me desloquei do meu alojamento, na secção norte do palácio, para os aposentos de Xerxes, as taças ornamentais estavam cobertas com finas películas iridescentes de gelo da noite e o meu bafo pairava como fumo no ar luminoso. Compreendi por que razão Dário, entrado em anos, veio a detestar o tempo frio; ao primeiro sinal de geada, retirava-se para a cálida Babilónia.
- Sou o chefe dos pedreiros do Grande Rei -. Xerxes mostrou-me as mãos. As unhas curtas tinham cimento. - Ele ficou tão agradado com o palácio que construí em Babilónia... para mim e não para ele... que me encarregou de acabar este aqui. Além disso

deu-me carta branca em relação a Persépolis. De modo que não faço outra coisa senão construir. É só gastar e gastar. Substituí a maior parte dos construtores egípcios por Gregos jónicos. São os melhores a trabalhar a pedra. Consegui arranjar inclusive alguns dos teus Indianos como entalhadores. Acumulei tudo, menos dinheiro. Dário vai-o pingando, uma ovelha dele de cada vez. Creio que desde as guerras gregas nunca mais vi um archeiro.
Esta foi a primeira vez que ouvi o termo de calão archeiro, o nome que os Gregos dão à moeda de ouro que mostra Dário de coroa e empunhando um arco. Uma piada persa actual: "Não há Grego que resista a um archeiro persa."
Xerxes contou-me a sua versão do que aconteceu enquanto eu estive na índia. Digo a sua versão porque não existe tal coisa como um relato verdadeiro do que quer que seja. Cada um vê o Mundo a partir do seu ponto de vista. É escusado dizer que um trono não é o melhor sítio para se ver o que quer que seja, salvo as costas de homens prostrados.
- Ao fim de um longo cerco, Mileto caiu. Matámos os homens. Embarcámos as mulheres e as crianças aqui em Susa. O Grande Rei planeia instalá-las algures aqui perto, de modo que até lá ficámos com vários milhares de jovens e atraentíssimas Milesianas a viver no quartel velho. É só escolher. Já pararam com os choros e as lamúrias. De facto, instalei uma jovem viúva no meu harém. Ensina-me grego ou faz por isso. É esperta, como todas as Milesianas -. Esta esperta senhora era a tia de Aspásia.
Temos de manter isto secreto, Demócrito. Os Atenienses ostracizariam Péricles se soubessem que a mãe do seu filho ilegítimo é sobrinha da concubina do Grande Rei. Demócrito duvida que a assembleia tivesse a esperteza de descobrir a relação. Não teriam. Mas Tucídides teria.
Um vento frio fazia bater o toldo que ainda não tinha sido retirado para o

Inverno. Pelo pórtico aberto via folhas castanhas rodopiar. Pensei nos meus tempos de escola neste mesmo palácio e senti um arrepio; parecia sempre Inverno quando eu era uma criança em Susa.
- Depois de tomarmos Mileto, um grupo de Medos... quem mais podia ser?... incendiou o templo de Apolo em Didima e ardeu tudo, inclusive o oráculo. Então aquele idiota do Artafrenes enviou uma mensagem a todas as cidades gregas dizendo que o incêndio do templo era uma vingança pelo incêndio do templo de Cibele em Sardis.
- Mas não foi?

- Irmão da minha juventude, os sacerdotes de Apolo de Didima, os sacerdotes de Apolo de Delos, os sacerdotes de Apolo de Delfos são todos pagos pelo Grande Rei. Todos os anos ele lhes manda divisões de archeiros.
Demócrito quer saber se nós ainda pagamos ao oráculo grego de Delfos. Não, não pagamos. As guerras acabaram. Além disso, os sacerdotes aprenderam a lição. Hoje em dia os oráculos raramente fazem comentários de natureza política.
- Seja como for, o Grande Rei não tem feito outra coisa senão desculpar-se. Terá também de pagar a reconstrução do templo. O que quer dizer menos dinheiro para Persépolis -. Nesse tempo Xerxes era capaz de beber meia dúzia de jarros de vinho do Helbon sem mistura, de uma assentada, e sem problemas. Por outro lado, mesmo na minha juventude, eu misturava sempre o vinho com água... como um Grego.
Xerxes ordenou ao escanção que nos trouxesse mais vinho. Em seguida descreveu o fracasso da revolta da Caria. - Depois da queda de Mileto, isso foi o fim desses rústicos. Que mais houve? Histieus foi capturado e executado pelo idiota de Sardis, o que enfureceu o Grande Rei, pois gostava de Histieus e nunca lhe censurou nada da questão de Mileto. Mas, evidentemente, a acusação feita ao velho intriguista era de pirataria e não de traição, e a verdade é que nos últimos anos da sua vida ele era um pirata. A tua mãe ficou muito transtornada quando ele foi executado -. Xerxes achou sempre divertidas as intrigas da minha mãe.
- Eles já não eram amigos depois da rebelião de Mileto. Ou pelo menos assim me pareceu. Na verdade não sei -. Tive sempre o cuidado de me distanciar da facção grega.
- Só no sentido de que nunca mais voltaram a ver-se. Mas ainda eram muito chegados um ao outro -. Xerxes sorriu. - Eu sei -, disse, e evidentemente, sabia. Xerxes tinha uma dúzia de espiões no harém, ao contrário de Dário, que tendia a ignorar as intrigas do harém a menos que envolvessem Atossa. É escusado dizê-lo, mas Dário espiava-a constantemente e ela a ele. Eram como dois soberanos

vizinhos.
- Depois de Mileto, mandámos a frota subir a costa jónica. As cidades gregas renderam-se. Então a nossa frota... Fenícios na sua maioria... passou o estreito e o tirano do sítio ficou tão assustado que voltou para Atenas. Não vejo por que razão. Sendo um vassalo dos mais leais do Grande Rei, estava perfeitamente seguro. Agora é um traidor.
Assim foi, casualmente, Demócrito, que Xerxes se referiu a Miltíades,

um vassalo persa menor que, menos de três anos mais tarde, seria eleito supremo comandante pelos aliados gregos. Foi-lhe atribuído o mérito pela assim chamada vitória grega de Plataea. Demócrito informa-me que Miltíades não esteve em Plataea mas em Maratona. Pequenos pormenores como este são sem dúvida importantes para uma História grega. Esta é uma História persa.
- Então, na Primavera passada, Mardónio ficou com o comando tanto da frota como do exército -. Como Xerxes amava Mardónio como um irmão, o êxito de Mardónio tornava-se-lhe ainda mais insuportável.
- Em menos de seis meses Mardónio conquistou a Trácia e a Macedónia. Desde a conquista do Egipto por Cambises ninguém tinha acrescentado tanto território ao império. Para mim é uma sorte que ele seja sobrinho do Grande Rei e não filho.
- Por que não te são dadas as mesmas oportunidades?
Xerxes ergueu o braço direito, com a mão aberta, o gesto tradicional de homenagem ao Grande Rei em ocasiões formais. - A minha vida é demasiado valiosa, é o que eles dizem. Mas como é que hei-de ser Grande Rei se nunca fui à guerra? Oh, preciso de vitórias! Preciso de ser como Mardónio. Só... -. O braço de Xerxes abateu-se sobre a mesa. A mão aberta fechou-se num punho.
- A rainha Atossa?
- Sim. Graças a ela, sou o herdeiro. E graças a ela, sou menos que o meu primo, menos que os meus irmãos, menos do que tu.
- Mais do que eu és de certeza.
- Bom, sim, claro. Mas não fui à índia e tu foste. E devido a ti, estamos agora em posição de anexar um mundo inteiro. Bom, rezemos para que essa seja a minha obra. Rezemos também para que Dário deixe Mardónio continuar a combater os Gregos, que é o que Mardónio quer. Não vejo porquê. Não há nada no Ocidente que valha a pena.
- O Grande Rei não quer vingar o incêndio de Sardis?
- Qualquer um de cem generais pode fazê-lo. É só incendiar Atenas. É fácil. E inútil. Mas a índia! -. Xerxes sentia-se mais contente, devido ao vinho que bebera. Agarrou-me o braço; tinha os dedos duros pelo treino militar. - Quando

apresentares o teu relatório ao Grande Rei, diz-lhe que eu devo... bom, não, tu não podes dizer-lhe o que ele deve fazer, mas...
- Posso sugerir-lho. Também posso falar com a rainha Atossa. Não. Ela quer-me seguro, em Babilónia.
- Se ela pensasse que a conquista dos reinos indianos seria fácil, deixar-te-ia. Ela não é estúpida, para dizer o mínimo.

Xerxes serviu-se da ponta da adaga para limpar a argamassa da unha. - Ela podia ser útil. Não se sabe. Veremos -. Sorriu. - Se eu for, vais comigo.
Muito contentes, tramámos glórias, como jovens; um raro prazer negado aos velhos, que é quando todas as tramas se acabam, como a teia da aranha quando a aranha morre.
- Se tivermos sorte, teremos tudo a marchar antes de Mardónio se recompor e andar por aí -. Xerxes de repente cortou o polegar. O sangue vivo fez duas minúsculas pérolas vermelhas. Ele lambeu o sangue.
- Mardónio está doente?
- Foi ferido -. Xerxes tentou não se mostrar contente. - Fizeram-lhe uma emboscada no regresso da Macedónia. Os Trácios. Ficou com um tendão da perna cortado. De modo que agora anda por aí a mancar, cheio de queixas, apesar de se sentar todos os dias à mesa do Grande Rei. Senta-se à sua mão direita quando eu não estou presente e Dário dá-lhe de comer do seu próprio prato.
- Mas se está ferido é o fim da questão grega -. Eu fiz o melhor que podia para desviar a atenção de Xerxes sempre que ele começava a ruminar sobre a indiferença do pai em relação a ele. Mas, não, indiferença não é o termo exacto. Dário via Xerxes como um prolongamento de Atossa, a filha de Ciro; e Dário sentia-se não só inferiorizado pela mulher e pelo filho como também os temia. Voltarei dentro de pouco à razão de ser disto.
- Devia ser o fim. De facto não há mais nada para nós no Ocidente a não ser a ambição de Mardónio de ser sátrapa de todos os Gregos. Felizmente está incapacitado para uma campanha na Primavera. E eu não. Portanto, com um pouco de... boa fortuna - Xerxes utilizou a expressão grega - comandarei o exército persa na Primavera. E iremos para Oriente e não para Ocidente -. Em seguida Xerxes falou de mulheres. Achava o assunto infinitamente interessante. Quis saber tudo de Ambalika. Falei-lhe dela. Concordámos em que o meu filho devia ser educado na corte persa. Xerxes falou-me então da sua esposa principal, Amestris. - Sabes que foi escolhida por Atossa. Ao princípio eu não soube porquê.
- Por causa do dinheiro de Otanes, diria eu.

- Isso também pesou na escolha. Mas Atossa é mais profunda do que isso. Atossa escolheu Amestris porque Amestris é como ela -. Xerxes sorriu sem muito prazer. - Amestris estuda todas as contas. Administra a minha casa. Passa horas com os eunucos e tu sabes o que isso significa.
- É política?
310
- é política. Atossa quer ter a certeza de que quando morrer, haverá outra Atossa que cuide de mim. Naturalmente eu venero a minha mãe. Devido a ela é que sou o herdeiro.
- O neto primogénito de Ciro tinha de ser o herdeiro.
- Tenho dois irmãos mais novos -. Xerxes não precisava de dizer mais. O seu medo tinha sido sempre que fosse suplantado não por Artobazanes mas por um dos seus próprios irmãos reais. Afinal, quando Dário se tornou Grande Rei, ele tinha três irmãos mais velhos, um pai e um avô vivos. Reconhecidamente, esta situação anómala não costuma aparecer na História persa; ainda assim, ainda há muitos precedentes para a preterição do filho mais velho em favor doutro mais novo: prova-o o meu actual amo, Artaxerxes.
- Temos de te arranjar uma esposa persa -. Xerxes pôs de lado o perigoso assunto da sucessão. - Tens de te casar com uma das minhas irmãs.
- Não posso. Não pertenço a Os Seis.
- Não creio que a regra se aplique às filhas do rei. Perguntaremos aos juristas -. Xerxes acabou o último jarro de vinho. Bocejou de satisfação. - Os juristas terão também de escolher uma esposa para esse Indiano...?
- Ajatashatru.
- Xerxes sorriu. - Irei pessoalmente a esse casamento.
- Seria uma grande honra para a Magadha.
- Assistirei também ao funeral dele, uma honra ainda maior. No dia seguinte partimos de Susa debaixo de uma tempestade de
granizo. Depois da índia eu estava tão habituado ao mau tempo que para mim aquilo não era nenhum contratempo, mas Xerxes considerou sempre o mau tempo como um sinal da cólera dos céus e estava sempre a tentar encontrar maneira de punir a chuva ou o vento. - Qual é o interesse em ser-se senhor do Universo - costumava dizer - se não se pode ir à caça por causa de uma tempestade?
Eu tentava ensinar-lhe a serenidade, sem muita sorte. Uma vez até fui ao ponto de lhe descrever o Buda. Xerxes riu-se das quatro virtudes, nobres.
Fiquei irritado. Não sei porquê. Tinha achado o Buda frio como o gelo e até perigoso. Mas dificilmente se poderia encontrar defeitos naquelas virtudes, que são óbvias. - É assim tão engraçado?

- O teu Buda é. Não sabe ele que querer não querer ainda é querer? As verdades dele não são nobres. Nem sequer são verdadeiras. Ele não tem resposta para nada. Não há maneira de não se ser humano a não ser pela morte -. Xerxes era deste mundo, totalmente.
311
- A sudoeste da corda de colinas de arenito vermelho erodido que marca o limite natural da região de Susa, o tempo tornou-se morno e suave; e a disposição de Xerxes melhorou imediatamente. Quando chegámos a Babilónia nem ele era capaz de encontrar defeitos nas combinações dos céus.
Pouco depois da meia-noite chegámos às portas da cidade. Com tacto mas erradamente os guardas saudaram Xerxes como rei de Babel. Então, com um enorme ranger, os pesados portões de cedro abriram-se e entrámos na cidade adormecida. De ambos os lados da larga avenida que leva ao palácio novo as magras fogueiras de vides dos pobres brilhavam como estrelas caídas à Terra. Onde quer que estejamos, eles estão lá.

2

Como tinha explorado um mundo de que na corte ninguém jamais ouvira falar e muito menos vira, achava que o meu regresso iria causar bastante excitação e, de certa forma, esperava ser o centro das atenções. Como estava enganado! A corte é tudo quanto interessa à corte. A minha ausência não tinha sido notada e o meu regresso foi ignorado.
Por outro lado, o aspecto de Fan Ch'ih fazia rir as pessoas. Felizmente ele não se aborreceu com isso. - Eles também me parecem muito esquisitos -, disse serenamente. - Além disso cheiram muito mal... a ghee rançosa. Suponho que deve ser por terem tantos pelos no corpo. Parecem macacos -. Como os corpos dos homens amarelos do Catai são quase absolutamente desprovidos de pelos, o seu suor tem um cheiro muito curioso, a laranjas cozidas.
Apresentei-me à primeira sala da chancelaria. Nada ali tinha mudado. Fui mandado à segunda sala, onde os mesmos eunucos se sentavam às mesmas mesas compridas, pondo contas em dia, escrevendo cartas em nome do Grande Rei, conduzindo os fastidiosos assuntos do império. O facto de eu ter ido à índia não os interessou absolutamente nada. Um subcamareiro disse-me que em breve podia ser recebido em audiência privada pelo Grande Rei. Mas logo a seguir... A corte persa é eterna na sua imutabilidade.
Lais também não mudara. - Pareces mais velho - , disse ela. Depois abraçámo-nos. Como sempre, ela não me fez perguntas sobre mim. A índia também não lhe interessava. - Deves ir visitar o teu

velho amigo Mardónio. Já. Ele é o homem mais poderoso da corte -. Lais reagia ao poder como o pau de um vedor se dobra ao detectar a mínima humidade por baixo da terra. - Dário adora-o. Atossa está furiosa. Mas que pode ela fazer?
- Envenená-lo -, sugeri.
- Fá-lo-ia se pensasse que podia escapar impune. Mas tal como eu lhe digo constantemente, Mardónio não é uma verdadeira ameaça. Como podia sê-lo? Não é filho do Grande Rei. "Já antes herdaram sobrinhos", diz ela. Ela perdeu quatro dentes este ano. Caíram-lhe. Mas se não conseguires perceber o que ela diz, não lho dês a entender. Finge que percebeste todas as palavras. Ela é muito susceptível e detesta repetir as coisas. Gostas do palácio de Xerxes?
Estávamos no telhado do apartamento de Lais no palácio novo. A norte, logo a seguir ao zigurat, o edifício de Xerxes luzia em todo o seu esplendor dourado vidrado.
- Sim, o que vi dele. Ainda só estive na chancelaria.
- O interior é lindo. E confortável. Dário gosta tanto dele que o pobre Xerxes foi obrigado a mudar-se outra vez para aqui quando a corte está em Babilónia, o que é cada vez mais frequente -. Lais baixou a voz: - Ele envelheceu -. Lais lançou-me o seu olhar secreto de feiticeira. No mundo dela nada é natural. Se Dário envelheceu, não tinha sido pela acção natural do tempo mas devido a um encantamento mágico ou a uma poção.
Com um ruído de saias, o eunuco ancião de Lais apareceu à entrada da porta. Olhou para ela. Olhou para mim. Voltou a olhar para ela. Retirou-se. Os dois conheciam-se tão bem que comunicavam sem palavras ou sinais.
- Fiz um novo amigo -. Lais estava nervosa. - Espero que gostes tanto dele como eu.
- Gostei sempre dos teus Gregos. Este donde é? Esparta? Lais nunca gostou do facto de eu ser capaz de ver através dela
da mesma maneira que ela afirma ser capaz de ver através dos outros. Afinal, sou neto do homem mais santo que jamais existiu, além de filho de uma feiticeira. Tenho poderes recusados aos demais.
Demócrito pediu uma demonstração destes poderes. Estou a dar-te uma. A minha memória.
O grego não era muito mais velho do que eu. Mas também é verdade que a minha mãe não é muito mais velha do que eu. Era alto. Claro de cara e de olhos azul-dórico. Salvo as sandálias em vez de sapatos, vestia à persa e parecia muitíssimo desconfortável. Eu tinha acertado. Era Espartano. Como é que sabia? O cabelo ruivo escuro que lhe caía sobre os ombros nunca tinha sido lavado a não ser pela chuva.

- Demarato, filho de Ariston -. A voz de Lais soou reverente.
- Rei de Esparta.
- Ex-rei. Ex-filho de Ariston. Graças a Delfos.
- A profetiza foi afastada -. Lais falava como se tivesse sido ela própria responsável pela mudança.
- Tarde demais para mim. Na altura não fazia a mínima ideia do que eles estivessem a falar.
Mais tarde vim a saber, até de mais, sobre o chamado escândalo espartano, uma designação de certa forma pouco apropriada, se se considerar a quantidade de escândalos que há todos os anos em Esparta, geralmente envolvendo funcionários subornados. De todos os Gregos, os Espartanos são os mais loucos por archeiros.
A constituição espartana exige não um mas dois reis, uma disposição estúpida. Demarato desentendeu-se com o outro rei, Cleomenes, que comprou a profetiza de Delfos para dizer que Demarato não era filho de Ariston. Uma vez provada a ilegitimidade, Demarato deixava de ser rei. Hípias disse-nos, naquele dia no pavilhão de caça de Dário, que isso podia acontecer, mas não lhe deram atenção. O Grande Rei pensava que nem o oráculo de Delfos poderia provar quem era o pai de alguém passados tantos anos depois do acto. Mas o oráculo prevaleceu e, tal como qualquer outro rei, tirano ou general grego caído em desgraça, Demarato acorreu imediatamente a Susa, onde Dário o acolheu. Dário deu a Demarato terras na Tróade e fê-lo general.
Trocámos as amenidades habituais. Então, com a sensação de ter já vivido tudo aquilo antes com Histieus, disse: - E agora estás a tentar persuadir o Grande Rei a atacar Atenas na Primavera. Quando Atenas cair, também vais querer que o Grande Rei conquiste Esparta?
- Só Atenas -, respondeu Demarato. Reparei que os frios olhos azuis eram da mesma cor que os ladrilhos azuis vidrados da Porta de Ishtar mesmo à nossa frente. - O exército espartano é mais forte que o exército persa.
- Nenhum exército é mais forte que o do Grande Rei! - disse nervosamente Lais.
- Salvo o de Esparta -, disse Demarato. - Isto é um facto -. Admirei a impassibilidade do ex-rei. Não admirei os seus pés. Ele usava sandálias abertas que revelavam uns dedos tão negros como os de um camponês babilónico. Tentando não lhe olhar para os pés nem para o cabelo, acabei por fixar-me na barba de Demarato. Tinha tanta terra seca que quase parecia feita de barro cozido.
- Sem aliados, Esparta é vulnerável -, disse eu: - Esparta depende da frota

ateniense. Mas se Atenas cair... -. Abstive-me de afirmar o óbvio.
314
Demarato lançou-me um olhar assassino. Em seguida, irritadamente, arregaçou as longas mangas persas. - Eretria, Euboea e Atenas. São estes os alvos do Grande Rei para o próximo ano. O caso de Esparta é diferente e será resolvido pelos Espartanos. Entretanto Mardónio comandará novamente o exército.
Lais olhou para mim como se eu devesse ficar contente. Eu olhei para ela para lhe lembrar que a nossa facção não era a de Mardónio mais os Gregos, mas a de Xerxes mais Atossa.
- Tens a certeza? -. Mas a pergunta que fiz a Demarato foi respondida por Lais.
- Não -, disse ela. - Os físicos dizem que ele nunca mais voltará a andar.
- Mardónio é o melhor general do Grande Rei -. Demarato foi liminar. - Se tiver de ser, ele pode comandar a expedição de uma liteira. Mas não vai ser preciso. Eu vi a perna. Vai sarar.
- Se não sarar - e Lais pareceu de repente grave e sibilina - não há razão para que um rei espartano não possa comandar o exército.
Os dedos pretos dos pés de Demarato dobraram-se como dois punhos. Desviei o olhar. - Há uma boa razão para que eu não possa comandar o exército -. A voz era estranhamente suave. - Ainda não sou... persa.
Depois, nesse mesmo dia, eu e Lais tivemos uma violenta discussão. Eu disse-lhe que a última coisa no Mundo "que tu e eu devíamos querer é outra expedição à Grécia".
- O nosso futuro está no Ocidente -, proclamou Lais. - Deixa que Mardónio brilhe mais que Xerxes durante um ou dois
anos. Que mal faz? Xerxes não deixa de vir a ser Grande Rei um dia, e quando o for, graças a Mardónio ou a Demarato, será senhor de todos os Gregos, de Sigeu à Sicília, além de senhor dos mares. Eu e Lais estávamos agora em campos opostos. De facto, depois desse dia não voltámos a ver-nos durante vários anos. Como apoiava Xerxes, eu fazia tudo quanto podia para inflectir a política persa para Oriente, enquanto Lais continuava a receber todos os Gregos na corte, com o fim de os apoiar nas suas numerosas causas. Apesar disso nunca deixou arrefecer a sua amizade com Atossa. Anos mais tarde, quando as nossas relações se compuseram, ela disse-me como tinha feito para estar de bem com ambas as facções.
- Convenci Atossa de que estava a envenenar Mardónio. Muito lentamente, claro, de modo que quando ele morresse toda a gente atribuísse a causa da morte à perna que não sarava.
- Mas que pensou Atossa quando Mardónio não morreu?
315

- Depois de ele ter sido substituído como general disse-lhe "Qual é o interesse em matá-lo?" e ela concordou que não era nenhum. De modo que acabei com o falso envenenamento.
Pouco depois do meu encontro com Demarato fui recebido por Atossa, que deplorou o facto de eu me ter zangado com Lais. - Afinal, a tua mãe salvou-te a vida.
- Tu é que me salvaste a vida, Grande Rainha.
- É verdade. Mas fi-lo por Lais. Como odeio esta cidade -. Embora a terceira casa do harém do palácio de Xerxes fosse mais sumptuosa do que a sua equivalente de Susa, Atossa queixava-se constantemente do calor, do barulho, dos Babilónios, embora nunca visse outros Babilónios além dos que sempre estiveram na corte.
- Naturalmente estou satisfeito contigo -. A fala de Atossa tinha na verdade sido prejudicada pela recente perda de vários dentes importantes. Ela compensava essa falha franzindo e estalando os lábios esmaltados de uma maneira deveras irritante.
- Sei que fazes o que fazes por Xerxes. Sei que te zangaste com a tua mãe por causa dos Gregos e de Mardónio. Mardónio... -. Conteve-se. Hoje desconfio que ela esteve tentada a dizer-me que o seu brilhante sobrinho Mardónio morreria lentamente, graças a Lais. Mas, se tal foi a tentação do momento, não lhe cedeu. Em vez disso deu um pontapé no velho tapete esburacado com um pé calçado num sapato de prata brilhante. Para onde quer que fosse, o tapete velho viajava com ela. Penso que era supersticiosa com o tapete. Eu,
pelo menos, era.
Atossa falou para o tapete: - Dizem que Mardónio não poderá sair para a guerra na Primavera -. Então olhou-me de frente: - Fala-me da índia.
Os olhos velhos brilharam de cobiça. - Riqueza! Riqueza! -,
repetiu.
- É fácil de ganhar -, disse eu. - Por Xerxes.
- Ele não pode arriscar-se -. Atossa foi firme.
- Ele tem de provar que é capaz de comandar os exércitos antes de o Grande Rei morrer.
- É muito perigoso. Especialmente agora. Nestes tempos. Estamos todos tão velhos. Oh, o túmulo! -. Devido ao defeito da fala, a rainha era difícil de perceber quando mudava rapidamente de assunto.
Olhei para ela estupidamente.
- O túmulo. O túmulo de Dário -. Com muito cuidado colocou os lábios para pronunciar cada sílaba. - O símbolo da Lua.
- O símbolo da Lua? -. Este símbolo demoníaco decora a fachada do túmulo de

Dário como contraponto ao Sol do Senhor da
316
Sabedoria. Histaspes morreu junto do túmulo, num acesso de raiva pela blasfémia. Histaspes está agora no túmulo; e o símbolo da Lua continua na fachada.
- Era assim que devia ser -. Atossa desprendeu uma flor da grinalda que tinha à volta do pescoço e lançou-a à imagem de Anahita a um canto. - A Lua é o símbolo dela e eu não quero deitar-me debaixo de nenhum outro. Não, aconteceu outra coisa. Há espaço apenas para doze de nós no túmulo. O velho Histaspes e dois dos irmãos de Dário já lá estão, num gavetão. Depois Dário, eu e a minha irmã Artistone ocuparemos outro gavetão, enquanto seis dos sobrinhos deverão preencher os dois gavetões restantes. Foi tudo decidido por mim e Dário. Ora, apenas esta manhã, Dário atribuiu a Parmis o lugar que deveria ser para o jovem Artafrenes. A Parmis, nada menos! Ela morreu a semana passada, a propósito. Cheia de dores, segundo me disseram!
Atossa apertou uma mão magra e amarela contra o sítio onde o seu seio estivera.
- Sim, da mesma doença. Mas eu tinha Demócedes. E sobrevivi. Ela só tinha Egípcios. E morreu, cheia de dores. Dizem que no fim pesava menos que uma criança de oito anos -. Esta agradável visão foi rapidamente desconvocada pela lembrança de Parmis "connosco, naquela câmara de pedra para todo o sempre. Oh, digo-te que é intolerável! E misterioso. Claro, murmura-se que... Mas a questão é, porque é que ele fez o impensável? Só para me aborrecer, e conseguiu-o. Não suporto pensar que terei de jazer por toda a eternidade ao lado da irmã de um assassino, um traidor, um impostor.
Devo dizer que já me tinha esquecido de Parmis, a filha do Mago usurpador, Gaumata. Lais tinha-me contado como toda a corte ficou atónita quando Dário anunciou que tencionava casar-se com ela. Ficaram ainda mais mistificados com a explicação que deu: "Impostor ou não, o Mago foi Grande Rei durante um ano. Logo, a sua filha Parmis é filha de um Grande Rei da Pérsia. Logo, é conveniente que seja minha esposa."
- Tens de me prometer em nome de Anahita... bom, do Senhor da Sabedoria... que quando Dário morrer e eu também, persuadirás Xerxes a retirar essa mulher horrorosa do túmulo. Jura!
Quando jurei, Atossa olhou-me com um ar cheio de suspeitas. - Se quebrares o juramento, não há nada que eu possa fazer quanto a isso, em carne. Mas a deusa é forte. A deusa está em todo o lado -. Os olhos vermelhos de Atossa fuzilavam-me.
- Farei o que puder. Mas certamente uma palavra tua a Xerxes...
- Ele já me ouviu. Mas é muito esquecido. Além disso é fácil

de influenciar por outras considerações -. Não desenvolveu mais este ponto. - Portanto, conto contigo. Só contigo.
Atossa tinha outras queixas. Raramente via Xerxes. Quando a corte estava em Susa ou em Ectabana, ele estava ou em Babilónia ou em Persépolis. - Tem a mania da construção -. Atossa franziu o sobrolho. - Também o meu pai, claro. Mas é um passatempo caro, como ele descobriu. E não tem fim.
Ao longo dos anos eu iria ver Xerxes criar em Persépolis o mais belo conjunto de edifícios incompletos do Mundo. Quando Cálias veio à Pérsia por causa das negociações de paz, levei-o a Persépolis. Elpinice diz-me que ele ficou tão impressionado com o que Xerxes tinha construído que deu ordem a um dos seus escravos para que fizesse desenhos dos principais edifícios. Neste preciso momento os Atenienses estão ocupadíssimos a imitar a obra de Xerxes. Felizmente eu vi os originais. Felizmente nunca verei as grosseiras cópias de Fídias.
Atossa admitiu uma certa solidão e isolamento. - Tenho Lais, é claro. Mas ela está transtornada com a política grega. Ordinariamente contento-me plenamente com os eunucos. No fundo eles têm sido os meus olhos, os meus ouvidos, as minhas mãos desde criança. Mas esta nova geração não é absolutamente nada como a antiga. Ou são demasiado parecidos com mulheres ou então são demasiado parecidos com homens. Não sei o que correu mal. No tempo do meu pai eram perfeitamente equilibrados e de uma dedicação absoluta. Sabiam o que uma pessoa queria sem ser necessário dizer-lhes. Agora são arrogantes, sem graça e negligentes e tanto uma sala como a outra da chancelaria é um verdadeiro caos. Não fazem nada como deve ser. Penso que é tudo por causa desses Gregos de Samos. São muito bonitos, claro. Inteligentes mesmo. Mas não dão bons eunucos. Não servem para nada, a não ser para criarem problemas. Sabes que Lais está outra vez de conluio com eles?
- Sim. Conheci o rei de Esparta.
- No harém Lais é conhecida como a rainha da Grécia. Não, não me importo. Se não fosse por intermédio dela, nunca saberia o que é que esses desordeiros andam a tramar.
- Que é que eles andam a tramar? -. Sobre assuntos sérios eu fazia perguntas directas a Atossa, às quais ela às vezes dava respostas directas.
- Querem uma ofensiva na Primavera. Atenas deve ser destruída e assim por diante. Nada disso serve para alguma coisa, mas Hípias...
- Sempre Hípias.

- Não me interrompas.
- Estava apenas a fazer eco, Grande Rainha.
- Não quero ecos. Hípias convenceu Dário... outra vez... de que os Atenienses querem que ele volte como tirano. Dário está a ficar velho -. Ao contrário de Lais, Atossa não segredava a traição. Gritava-a, sabendo que os serviços secretos repetiriam todas as palavras a Dário. Deste modo comunicavam um com o outro. Só depois da morte de Dário é que soube por que razão ela não tinha medo dele; e por que razão ele tinha medo dela.
- Dário está embotado. Pensa mesmo que Atenas quer repor os tiranos, agora que todas as outras cidades gregas se tornaram democracias.
Fiquei estupefacto. - Mas de certeza que as cidades jónicas são...
- ... são democracias, todas elas. Os tiranos acabaram, todos, até ao último. Graças a Mardónio. Ao princípio Dário ficou furioso. Mas depois viu até que ponto Mardónio foi esperto -. Os olhos de Atossa, à luz do archote, eram como esmalte em pó. - Mardónio é esperto. Esperto demais, é o que às vezes penso. Seja como for, ao ir de cidade em cidade, ele viu que os tiranos eram impopulares porque eram leais à Pérsia.
- Uma excelente razão para os manter.
- Era o que eu pensava. Mas Mardónio é mais subtil do que nós. Fez questão de conhecer os mercadores gregos proeminentes. Sabes, essa gente que controla a escumalha quando esta se junta e se põe a votar. Então, de repente, em nome do Grande Rei, Mardónio demitiu os tiranos. Sem mais nem menos. Agora é o herói das democracias jónicas. É de tirar a respiração a uma pessoa, a sério.
- Embora os tiranos tivessem acabado, tenho a certeza de que Mardónio deixou uma rainha em Halicarnasso -. Isto era o tipo de coisas que divertiam Atossa.
- Oh, sim. Artemísia ainda é rainha. Além disso é uma bela viúva.
- Na verdade ela é uma viúva um tanto feiosa.
- Todas as rainhas devem ser consideradas belas -, disse firmemente Atossa. - Excepto pelos seus maridos. De qualquer modo, agora, graças a Mardónio, a Pérsia está na ridícula posição de ser o patrono da democracia nas cidades jónicas enquanto tenta derrubar a democracia ateniense para restaurar a tirania.
- Mardónio é muito arrojado.
- No tempo do meu pai teria sido esfolado vivo às portas do palácio por ter usurpado a prerrogativa do Grande Rei. Mas os

tempos são outros, como muitas vezes me digo -. Atossa deu uma palmadinha indagadora num dos dentes que lhe restavam e contraiu-se com a dor. - Mardónio tem sorte em ter conquistado a Trácia e a Macedónia. Caso contrário Dário teria ficado muito furioso com ele. Assim, Dário ouve Mardónio, e só a

ele. Pelo menos durante esta estação. E isso significa que vai haver outra campanha grega, com ou sem Mardónio. A não ser que... Fala-me mais da índia.
Atossa era uma política muito prática e muito realista. Sabia que, mais tarde ou mais cedo, Xerxes teria de fazer a prova da guerra e, à luz das vitórias de Mardónio, quanto mais cedo melhor. Embora não tivesse medo que Xerxes não conseguisse ganhar vitórias - era ou não era o neto de Ciro? - temia que pudesse ser assassinado pela facção de Góbrias. Sabia também que é de longe mais fácil matar um comandante no campo de batalha do que um príncipe
bem guardado na corte.
Quando acabei, Atossa disse as terríveis palavras que se seguem: - Falarei com Dário -. Em todos os anos que a conheci, não creio que a tenha ouvido usar esta frase mais do que três vezes. Era como que uma declaração de guerra.
Agradecido, beijei-lhe a mão. Mais uma vez éramos comparsas de conspiração.
Tentei por várias vezes ver Mardónio mas ele estava demasiado doente para me receber. A perna tinha gangrenado e falava-se de amputação. Toda a gente dizia que era uma vergonha que Demócedes tivesse morrido.
Fan Ch'ih ficou encantado com Babilónia. - Há pelo menos seis homens do Catai a viver aqui e um é sócio dos Egibis -. O Mundo inteiro sabe, excepto Demócrito, que Egibi e filhos são os banqueiros mais ricos do Mundo. Durante três gerações financiaram caravanas, frotas, guerras. Nunca conheci bem nenhum deles, mas Xerxes tinha uma familiaridade total com eles. Por causa da sua paixão pela construção, Xerxes estava sempre com falta de dinheiro e os Egibis eram invariavelmente úteis e às vezes razoáveis. Ordinariamente emprestam dinheiro a vinte por cento. Para Xerxes reduziam a taxa a dez por cento, o que lhe tornou possível começar ou mesmo concluir uma dúzia de palácios durante a sua vida, além de fazer as guerras gregas. Roxana, mulher de Xerxes, era neta de um dos Egibi. Ela tinha muita vergonha de um parentesco que muito o divertia a ele. "Não podem recusar dinheiro a um parente", costumava dizer ele.
Dário desprezava os banqueiros, o que era curioso, pois que ele próprio era essencialmente um homem de negócios. Suponho que ele queria eliminar os intermediários. Em todo o caso, financiava o

reino através da tributação e do saque. Segundo Xerxes, Dário quase nunca pediu um empréstimo. "Mas a verdade é que não acho que o meu pai alguma vez compreendesse o sistema."
Nunca disse ao Grande Rei Xerxes que de finanças pouco havia que o seu antecessor não percebesse. Os descontos feitos por Dário sobre o dinheiro entrado nos cofres do tesouro eram notórios. Embora se diga que ele aprendeu o

truque de roubar os cidadãos com Hípias, eu penso que foi ao contrário. Por outro lado, a cunhagem do ouro foi sempre honesta no tempo de Dário. "Eu sou o archeiro", costumava dizer, fazendo rodar uma das suas moedas em cima da mesa. "Esta é a minha cara, a minha coroa, o meu arco. Os homens têm de apreciar o meu verdadeiro peso." Apreciavam-no. E apreciam-no. Só recentemente é que a cunhagem do ouro foi adulterada.
Consegui arranjar vários encontros entre Fan Ch'ih e Xerxes. Como intérprete, fiz com que se dessem bem. Não só consegui interessar Xerxes na índia como as histórias das cidades do Catai que Fan Ch'ih contou nos excitaram a ambos.
- Como o Mundo é grande! - exclamou Xerxes a certa altura. Tínhamos acabado de esgotar os mapas e Fan Ch'ih não era suficientemente explícito na descrição dos acessos ao Catai. Disse-nos realmente que havia duas rotas por terra. Uma atravessava as altas montanhas a leste da velha república de Shakya; a outra atravessava o extenso deserto do Norte, do outro lado do rio Oxus. Fan Ch'ih tinha vindo por mar até ao porto magadhano de Champa. - Mas levei mais de um ano -, disse. - E não quero voltar por aí. Quero descobrir uma boa rota por terra... uma estrada da seda, que nos ligue a vós.
Mais tarde, no Catai, Fan Ch'ih disse-me que tinha sido deliberadamente vago sobre os acessos ao que eles chamam o Reino do Meio porque tinha ficado estarrecido com a imensidão do império de Dário. - Tinha pensado que a Pérsia seria como Magadha. Em vez disso, encontrei um monarca universal que, felizmente para nós, não razia ideia da extensão do Universo. Por isso decidi que não seria boa ideia ele visitar o Catai. Um exército persa no rio Amarelo seria altamente perturbante.
Note-se o contraste entre um homem do Catai e um Grego. Quando ferido no seu amor-próprio, o Grego está sempre pronto a trair a sua terra natal. Embora o Reino do Meio esteja fragmentado em dúzias de Estados belicosos, nenhum homem do Catai - salvo talvez o chamado Filho do Céu - sonharia em pedir ajuda ao exército de uma raça estranha. Os povos amarelos são não só excepcionalmente

inteligentes como estão perfeitamente convictos de que são únicos entre todos os povos do Mundo. Aos seus olhos, nós somos bárbaros! Por este motivo é que apenas algumas almas aventureiras como Fan Ch'ih deixaram o Catai. Os outros são indiferentes ao que fica para lá do seu Reino do Meio.
Fan Ch'ih não demorou tempo a fazer uma quantidade de acordos comerciais com os Egibi e filhos. Habilidosamente explorou a paixão deles pela seda ou tecido do Catai. Vendeu o que tinha; comprou o que pôde; pediu emprestado contra lucros futuros.

Enquanto eu ainda estava à espera de uma audiência privada com o Grande Rei, Fan Ch'ih tinha conseguido financiar um comboio de cargueiros para o levarem à índia, onde transferiria as suas mercadorias para uma caravana. Em seguida atravessaria a índia e entraria no Catai pelas altas montanhas, uma viagem longa e arriscada do género daquelas em que os homens jovens embarcam sem pensar duas vezes.
Após um breve período de luto por Parmis, Dário concedeu uma audiência geral e eu aproveitei esta oportunidade para apresentar Fan Ch'ih na corte. Ao princípio levantaram-se toda a espécie de objecções da parte da segunda sala da chancelaria. O amarelo era realmente um embaixador? Se sim, de que rei? Se era simplesmente um mercador, não podia ser recebido. Isto era terminante. Por fim Xerxes interveio e o Embaixador Fan Ch'ih foi chamado a comparecer perante o Grande Rei e a oferecer-lhe o reconhecimento da soberania do Grande Rei sobre o ducado de Lu pelo próprio duque de Lu.
Ao meio-dia chegámos ao salão das colunas. Xerxes tinha acabado de construir este grande edifício, situado a noroeste do palácio. Fui recebido cortesmente pelo camareiro da corte. Fui tratado gravemente pelos nobres persas, que nunca souberam bem o que fazer comigo. Em princípio não gostam de sacerdotes. No entanto eu nem sou sacerdote nem nobre. Não obstante, embora nem uma coisa nem outra, sou íntimo da família real e por isso todos os nobres me oferecem sorrisos educados, faces estendidas para eu beijar, elogios murmurados - todos, excepto Góbrias. Góbrias nunca me deu mais do que um cumprimento de cabeça. Como elemento da facção Atossa-Xerxes eu era o inimigo. Reparei que as patilhas do velho tinham sofrido mais uma transformação. De vermelho forte, tinham passado, como as folhas do Outono, a um ouro baço.
Embora Mardónio não fosse visto em nenhum sítio, mais de uma centena de filhos e sobrinhos do Grande Rei estavam presentes. Pela primeira vez vi Artafrenes, o filho do sátrapa da Lídia. Parecia-se

com o pai salvo na expressão do rosto, que era positivamente reveladora de uma tremenda ambição. Ao seu lado estava o almirante medo, Datis, que eu conhecera anos antes no pavilhão de caça da estrada para Pasárgada.
O contingente grego estava agrupado à esquerda do trono. Hípias parecia muito velho; mas resoluto. Apoiava-se no braço de Milo, agora um belo homem. Fiz uma vénia a Hípias. Abracei Milo, que disse com admiração: - Mas pareces um preto!
Foi de comer muito fogo -, respondi, recuando. Não queria falar com o rei de Esparta.
Fan Ch'ih ficou perto de mim. Os nobres olhavam para ele como se ele fosse um

animal estranho. Ele olhava para eles com igual curiosidade. Embora a arquitectura persa não fosse do seu gosto, admirou realmente o esplendor dos trajos. - Só que -, perguntou de repente: - onde estão os Egibis?
- Isto é a corte -, respondi, achando que esta seria uma resposta suficiente.
- Eu sei. Também sei que eles emprestam dinheiro ao príncipe herdeiro. Portanto, por que é que não estão aqui?
- Isto é a corte -, repeti. - Os Egibis são banqueiros, mercadores. O Grande Rei não pode recebê-los.
- Mas a sua família faz negócio com eles.
- Sim, mas só em privado. Na corte só os nobres podem estar com o Grande Rei. Em Catai não é assim?
- Diz-se que nos tempos antigos talvez tenha sido assim -. Fan Ch'ih era um mestre da referência não informativa, geralmente atribuída ao seu professor, o Mestre K'ung.
Em cada uma das capitais do Grande Rei o cerimonial da corte segue todos os protocolos elaborados antes da criação do império persa. Em Mênfis, ele é o faraó e deus. Na sagrada Pasárgada é chefe de clã. Em Babilónia é um rei caldeu cujo poder lhe é conferido por uma casta de sacerdotes que segue a regra de que, embora a cidade possa actualmente pertencer a um rei persa mortal, o cerimonial da corte nunca deve deixar de ser nada menos do que um reflexo terreno da glória imortal de Bel Marduk. E assim os músicos tocam música bastante mais própria para uma noite com prostitutas do que para uma audiência do Grande Rei, enquanto dançarinas do templo executam danças espectacularmente obscenas de homenagem a Ishtar, que é Cibele, que é Anahita, que é Diana que é... omnipresente !
Em Babilónia o sumo sacerdote de Bel Marduk actua como mestre de cerimónias. Naquele dia o sumo sacerdote estava com uma

óptima voz. À entrada do salão das colunas uivava para nós em caldeu antigo. Então o comandante da guarda trovejou: - O Grande Rei Dário, senhor de todas as terras, rei de Babel, rei dos reis!
Dário apareceu à entrada, com o Sol por trás. Ao pôr o pé no comprido tapete de Sardis que conduz ao trono, nós prostrámo-nos. O Grande Rei vestia o trajo púrpura medo que só o soberano pode vestir. Na cabeça tinha o alto cidaris de feltro rodeado pelo filete azul e branco. Na mão direita, o ceptro dourado; na mão esquerda, o lótus dourado. O camareiro da corte transportava o mata-moscas cerimonial e o guardanapo dourado. O comandante dos guardas transportava o descanso para os pés. Um membro da família real babilónica segurava o guarda-sol dourado tradicional sobre a cabeça do Grande Rei. Este

guarda-sol tinha pertencido aos antigos reis assírios. Alguns passos atrás do Grande Rei vinha o príncipe herdeiro.
Enquanto Dário descia em passo lento e solene pelo centro da sala, os sacerdotes de Bel Marduk cantavam solenemente. Embora devêssemos estar a olhar para o chão pintado de vermelho, todos nós observávamos o Grande Rei.
Dário era agora tão louro como um Scita. Procurei sinais de idade e encontrei-os - o que é sempre fácil, salvo no nosso próprio espelho. Alguns meses antes, Dário tinha sofrido uma espécie de paralisia. Devido a isso arrastava muito ligeiramente a perna esquerda, e a mão esquerda, que segurava o lótus, parecia rígida. Mais tarde disseram-me que Dário não tinha nenhuma força em todo o lado esquerdo do corpo e que o lótus lhe tinha sido atado
aos dedos.
Apesar disso a cara de Dário ainda era bela e ele não parecia estar mais pintado do que o costume. Os olhos azuis eram límpidos. Ainda assim, o contraste entre ele e Xerxes era muito vivo. Xerxes era uma cabeça mais alto do que o seu pai; e era jovem. Xerxes tinha na mão esquerda um lótus dourado. A mão direita ainda estava vazia.
Suspeito que Dário estava perfeitamente consciente de que não havia ninguém naquele salão que não se perguntasse quanto tempo se passaria até haver um novo ocupante do trono do leão - só que o trono do leão não era usado em Babilónia. Por insistência dos sacerdotes, o Grande Rei era obrigado a sentar-se numa cadeira um tanto vulgar, pintada de dourado, que fora usada pelos reis da Acádia durante mil anos, ou assim o afirmava o sumo sacerdote. Quando Babilónia se revoltou pela última vez, Xerxes mandou destruir a cadeira à machadada e queimá-la. Ao observar as chamas

fumarentas, Xerxes disse: - Vedes? Eu tinha razão! É madeira nova. Aqui eles falsificam tudo.
O culto da antiguidade foi sempre uma espécie de loucura em Babilónia. A razão de tal pertence a Nabonido, o último rei de Babilónia. Passou a vida a escavar cidades perdidas. Quando Ciro invadiu Babilónia, Nabonido estava tão ocupado a decifrar o conteúdo da pedra fundamental de um templo de há trinta e dois séculos que nem sequer reparou que já não era rei senão quando regressou à cidade uma noite e encontrou Ciro a residir no palácio novo. Pelo menos é a história que o povo do cabelo preto gosta de contar. Na realidade, Nabonido foi capturado, encarcerado e libertado. Depois voltou para as suas escavações.
Entre Nabonido e o seu amigo Amasis, o faraó do Egipto, o passado era - e é - não só constantemente desenterrado como imitado. Nada pode ser suficientemente velho ou feio para o verdadeiro amante da antiguidade. Pior,

todos os tipos de ritos religiosos mais do que esquecidos foram ressuscitados, especialmente no Egipto. Para sua vergonha eterna, Ciro encorajou a paixão de antiquário dos seus súbditos babilónicos e egípcios; pior, era sua política identificar os Acménidas com todas as dinastias existentes de qualquer relevo. Tirando Xerxes, todos os seus sucessores continuaram esta loucura. Durante mais de vinte anos, uma dúzia de Magos trabalhou, numa sala escura do palácio de Susa, na invenção de genealogias plausíveis para Dário. No fim ele era parente de toda a gente, desde Zeus a Amon Ra, e sempre em linha directa!
Dário sentou-se. Xerxes ficou de pé atrás dele. Nós erguemo-nos e ficámos em pé, de mãos dentro das mangas, as cabeças respeitosamente baixas. O sumo sacerdote babilónico entoou os títulos do Grande Rei; depois seguiu-se uma dança erótica de mulheres do templo de Ishtar. Toda a cerimónia, do princípio ao fim, foi muito não-Persa.
Armado de listas, o camareiro da corte começou a segredar ao ouvido de Dário coisas que ele precisava de saber. Como agora Dário estava bastante surdo, isto criou alguma confusão. Por várias vezes a pessoa errada recebeu o comando de um posto fronteiriço não existente. Apesar disso, Dário insistia em ser só ele a fazer as nomeações, ao contrário de Xerxes, que delegou na chancelaria todas as nomeações de rotina. O resultado foi que Dário nunca perdeu o controlo da máquina de um governo enquanto Xerxes nunca a dominou.
Em seguida Dário falou de assuntos gerais. De vez em quando pronunciava erradamente palavras simples, uma característica daqueles

que sofreram paralisia parcial ou total do lado esquerdo. Demócedes disse-me uma vez que não há absolutamente nada a fazer quando tal acontece. Mas se o doente é um homem forte e com força de vontade, pode-se receitar determinados cataplasmas de ervas, na base de que "não farão praticamente nenhum mal ao paciente". Era um
físico raro.
Ia tudo bem na fronteira norte, disse Dário. As tribos estavam sossegadas. Tinha havido desobediência civil na Arménia. O Grande Rei tinha-lhe posto termo. Do Egipto chegavam os alarmes habituais. Mas o Egipto era como Babilónia, cheio de fanáticos religiosos, loucos, aventureiros. O Grande Rei tinha restabelecido a tranquilidade.
Enquanto Dário falava, eu observava os Gregos. Demarato e Hípias chefiavam conjuntamente um grupo de talvez uns vinte exilados. Com excepção de Hípias, já não havia tiranos na corte. Essa era tinha acabado. Os actuais Gregos eram generais, almirantes, magistrados descontentes, que sentiam, muitas vezes com razão, que tinham sido tratados mal pelas diversas democracias. Os Atenienses

eram especialmente amargos. Mas o que é certo é que a assembleia ateniense é invulgarmente perversa. Qualquer cidadão pode ser mandado fazer as malas se uma maioria da ocasionalmente corrupta mas sempre frívola assembleia da cidade votar a favor do ostracismo. Mais cedo ou mais tarde, quase todos os homens de Estado que se distingam são exilados. Demócrito pensa que eu exagero. Eu não. Um dia desembaraçar-se-ão do general Péricles simplesmente porque ele os aborrece.
- Na questão do Ocidente -. Dário cruzou os braços. O ceptro e o lótus trocaram de lugar tal como fazem o cajado de pastor e o mangoal quando o faraó do Egipto resolve simbolizar o seu domínio
sobre o duplo reino.
- Estamos muito contentes com o nosso sobrinho Mardónio. Mardónio destruiu o poder dos Gregos do Ocidente. Os Trácios enviaram-nos terra e água em reconhecimento da nossa soberania. O rei Alexandre da Macedónia enviou-nos terra e água. É nosso escravo, para sempre. A questão dos Gregos ocidentais está resolvida. Não haverá campanha da Primavera.
Embora Xerxes fosse obrigado a permanecer tão impassível como uma estátua atrás do pai, vi os seus lábios abrirem-se num meio sorriso.
Nos Gregos não havia sorrisos. O Grande Rei tinha falado do trono. Só em audiências privadas podiam os Gregos defender a guerra e, é claro, fá-lo-iam. Dário não iria ter um Inverno pacífico.

O Grande Rei olhou à volta do salão. Quando me viu, fez sinal com a cabeça. - Recebemos agora o nosso embaixador aos dezasseis reinos do outro lado do rio Indo. Louvamos Ciro Spitama por ter aberto uma rota entre a nossa satrapia da índia e os países
de... de...
Seguiu-se uma longa troca de murmúrios entre Dário e o camareiro da corte. O camareiro tinha dificuldade em pronunciar as palavras Koshala e Magadha, que, em todo caso, Dário não poderia ouvir. Irritadamente, Dário calou o camareiro com uma estocada com o ceptro.
- ...e os dezasseis países -, disse firmemente. - A primeira caravana chegou a Bactra precisamente antes da lua cheia, com um grande carregamento de ferro fundido. No próximo ano receberemos outros metais e tecidos e jóias de... desses longínquos lugares. Aproxima-te, Ciro Spitama.
Dois ostiários avançaram. Escoltaram-me até ao trono. Prostrei-me junto ao banquinho dourado dos pés.
- Agora és os meus olhos -, disse Dário.
O chanceler tinha-me já dito que iria ser nomeado olho-do-rei. Isto queria dizer

que, como alto funcionário do Estado, iria retirar um salário confortável do tesouro. Iria também poder alojar-me em todos os palácios reais e viajar por onde quisesse à custa do Estado, acompanhado por um guarda cerimonial e um arauto cujo pregão "Deixai passar o olho-do-rei!" era suficiente para fazer com que metade da população do império se prostrasse de terror. A intervalos regulares, cada satrapia é investigada por um olho-do-rei. Todas as queixas que os cidadãos tenham contra o sátrapa e a sua administração são trazidas à atenção do olho-do-rei, que tem poder para as sanar imediatamente. Durante o tempo que estiver em funções, o olho-do-rei é o representante do monarca. Dado que muitas das satrapias são extremamente ricas e complexas - penso em particular no Egipto, Lídia e índia - um olho-do-rei corrupto morre rico. Eu não era corrupto. Evidentemente, nunca fui enviado a uma província rica. Fiz uma viagem de inspecção pelas cidades jónicas, onde não há grande riqueza e outra à Bactria, que é pobre.

Expressei a minha gratidão ao Grande Rei e ao Senhor da Sabedoria, que o inspirou. Por fim, Dário deu-me um pontapé amistoso no ombro. Tinha ouvido que bastasse da minha gratidão. Ao erguer -me pude ver como a cara pintada estava macilenta. Mas os olhos ainda eram brilhantes, maliciosos mesmo.

- Existe - anunciou o Grande Rei - a oriente do Oriente, uma terra conhecida como Catai -. Devia estar claramente a divertir-se

à custa dos Gregos, que não tinham o mínimo interesse na minha embaixada. Muito curiosamente, a maioria dos nobres persas era igualmente indiferente à sedução de novos mundos a conquistar. A opinião deles era que a Pérsia já era suficientemente grande tal como era. Faltou-lhes sempre curiosidade.

- Essa terra longínqua está cheia de cidades e rios, cheia de ouro e vacas -. Dário falava agora para seu próprio divertimento e talvez meu. - O povo descende de um deus amarelo e vive em ambos os lados de um rio amarelo que nunca seca. Uma vez há muito tempo tiveram um governante enviado pelo Céu. Mas desde que ele morreu, os nobres não fazem mais do que guerrear-se, tal como nós fazíamos. O que foi outrora um único reino é agora um país infeliz, de Estados pequenos e turbulentos, necessitados de um grande rei que os proteja e lhes dê uma moeda forte e justiça perfeita. O senhor de um desses países do oriente do Oriente está agora pronto a oferecer-nos terra e água. Enviou-nos um embaixador.

Isso era tudo um tanto falso, para dizer o mínimo. Fan Ch'ih viera em missão comercial e não numa embaixada. Mas Dário sabia exactamente o que estava a fazer. Queria excitar o interesse dos clãs. Queria convencê-los de um facto que ele sempre soubera: o futuro da Pérsia está no Oriente e a oriente do Oriente.

Felizmente Fan Ch'ih não percebia uma palavra de persa e eu contei-lhe o que ele queria ouvir. Depois disse ao Grande Rei o que ele queria ouvir. E como nenhum dos presentes percebia o dialecto indiano que eu e Fan Ch'ih usávamos, pude traduzir e interpretar erradamente à vontade.
Fan Ch'ih prostrou-se perante o Grande Rei. Se por mais não fosse, a nossa introvertida corte deixou-se deslumbrar pela sua aparência. Toda a gente olhava para ele. Embora haja homens amarelos em todas as cidades persas importantes, nenhum nobre os tinha visto ao perto, a não ser que estivesse a comerciar, o que não era muito provável, pois que um nobre persa não pode comerciar ou contrair empréstimos - em teoria, pelo menos. Para a corte, os povos amarelos do Catai são simplesmente um boato, tal como aqueles Africanos de duas cabeças que Scilax diz que viu.
Fan Ch'ih estava vestido da cabeça aos pés com pano carmesim do Catai. Era um homem de bela aparência, mais ou menos da minha idade. Da classe dos guerreiros, tinha servido no exército de uma das famílias proeminentes do ducado de Lu. Ao contrário da maioria dos jovens da sua raça e classe, queria ver o mundo exterior. Assim sendo, tinha feito do comércio com o Ocidente o pretexto para a sua viagem à índia e à Pérsia.
328
Fan Ch'ih disse: - Presto homenagem ao Grande Rei -. Na tradução mudei Grande Rei por monarca universal.
Fan Ch'ih disse: - Estou aqui para reabrir a rota por terra entre o Catai e a Pérsia. Traduzi isto exactamente. Além disso acrescentei: - Venho como embaixador do duque de Lu, uma terra tão vasta e tão rica como a Lídia. O meu amo diz que se tu acorreres a ele com os teus exércitos, ele oferecer-te-á terra e água e submeter-se-á a ti como teu escravo.
isto causou alguma agitação no salão das colunas, salvo entre os Gregos. Para os Gregos, o que não é grego não existe.
Dário parecia muito contente. - Diz ao teu amo que irei até ele com todas as minhas hostes. Diz-lhe que levarei nas minhas próprias mãos a terra e a água que ele me oferece. Diz-lhe que farei dele o meu sátrapa de... de todo o Catai -. Dário foi soberbo. Fazia tanto ideia de como fosse o Catai como eu. Podíamos perfeitamente estar a falar da Lua. Mas para a corte, Dário pareceu informado, sereno, todo-poderoso.
Fan Ch'ih ficou claramente confuso com a nossa troca de palavras, que era consideravelmente mais longa que o seu modesto pedido de reabertura de uma rota comercial.
Disse a Fan Ch'ih: - O Grande Rei protegerá todas as caravanas que vão da Pérsia para o Catai. Ordena-te que lhe faças uma lista daquelas coisas que o teu

país tem para trocar por ouro persa ou outros produtos da Pérsia.
- Diz ao Grande Rei que obedecerei à sua ordem. Diz-lhe que ele respondeu ao desejo do meu coração.
Disse ao Grande Rei: - Se vieres a Lu, responderás ao desejo do coração do seu governante, que promete servir-te lealmente como sátrapa de todo o Catai.
A actuação que eu e Dário demos foi o assunto da corte durante o resto do Inverno. Até o mais estúpido dos nobres persas estava agora intrigado com uma possível campanha no Oriente e no oriente do Oriente.
Da noite para o dia, tornou-se moda usar tudo quanto fosse pano do Catai. Como resultado, todos os bocados de seda existentes no mercado foram vendidos, para delícia dos interesses bancários dos Egibi, que então - como agora - controlavam o comércio da seda. O ouro persa era gasto em pano do Catai e Egibi e filhos faziam não só vinte por cento sobre o empréstimo a Fan Ch'ih como também retiravam um lucro suplementar na venda de seda nos mercados.
O Grande Rei mandou chamar-me no dia a seguir à audiência

geral. Dário preferiu sempre as salas pequenas às grandes. Nisto assemelhava-se ao leão da montanha que faz a sua toca numa fenda da rocha; aliás, tal como a maioria dos senhores deste mundo que conheci, sentava-se invariavelmente de costas para a parede.
Encontrei-o a examinar uma pilha de contas. Com a idade, só conseguia ler, se o texto estivesse muito perto da sua cara. Prestei-lhe obediência. Durante alguns minutos não me prestou atenção. Enquanto escutava a sua respiração pesada, pude ouvir um ronco de leão um tanto agourento no seu peito. Por fim ele disse:
- Levanta-te, Olho-do-Rei. Esperemos que não estejas tão fraco como os olhos verdadeiros do Rei.
Estudei-o atentamente por baixo das pestanas respeitosamente baixas. O cabelo e a barba desigualmente tingidos estavam na desordem habitual. A cara sem pintura estava macilenta. Com aquela túnica engelhada e com nódoas podia ser um treinador de cavalos grego. O braço e a mão esquerda paralisados estavam pousados da maneira mais natural em cima da mesa, sendo impossível notar nele algum defeito físico.
- Pagaste demasiado pelo ferro.
- Sim, Grande Rei -. Não se discute com Dário.
- Mas vou querer outro carregamento. Desta vez não pagas em ouro mas em espécie. Sabes o que quer essa gente?
- Sei, Senhor. Preparei uma lista e dei-a à segunda sala da chancelaria.
- Onde desaparecerá para sempre. Diz ao chanceler para o Oriente que quero

essa lista hoje -. Dário pousou os documentos que estivera a segurar na mão boa. Reclinou-se na cadeira. Fez um largo sorriso. Os dentes eram fortes, amarelos... sim, de leão. Esta é a imagem persistente que tenho do Grande Rei. - Sonho com vacas -, disse o leão, a propósito.
- Elas existem, Senhor. Milhões delas, à espera de serem conduzidas ao curral.
- Quanto tempo vai ser preciso para eu as meter no curral?
- Se o exército saísse para o vale do Indo na próxima Primavera podia passar o Verão... que é a estação das chuvas na índia, em Taxila. Então, com o começo do bom tempo, no nosso Outono, teríamos quatro meses, nos quais conquistaríamos Koshala e
Magadha.
- Então, do princípio ao fim, precisarei de um ano -. Dário empurrou os documentos para o lado, revelando o mapa de cobre que lhe tinha feito. Bateu no metal com o anel de ouro que tinha no indicador. - Explica-me as distâncias. O tipo de terreno. E quanto aos
330
rios? Nunca vi tantos rios num só país. São muito rápidos? Precisaremos de uma frota? Ou há lá muita madeira para construir uma? Se não, temos de levar madeira? E que tipo de barcos?
Nunca me tinham feito tantas perguntas no decurso de uma hora. Felizmente sabia a maior parte das respostas. Felizmente, a memória do Grande Rei era perfeita e ele nunca fez a mesma pergunta duas vezes.
Dário tinha curiosidade especialmente em Ajatashatru. Riu-se quando lhe disse que era genro do seu futuro vassalo. - Perfeito! - disse. - Faremos de ti sátrapa de Magadha. Afinal és membro da família real deles e a nossa política é mudar as coisas o menos possível. Suponho que teremos que te escurecer um pouco. Eles são todos pretos, não é?
- A gente do povo, sim. Mas a classe dominante é quase tão clara como nós. Também são Arianos.
- O que quer que isso seja. De qualquer modo, mergulhamos-te em alcana. Embora, vendo bem, tu já sejas bastante escuro. Bom, e essa gente do Catai? São tão amarelos como esse que trouxeste à corte?
- É o que dizem, Senhor.
- Nunca tinha visto nenhum ao perto anteriormente. Os olhos são bem esquisitos, não são? Como chego ao Catai? -. Dário sonhava já com vacas cataias.
Apontei para o canto nordeste do mapa. - Há um passo através destas montanhas. Mas só está aberto na estação quente. É uma viagem de seis meses, ao que dizem.
- E por mar?

- Levaria pelo menos três anos... da Pérsia.
- Isso quer dizer um ano da índia. Passaríamos por muitas ilhas, creio. Ilhas ricas.
- Ilhas, penínsulas, o continente. Fan Ch'ih diz que a sul do Catai é só selva. Mas também diz que há muitos bons portos... e muitas pérolas -. Se se quisesse reter a atenção de Dário, era sempre aconselhado mencionar coisas como pérolas.
- Bom, recolheremos as pérolas cataias depois de termos metido essas vacas indianas no curral -. Com um franzir do sobrolho, Dário pegou no braço esquerdo com a mão direita e levantou-o da mesa. Senti-me esquisito. Tinha visto o pai dele fazer o mesmo gesto centenas de vezes. Dário deu-se subitamente conta do que tinha feito a minha frente. - Ainda posso andar a cavalo -, disse. O tom foi casual.
- E comandar um exército, Senhor -. Fiz uma vénia profunda.

- E comandar um exército. Xerxes gostaria de ir à índia -. O sorriso de Dário às vezes era arrapazado, apesar da barba quadrada desgrenhada que quase lhe cobria os lábios carnudos e vermelhos. - Ele faz-te queixas, eu sei.
Senti o sangue subir-me às faces. É deste modo que começam as acusações de traição. - Senhor, ele nunca se queixa...
Mas Dário estava bem disposto. - Disparate. Tal como tenho olhos leais - (apontou para mim) - também tenho ouvidos leais. Não censuro o rapaz. De facto, censurá-lo-ia se não se queixasse. Tem a mesma idade que Mardónio e olha para o que Mardónio já realizou. A rainha é responsável pela vida que o meu filho leva. Quere-o seguro. De modo que sou guiado por ela -. Dário teve um leve acesso de tosse. Depois disse: - Não estou velho demais para comandar um exército.
O facto de ele sentir que precisava de repetir uma declaração como aquela foi, para mim, o primeiro sinal de que sabia que tinha começado a fraquejar. - Pus-me de fora dessas guerras gregas porque não são dignas do meu tempo e do meu esforço. Além disso não suporto os Gregos. Na última audiência geral em Susa contei mais Gregos do que Persas no salão das colunas.
Dário podia ter dificuldade em ler, mas podia contar com a maior das facilidades. - Estou rodeado de Gregos famintos de archeiros -. Eu ficava sempre algo chocado quando Dário usava esta expressão de calão. - De ambas as espécies -, acrescentou. - Mas agora acabei com eles. Não haverá campanha na Primavera. Mardónio ficou transtornado. Mas eu disse-lhe que ele não poderia comandar um exército mesmo que houvesse campanha. E então ele fez-me um discurso sobre todas as batalhas que foram ganhas por generais em liteiras, o que é um disparate. Eu ainda sou capaz de montar do nascer ao pôr do Sol -. Com

este non sequitur, Dário convenceu-me de que nunca mais sairia para a guerra. Fiquei encantado. Em breve Xerxes teria a sua oportunidade.
- Fizeste um bom trabalho -. Dário empurrou o mapa para o lado. - Diz na chancelaria o que pensas que devíamos enviar para o Catai. Escreve a esses dois reis... tu sabes, os Indianos... que o Grande Rei se sorri para os seus escravos. O habitual. E diz-lhes que despacharemos uma caravana antes do fim do próximo ano -. Dário sorriu-se. - Não digas que eu serei o chefe da caravana. E que toda a mercadoria será de metal... espadas, escudos, lanças! Antes de morrer serei... como foi que disseste como se chamava aquele homenzinho? - Monarca universal.

- Serei o primeiro monarca universal. Sonho com pérolas e seda... e ilhas e Catai!
Se Dário fosse mais novo dez anos e eu dez anos mais velho, estou convencido de que todo o mundo que importa seria hoje persa. Mas, tal como me tinha palpitado, Dário nunca mais conduziria os clãs à batalha. Em menos de cinco anos jazeria ao lado do seu pai, no túmulo aberto na rocha, nos arredores de Persépolis.

3

Mardónio recebeu-me a bordo de um barco-casa ancorado ao cais do novo palácio. O comandante-em-chefe dos exércitos e das armadas do Grande Rei tinha um aspecto pálido e frágil e ainda mais jovem do que era na realidade. Estava deitado numa rede suspensa entre duas traves. Com a resposta do barco às correntes do rio, a rede balouçava por si própria.
- Quando o barco balouça a dor é menor -, disse Mardónio enquanto eu descia a escada para os seus aposentos. A perna infectada estava nua, inchada, negra. Dois escravos sacudiam as moscas. Um braseiro com sândalo a arder não conseguia disfarçar o cheiro a carne podre que enchia o camarote. - Feio, não é?
- Sim -. Fui directo: - Corta-a.
- Não. Tenho de ter duas pernas.
- Podes morrer por causa disso.
- O pior já passou. Ou é o que eles dizem. Se não fosse... -. Mardónio encolheu os ombros; em seguida fez um esgar de dor por causa do esforço.
A toda a nossa volta ouvíamos os ruidos habituais de um porto movimentado. Homens gritavam, amarras rangiam e os barcos redondos dos Babilónios batiam de chapa ao moverem-se contra a corrente do rio.
- O barulho não te incomoda?

Mardónio abanou a cabeça. - Gosto dele. Quando fecho os olhos, penso que ainda estou com a esquadra. Queres navegar comigo na Primavera?
- Para a Trácia? -. Não sei por que razão fui tão grosseiro ao ponto de falar no lugar onde ele não só foi ferido como se perdeu uma parte da nossa esquadra numa tempestade.

Mardónio franziu o sobrolho. - Sim. Para a Trácia também. Onde os teus parentes estão agora em rebelião.
- Abdera pode estar em rebelião, mas não a família de Lais.
São todos pró-Pérsia.
- Conheci o teu avô. Não fazia ideia de que fosse tão rico.
- Não ó conheci, lamento dizê-lo. O que sei é que foi sempre
leal ao Grande Rei.
- É Grego -. Mardónio puxou pelas cordas da rede para fazê-la balançar mais. - Por que é que andaste a excitar Xerxes com essas histórias da índia? -. Mardónio estava acusador.
- Ele perguntou-me. E eu contei-lhe. Se quiseres, conto-te as mesmas histórias. O nosso futuro está no Oriente.
- Isso é porque foste criado na fronteira oriental -. Mardónio estava irritado. - Não fazes ideia de como é a Europa. De como é rica... em prata, cereais, povos.
- Dário tentou conquistar a Europa, lembras-te? E foi duramente derrotado.
- Isso é traição -, disse Mardónio, sem sequer tentar ser leve.
- O Grande Rei nunca foi derrotado.
- Tal como os seus comandantes nunca são feridos? -. Falei sempre de igual para igual com Mardónio. Não creio que ele gostasse disso, mas como eu, Xerxes e ele tínhamos sido unidos como um só durante tantos anos, dificilmente se podia queixar. No fundo, ele gostou sempre de mim mais do que eu dele. Isto dá-nos sempre uma vantagem. Como eu nunca poderia comandar um exército, não era ameaça para ele. Além disso ele pensava que poderia influenciar o conselho que eu dava a Xerxes.
- Isso foi um erro estúpido -. Mardónio mudou de posição na rede. Eu tentei não olhar para a perna e, claro, não olhava para outra coisa.
- Não há razão para que tu não possas comandar os exércitos que irão à índia -. Eu estava totalmente comprometido com a chamada política oriental e nunca me desviei dela até hoje. Mas Mardónio era o principal executor da política ocidental. Não tinha uma tarefa fácil. O Grande Rei tinha perdido o interesse na Europa depois da derrota do Danúbio; passava os dias ocupado com as tribos do Norte e a pensar em novas formas de arranjar dinheiro. De um modo geral, Dário não sentia verdadeiro desejo de mais conquistas até eu lhe incendiar a

imaginação com as minhas histórias da índia e do Catai.
Durante várias horas eu e Mardónio estivemos a discutir, naquele camarote mal cheiroso cujo balouçar constante me punha um tanto

mal disposto. Embora Mardónio soubesse da minha audiência privada com Dário, era demasiado arguto para me perguntar o que tinha sido dito. Talvez já o soubesse. Não há muitos segredos na corte persa. Era do conhecimento geral que eu tinha chegado a Babilónia com Xerxes.
- Quero que Xerxes comande a próxima expedição à Grécia. Serei o segundo comandante -. Via perfeitamente que Mardónio pensava que estava a ser subtil.
- Atossa não o deixaria ir -. Eu não fui nada subtil.
- Mas Amestris fá-lo-á ir -. Mardónio sorriu. - Ela tem muita influência no nosso amigo.
- É o que dizem. Ela quer que ele vá?
- É claro que quer. Detesta ver-me ficar com toda a glória. Não a censuro. Por isso é que estou disposto a dividir os louros da conquista da Europa.
- Que extensão da Europa esperas conquistar? -. Esta era uma pergunta verdadeira. Naquele tempo nós ainda sabíamos menos do que hoje da extensão e variedade das terras a ocidente. Os mercadores fenícios tinham-nos dado uma boa ideia dos portos ou portos potenciais ao longo da costa norte do Mediterrâneo. Mas o interior desse continente de densas florestas e em grande parte desabitado era então, tal como hoje, um mistério que não valia a pena desvendar - na minha opinião, evidentemente.
- Em primeiro lugar, destruiríamos Atenas e Esparta e traríamos os seus habitantes para aqui, como fizemos com os Milesianos. Em seguida, ocuparia a Sicília. É uma ilha enorme onde podemos cultivar trigo suficiente para alimentar a Pérsia inteira, o que nos tornará menos dependentes desta maldita cevada -. Mardónio fez uma careta. - Se quiseres compreender os Babilónios, pensa em cevada... e vinho de palma. Não vivem doutra coisa e olha para eles!
- São bem bonitos, para cabelos pretos.
- Não estou a falar de beleza. Não quero prostitutas. Quero soldados e aqui não há nem um soldado.
Mas houve-os logo passado pouco tempo. A facção grega, quase completa, juntou-se-nos no camarote.
Abracei o envelhecido Hípias. - Esta vai ser a minha última campanha -, segredou-me ao ouvido. Embora estivesse velho e com os dentes a cair, ainda conseguia montar um cavalo como se ele e o cavalo fossem um só. - Ontem à noite sonhei que a minha mãe me pegava ao colo. O que é sempre um bom sinal. Agora tenho a certeza de que em breve estarei em Atenas a oferecer um

sacrifício a Atena.
335
- Esperemos que sim, Tirano -. Fui educado.
Demarato, não: - Esperemos que haja campanha -. O Espartano olhou para mim sem prazer e os outros imitaram-no. Até o rosto rosado de Milo parecia triste com a possibilidade de eu poder ser, verdadeiramente, um inimigo.
Como eu pretendesse retirar-me, Mardónio insistiu para que eu voltasse a vê-lo.
- Da próxima vez terei um mapa da Europa para ti, um mapa que alegraria o olho de qualquer rei -. Riu-se. Os conspiradores gregos, não.
O Sol escaldava quando subi as escadas do molhe até ao portão baixo que marca o fim da avenida de Bel Marduk. Aqui os meus guardas e o meu arauto esperavam-me. Quase me tinha esquecido deles. Ainda não estava habituado aos prazeres e aos desprazeres das altas condições. Uma coisa é ter honrarias num país estranho como Magadha, onde pouco sabemos das pessoas e pouco nos importamos com isso, e outra descer a pé ou a cavalo a avenida principal de Babilónia, acompanhado de guardas de espada desembainhada e um arauto cuja voz apregoa "Deixai passar o olho-do-rei!". E o caminho abre-se. As pessoas encolhem-se como se tivessem à sua frente um fogo que as pudesse queimar, e é isso que o olho-do-rei é.
Quando a corte está em Babilónia, a cidade transborda de gente. Os templos funcionam permanentemente não só com os serviços religiosos e a prostituição ritual mas, mais importante do que tudo, com transacções financeiras, câmbios e empréstimos de dinheiro. Diz-se que a banca foi inventada pelos Babilónios. Pode ser verdade. Mas também é verdade que, noutros sítios e de um modo independente, os Indianos e os Cataios criaram sistemas próprios. Surpreendeu-me sempre o facto de as taxas de juro em cada parte do Mundo serem geralmente as mesmas. Contudo houve pouco ou nenhum contacto regular entre os três países. Isto para mim é um verdadeiro mistério.
Percorri a pé as ruas secundárias estreitas e tortuosas. Graças ao arauto e aos guardas, consegui chegar à sede dos Egibi e filhos sem muitas cotoveladas... e cuspidelas. Os cabeças pretas vingam-se nos seus amos persas cuspindo-lhes sempre que uma multidão suficientemente grande lhes dá uma cobertura adequada.
A fachada do estabelecimento bancário mais importante do Mundo é uma parede incaracterística de lama com uma simples porta de cedro com um postigo. Ao aproximar-me a porta abriu-se. Escravos negros de caras retalhadas por cicatrizes rituais, conduziram-me, curvados à minha frente, a um pátio pequeno onde fui recebido pelo chefe da família, um homenzinho sorridente de nome
336

Shirik. Quando o meu arauto anunciou a presença do olho-do-rei, ele caiu de joelhos. Respeitosamente, ajudei-o a levantar-se.
Shirik mostrou-se amistoso, atento e nada impressionado comigo. Conduziu-me a uma sala comprida e de tecto alto cujas paredes estavam forradas por prateleiras onde estavam empilhadas milhares de placas de barro. - Alguns destes registos remontam a mais de um século -, disse: - Ao mesmo tempo em que a nossa família veio para Babilónia -. Sorriu-se. - Não, nós não somos escravos. Existe a lenda de que éramos captivos judeus, trazidos para aqui depois da queda de Jerusalém. Mas nós nunca fomos escravos. Já estávamos estabelecidos em Babel muito antes de eles chegarem.
Fan Ch'ih e o Cataio que servia Shirik vieram ter connosco. Sentámo-nos a uma mesa redonda, rodeados por placas de barro que representavam milhões de ovelhas, toneladas de cevada, pilhas de ferro e quase todos os archeiros cunhados até à data.
Penso que me teria saído bem na banca se não tivesse sido tão cuidadosamente educado para não ser nem sacerdote nem guerreiro. Embora tenha o desprezo pelo comércio do nobre persa, falta-me a sua paixão pela guerra, pela caça e pelo vinho. Embora possua o conhecimento profundo da religião do sacerdote, não tenho a certeza do que é a verdade. Embora tenha uma vez ouvido a voz do Senhor da Sabedoria, confesso agora, na velhice, que ouvir e escutar são coisas diferentes. A criação confunde-me.
Shirik foi direito ao assunto: - Estou disposto a financiar uma caravana ao Catai. Fan Ch'ih impressionou-me. E impressionou o meu colega, de Wei, um ducado vizinho... -. Shirik apontou para o seu ajudante amarelo, uma criatura insignificante com um olho cego e pálido como uma pedra da Lua. Ele sabia que Wei não era um reino mas um ducado. Na medida em que lhe era possível obter as informações de que necessitava - não, ansiava - ele conseguia-as certas. Tirando Dário, nunca conheci outro homem com um interesse tão apaixonado pelas minudências deste Mundo.
- Naturalmente, há dificuldades -, disse Shirik, começando a pôr na defensiva o candidato ao empréstimo.
- São numerosas mas ultrapassáveis, Senhor Shirik -. Fan Ch'ih começava a aprender a falar num persa que complementava lindamente o persa de sotaque esquisito mas absolutamente fluente de Shirik. Shirik era Babilónio e até hoje o povo de Babel evitou aprender o persa, pela razão nunca confessada de que, mais cedo ou mais tarde, os Persas ou se vão embora ou são absorvidos pela cultura mais antiga e superior de Babilónia.
Durante algum tempo discutimos os acessos ao Catai. O mais

seguro parecia ser por terra, por Shravasti e pelos passos da montanha. Estávamos todos de acordo em que a rota marítima é morosa em excesso e a pista da Báctria é inviável por causa das tribos scitas. Enquanto conversávamos, Shirik mexia os discos de marfim de um ábaco tão velozmente que eles se confundiam como as asas do colibri.
- Naturalmente, só uma caravana não vale a pena -. Shirik ofereceu-nos vinho em taças de ouro maciço cujo brilho e opulência contrastavam espantosamente com todas aquelas placas poeirentas que forravam as paredes, como tijolos de lama de uma cidade morta. Mas a verdade é que aquelas plaquinhas, anódinas mas absolutamente vivas, tinham tornado possível as taças de ouro.
- Suponhamos que a caravana chega a Lu ou a Wei. Suponhamos que uma segunda caravana regressa em segurança a Babilónia com mercadorias cujo valor ultrapasse o das que foram enviadas. Suponhamos que tudo isto acontece, ainda que as probabilidades sejam de sete contra um em como a primeira caravana não chega ao destino e de onze para um em como chega, a caravana de regresso nunca chegará a Babilónia -. Concluí que ele tinha calculado estas probabilidades com o ábaco. Como não sei.
- Mas estou disposto a arriscar. Há cinco gerações que o sonho da nossa família tem sido abrir uma rota entre Babilónia... isto é, a Pérsia... e o Catai. Tivemos sempre contactos com os reinos indianos -. Shirik voltou-se para mim. - O banqueiro-comerciante com quem fizeste negócio em Varanasi é um estimado colega nosso. É evidente, eu e ele nunca nos veremos neste Mundo, mas conseguimos corresponder-nos uma ou duas vezes por ano e fazemos o negócio que podemos.
Shirik precisou de menos de uma hora para me fazer uma proposta. - Acreditamos que esta empresa seria um grande êxito se tu acompanhasses a caravana como embaixador do Grande Rei ao Reino do Meio. Como sabes, os Cataios ainda julgam que o seu
império existe.
- Existe - disse Fan Ch'ih - e não existe.
- Uma observação - comentou Shirik - digna do Buda. Fiquei espantado por ouvir o nome do Buda nos lábios de um banqueiro babilónico, a duas mil milhas das margens do Ganges. Pouco havia que Shirik não soubesse do Mundo com que era obrigado a tratar.
- Sugeriria também, muito humildemente, que partisse antes do começo da campanha da Primavera.
- Não haverá campanha da Primavera -, disse eu.

Shirik fez um sorriso amável e secreto. - Não posso contradizer o olho-do-rei!

Sou por de mais humilde, Senhor. Portanto permite-me que te diga que se houver, por algum milagre, um ataque combinado por mar e por terra a Eritreia e Atenas, os custos da preparação de uma tal invasão serão enormes. Se uma tal campanha tiver lugar, Egibi e filhos serão obrigados a contribuir sempre com a maior alegria, com a maior alegria! Permite-me que te diga isto. Mas tendo em conta estes gastos militares, eu sugeriria ao olho-do-rei, que hoje nos honra com a sua presença, que segrede ao ouvido daquele glorioso soberano, de quem é o olho, que uma embaixada devia ser enviada ao Catai antes de a frota persa sair de Samos.
- Não vai haver guerra grega este ano -. Fui firme na minha ignorância. - Falei... -. Quase cometi aquele erro que o cortesão nunca deve cometer: repetir em público uma conversa particular com o Grande Rei.
- ... com o Senhor Almirante Mardónio, sim -. Habilmente, Shirik salvou-me da indiscrição. - O teu caríssimo amigo, a seguir ao teu verdadeiro e muito querido amigo, o Senhor Xerxes, o príncipe herdeiro, o vice-rei de Babel... Sim, sim, sim -. Tratava-me muito como um filósofo grego escravo trataria o filho do seu amo. Era ao mesmo tempo subserviente e persuasivo, cortês e humilhante.
- Pois -, disse eu. - Falei agora mesmo com Mardónio. Não haverá guerra. Ele não está fisicamente em condições de comandar a expedição.
- A última parte é o que há de mais verdadeiro. O Senhor Mardónio não comandará as forças do Grande Rei. Mas vai haver guerra. A decisão já foi tomada. O comando será dividido. Não te estou a dizer nenhum segredo de Estado, pois se isso fosse de facto um alto segredo, como poderia conhecê-lo o pobre Shirik, da casa dos Egibi? Um comandante será Artafrenes, o filho do sátrapa da Lídia. O outro será Datis, o Medo. Seiscentas trirremes concentrar-se-ão em Samos. Em seguida sairão para Rodes, Naxos, Eretria, Atenas. Mas tu sabes isto tudo, Senhor. Tens prazer em deixar que um homem velho e humilde faça figura de parvo ao dizer-te o que é sabido de todos quantos assistem aos conselhos do Grande Rei.
Fiz o melhor que pude para parecer um repositório de segredos de Estado. Na realidade fui apanhado completamente de surpresa. Embora não me surpreendesse que um banqueiro pudesse saber de coisas que eu não sabia, estava relativamente convencido de que Mardónio não sabia nada da campanha da Primavera e tinha toda a certeza de que Xerxes ignorava os planos do pai. Se Shirik estivesse certo, então, por razões desconhecidas, a facção grega tinha mais

uma vez persuadido o Grande Rei a empreender uma guerra no Ocidente. Concordei com Shirik em como a embaixada e a caravana deveriam ir juntas, e disse-lhe que me proporia ao Grande Rei como embaixador. Mas ao fazermos os

nossos planos não conseguia pensar noutra coisa senão na duplicidade de Dário. Tinha-me prometido uma invasão da índia. Naturalmente os Grandes Reis não são obrigados a honrar promessas feitas aos seus escravos. Contudo, segundo a confissão do próprio Dário, o interesse da Pérsia estava no Oriente. Por que razão tinha mudado de ideias?

Naquele tempo Xerxes gostava de deambular por Babilónia disfarçado. Vestia uma capa caldeia de tal modo que o capuz encobria-lhe a barba, conhecida, de corte quadrado. Com a cara coberta, parecia um jovem mercador sem grandes êxitos de uma aldeia rio acima. Quando Atossa o repreendia por estas aventuras ele dizia: - Se eles vão matar-me, matar-me-ão de certeza. Se acontecer, aconteceu -. Por fim, aconteceu mesmo.

Na nossa juventude, graças a Atossa, Xerxes nunca andava completamente sozinho. Para onde quer que fosse, os guardas estavam sempre por perto. Mesmo assim, devo dizer que essas expedições deixavam-me sempre pouco à vontade. - Por que é que te expões
desta maneira?

- Gosto. Seja como for, como nunca ninguém sabe de antemão quando planeio desaparecer... incluindo eu próprio... isso anula as emboscadas, não achas?

Xerxes e eu desaparecemos no dia a seguir à minha conferência com Shirik. Os meus arautos e os guardas foram dispensados, enquanto os guardas de Xerxes se vestiam de modo a parecerem camponeses que vieram à feira. Então, feliz da vida, Xerxes conduziu-me através do bairro dos bordéis privados, que são de longe superiores aos lupanares dos templos. Numa boa casa privada é possível jantar bem, ouvir música, gozar as raparigas da casa, que vêm de todas as partes do Mundo. As raparigas geralmente são encantadoras; e são sempre limpas.

A casa favorita de Xerxes ficava num beco entre as traseiras do templo de Ishtar e a feira dos camelos. A dona e mestra dos prazeres era uma mulher de barba que não fazia ideia de quem fôssemos. Mas lembrava-se sempre com fingido carinho do belo jovem de olhos cinzentos que lhe pagava bem e não arranjava complicações. À porta cumprimentou-nos com o seu habitual: - Jovens príncipes galantes, vós sois como o Sol num lugar escuro! Entrai, entrai!

340

Um tanto bizarramente ela falava a linguagem da antiga corte babilónica, onde passara a infância como, segundo ela, concubina de Nabonido. Mas as outras donas de bordéis do bairro garantiram-nos que ela não tinha sido concubina mas sim cozinheira. A malícia babilónica é sempre apurada e divertida, se o alvo não somos nós.

- Agora - dizia uma rival envelhecida - o estafermo acredita mesmo que foi rainha de Babilónia. Mas ela era do mais baixo que há. Não sei por que é que

vós, uns rapazes tão simpáticos, frequentais a casa dela. Ela tem todo o tipo de doenças. E, é evidente, é um eunuco. Não sabíeis? Não reparastes na barba que ela tem?
Como sempre, pagava-se adiantado, o que encantava Xerxes. Ele gostava de fingir que era um vulgar mortal. Como sempre, paguei pelos dois. O príncipe herdeiro não pode trazer uma bolsa. Em seguida fomos introduzidos numa grande sala, no último andar da casa, onde nos estendemos lado a lado num divã baixo.
Lembrando-se da preferência de Xerxes por vinho de Helbon, a nossa anfitriã mandou-nos uma dúzia de jarros. Cada um foi trazido por uma rapariga diferente - uma maneira amável de nos mostrar os artigos da casa. Noutra sala, tocava-se música frígia. Quando a última rapariga pousou o último jarro de vinho e saiu, contei a Xerxes a minha visita a Shirik.
Xerxes estava reclinado numa almofada, de taça na mão; fechou os olhos e murmurou: - Não.
- O Grande Rei não te disse nada? - perguntei. A sala estava quente e o cheiro do olíbano penetrava em tudo, até no vinho. Não consigo entender como é que há gente tão ligada a essa essência tão penetrante. Suponho que é por ser tão rara. O sátrapa da Arábia abastece o Grande Rei com mais de sessenta mil libras por ano como tributo.
- O meu pai não me diz nada. Falamos de construção. Falamos... - Xerxes fez um gesto amplo para indicar a satrapia de Babilónia - ... disto, de como devia ser governado, que não é como eu o governo. Ele acha que eu governo isto mal -. Xerxes suspirou. - Datis não é ameaça. Mas o meu primo Artafrenes... -. A voz arrastou-se e morreu.
- Esperemos que ele tenha herdado a perícia militar do pai. Eu estava lá quando Sardis ardeu por negligência do velho.
- Góbrias nunca foi bom na guerra, e olha para os seus filhos -. De repente Xerxes sorriu-se pela primeira vez desde que eu lhe contara a novidade. - Bom, pelo menos Mardónio não comandará -. Xerxes bateu palmas e uma rapariga apareceu à porta baixa. - Quero música lídia - disse: - E comida lídia.

Trouxeram-nos imediatamente as duas coisas. Enquanto nos serviam prato atrás de prato, tocavam-nos melodias em harpas de doze cordas. Entre dois pratos conversávamos.
- Fiz o melhor que pude -, disse ele. - Disse a Dário que devíamos ir para Oriente na próxima Primavera -. Xerxes mergulhou a mão numa terrina de porcelana cheia de carne de borrego em mel e pinhões.
- E ele que disse?

- Concordou. Disse: "Sim, para Oriente é que é." É a maneira dele, claro. Disse isto assim e levou-me a acreditar que era mesmo o que ia fazer. Mas... há qualquer coisa que não bate certo. Ele ficou mesmo excitado com o que lhe contaste.
- Então por que razão...
- Não sei. Nunca sei os porquês. É óbvio que os Gregos da corte o estiveram a convencer. Especialmente Hípias. Tem qualquer coisa sobre o meu pai. Não sei o que é. Contudo, de todas as vezes que o velho diz "Por Atena e Poseidon, juro que ainda hei-de fazer mais um sacrifício na Acrópole" - (Xerxes imitou na perfeição a voz sonora de Hípias, na qual só recentemente começou a notar-se uma ligeira tremura de velhice) - a Dário vêm-lhe as lágrimas aos olhos e jura que vai ajudá-lo.
- E o rei de Esparta?
- Pergunta à tua mãe -, respondeu Xerxes em tom amargo. - Não tenho relações com ele. Suponho que quer que o coloquemos outra vez no poder. Que mais há-de querer? Tem fama de ser um bom soldado. Esperemos que Lais lhe ensine a lavar-se de vez em quando.
- Eu e Lais estamos de relações cortadas.
- Por causa dos Gregos?
Fiz que sim. - E de ti. E de Mardónio.
Xerxes soergueu-se, apoiando-se num cotovelo. Puxou-me tanto para si que o lado da minha cara ficou encostado à sua barba encaracolada e eu pude cheirar a essência de sândalo das suas roupas e sentir o calor dos seus lábios, que me segredaram ao ouvido: - Ela anda a envenenar Mardónio?
Afastei-me. - Não -, respondi em tom normal. - Não acho que a rapariga o ame.
- Mas disseram-me que sim, que suspira por ele, dia após dia, uma gota de cada vez, na taça -. Xerxes divertia-se com o nosso jogo.
- Penso que a rapariga quer que determinadas pessoas pensem
que está apaixonada por ele, quando não está.

Xerxes fez que sim. - Percebo. Mesmo assim...
Para meu prazer, um par de dançarinas indianas actuaram para nós. De Taxila, gémeas, ficaram espantadas quando eu lhes falei na sua língua. Pedi-lhes para dançarem a famosa dança nautch (1) e elas concordaram. Xerxes ficou fascinado com a maneira como os seus ventres se moviam primeiro para um lado e depois para o outro. Durante os intervalos entre as danças ele disse-me que ainda não estava completamente seguro quanto à sucessão.
- A sucessão só pode ser tua -. Confesso que estava um tanto aborrecido com o que me pareciam receios infundados. Xerxes era o príncipe herdeiro há já vários

anos. Não tinha nenhum rival.
- Góbrias ainda quer que seja o neto dele -. Xerxes estava obcecado. - E Artobazanes nunca se esqueceu de que já foi o príncipe herdeiro.
- Devo dizer que eu próprio já quase me esqueci.
A corte estava em Ectabana quando Dário de repente anunciou que ia partir para a fronteira norte e como o costume persa
- medo, na realidade - exige que, sempre que o governante saia do país, seja designado um herdeiro, ele escolheu o seu filho mais velho, Artobazanes. Nessa época Xerxes e eu tínhamos talvez treze ou catorze anos. E só pensei no anúncio quando Lais me perguntou como tinha reagido Xerxes. Quando lhe disse que não tinha tido nenhuma reacção, ela abanou a cabeça. Passados anos Xerxes disse-me que lhe tinha custado um grande esforço a disfarçar o terror.
- Se Dário não tivesse voltado da fronteira, Artobazanes teria sido Grande Rei e os filhos de Atossa teriam sido mortos.
Enquanto bebíamos jarros de vinho uns a seguir aos outros, Xerxes falou do seu irmão Ariamanes como uma ameaça potencial. Ariamanes era além do mais sátrapa da Báctria, um território dado à rebelião. - Os espiões dizem-me que ele planeia tomar o meu lugar.
- Como?
- Veneno. Rebelião. Não sei.
- Que é que Atossa acha desse... seu filho?
- Foi Atossa quem me avisou -. Xerxes abanou a cabeça, confuso. - Sabes, de todos os meus irmãos e meios-irmãos, o único de quem alguma vez gostei foi Ariamanes, que é quem me quer matar.
* (1) Dança indiana executada por dançarinas profissionais. (N. do T.) *

- A não ser que tu o mates antes.
Xerxes fez que sim. - Infelizmente a Báctria fica muito longe. Era por isso que esperava - (pôs-me a mão no ombro) - que tu tomasses a rota do Norte para o Catai... através da Báctria -. Xerxes piscou o seu olho de gato.
Senti-me gelar. - É uma incumbência muito... terrível -. Como, perguntava-me desesperadamente, ia eu matar o sátrapa da Báctria na sua própria capital?
- Bom, ainda não te incumbi de nada. Mas mete na cabeça que um dia podes vir a ser obrigado a demonstrar o teu amor pelo teu cunhado.
Como um estúpido olhei para ele através da mesma névoa de vinho com que ele olhava para mim. Em seguida Xerxes abraçou-me. Estava jubilante. - Esclareci tudo com os juristas. Ganhei. No dia do Ano Novo casarás com a minha irmã.
- Não sou digno -. É a resposta habitual. E pela primeira vez achei-a apropriada. Quem era eu para casar com uma filha do Grande Rei? Disse-o e outras coisas

mais. Mas Xerxes ignorou as minhas objecções. - Temos de te ter na família. Pelo menos eu devo ter-te na família. Atossa está encantada.
- Que diz o Grande Rei?
- Ao princípio não lhe agradou. Mas depois começou a falar de Zoroastro e da decepção que ele, Dário, tinha sido para os seguidores do teu avô, que preza acima de todos os Magos. Sabes a arenga que ele faz, quando quer conseguir qualquer coisa sem dar nada em troca. De qualquer modo, quando acabou, tinha-se convencido de que era dele a ideia de tu casares com uma das suas filhas para misturar o sangue de Ciro, o Grande, com o do santo Zoroastro. Misturar o meu sangue, é o que é, pois ele é tão parente de Ciro como tu.
O resto do dia passado no bordel é uma mancha imprecisa. Lembro-me de partilhar as gémeas indianas com Xerxes. Lembro-me de vomitar. Lembro-me de a nossa anfitriã me ter dado uma poção potente que me aclarou a cabeça imediatamente, que então começou a doer-me.
Ao pôr do Sol Xerxes e eu saímos com passos pouco firmes para o meio das multidões que se comprimiam nas ruas e dirigimo-nos para o palácio novo. Junto ao zigurat perguntei-lhe: - Com qual das tuas irmãs me vou casar?
- Vais casar com... ah... -. Xerxes parou. Pensou com força; depois abanou a cabeça. - Não me lembro. Só conheço duas delas e elas são cinco. De qualquer modo, Atossa diz que a tua é a melhor delas todas. Por que não perguntas a Lais? Ela conhece o harém.

- Estamos de relações cortadas.
- Bom, pergunta a Atossa. Ou espera e já vês -. Xerxes fez uma careta sorridente com a luz fulva do crepúsculo. - Afinal, que diferença faz? Casas com uma Acménida, e isso é tudo o que importa neste Mundo.

4

Por razões desconhecidas, o Grande Rei olhava mais uma vez para Ocidente. No seu reinado não iria haver nenhuma expedição ao Oriente. Despedi-me, com tristeza, de Fan Ch'ih. Casei-me, com alegria, com a filha do Grande Rei; e durante os cinco anos que se seguiram gozei de vários altos cargos na corte de Dário, incluindo a posição muito cobiçada de amigo-do-rei, um título que ainda mantenho mas que não me atrevo a usar na corte actual. Foi sempre minha opinião que o título da pessoa e a sua posição devem, dentro do razoável, coincidir.
Como olho-do-rei fui enviado a inspeccionar as cidades jónicas. Gostei dessa viagem de serviço. Em primeiro lugar porque intrigava as pessoas, não só pela

minha condição mas por ser meio-Grego. Em segundo lugar, porque pude visitar Abdera, onde conheci o meu avô, que me recebeu como a um filho único. Ele era rico. Tinha espírito. Era de um sofista antes que a tribo tivesse sido inventada. Evidentemente, Protágoras era um jovem lenhador na sua propriedade e é possível que tenha influenciado o meu avô. Mas também é possível que o meu avô o tenha influenciado a ele. Conheci também o meu tio - o teu avô, Demócrito. Ele era então um jovem de dezoito anos. Só se interessava por dinheiro. Não prosseguirei com um assunto de que sabes mais do que eu.
De Abdera rumei a casa num barco à vela. Esta viagem marítima sem acontecimentos acabou em Halicarnasso, onde aportámos numa clara madrugada em que as estrelas ainda eram visíveis a oeste. Ao desembarcar esperava mais ou menos encontrar o meu eu mais jovem de olhos escancarados não só para a sua primeira visão do mar mas para o espectro maduro do imponente olho-do-rei em que ia transformar-se. Mas em vez do meu eu da juventude, vi o Mardónio adulto em carne e osso. Estava sentado na ponta do molhe, rodeado de pescadores que descarregavam as suas redes.
- Deixai passar o olho-do-rei! - berrou o meu arauto.

- Que passe à vontade -. Mardónio pôs-se em pé e fez uma vénia profunda. - Benvindo a Halicarnasso.
- Senhor Almirante! -. Ao abraçarmo-nos senti o corpo descarnado por baixo da pesada capa. Tinham-se passado dois anos desde que fora ferido e ainda não tinha recuperado. Mas apesar de o rosto estar pálido, os olhos azuis vivos reflectiam com uma limpidez infantil e luminosidade matinal do mar.
- Estou completamente afastado do Mundo -, disse, ao atravessarmos o molhe até à rua que sobe a colina para o palácio de Artemísia. - Invisível. Esquecido.
- Invisível para a corte. Mas não esquecido. Que estás a fazer aqui?
Mardónio parou no fundo da encosta. Respirava fortemente e o suor brilhava-lhe na testa. - Quando perdi o comando, disse ao Grande Rei que gostaria de me afastar da corte.
- Para sempre?
- Quem sabe? Quero dizer, a única coisa certa é a morte. Não é verdade, caro primo?- . Lançou-me um olhar estranho. - Quem diria que tu virias a casar na nossa família?
- Na família deles -. E imitei o seu tom: - Caro primo.
- Minha, também, pelo sangue. Tua, pelo casamento. E pelo amor firme de Xerxes -. Quando começámos a subida para o palácio, Mardónio tomou-me o braço. Ele balançava mais do que manquejava, lançando o corpo de um lado

para o outro ao tentar não fazer demasiada força na perna doente. A meio da subida largou-me o braço. - Subir é o pior -, disse, arfando; e deixou-se cair em cima de um grande pedregulho de calcário.
Sentei-me ao lado dele. Por baixo de nós as casas da cidade pareciam como que dados lançados contra a borda agreste do canal violeta que separa o continente das montanhas verde escuras da ilha de Cos. O lar do deus Pã, pensei... e logo a seguir voltei a mim. Pensei nos piratas que vivem nessas lindas montanhas, na frouxa administração civil da ilha, nos impostos em atraso. Eu era o severo inspector, o olho-do-rei absolutamente incorruptível.
Então Mardónio disse-me que: - "Logo que o jovem Artafrenes
e Datis partiram para a Grécia, vim para Halicarnasso. Tenho estado
aqui desde essa altura.
- A recuperar as forças?
- Sim -. Mardónio lançou-me um olhar um tanto desafiador.
- Espero voltar ao comando no próximo ano.
- Mas vai haver alguma campanha no próximo ano? Uma vez que Atenas foi destruída, qual é o interesse? - Mexi num peixinho

de pedra que tinha ficado embebido no calcário, uma relíquia do tempo da inundação de Babilónia.
- A questão é a Grande Grécia. A Sicília. A Itália -. Mardónio sorriu-se. - Nunca te mostrei o meu mapa, pois não?
- Não. Mas também nunca te mostrei o meu mapa dos reinos indianos.
- Nunca havemos de estar de acordo.
- Não. Mas qual é o teu problema? -. Fui um tanto azedo. - Tu ganhas sempre. Tu tens um poder mágico sobre o Grande Rei. Quando lhe dizes "Ataca os Gregos", ele ataca.
- Hípias é que tem esse poder. Ele é que é o feiticeiro -. Mardónio falava a sério.
- Eu só rezo para que os seus feitiços continuem a ser eficazes. Apesar de velho, ele está com a frota. Todos os nossos Gregos estão com a frota, excepto Demarato, que ficou em Susa, onde tem o Grande Rei só para si.
- Que pensas que quer Demarato?
- O Mundo! Que mais se pode querer além do Mundo? -. Mardónio praticamente gritou-me ao ouvido; e o seu rosto pálido tornou-se por um momento tão cor-de-rosa como um coral. Foi então que vi que não só ia recuperar como obteria mais uma vez, se não o Mundo, pelo menos o comando das forças do Grande Rei.
Um pastor de cabras aproximava-se com o seu rebanho. Curvou-se, disse qualquer coisa em dialecto e continuou o seu caminho. De certeza que não fazia ideia de quem fôssemos. Éramos simplesmente dois estrangeiros a caminho do

palácio do mar.
A reacção de Mardónio foi a mesma que a minha: - Governamos milhões de pessoas - disse, com uma certa admiração - e elas nem sequer sabem o teu nome.
Nunca.
- Os nossos, não, talvez. Mas sabem que Dário é o Grande Rei. Mardónio abanou a cabeça. - Aquele pastor não sabe quem é Dário.
Discordei; e então fizemos uma aposta. Enquanto Mardónio descansava no seu assento de pedra, abri caminho por entre o rebanho até ao pastor, que ficou assustado. Disse-lhe qualquer coisa; ele respondeu com outra coisa qualquer. Achei o seu dialecto dórico primitivo tão incompreensível como ele o meu grego jónico. Por fim arranjámos uma língua adequada ao meu propósito, que era simplesmente perguntar-lhe: - Quem é o teu soberano?
- Demétrio, jovem senhor. É o dono de todo o lado de lá daquela montanha além. É o dono deste rebanho.
Mas quem é o senhor de Demétrio? O homem franziu a testa e pensou. Enquanto se debatia com este

novo conceito, um piolho aproveitou-se da sua imobilidade para fazer uma viagem rápida desde o cabelo puxado para trás junto à orelha esquerda até à barba emaranhada que começava na metade inferior das faces. O piolho encontrou um refúgio seguro na floresta da barba e eu fiquei contente: os que por natureza não são caçadores, põem-se do lado dos caçados.
- Não sei -, disse por fim.
Apontei para o palácio cinzento por cima de nós. - E a rainha?
- Rainha? -. Disse a palavra como se nunca a tivesse ouvido.
- A senhora que vive lá em cima.
- Ah, a senhora! Sim, já a vi. Monta a cavalo como um homem. É muito rica.
- É a rainha de Halicarnasso.
O homem fez que sim. A frase era-lhe claramente estranha. - Sim, sim - disse. - As cabras estão a espalhar-se, jovem senhor.
- Mas quem é o senhor dela?
- O marido, acho eu.
- É viúva. Contudo há uma pessoa acima dela que é o seu soberano.
Mais uma vez tinha dito uma palavra estranha. - Soberano? - repetiu. - Bom, eu não venho para este lado da montanha tantas vezes como isso. Há aqui muita gente que eu não conheço.
- Mas de certeza que conheces o nome do Grande Rei. O Grande Rei é o teu soberano e meu também e o Mundo inteiro sabe o seu nome.
- E qual é o nome dele, jovem senhor?

Mardónio ficou encantado por ganhar a aposta. Eu não. - Deve haver maneira de se chegar a esta gente -, disse eu.
- Incomodares-te para quê? Ele cuida das cabras e paga uma renda qualquer a um proprietário, que paga imposto à rainha, que paga tributo ao Grande Rei. Portanto, que mais podemos querer de um campónio destes? Por que é que ele devia dar cabo da cabeça a saber quem nós somos, ou quem é Dário?
Ao subirmos até ao cimo do promontório, o suor cobria a cara de Mardónio como uma chuva morna indiana. - A corte não é o Mundo -, disse ele um tanto inesperadamente.
- Não -. Eu era muito o olho-do-rei - Mas é o nosso Mundo... e o deles, também. Quer eles o saibam quer não.
- Tu nunca estiveste no mar -. A resposta de Mardónio era enigmática. Quando lhe lembrei que tinha atravessado o mar do sul, ele abanou a cabeça.
- Não era isso que queria dizer. Nunca comandaste o teu próprio navio. Não há nada como isso.

- Sim, senhor do mar -. Trocei dele amigavelmente. Mas ele não podia responder; estava outra vez sem fôlego. Sentámo-nos numa coluna quebrada em frente ao palácio e ficámos a olhar para os suplicantes que entravam e saíam.
- Que notícias há de Xerxes? -. Mardónio enxugou a cara à manga. O Sol tinha perdido o seu frescor matinal e o calor parecia agora subir da própria terra.
- Está em Persépolis -, disse eu. - Nas obras.
- Nas obras? - Mardónio pegou numa pinha. - Isso não é vida -. Arrancou as folhas duras da pinha à procura de pinhões. Não encontrando nenhum, atirou a pinha contra a árvore que a gerara. - Eu disse ao Grande Rei que Xerxes devia comandar os exércitos contra Atenas -. Isto era mentira, mas não fiz comentários. - Dário concordou.
- No entanto Xerxes não foi autorizado a ir.
Mardónio esfregou a mão no granito áspero da coluna. - Xerxes tem de ter vitórias -, disse, acariciando a pedra como se fosse um cavalo. - No ano passado, quando vi que não teria forças suficientes para ir para a guerra, aconselhei Dário a suspender a ofensiva da Primavera no Ocidente e enviar o exército para essa tua terra dos macacos.
- É verdade? -. A pergunta era grosseira. Porque eu não sabia a resposta.
- Um nobre persa não pode mentir -, disse Mardónio sem sorrir. - Mesmo quando - acrescentou - mente -. Parecia estar com dores. - Sim, é verdade. Eu só quero uma coisa... ser o conquistador dos Gregos e não quero partilhar essa distinção com Artafrenes nem Datis. De modo que esperei que este ano Xerxes levasse o exército para lá do rio Indo.

- Para tu no próximo ano o tornares a trazer para Ocidente?
- Sim, isso é o que eu queria. Mas não foi o que tive. Acreditei em Mardónio. Afinal, não era nenhum segredo que ele
queria ser sátrapa dos Gregos da Europa. Como agora tudo indicava que seria o jovem Artafrenes quem iria gozar esse alto cargo, mudei de assunto: - A rainha Artemísia está contente com a sua posição?
Mardónio riu-se: - Com qual? Ela tem várias.
- Falo como olho-do-rei. Ela ignora o sátrapa. Trata directamente com o Grande Rei. O sátrapa não gosta.
- Mas Artemísia gosta e o povo também. Esta cidade é dórica e os Dórios tendem a adorar as suas famílias reais. E a verdade é Que, evidentemente, ela é popular por ela própria, como vim a

descobrir. Quando demiti os tiranos jónicos, demiti-a também a ela. Então ela enviou-me uma mensagem dizendo que se eu queria substituir uma dinastia tão antiga como os deuses dos Arianos, teria de lutar com ela em campo aberto.
- Corpo a corpo?
- Era o que ela queria dizer - Mardónio fez um sorriso rasgado. - De qualquer modo, enviei-lhe uma mensagem apaziguadora, seguida da minha bela pessoa ainda com a perna intacta.
- Ela cumprimentou-te no chão?
- No trono. E depois na cama. O chão é para quem é muito novo. Ela é uma mulher formidável e eu daria uma... daria a perna doente para me casar com ela. Mas não é possível. De modo que vivo com ela bastante às claras, como se fosse o seu consorte. É espantoso. Estes Dórios não são como os outros Gregos, ou como quem quer que seja. As mulheres fazem o que lhes apetece. Herdam bens. Até têm os seus próprios jogos, como os homens.
Tirando Halicarnasso, nunca visitei nenhuma cidade dórica. Suspeito que Halicarnasso deva ser a melhor delas, tal como Esparta é a pior. A independência das mulheres dóricas aborreceu sempre Xerxes. No fim acabou por se divorciar ou mandar embora as suas esposas e concubinas dóricas porque não lhes podia suportar a melancolia. Elas ressentiam-se realmente por estarem sequestradas no harém! Descobri que não há atitude tão bizarra que não venhamos a encontrar, mais cedo ou mais tarde, se viajarmos até bastante
longe.
Artemísia recebeu-nos numa comprida sala de tecto baixo com janelinhas que davam para o mar e a verde escura Cos. Ela estava um tanto mais forte do que o que eu me recordava dela, mas o cabelo dourado ainda era dourado e o rosto era agradável, apesar do recente nascimento de um segundo queixo.

O meu arauto anunciou-me segundo o uso. A rainha curvou-se não perante mim mas perante o meu cargo segundo o uso. Depois de ela me dar as boas-vindas a Halicarnasso, falei-lhe da afeição do Grande Rei pela sua vassala. Em voz alta ela jurou obediência à coroa persa; depois disto os nossos acompanhantes retiraram-se. - Ciro Spitama é um inspector implacável -. Mardónio agora estava bem disposto. - Jurou aumentar o teu tributo em metade -. Estava estendido num leito estreito que fora colocado de modo a ele poder ver o porto pela janela. Ele disse-me que passava a maior parte dos dias a ver os barcos entrar e sair. Nessa manhã, às primeiras luzes, quando reconheceu as velas do meu navio, descera a coxear até ao porto para me cumprimentar.
350
- O meu tesouro é do Grande Rei -. Artemísia foi formal. Estava sentada, muito direita, numa cadeira de madeira de espaldar alto. Eu estava sentado, igualmente muito direito, numa cadeira não tão alta como a dela. - E também o meu exército, e também eu.
- Di-lo-ei ao senhor de todas as terras.
- Também podes dizer-lhe que quando Artemísia diz que é dele, é dele realmente. Mas não para o harém. Para o campo de batalha.
Devo ter parecido tão surpreso como realmente fiquei. Mas Artemísia estava perfeitamente plácida na sua beligerância. - Sim, estou disposta, em qualquer altura, a comandar o meu exército em qualquer batalha que o Grande Rei ache por bem travar. Esperei juntar-me à ofensiva da Primavera contra Atenas, mas fui recusada por Artafrenes.
- De modo que agora consolamo-nos um ao outro -, disse Mardónio. - Dois generais sem uma guerra para travar.
Artemísia era algo masculina para o meu gosto. Fisicamente, era uma mulher bem fornida de carnes, mas o rosto duro e claro que ela voltava para mim era o de um guerreiro scita. Só lhe faltava o bigode. Contudo Mardónio disse-me que das muitas centenas de mulheres que conhecera, ela era a melhor para fazer amor. Nunca se sabe como os outros são realmente.
Falámos da guerra na Grécia. Não tínhamos tido notícias desde que Artafrenes queimara a cidade de Eretria e reduzira os habitantes à escravidão.
Possivelmente naquela altura teria já ocupado Atenas. Graças à destituição dos tiranos jónicos por Mardónio, o sector democrático de Atenas era pró-Pérsia e não se previa que a cidade opusesse muita resistência. Afinal, a maioria dos homens proeminentes de Atenas eram ou pró-persas ou recebiam dinheiro da Pérsia ou as duas coisas.
Quando falei da nossa vitória em Eretria, Mardónio calou-se e Artemísia pareceu preocupada. Este assunto não era um assunto que agradasse ao nosso leão ferido.

Ela cortou cerce a minha profunda análise da situação militar grega: - Ouvimos dizer que casaste recentemente com a filha do Grande Rei.
Mardónio reanimou-se. - Sim, agora é meu primo. Um dia é um Mago bêbedo de haoma e no dia seguinte é membro da família imperial.
- Eu não sou Mago -. Aborreço-me sempre que alguém diz isto, como Mardónio sabia. Os amigos da adolescência são assim, quando não são inimigos declarados.
- É o que ele diz. Mas põe-o a frente de um altar e ele agarrará os gravetos sagrados e cantará o...

- Qual das nobres damas é a mãe da tua esposa? -. Firmemente Artemísia calou Mardónio.
- A rainha Atossa - respondi formalmente - filha de Ciro, o Grande, cujo nome me foi dado -. Surpreendeu-se um tanto que Artemísia ainda não soubesse o nome da minha esposa. Mas talvez o soubesse; e preferisse fazer de conta.
- Estamos tão longe aqui junto ao mar -, disse ela: - Sabes
que eu nunca fui a Susa?
- Irás comigo quando eu regressar à corte -. Mardónio erguia e baixava lentamente a perna doente, exercitando os músculos.
- Não creio que isso fosse muito próprio -. Artemísia ofereceu-nos um dos seus raros sorrisos; pareceu feminina, mesmo até bela. - Como se chama a grande dama que é tua esposa?
- Parmis -, respondi.
Demócrito quer saber mais sobre o meu casamento. Ficou intrigado com o nome da minha esposa. Também eu. Depois de ouvir Atossa zurzir Parmis, a esposa de Dário, não acreditei nos meus ouvidos quando o camareiro da corte me disse que ia casar-me com Parmis, a filha de Atossa. Lembro-me de ter pedido ao eunuco que repetisse o nome, o que ele fez, acrescentando: - É a mais bela das filhas da rainha Atossa -. É uma expressão convencional da corte, que significa se não o oposto, pelo menos nada. Quando perguntei se se chamava Parmis em homenagem à filha do usurpador, o camareiro não soube ou não quis responder. Atossa foi menos do que esclarecedora. - Parmis é um nome com muito significado para uma Acménida, é tudo. Vais achá-la de muito mau temperamento mas inteligente. Duas qualidades que eu não quereria numa esposa se fosse homem, o que não sou, para meu azar. De qualquer modo é quem ela é e não o que ela é que importa. Toma-a. Se se tornar demasiado desagradável, bate-lhe.
Tomei-a. Bati-lhe uma vez. Não serviu de nada. Parmis era uma mulher de temperamento furioso e vontade forte, uma Atossa totalmente desregulada.

Fisicamente parecia-se com Dário. Mas as feições que pareciam belas quando combinadas no rosto do Grande Rei conseguiam parecer totalmente o contrário no dela. Quando nos casámos ela tinha dezoito anos e sentia horror por me ter como marido. No mínimo, tinha esperado um de Os Seis; no máximo, a coroa de algum reino vizinho. Em vez disso, era a esposa de um mero olho-do-rei. Para tornar tudo pior, era adepta dos demónios e tapava os ouvidos à simples menção do nome de Zoroastro. Numa ocasião ofendeu-me tanto que lhe bati com quanta força tinha com as costas da mão. Ela caiu por cima de uma mesa baixa e quebrou o pulso

esquerdo. Diz-se que uma mulher amará um homem que a trate com violência. Isto provou-se não ser verdade no caso de Parmis. A partir daquele momento odiou-me mais do que nunca.
Durante vários anos tive os meus próprios aposentos em Susa e Parmis partilhava os alojamentos das mulheres com Lais, que, é escusado dizê-lo, gostava muito dela. A perversidade de Lais não tem limites. Eu não mantinha concubinas em casa, dado que esta não era bastante grande; e não tomei mais esposas. De modo que as duas damas eram muito íntimas. Nunca me dominou o desejo de saber de que falavam. Sou perfeitamente capaz de imaginar as suas conversas.
Depois que uma filha nasceu morta, deixei de ver Parmis. Quando Xerxes se tornou Grande Rei, pedi-lhe para a receber outra vez, o que ele fez. Morreu quando eu estava no Catai. É uma história muito infeliz, Demócrito, e não vejo interesse em demorar-me nela.
Interroguei Artemísia sobre as suas relações com o sátrapa. Como olho-do-rei, eu fazia tudo para consertar os erros e criar uma certa dose de complicações necessárias. Artemísia respondeu às minhas perguntas com um sereno bom humor: - As nossas relações são excelentes. Ele nunca me visita e eu nunca o visito. Pago o tributo directamente ao tesouro de Susa e o tesoureiro parece contente. Ele visitou-me já várias vezes.
- Quem é o tesoureiro? -. Mardónio gostava de fingir que não sabia os nomes de nenhum dos funcionários da chancelaria por se achar demasiado grande para simples amanuenses. Mas ele sabia, como todos nós também sabíamos, que o império é governado pelos amanuenses da chancelaria e pelos eunucos do harém.
- Baradkama -, disse eu: -É considerado honesto. Sei que ele pede contas exaustivas do que é gasto em Persépolis e se um simples carregamento de madeira de cedro não está contabilizado, rolam cabeças.
- Quem me dera ser assim tão bem servida -, disse Artemísia. - Dentro dos meus

pequenos limites.
De repente soou uma lira na sala ao lado. Mardónio resmungou; e Artemísia endireitou-se toda na cadeira.
à porta apareceu um homem alto e louro, vestido como um pedinte. Segurava uma lira na mão e uma bengala na outra. Bastante desajeitadamente, tocava a lira com a mão que segurava a bengala. Ao aproximar-se de nós bateu no chão com a bengala como a maioria dos cegos faz ao andar, excepto eu. Poucas pessoas parecem saber que os cegos são capazes de sentir a presença de um obstáculo

antes de chocarem com ele. Não sei qual é a explicação disto, mas é um facto. Por isso, raramente tropeço, e muito menos vou contra uma parede. Não obstante, determinados cegos pedintes geralmente - gostam de anunciar a sua enfermidade batendo com uma bengala à sua frente.
- Salve, ó rainha! -. A voz do cego era alta e nada agradável. - Salve, ó nobres Senhores! Deixai que um humilde bardo vos deleite com as canções do seu antepassado, o cego Homero, que saltou daquela Cos além atravessada pelas montanhas e abençoada de rios rápidos. Sim, eu sou do sangue do que cantou daqueles Argivos que sulcaram os mares contra a Tróia das altas portas. Sim, também eu canto as canções que Homero cantou, das histórias da bela Helena e do falso Páris, do Pátroclo maldito e do seu impertinente catamita, Aquiles, do senhoril Príamo e da sua calamitosa queda!
Ouvi!
E então o bardo cantou durante uma eternidade horrível, acompanhando-se à lira, canhestramente tangida. Não só a voz do cantor era desagradável como ensurdecia. Sobretudo bizarra foi a canção que cantou. Como todos os falantes do grego, sei de cor muito Homero e reconheci muitos dos versos que caíam - não, que eram ejectados - dos lábios do cego como pedras lançadas por uma funda. Primeiro ele cantava-nos um verso da Ilíada de Homero, acentuando grosseiramente as seis sílabas tónicas do verso. E logo a seguir cantava-nos um verso completamente novo cujos sete acentos contradiziam completamente o sentido do que estava para trás. Eu tinha a sensação de sonhar um desses sonhos que às vezes temos depois de um lauto jantar lídio.
Quando por fim o bardo se calou, Mardónio jazia imóvel como um morto enquanto Artemísia estava rígida na sua cadeira e o olho-do-rei abria a boca de espanto... ou antes, fitava o vazio, talvez seja a melhor expressão.
- Senhor Ciro Spitama - disse Artemísia - permite-me que apresente ao meu irmãoa o príncipe Pigres.
Pigres fez-me uma profunda vénia. - Um humilde bardo tem prazer em cantar para um argivo senhor.

- Na verdade eu sou Persa -, disse eu, bastante estupidamente: - Quero dizer, sou meio-grego, evidentemente...
- Bem me parecia! Os olhos! Atesta? A autoridade da presença tão aquilina!
- Então não és cego?
- Não. Mas sou um verdadeiro bardo, descendente de Homero, que viveu do outro lado deste estreito -. Apontou para a janela.
354
Embora Homero tivesse nascido não em Cos mas em Chios, não disse nada. - A música dele flui através de mim.
- Foi o que eu ouvi -. Fui educado. Então lembrei-me da sua caracterização de Aquiles. - Aquiles era certamente mais velho do que Pátrocles, e nenhum dos dois era de certeza catamita. Não eram eles amantes à maneira grega?
- Deves conceder uma certa licença à minha inspiração, nobre senhor. Aliás, não é segredo que o meu antepassado acreditava que Aquiles era o mais novo mas não se atreveu a dizê-lo.
- Pigres é o Homero renascido -, disse Artemísia. Não pude perceber se ela falava a sério. Mardónio nesta altura estava deitado de costas para nós; ressonava.
- O Ulisses persa dorme -, segredou Pigres: - E por isso devemos falar baixo -, disse ele, elevando a voz. - Mas oh, é um tão longo caminho daqui ao seu lar de ítaca, onde a sua esposa Penélope trama a sua morte porque ela gosta de ser a rainha de ítaca com o harém cheio de homens.
- Mas certamente Penélope ficou feliz por receber Ulisses e ... -. Calei-me. Só tarde demais é que percebi. Pigres era doido varrido. Tem-se dito que Pigres apenas fingia loucura porque temia Artemísia, que se apoderara da coroa que legitimamente lhe pertencia por morte do seu pai. Se esta história é verdadeira, então o que começou como uma representação acabou sendo a realidade. Usa uma máscara muito tempo e acabarás por te parecer com ela. ?
Durante os anos do reinado de Artemísia, Pigres refez a Ilíada toda. Pegando em cada verso de Homero, Pigres escreveu a sua Ilíada. O resultado era completamente louco, especialmente quando cantado por ele. Além disso escreveu uma narrativa invulgarmente inteligente sobre uma batalha entre rãs e ratos que modestamente atribuía a Homero. Numa tarde de Verão cantou-me esta obra numa voz perfeitamente agradável e eu fiquei agradado com a agudeza com que ele troçava de todas as pretensões da classe guerreira ariana - uma classe a que pertenço e não pertenço. Aplaudi-o sinceramente. - Esta obra é maravilhosa.
- Tinha de ser -, respondeu ele, lançando a cabeça para trás e fingindo-se cego. - Foi composta por Homero. Eu não faço mais do que cantá-la. Sou só a voz dele.
- és Homero renascido?

Pigres sorriu; levou os dedos aos lábios; afastou-se em bicos de pés. Tenho-me perguntado muitas vezes o que terá sido feito dele no húmido palácio do mar de Artemísia.
Foi em Halicarnasso que recebemos as más notícias da Grécia.
355
Não me lembro de quem trouxe a mensagem. Um navio mercante, talvez. Também já me esqueci do que nos disseram exactamente. Apenas sei que eu e Mardónio ficámos tão alarmados que deixámos Halicarnasso no dia seguinte e, juntos, dirigimo-nos para Susa.

5

Ainda hoje os atenienses consideram a batalha de Maratona como a maior vitória da História militar. Exageram como sempre. O que aconteceu foi isto. Até ao saque de Erétria e ao incêndio dos templos da cidade por Datis, Atenas estava pronta a render-se. O Partido Democrático ateniense era chefiado pelos Alcmeónidas, o clã do nosso nobre Péricles; e tinham feito saber que se a Pérsia os ajudasse a expulsar o Partido Aristocrático, eles estavam mais do que dispostos a reconhecer o Grande Rei como seu senhor supremo. Embora o Partido Democrático se tivesse aliado antes muitas vezes com os Pisistrátides, a era dos tiranos tinha chegado ao fim e até a própria palavra era, nessa altura, maldita, uma palavra que outrora fora um reflexo da divindade sobre a Terra. Nunca compreendi por que razão os tiranos caíram numa desgraça assim tão grande. Mas o que é certo é que os Gregos são a mais volátil e frívola de todas as raças porque se aborrecem com tanta facilidade. Não suportam que as coisas permaneçam como são. Aos seus olhos, o que é velho não pode ser bom enquanto o que é novo nunca é mau... até ficar velho. Gostam da mudança radical em tudo, salvo na ideia que têm de si próprios como um povo profundamente religioso, o que não são. Os Persas são o contrário. Os Grandes Reis podem vir e ir-se, muitas vezes com sangue, mas a instituição da realeza é tão imutável entre nós como na índia e no Catai.
Quando Datis destruiu a cidade de Erétria, perdeu a guerra. Se tivesse feito uma aliança com os democratas de Erétria, estes teriam oferecido a Dário terra e água, e então, com o apoio deles, podia ter marchado sobre Atenas, onde seria recebido de braços abertos. Demócrito pensa que mesmo que Erétria não tivesse sido destruída, os Atenienses teriam resistido à Pérsia. Duvido. Anos mais tarde, quando o maior comandante de Atenas, Temístocles, foi expulso pelo povo que tinha salvo, veio para Susa. Falei com ele muitas vezes sobre os Gregos em geral e os Atenienses em particular.

356
Temístocles estava convencido de que se Erétria tivesse sido poupada, a batalha de Maratona nunca se teria travado. Mas quando Erétria foi destruída, os Atenienses em pânico chamaram os seus aliados para virem em sua defesa. Como sempre, os Espartanos mandaram dizer que lamentavam muito mas... Esta beligerante raça é extraordinariamente engenhosa em inventar desculpas para não honrar alianças militares. Ao que parece era lua cheia - ou não era lua cheia - ou outra coisa qualquer. Embora nunca tenha investigado o assunto, não me surpreenderia se o tesouro persa tivesse pago aos reis espartanos para ficarem em casa. Baradkama, o tesoureiro, costumava queixar-se de que de todos os que recebiam fundos secretos do tesouro, os Espartanos eram os mais ávidos e os menos dignos de confiança.
Só os Plateus responderam ao apelo desesperado dos Atenienses. E assim, mesmo do outro lado do estreito canal que separa Erétria da Ática, os soldados atenienses e plateus tomaram posição na planície de Maratona, sob o comando do antigo tirano Miltíades. Com uma habilidade política consumada, este antigo vassalo do Grande Rei tinha conseguido ser eleito general de Atenas com o voto dos conservadores. Naturalmente, era odiado pelos democratas. Mas graças ao erro de Datis em Erétria, ambas as facções uniram-se em torno dele e as nossas forças foram detidas. Não, não travarei outra vez uma batalha que, neste preciso momento, em todas as tabernas da cidade, todos os velhos revivem com alegres pormenores. Direi que as perdas dos Atenienses foram tão grandes como as perdas da Pérsia. Mas quem, em Atenas, acredita que uma tal coisa possa ser verdadeira?
Em boa ordem, as nossas tropas embarcaram nos navios. Depois Datis ordenou que a frota rumasse direita ao Pireu. Esperava poder tomar Atenas antes que o exército grego regressasse de Maratona. Quando a frota de Datis contornava o Cabo Sunium, os Alcmeónidas fizeram-lhe sinal de que a cidade estava vazia e que ele devia atacar.
Mas precisamente ao largo de Faleron, Datis foi atrasado por ventos contrários e quando os ventos caíram, o exército ateniense estava dentro da cidade e a expedição persa chegava ao fim. Datis rumou para casa. Em Halicarnasso não sabíamos nada além de que Datis e Artafrenes tinham sido rechaçados.
Nunca vi Mardónio de tão bom humor. Começou a ganhar peso e de vez em quando até se esquecia de mancar. - No próximo ano estarei no comando - dizia ao sairmos de Halicarnasso a cavalo. O ar estava cheio do cheiro de uvas a fermentar e as azeitonas
357
pretas e macias atapetavam o chão. - Eles tiveram a sua oportunidade -, crocitava

ele. - E falharam! Eu já sabia. Aqui há anos a sibila de Delos disse que eu haveria de morrer senhor de toda a Grécia -. Voltou-se para mim, de rosto afogueado. - Tu podes vir comigo. Faço-te governador de Atenas... Não, isso não. Não vais querer ser governador de um monte de ruínas. Deixo-te ficar com a Sicília.
- Prefiro a índia.
Como veio a ver-se, nenhum destes sonhos se concretizou.
Dário ficou furioso com a derrota de Datis. Por lealdade para com o Artafrenes pai, nunca criticou o filho. Pô-lo simplesmente na lista dos inactivos... para júbilo de Xerxes. Mas quando o príncipe herdeiro perguntou se poderia comandar a próxima expedição contra a Grécia, o Grande Rei disse que não havia dinheiro suficiente. Que ia precisar de tempo para encher o tesouro, construir uma frota nova, treinar mais exércitos.
Os últimos anos de vida de Dário foram inesperadamente pacíficos. Agora ele tinha aceitado o facto de que nunca mais voltaria a comandar um exército. Tinha também vindo a acreditar, erradamente, que não havia generais em cuja competência pudesse confiar. Embora Mardónio ainda fosse o seu favorito, o Grande Rei gostava de tratar o seu ambicioso sobrinho como um homem da sua idade, com o mesmo tipo de enfermidades.
- Que par fazemos nós os dois -, costumava dizer Dário nos jardins de Ectabana enquanto passeava de um lado para o outro, agarrado ao braço de Mardónio. - Dois velhos soldados que já deram o que tinham a dar. Olha para a tua perna! Se fosse eu, cortava-a. Não há nada de mal numa perna de pau, agora que os teus dias de guerra acabaram. E acabaram para nós os dois. Oh,
como isso é triste!
Dário gostava de torturar Mardónio. Não sei porquê. No fundo gostava mais do seu sobrinho do que de qualquer outro homem da minha geração. Suponho que quando viu que nunca mais voltaria a combater, Dário queria que Mardónio lhe fizesse companhia na sua inutilidade... e na sua dor. Sim, era dor o que se via nos olhos do velho Dário quando ficava a ver os jovens oficiais nos seus exercícios.
Mardónio ficou menos do que contente por ser retirado do activo. Uma vez nos jardins de Ectabana, vi-o executar um sapateado horrível para mostrar a Dário como a sua perna estava sarada. Na verdade, Mardónio nunca mais voltaria a andar bem. Por outro lado podia montar bastante bem; e não tinha absolutamente

nenhum problema com o seu carro de guerra, ao qual o atavam com cordas de modo a que a perna doente não suportasse nenhum peso.
Durante os últimos anos de Dário a corte era muito animada - e perigosa - cheia de golpes e contragolpes. Não posso dizer que recorde esse aspecto desses

tempos com muito prazer. Quanto mais não fosse, não tinha nada que fazer. Depois de ter sido louvado pelo meu trabalho como olho-do-rei, fui dispensado dos meus deveres sem que um posto me fosse atribuído. Contudo nunca deixei de gozar do favor real. Ainda era genro de Dário. Ainda tinha o título de amigo-do-rei. O que acontecia era o que muitas vezes acontece numa corte. Já não era útil ao soberano. Aliás, penso que sempre que me via no palácio, Dário lembrava-se daquelas vacas com que um dia tinha sonhado - e que agora nunca conduziria ao curral. Ninguém gostava que lhe lembrem tudo quanto não conseguiu realizar na vida.

Era manifesto para a corte que a era de Dário estava a chegar ao fim. Ou seja, em teoria víamos que ele não viveria muito mais tempo mas na prática nenhum de nós era capaz de conceber um mundo sem ele. Dário tinha sido o Grande Rei durante toda a nossa vida. Não tínhamos conhecido outro. Até mesmo Xerxes não conseguia imaginar-se verdadeiramente no lugar de Dário e não se pode dizer que Xerxes lhe tenha alguma vez faltado confiança na sua própria majestade.

Atossa continuava a dominar o harém. Tinha feito melhor que podia para impulsionar a política oriental; e falhara. Mas a verdade é que nenhum empreendimento arriscado era capaz de interessar Dário naqueles últimos anos. Ele passava a maior parte do tempo com o seu conselho restrito. Recebia diariamente o comandante da guarda Aspathines, e o tesoureiro, Baradkama. Dário punha a casa em ordem.

A morte repentina de Góbrias desanuviou o ar. De facto, algumas semanas depois da morte de Góbrias, o antigo príncipe herdeiro Artobazanes retirou-se da corte e mudou-se para Sardis. Nunca mais voltou a Susa, Atossa tinha vivido o suficiente para testemunhar a derrota total da facção de Góbrias.

Embora os Gregos estivessem menos em evidência que o costume, Demarato tornara-se íntimo de Dário. Sem dúvida o bruxedo de Lais tinha sido mais eficaz do que habitualmente. A ela se deveu de certeza que ele agora andasse mais lavado do que anteriormente e sem cheirar como uma raposa enjaulada. Os outros Gregos ou tinham morrido ou caído em desgraça.

Xerxes continuava a construir palácios. Não tinha mais nada que fazer salvo, em segredo, reunir os homens e os eunucos de que precisaria

quando Dário morresse. Foi mais ou menos nesta altura que Xerxes conheceu Artabano, um jovem oficial persa longinquamente aparentado com o clã dos Otanes. Artabano era pobre; e era ambicioso. Quando o momento chegou Xerxes dar-lhe-ia o comando da sua guarda pessoal, enquanto, da segunda sala da chancelaria, tomaria como camareiro pessoal Aspamitres, um eunuco de encanto

invulgar.
Xerxes e Mardónio eram de novo tão íntimos como... ia a dizer irmãos, mas numa família real, o parentesco não gera lealdades mas sangue. Em todo o caso, voltavam a ser amigos e isso era interpretado como Mardónio seria o general supremo de Xerxes. Assim, com grande subtileza e muito cuidado, Xerxes escolheu os homens que iriam contribuir para a sua ruína. Não posso dizer, mesmo retrospectivamente, que nenhuma das suas nomeações tenha sido errada em si mesma. Em última análise, há boa sorte e má sorte. A sorte do meu amigo era má... uma coisa que ele naquela altura sabia, mas eu não.
Durante o último ano da vida de Dário, avistei-me por várias vezes com os Egibi, com o objectivo de enviar uma caravana privada à índia. Mas houve sempre qualquer coisa que correu mal. Mais ou menos por esta altura, recebi uma mensagem de Caraka. Tinha enviado um segundo comboio de ferro de Magadha para a Pérsia. Infelizmente, entre Taxila e Bactra, a caravana desapareceu. Parto do princípio de que os Scitas se apoderaram dela. Antes de eu partir da índia, eu e Caraka tínhamos elaborado um código privado. E por isso, pude ficar a saber, com base no que parecia um sóbrio relatório comercial, que Koshala deixara de existir, que Virudhaka tinha morrido, que Ajatashatru era senhor de toda a planície gangética. Como o príncipe Jeta estava nas graças de Ajatashatru, a minha esposa e os meus dois ffilhos - o segundo era também um rapaz - estavam seguros. Fora isto, não sabia nada. Sentia falta de Ambalika, especialmente naquelas raras ocasiões em que estava com Parmis.
Cinco anos depois da partida de Fan Ch'ih recebi uma mensagem dele. Ainda não estava no Catai. Mas dizia que a caravana estava a progredir. Tinha descoberto um novo acesso ao Catai e tinha fortes esperanças de abrir uma rota da seda entre o Catai e a Pérsia. Li a carta a Xerxes que ficou suficientemente interessado para enviar uma cópia ao Grande Rei. Passado um mês recebi um aviso de recepção da parte do conselheiro para o Oriente e depois...
silêncio.
Em certo sentido, Mardónio foi responsável pela morte de Dário. Ao recuperar a saúde, Mardónio tornou-se novamente o centro do

que restava da facção grega na corte. Era especialmente cortejado por Demarato. A propósito, proibi Lais de receber Gregos em minha casa. Quando eu estava em casa, ela obedecia-me. Mas sempre que eu não estava em Susa, todos os parasitas gregos na corte convergiam para a minha casa e eu não podia fazer nada, a menos que expulsasse Lais... o que não é coisa que se faça a uma feiticeira trácia.
Mardónio queria uma guerra decisiva, enquanto Xerxes queria uma vitória no

campo de batalha, em qualquer sítio. Mardónio tentava Xerxes com a glória. Juntos, conquistariam a Grécia. Xerxes seria o comandante supremo; Mardónio o segundo-comandante. Como já não se falava mais na índia eu era excluído dos seus conselhos. Não me sentia descontente. Sempre desaprovara as guerras gregas porque eu conhecia os Gregos. Xerxes, não.
É minha impressão que Dário queria paz. Embora, na altura, tivesse ficado furioso com Datis por ter fracassado na destruição de Atenas, era certo que não ficou a remoer no assunto. No fundo, Dário nunca levou a sério Atenas ou qualquer outra cidade grega. Como podia levá-las a sério se os seus dirigentes estavam sempre a vir a Susa pedir-lhe que os ajudasse a trair as suas cidades natais? Embora Dário admirasse os Gregos como soldados, estava profundamente aborrecido com as suas questiúnculas uns com os outros. Por fim, disse: - Duas campanhas basta -. A primeira tinha sido um êxito sem nada de especial enquanto a segunda tinha sido não só indefinida como dispendiosa. Não havia necessidade de uma terceira campanha.
Mas isto não deteve Mardónio. Pressionou toda a gente, incluindo a rainha Atossa, que acabou por concordar que tinha chegado a altura de Xerxes ir para a guerra. O afastamento de Artobazanes tinha feito muito para lhe atenuar os temores e Xerxes parecia não ter rivais. A combinação destas pressões sobre Dário acabou por ser desastrosamente bem sucedida.
O Grande Rei convocou-nos a todos para o salão das setenta e duas colunas em Susa. Embora eu não pressentisse que esta seria a última aparição pública de Dário, lembro-me de pensar no quanto ele tinha mudado desde o jovem e vigoroso conquistador que eu vira da primeira vez naquele mesmo salão. Onde outrora um leão se passeara entre nós, arrastava-se hoje um homem velho e frágil para o trono. O Grande Rei ia no seu sexagésimo oitavo ano de vida. Demócrito quer saber que idade tinha Xerxes na altura. Xerxes, Mardónio e eu tínhamos todos trinta e quatro anos. Heródoto pensa que Xerxes só tinha dezoito anos. É a isso que chamam História?
361
Embora a juventude estivesse já para trás, a velhice estava tão longe como a infância.
Quando Xerxes ajudou o pai a sentar-se no trono, fixaram-se todos os olhos no soberano decrépito e no seu sucessor. Dário tinha na cabeça a coroa de guerra, de bicos. Na mão direita segurava o ceptro de ouro. Tão discretamente quanto possível, Xerxes pegou no braço esquerdo paralisado do pai e pousou-lho no braço do trono. Xerxes desceu os degraus do trono. - O rei dos reis -, disse, numa voz que ecoou por todo o salão. - O Acménida!
Nós estávamos de pé, de mãos nas mangas. Olhando para a fila dos príncipes e

nobres jovens, pensei em Xerxes, Mardónio, eu próprio e Milo há tantos anos atrás. Agora um novo conjunto de jovens tinha-nos substituído, tal como Xerxes em breve substituiria a mirrada figura no trono. Não há como a imutável corte da Pérsia para nos lembrar a passagem imparcial do tempo.
Quando Dário falou, a voz saiu-lhe fraca mas cuidadosamente modulada: - O Senhor da Sabedoria exige-nos que punamos os Atenienses que incendiaram os nossos templos sagrados de Sardis. Esta era a fórmula que a chancelaria usava sempre para justificar qualquer expedição contra os Gregos do Ocidente. Por mais de uma vez protestei junto do camareiro. Falei também com Xerxes. Fiz todos os possíveis para que mudassem a fórmula, mas a chancelaria é como a montanha proverbial que não se mexe. Quando lhes disse que o Senhor da Sabedoria gostaria de ver esses templos destruídos pelos Gregos ou por quaisquer outros, na chancelaria ninguém me deu o mínimo de atenção. Também não tive nenhuma ajuda da parte da comunidade zoroastrista. Pretendendo ser os sacerdotes mais venerados da corte, estavam - e estão - muito felizes por serem os mais ignorados. Há muito que descuraram o mandamento do meu avô, de converter todos os que seguem a Mentira. Para ser honesto, eu também. Só a comunidade de Bactra ainda se mantém relativamente pura e militante.
- Ordenámos que fossem construídas seiscentas trirremes. Estamos a convocar tropas de todas as partes do império. Estamos a aumentar o tributo que cada satrapia deve pagar.
Dário apontou o ceptro a Baradkama que em seguida leu o rolo dos impostos. No salão ouviu-se um leve suspiro à medida que cada nobre reparava no aumento dos impostos que o afectavam ou às suas propriedades. Embora os clãs persas estejam isentos de todos os impostos, espera-se deles que forneçam os soldados que formam o núcleo do exército persa. De certo modo são os Persas que mais pagam quando o Grande Rei vai para a guerra.
362
Logo que o tesoureiro acabou, Dário voltou a falar: - O nosso filho e herdeiro comandará a expedição -. Xerxes tinha esperado toda a vida por aquele comando; contudo o seu rosto não mudou de expressão.
- O nosso sobrinho Mardónio comandará a esquadra.
Isto era uma surpresa. Toda a gente esperava que Mardónio fosse nomeado segundo-comandante. Talvez o posto de almirante fosse isso; talvez não fosse isso. O Grande Rei preferiu não dar mais explicações. Olhei para Mardónio, que estava à direita do trono. Os seus lábios curvaram-se por baixo da barba bem aparada. Ele estava feliz. Eu não. Iria para a Grécia com Xerxes. Se sobrevivesse à campanha, poderia um dia regressar à índia e visitar Ambalika e os nossos filhos. Confesso que fiquei muito deprimido. Não via futuro para a Pérsia no

Ocidente. Mais precisamente, não via futuro para mim a não ser no Oriente. O fracasso do meu casamento com Parmis tornara-me Ambalika ainda mais desejável. Demócrito quer saber por que razão não tomei outras esposas. A resposta é simples: não tinha dinheiro. Aliás, no fundo, pensei sempre que um dia ou me estabeleceria em Shravasti com Ambalika ou a traria e aos meus filhos - o que é mais importante - para a Pérsia.
No fim da audiência, Dário apoiou-se no braço direito para se pôr em pé. Durante um momento ficou de pé, oscilando ligeiramente; o peso do Grande Rei assentava totalmente na perna direita. Quando Xerxes fez um gesto para o ajudar, Dário fez-lhe sinal para se deixar estar onde estava. Seguidamente Dário começou a lenta, hesitante e dolorosa descida do trono.
No último degrau Dário lançou para diante a perna esquerda enfraquecida pensando que não havia mais degraus. Mas tinha calculado mal. Ainda havia mais um degrau. Tal qual uma alta porta dourada a bater com violência, o Grande Rei balançou para a frente apoiado na perna direita e lentamente - muito lentamente, assim pareceu à corte paralisada - caiu para a frente e estatelou-se no chão. Embora continuasse a agarrar o ceptro na mão enclavinhada, a coroa caiu-lhe e eu vi com horror que o aro de ouro letal rolava na minha direcção.
Caí prostrado no chão. Como não havia precedente para o que tinha acontecido, todos nós nos fingimos de mortos, sem nos atrevermos a mexer-nos, enquanto Xerxes e o camareiro da corte ajudavam Dário a erguer-se.
Quando o Grande Rei passou à minha frente meio arrastado e meio amparado, ouvi-lhe a respiração pesada e vi no chão pintado de vermelho sem brilho um rasto brilhante de sangue fresco. Ele

tinha feito um corte no lábio; tinha quebrado o braço bom. O Grande Rei tinha começado a morrer.
Não houve guerra contra os Gregos nesse ano nem no seguinte. A guerra foi adiada não só devido à incapacidade de Dário mas porque o Egipto decidiu revoltar-se em vez de pagar os novos impostos. E assim, o exército que o Grande Rei formara para a conquista da Grécia ia agora servir para pacificar e punir o Egipto. De um extremo da Terra ao outro da Terra, os arautos proclamavam que Dário comandaria o exército na Primavera e o Egipto seria destruído.
Mas três meses mais tarde, quando a corte estava na sufocante Ectabana e Susa soterrada pelo maior nevão de que havia memória, o Grande Rei morreu com a idade de sessenta e quatro anos. Tinha reinado durante trinta e seis.
A morte levou Dário - de entre todos os lugares possíveis! - no quarto de dormir da rainha Atossa. Tinham discutido. Isto é, ele tinha querido discutir com Atossa, pelo menos foi o que ela disse. - Eu tentei manter, a paz, como sempre.

Estive no apartamento privado em Babilónia. Isso foi no dia anterior a todos nós irmos para Pasárgada para o funeral de Dário e a coroação de Xerxes. - Eu sabia que ele estava muito doente. Ele também sabia. Mesmo assim, estava muito furioso, comigo ao que parecia, mas na verdade com ele próprio. Não suportava a sua própria fraqueza e eu não podia recriminá-lo por isso. Também não suporto a minha. Seja como for, ele veio ver-me, em segredo, numa liteira de mulher com as cortinas corridas. Já não podia andar. Estava incontinente. Tinha dores. Deitou-se ali - (Atossa apontou para um sítio entre a sua cadeira e eu) -. Eu sabia que ele estava a morrer. Mas não penso que ele soubesse. Nunca sabemos, não é? Em determinado momento, quando estamos doentes, perdemos a noção do tempo e pensamos que nunca morreremos pois ainda estamos aqui e não estamos mortos. Estamos, existimos, e é tudo. Nada
mudará.
- Tentei distraí-lo. Nós costumávamos entreter-nos a resolver charadas quando éramos novos. Por mais estranho que pareça ele gostava de jogos de palavras e quanto mais complicados melhor. De modo que tentei distraí-lo, propus vários jogos. Mas ele não veio aqui... para se distrair. Criticou Xerxes. Eu deixei-me estar calada. Criticou-me a mim. Não disse nada. Sei o meu lugar -. Atossa era dada a exageros quando cria criar efeitos.
- Então Dário elogiou o nosso filho Ariamenes. "É o melhor dos meus sátrapas. Graças a ele as tribos do Norte foram expulsas da Báctria." Tu sabes como Dário gostava de perseguir esses selvagens.

"Quero que Ariamenes comande o exército contra o Egipto. Mandei-o chamar." Creio que não pude conter-me mais. "Prometeste a Xerxes o comando para a Primavera", disse-lhe. "E Xerxes é o teu herdeiro." Então começou a tossir. Ainda ouço esse som atroz.
Para minha surpresa, as lágrimas começaram a correr pelo rosto de Atossa; contudo a voz era firme: - Gostaria de dizer que o nosso último encontro foi pacífico. Mas não foi. Dário nunca pôde esquecer que a única legitimidade que tinha nesta Terra era por meu intermédio e ele odiava a sua dependência. Não consegui perceber porquê. Ele pode ter obtido a coroa por meio de ardis, mas juntamente com a coroa obteve-me a mim também, e devido a mim foi o pai do neto de Ciro. Que mais tinha de querer o homem? Não sei. Sempre o achei difícil de entender. Mas a verdade é que poucas vezes o vi nestes últimos anos. É claro, a doença perturbou-lhe a mente. Disso apercebi-me. Ainda assim, nunca pensei que mandasse chamar Ariamenes. "Vais desencadear uma guerra civil", disse-lhe. "Ariamenes há-de querer suceder-te. Mas nós não deixaremos. Juro", disse-lhe. Oh, fui dura. E Dário ficou furioso. Tentou ameaçar-me mas não era

capaz. A tosse tinha-o deixado sem ar. Mas fuzilava-me com o olhar e fazia o sinal de uma faca a cortar uma garganta. Esse gesto pôs-me numa fúria tal que o ameacei. "Se encorajares Ariamenes, juro-te que eu própria vou a Pasárgada. Erguerei com as minhas próprias mãos o estandarte do Acménida. Convocarei os clãs e faremos do neto mais velho de Ciro o nosso Grande Rei." Então...
Atossa encostou-se na cadeira. - Dário ergueu o braço direito e mostrou-me o punho. Então o braço caiu ao lado da liteira. Ele abriu muito os olhos. Olhou para mim da maneira como costumava olhar para os estrangeiros. Lembras-te? Educado, mas sempre tão distante. Depois deixou de respirar, sempre a olhar fixamente para mim, sempre tão educado.
Atossa piscou os olhos, agora secos como areia. E logo a seguir falou de questões práticas. - Ariamenes está a marchar para Susa. Vai haver guerra civil.
Mas graças a Xerxes não houve guerra civil. No dia a seguir à morte de Dário, Xerxes saiu de Babilónia à frente dos dez mil imortais. Tomou posse do palácio de Susa e do tesouro. De Susa mandou o seu sogro Otanes conferenciar com Ariamenes. Nunca soube todos os pormenores dessa reunião. O que sei é que Ariamenes foi vencido sem derramamento de sangue. Parto do princípio de que foi regiamente subornado. Seja como for, como prova de boa vontade, concordou em assistir à coroação de Xerxes em Pasárgada. Devo dizer que abona tudo em favor de Xerxes o facto de não matar o seu
365
presumido irmão. Nesses assuntos a clemência é geralmente um erro, pois que o homem capaz de perdoar ao homem que lhe perdoa é na verdade raro. Mas Ariâmenes mostrou ser uma excepção. Foi leal ao seu irmão. Anos depois morreu como um herói nas guerras gregas. No princípio Xerxes compreendia os homens; e a vaidade dos homens.

6

Num dia claro e frio o corpo de Dário foi colocado no túmulo na rocha, ao lado de Histaspes e da infeliz Parmis - cujos restos em breve seriam removidos por um
pedido urgente de Atossa.
Vestido como um simples guerreiro, Xerxes entrou no pequeno templo do fogo que se ergue mesmo em frente ao túmulo de Ciro. Nós esperámos cá fora. Nunca tive tanto medo. Era um daqueles dias que nos gela os pelos das narinas enquanto o Sol brilha com aquela luz intensa que não dá calor. Lembro-me de que o Céu estava perfeitamente claro, exceptuando-se as penas brancas do fumo que subia das fogueiras onde em breve mil touros seriam oferecidos ao

Senhor da Sabedoria.
Dentro do templo os Magos ofereciam a Xerxes um simples prato de leite azedo, ervas e tâmaras. Depois de ele ter saboreado este prato tradicional, envergou o manto Média de Ciro, bordado a ouro. Em seguida Ariamenes ofereceu a Xerxes a coroa de guerra de Ciro, que ele segurou nas mãos até o Arquimago lhe indicar o momento exacto do solstício de Inverno. Nesse instante propício Xerxes colocou a coroa na cabeça e tornou-se Grande Rei. Na verdade, o solstício de Inverno já tinha sido, mas os Magos raramente são exactos nessas coisas, no pior dos casos.
Quando Xerxes apareceu à porta do templo, aclamámo-lo até ficarmos sem voz. Nunca me senti tão emocionado como nesse dia de Inverno, quando o meu amigo de toda a vida ficou à nossa frente, com o manto de Ciro e erguendo acima da cabeça o lótus e o ceptro. Lembro-me de pensar que a coroa denteada de ouro na cabeça de Xerxes parecia um fragmento terrestre - não, extraterrestre - do próprio Sol. Assim começou o reinado.
A corte ficou em Persépolis um mês. Durante esse mês fiz a minuta da primeira proclamação de Xerxes. Está gravada num

penhasco não muito longe do túmulo de Dário. Xerxes queria começar a proclamação com um elogio a ele próprio, como aqueles antigos reis elamitas que estão sempre a ameaçar o leitor ou o ouvinte com o seu poder terrível. Mas eu persuadi-o a imitar o pai, que começou a sua primeira proclamação louvando o Senhor da Sabedoria. Escusado será dizer mas eu estive debaixo de grande pressão da parte de toda a comunidade zoroastrista.
Quando por fim Xerxes concordou em reconhecer a primazia do Senhor da Sabedoria, achei-me pela primeira e única vez da minha vida popular junto de todos os meus numerosos tios, primos, sobrinhos. Alguns anos depois ainda ficaram mais satisfeitos comigo quando persuadi Xerxes a abandonar toda a pretensão de que mandava em Babilónia e no Egipto por vontade dos deuses locais.
- Grande deus é o Senhor da Sabedoria, que criou a Terra, que criou o homem, que criou a paz para o homem... -. Esta última frase é do próprio Xerxes e não minha. Ao contrário de muitos governantes, ele nunca gostou da guerra pela guerra. - ... que fez de Xerxes rei, um rei de muitos, um senhor de muitos... -. E assim por diante. Em seguida enumerámos todas as terras que ele governa. Embora os recentes distúrbios na Báctria fossem mencionados de forma um tanto ameaçadora, nenhuma alusão era feita à revolta do Egipto. Isso era um assunto demasiado delicado. Além disso pude persuadir Xerxes a denunciar os devas e os seus adoradores em termos muitíssimo mais fortes que os alguma vez

utilizados por Dário. Mas Xerxes estragou de certo modo o efeito ao celebrar uma característica do Senhor da Sabedoria chamada Arta - ou justiça. Ora, se encararmos a Arta como sendo simplesmente um aspecto da divindade única, nenhuma blasfémia é cometida. Mas nos últimos anos o povo - encorajado por determinados Magos - tem propensão a considerar os meros aspectos do Senhor da Sabedoria como divindades distintas. Receio que o próprio Xerxes se inclinava para esta heresia. Rezava quase tanto à Arta como ao Senhor da Sabedoria. Inclusivamente foi ao ponto de chamar ao seu filho, o nosso actual Grande Rei, ArtaXerxes.

Quando Xerxes anunciou que a corte ficaria em Persépolis um mês, surpreendeu-me que ele estivesse disposto a separar-se durante um período tão longo do harém. Quando aludi a este facto ele sorriu: - Não sabes o alívio que é não ser aconselhado por Atossa e Amestris -. Além disso considerava auspicioso que o seu reinado começasse no coração da pátria persa, rodeado de chefes de clã.

No dia da coroação quinze mil dos homens mais importantes do império jantaram no pátio principal do palácio de Inverno de Dário.

Uma vez vi a lista dos animais abatidos para esse festim. Penso que em todas as terras altas não ficou vivo uma única ovelha ou ganso ou touro. Mas apesar da grandeza das despesas a festa foi altamente auspiciosa, ou assim o julgámos. Os grandes do império comeram e beberam durante nove horas. Muitos ficaram doentes. Todos ficaram em êxtase. A terrível glória real tinha sido passada da forma mais própria, para o verdadeiro Acménida. Isto não acontece assim com tanta frequência.

Xerxes jantou com os seus irmãos numa alcova com cortinas logo a seguir a um salão onde se sentavam cem amigos-do-rei. Um reposteiro verde e branco separava a alcova de Xerxes da sala onde nós festejávamos. Mais tarde o reposteiro foi corrido e ele bebeu connosco. Mais tarde ainda, saiu para o pátio e a aclamação dos clãs foi como as vagas do oceano quando rebentam em terra, ritmicamente, de acordo com a Lua. Sim, Demócrito, por baixo da superfície dos mares exteriores, há marés poderosas de uma espécie que não existe no Mediterrâneo, onde as ondas são provocadas por ventos caprichosos. Não, não sei a razão disto. As marés oceânicas seguem, de uma maneira desconhecida, o aumento e o decréscimo da Lua, muito à semelhança dos períodos das mulheres. Eu sentava-me entre Mardónio e Artabano. Estávamos tão bêbedos como os outros. Só Xerxes permanecia sóbrio. Misturava água com o vinho, uma coisa que raramente fazia. Estava alerta. Afinal, ao pé do seu leito dourado sentava-se Ariâmenes. O pretenso usurpador era um homem forte e jovial, com os braços de

um ferreiro. Eu ainda suspeitava dele fortemente. E também todos nós menos Xerxes.
Achei Artabano muitíssimo simpático. Não posso dizer que o levasse muito a sério, ainda que soubesse que Xerxes se preparava para fazer dele comandante da guarda do palácio - uma posição de enorme poder, dado que o comandante dos guardas não só protege o Grande Rei como superintende na manutenção quotidiana da corte. Como Dário tinha mantido os seus comandantes dos guardas de rédea curta, presumi que Xerxes iria fazer o mesmo.
Artabano era um Hircaniano de olhos azuis um ano ou dois mais novo que Xerxes. Constava que ele gostava de beber cevada destilada por um crânio humano. Fossem quais fossem os seus hábitos privados, as suas maneiras públicas eram muitíssimo civilizadas. Não há dúvida que comigo mostrou-se atencioso. Receio tê-lo achado estúpido, que era precisamente a impressão que ele queria dar a todos nós. Como veio a verificar-se, os estúpidos éramos nós e não ele. O comandante dos guardas da corte persa geralmente é controlado

pelo camareiro da corte. Um soberano sábio faz todos os possíveis por manter estes dois funcionários em conflito constante, o que não é difícil. Como o camareiro tem de ter acesso ao harém, é sempre um eunuco. Como os soldados viris desprezam os eunucos, é sempre possível que haja bastante hostilidade entre o comandante dos guardas e o camareiro da corte. Por recomendação de Amestris, Xerxes tinha já nomeado Aspamitres camareiro da corte. De um modo geral, toda a corte gostou. Toda a gente sabia que quando Aspamitres aceitava um suborno, cumpria sempre bem a sua parte no negócio. Além disso era um excelente administrador, como descobri no dia da coroação de Xerxes.
Por altura do terceiro prato, Mardónio e eu estávamos razoavelmente bêbedos. Lembro-me de que a travessa que estava à nossa frente era caça, preparada precisamente da maneira que eu gosto - regada com vinagre e servida com cristas de galo. Tinha comido uma peça. Então, de boca cheia, voltei-me para Mardónio, que estava mais bêbedo do que eu. Ele falava de guerra como sempre.
- O Egipto é melhor do que nada -, disse ele. - Não me importo. A sério. Quero servir o Grande Rei -. Ainda não nos tínhamos habituado ao facto de que esse título terrível estava agora preso para sempre ao amigo da nossa mocidade. - Ainda assim, é um ano desperdiçado... -. Mardónio arrotou e perdeu o fio ao que estava a dizer.
- Para a Grécia. Eu sei. Mas o Egipto é mais importante do que a Grécia. O Egipto é rico. E é nosso... ou era -. Nesse momento estendi a mão para tirar outra peça de caça e vi que a travessa ainda lá estava mas a caça tinha desaparecido. Soltei uma praga sonora.

Mardónio olhou para mim sem entender. Depois riu-se: - Não devemos disputar aos escravos o que fica na travessa.
- Mas eu disputo! -. E protestei.
De repente Aspamitres estava ao nosso lado. Era jovem, pálido, de olhar acerado; não tinha barba, o que queria dizer que fora castrado antes da puberdade, como acontecia com os melhores eunucos. Tinha observado tudo do seu lugar logo por baixo do leito dourado de Xerxes.
- Ainda não tinhas acabado, Senhor?
- Não, não tinha. Nem o Senhor Almirante.
- Puniremos os prevaricadores.
Aspamitres, se alguma coisa era, era uma pessoa séria. Num instante o assado reapareceu. Nessa mesma noite seis criados foram executados. Como consequência, o activo comércio de vitualhas da mesa do rei viu-se consideravelmente diminuído, ainda que nunca

terminasse de vez. Os velhos costumes são difíceis de mudar. Mas, pelo menos, durante os primeiros anos do reinado de Xerxes, pôde-se comer a maior parte do jantar em relativa segurança. Por esta melhoria estávamos todos gratos a Aspamitres.
Nessa altura correu o boato de que desde os dezassete anos Aspamitres era amante da rainha Amestris. Não posso afirmar nada. Apenas repito o que se segredava. Embora as damas do harém - incluindo as rainhas - sejam propensas a ter relações complexas com os seus eunucos, duvido que a nossa veneranda rainha-mãe Amestris se tivesse servido dessa forma de Aspamitres, apesar do facto de o membro genital dele ter fama de ser invulgarmente grande para um homem castrado apenas aos dez ou onze anos.
Demócrito relata agora o último boato da ágora. Ao que parece os Gregos querem acreditar que a rainha-mãe tem, actualmente, um romance com o actual camareiro da corte, um eunuco de vinte e três anos que usa barba e bigode postiços. Permito-me assegurar aos Atenienses amantes de escândalos que a rainha-mãe está com setenta anos e é indiferente aos prazeres da carne. Mais precisamente, ela preferiu sempre o poder ao prazer, tal como a sua antecessora, a rainha Atossa. Acho possível que em nova Amestris possa ter brincado com eunucos. Mas esse era outro mundo, actualmente perdido.
Esse mundo perdido era um mundo muitíssimo belo para nós. Especialmente esse Inverno em Persépolis, quando tudo parecia possível... excepto que nunca mais voltaríamos a ter conforto. Os palácios estavam inacabados. Não existia propriamente uma cidade, apenas as barracas dos operários e um conjunto de edifícios completamente novos que tinham sido construídos à volta da casa do

tesouro de Dário. Estes armazéns, salas de exposições, pórticos e escritórios eram usados para alojar temporariamente os funcionários
da chancelaria.
Eu partilhava com Mardónio um quarto pequeno, sem ar, gelado, no harém do palácio de Inverno. Como os alojamentos das mulheres tinham sido projectados para acomodar a colecção de esposas e concubinas relativamente modesta de Dário, revelaram-se inadequados para a chamada cidade das mulheres de Xerxes. Por conseguinte, a primeira ordem que Xerxes deu como Grande Rei foi aos seus arquitectos. Deveriam alargar os alojamentos das mulheres na direcção do tesouro. Por fim, parte do tesouro original teve de ser deitado abaixo para albergar o novo harém.
Uma tarde Xerxes mandou chamar-me. - Anda ver o túmulo do que te deu o nome -, disse. De modo que juntos fizemos uma distância considerável a cavalo, até ao túmulo de Ciro, o Grande.

construído sobre uma plataforma alta, a pequena capela branca de pedra calcária tem um pórtico de colunas esguias. A porta de pedra foi trabalhada de modo a parecer madeira. Do outro lado dessa porta Ciro dorme num leito de ouro.
Embora o Mago responsável pelo túmulo fosse claramente um adorador dos demónios entoou prontamente um hino ao Senhor da Sabedoria para nos agradar. A propósito, o guardião vive numa casa perto do túmulo e uma vez por mês sacrifica um cavalo ao espírito de Ciro - um costume ariano antigo, muito deplorado por Zoroastro.
Xerxes ordenou ao Mago que abrisse o túmulo. Juntos entrámos na câmara bolorenta onde o corpo de Ciro, preservado em cera, jaz no seu leito dourado. Ao lado do leito há uma mesa dourada com um grande monte de jóias, armas, roupas maravilhosas. Tudo luzia com a luz tremeluzente do archote que Xerxes empunhava.
Devo dizer que é uma sensação estranha olhar para um homem famoso que morreu há mais de meio século. Ciro vestia calças escarlates e um manto de escamas de ouro. O manto tinha sido apertado à volta do pescoço para tapar a cutilada aberta pelo machado do bárbaro. Com toda a naturalidade Xerxes abriu o manto, revelando a negra cavidade onde tinha sido o pescoço de Ciro.
- A espinha foi cortada cerce -, disse Xerxes. - Não penso que ele fosse tão belo como isso, e tu? -. Xerxes olhava criticamente para o rosto por baixo da camada de cera clara.
- Ele era velho -, segredei. Se não fosse o tom acinzentado ténue da pele Ciro podia muito bem estar a dormir e eu, pelo menos, não queria acordá-lo. Estava aterrrorizado.

Xerxes, não. - Quero que um Egípcio me preserve -. Estava muito crítico em relação aos embalsamadores de Ciro. - A cor é má. E o cheiro também -. Xerxes inalou o ar bolorento e fez uma careta. Mas a mim cheirava-me simplesmente aos diversos unguentos usados pelos embalsamadores.
- Dorme bem, Ciro Acménida -. Com graça Xerxes saudou o fundador do império. - Merece o descanso. Invejo-te -. Eu nunca sabia quando Xerxes falava a sério ou a brincar.
Xerxes mandou fazer um escritório para si no local que é conhecido como o anexo de Dário, se bem que tivesse sido totalmente construído por Xerxes quando ainda era príncipe herdeiro. Cálias diz-me que este elegante edifício está presentemente a ser copiado por Fídias. Desejo-lhe sorte. O anexo foi o primeiro edifício do Mundo a ter um pórtico em cada uma das quatro fachadas.
371
Demócrito duvida que seja verdade. Eu também teria dúvidas se passasse os dias com filósofos.
Pouco depois da visita ao túmulo de Ciro, mandou chamar-me oficialmente. Aspamitres veio ao meu encontro no vestíbulo do anexo. Como sempre, ele estava ansioso por agradar. De facto, graças a Aspamitres, a indolência e a má educação dos amanuenses da chancelaria de Dário tinham mudado de um dia para o outro. Os amanuenses eram agora atenciosos e prestáveis e permaneceram atenciosos e prestáveis durante quase um ano, altura em que se tornaram... sim, indolentes e mal educados. Mas essa é a natureza dos amanuenses das chancelarias, para não falar já dos eunucos.
Fui conduzido por entre mesas de trabalho dispostas em filas entre colunas de cores vivas, de madeira coberta de gesso, que é a forma mais barata de fazer colunas; aliás o gesso é mais fácil de decorar que a pedra. Disseram-me que Fídias tenciona fazer todas as colunas de mármore puro. Se lhe permitirem essa loucura, prevejo um tesouro vazio para os Atenienses. As colunas de granito dos edifícios principais de Persépolis ainda nem hoje estão completamente pagas.
Os braseiros acesos tornavam a sala de Xerxes confortavelmente aquecida; o incenso de um par de tripés de bronze tornava-a desconfortavelmente fumarenta. A verdade é que o incenso dá-me sempre dores de cabeça, sem dúvida porque eu o associo com o culto do demónio. Zoroastro invectivava contra o uso do sândalo e do olíbano porque esses perfumes são sagrados para os demónios. Embora os nossos Grandes Reis professem a crença no único Senhor da Sabedoria, permitem que os outros os tratem como deuses na Terra. Acho este paradoxo desagradável. Mas é mais fácil mudar o curso do Sol do que alterar o protocolo da corte persa.
Xerxes estava sentado a uma mesinha na câmara sem janelas. Durante um

momento à luz da lamparina julguei ver com os meus olhos algo receosos Dário. Prostrei-me aos seus pés. Em voz alta Aspamitres recitou os meus nomes, e os meus títulos. Em seguida, rapidamente, retirou-se.
- Levanta-te, Ciro Spitama! -. A voz era a do velho Xerxes. Pus-me em pé e fiquei de olhos postos no chão, de acordo com o costume.
- O amigo do rei pode olhar para o seu amigo. Pelo menos quando está sozinho -. De modo que olhei para ele e ele para mim. Ele sorriu e eu sorri. Mas nada era como dantes, nem jamais voltaria a ser. Ele era o rei dos reis.
Xerxes foi direito ao assunto. - Preciso de compor a minha

autobiografia antes de ir para o Egipto, o que quer dizer que não tenho muito tempo. Quero que me ajudes a escrevê-la.
- Que quer o rei dos reis que o mundo saiba?
Xerxes empurrou na minha direcção um maço de papiros esfarelados, cobertos de caracteres elamitas. - Este é o único exemplar da autobiografia de Ciro que conseguimos encontrar na casa dos livros. Como podes ver está quase destruída. Ao que parece ele acabou por não ter tempo de a reescrever. O texto não foi mudado desde o dia em que nasci. Sou citado, por falar nisso. De qualquer modo, vamos ter que trabalhar o melhor que pudermos a partir disto.
Olhei para o texto elamita. - A linguagem é muito antiquada -, disse.
- Melhor ainda -, disse Xerxes. - Quero que pareça exactamente Dário que parecia Cambises que parecia Ciro que imitou os reis medos e assim até ao princípio, onde e quando isso tenha sido -. Lembro-me de pensar que embora Dário falasse sempre do pseudo-Mardos como um predecessor, Xerxes nunca o mencionou.
Eu e o Grande Rei trabalhámos durante três dias e três noites na composição da sua autobiografia oficial. Quando acabámos foram enviadas cópias a todas as cidades do império como expressão tangível da vontade e do conteúdo do soberano. Na primeira pessoa, Xerxes descrevia a sua ancestralidade, as suas realizações e as suas intenções. Esta última parte é especialmente importante porque o testamento pessoal do Grande Rei pode ser usado em todos os tribunais como suplemento ao código de leis oficial.
Trabalhámos do seguinte modo. Xerxes dizia-me o que queria dizer. Eu tirava notas para mim próprio. Quando eu estava pronto a ditar, chamavam-se os secretários. Enquanto eu declamava em persa, as minhas palavras eram traduzidas simultaneamente para elamita, acádio e aramaico, as três línguas escritas da chancelaria. Nesse tempo, o persa raramente era escrito. Devo dizer que sempre me maravilhou a velocidade com que os secretários da chancelaria são capazes de passar frases persas para as outras línguas. Mais tarde far-se-iam

traduções para os Gregos, Egípcios, Indianos e outros.
Quando já tinha sido registado todo o trabalho, foi lido para Xerxes em cada uma das três línguas da chancelaria. Ele escutava atentamente. Então fazia alterações e correcções. Em última análise, a tarefa mais importante de um Grande Rei é escutar cada palavra de um texto da chancelaria. No começo do seu reinado, nem uma palavra saía em seu nome que ele não tivesse examinado cuidadosamente para ter a certeza de que era realmente a sombra verdadeira

do que tinha querido dizer. No fim, ele já não escutava senão música e mexericos do harém.
Na noite do terceiro dia os textos definitivos foram lidos a Xerxes, que pessoalmente apôs o seu selo a cada versão. De um modo geral, penso que o nosso trabalho ficou superior à narrativa jactanciosa e inexacta de Dário da sua usurpação.
Depois de Aspamitres e os secretários se retirarem, Xerxes bateu palmas. O escanção materializou-se como um fantasma ou uma miragem fugaz. Serviu o vinho; bebeu da taça de Xerxes; desapareceu tão rapidamente como tinha aparecido. Xerxes divertia-se sempre com o ritual do escanção. - Toda a gente pensa que se o vinho está envenenado, o provador cai morto imediatamente. Mas supõe que o veneno é de efeito retardado? Podíamos levar meses os dois a morrer.
- Mas o ritual não se destina a desencorajar o escanção de envenenar o soberano?
- Sim, partindo do princípio de que ele não tem um antídoto. Mas um assassino esperto mata-nos aos dois tão lentamente que nunca ninguém desconfiará... -. Xerxes sorriu. - Olha para a maneira como Lais mata pessoas com as suas misturas trácias.
Fico sempre pouco à vontade com referências à reputação de feiticeira e assassina de Lais. Na verdade, não sei de ninguém que ela alguma vez tivesse morto. Mas sei que ela costumava preparar toda a espécie de poções para Atossa e não é segredo que qualquer dama do harém que desagradasse à velha rainha acabava por sofrer, mais cedo ou mais tarde, de uma qualquer doença misteriosa e suficientemente fatal.
- É estranho estar aqui -. Xerxes estava inesperadamente melancólico. - Nunca acreditei que acontecesse.
- Mas era perfeitamente claro que Dário estava a morrer.
- Claro. Mas nunca acreditei que ele... -. Xerxes rodava a taça vermelha e branca entre as mãos como um oleiro de Samos.
- Estou velho demais.
Fitei-o, espantado e sem fala.

Xerxes retirou o pesado colar de ouro do pescoço e deixou-o cair sobre o tampo de cedro da mesa. Coçou-se preguiçosamente.
- Sim, estou velho demais para... -. Calou-se mais uma vez. Parecia não estar a falar para mim mas para ele próprio. - Não tive vitórias. Quero dizer, vitórias a sério -. Deu uma palmada no seu exemplar do nosso manuscrito. - Debelei rebeliões. Mas não acrescentei tanto como uma mão cheia de terra ou um copo de água ao reino do meu pai. Tudo quanto fiz foi construir.

- És o maior construtor de todos os tempos! - Eu não exagerava. Acredito que Xerxes é... era... não, é o mais esplêndido criador de cidades e edifícios de todos os tempos e incluo aqui aqueles selvagens provincianos que ergueram as pirâmides e os obeliscos profundamente monótonos do Egipto há tantos séculos.
- E qual é o valor disso? -. Xerxes estava pensativo. Nunca o tinha visto de humor tão derrotista. Era como se a dádiva de todas as terras lhe não tivesse dado alegria mas sofrimento e apreensão. - Penso que a minha vida foi inteiramente desperdiçada. Tudo quanto fiz foi esperar, esperar, e agora tenho trinta e cinco anos...
- E não és velho! Olha para Mardónio.
- Já olhei -. Xerxes sorriu. - Anda para aí a mancar como um velho. Não, isto - com um gesto rápido Xerxes lançou ao ar a coroa - devia ter vindo há dez anos atrás, quando eu tinha a mesma idade de Dário quando ele matou o Grande Rei.
- Matou o Grande Rei? -. Fitei Xerxes. - Queres dizer o usurpador Gaumata?
- Quero dizer o Grande Rei -. Xerxes acabou a taça de vinho e limpou os lábios à manga bordada. - Não sabes?
Abanei a cabeça.
- Pensei que soubesses. Sei que Atossa contou a Lais. Obviamente, a tua mãe é mais discreta que a minha. Seja como for, é altura de saberes o grande segredo sangrento da nossa família.
O príncipe que confia um segredo, muitas vezes passa simultaneamente uma sentença de morte ao seu ouvinte. Senti muito frio de repente. Não queria ouvir o que ouvi. Mas não podia calá-lo. Ele desejava que eu soubesse o que só uma mão cheia de pessoas nessa época sabia.
- Dário nunca foi o Acménida. O seu parentesco com a família imperial era longínquo. Mas o mesmo se passa com todos os chefes de clã persas. Quando Cambises saiu para o Egipto, fez do seu irmão Mardos regente. Ficou combinado que se alguma coisa acontecesse a Cambises, Mardos seria o Grande Rei. No Egipto, Cambises foi envenenado. Por quem não sei. O próprio Cambises pensou que os sacerdotes egípcios eram os responsáveis. Fosse como fosse, o veneno agiu lentamente. Ele sofreu terrivelmente. A maior parte do tempo sofria de

perturbações mentais. Mas quando estava lúcido era perfeitamente ele próprio -. Xerxes calou-se; preguiçosamente esfregava a ponta do colar com o polegar. - Apesar de tudo quanto nos ensinaram, Cambises era um soberano tão grande como o seu pai, Ciro.
Eu escutava, quase sem respirar.
375
- Quando se soube em Susa que Cambises estava doente, Mardos fez-se Grande Rei. Quando Cambises soube, denunciou imediatamente o seu irmão Mardos e regressou à Pérsia. No caminho, Cambises voltou a ser envenenado, desta vez por alguém chegado a ele. Se bem te lembras, ele feriu-se com a sua própria espada. Penso que esta parte da versão oficial é verdadeira. Mas a espada tinha sido untada com um veneno fatal e Cambises morreu. Mardos era agora o Grande Rei legítimo. Não tinha nenhum rival. Era popular.
- Mas então começaram a circular boatos. Dizia-se que Mardos não era realmente Mardos. Dizia-se que Mardos tinha sido assassinado por dois irmãos Magos e que um deles, Gaumata, impersonara o morto. Como é do conhecimento geral, Dário e Os Seis mataram o pseudo-Mardos e Dário fez-se a si próprio Grande Rei. Em seguida casou com Atossa, filha de Ciro, irmã e esposa de Cambises, irmã e esposa do dito pseudo-Mardos. Como resultado, Dário fez o seu filho, eu, o legítimo Acménida.
Xerxes bateu palmas. O escanção apareceu. Se tinha ouvido alguma coisa, não o mostrou. O que é certo é que também nunca se atreveria.
Quando o escanção saiu, fiz a pergunta óbvia: - Dário, quem matou realmente?
- O meu pai matou o Grande Rei Mardos, o irmão de Cambises, o filho de Ciro.
- Mas Dário pensava de certeza que estava a matar o Mago Gautama, o pseudo-Mardos...
Xerxes abanou a cabeça. - Não havia Mago nenhum. Havia apenas o Grande Rei e Dário matou-o. Em silêncio, bebemos o vinho.
- Quem - perguntei, sabendo a resposta - foi o homem que envenenou a espada de Cambises?
- O escudeiro do Grande Rei -. Xerxes falou sem qualquer emoção especial. - Dário, filho de Histaspes -. Xerxes reclinou-se para trás na cadeira. - Agora já sabes.
- Não queria saber, Senhor.
- Mas agora já sabes -. Uma vez mais fiquei impressionado com a tristeza de Xerxes. - Agora já sabes que eu sou quem sou porque o meu pai matou ambos os meus dois tios.
- De que outra maneira se ganham os tronos, Senhor? - balbuciei. - Afinal, Ciro matou o seu sogro e...

- Isso foi guerra. Isto foi... impuro. Traiçoeiramente e sem outro motivo que não o de subir, um membro de um clã persa abateu os chefes do seu próprio clã -. Xerxes sorriu de lábios cerrados.
376
- Pensei no meu pai quando tu me falaste desses dois reis indianos que foram mortos pelos seus próprios filhos. Pensei: "Bom, nós não somos diferentes. Também somos Arianos. Mas nós sabemos, como também esses Indianos devem saber, que quem infringiu a nossa lei mais sagrada é amaldiçoado, assim como os seus descendentes." Xerxes acreditava firmemente que seria punido pelo destino pelo que o pai tinha feito. Discordei dele. Disse-lhe que se ele seguisse a Verdade, para o Senhor da Sabedoria seria indiferente que o seu pai tivesse seguido a Mentira. Mas Xerxes era perseguido por todos aqueles demónios e potências negras que o meu avô tentara banir deste Mundo. Xerxes acreditava que aquilo que o pai não tinha sido obrigado a pagar em vida, teria de ser pago pelo filho. Xerxes acreditava que mais cedo ou mais tarde os deuses vingariam o assassínio de dois Grandes Reis; e que só o sangue sagrado pode lavar as manchas deixadas pelo sangue sagrado.
- Histaspes sabia? - perguntei.
- Oh, sim. Sabia. Ficou horrorizado. Esperava que dedicando-se a Zoroastro poderia expiar o crime de Dário. Mas isso não é possível, pois não?
- Não -, respondi. - Só Dário podia tê-lo feito, com a ajuda do Senhor da Sabedoria -. Eu estava demasiado atónito para ser convincente.
- Também julgava que não -. Xerxes virou a sua taça ao contrário, de boca para baixo, em cima do tampo da mesa. Tinha acabado de beber, e estava sóbrio.
- Bom, o meu trono tem sangue. Atossa acha que isso é normal. Mas ela é meia-meda e eles são como nós nestes assuntos.
- Quando soubeste isto tudo?
- Quando era criança. No harém. Os eunucos velhos murmuravam. Eu ouvia-os falar. Por fim perguntei a Atossa. Ao princípio, mentiu. Mas eu insisti. "Se não sei a verdade", disse-lhe, "como saberei quando apoderar-me da terrível glória real?" Então ela contou-me. É uma mulher feroz. Mas não preciso de to dizer. Ela salvou-te a vida. Salvou-me também a minha, e foi ela quem me pôs aqui.
- Como é que ela conseguiu salvar a vida dela? - perguntei.
- Com manha -, respondeu Xerxes. - Quando matou Mardos, Dário mandou chamar Atossa. Ele tencionava matá-la porque era a única pessoa que sabia de certeza absoluta que o homem que ele assassinara era na verdade o seu marido e irmão, o verdadeiro Mardos.
- O resto do harém sabia?
377

- Como podiam elas sabê-lo? Enquanto Cambises foi vivo, o seu irmão Mardos era regente e não se espera do regente que se ponha à vontade no harém do irmão. Mas quando se soube que Cambises tinha morrido, Mardos casou rapidamente com Atossa, para grande prazer dela. Ele era o seu irmão favorito. Um ano depois, quando chegou a Susa, Dário lançou o boato de que Mardos não era Mardos mas um Mago impostor. Em seguida Dário matou o dito impostor. Agora restava na Terra só uma pessoa que sabia a verdade. Atossa.
Ouvi três versões do que aconteceu a seguir: da própria Atossa, de Lais e de Xerxes. Cada versão é um pouco diferente das outras mas o sentido geral é o seguinte:
Quando Dário procurou Atossa no harém, encontrou-a sentada à frente de uma estátua em tamanho natural de Ciro, o Grande. Ela usava o diadema da rainha. Estava absolutamente à vontade, ou dava essa impressão. Com toda a graça fez sinal para que as suas damas se retirassem.
Então, como uma cobra indiana, Atossa atacou primeiro. - Tu mataste o meu marido e irmão, o Grande Rei Cambises.
- Dário foi apanhado completamente de surpresa. Tinha esperado que Atossa se lhe lançasse aos pés e lhe implorasse que a poupasse. - Cambises morreu de um ferimento -, respondeu Dário, permitindo ser posto na defensiva, um erro que nunca tinha feito na guerra. - De um acidente, auto-infligido.
- Tu eras amigo do rei. Eras o seu escudeiro. Tu esfregaste o veneno na ponta da lança.
- O facto de o dizeres não o torna verdadeiro -. Dário começou a recompor-se. - Cambises morreu. Isto é um facto. A maneira como morreu não te diz respeito.
- O que diz respeito ao Acménida diz-me respeito a mim e só a mim. Pois eu sou a última. Tenho provas de que mataste o meu marido e irmão, o Grande Rei Cambises...
- Que provas?
- Não me interrompas -, sibilou Atossa. Quando queria, era capaz de sibilar como uma autêntica pitonisa. - Eu sou a rainha Acménida. Sei também... como tu também sabes... que mataste o meu marido e irmão, o Grande Rei Mardos.
Dário tinha começado a recuar perante esta mulher assustadora. Então parou: - Ele era teu marido mas não era teu irmão. Ele era Gaumata, um Mago.
- Era tanto Mago como tu e como eu. Ele era o Acménida, coisa que tu não és nem nunca poderás ser.

- Sou o Grande Rei. Sou o Acménida -. Dário tinha agora colocado uma cadeira de marfim entre ele e Atossa. Estou a citar da versão de Atossa. - Matei o Mago, o impostor, o usurpador...

- Tu és o usurpador, Dário, filho de Histaspes; e basta uma palavra minha aos clãs e toda a Pérsia se revoltará.
Isto fez com que Dário recuperasse o sangue-frio. Desviou a cadeira para o lado e avançou para a rainha que continuava sentada.
- Nunca dirás essas palavras -, disse ele, de rosto junto ao dela.
- Percebeste? Nunca. Porque todos os que quiserem acreditar que o Mago era realmente Mardos serão executados.
- Vá, aventureiro menor. Mata-me. E depois verás o que acontece -. Atossa ofereceu-lhe o que deve ter sido, naquele tempo, um sorriso encantador: pérolas brancas em vez de negras. Foi, diga-se já agora, nesse momento que Atossa se achou estranhamente atraída por este usurpador de olhos azuis e cabelos louros escuros, pelo menos foi o que contou a Lais. O facto de ela e Dário terem a mesma idade aumentou em vez de diminuir o seu inesperado desejo.
Atossa fez a jogada mais ousada da sua vida: - Enviei já agentes para Babilónia, Sardis, Ectabana. No caso de eu morrer, eles deverão revelar aos comandantes militares das nossas cidades leais que Dário é duplamente regicida. Lembra-te que Cambises era admirado. Lembra-te que Mardos era amado. Lembra-te que eles eram os últimos filhos de Ciro, o Grande. As cidades revoltar-se-ão. Isto eu to prometo. Tu és jovem e audacioso e mais nada... por enquanto.
Este por enquanto foi o começo de um complicado tratado de paz, cuja cláusula principal foi estipulado por Atossa. Se Dário a desposasse e fizesse do seu primeiro filho de ambos o herdeiro, ela diria ao Mundo que ele tinha na verdade morto um Mago com que ela tinha sido forçada a casar-se. Embora cada um fizesse várias concessões ao outro, a cláusula principal do tratado foi honrada por ambas as partes.
Demócrito quer saber se Atossa tinha realmente enviado esses agentes para Babilónia, etc. Claro que não. Ela nunca era mais esplêndida do que quando improvisava para alcançar um qualquer grande fim. Dário acreditou nela? Nunca se saberá. O que realmente sabemos é que em resultado do fingimento dela, Dário nunca deixou de a temer e admirar ao mesmo tempo. Durante os trinta e seis anos seguintes, fez tudo quanto pôde para a excluir da governação, e deve dizer-se que, uma vez por outra, conseguiu-o. Pelo seu lado, Atossa ficou deliciada com o jovem regicida; e viu nele um magnífico administrador do império do seu pai. O resultado desse tratado manchado de sangue foi Xerxes. Infelizmente ele era desse tipo de

homens que teme o equilíbrio em todas as coisas. Se uma ponta da tábua que assenta no tronco desce, a outra deve subir. Como Dário não sofrera pelos seus crimes, sofreria o filho.

Revelei estes assuntos, Demócrito, não só para confundir o homem de Halicarnasso. Antes pelo contrário: a versão dele é uma bonita história para contar às crianças em que Dário tem o papel do herói resplandecente. A verdadeira história é mais sombria e não ilustra a nossa família real. Mas penso que é necessário conhecer-se a verdade para explicar a natureza do meu amado Xerxes. A partir do momento em que soube a verdadeira história da ascenção do seu pai, viu com perfeita clareza o seu próprio fim sangrento. Esta premonição explica por que razão ele foi quem foi e fez o que fez.
Felizmente, antes de o mês chegar ao fim, Xerxes libertou-se da sua melancolia. Pôs ambas as salas da chancelaria a trabalhar dia e noite. Contou pessoalmente o ouro e a prata existentes no tesouro. Juntos inspeccionámos o conteúdo da casa dos livros. Li-lhe registos antigos de toda a espécie, especialmente os que tratavam da índia e do Catai.
- Tu queres voltar lá, não é -. Estávamos cobertos de pó das placas de tijolo velhas, papiros esfarelados, tiras de bambu.
- Sim, Senhor, quero voltar lá.
- Daqui a dois anos -. Xerxes sacudiu o pó da barba. - Prometo-te que vamos lá, logo que o Egipto entre na ordem. Não me esqueci do que me contaste. E também não me esqueci de que, mais cedo ou mais tarde, apesar de velho como sou, devo aumentar o meu património.
Sorrimo-nos ambos. Já não se esperava de mim que levasse a sério as referências de Xerxes à sua avançada idade. Contudo, olhando para trás, penso que ele se tinha convencido de que o seu tempo de soldado já tinha passado. A guerra é para os muito jovens.
Antes de a corte deixar Persépolis, Xerxes reconduziu-me como olho-do-rei. Recebi então ordem de acompanhar Ariâmenes à Báctria. Deveria usar tanto os meus olhos como os ouvidos. Embora Xerxes tivesse tratado o seu irmão com brandura, não confiava nele. Agora que compreendia melhor a família, não estava em posição de dizer que as suas dúvidas fossem frívolas.
Ariâmenes aceitou a minha companhia com uma civilidade relativa. Apesar da comitiva considerável com que viajávamos, fomos obrigados a pagar a sempre humilhante taxa aos bandidos que controlam a pista que atravessa as terras altas persas.
Não reconheci Bactra. Depois do primeiro grande incêndio a cidade inteira tinha sido reconstruída de tal modo que hoje parece-se

com Shravasti ou Taxila mais do que com Susa. O que outrora tinha sido um rústico posto fronteiriço é hoje uma cidade oriental, sem nada de persa.
Ao princípio Ariâmenes tinha muitas suspeitas de mim. Mas no fim dávamo-nos

bem. Demo-nos ainda melhor quando não encontrei praticamente nenhumas irregularidades no seu governo. A ele achei-o um mistério completo como homem. Ainda hoje não faço ideia por que razão ele entrou, ainda que por pouco tempo, em rebelião. Suponho que a estranheza e a lonjura da Báctria devam ter tido algo a ver com isso. Do outro lado das montanhas, a sul, é a índia; do outro lado dos desertos do oriente, é Catai, a Norte ficam as frias florestas e as planícies desoladas das tribos. A civilização só começa depois de trezentas milhas de viagem para Ocidente. Nos confins de tudo, Báctria não é sítio nenhum.

A Báctria é além disso um estado de espírito e um lugar e o estado de espírito é selvagem, violento, de êxtases. Os Magos da Báctria que seguem a Mentira contam-se entre as pessoas mais estranhas da Terra. Andam constantemente bêbedos de haoma. São cruéis para lá do incrível. Apesar da pregação de Zoroastro e das severas injunções de três Grandes Reis, continuam a amarrar os doentes e os moribundos ao lado dos mortos. Queimados pelo Sol e gelados pelas neves, os moribundos lançam gritos de socorro que ninguém se atreve a prestar-lhes. Os abutres e os cães alimentam-se não só dos cadáveres como dos vivos.

Quando me queixei a Ariâmenes, ele disse: - Não posso fazer nada. Os Báctrios temem mais os Magos do que a mim. Por que não os convences tu? És o herdeiro do profeta. Escutar-te-ão.

Ariâmenes estava a divertir-se à minha custa. Sabia que onde o próprio Zoroastro tinha falhado, não seria o neto que conseguiria. Apesar disso pus o problema aos chefes da comunidade zoroastrista. A maior parte eram meus parentes, e vários mostravam-se receptivos. Na sua quase totalidade eram... mundanos, creio que o termo é este. Fingindo seguir a Verdade, buscavam dinheiro e honrarias. Garantiram-me que a prática de expor os moribundos acabaria. Contudo ainda hoje continua.

Tinha sido construído um enorme santuário no lugar onde Zoroastro foi assassinado. Senti-me na verdade muito mal, à frente do altar devorado pelo fogo cujos degraus baixos outrora se tinham encharcado de haoma dourado e sangue. Rezei uma oração. O meu primo, o chefe da ordem, cantou um responso. Então, ali, de pé à frente do altar do fogo, contei a uma dúzia de parentes meus - homens pequenos, escuros, de aspecto caldeu - a morte do

profeta e as palavras que o Senhor da Sabedoria achou por bem dizer-me através daqueles lábios moribundos... ou já mortos?

Eles ficaram profundamente comovidos. E eu também, de facto. Contudo, à medida que proferia as palavras conhecidas, não as recordava realmente como

me tinham soado da primeira vez que as ouvira. A repetição tinha-me já, desde há muito, privado de uma memória verdadeira. Não obstante, à frente do altar assombrado, tive realmente um relance de mim em criança, de olhos deslumbrados pela morte e pela divindade.
Depois mostraram-me a sala das peles. Aí, uma dúzia de escribas ouviam os membros idosos da comunidade recitar textos zoroastristas. À medida que os velhos cantavam, os versos ou gathas eram registados. Como eu tinha ouvido alguns desses gathas dos lábios do meu avô, reparei que continham ligeiras distorções... deliberadas? Em alguns casos penso que as palavras do meu avô estão a ser alteradas por uma nova geração. Mas, mais frequentemente, o recitador simplesmente esqueceu-se do original, razão pela qual relutantemente acabei por ser de opinião de que é importante que essas coisas sejam registadas agora enquanto os erros ainda são relativamente poucos. Como a Tendência actual e universal para escrever tudo - quando, onde, porquê começou? - as verdadeiras palavras de Zoroastro, do Buda, de Mahavira, de Gosala, do Mestre K'ung serão preservadas para as gerações futuras ainda que, paradoxalmente, um texto escrito seja de longe mais fácil de corromper do que a memória de um sacerdote que aprendeu um milhão de palavras de cor e não se atreve a mudá-las com medo de perder o resto. Por outro lado, é muito fácil fazer um texto novo numa pele e depois afirmar que é muito antigo e autêntico.
Já no meu tempo as injunções de Zoroastro contra o uso indevido do haoma tinham sido alteradas para se conformarem com a tradição dos Magos. Recentemente a qualidade da Arta ou justiça, foi transformada num deus, enquanto o deva Mitra nunca foi inteiramente expurgado da fé zoroastrista porque, como diz o meu último primo contemporâneo vivo muito piamente "Não é Mitra o Sol? E não é o Sol o símbolo do Senhor da Sabedoria?". Assim, um a um, os demónios regressam. O que o homem quer adorar, adorá-lo-á. O meu avô mudou algumas ênfases. E mais nada.
Quando disse à comunidade que Xerxes tinha prometido não reconhecer nenhum outro deus além do Senhor da Sabedoria, ficaram muito contentes. - Ainda que - como observou o chefe zoroastrista - os Magos que seguem a Mentira não vão seguir o Grande Rei.
382
Fui informado com algum pormenor das batalhas diárias que ocorrem entre os nossos Magos e os deles. Informaram-me também das divergências intermináveis entre os Zoroastristas da corte e os que tinham ficado em Bactra. Embora eu fizesse tudo para me mostrar inteiramente ao serviço deles, fiquei com a impressão de que fui uma certa decepção para aqueles homens pequenos e escuros da fronteira. Tinham esperado que eu fosse um deles. Em vez disso,

viram-se confrontados com um homem de olhos azuis que falava o persa da corte. Como olho-do-rei, pertencia demasiadamente ao mundo secular, e tenho a certeza de que lhes parecia tão estranho como ainda me parece a mim que, de toda a gente da Terra, tivesse sido eu aquele que ouviu a voz do Senhor da Sabedoria. Por causa daquele momento único da minha infância, sou, ainda hoje, olhado como o homem mais santo da Pérsia. É ridículo. Mas a verdade é que o que somos raramente é o que queremos ser, enquanto o que queremos ser ou nos é negado... ou muda com as estações.
Não sou sábio, Demócrito? Agora que o Inverno chegou para mim e o gelo é negro, sei exactamente quem sou e o que sou... um cadáver adiado.

LIVRO SEIS

Catai

1

Dois anos após a subida de xerxes ao trono fui acreditado embaixador junto de todos os reinos, ducados e Estados que constituem esse lugar longínquo a que chamamos Catai, um mundo que nunca nenhum Persa tinha visto. A viagem que tinha esperado fazer com Fan Ch'ih fá-la-ia agora com uma caravana patrocinada por Egibi e filhos. Foram-me postos à disposição dois Cataios como tradutores e uma escolta militar de cavalaria e infantaria da Báctria.
Escusado será dizer que a segunda sala da chancelaria opôs-se à minha embaixada mas o Grande Rei tinha falado e assim, para justificar o que o tesoureiro considerava ser dinheiro desperdiçado, fui encarregado de inaugurar, formalmente, uma rota comercial entre a Pérsia e o Catai, uma tarefa muito semelhante a construir uma escada até à Lua. Mas eu estava mais do que disposto a tentar. Embora tivesse preferido fazer a longa mas relativamente segura viagem através da índia - e ver Ambalika e os meus filhos - a carta de Fan Ch'ih tornara claro que a rota do Norte, depois do rio Oxus, era o caminho mais curto, se bem que o mais perigoso, para se chegar ao Catai. De modo que fui pelo Norte. O que se verificou uma estupidez. Mas a verdade é que a estupidez é uma qualidade frequente na juventude. Demócrito diz-me que também ele iria para o Catai pelo caminho mais curto. O que só prova a minha tese.
Fan Ch'ih tinha-me dito que, como o ferro fundido é praticamente desconhecido no Catai, o melhor metal e os melhores artesãos persas encontrariam aí um excelente mercado. Egibi e filhos concordaram.

Financiariam a caravana, apesar das deprimentes probabilidades desfavoráveis ao nosso regresso, que Shirik calculou no seu ábaco. Apesar disso, correria o risco. E disse: - Se conseguires abrir a rota do Norte, então teremos, pela primeira vez, uma estrada da seda como deve ser -. Tradicionalmente, todos os acessos ao Catai são chamados estradas da seda. Em troca do ferro fundido, Egibi e filhos queriam mil e uma coisas, desde seda até osso de dragão para fins medicinais. Felizmente para mim, as perturbações estomacais do velho Shirik só podiam ser apaziguadas com uma infusão de pó de osso de dragão do Catai. Assim sendo, ele tinha um interesse, tanto pessoal como de negócios, no êxito da minha missão.
No princípio da Primavera parti de Bactra em direcção ao Sol nascente. O relato que fiz da minha longa viagem está guardado numa arca de ferro na casa dos livros, em Persépolis, e só o Grande Rei tem a chave da arca, partindo do princípio que a não perdeu. Em menos de um ano descobri um caminho para o Catai que até aí não era conhecido de ninguém no Ocidente. Mas como sou Persa e amigo do rei, não tenciono revelar aos Gregos nenhum pormenor da minha viagem ao Catai. Aliás, sem os mapas e os cálculos de posição das estrelas que fizemos não poderia apresentar mais do que uma vaga descrição de uma viagem que teve lugar - há quanto tempo? - há trinta e oito anos pelos meus cálculos.
Depois de atravessarmos o rio Oxus, viajámos durante milhas através de terras de pastagens. É aí que vivem as tribos do Norte. Atacaram-nos mais do que uma vez mas como eu levava um milhar de soldados báctrios como escolta, as tribos não nos causaram prejuízos. Afinal, os Báctrios são parentes próximos desses nómadas ferozes que habitam as estepes. E o deserto.
O deserto! Em minha opinião o deserto oriental é o maior da Terra. É de certeza o mais fatal. Morreram-nos todos os cavalos. Felizmente, a maioria dos camelos sobreviveu. Muitos dos homens, não. Dos dois mil condutores de camelos, soldados e outros que partiram de Bactra numa clara manhã de Primavera, apenas duzentos sobreviveram à travessia de um deserto que parecia que nunca mais acabava, salvo por momentos e cruelmente na forma das miragens mais espantosas. De repente, ao longe víamos uma corrente rápida de montanha ou uma queda de água ou uma neve fresca a cair em bosques densos.
Invariavelmente, alguns dos homens lançavam-se para dentro do que parecia um lago ou uma corrente de águas frescas. Os homens morriam com a boca entupida por areia escaldante.
Embora o deserto oriental esteja cheio de oásis, é preciso um guia de confiança para os encontrar. Nós não dispúnhamos de um

388
tal guia; as tribos do deserto trataram disso. De facto, se não soubéssemos que o Catai ficava na direcção do Sol nascente, ter-nos-íamos perdido irremediavelmente. Por isso, a nossa viagem durou mais um mês do que o necessário e custou-nos muitas vidas. Já para o fim, tendo em vista evitar as miragens e o calor, viajávamos apenas de noite. No momento em que o Sol aparecia acima do horizonte plano e cinzento, cavávamos tocas na areia como os cães indianos; e, de cabeça coberta por panos, dormíamos como cadáveres.
Apesar das minhas longas conversas com Fan Ch'ih, eu sabia muito pouco da geografia do Catai. O que sabia era que a maior parte dos Estados cataios se situam entre os rios Yangtze e Amarelo, mas não fazia ideia da distância entre os dois rios ou de qual era o mar onde desaguam. Fan Ch'ih tinha-me dito que o seu país natal, Lu, ficava numa bacia formada pelo rio Amarelo. Para lá disto, não sabia nada do Catai ou da sua extensão.
O deserto terminou em terras de pastagem onde pastores de caras amarelas nos estudavam a uma distância segura. Não fizeram nenhuma tentativa de nos molestar. Como havia muitas nascentes e muita caça, vivíamos disso. Por fim, no momento em que o tempo se tornou frio, chegámos ao ponto mais ocidental do que se verificou ser o rio Amarelo, uma corrente profunda, escura e tortuosa, correndo entre colinas baixas de coníferas verdes que achamos parecida com a terra dos antepassados arianos.
Acampámos num bosque de bambus à beira do rio. Enquanto os homens se banhavam e apanhavam peixes, eu fazia o inventário. Tínhamos perdido muitos homens e cavalos, mas graças à indestrutibilidade dos camelos, ainda tínhamos a maior parte do carregamento de ferro, bem como armas suficientes para nos protegermos de tudo, menos de um exército. Durante a semana que permanecemos acampados na margem do rio, mandei vários mensageiros. Só um voltou - como prisioneiro de um exército que tratou de nos cercar.
Um milhar de cavaleiros montados em cavalos pequenos fitavam-nos com a mesma maravilha com que nós os fitávamos. Embora eu estivesse habituado à cor amarela de Fan Ch'ih, estes homens eram da cor do mel escuro. Tinham caras redondas, os narizes achatados, olhos rasgados e enviezados. Vestiam grossas túnicas acolchoadas e curiosos bonés de cavaleiro. Cada um deles parecia fazer parte do seu cavalo de pernas curtas. Assim, num dia cinzento, com a primeira neve da estação a cair, fui apresentado à recém-organizada cavalaria do ducado de Ch'in, o Estado mais ocidental do Catai.
389
Durante quase seis meses os meus dois assistentes cataios tinham-me ensinado os rudimentos da sua complicada língua; assim sendo, estava em condições de

comunicar com o comandante da cavalaria. Não que houvesse muito para comunicar. Como seus prisioneiros, fomos escoltados, debaixo de armas, para Yang, a capital de Ch'in.
Não me lembro de muito da viagem, salvo que fiquei surpreendido por o comandante da cavalaria nunca ter ouvido falar da Pérsia. Lembro-me além disso, que quando lhe disse que o carregamento de ferro se destinava a Lu, ele se riu e cuspiu para o chão, desse modo mostrando o desdém de Ch'in por Lu.
Tinha imaginado que as cidades dos amarelos seriam muito semelhantes às da planície gangética. Em vez disso, espantou-me verificar que os habitantes de Yang eram silenciosos, melancólicos mesmo; e vestiam-se, todos de igual, com túnicas cinzentas compridas. As ruas da cidade lembravam-me um acampamento militar. Todo o comportamento é cuidadosamente regulamentado. Os homens são obrigados a andar por um lado da rua enquanto as mulheres das classes baixas devem andar pelo outro. As mulheres das classes altas estão devidamente sequestradas. Até a praça central do mercado é assustadoramente calma, graças a uma horda de inspectores que constantemente verificam os preços dos vendedores e a cunhagem das moedas dos compradores. Aqueles que violam qualquer uma das numerosas leis ou são mortos ou mutilados. O que fazia com que metade da população não tivesse uma mão, uma orelha ou o nariz. Não via um sorriso em público, incluindo nos soldados, que estão em toda a parte.
Durante os meus primeiros dias em Ch'in perguntei-me se Fan Ch'ih me tinha enganado deliberadamente: este não era o Catai que ele me tinha descrito. Mais tarde descobriria que Ch'in não só é diferente do resto do Reino do Meio como não se parece com mais nenhum lugar do Mundo, com a possível excepção de Esparta.
Os meus auxiliares da caravana foram confinados num armazém vazio da parte de dentro das muralhas da cidade. Eu fui escoltado, mais ou menos respeitosamente, até uma casa baixa de madeira no centro da cidade onde fui - outra vez menos do que mais - respeitosamente fechado á chave numa cela pequena.
Nunca me senti tão desolado. Embora conseguisse fazer-me entender na língua, ninguém falava comigo. Homens silenciosos traziam-me comida. Tentavam não olhar para mim porque quando o faziam ficavam claramente assustados com o que viam. Os olhos

azuis perturbam os Cataios. A pele clara mete-lhes nojo. Felizmente o meu cabelo não era vermelho ou teria sido imediatamente sacrificado a um dos chamados deuses-estrelas.
Não me trataram mal; simplesmente não se preocupavam comigo. Davam-me de

comer uma vez por dia, arroz ou uma espécie de caldo de carne. Mas quando tentava falar com os criados eles pareciam não me ouvir. Durante algum tempo julguei que fossem surdos-mudos.
Finalmente, fui mandado buscar não pelo duque de Ch'in, para quem tinha credenciais, mas pelo chefe do conselho de ministros, uma criatura idosa e educada que fazia lembrar um tanto o Cataio que eu conhecera no escritório de Shirik em Babilónia. O primeiro-ministro chamava-se Huan qualquer coisa. Esqueci-me do seu segundo nome. Mas a verdade é que eu nunca consegui distinguir os nomes cataios. Cada homem de qualidade tem um nome público, um nome privado, um nome secreto, um nome atributo, todos eles somados aos seus vários títulos. Aliás, cada um veste-se segundo a sua condição. Uns usam pele de raposa; outros lã de carneiro; outros seda vermelha. Cada homem de condição usa um cordão ou cinto donde pendem diversos ornamentos de jóias indicando a condição, a família, o país. É um sistema muito bom. Pois como se pode dizer sempre à simples vista a condição de um estranho, sabe-se logo como se deve tratá-lo.
A câmara de audiências de Huan era como o interior de uma caixa de madeira bastante polida. No Catai a maioria dos edifícios do Estado são de madeira, enquanto as casas dos pobres são de tijolo de lama com telhados vermelhos. Só as fortalezas são feitas de pedra; e como são grosseiras! Todos os edifícios são construídos segundo os quatro pontos cardeais, norte, sul, este e oeste. Cada um destes pontos tem as suas características próprias; dorme com a cabeça voltada para norte e morrerás, etc.
Embora na altura não o tivesse sabido, tinha estado preso na casa do primeiro-ministro. Sendo o principal funcionário de Estado do duque P'ing, Huan presidia a um conselho de seis ministros, cada um deles originário de uma das seis famílias nobres que dominam Ch'in. Aparentemente o duque P'ing era viciado numa bebida forte feita de milho miúdo fermentado. Devido à bebida, tinha passado a maior parte do seu reinado recluso no seu palácio, rodeado de concubinas e companheiros de bebida. Uma vez por ano aparecia no templo ancestral da sua família e fazia um sacrifício aos Céus; fora isso, podia muito bem ser um desses antepassados, dada a nula influência que exercia na administração do Estado.

É escusado dizer que eu não sabia nada disto aquando do meu primeiro encontro com o primeiro-ministro, que me cumprimentou com o que tomei pela mais refinada cortesia cataia. Na realidade ele estava a tratar-me como a um escravo de luxo.
Huan fez-me sinal para me acocorar à sua frente. Embora eu viesse a tornar-me

fluente na língua cataia, nunca deixei de me sentir confuso com ela. Por um lado, os verbos não têm tempos. Nunca se sabe se uma coisa já aconteceu, se está a acontecer, se irá acontecer; por outro lado, como os substantivos não são nem singulares nem plurais, nunca se pode estar certo de quantos carros de seda se vai receber pelo nosso ferro fundido. Não obstante para ser preciso - ao contrário da língua - os habitantes do Catai não só são excelentes homens de negócios como é frequente serem honestos.
Enquanto eu enunciava todos os títulos do Grande Rei e descrevia resumidamente mas vivamente o seu poder, Huan escutou-me polidamente. Depois disse: - Vieste fazer comércio connosco, presumo -. De cada vez que fazia uma afirmação confirmava-a com um aceno de cabeça como se quisesse garantir-se que estávamos de acordo.
- Vim negociar com todos os países do Catai, sim.
A cabeça fez outra vez que sim, mas desta vez o gesto significava desacordo; aquele gesto perturbava-me muito. - Sim, sim. Mas também, não. Só existe um Catai. Só existe um Reino do Meio. Quaisquer que sejam as divisões existentes no Reino do Meio, são temporárias e infelizes e - (a sua expressão era de triunfo) - não existentes.
- Sim, sim -. Imitei-o totalmente, até no gesto de concordância da cabeça. - Mas eu sei que existe um duque aqui em Ch'in, outro duque em Lu e outro em Wei...
- É verdade. É verdade. Mas cada duque reina apenas pela vontade do Filho do Céu, que é o único que detém o mandato, porque só ele descende do Imperador Amarelo.
Nada disto fazia sentido para mim, mas insisti: - Sim, Senhor Huan. Temos conhecimento desse poderoso monarca. E o Grande Rei manda-lhe os seus cumprimentos através deste seu humilde servo. Mas onde, se posso perguntá-lo, se encontra ele?
- Encontra-se onde está. Onde mais poderia ser? -. A cabeça de Huan oscilou para cima e para baixo. Parecia extraordinariamente feliz.
- Então irei lá. Irei até onde ele está.
- Sim. Sim -. Huan suspirou. Olhámos um para o outro. Nos anos subsequentes iria ouvir todo o tipo de variações do tema do

imperador que está e não está onde está e não está. Na realidade, há trezentos anos que não havia um verdadeiro imperador do Céu; embora o duque de Chou se intitule imperador, é escarnecido por todos.
Os Cataios são quase tão vagos como os Indianos quando se trata do passado. Mas todos eles estão de acordo em como há muito tempo havia uma dinastia de imperadores de nome Shang. Durante uma quantidade de gerações esses

imperadores possuíram o mandato do Céu ou, como nós lhe chamaríamos, a terrível glória real. Mas há setecentos ou oitocentos anos o mandato foi retirado, como acontece sempre mais cedo ou mais tarde e uma tribo de bárbaros do Ocidente ocupou o Reino do Meio e estabeleceu uma nova dinastia conhecida por Chou.

O primeiro imperador Chou chamava-se Wen. Sucedeu-lhe o filho, Wu. Dois anos depois de Wu ter recebido o mandato - isto é, depois de ter morto o último dos seus oponentes Shang - adoeceu gravemente e nem sequer o caldo de osso de dragão conseguiu conter a doença. Por fim, o seu irmão mais novo, Tan, duque de Chou, ofereceu-se ao Céu em lugar do irmão. O Céu do Catai, a propósito, difere do Céu dos Arianos ou de qualquer outro Céu que eu conheça pelo facto de ser um lugar sombrio presidido não por um deus ou deuses mas pelos antepassados mortos, a começar no primeiro homem, o chamado Antepassado Amarelo ou Imperador Amarelo. Consequentemente o virtuoso Tan não elevou a sua voz para um equivalente cataio do Senhor da Sabedoria; em vez disso dirigiu-se a três primeiros antepassados reais. Dever-se-á notar aqui que a religião deste povo é uma religião muito particular, quanto mais não seja porque praticamente não é religião nenhuma. Embora os seus deuses-estrelas não sejam diferentes dos nossos demónios, o culto destas divindades menores é periférico ao bem-estar do Estado, que depende da manutenção da harmonia entre o Céu e a Terra. Isto é conseguido através da observação cuidadosa das cerimónias em honra dos antepassados.

Os três reis mortos ficaram tão encantados com a oferta de Tan em tomar o lugar do seu irmão que permitiram que Wu recuperasse da doença; melhor, não pediram a vida de Tan em troca da sua benevolência. Tan é um herói para muitos Cataios, tal como o seu pai, Wen. Como Wu é o paradigma da crueldade militar, nem sempre é admirado. Escusado será dizer, os duques de Ch'in afirmam descender directamente de Wu, e negam a legitimidade do pretendente Chou, que descende de Wen. Os Ch'ineses falam constantemente de hegemonia, que consideram sua de direito. Neste caso a hegemonia significa a soberania sobre todos os Estados em conflito

que hoje constituem o Reino do Meio. Até aqui, o Céu amou tanto os Cataios que negou aos duques de Ch'in o mandato. Como mais tarde descobri, os governantes de Ch'in são odiados por todos os Cataios, incluindo os Ch'ineses, que eles oprimem. Quando digo os governantes não me refiro aos duques. Refiro-me ao conselho dos seis que governa Ch'in; e dos seis refiro-me a Huan, que era sem dúvida um dos homens mais notáveis que jamais conheci, como também um dos piores.

Estive cativo durante seis meses. Os meus servidores foram vendidos como escravos e o ferro confiscado. Consegui salvar a vida convencendo Huan de que só eu sabia o processo de fundir o ferro. Na verdade, tinha aprendido bastante do fabrico do ferro com os fundidores que trouxera para Magadha. Nesse tempo a Pérsia era a nação mais avançada no que respeita à fundição do ferro. Os Cataios eram a mais atrasada. Hoje, graças a mim, os Ch'ineses são ferreiros competentes.
Fui bastante bem tratado. Era frequente jantar sozinho com Huan. De vez em quando acompanhava-o quando ele visitava outros nobres. Mas nunca fui apresentado ao duque.
Logo que vi que não corria um perigo imediato, comecei a fazer a Huan tantas perguntas quantas ele me fazia. Ele gostava do que julgava ser a minha candura de bárbaro. Mas nem sempre gostava das minhas perguntas. - Por que razão não foi substituído o duque? Afinal, ele não governa.
- Que horror! -. Huan ficou chocado. Vivamente fez um desenho mágico qualquer (para esconjurar o mal?) na borda da esteira onde se sentava. Estávamos numa sala de tecto baixo que dava para um jardim onde um renque de ameixoeiras estavam em pálida e fragrante floração.
- Oh, que bárbaro! Que bárbaro, na verdade! Mesmo para uma pessoa do outro lado do deserto.
- Peço desculpa, Senhor Huan -. Olhei humildemente para o soalho polido entre nós.
- É tão terrível esse pensamento expresso que me sinto arrepiado e, oh, como me dói a mente! -. Agarrou-se ao estômago, que os Cataios crêem ser a morada da mente. - O nosso duque é sagrado porque descende do imperador Wu. Só ele e mais ninguém possui o mandato do céu. Até um bárbaro deve saber isto.
- Eu sei, Senhor Huan. Mas como tu próprio disseste, o Reino do Meio ainda não é dele. O equilíbrio entre a Terra e o Céu... esse grande fole, como os nossos sábios lhe chamam... ainda não está em equilíbrio perfeito.

- É verdade. É verdade. Mas é claro que está -. Sim, isto é exactamente o que ele disse. Nunca consegui estar completamente à vontade com o modo como os Cataios confundem o futuro, o passado e o presente na sua língua sem tempos verbais.
Huan parecia estar a dizer que o mandato do Céu era já do duque P'ing. Na realidade, ele queria dizer que um dia seria dele porque já era dele e era dele porque ele era quem era. A língua cataia tem muitas subtilezas; e a confusão é infindável.
- Mas entretanto há o imperador em Loyang.

- Não é imperador. É duque de Chou.
- Mas descende do pai de Wu, Wen. E Loyang é a capital sagrada do Reino do Meio.
- Mesmo assim, ele é simplesmente um dos quinze duques do Reino do Meio. E desses quinze duques, só onze descendem de um ou de outro dos vinte e cinco filhos do Imperador Amarelo, que inventou o fogo, cujo descendente salvou o Mundo da inundação e então recebeu do Céu o grande plano com as nove divisões, o plano que acabou por vir parar às mãos do seu descendente, o Imperador Wu, de quem passou para os seus descendentes até ele, aquele que olha para Sul -. Huan curvou-se numa reverência na direcção da residência ducal. A expressão "aquele que olha para Sul" usa-se para indicar o imperador mandatado pelo Céu. Não sei porquê. Sem dúvida um astrólogo poderia explicar a razão disto. Pensei muitas vezes que podia ter alguma coisa a ver com a estrela ariana ou estrela do Norte. Seja como for, nas cerimónias públicas o imperador fica sempre a norte do seu povo.
Uma vez mandatado, o imperador é o reflexo vivo do Céu, essa residência fantástica de uma estirpe de imperadores que recua até ao Imperador Amarelo, que criou todas as coisas quando quebrou uma espécie de ovo cósmico, cuja metade superior deu o Céu enquanto a metade inferior dava a Terra. Só através da propiciação do Céu pelos homens pode ser mantida a harmonia entre as duas metades do todo dividido. Escusado será dizer mas os ritos religiosos são de uma importância capital para os Cataios. Como tantos povos primitivos, eles acreditam que não haverá colheita do Outono se, digamos, o auto do terraço da Primavera for representado incorrectamente - e como é complicada esta cerimónia, envolvendo um sem número de actores, dançarinas, cantores e músicos, bem como o governante, que é o único que pode dirigir-se aos antepassados reais enquanto estes, lá do alto, o observam e a todas as suas obras e sorriem... ou mostram desagrado.
- Então o duque P'ing já recebeu a nomeação do Céu -.

Inclinei profundamente a cabeça quando disse o nome do duque, e ainda mais profundamente à menção do Céu.
- Pois, pois -. Huan sorriu. Mas, é claro, ao duque P'ing falta-lhe a nomeação, tal como ao actual pretendente de Loyang. Esta é a crise contínua do Catai. Como resultado, não há um único governante cataio que não sonhe em obter a hegemonia e a nomeação do Céu... por esta ordem. Mas parece improvável que qualquer governante venha algum dia a estar em condições de subjugar os seus vizinhos, tal como Ciro, ou até Ajatashatru, fez.
Tanto quanto me apercebi, o Reino do Meio é maior do que a planície gangética

mas mais pequeno que o império persa. Há cem anos atrás o Estado do Norte, Tsin, quase obteve a hegemonia; mas Ch'iu, um Estado do Sul, tornou-se tão poderoso como Tsin e então o mandato do Céu continuou a ser recusado. Era esta a situação quando eu estive no Catai e sem dúvida não mudou desde então. Apesar dos protestos em contrário, nenhum governante quer o Reino do Meio unido... a não ser por ele próprio. Tal é o equilíbrio ou não-equilíbrio lá.

Logo nos primeiros tempos do meu cativeiro consegui enviar uma mensagem a Fan Ch'ih em Lu. Embora ele fosse a minha única esperança de alguma vez poder regressar à Pérsia, não fazia ideia de se ele teria ou não o poder de me libertar porque nunca me disseram qual era exactamente a minha situação. Se eu fosse escravo, podia comprar-me. Mas sempre que sugeria a Huan o pagamento de um resgate pela minha libertação ele dizia: - Mas tu és um hóspede de honra! -. Então batia as palmas e eu era escoltado até à minha cela, cuja porta nunca era fechada à chave porque eu não poderia fugir. Era tão notado em Ch'in como um preto em Susa. Mais ainda. Há centenas de pretos em Susa enquanto, que eu soubesse, eu era o único branco em Ch'in.

Quando consegui falar a língua com alguma facilidade, Huan interrogou-me com algum pormenor sobre a administração da Pérsia. Apesar de não mostrar muito interesse pelo Grande Rei, quando se tratava de coisas como a fixação dos preços no mercado, a fixação das taxas de juro sobre os empréstimos em dinheiro, o controle da população através da polícia e dos serviços secretos, mostrava-se mais do que ansioso em ouvir as minhas histórias da Pérsia e dos reinos indianos.

Lembro-me de um jantar em que fui tratado como um convidado de honra por Huan, que gostava sempre de me exibir perante os seus colegas nobres. Nessa ocasião, a maioria do conselho de Estado estava presente. Quando nos ajoelhámos em esteiras, os criados

entraram na sala com tamboretes, que foram colocados ao lado de cada conviva. Eu queria sentar-me no tamborete, mas essa é a única coisa que não se deve fazer num jantar de cerimónia cataio. O banco está ali apenas para a pessoa se encostar. Como até os Cataios acham incómodo ficar de joelhos durante horas, o banquinho é útil para mudar de vez em quando o peso do corpo de um lado para o outro. À frente de cada conviva estava um conjunto de pratos e taças. A um ministro são concedidos oito pratos; a mim deram-me seis. À esquerda da pessoa está um prato de carne que foi cozida com o osso bem como uma malga de arroz; à direita um prato de carne às fatias e uma malga de caldo. Esta ordem nunca deve variar. Num círculo, à volta destes pratos, estão dispostos outros pratos; contêm carne picada e assada, cebolas cozidas em vapor, picles, etc. O

peixe cozido é servido, no Inverno, com a barriga para a direita do conviva; no Verão, a barriga é para a esquerda. A carne seca é dobrada para a esquerda. Os bicos dos jarros devem ficar voltados para o anfitrião. Etc, etc, etc.
O ritual de um jantar de cerimónia cataio é quase tão complicado como uma cerimónia religiosa. Por exemplo, se o convidado é de condição inferior ao anfitrião - como eu era considerado - deve pegar no prato que contém arroz ou milho miúdo ou o cereal que houver; em seguida faz uma vénia ao anfitrião e declina o prato ao mesmo tempo que faz menção de se retirar. O anfitrião então põe-se em pé e implora ao convidado que fique e este acede. Nunca ouvi falar de nenhum caso em que o convidado saísse mesmo da sala. Mas como tudo o que pode acontecer no Mundo já aconteceu, isso deve ter já acontecido. Não gostaria de ser o convidado que saiu da sala de jantar.
Há outras etiquetas que há que observar mas já as esqueci. Por outro lado, não consigo esquecer a esplêndida culinária que se pratica em todas as casas nobres do Catai. Até a comida cozinhada que se compra no mercado é de alta qualidade e não há prazer na Terra que se iguale ao de jantar ao luar a bordo de um barco ancorado a um salgueiro do rio Wei no Verão.
Uma vez cumpridas as diversas cerimónias, um jantar de cerimónia pode ser tão intelectual (sofístico) como aqui em Atenas. É claro, as maneiras dos Cataios são mais formais do que as dos Atenienses. Mas quem não tem maneiras mais formais que os Atenienses? Não obstante a formalidade, a conversa na sala de jantar de Huan era de vez em quando contundente e directa. Para o fim da refeição havia mesmo discussões quando já se tinha bebido vinho de milho miúdo.
397
Lembro-me de ter apreciado muito o meu primeiro prato do famoso leitão assado, uma designação um tanto errada de um prato que começa por ser um leitão que é recheado de tâmaras e assado em palha e lama; uma vez assado o leitão, a lama é quebrada e a carne cortada às fatias e frita em banha; em seguida as fatias são cozidas com ervas durante três dias e três noites e servidas com carne de boi em molho de picles e vinagre. Não há nada tão delicioso em toda a Lídia. Receio ter-me empanturrado à mesa de Huan - uma coisa que não se deve fazer num jantar cataio, mas que toda a gente faz.
Depois de Huan me ter explicado como tinha sido preparado o leitão e de eu ter gabado, sinceramente, o resultado, ele disse: - Mas tu também deves jantar desta maneira no teu país -. Fez que sim encorajativamente.
Fiz também que sim; e disse: - Não, nunca. Vós alcançastes aquela perfeição que nós ainda procuramos.
- Oh não, não! -. Em seguida Huan voltou-se para os outros convidados,

dizendo: - Ciro Spitama, apesar do seu curioso nome e da sua palidez característica, é uma lâmina muito cortante -. Uma lâmina muito cortante é a maneira cataia de dizer "uma pessoa
inteligente".
Os outros olharam para mim com mais do que um interesse educado. Mas a verdade é que eu não acredito que algum deles tivesse visto um branco antes. O que era certo é que ficavam sempre surpreendidos quando eu falava a sua língua. Como bárbaro, eu deveria grunhir como um porco.
Polidamente, um nobre fez-me perguntas sobre a Pérsia. Onde era? A que distância ficava? Quando lhe expliquei que ficava a mil milhas a ocidente de Champa - um porto de que eles todos tinham ouvido falar - uma dúzia de cabeças abanaram de incredulidade.
- Ele disse-me - disse Huan com o seu sorriso quase totalmente desdentado -, que no país dele todos os homens estão subordinados ao Estado e que só o Estado é a medida do que é bom e do que é mau.
Os nobres concordaram com gestos de cabeça e sorriram e eu fiz o mesmo. É evidente que eu nunca tinha dito a Huan uma tal coisa.
- Mas certamente - disse um velho - mesmo numa terra bárbara, os decretos do Céu têm precedência sobre os do Estado.
Huan olhou para a trave do tecto como se aí fosse o Céu. - Enquanto o mandato estiver na posse do governante, a vontade do governante é absoluta. Não foi assim que me contaste que era no teu feliz país? -. Huan sorriu-se para mim.

- Sim, Senhor Huan -. Não era eu que contradiria o meu carcereiro.
- Mas certamente - e o velho agora voltava-se para mim, contente por poder usar-me como interposta pessoa do primeiro-ministro - há determinadas leis do Céu a que o vosso governante deve obedecer?
Huan respondeu por mim. - Não. Não há nenhuma enquanto o mandato for dele. Estes bárbaros ocidentais acreditam, tal como nós, que o Estado é uma cadeia que começa no indivíduo, que está ligado à família, que está ligada à aldeia, que está ligada ao Estado. Cada elo da cadeia deve ser forte. Cada elo contribui para o todo, que é o Estado. No país feliz do nosso venerado hóspede - (uma vénia à minha pessoa) -, os homens já não são como eram ao princípio quando cada homem vivia apenas para si próprio, o que significava que se juntasse dois homens, tinhas duas ideias diferentes do que é o bem e do que é o mal, o que não é uma boa coisa dado que ninguém pode negar que todo o sofrimento começa com o desacordo dos homens quanto ao que é bem e o que é mal. Bom, os bárbaros da Pérsia são mais sábios do que nós. Sim, sim! Acreditam que se deixa que cada homem aja e pense como quiser, não pode haver ordem, harmonia,

Estado. E assim, finalmente, o governante sábio, quando recebe o mandato do Céu, deve dizer ao seu povo que o que pensa que está certo está certo para todos os homens e o que pensa que está errado está errado para todos os homens. Mas, evidentemente, há sempre aqueles que desobedecerão ao governante e, por conseguinte, o rei persa disse: "Se alguma voz se elevar contra o bem oficial, quem ouvir essa voz deve relatá-la ao seu superior." Como é sábia esta regra! Quanta sabedoria há nela! Todos têm o dever de relatar ao governante ou aos seus funcionários todas as acções erradas ou até mesmo a insinuação ou a sugestão de intenção de praticar o mal. O resultado? A felicidade perfeita! Porque os bárbaros ocidentais eliminaram a desordem e a desarmonia. Servem todos um Estado que assenta... como era aquela frase maravilhosa que disseste, Ciro Spitama? Oh, sim! No princípio da concordância com o superior.

Huan fez-me uma vénia como se eu fosse o monarca persa imaginário que inventou esse sistema impuro de governo. Alguns anos depois soube que o jantar de Huan tinha sido histórico. Durante mais de uma geração tinha-se discutido entre os nobres Ch'ineses sobre a forma de governar o Estado. Huan era de opinião que a única maneira de governar Ch'in era escravizar o povo até um grau nunca antes tentado no Catai ou em qualquer outro lugar, incluindo

Esparta. Todos eram encorajados a espiar todos. As famílias eram dissolvidas de modo a que os homens capazes pudessem ser deslocados do exército para a agricultura, para a construção de estradas, para o que se quisesse. Como os artesãos e os mercadores tendem a andar de um lado para o outro conforme lhes apetece, Huan propôs que estas actividades fossem postas fora da lei. Finalmente, tendo em vista estabelecer a primazia absoluta do Estado, trabalhou secretamente para destruir a sua própria classe, a aristocracia.

É escusado dizer que os pares de Huan não eram absolutamente nada felizes com as suas teorias... para não falar já das práticas. No jantar houve uma boa dose de educadas manifestações de oposição. Alguns anos mais tarde a dissensão tornou-se menos educada e Huan foi assassinado por uma facção rival. Mas ele tinha feito bem o seu trabalho. Embora os mercadores e os artesãos continuem a prosperar e a aristocracia conserve o seu poder, os homens e as mulheres do povo são obrigados a viver em quartéis, com as suas vidas ordenadas inteiramente pelo Estado. Se alguém se opõe ao mando de Huan sobre o Céu é feito em dois e os seus restos expostos de ambos os lados das portas da cidade.

Enquanto comíamos leitão assado, o velho dirigiu-se a Huan por meu intermédio: - No tempo dos nossos antepassados, cada homem vivia segundo os ditames da sua natureza íntima e havia muita bondade no Mundo e poucos conflitos. Certamente o vosso rei persa gostaria que os seus súbditos vivessem

como viveram os seus antepassados, em harmonia com o Céu e com eles próprios.
Huan bateu as palmas alegremente: - Mas quando fiz precisamente essa mesma pergunta a este bárbaro, ele disse, e espero citar-te
exactamente...
- Oh sem dúvida! Sem dúvida, Senhor Huan! -. Eu parecia um daqueles pássaros indianos a quem ensinaram a falar.
- Tu disseste-me que os homens eram bons uns para os outros nos tempos primitivos porque eram poucos e as coisas eram muitas. Agora os homens são muitos e as coisas poucas. Até mesmo no tempo longínquo do Imperador Yu a vida era tão dura que o próprio Yu trabalhou no campo até perder todos os pelos das canelas das pernas. Mas agora há dez mil vezes mais homens do que na época de Yu. Logo, tendo em vista o bem de todos, devemos controlá-los para que não se atropelem uns aos outros. Como fazê-lo? Confesso que não fui suficientemente inteligente para pensar numa solução. Mas o teu sábio rei deu-me uma resposta -. Huan fez-me uma vénia, obrigando-me a fazer outra vénia tão funda que o meu estômago resfolegou. Os Cataios levam muito a sério os ruídos estomacais.
400
Rezei para que os sons da minha barriga atafulhada não fossem de modo nenhum sediciosos.
- "Utiliza a natureza humana", disse o rei persa. "Dado que os homens têm as suas simpatias e as suas antipatias, podes controlá-los com recompensas e castigos, que são as alavancas por intermédio das quais o governante mantém a sua supremacia."
- Mas, se essas alavancas... faltam ao governante, que prescreveria então o sábio Persa? -. O velho olhava para mim; os olhos estavam injectados de sangue, as veias das suas têmporas palpitavam. Ele odiava Huan. Disso não havia dúvida.
- A palavra que o sábio Persa utilizou foi "força" -, respondeu Huan com bonomia. - A força é a coisa que mantém as massas subjugadas.
Apesar da comida maravilhosa, não consigo lembrar-me doutro jantar tão assustador. Através de mim, Huan desafiava os seus pares. Felizmente para os Ch'ineses, os nobres não endossavam todos os preceitos rígidos de Huan e ele nunca deixou de ser mais do que o que tinha sido durante anos, o primeiro entre iguais. Mas com os seus esforços, a vida da gente do povo foi tão alterada que só a queda do Estado pode salvá-los da escravidão a que ele as reduziu. Ao menos os Espartanos são treinados para amar o seu Estado e para aceitar as suas vidas brutais. O povo de Ch'in não amava os seus amos, para dizer o mínimo.
O jantar acabou quando todos invocaram o Céu para que concedesse uma longa

vida ao duque. Fiquei um tanto surpreendido com a veemência com que os convivas se dirigiam ao Céu. Afinal o duque não tinha nenhum poder mas contudo os nobres choravam lágrimas verdadeiras só de pensarem na possibilidade de ele morrer. Atribuí a sua emoção ao vinho de milho. Mas três meses depois, quando o duque P'ing morreu realmente, verifiquei que essas lágrimas tinham sido genuínas.
Nesse dia fatídico fui acordado de madrugada pelo repicar dos sinos, a que se seguiu um rufar intermitente de tambores. De um extremo ao outro da cidade ouviam-se choros.
Vesti-me rapidamente e corri para o pátio no preciso momento em que Huan saltava para o seu carro. Ele estava vestido com roupas velhas e parecia um pedinte. Com um grito o condutor deu uma chicotada nos quatro cavalos e partiram.
Segundo um dos intendentes da casa: - O duque morreu pouco antes do nascer do Sol. Dizem que depois de ter bebido demasiado vinho chamou pelo eunuco para o ajudar e vomitou. Mas em vez de vomitar vinho vomitou sangue. Oh, que dia tão terrível para Ch'in! Um dia negro, negro, negro!

- Ele era assim tão amado?
- Céus, sim! Senão não teria sido aquele que olha para Sul, não é? E agora morreu -. O intendente desatou a chorar. Parecia que todo o povo de Ch'in chorava. Eu estava pasmado. Sabia que o duque P'ing não tinha sido popular. Mais precisamente, ele tinha existido apenas como uma marionete cerimonial, manipulado pelas seis famílias. Então qual era a razão para tanta dor?
A razão descobri-a durante as cerimónias fúnebres. Eu estava com o pessoal da casa de Huan na praça em cujo centro fica a residência ducal. Tirando uma fila de mastros de bandeira em frente à entrada, o edifício é inferior ao palácio do primeiro-ministro. As bandeiras significam que aquele que vive na casa possui o mandato do Céu. Neste dia as bandeiras eram pretas e vermelhas e muito sinistras. Como nenhuma brisa agitava o pano grosso, elas pendiam, debaixo de um Sol escaldante. O dia parecia não ter ar. Embora eu disfarçasse os bocejos com a manga, não conseguia ar suficiente para poder respirar. Atribuía este facto não só ao calor mas à respiração forte e profunda dos dez mil homens e mulheres de aspecto solene que olhavam em perfeito silêncio para os portões do palácio. Embora o povo de Ch'in deva ser o mais calmo e o mais obediente do Mundo, eu costumava achar a sua calma algo alarmante... como um presságio de um tremor de terra.
As portas do palácio abriram-se. Huan e o conselho de Estado apareceram, seguidos por um palanquim muitíssimo lacado aos ombros de doze soldados. Em

cima do palanquim jazia o duque. O cadáver estava vestido de seda escarlate e enfeitado com mil jóias. Em cima do peito tinha um esplêndido disco de jade verde escuro, o símbolo do favor do Céu.
Uma longa procissão de escravos emergiu do palácio carregando arcas cheias de sedas, tripés de ouro, tambores de couro, estátuas de marfim, armas douradas, reposteiros de penas de aves, uma cama de prata. Todos estes ricos objectos iriam mobilar o túmulo ducal por um preço de tirar a respiração a quem quer que seja. Eu sei. Huan pediu-me para fazer uma avaliação rigorosa do que tinha entrado para o túmulo de modo que a soma pudesse ser provida no orçamento que seria apresentado ao conselho de Estado quando este servisse o novo duque.
No outro extremo da praça, Huan e os seus colegas ministros tomavam os seus lugares à frente do que parecia ser um cortejo fúnebre que se estendia por uma milha. Logo atrás dos carros dos nobres estava um carro puxado por oito cavalos brancos. O corpo do duque P'ing estava de tal modo atado a uma tábua que ele parecia

estar a conduzir o carro. O efeito era claramente desagradável. Os objectos para o túmulo foram colocados noutros carros, juntamente com várias centenas de damas do harém. Por baixo dos véus elas choravam e lamentavam-se.
Os carros levaram mais de uma hora a atravessar a cidade até à porta sul. Aqui Huan fez um sacrifício a um demónio local qualquer. Em seguida conduziu o cortejo ao longo de uma estrada cheia de curvas até ao vale onde os reis são enterrados por baixo de montes de terra artificiais muito semelhantes aos de Sardis.
Bastante inesperadamente foi-me oferecida uma boleia num carro lacado de vermelho por um homem alto e magro que disse: - Tenho uma paixão por brancos. Já tive três. Mas dois morreram e o terceiro está adoentado. Podes beijar-me a mão. Sou o duque de Sheh, primo do falecido duque de Ch'in, bem como dos duques de Lu e Wei. Mas a verdade é que nós, duques, somos todos parentes uns dos outros por parte do nosso antepassado comum, o Imperador Wen. Donde és tu?
Fiz o melhor que pude para lhe dizer. Embora o duque nada conhecesse da Pérsia, tinha viajado mais no Ocidente do que qualquer Ch'inês que eu conhecera. - Passei um ano em Champa -, disse ele. - Não posso dizer que gostei. O tempo ou era demasiado quente ou demasiado chuvoso. E a gente era demasiado escura para o meu gosto. Eu esperava que fossem brancos como tu. Mas disseram-me que se quisesse encontrar brancos teria de continuar a viajar, pelo menos, durante mais meio ano e eu não pude suportar a ideia de estar fora do Mundo durante tanto tempo -. Beliscou-me as faces; examinou atentamente a

carne comprimida entre os seus dedos. - Tu ficas vermelho! -. Estava deliciado. - Tal e qual como os meus outros escravos. Nunca me canso de ver o vermelho aparecer e desaparecer. Achas que Huan te venderia a mim?
- Não tenho bem a certeza - disse-lhe com toda a prudência - se sou escravo.
- Oh tenho a certeza de que és. És bárbaro embora não dobres a capa para a esquerda. Era o que devias fazer, como sabes. É mais divertido para nós. E devias trazer o cabelo solto. Não devias tentar parecer demasiado civilizado ou perdes a graça toda. Seja como for, és um escravo sem sombra de dúvidas. Vives na casa do ministro. E fazes o que ele te diz. Eu diria que és realmente escravo. Não compreendo por que razão Huan não to disse. É muita maldade dele, realmente. Mas ele é tão tímido. Provavelmente pensa que é má educação dizer-te directamente que és escravo.
- Prisioneiro de guerra, diria eu.

- De guerra? De qual guerra? -. O duque de Sheh ergueu-se no carro e olhou à volta. - Não vejo exércitos -, disse. A paisagem verde acinzentada estava completamente em paz à medida que o cortejo se desenrolava como uma cobra silenciosa e infindável por entre aquelas colinas calcárias aguçadas que marcam os terrenos funerários ducais.
- Eu vim como embaixador do Grande Rei.
O duque interessou-se moderadamente pela minha história. Se bem que a Pérsia não lhe dissesse nada, sabia perfeitamente da existência de Magadha. Quando lhe disse que era casado com uma filha de Ajatashatru ficou muito impressionado: - Conheci vários membros dessa família, incluindo o tio de Ajatashatru que era vice-rei de Champa quando lá estive -. O duque tornou-se muito animado, mesmo até alegre: - Tenho a certeza de que quem for o teu dono poderá obter um esplêndido resgate do rei, e é por esta razão que tenho de te tirar a Huan. E em seguida vendo-te ao teu sogro. Percebes, tenho sempre falta de dinheiro.
- Mas eu julgaria que o governante de Sheh seria sustentado magnificamente p... pelo Céu! -. Começava lentamente a aprender o elaborado estilo dos Cataios. Nada do que se diz quer dizer bem o que parece, enquanto que os gestos do braço, da mão e do corpo são intrincados para lá da compreensão. Nunca cheguei a penetrá-los.
- O Sheh de que sou duque já não é o Sheh que era, de modo que nunca lá pus os pés. Prefiro viajar com a minha corte e visitar os meus inúmeros primos e coleccionar osso de dragão. Provavelmente já ouviste dizer que eu tenho a maior colecção de osso de dragão de todo o Mundo. Bom, o que ouviste dizer é verdade. Tenho. Mas como os ossos viajam sempre comigo tenho de manter dez

mil carros e isso dá muita despesa. Mas se puder vender-te ao rei de Magadha, ficarei rico a sério.
O duque de Sheh era uma figura fantástica que divertia imenso os Cataios. O seu nome era Sheh Chu-liang, filho ilegítimo de um duque de Lu. Não satisfeito com esta condição ambivalente, intitulou-se duque de Sheh. Mas Sheh não é um país. A palavra significa terreno sagrado - o monte de terra que se ergue no limite de todos os Estados cataios. O duque gostava de fingir que uma vez há muito tempo tinha havido, algures, um Estado chamado Sheh de que ele era o duque hereditário. Absorvido por vizinhos vorazes, Sheh deixara de existir e tudo quanto ficou desse mundo perdido foi o seu duque vagabundo. Se era ou não verdadeiramente ducal - por parte de Lu - é uma óptima questão com que os nobres cataios se

deleitam. Por outro lado, como a sua descendência do Imperador Wen era um facto, todos os soberanos do Catai eram obrigados a receber o seu honroso primo. Como o duque estava sempre a ir de uma corte para a outra, conseguia manter as despesas da sua manutenção no mínimo. Mantinha uma vintena de criados velhos, catorze igualmente velhos cavalos, seis carros - dez mil é uma forma de hipérbole cataia que significa "sem conta" - e um carro de guerra com um eixo quebrado.
Havia aqueles que consideravam o duque imensamente rico mas muito avarento. Outros pensavam que ele era um pobre diabo que vivia do tráfico de osso de dragão. Ele costumava recolher esses fragmentos enormes, semelhantes a pedra, nos territórios ocidentais onde são relativamente frequentes; em seguida vendia-os aos físicos do Oriente, onde os dragões são raros. Tive a boa sorte de nunca ver nenhuma dessas pavorosas criaturas, mas disseram-me que o duque tinha morto mais de trinta. - Na juventude, claro. Receio que já não sou o que era -. Estava sempre a pintar quadros com esses animais, que vendia sempre que podia.
Quando o cortejo se aproximou do alto monte que marcava o último refúgio do que os Ch'ineses afirmam ser o Imperador Wu, o duque propôs-me que encontrássemos maneira de me tirar a Huan. - Deves ter alguma influência nele. Quero dizer, se não tivesses, a esta hora já ele te tinha morto. Ele aborrece-se com facilidade, como muitos tímidos.
- Não penso que tenha a mínima influência no ministro. Ele usa-me em coisas pequenas. De momento faço-lhe a contabilidade.
- És um matemático hábil -. O duque voltou-se e semicerrou os olhos. O Sol poente estava agora à altura dos nossos olhos; parecia ter queimado todo o ar. Nunca antes ou depois deste dia tive tanta dificuldade em respirar como na

estação quente de Ch'in.
- Sim, Senhor Duque -. Eu estava tão desejoso que ele me comprasse como estava pronto a dizer qualquer mentira. - O meu povo construiu as pirâmides como um exercício de matemática celestial.
- Já ouvi falar delas -. O duque estava impressionado. - Bom, vou pensar em qualquer coisa. E tu, pensa também. É uma pena que não sejas um criminoso pois há sempre uma amnistia quando um novo duque sobe ao trono. Mesmo assim, talvez pudéssemos convencer o novo duque a libertar-te, se Huan consentir, do que duvido. Por outro lado, se tu és livre, como pode ele vender-te? É uma charada, não é?
Concordei. Mas o certo é que concordaria com tudo quanto este louco delicioso dissesse. Ele era a minha única esperança de sair de

Ch'in, um lugar onde estava ansioso por me escapar - uma ânsia que se veria aumentada, se tal fosse possível, com as cerimónias fúnebres que tiveram lugar nos montes do Imperador Wu.
A carruagem e as carroças formaram um semicírculo à frente da colina cónica que continha, se não o lendário Wu, pelo menos no mínimo dos mínimos um monarca de antiguidade comparável, dado que o monte estava coberto com o símbolo da majestade, o pinheiro-anão, que leva mil anos a desenvolver aquelas graciosas formas hieráticas que os Cataios tanto admiram.
Como as carroças e os carros estavam dispostos segundo as condições sociais, o duque de Sheh e eu ficámos muito perto do primeiro-ministro e por isso tínhamos uma excelente vista do que se passava. Atrás de nós, em filas silenciosas, vários milhares de populares formavam um leque nas colinas baixas cinzento prateadas.
Não sei que tipo de cerimónia eu esperava ver. Partia do princípio de que iria haver sacrifícios, e houve-os. Foram acesas fogueiras a sudoeste do monte e um grande número de cavalos, ovelhas, porcos e pombos foram abatidos.
Na partilha da carne do sacrifício, como em tudo o resto, o governo é inteligente. Cada pessoa recebe uma varinha de madeira, que a habilita a uma dada quantidade de carne assada, nem mais nem menos, dos animais e das aves sacrificadas. Como resultado, não só há sempre que chegue para todos como não há aqueles tumultos vergonhosos como os que mancham as cerimónias babilónicas e até as persas. Soube que Huan era responsável por esta inovação, que acabou por ser adoptada por todos os Estados cataios. Quando tentei apresentar o princípio da varinha de madeira aos Magos, eles rejeitaram-na. Preferem o caos indecente que está presente em todos os seus ritos abundantemente regados a haoma.

O novo duque estava em pé a norte de nós. Tal como exigido pelo ritual, estava sozinho. Parecia tão velho, se não mais, como o seu antecessor. Mas, segundo o duque de Sheh, ele não era um dos filhos do morto, mas um primo. O ministério tinha rejeitado todos os filhos do duque P'ing em favor de um obscuro primo primeiro que era "conhecido pela sua estupidez". Do ponto de vista do ministério serve muito bem.
- São sempre os ministros que escolhem o soberano?
- Aquele que recebeu a nomeação do Céu escolhe para seus ministros apenas os seus escravos leais -. A voz do duque tornou-se aguda de repente. À medida que vim a conhecê-lo, vi que se ele não era na verdade duas pessoas diferentes num só corpo, possuía certamente dois tipos de comportamento completamente diferentes.

Um era confiante e arguto, marcado por uma voz grossa; o outro era muitíssimo enigmático e distinguia-se por uma voz monótona, aguda, alta. Deu-me a entender que não era este o momento nem o local próprios para discutir a situação anómala dos seus primos ducais. Como soube passado pouco tempo, eles não detêm, com poucas excepções, nenhum poder; e os seus reinos são governados por ministros hereditários, quer sozinhos quer em combinação com outros funcionários hereditários. O mandato do Céu não é mais do que um sonho dourado do que poderia ser mas nunca é e, talvez, nunca foi.
Em voz alta o novo duque de Ch'in dirigiu-se aos seus antepassados. Não percebi uma só palavra do que ele disse. Enquanto ele falava para o Céu, escravos carregaram arcas, tripés, móveis, para dentro do que parecia ser uma caverna natural no sopé de um alto penhasco calcário. Entretanto, músicos tocavam. Como havia uns trezentos músicos a tocar ao mesmo tempo, o efeito era especialmente perturbante para o ouvido estrangeiro. Mais tarde vim a gostar bastante da música cataia. Fiquei particularmente encantado com aquelas pedras de tamanhos diferentes que produzem sons maravilhosos quando percutidas com martelos.
Quando o duque acabou a alocução aos antepassados, o palanquim onde estava o corpo do seu antecessor foi posto aos ombros de doze homens. A música parou. Em silêncio, o palanquim passou pela frente do novo duque e entrou na caverna. Logo que o corpo deixou de se ver, toda a gente suspirou. O efeito foi muito estranho - como a primeira lufada de uma tempestade de Verão.
Voltei-me para o duque de Sheh. Ele estava encolhido como um pássaro durante a muda das penas no fundo do carro, de olhos brilhantes postos na caverna. Os homens que tinham transportado o corpo para dentro da caverna não saíam. Em vez disso, cem mulheres de véu deslocaram-se em lenta procissão para a

caverna. Umas eram esposas do falecido duque; outras eram concubinas, dançarinas, escravas. As mulheres foram seguidas por outra procissão de homens e eunucos chefiados pelo velho nobre que tinha estado presente no jantar do leitão assado. Um certo número dos homens eram oficiais dos guardas; outros eram cortesãos de alta condição. Seguiram-se-lhes músicos, com os seus instrumentos; cozinheiros e criados que transportavam mesas de bambu sobre as quais estava disposto um complicado festim. Um a um, as mulheres e os homens entraram no que obviamente não era apenas uma caverna mas uma sala enorme cavada na rocha.

Quando o último do que acabaram por ser quinhentos homens e mulheres desapareceu no interior da caverna, o novo duque falou novamente aos seus antepassados no Céu. Desta vez percebi mais ou menos

o que ele disse. Elogiava os antepassados citando-os pelos nomes. Isto demorou algum tempo. Em seguida pediu aos antepassados que aceitassem o seu antecessor no Céu. Referiu-se ao duque P'ing como "o todo misericordioso". No Catai um morto nunca é referido pelo seu nome próprio, pela compreensível razão de que se for chamado pelo nome, o seu espírito pode voltar à Terra e perseguir quem o chamou. Se o todo misericordioso fosse aceite no Céu, o duque jurava que nunca omitiria nenhum dos rituais que mantêm a harmonia entre o Céu e a Terra. Pediu a bênção de todos os antepassados para o órfão. Eu não fazia ideia de quem ele estava a falar. Depois soube que muitas vezes o governante se refere a ele próprio como "o órfão" ou "o solitário", pois o seu pai, ou predecessor, morreu. Ele refere-se à sua esposa principal como "aquela pessoa", enquanto o povo a ela chama-lhe "aquela pessoa do duque". Ela refere-se a si própria como "o rapazinho". Não sei porquê. Os Cataios são muito fora do vulgar.

Do interior da caverna começou a ouvir-se música. Tudo levava a crer que estava a decorrer uma festa. Durante uma hora ficámos a olhar para Norte enquanto o novo duque estava voltado para Sul. Durante uma hora ouvimos a música dentro da caverna. Então, um a um, cada um dos instrumentos foi-se calando. O último som foi o dobre de um sino de bronze. Todos os olhos estavam, neste momento, postos na entrada da caverna. Ao meu lado, o duque de Sheh tremia. Ao princípio julguei que ele estivesse doente; mas ele estava simplesmente excitado. Quando o sino de bronze deixou de se ouvir, o duque de Sheh soltou um longo suspiro. Mas nesta altura todos suspiraram, como que combinados. De repente, os homens que tinham transportado o palanquim emergiram da caverna. Cada um tinha na mão direita uma espada; cada espada pingava sangue.

Gravemente os homens saudaram o seu novo amo, que ergueu o rosto para o Céu

e soltou um uivo como um lobo. De todos os seus súbditos, a Sul, elevou-se um uivo de resposta. Nunca senti tanto pavor. O que eu tomara por homens eram lobos mascarados. E agora, à frente dos meus olhos, tinham começado a voltar à sua verdadeira natureza. Até o duque de Sheh se juntava aos uivos. De focinho voltado para o Céu, mostrava uns caninos descomunalmente compridos.
Ainda ouço esse terrível uivo nos sonhos em que revivo esse momento pavoroso em que os doze homens sujos de sangue emergiram da caverna, com o dever cumprido. Quinhentos homens e mulheres tinham sido mortos para que os seus cadáveres fizessem companhia ao seu senhor por toda a eternidade.
Embora não se possa afirmar que os sacrifícios humanos

sejam desconhecidos na nossa parte do Mundo, nunca os vi praticar numa tão vasta escala como no Catai. Disseram-me que quando morre um verdadeiro Filho do Céu são mortos mil membros da corte, o que explicava o estranho fervor súbito daquelas orações pela saúde do duque no fim do jantar do leitão assado. Vivo, o duque era meramente desprezível; morto, levava muitos consigo.
Na verdade, segundo o costume ch'inês, só apenas um dos ministros do conselho é sacrificado e é escolhido por sorteio. Como quiseram a sorte e o astucioso Juan, foi o velho ministro que tinha desafiado Huan no jantar que tirou a fatal palhinha mais curta.
A caverna foi selada. Seguiu-se música, dança, um festim. Mais tarde um monte seria construído para cobrir a entrada do túmulo. Escusado será dizer que um túmulo ducal é uma tentação tão grande para os ladrões que os belos e caros objectos colocados ao lado do ataúde de um duque encontram-se geralmente em circulação passado não muito tempo depois do funeral.
Huan recusou vender-me ao duque de Sheh. - Como - disse Huan - posso vender um embaixador que é livre de ir e vir?
- Nesse caso, Senhor Huan, talvez seja altura de eu me ir embora, na companhia do duque de Sheh.
Esta impertinência fez o meu amo sorrir. - Certamente não quererias arriscar a vida na companhia de um homem que anda atrás de dragões pelas selvas, que luta com bandidos, que acompanha com feiticeiras. Oh, conhecer o duque de Sheh é um perigo! Eu não posso deixar que uma pessoa que aprendi a amar enfrente tais perigos numa terra estranha. Não, não, não.
E era tudo. Mas eu estava decidido a partir. Quando comuniquei ao duque a minha decisão, ele revelou-se inesperadamente cheio de recursos. - Disfarçar-te-emos - segredou. Estávamos na audiência semanal do primeiro-ministro. Suplicantes de todo o Ch'in eram autorizados a aproximar-se de Huan, que estava em pé num extremo de uma sala de tecto baixo. Os tripés de ouro à

esquerda e à direita de Huan simbolizavam a autoridade.
O primeiro-ministro recebia cada solicitante com uma cortesia calma que contradizia absolutamente as suas opiniões políticas. Ele era suficientemente astuto para saber que nunca se consegue escravizar um povo relutante sem primeiro o lisonjear. Certamente há que o convencer de que o que queres é o que ele quer e que as cadeias que forjaste para ele são ornamentos necessários. De certo modo, os Grandes Reis perceberam sempre isto. De Ciro ao nosso actual senhor iluminado, Artaxerxes, os diversos povos do império são autorizados a viver da mesma maneira em que sempre viveram,

devendo ao Grande Rei nada mais além de impostos anuais, em troca dos quais ele lhes dá segurança e lei. Huan tinha conseguido convencer os reconhecidamente bárbaros e remotos Ch'ineses de que embora outrora tivesse havido uma idade de ouro em que os homens eram livres de viver como lhes apetecia, essa idade acabara quando - e como ele gostava de usar esta frase! - "os homens eram muitos e as coisas poucas".
Realmente o Catai é relativamente subpovoado e muitas zonas deste rico país são desabitadas. Tirando meia dúzia de cidades com cem mil habitantes, o Catai é uma terra de aldeias de muros de pedra dispersas por um terreno ondulado entre os dois rios. Muito do terreno é densamente arborizado, especialmente no oeste, enquanto que no sul há selvas semelhantes às indianas.
Consequentemente, salvo os bem disciplinados e completamente dominados Ch'ineses, os Cataios tendem bastante a andar de um lado para o outro. Se uma quinta é levada pela cheia, o agricultor e a sua família pura e simplesmente põem ao ombro os seus arados e a pedra do lar dos antepassados e emigram para outra região onde começarão de novo, pagando tributo a um novo senhor.
Os viajantes mais importantes são os shih. Não há palavra - ou classe - equivalente em grego ou persa. Para se compreender o shih é preciso compreender o sistema de classes do Catai.
No vértice está o imperador, ou Filho do Céu. De um modo geral, ele foi e talvez será mas com toda a certeza não é. Ao dizer isto apercebo-me subitamente de como os Cataios são espertos em ter uma língua sem tempo verbal passado, futuro ou presente. Abaixo do imperador, há cinco ordens de nobreza. A mais alta é a de duque. Com estranhas excepções, como o louco duque de Sheh, os duques são os titulares e às vezes os governantes efectivos de Estados, o que faz deles os equivalentes aos nossos reis e tiranos; e tal como os nossos reis e tiranos, que reconhecem o Grande Rei como senhor supremo e fonte de legitimidade, cada um destes duques recebeu, em teoria, a sua autoridade do Filho do Céu, que não existe. Se existisse - isto é, se exercesse hegemonia sobre

o Reino do Meio - seria provavelmente o duque de Chou, o descendente directo do imperador Wen, que estabeleceu a hegemonia dos Chou sobre o Reino do Meio. De certeza que não seria o duque de Ch'in, que descende de Wu, o brutal filho de Wen.
O filho mais velho de um duque é marquês e quando o duque morre ele torna-se duque, salvo em caso de infausto (mas mais do que corrente) acidente. Os outros filhos do duque também são marqueses, mas enquanto o filho mais velho do segundo filho conserva o título,
410
os outros filhos caem para a ordem de nobreza seguinte e os seus filhos para a seguinte, e os desta para barão. Os filhos de um barão - a ordem aristocrática mais baixa - são os shih. Durante os seis ou sete séculos que decorreram entre o estabelecimento da hegemonia dos Chou, os descendentes do Chou contam-se já pelas dezenas de milhar, e os que não têm posição são shih ou, digamos, cavaleiros, que apenas conservam um privilégio hereditário: um cavaleiro pode ir para a guerra num carro, partindo do princípio de que pode manter um.
Em anos recentes tem havido um aumento considerável das fileiras dos cavaleiros. Estes quase nobres estão em todo o lado. Muitos especializam-se na administração, muito à semelhança dos nossos eunucos. Muitos são oficiais do exército. Muitos ensinam. Alguns devotam-se, muito como os Zoroastristas, a manter intactas aquelas observâncias religiosas que mantêm a correcta harmonia entre o Céu e a Terra. Por último, os cavaleiros administram a maior parte das nações cataias, servindo aqueles funcionários do Estado hereditários que conseguiram usurpar os poderes ou até mesmo a divindade dos duques.
As estradas do Catai estão povoadas de cavaleiros ambiciosos. Se um deles não consegue encontrar uma situação, digamos, no ministério da polícia de Lu, continuará o seu caminho até Wei, onde os seus serviços podem ser mais estimados pela administração do que o eram na sua terra. Sendo a perversidade humana o que é, as possibilidades de emprego para um cavaleiro são geralmente melhores quanto mais longe ele estiver da sua terra natal.
Por consequência, num dado momento, são aos milhares os que estão em movimento. Como tendem a manter uma estreita comunicação entre si, formaram uma espécie de reino do meio deles. Onde havia um Filho do Céu, há hoje dez mil cavaleiros que governam o Catai, e apesar de os Estados estarem constantemente em guerra uns com os outros, os cavaleiros conseguem muitas vezes mitigar a selvajaria dos seus amos - excepto em Ch'in onde pouca ou nenhuma influência têm em Huan e nos seus colegas déspotas.
Finalmente, um novo elemento foi introduzido no sistema de classes. Actualmente há uma categoria - não se pode dizer classe - de homens

conhecidos como cavalheiros. Qualquer pessoa pode tornar-se um cavalheiro se observar a via do Céu, uma coisa complicada, de que falarei quando chegar ao Mestre K'ung ou Confúcio, como também é conhecido. A ele é atribuída a invenção da noção de cavalheiro, um conceito que muito atrai os cavaleiros e mais ninguém.
Enquanto Huan aceitava petições e ouvia as queixas do povo, eu e o duque de Sheh tramávamos a minha fuga. - Tens de rapar a barba -. O duque fingia admirar um biombo de penas. - Vamos arranjar-te roupas de mulher. Viajarás como uma das minhas concubinas.
411
- Uma concubina branca!
- É precisamente o tipo de concubina que agradaria ao duque de Sheh, como toda a gente sabe -. O duque parecia divertido. - Mas não nos arriscaremos. É melhor escureceres o rosto. Vou mandar-te uma fita tinta que eu próprio uso. E, é claro, irás de véu.
- A tua comitiva será revistada? -. Eu sabia da severa vigilância policial mantida não só nas portas da cidade de Yang mas em diversas barreiras por todo o Ch'in. Havia sempre quem tentasse fugir do governo completamente racional de Huan.
- Não se atreveriam! Sou um soberano amigo. Mas se o fizerem... -. O duque fez o gesto universal do suborno.
De repente Huan estava ao nosso lado. Tinha o dom da ubiquidade silenciosa. Pensei muitas vezes se ele não seria a sombra terrestre de uma nuvem fugidia.
- Senhor Duque... nobre embaixador! Vejo que admirais o meu biombo de penas.
- Sim - disse o duque de Sheh muito suavemente - e estava precisamente a explicar ao teu hóspede o seu significado -. Olhei para o biombo e pela primeira vez vi-o realmente. Oito pássaros negros contra um céu tempestuoso.
- O Senhor Duque deve saber o seu significado -. Huan voltou-se para mim. - Não há nada que o nosso senhor de Sheh não saiba sobre a nossa família ducal, que é também a sua família.
- É verdade. O bisavô do falecido todo misericordioso era meu tio-avô. Chamava-se P'ing. Um dia recebeu do Norte um grupo de músicos. Eles disseram-lhe que conheciam toda a música que tinha sido tocada na corte do imperador Wu. O duque P'ing mostrou-se céptico. Quem não se mostraria céptico? Toda a gente sabe que a maior parte da música sagrada da primitiva corte dos Chou ou está irremediavelmente corrompida ou foi esquecida. E disse-lhes isto mesmo. Mas o mestre de música (que não era cego, um pormenor suspeito, pois todo o mestre de música que se preze deve ser cego) disse: "Nós provaremos que somos capazes de aproximar o Céu da Terra."
- E então começaram a tocar. A música era estranha e do outro mundo. Do outro

mundo mas não celestial. Vindos do sul apareceram oito pássaros negros que se puseram a dançar no terraço do palácio. Então um vento fortíssimo varreu a cidade. Do telhado do palácio voaram as telhas. Os vasos rituais quebraram-se. O duque P'ing caiu doente e durante três anos não cresceu nada em Ch'in, nem sequer um caule de erva.
Huan sorriu-se para mim. - O Senhor Duque conhece muito bem este conto triste e cautelar. Eu levo-o muito a sério, sabes? De

facto, é por essa razão que tenho sempre este biombo perto de mim para nunca me deixar tentar a tocar a música que não devo. Nós não queremos nunca mais voltar a ver oito pássaros negros mergulharem sobre nós vindos do sul.
Nessa mesma noite o intendente do duque subornou um criado de Huan para vir ter comigo à minha cela, à meia-noite. Trouxe-me uma navalha de barba, tinta para a cara, roupa de mulher. Rapidamente transformei-me numa dama cataia invulgarmente alta. Depois segui o criado através do palácio mal iluminado com medo das tábuas do soalho que pudessem ranger quando passámos por um par de guardas adormecidos - isto é, drogados - até uma porta lateral que dava para um jardim murado. Ali esperava-me o intendente do duque de Sheh. Felizmente não havia luar nem estrelas, devido às nuvens, cheias de chuva.
Semelhantes a espíritos dos mortos corremos através de ruas estreitas e tortuosas; escondemo-nos em vãos de portas sempre que um pelotão de guardas nocturnos se aproximava com as suas lanternas de bronze a lançar raios de luz à frente deles como ferozes lanças. Como nenhum cidadão podia sair de casa do pôr ao nascer do Sol, Yang parecia uma cidade dos mortos. O intendente tinha uma autorização para andar na rua, mas eu não. Não sei que desculpa teria ele preparado, caso fôssemos detidos. Felizmente, com um som como de mil trombetas, rebentou uma tempestade por cima da cidade.
No meio de um dilúvio, abrimos caminho para as portas da cidade onde os carros do duque de Sheh estavam prontos a partir. O intendente levantou as tábuas do chão de um carro e fez-me sinal para me esconder num espaço ligeiramente mais pequeno do que eu. Logo que consegui enfiar-me lá dentro, as tábuas foram novamente pregadas. Embora a tempestade ribombasse tanto que não consegui ouvir a ordem de partida do comboio do duque, senti o carro sacolejar debaixo de mim quando o cocheiro fez andar as mulas e nós passámos o portão.
Tal como já esperava, a polícia ch'inesa alcançou-nos dois dias depois, quando estávamos no Passo de Hanku. As carroças foram meticulosamente revistadas e o meu esconderijo descoberto. Mas eu já não estava lá. O duque tinha tido a precaução de postar batedores ao longo da estrada desde a cidade. Ele sabia que

quando dessem pela minha falta, Huan iria suspeitar de ele ter preparado a minha fuga. Os batedores transmitiram sinais de uns para os outros erguendo no ar escudos de bronze muito polidos que reflectiam a luz do Sol de posto para posto. Logo que soubemos que a polícia estava quase em cima de nós, refugiei-me numa árvore enquanto os carros prosseguiam o seu

caminho. Quando a polícia chegou, o duque foi brilhante. Avisou-os de que era primo do novo duque deles bem como descendente directo do imperador Amarelo, do imperador Wen e de todos os imperadores. Não obstante, autorizaria que eles revistassem os carros; e esperava que o sacrílego comportamento dos polícias não fosse indevidamente punido pelos seus - dele - antepassados no Céu.

A polícia revistou os carros; interrogou todos os servidores do duque, homens e mulheres, até ao último; ficou claramente estupefacta por não me encontrar. Num Estado totalmente regulado como Ch'in, ninguém desaparece sem a cumplicidade oficial. Finalmente deram autorização ao comboio para prosseguir a marcha. para meu horror a polícia acompanhou as carroças durante os cinco dias seguintes e só deixou o duque quando o comboio chegou ao monumento de pedra que marca a fronteira entre Ch'in e Chou.

Eu fui obrigado a manter-me não só fora da vista da polícia como fora do alcance das matilhas de lobos que me perseguiam, curiosos, de olhos como brasas verdes amareladas na noite. Dormia em cima das árvores, trazia sempre um varapau e maldizia o facto de as minhas roupas de mulher não incluírem armas. Vi um urso preto; vi um urso castanho. Se qualquer deles me viu, não mostrou interesse em mim. Embora se soubesse que havia ladrões naquela floresta sombria, não vi vivalma. Se não ouvisse de tempos a tempos o comboio do duque, teria estado completamente fora do mundo dos homens.

Sempre que encontrava um poço ou uma corrente bebia água como os animais, a quatro. Comia bagas, raízes, frutos esquisitos. Estive doente várias vezes. Uma vez julguei que vi um dragão a luzir na semiescuridão da floresta. Mas o dragão não passava de um pico bizarro de jade verde e branco, a mais bela de todas as pedras.

Parei num souto de árvores penujentas, na confluência dos rios Wei e Tai e fiquei a ver a polícia saudar o duque de Sheh, fazer meia-volta e regressar à floresta. Na margem oposta do Tai viam-se os campos cultivados de Chou. Sair de Ch'in e entrar em Chou foi como passar da noite para o dia.

Na margem do rio, do lado de Chou, o duque foi recebido com deferência pelo comandante da fronteira que examinou o seu passaporte superficialmente e gracilmente o mandou seguir com um gesto da mão na direcção de Loyang, a

capital do Reino do Meio. A minha entrada em Chou foi menos formal. Boiei através do rio Tai por baixo de uma jangada grosseira de ramos de salgueiro. O duque ficou espantado por me ver. - Que alegria! -. Bateu as palmas. - Agora vou conseguir o dinheiro do resgate de Magadha. Oh, como estou encantado! E também surpreso. Tinha a

certeza de que se os lobos não dessem cabo de ti, os lobisomens fá-lo-iam -. Esta foi a primeira vez (em solo Chou, escusado será dizê-lo) que ouvi como os Cataios civilizados chamam aos bárbaros Ch'ineses. O duque deu-me de comer das suas provisões pessoais e presenteou-me com uma das suas próprias túnicas de larga saia de bonita malha larga, bem como com um casacão quase novo de lã preta de carneiro. Como todos os emblemas ducais tinham sido retirados, eu parecia um cavaleiro... sem tirar nem pôr. Contudo sentia-me muito desconfortável. Pela primeira vez desde rapaz, não tinha barba. Parecia exactamente um eunuco. Felizmente muitos homens cataios não deixam crescer a barba, de modo que ao menos não atraía as atenções.

2

Pela primeira vez desde que chegara à índia começava a sentir prazer. Embora ainda fosse cativo, ou talvez mesmo escravo, o duque era um companheiro delicioso, desejoso de me mostrar o verdadeiro Catai. - Não deves formar a tua opinião do Reino do Meio a partir do que viste em Ch'in, que quase nem faz parte do reino, apesar da descendência um tanto irregular dos seus duques do imperador Wu. Mesmo assim, esses provincianos grosseiros desejam a hegemonia! Mas o Céu é bondoso e o mandato não foi concedido a ninguém. Quando o for, tenho a certeza de que será outorgado ao meu amado primo, o duque de Chou. Vais achá-lo muitíssimo interessante. Mas imperfeito. Age como se já fosse o Filho do Céu, o que é o cúmulo da presunção. Evidentemente, todos os duques de Chou sofreram da mesma ilusão decorrente do facto de o último decreto do Céu ter na verdade sido outorgado ao seu antepassado. Mas isso foi há trezentos anos e o mandato perdeu-se quando uma liga sacrílega de bárbaros e nobres o matou. O filho do imperador fugiu para aqui, para Chou, e proclamou-se imperador. Mas, é claro, faltava-lhe a hegemonia. De modo que era realmente apenas o duque de Chou, razão pela qual, até hoje, não temos tido senão um Filho do Céu sombra em Loyang, a capital-sombra de um muito real Reino do Meio. O duque de Chou é quase imperador. Mas não chega não é? Principalmente quando Chou é um dos ducados mais fracos e à mercê de ser conquistado mais cedo ou mais tarde por um vizinho qualquer... provavelmente

os lobisomens. Entretanto, todos nós olhamos para Loyang com lágrimas nos olhos e esperança no estômago.
415
O duque falou-me depois da sua bisavó, que também tinha sido a bisavó do actual duque de Chou. Mulher de orgulho incomensurável, referia-se sempre a ela própria como o rapazinho. Um dia houve um incêndio na ala do palácio onde ela vivia e todas as damas fugiram menos o rapazinho, que se deixou ficar sentado no seu salão de recepção, a deitar serenamente sortes com pauzinhos. Quando uma criada implorou à duquesa que saísse do palácio em chamas, a velha senhora disse: - O rapazinho não pode sair do palácio a não ser escoltado pelo Filho do Céu ou por um familiar acima de marquês e, evidentemente, o rapazinho nunca deve ser visto fora do palácio sem uma dama de companhia mais velha do que ele. - E continuou com a sua leitura da sorte, um passatempo popular no Catai.
A criada correu a buscar alguém de condição suficientemente elevada para salvar a duquesa. Mas não havia ninguém no palácio de condição superior à de conde; e não havia nenhuma dama de companhia mais velha do que a duquesa. De modo que, com as caras protegidas por panos molhados, o conde e a criada entraram no palácio em chamas, onde encontraram a velha senhora ainda sentada na sua esteira de seda a lançar os pauzinhos.
- Por favor, aquela pessoa do Filho do Céu - disse o conde, que também era sobrinho dela - vem comigo.
A duquesa ficou muito furiosa. -Isto é inaudito. Não posso sair dos meus aposentos a não ser acompanhada por uma mulher mais velha e por um homem da minha família de nobreza não inferior à de marquês. Fazer de outra maneira seria falta de decoro -. E morreu queimada por uma questão de decoro, uma qualidade de importância fundamental para os Cataios.
A morte desta dama era causa de uma infindável discussão no Catai. Uns vêem a sua figura como devendo ser admirada e emulada. Outros acham que ela é ridícula. - Afinal - disse Fan Ch'ih - ela nem era donzela nem uma mulher nova casada. Era uma dama muito velha que não precisava de se preocupar com quem a acompanhasse. Não era modesta. De facto, ela era frívola como todos os outros membros da casa de Chou. E a vaidade nunca foi decorosa aos olhos do Céu.
Ao aproximarmo-nos dos arrabaldes de Loyang, o movimento de pessoas aumentou. Homens e mulheres de todas as condições dirigiam-se para a capital. Os ricos iam de carro ou eram transportados em liteiras. Os camponeses pobres levavam os seus produtos às costas. Os mercadores e os camponeses ricos presidiam de cima de carroças puxadas por bois. A gente do povo andava bem vestida e sorridente, ao contrário dos lúgubres Ch'ineses, cujas feições,

diga-se, são bastante diferentes das dos Cataios orientais. Os habitantes de Ch'in tendem a ser da cor do bronze e de narizes achatados. Os de Chou e dos Estados interiores são mais claros do que os Chineses e de traços mais delicados. Mas todos os indígenas do Catai têm cabelo preto, olhos pretos, cara redonda e o corpo quase desprovido de pelos. Muito curiosamente, tal como os Babilónios, são conhecidos por povo do cabelo preto pela classe guerreira de Chou, que conquistou o Reino do Meio mais ou menos na mesma época em que os Arianos invadiram a Pérsia, a índia e a Grécia. Donde eram os Chous? Os Cataios apontam para o Norte. Seria interessante se tivéssemos um antepassado comum.
Entrámos em Loyang por uma alta porta de pedra, aberta numa grosseira muralha de tijolo. Senti-me imediatamente em casa. As multidões são como as que se vêem em Susa ou Shravasti. As pessoas riem, gritam, cantam, pigarreiam e cospem; compram, vendem, jogam e comem numa variedade de barracas montadas em todas as ruas.
Perto do mercado central, o duque comprou uma carpa cozida a um homem de uma tenda. - A melhor carpa do Catai -, disse o duque, tirando um bocado e dando-mo.
- Nunca provei de um peixe tão bom -, disse eu, com uma relativa boa dose de honestidade.
O duque sorriu para o vendedor de peixe. - Eu venho sempre ter contigo logo que chego a Loyang. Não é? -. As maneiras do duque eram elegantes apesar da boca cheia.
O homem curvou-se muito, desejou uma longa vida ao duque; recebeu uma moeda. Em seguida o duque comprou uma folha grande que tinha sido dobrada em funil e que continha abelhas fritas no seu próprio mel. Elogiou muito este pitéu mas eu achei-o esquisito. Desde a minha estadia na Lídia que perdera o gosto pelo mel. O duque de Sheh alugava sempre quartos numa casa grande em frente ao palácio ducal. - Esta casa pertenceu a um indivíduo relacionado com a minha família -, disse, um tanto vagamente. No fundo, ele era aparentado com toda a gente. - Mas depois foi vendida a um mercador que aluga quartos por um preço muito alto, menos a mim. A mim faz-me um preço especial porque sou membro da família imperial.
Embora o duque não me tratasse como cativo, eu sabia que era precisamente isso o que eu era. Quando viajávamos ele mantinha-me ou no seu quarto ou num quarto com o seu intendente. Eu nunca ficava longe da sua vista ou da de alguém da sua comitiva.
Depois de Ch'in, achei Loyang um lugar tão encantador que precisei de algum tempo para me aperceber de que tanto a cidade como

a nação estavam à beira do colapso económico. Os Estados vizinhos tinham-se apoderado da maior parte de Chou. Só a figura ambivalente divina do duque impedia os governantes de Cheng ou Wei de ocupar a própria Loyang. Assim, todos mantinham, em maior ou menor grau, a ficção de que o duque era o Filho do Céu... ao mesmo tempo que lhe roubavam as terras e troçavam, pelas costas, das suas pretenções.

Loyang tinha aquele ar um tanto espantado de uma grande capital que só recentemente perdera o império que a sustinha. Babilónia tem o mesmo ar levemente decadente e desiludido. No entanto Loyang era cheia de música, jogo, acrobatas; e, evidentemente, de cerimónia. Assistimos às cerimónias do Ano Novo, que são celebradas no templo ancestral dos duques de Chou. O edifício deve ter sido de uma beleza invulgar quando foi construído pouco depois da chegada do filho do último imperador, três séculos antes.

O templo tem um tecto alto de águas muito inclinadas, de telhas magnificamente vidradas num padrão ondulado de verde e ouro alternados. As colunas de madeira estão decoradas com o padrão intrincado da flor-d'água que só o Filho do Céu pode usar. As fundações do templo são de pedra, enquanto as paredes são de uma madeira escura e cobertas com armas tanto antigas como modernas. Em teoria, todo o arsenal da nação é guardado no templo ancestral do governante. Na prática, apenas as armas das oferendas são guardadas nesses templos. Quando era simplesmente um chefe de clã, o chefe garantia a sua primazia pela posse directa de todas as armas. Mas isso foi há muito tempo, quando a comunidade não era mais do que uma família que obedecia ao pai, que era não só um filho do seu próprio pai-chefe do clã mas também do Céu.

Numa das pontas do vasto interior há uma estátua de terracota muito curiosa de um homem, de tamanho algo maior que o natural. Está vestida como um guerreiro da dinastia anterior aos Chou; a sua boca está coberta por um selo triplo. Na base da estátua há uma inscrição que diz: "Quanto menos se diz, mais cedo se emenda." Por que razão devia uma estátua servir de aviso no salão ancestral dos Chou é totalmente obscuro; a não ser, claro, que a mensagem seja perfeitamente clara e signifique o que significa.

O actual Filho do Céu era um homenzinho todo agitado de quarenta anos, com uma comprida barba em bico. Vestia um trajo cerimonial complicado com um dragão bordado a ouro nas costas. Numa mão transportava um grande disco de jade verde preso a um cabo de marfim, o símbolo exterior do instável mandato do Céu. O duque de Chou estava em pé, sozinho, no lado norte da sala,

com o altar atrás de si. Entre ele e a corte estavam os marechais da esquerda e da

direita; são os grandes oficiais do reino. Em seguida vinham os sacerdotes hereditários; depois os diversos mestres de música e de cerimónias, os cortesãos e os hóspedes de Chou. Devido à alta condição do duque de Sheh - uma condição nobre tão especiosa como a do dito Filho do Céu - pudemos observar de perto uma cerimónia interminável que, segundo os comentários resmungados do meu amo: "É uma farsa completa do princípio ao fim. Mais do que escandalosa!"
O duque sentiu-se especialmente ultrajado quando a música da sucessão foi tocada. - Isto só pode ser tocado na presença daquele que detém o mandato e a hegemonia. Oh, é um sacrilégio completo!
A música da sucessão foi composta há mais de mil anos. Enquanto é tocada, dançarinas trajadas da maneira mais extraordinária representam a entronização pacífica de um imperador lendário chamado Shun. Correctamente tocada e mimada, a música une numa harmonia perfeita a Terra e o Céu.
Demócrito quer saber como é que uma música pode ser lembrada durante mil anos. O mesmo querem muitos Cataios que defendem que a música original foi ou adulterada ou totalmente esquecida ao longo dos séculos e a que hoje se ouve em Loyang é uma imitação grotesca da original, e porque é uma imitação, o mandato do Céu foi retirado. Eu não sei. O que posso dizer é apenas que o efeito é bizarro para o ouvido - e os olhos - ocidentais.
Quando a música e a mímica acabaram, o duque de Chou pediu ao imperador Amarelo a bênção do Céu para o Reino do Meio. Depois o Filho do Céu reempossou todos os senhores do Catai. Esta parte da cerimónia foi tão impressionante como desprovida de sentido.
Solenemente o duque de Chou fez sinal aos senhores do Reino do Meio para que se aproximassem dele. Quinze homens esplendidamente trajados aproximaram-se. Devo mencionar aqui que sempre que uma pessoa de condição inferior se apresenta a uma pessoa de condição superior, baixa a cabeça, ergue os ombros, inclina o corpo, dobra as pernas de modo a parecer tão pequena quanto possível na presença desse grande.
A poucos passos do duque as quinze figuras resplandecentes pararam. Então os marechais da direita e da esquerda ofereceram ao duque quinze placas de bronze cobertas com a bela e para mim sempre absolutamente incompreensível escrita cataia.
O duque pegou na primeira placa; em seguida voltou-se para um ancião de trajo prateado: - Aproxima-te, amado primo.

O velho arrastou-se como um caranguejo até ao duque. - é da vontade do Céu que tu continues a servir-nos como nosso escravo leal. Toma isto - o duque

deixou cair a placa nas mãos do velho - como penhor da vontade do Céu em que continues a servir-nos a ambos, a nós e ao Céu, como duque de Wei.
Fiquei muito impressionado. Dentro do salão poeirento, cujas traves escuras estavam meio carcomidas pelas térmites, tinham-se reunido todos os duques do Catai para que o Filho do Céu lhes renovasse a sua autoridade. Há onze duques dos Estados do interior e quatro dos chamados reinos exteriores. Enquanto cada duque recebia o emblema da autoridade e da recondução ouvia-se música, os sacerdotes cantavam; e o duque de Sheh ria-se baixinho. Não me atrevi a perguntar-lhe porquê. Ao princípio julguei que ele estivesse simplesmente furioso por o Sheh que existisse não ser dele. Mas quando o duque de Ch'in recebeu com gratidão servil o sinal da soberania, fiquei surpreso por ver que não era o mesmo homem que eu tinha visto uivar como um lobo no monte do imperador Wu.
- Não é o duque -, segredei.
- Está visto que não -. O meu excêntrico amo riu-se com a
boca fechada.
- Mas então quem é?
- Um actor. Todos os anos os quinze duques são representados por actores. Todos os anos o Filho do Céu finge renovar a autoridade dos verdadeiros duques. Oh, é completamente escandaloso. Mas que há-de fazer o meu pobre amigo? Os verdadeiros duques não viriam a Loyang.
- Pensava que tinhas dito que todos o aceitam como Filho
do Céu.
- E aceitam.
- Então por que razão não lhes prestam homenagem?
- Porque ele não é o Filho do Céu.
- Não compreendo.
- Nem ele. A sério. Contudo é simples. Enquanto eles fingirem que ele é o Filho do Céu, nenhum deles pode reclamar o mandato. É por isso que esta representação é tão necessária. Como cada duque sonha apoderar-se um dia do mandato, todos os duques estão de acordo em como o melhor por agora é fazer de conta que o duque de Chou é realmente o que ele diz ser. Mas mais cedo ou mais tarde um dos duques obterá a hegemonia e quando isso acontecer, Loyang desaparecerá como um sonho e o rio Amarelo ficará vermelho de sangue.
À medida que os duques-actores se retiravam o Filho do Céu

proclamou: - Aqui no Norte está o solitário. O mandato do Céu está aqui. - Ouviu-se então um barulho assustador feito pelos músicos e cem homens com toucados fantásticos de penas e caudas de animais iniciaram uma série de danças

que foram tão extraordinárias como tudo quanto vi em Babilónia, onde se vê tudo. No meio de um turbilhão de cores austeras e sons estranhos o Filho do Céu retirou-se.
- Estão a tocar a música dos quatro pontos cardeais -, disse o duque. - Os puristas não gostam. Mas os puristas nunca gostam de nenhuma inovação. Pessoalmente, prefiro a música nova à antiga. O que é uma heresia em certos meios, mas vivemos tempos heréticos. A prova? Não existe nenhum duque de Sheh.
Não me lembro de quanto tempo ficámos em Loyang. Do que me lembro é que foi a primeira vez desde que fora feito cativo que me senti quase livre. Estive em numerosos jantares com o duque, que gostava de me exibir. Não que eu fosse um grande sucesso. Os Cataios em geral e os cortesãos de Loyang em particular interessam-se pouco pelo Mundo além do que chamam os quatro mares. Pior, eu tinha um aspecto esquisito e falava a língua deles com uma pronúncia desagradável, dois defeitos notórios demais para não granjear popularidade. Para minha surpresa e desapontamento do duque, quase ninguém se interessava pelo mundo ocidental. O que não faz parte do Reino do Meio não existe. Aos olhos dos Cataios nós somos os bárbaros e eles os civilizados. Descobri que se viajarmos para muito longe, a esquerda passa a ser direita, o cima o baixo, o norte o sul.
No entanto achei a miséria geral da corte de Loyang notavelmente atraente. Os cortesãos só queriam que os distraíssem. Jogavam jogos de palavras que eu era incapaz de seguir. Falavam mal uns dos outros com perfídia. Jantavam em pratos esbotenados, bebiam por taças igualmente esbotenadas, usavam com elegância trajos no fio.
Deambulando por Loyang tinha-se a impressão de que uma vez há muito tempo a cidade tinha sido uma capital impressionante, ainda que um tanto primitiva. Ficava-se também com a sensação de que os seus dias tinham passado irremediavelmente. Tal como fantasmas, os cortesãos do Filho do Céu realizavam as suas cerimónias ineptamente segundo o duque de Sheh; e tal como fantasmas tornados de carne cheia de desejos divertiam-se como se suspeitassem que os seus dias estavam contados e que a corte que serviam não era senão uma sombra pálida de um mundo para sempre perdido.
Visitámos o Salão da Luz, um edifício antigo dedicado ao Senhor

da Sabedoria... quero dizer, ao Céu. É curioso como acho os dois conceitos intermutáveis; no entanto, sempre que falava do Senhor da Sabedoria com os sacerdotes cataios eles ficavam pouco à vontade; mudavam de assunto, falavam do imperador Amarelo, dos descendentes reais, do mandato... daquele mandato eterno! Eles não são capazes ou não querem lidar com a ideia de que há um

primeiro princípio-guia do Universo. Não concebem uma guerra entre a Verdade e a Mentira. Ou antes, preocupam-se em manter um equilíbrio harmonioso entre a nebulosa vontade do Céu e as tempestuosas loucuras da Terra. Acreditam que a melhor forma de realizar esse equilíbrio é observar atentamente aquelas cerimónias complicadas que propiciam os antepassados.
O duque ficou chocado ao ver o Salão da Luz cheio de músicos, malabaristas, vendedores de comida. O efeito era muito alegre mas nada religioso.
- Não sei como é que ele permite isto!
- Que devia estar a acontecer aqui? -. Eu observava com fascínio um grupo de anões que faziam acrobacias complicadas, para deleite de uma multidão que lançava moedas pequenas aos pequenos artistas.
- Nada. Isto devia ser um refúgio onde se pudesse contemplar a ideia de luz. E é claro fazem-se aqui cerimónias religiosas. Suponho que o duque recebe uma renda dos vendedores. Mesmo assim é chocante, não achas?
A resposta ao duque não fui eu que a dei mas uma voz melodiosa atrás de nós. - Muitíssimo chocante, Senhor Duque! Muitíssimo desolador! Mas esta é a condição humana, não é?
O dono desta voz sedutora era um homem de barba grisalha e olhos abertos de forma invulgar para um Cataio; uns olhos brilhantes de bom humor... ou tristeza. Estas duas coisas são muitas vezes a mesma coisa, como este homem notável gostava de demonstrar.
- Li Tzu! -. O duque cumprimentou o sábio com um refinado equilíbrio de respeito e condescendência. Se o não disse antes, tzu é a palavra cataia que quer dizer mestre ou sábio. De agora em diante referir-me-ei a Li Tzu como Mestre Li.
- Este - disse o duque para o Mestre Li - é genro do rei da rica Magadha -. O duque raramente se esquecia do meu parentesco real, que um dia esperava ele o faria rico. - Veio cá para o civilizarmos. E agora - (o duque voltou-se para mim) - acabas de conhecer o homem mais sábio de todo o Reino do Meio, o conservador dos arquivos da casa dos Chou, o mestre de todas as três mil artes... -. O duque foi pródigo no seu elogio do Mestre Li. Como

tantos nobres arruinados, sentia-se obrigado a esconder debaixo de elogios efusivos e das maneiras elaboradas toda a panóplia e condição exteriores que não podia permitir-se.
O Mestre Li mostrou mais do que um interesse polido na minha condição de estrangeiro; além disso foi o primeiro Cataio a perceber num relance que eu não podia ser um nativo de Magadha. Embora nunca tivesse ouvido falar da Pérsia, sabia que havia uma terra de homens de olhos azuis do outro lado do rio Indo; e

como queria saber o que nós sabíamos, convidou-nos para jantar com ele à beira dos terrenos do sacrifício à Terra. - O solitário teve o prazer de me permitir o uso do pavilhão velho. Comeremos frugalmente e falaremos do Tao -. A palavra tao quer dizer a via, o caminho. Tem também muitos outros significados subtis como eu iria descobrir.
Abrimos o nosso próprio caminho mundano através de um grupo de dançarinas seminuas. Tanto quanto me apercebi, elas nunca chegavam a dançar; melhor, estavam por ali no Salão da Luz à espera de alguém que lhes comprasse os favores. O duque estava horrorizado com esta blasfémia. - Nunca pensei que um Filho do Céu, por mais... -. Sensatamente, não acabou a frase.
Serenamente o Mestre Li acabou-a: -... compassivo que seja! Sim, o órfão é profundamente compassivo. Só deseja fazer o povo feliz. Não corre atrás do impossível. É adepto do wu-wei-. Em cataio, wu-wei quer dizer não fazer nada; e para o Mestre Li a arte de não fazer nada é o segredo não só do poder como também da felicidade humana. O Mestre Li queria dizer realmente não fazer nada? Não, Demócrito. O Mestre Li queria dizer uma coisa ainda mais bizarra do que isso. Daqui a pouco tentarei interpretá-lo.
Caminhámos pelas vielas movimentadas de Loyang. Não sei por que razão me sentia completamente bem. Suponho que fosse porque estive tanto tempo no deserto, na floresta, na selvagem Ch'in. O povo de Chou deve ser o mais alegre do Mundo e se acham triste a sua própria descida do Mundo, disfarçam-na maravilhosamente. Aliás, como tantos povos atarefados, praticam o wu-wei sem o saber. Sim, Demócrito, isto é um paradoxo, que em breve examinaremos.
O terreno do sacrifício à Terra fica num parque a norte da cidade, não longe daquele monte cónico que se encontra no limite de todas as cidades cataias. Este monte é conhecido por sheh, ou outeiro sagrado e simboliza o Estado; fica sempre perto de um bosque de árvores que não só são características da região como sagradas. Em Chou o castanheiro é a árvore sagrada.
No terceiro mês de cada ano, o chamado auto do terraço da

Primavera é realizado nestes terrenos. Na realidade não é um auto teatral mas uma série de representações, danças e cerimónias alternadas. Se o auto do terraço da Primavera não for um êxito - isto é, preciso no seu ritual - a colheita será pobre ou nula. O terraço é uma plataforma de terra onde os fiéis se podem sentar e observar as cerimónias. Nesta única ocasião do ano os homens e as mulheres podem misturar-se livremente. Como o auto do terraço da Primavera é o ponto alto do ano para todos os Cataios, diversos magnates conseguem o favor do Céu - e do povo - financiando as festividades, muito à semelhança do que os seus pares fazem hoje em dia nas cidades gregas. Originariamente estes ritos da

fertilidade eram bastante semelhantes aos que ainda se celebram em Babilónia, onde tanto os homens como as mulheres se prostituem para assegurar uma boa colheita. Mas com os anos o auto do terraço da Primavera tornou-se muito decoroso - e inexacto, tanto segundo o duque como o Mestre Li. Eu não sei. Por uma razão qualquer nunca assisti a esta cerimónia durante os anos que passei no Reino do Meio mas se tivesse assistido, não saberia se o auto foi bem ou mal representado.
Ao passarmos pelo monte de terra o duque de Sheh ficou aliviado por nem sequer uma erva crescer na sua superfície. - Se o chão sagrado não for mantido perfeitamente limpo... -. O duque fez um gesto para afastar o mal. Seguidamente curvou-se perante o altar da terra, que é quadrado porque os Cataios acreditam que a Terra é quadrada, tal como pensam que o Céu é redondo; ao sul de cada cidade há um altar redondo ao Céu.
O Mestre Li conduziu-nos através de uma ponte estreita de pedra para um pavilhão encantador, sobre um rochedo calcário e com um regato de águas rápidas e brancas de espuma a toda a volta. Devo dizer que nunca vi nada tão estranho ou bonito como os campos do Catai; pelo menos naquela região entre os dois grandes rios. As montanhas têm todas as formas fantásticas imagináveis, enquanto as árvores são muito diferentes de tudo quanto há no Ocidente. Aliás, para onde quer que se vá, há quedas de água inesperadas, gargantas, panoramas cujas frescas funduras de um azul-verde são tão magicamente convidativas quanto perigosas, pois o Catai é uma terra infestada de dragões, fantasmas e bandidos. Conquanto nunca tivesse visto um fantasma ou um dragão, vi muitos bandidos. A paisagem magnífica, aparentemente desabitada é perigosa para o viajante. Mas a verdade é que aonde quer que se vá nesta Terra, todas as coisas foram estragadas pelos homens.
O pavilhão era feito de tijolo amarelo com telhado de telha e

muito inclinado. Crescia musgo em todas as frestas e pendiam morcegos de todas as suas traves cheias de teias de aranha. O criado velho que nos preparou a refeição tratava o Mestre Li como um igual; e ignorava-nos. Nós não nos importámos. Cheios de apetite, devorámos o peixe fresco embalados pelo som repousante da água corrente que cantava nas rochas.
Ajoelhados em esteiras rústicas, o Mestre Li discutia o significado - ou um significado - do Tao. - Literalmente - disse ele - o Tao quer dizer uma estrada ou um caminho. Como uma estrada principal ou maior. Ou uma estrada secundária ou menor -. Reparei que as mãos do Mestre Li pareciam como que de frágil alabastro e então vi até que ponto ele era mais velho do que eu pensara ao princípio. Depois soube que ele tinha mais de cem anos.

- Onde começa a via... isto é, o teu caminho? - perguntei.
- O meu caminho devia começar comigo. Mas eu não tenho um caminho. Faço parte da Via.
- Que é o quê?
O duque de Sheh pôs-se a cantarolar de satisfação e palitava os dentes. Ele gostava deste género de conversas.
- E o que é. A unidade primordial de toda a criação. O primeiro passo que um homem pode dar ao longo da Via é estar em harmonia com as leis do Universo, com o que nós chamamos o sempre-assim.
- Como se faz isso?
- Supõe que a Via é de água. A água desce sempre para o mais baixo e impregna todas as coisas -. Tinha a sensação incómoda de que estava outra vez na planície gangética, onde as coisas complexas são expressas de modo tão simples que se tornam tremendamente misteriosas.
Para meu espanto, o Mestre Li leu o meu pensamento. - Meu caro bárbaro, pensas que estou a ser deliberadamente obscuro. Mas não posso fazer doutra maneira. No fundo, a doutrina da Via é conhecida como a doutrina sem palavras. Logo, tudo quanto eu Possa dizer é irrelevante. Tu podes saber tanto como eu sobre o que a Via é como eu posso sentir a dor no teu joelho esquerdo, que estás sempre a mudar de posição na esteira porque ainda não te habituaste à nossa maneira de nos sentarmos.
- Mas tu percebes o meu desconforto sem na realidade o sentires. Por isso talvez eu possa perceber a Via sem a seguir.
Muito bem -, disse o duque e arrotou para mostrar a sua satisfação não só com a refeição mas também connosco. Os Cataios

consideram o arroto como a manifestação mais sincera do estômago-mente.
- Então considera a Via como uma condição em que não há opostos nem diferenças. Nada é quente. Nada é frio. Nada é comprido. Nada é curto. Estes conceitos não têm significado por si excepto em relação a outras coisas. Para a Via, são uma só coisa.
- Mas para nós são muitas.
- É o que parecem. Sim, não há diferenças reais entre as coisas. Na essência, existe apenas o pó que nos faz, um pó que toma formas temporárias mas que contudo nunca deixa de ser pó. É importante saber isto. Tal como é importante saber que não é possível revoltarmo-nos contra o facto da natureza. A vida e a morte são a mesma coisa. Sem uma, não pode haver a outra. E sem a outra não pode haver a primeira. Mas, no fim, nenhuma delas existe a não ser na sua relação com a outra. Não há nada a não ser o sempre-assim.

Embora achasse esta concepção de uma unidade primeira aceitável, não podia fazer vista grossa das diferenças que o Mestre Li tão alegremente afogava no seu mar do sempre-assim. - Mas certamente - disse-lhe - um homem tem de ser julgado pelos seus actos. Há acções boas e acções más. A Verdade e a Mentira... -. Falei com o neto de Zoroastro. Quando acabei, o Mestre Li respondeu-me com uma parábola curiosa.
- Falas com sabedoria -. O velho baixou-me a cabeça cortesmente. - Naturalmente, na conduta relativa de uma dada vida há acções correctas e acções incorrectas e tenho a certeza de que estaríamos de acordo quanto ao que é próprio e ao que é impróprio. Mas a Via transcende essas coisas. Deixa-me dar-te um exemplo. Supõe que és um fazerdor de bronze...
- Na realidade ele é um fundidor de ferro, Mestre Li, uma arte útil que os bárbaros dominaram -. O duque olhava para mim como se ele próprio me tivesse inventado, a partir do pó unitário primordial.
O Mestre Li ignorou o aparte do duque. - És um fazedor de bronze. Queres fazer um sino e preparaste um cadinho para o metal derretido. Mas quando vertes o metal incandescente, o bronze recusa-se a fluir. Diz ele: - "Não, não quero ser um sino. Quero ser uma espada, como a espada de gume intacto de Wu." Como fazedor de bronze, ficavas muito aborrecido com este metal impertinente, não ficavas?
- Sim. Mas o metal não pode escolher o seu molde. O fundidor
é que tem essa escolha.
- Não -. Este não dito tão docemente foi tão arrepiante como

o cordel lançado ao ar de Gosala. - Tu não te podes revoltar contra a Via, assim como a tua mão não se pode revoltar contra o teu braço ou o metal contra o molde. Todas as coisas são elementos do Universo, que é o sempre-assim.
- Quais são as suas leis fundamentais? E quem foi o seu criador?
- O Universo é a unidade de todas as coisas, e aceitar a Via é aceitar o Universo como um facto. Vivo ou morto és para sempre uma parte do sempre-assim, cujas leis são simplesmente as leis do devir. Quando a vida chega, é a sua hora. Quando parte, isso também é natural. Aceitar com tranquilidade o que quer que aconteça é colocares-te para além da tristeza e da alegria. Dessa maneira seguirás a Via, realizando o wu-wei.
Fiquei novamente confuso por esta frase, que literalmente quer dizer não fazer nada.
- Mas como funcionará o Mundo se formos inteiramente passivos? Alguém deve fundir o bronze para podermos ter sinos, espadas.
- Quando dizemos não fazer nada, queremos dizer não faças nada que não seja

natural ou espontâneo. És archeiro?
- Sim. Fui treinado como guerreiro.
- Também eu. -O Mestre Li parecia tudo menos um guerreiro. - Reparaste como é tão fácil acertar no alvo quando estás a praticar calmamente sozinho?
- Sim.
- Mas quando estás num torneio, quando há um prémio em ouro, não achas que é mais difícil acertar no alvo do que quando estás sozinho e não em competição?
- Sim.
- Quando fazes demasiado esforço, ficas tenso. Quando estás tenso, não estás no teu melhor. Bom, evitar este tipo de tensão é o que nós queremos dizer com o wu-wei. Ou dizendo doutra maneira, deixa de te ver a ti naquilo que fazes. Sê natural. Já alguma vez retalhaste um animal para o comer?
- Sim.
- Achas difícil separar as partes do animal?
- Sim. Mas não sou nem carniceiro nem Mago... quero dizer sacerdote.
- Nem eu. Mas observei os carniceiros no seu trabalho. São sempre hábeis, sempre exactos. O que para nós é difícil de fazer para eles é simples. Porquê? Bom, uma vez perguntei ao carniceiro-chefe do solitário como era que ele conseguia desmanchar um boi no tempo que precisaria para limpar um peixe pequeno. - "Não sei

realmente", respondeu ele. "Os meus sentidos parecem imobilizar-se e o meu espírito... ou lá o que seja... faz tudo." É isto o que queremos dizer com o wu-wei. O não fazer nada que não seja natural, que não está em harmonia com os princípios da natureza. As quatro estações vão e vêm sem ansiedade porque seguem a Via. O sábio contempla esta ordem e começa a compreender a harmonia implícita no Universo.
- Concordo em que é sábio aceitar o mundo natural. Mas mesmo o mais sábio dos homens faz tudo quanto pode para apoiar o que é bom e contrariar o que é mau...
- Oh, meu caro bárbaro, essa ideia do fazer é que traz todos os problemas. Não faças! É o melhor que tens a fazer. Descansa na posição de não fazer nada. Lança-te no oceano da existência. Esquece o que pensas que é o bem e o mal. Como nenhum deles existe a não ser na relação com o outro, esquece a relação. Deixa as coisas tomarem conta delas próprias. Liberta o teu próprio espírito. Torna-te tão sereno como uma flor, como uma árvore. Porque todas as coisas verdadeiras regressam à sua raiz, sem saberem o que fazem. Essas coisas... aquela borboleta, aquela árvore... que não têm entendimento nunca deixam o estádio de simplicidade primordial. Mas se se tornassem conscientes, como nós,

perderiam a sua naturalidade. Perderiam a Maneira de Ser, a Via. Para um homem a perfeição só no ventre materno é que é possível. Aí ele é como o bloco em bruto antes de o escultor o modelar, que o destrói ao fazê-lo. Nesta vida, aquele que precisa dos outros está algemado para sempre. Aquele que é necessário aos outros estará sempre triste.
Mas eu não podia aceitar a passividade da doutrina da Via do Mestre Li assim como também não podia abarcar a apetência do nirvana do Buda.
Interroguei o Mestre Li sobre o mundo real... ou o mundo das coisas, dado que a palavra real é possível de inspirar ao sábio tauísta uma série de perguntas sem objecto sobre a natureza do real.
- O que tu dizes eu compreendo. Ou começo a compreender -, acrescentei apressadamente. - Posso não seguir a Via, mas tu permitiste-me entrevê-la. Sou teu devedor. Agora falemos de coisas práticas. Os Estados devem ser governados. Como se deve fazê-lo se o governante praticar o wu-weP.
- Existe esse tal perfeito governante? -. O Mestre Li suspirou.
- A ocupação no mundo das coisas tende a impedir a absorção na Via.
- Nós, os duques, apenas podemos vislumbrar a estrada que

vós, os sábios, tomais -. O duque de Sheh parecia muito satisfeito consigo próprio e um tanto ensonado. - Contudo saudamos a vossa jornada. Deploramos o nosso alto e absorvente lugar. Esperamos que vós nos digais como governar o povo.
- Idealmente, Senhor Duque, o príncipe-sábio que governa deve esvaziar a mente do povo enquanto lhe enche a barriga. Deve enfraquecer-lhe a vontade enquanto lhe fortalece os ossos. Se o povo não souber, também não terá desejo. Se não tem desejo, não fará nada que não seja natural os homens fazerem. Então a boa vontade será universal.
Como ciência do Estado, isto não difere muito dos preceitos do brutal Huan. - Mas - fui muito respeitoso - se um homem adquirisse saber e se então desejasse modificar a sua sorte... ou até mudar o próprio Estado... como responderia o príncipe-sábio a um homem assim?
- Oh, o príncipe deveria matá-lo -. O Mestre Li sorriu-se. Entre dois compridos incisivos havia apenas umas gengivas escuras. Ele de repente parecia um dos morcegos adormecidos por cima de nós.
- Então os que seguem a Via não sentem nada contra tirar-se a vida humana?
- Por que haviam de sentir? A morte é tão natural como a vida. Além disso, aquele que morre não está perdido. Não. Muito pelo contrário. Uma vez que parte, está para além de todo o sofrimento.
- O seu espírito nascerá outra vez?

- O pó juntar-se-á, de certeza. Mas isso não é, talvez, o que queres dizer com renascer.
- Quando os espíritos dos mortos vão para as Fontes Amarelas - perguntei - que é que acontece? -. No Catai quando alguém morre, a gente do povo diz que ele foi para as Fontes Amarelas. Mas se lhe perguntares onde e o que é esse lugar, as respostas são confusas. Pelo que pude perceber, a noção das Fontes Amarelas é muito antiga; parece ser uma espécie de limbo eterno, como o Hades dos Gregos. Não há dia do juízo. Os bons e os maus partilham o mesmo destino.
- A mim parece-me que as Fontes Amarelas são em todo o lado -. O Mestre Li bateu na mão direita com a esquerda. Um gesto mágico? - Se são em todo o lado, então não se pode ir para lá, pois já se está lá. Mas, é claro, o homem nasce, vive, morre. Embora seja uma parte do todo, o facto da sua breve existência inclina-o a resistir ao todo. Bom, nós seguimos a Via para não

resistirmos ao todo. Ora, é claro para todos ou quase todos - (baixou-me a cabeça) - que quando o corpo se decompõe, a mente - (deu uma palmadinha no estômago) - desaparece juntamente com o corpo. Aqueles que não fizeram a experiência da Via acham isto deplorável, aterrorizador mesmo. Nós não sentimos terror. Como nos identificamos com o processo cósmico, não resistimos ao sempre-assim. Tanto face à vida como à morte, o homem perfeito não faz nada, tal como o verdadeiro sábio não origina nada. Meramente contempla o Universo até se tornar no Universo. A isto chamamos a absorção misteriosa.
- Não fazer nada... -, comecei a dizer.
- ... é um trabalho espiritual imenso -, concluiu o Mestre Li. - O homem sábio não tem ambições. Logo, não tem fracassos. Aquele que nunca falha é sempre bem sucedido. E aquele que é sempre bem sucedido, é omnipotente.
- Não há resposta para isso, Mestre Li -. Já estava habituado ao argumento circular que é para os Atenienses o que a roda da doutrina é para os Budistas. Para minha surpresa, o duque desafiou o Mestre Li no assunto de como governar melhor. - Certamente - disse ele - aqueles que seguem a Via opuseram-se sempre à pena de morte com base em que nenhum homem tem o direito de pronunciar um juízo tão terrível sobre outro. Isto é o oposto do wu-wei.
- Muitos seguidores da Via concordam contigo, Senhor Duque. Pessoalmente acho que o assunto não tem importância. Afinal a natureza é cruel. As inundações afogam-nos. A fome mata-nos. A pestilência mata-nos. A natureza é indiferente. Devia o homem ser diferente da natureza? Claro que não. não obstante, simpatizo com a ideia de que devia ser melhor deixarmos o nosso mundo seguir o seu próprio caminho e não tentarmos de modo nenhum governá-

lo, dado que o governo verdadeiramente bom não é possível. Toda a gente sabe que quanto mais leis boas o governador faz, mais ladrões e bandidos serão criados para infringir essas leis. E toda a gente sabe que quando o governante fica com muito para si em impostos, o povo morrerá de fome. Contudo ele fá-lo sempre; e eles também. Então vivamos em perfeita harmonia com o Universo. Não façamos leis de espécie nenhuma e sejamos felizes.
- Sem lei não pode haver felicidade -. Fui firme.
- Provavelmente não -. O Mestre Li estava alegre.
- Tenho a certeza de que deve haver uma maneira certa de governar -, disse eu. - O que é certo é que estamos bem familiarizados com todas as maneiras erradas.
430
- Sem dúvida. Mas, no fundo, quem sabe? -. Dobrava-se como um junco a todos os argumentos.
Eu começava a impacientar-me. - O que é que pode um homem saber?
A resposta foi rápida: - Pode saber que ser uno com a Via é ser como o Céu, e igualmente impenetrável. Pode saber que se possuir a Via, embora o seu corpo deixe de existir, não é destruído. A via é como uma taça que nunca está vazia, que nunca precisa de ser cheia. Todas as complexidades serão reduzidas à simplicidade. Todos os opostos são misturados, todos os contrastes são harmonizados. A Via é tão calma como a própria eternidade. Agarra-te apenas à unidade -. O Mestre Li calou-se. E foi tudo.
O duque estava sentado muito direito, de cabeça bem erguida; dormia profundamente e ressonava suavemente. Por baixo de nós a água ressoava como uma concha marinha junto ao ouvido.
- Diz-me, Mestre Li - perguntei - quem criou a Via?
O velho baixou o olhar para as suas mãos, agora dobradas: - Não sei de quem é filha.

3

Nunca fui apresentado ao filho do Céu. Aparentemente não havia protocolo para a recepção de um embaixador bárbaro que ao mesmo tempo fosse escravo. Observei realmente diversas cerimónias a que o duque de Chou presidiu. Uma vez que ele dava sempre a aparência de divindade, parecia ter sido perfeitamente traçado para o seu simbólico papel. Uma boa coisa segundo o meu amo, "pois ele é menos inteligente do que muita gente".
Passeávamos com frequência com o Mestre Li e os seus discípulos. Os deveres de arquivista de Chou não eram claramente um grande fardo; ele estava sempre livre para falar connosco demoradamente sobre a sua doutrina sem palavras.

Rejeitou elegantemente o dogma do meu avô sobre o bem e o mal alegando que a unidade primordial se opunha a essas divisões tão pequenas. Preferi não discutir com ele. Descrevi-lhe Gosala, Mahavira, o Buda, Pitágoras. Achou apenas o Buda interessante. Admirou as quatro verdades nobres e achou o triunfo do Buda sobre os sentidos concordante com o wu-wei - Mas como - perguntou o Mestre Li - pode ele estar tão certo de quando será apagado?

- É porque ele alcançou a iluminação perfeita.
Estávamos perto do altar da terra. Um vento forte arrancava as folhas das árvores: o Inverno estava próximo. Uma dúzia de jovens da classe dos cavaleiros mantinha-se a uma distância respeitosa. - Se ele pensa que sim, então é que não alcançou. Porque ainda está a pensar -. Este jogo fácil com as palavras deliciou os jovens; riram-se apreciativamente com risinhos.
O duque disse: - Sabedoria! Sabedoria!
Não defendi o Buda. No fundo nunca a via cataia nem as quatro virtudes nobres dos Budistas me atraíam. Tanto umas como as outras exigem o banimento do Mundo tal como o conhecemos. Consigo ver como isso podia ser uma coisa muito desejável, mas não vejo como seria realizada. Todavia estou grato ao Mestre Li porque, inadvertidamente, a sua actuação nessa tarde junto ao altar da terra desencadeou os acontecimentos que tornaram possível o meu regresso à Pérsia.
O Mestre Li estava sentado numa rocha. Os jovens fizeram um círculo à nossa volta. Um perguntou: - Mestre, quando o espírito Nuvem encontrou o Caos, perguntou-lhe qual era a melhor maneira de estabelecer a harmonia entre o Céu e a Terra, e o Caos disse que não sabia.
- Sábio é o Caos -. O Mestre Li fez que sim afirmativamente.
- Muito sábio -, disse o jovem. - Mas o espírito Nuvem disse: "O povo olha para mim como um modelo. Devo fazer qualquer coisa para restaurar o equilíbrio nos assuntos do povo."
- Presunção -, disse o Mestre Li.
- Muita presunção -, ecoou o jovem. Mas persistiu. - O espírito Nuvem perguntou: "Que devo fazer? As coisas estão muito más na Terra." E o Caos concordou em como os princípios básicos do Mundo são violados constantemente e a verdadeira natureza das coisas subvertida constantemente. Mas o Caos disse que a razão disso é...
- ... o erro de governar os homens -. O Mestre Li completou o que obviamente era um diálogo velho. - Sim. Foi... e é... uma observação sábia.
- Mas - disse o jovem - o espírito Nuvem não ficou satisfeito...
- ... nunca fica -. A capa do Mestre Li ondulava com o vento cortante e as

farripas do seu cabelo branco estavam eriçadas. - Mas ele devia ter-se convencido quando o Caos lhe disse que no Mundo a ideia de fazer é o que cria todos os problemas. Desiste -. A voz de Li de repente soou tão forte como um sino de bronze martelado em plena tempestade.

- Mas Mestre Li, devemos seguir o Caos e não o espírito Nuvem? -. O jovem parecia como se estivesse a fazer uma verdadeira pergunta em vez de tomar parte numa litania.
- Neste caso, sim. Especialmente quando o Caos disse: "Alimenta o teu espírito. Descansa na posição de não fazer nada e as coisas encarregar-se-ão delas próprias. Nunca perguntes os nomes das coisas, não tentes desvendar as maquinações secretas da natureza. Todas as coisas florescem por si próprias."
- Belo -, disse o duque de Sheh.
- A tua palavra para dizer Caos... -, comecei.
- ... é também uma das nossas palavras para dizer Céu -, disse o Mestre Li.
- Estou a ver -, disse eu, não vendo absolutamente nada. Dado que as coisas não podem florescer sem ordem, o céu tem de ser a antítese do Caos. Mas não ia travar um debate com o velho mestre. Ele tinha a vantagem de saber o que significavam todas as palavras da sua língua... e este é o segredo do poder, Demócrito. Não, não me explicarei por enquanto.
Um dos jovens não estava tão encantado como os outros com a celebração da inactividade do Mestre Li. Arremeteu de cabeça baixa; um jovem frágil, a tremer todo - se do frio, se de medo, não percebi. - Mas certamente, Mestre, o desejo de harmonia do espírito Nuvem entre o Céu e a Terra não deve ser ignorado. No fundo, por que outra razão rezamos à Terra neste lugar? -. O jovem inclinou-se para o altar próximo.
- Oh nós devemos observar o que é nosso dever observar -. O Mestre Li apertou a capa contra o corpo; aspirou o cheiro forte da neve no ar.
- Desaprovaria o Caos tais observâncias?
- Não, não. O Caos aceitá-las-ia como sendo tão naturais como... o Outono. Ou o sono invernal da raiz no solo. Não faças nada que não seja natural... e o ritual é natural... e tudo correrá bem.
- Então, Mestre, está de acordo em que se um governante pudesse nem que fosse por um só dia submeter-se ao ritual, todos sob o Céu responderiam à sua bondade?
O Mestre Li ergueu os olhos para o rapaz e franziu o sobrolho. Os outros discípulos estavam de olhos esbugalhados. Até o duque de repente prestava atenção. Tinha sido proferida uma heresia qualquer. O rapaz tremia convulsivamente como se com febre.

- Que bondade é essa a que te referes? -. A voz habitualmente sedutora do Mestre Li soou estridente.
433
- Não sei. Tudo quanto sei é que através do ritual correcto se pode alcançar a bondade. E para que o Estado floresça a bondade deve ter a sua origem no próprio governante. Não pode advir dos outros.
- O Filho do Céu reflecte o Céu, que é todas as coisas, como sabemos. Mas essa bondade o que é, se não é o wu-wei?
- É tanto a coisa feita como a não feita. É não fazer aos outros o que não queres que te façam a ti. E se fores capaz de te comportar desta maneira, não haverá sentimentos de oposição a ti ou...
O Mestre Li soltou uma gargalhada um tanto desabusada. - Estás a citar o Mestre K'ung! Embora devas saber que ele e eu somos tão diferentes como o lado iluminado da colina é diferente do lado não iluminado.
- Mas certamente, claro ou escuro, é a mesma colina -, disse brandamente o duque.
- Não, graças ao Mestre K'ung! Ou Confúcio, como lhe chama o povo. Deves ir a Wei, meu rapaz -. O Mestre Li foi ajudado a erguer-se por dois discípulos. O jovem trémulo ficou calado, de olhos no chão. - Ou onde quer que Confúcio esteja actualmente. Ele não fica no mesmo sítio durante muito tempo. É sempre cumprimentado com deferência. Mas então põe-se a arengar e a aborrecer os funcionários e até os governantes. Oh, ele uma vez até quis instruir o próprio Filho do Céu! Oh foi confrangedor. Mas ele é um homem vaidoso e tolo que não pensa noutra coisa que não seja ter um cargo público. Deseja distinções públicas e poder. Aqui há anos ocupou um cargo menor qualquer no ministério da polícia de Lu. Mas como só é cavaleiro, nunca podia ter o que desejava, que era o ministério. De modo que mudou-se para Key. Mas o primeiro-ministro achou-o... e cito as palavras do ministro: "Pouco prático, convencido e cheio de manias, incluindo uma obsessão pelos pormenores das cerimónias antigas" -. O Mestre Li voltou-se para o duque de Sheh. - Mais tarde creio que o teu primo - (o Mestre Li sorriu-se para o vento gelado) - o falecido duque de Wei lhe deu um posto menor.
O duque fez que sim. - O meu primo, o incomparável, nomeou-o de facto para um posto qualquer. Mas então o incomparável morreu. "Ou melhor", disse-me ele, "teve a mesma morte que recentemente visitou o todo compassivo de Ch'in. Nem um nem outro eram capazes de deixar de beber vinho de milho miúdo. Mas o incomparável era tanto encantador como o todo compassivo era grosseiro" -. O duque voltou-se para o Mestre Li. - Na verdade, Confúcio saiu de Wei antes de o incomparável morrer...

- Ouvimos dizer que tinha havido uma disputa entre Confúcio e o ministério do incomparável -. O Mestre Li cobriu a cabeça com a capa. Estávamos todos a ficar com frio.
- Se houve disputa, já fizeram as pazes. Ainda ontem o Filho do Céu me disse que Confúcio está outra vez em Wei, onde o nosso jovem primo, o duque Chu, o tem em grande estima.
- Misteriosos são os caminhos do Céu -, disse o Mestre Li. Eu estava gelado; e aborrecido com tanta conversa sobre um
homem de que não sabia nada. Embora Fan Ch'in gostasse de citar Confúcio, lembrava-me de pouca coisa que ele me tinha dito. É difícil levar a sério um sábio de um outro mundo, especialmente em segunda mão.
- Confúcio foi convidado a regressar a Lu pelo duque Ai -, disse o jovem arrepiado; o seu rosto estava tão cinzento como as nuvens no céu do Inverno. A luz estava a acabar-se.
- Tens a certeza? -. O duque condescendeu em olhar para o jovem.
- Sim, Senhor Duque. Eu acabo de chegar de Lu. Eu queria ficar lá e conhecer Confúcio. Mas fui obrigado a regressar a casa.
- Lamento -, segredou o Mestre Li. A maldade fazia com que o seu rosto velho parecesse quase jovem.
- Também eu, Mestre -. O jovem era franco. - Admiro Confúcio por todas as coisas que ele não faz.
- Sim, ele é conhecido pelo que não faz -. O duque disse isto muito a sério e eu tive todo o cuidado para não me rir.
O Mestre Li olhou para mim e sorriu-me de cumplicidade. Voltou-se para o jovem: - Fala-nos das coisas que ele não faz e diz-nos qual é a que mais admiras.
- Há quatro coisas que ele não faz e que eu admiro. Não aceita nada como certo. Nunca é categórico demais. Ou obstinado. Ou egoísta.
O Mestre Li respondeu ao desafio do jovem. - Embora seja verdade que Confúcio pouca coisa aceite como certo, ele é de certeza o mais categórico, o mais obstinado, o mais egoísta dos homens de entre os quatro mares. Encontrei-o uma vez. Achei-o respeitoso até que começou a dar-me lições sobre as observâncias correctas desta e daquela cerimónia. Enquanto o escutava, pensava para mim: "Com esta presunção, com estes ares de importância, quem podia viver debaixo do mesmo tecto que este homem? Na sua presença, aquilo que é do branco mais puro parece encardido, enquanto que o poder mais suficiente se torna insuficiente" -. Estas últimas frases foram ditas em verso e muito bem declamadas, com o vento

norte por acompanhamento. Os discípulos aplaudiram. O jovem tremente, não. Então toda a luz abandonou o Céu e fez-se noite, e Inverno.
No regresso aos nossos alojamentos o duque falou afectuosamente de Confúcio. - Nunca fui discípulo dele, é claro. A minha posição torna isso impossível. Mas ia ouvi-lo sempre que estava em Lu. Aliás, costumava vê-lo em Wei. E por falar nisso, não o vi em... -. Enquanto o duque divagava, eu só tinha um pensamento: temos de ir para Lu, onde encontrarei Fan Ch'in; se ele ainda for vivo, ele libertar-me-á.
Nos dias seguintes afectei tanto interesse em Confúcio que o duque ficou a arder. - Ele é verdadeiramente o homem mais sábio de entre os quatro mares. De facto, é provavelmente um sábio divino, bem como meu amigo íntimo. O Mestre Li é soberbo, evidentemente. Mas como deves ter reparado, não é realmente deste mundo porque já uma parte da Via, enquanto Confúcio é um guia para a Via para todos nós -. O duque ficou tão agradado com esta última afirmação que a repetiu. Respondi extasiado. - Oh, o que eu não daria para me sentar aos pés de um sábio divino! -. Suspirei. - Mas Lu é tão longe.
- De modo nenhum. Vai-se para leste ao longo do rio durante cerca de dez dias. A viagem é fácil, na verdade. Mas eu e tu vamos para sul, através da grande planície, para o rio Yangtze e daí para o porto de mar de Kweichi e então... até à terra do ouro!
Mas eu tinha plantado uma semente que regava todos os dias. O duque estava tentado. - Afinal - ponderava ele - Lu tem uma série de portos de mar, inferiores a Kweichi mas bastante aproveitáveis -. Ao que parecia, era possível encontrar aí um barco para Champa. Embora partindo de Lu alongasse a viagem por mar, a jornada por terra seria encurtada. O duque confessou que não lhe agradava atravessar a grande planície com um comboio de osso de dragão. A grande planície pulula de ladrões. Aliás, era obrigado a admiti-lo, em Lu havia um grande mercado de osso de dragão.
De dia para dia o duque estava cada vez mais tentado com a ideia de Lu. - Sou tio de sangue do duque Ai, um jovem encantador, que está no trono faz agora onze anos. O meu meio-irmão, o pai dele, era extremamente musical. O meu meio-irmão tio dele, não. O tio foi duque até ser derrubado pelos barões, como sabes. Mas, é claro, tu não sabes. Como podia sabê-lo?
Estávamos a passear num bosque de amoreiras não muito longe do outeiro onde os recém-nascidos não desejados são abandonados para morrer. Enquanto andávamos, os miados dos bebés moribundos

misturavam-se com o chilrear das aves que migravam para sul. Os Cataios matam ao nascer todos os machos deformados e a maior parte das fêmeas. Deste

modo mantêm em equilíbrio uma população que não mostra sinais de vir a crescer demais. Nunca consegui compreender por que razão o costume de exposição de crianças seja tão resolutamente praticado num país tão grande, rico e despovoado.
Naturalmente esta prática é universal e necessária: nenhuma sociedade deseja mulheres a parir em número excessivo, especialmente os Estados gregos onde o solo é demasiado pobre para sustentar uma população numerosa. Não obstante, mais cedo ou mais tarde, todas as cidades gregas ficam sobrepovoadas. Quando isto acontece, milhares de pessoas são mandadas iniciar uma nova colónia para a Sicília, a Itália ou a África - onde quer que os seus navios aportem. Como resultado, as colónias gregas estendem-se hoje desde o mar Negro até às colunas de Hércules - e todas devidas ao terreno agreste da Ática e da maior parte das ilhas do mar Egeu. Os Gregos gostam de se gabar de que o seu valor na guerra e nos desportos lhes vem do modo selectivo como eliminam não só as mulheres não desejadas como também os machos imperfeitos. Apenas os fortes - para não mencionar os belos - são deixados viver, pelo menos é o que eles dizem. Mas Demócrito pensa que nos anos mais recentes os Atenienses se devem ter desleixado. Diz-me que a maior parte da população masculina desta cidade é muito pouco favorecida, além de susceptível a todo o tipo de doenças deformantes, especialmente as da pele. Não sei. Sou cego.
Quando perguntei a Fan Ch'in, por que razão os Cataios dizem sempre que há gente a mais no seu belo mundo desabitado, ele usou a mesma frase que o ditador Huan usou: - Quando éramos poucos e as coisas muitas, a felicidade era universal. Agora que as coisas são poucas e os homens muitos... -. Suponho que deve haver uma razão religiosa para tudo isto. Mas nunca consegui descobrir qual fosse. Quando os Cataios decidem não te dizer uma coisa, são refinada e tediosamente não informativos.
O duque estava a recordar o seu meio-irmão, o duque Chão, que tinha sido expulso de Lu cerca de trinta anos antes. - Tinha mau temperamento. Muito mais velho do que eu. Embora não fosse o favorito do nosso pai, era o herdeiro. Todos o reconheceram, inclusive os ministros hereditários. Chão respeitou-me sempre muito. De facto... e isto é muito importante lembrá-lo... ele reconheceu em privado que eu tinha precedência sobre ele por causa do meu título, que me veio da minha mãe, a duquesa de Sheh, é o título mais antigo do Reino do Meio -. Já naquela altura eu sabia que o meu

amo tinha inventado para si não só uma dinastia como também um país. Na realidade, ele era filho ou da terceira esposa ou da primeira concubina do velho duque de Lu. Ninguém parece ter a certeza de qual. Mas todos concordavam em

que ele podia muito bem ter-se intitulado marquês se não tivesse preferido ser o duque auto-inventado do chão sagrado não existente.
O meu fantástico amo espreitou para a colina onde jaziam, entre dez mil ossinhos brancos, meia dúzia de bebés azuis-acinzentados. Abutres preguiçosos pairavam no ar brilhante do Inverno. Pensei nos mortos e nos moribundos de Bactra. Disse uma oração para mim
próprio pelos moribundos.
- As coisas triviais podem desencadear grandes catástrofes -. O duque fez uma pausa. Eu tinha um ar atento. No Reino do Meio nunca se sabe o que é um provérbio e o que é um disparate. Para o ouvido estrangeiro ambas as coisas podem parecer perigosamente
idênticas.
- Sim -, continuou o duque, arranjando os ornamentos de jade, ouro e marfim do seu cinto. - Uma luta de galos mudou a história de Lu. Uma luta de galos! O Céu está sempre a rir-se de nós. Um barão da família Chi possuía uma ave de combate formidável. Um parente da família ducal possuía outra. De modo que decidiram lançar as aves uma contra a outra. O combate fez-se fora da Grande Porta do Sul da capital. Oh, foi um dia trágico. Eu sei. Estive lá. Era muito jovem, claro. Um rapaz.
Mais tarde soube que o duque não tinha assistido à célebre luta de galos. Mas como ele dizia com tanta frequência que tinha estado presente nessa famosa ocasião, tenho a certeza de que ele acabou por acreditar na sua própria história. Custou-me muitos anos a habituar-me às pessoas que contam mentiras sem motivo nenhum. Como os Persas não podem mentir, não mentem... geralmente falando. Temos um horror rácico a não dizer a verdade que remonta ao Senhor da Sabedoria. Os Gregos não possuem um sentimento igual e mentem com imaginação. Os Cataios mentem por conveniência. A maior parte dos eunucos e o duque de Sheh mentem por prazer. Mas estou a ser injusto com o duque. Nele, a verdade e a fantasia misturavam-se tanto que tenho a certeza de que ele nunca sabia qual era uma e qual era a outra. Vivia num mundo artificial em ângulo agudo ou recto, como diria Pitágoras, com o sempre-
-assim.
- O barão Chi pôs um veneno subtil mas de acção rápida nos esporões do seu galo. Após uma breve escaramuça, o galo ducal caiu

morto. Não preciso de te dizer que houve muito ressentimento nesse dia de Verão na Grande Porta do Sul. Meia cidade estava lá, incluindo o próprio duque Chão. A família Chi estava feliz. A família ducal não. Houve distúrbios de toda a ordem quando o barão recolheu as suas bolsas de dinheiro. O perverso barão

retirou-se então para o palácio Chi, para passar a noite. Na manhã seguinte juntou-se uma multidão à frente do palácio. Durante a noite o veneno tinha sido descoberto. Furioso, o duque em pessoa chegou com a sua guarda pessoal. Ordenou a prisão do barão. Mas, disfarçado de criado, o patife já tinha fugido para o norte, para Key. O duque Chão perseguiu-o. Então...
Abruptamente o meu amo sentou-se num tronco de árvore; o seu ar era grave, portentoso. - Estes tempos são maus para o Reino do Meio -. Baixou a voz como se alguém pudesse ouvir-nos; contudo era claro que estávamos completamente sozinhos. - A família Chi veio em socorro do seu parente. O mesmo fez a família Meng. O mesmo fez a família Shu. Estas são as três famílias de barões que governam ilegalmente em Lu. No rio Amarelo, as suas tropas atacaram o exército do meu irmão. Sim, o duque de Lu nomeado pelo Céu, o descendente do imperador Amarelo, o descendente do duque Tan de Chou foi atacado pelos seus próprios escravos e forçado a atravessar a nado o rio Amarelo e procurar refúgio no ducado de Key. E embora o duque Chão fosse bom para ele não o ajudou a reconquistar o seu lugar de direito. A família Chi é muito poderosa, o seu exército privado é o maior do Reino do Meio, e domina Lu. De facto... arrepio-me só de o dizer!... o chefe da família em mais do que uma ocasião usou a insígnia ducal. Que sacrilégio! Naquele mesmo instante o Céu deveria ter esclarecido melhor o seu mandato. Mas o Céu calou-se. E o meu pobre irmão morreu no exílio -. No momento em que a manga ia cobrir mais uma vez os olhos do duque, um bando de pássaros negros atraiu a sua atenção. Ele estudou a sua formação, à procura de presságios. Se viu algum, não disse nada. Mas o certo é que sorriu e eu tomei isso por um bom sinal... para mim.
- Quem sucedeu ao teu irmão, Senhor Duque?
- O nosso irmão mais novo, o do coração aberto. Depois morreu e sucedeu-lhe o filho, o meu sobrinho adorável, o duque Ai.
- E a família Chi?
- Agora obedecem em tudo ao duque. Como podiam não obedecer? Fazer outra coisa seria oprimir a vontade do Céu. Tu vais vê-los servis na presença do herdeiro do glorioso Tan.
Eu estava feliz. íamos para Lu.
439
Estávamos na Primavera quando partimos de Loyang. Os primeiros botões das amendoeiras tinham aberto e os campos passavam do castanho-avermelhado de lama ao amarelo-esverdeado. Por todo o lado, os noveleiros em flor pareciam nuvens de cor-de-rosa caídas à Terra. Devo dizer que tudo parece possível quando as folhas novas abrem. Para mim, a Primavera é a melhor época do ano. Viajámos por terra. Uma vez ou duas o duque tentou ir de barca, mas a corrente

era demasiado rápida. A propósito, estas barcas tanto podem subir como descer o rio. Para viajar contra a corrente, prendem-se cordas a uma parelha de bois que puxa a barca rio acima. Os bois caminham em estradas especiais abertas na pedra macia que ladeia o rio. Deste modo, até as gargantas estreitas são navegáveis em todas as estações do ano, salvo no princípio da Primavera, quando as cheias inesperadas tornam perigoso viajar por rio.
Fiquei encantado com a paisagem. O solo é rico. As florestas são mágicas. Sobretudo nunca estávamos longe do rio prateado. À noite, o ruído suave da corrente entrava nos nossos sonhos agradáveis e tranquilos.
De vez em quando a nossa estrada levava-nos até à margem do rio. Ilhas de forma esquisita pareciam como que tendo sido deixadas cair nas águas prateadas por um deus ou um demónio. Muitas delas assemelhavam-se a montanhas calcáreas, cobertas de ciprestes e pinheiros. Em cada ilha há pelo menos um santuário à divindade do lugar. Alguns destes santuários são construções magníficas de telhado de telhas vidradas; outros são de construção grosseira, datando do tempo do imperador Amarelo, ou é o que o povo diz.
No meio de um bosque de bambus verdes-claros e amarelos o camareiro do duque soltou um grito terrível: - Senhor Duque! Um dragão!
De espada na mão, o duque saltou para o chão e tomou posição atrás da roda traseira do seu carro pessoal. Todos os outros desapareceram no bosque, salvo uma dúzia de cavaleiros que tinham preferido viajar connosco desde Loyang. Puxaram das espadas. Eu fiquei assustado; e curioso.
O duque cheirou o ar. - Sim, segredou. - está perto. É muito velho. Muito feroz. Segui-me.
à medida que o duque abria caminho pelo bosque de bambus, os rebentos novos dobravam-se à sua frente como se ele fosse uma espécie de vento celestial. Depois perdemo-lo de vista. Mas ouvíamos o seu grito estridente: - Morte! -. Este foi seguido do barulho de um animal grande a fugir através do bosque na direcção oposta.

Um momento depois o duque regressava, de rosto brilhando de suor. - Escapou, maldita sorte! Ainda se eu estivesse a cavalo, a esta hora já lhe tinha cortado a cabeça -. Com a manga limpou a cara. - E claro, eles conhecem-me todos, o que ainda me torna mais difícil caçá-los.
- Mas são só animais -, disse eu. - Como podem os animais conhecer as pessoas, pela fama?
- Como é que o teu cão te conhece? É um animal, não é? Seja como for, os dragões formam uma classe à parte. Nem são humanos nem animais, mas outra coisa. Aliás, são praticamente imortais. Diz-se que alguns são tão velhos como o

imperador Amarelo. E conhecem o seu inimigo, como acabaste de ver. Basta-lhes verem-me e fogem cheios de medo.
Mais tarde um dos cavaleiros disse-me que tinha realmente visto o dito dragão, que mais não era do que um búfalo de água. - Eu ia ao lado do camareiro no carro da frente. Ou o camareiro é cego ou fingiu deliberadamente que viu um dragão -. Então o jovem cavaleiro contou-me uma história divertida sobre o duque. De facto, a história é tão divertida que antes de sair do Catai ouvi, pelo menos, uma dúzia de versões dela.
- Como sabes, o duque de Sheh tem uma paixão não só por osso de dragão como por dragões.
- Oh sim -, disse eu. - Ele já matou muitos.
O jovem cavaleiro sorriu-se. - É o que ele diz. Só que no Reino do Meio restam poucos ou nenhuns dragões, salvo na mente do duque de Sheh.
Fiquei estupefacto. Afinal, há dragões em quase todos os países e muitas testemunhas de confiança descreveram encontros com eles. Quando eu era criança havia um famoso na Báctria. Comia crianças e cabras. Com o tempo morreu ou foi para outro lado.
- Mas se há tão poucos - perguntei - como explicas a quantidade de osso de dragão que o duque recolhe, especialmente no oeste?
- Ossos velhos, velhos. Outrora deve ter havido milhões de dragões entre os quatro mares, mas isso foi no tempo do imperador Amarelo. Os ossos que se encontram hoje são tão velhos que se transformaram em pedra. Mas o teu duque é louco por dragões vivos, como sabes.
- Nem é bem louco. Ele faz bom dinheiro com a venda de osso de dragão.
- Claro. Mas a paixão do duque por dragões vivos é outra história. Aqui há alguns anos ele visitou Ch'u um país selvagem do sul, no rio Yangtze, onde ainda existem dragões. Naturalmente, correu

a notícia de que o famoso caçador de dragões estava na capital, num quarto do segundo andar de uma estalagem pequena.
- Uma manhã, de madrugada, o duque acordou com um susto; sentindo que estava a ser espiado, levantou-se, foi à janela e correu as persianas e ali, a olhar para ele, de dentes à mostra num sorriso amistoso, estava um dragão.
Aterrorizado, o duque correu escada abaixo. Na sala principal tropeçou no que parecia ser um tapete enrolado. Mas não era um tapete. Era a cauda do dragão, que o saudou batendo no chão. O duque desmaiou. E isto, tanto quanto sabemos, foi o mais perto que o duque de Sheh alguma vez esteve de um dragão vivo -. Embora nunca me atrevesse a perguntar ao duque se a história era verdadeira, ele próprio aludiu a ela no nosso primeiro dia em Ch'u-fu.

A capital de Lu é muito parecida com Loyang, mas consideravelmente mais antiga. Está construída naquele padrão em quadrícula que é uma característica das cidades fundadas pela dinastia Chou. Mas entre as quatro largas e rectas avenidas, há incontáveis ruas secundárias tão estreitas que duas pessoas não se podem cruzar a não ser que cada uma delas se espalme contra a parede, correndo o risco de apanhar com o conteúdo de um bacio. Contudo, os cheiros de uma cidade cataia até são agradáveis porque em todas as esquinas se cozinha comidas saborosas em braseiros e se queima madeiras perfumadas tanto em privado como nas casas públicas.
As próprias pessoas têm um odor curioso mas não desagradável, como já disse. Uma multidão cataia cheira mais a laranjas do que a suor. Não sei porquê. Talvez a pele amarela tenha algo a ver com o odor. O que é certo é que comem poucas laranjas; e lavam-se menos vezes que os Persas, cujo suor tem um cheiro mais forte. Nada, evidentemente, que se compare com a fragrância dessas ceroulas de lã que os jovens atenienses vestem no Outono e só mudam no Outono do ano seguinte. Demócrito diz-me que os jovens das classes altas se lavam diariamente no ginásio. Diz que não só usam óleo para tornar a pele lustrosa como também água. Mas então por que é que uma vez limpos vestem outra vez aquelas ceroulas de lã imundas? Em assuntos destes, Demócrito, não discutas com os sentidos que restam a um cego.
O palácio não é diferente do Filho do Céu - o que é o mesmo que dizer que o palácio é velho e decadente com as flâmulas em frente à porta principal rasgadas e cheias de pó.
- O duque saiu -. O meu amo pôde ler a mensagem das bandeiras tão facilmente como eu sou capaz - era - de ler a escrita acádica. - Bom, temos que nos anunciar ao camareiro.
442
Surpreendeu-me que o átrio da entrada do palácio estivesse vazio, com apenas dois guardas ensonados à porta do pátio interior. Apesar de o meu amo me garantir o contrário, o duque de Lu é tão impotente como o dito Filho do Céu. Mas, pelo menos, o duque de Chão tem um papel simbólico a desempenhar e o seu palácio de Loyang está sempre apinhado de peregrinos de todos os cantos do Reino do Meio. O facto de o duque possuir o mandato do Céu ser uma ficção, não desencoraja a gente simples. Continuam a vir admirar o solitário, receber a sua bênção, fazer-lhe uma oferenda quer em dinheiro quer em espécie. Diz-se que o duque de Chão vive inteiramente das dádivas dos fiéis. Embora o duque de Lu seja mais rico que o seu primo de Loyang, está longe de ser tão rico como qualquer das três famílias senhoriais de Lu.
Enquanto esperávamos pelo camareiro, o duque contou-me a sua versão da

história do dragão. É muito semelhante à que ouvi da boca do jovem cavaleiro, só que o protagonista não era o duque mas um cortesão pretencioso, e a moral era: "Evita o falso entusiasmo. Afectando gostar daquilo que não conhecia, um homem muito idiota apanhou um susto de morte. Em todas as coisas, deve-se ser fiel ao que é verdadeiro." O duque sabia ser extraordinariamente sentencioso; mas a verdade é que ainda estou para conhecer um mentiroso realmente inspirado que não seja positivamente lírico sobre a virtude de se dizer a verdade.
O camareiro saudou o duque com todos os sinais de respeito, olhou para mim com uma admiração educada; em seguida disse-nos que o duque Ai estava para o sul. - Mas esperamo-lo a todo o momento. Os mensageiros encontraram-no ontem. Podes imaginar como estamos aflitos, Senhor Duque.
- Só por que o meu ilustre sobrinho foi à caça? -. O duque ergueu uma sobrancelha, um sinal de que eram necessárias mais explicações.
- Julguei que soubesses. Há três dias que estamos em guerra. E se o duque não relatar esta situação aos antepassados, perderemos. Oh, é terrível, meu senhor. Como vês, Lu está num caos -. Pensei nas multidões pacíficas que acabara de ver nas ruas da capital. Obviamente, o caos é um conceito relativo no Reino do Meio, e como já disse, a palavra cataia que quer dizer caos é a mesma que quer dizer Céu... e também criação.
- Não sabemos de nada, camareiro. Guerra com quem?
- Key -. Sempre que se fala de hegemonia (e quando é que não se fala?) esta nação ao norte do rio Amarelo é considerada como a mais provável de receber o mandato do Céu.
443
Originariamente, a riqueza de Key provinha do sal. Hoje Key é de longe o Estado cataio mais rico e o mais avançado. A propósito, as primeiras moedas cataias foram lá cunhadas, o que faz de Key uma espécie de Lídia do Oriente.
- O exército de Key está nas Portas de Pedra -. Esta é a fronteira entre Key e Lu.
- As nossas tropas estão prontas, claro. Mas não pode haver vitória até o duque ir ao templo dos antepassados e contar tudo primeiro ao imperador Amarelo e depois ao nosso fundador, o duque Tan. Só depois de ele ter feito o seu relatório é que receberemos as suas bênçãos.
- Consultaste a carapaça da tartaruga presciente?
- A carapaça foi preparada. Mas só o duque pode interpretar
a mensagem do Céu.
Em todos os reinos do Catai, em momentos de crise, o lado de fora de uma carapaça de tartaruga é pintada com sangue. O chefe dos augures aplica então uma vara de bronze em brasa sobre o lado de dentro da carapaça até aparecerem linhas ou desenhos na superfície coberta de sangue. Teoricamente, só o chefe dos

augures sabe interpretar o desenho, um processo ainda mais complexo do que a forma habitual de adivinhação do Reino do Meio, que consiste em lançar pauzinhos. Lançados ao acaso os pauzinhos, a sua combinação hexagonal é lida num texto antigo chamado O Livro das Mudanças. O comentário resultante da leitura não difere dessas coisas da pitonisa de Delfos. A única diferença está em que o livro não leva dinheiro pelas suas profecias.
O camareiro garantiu-nos que, logo que tivesse cumprido os seus deveres cerimoniais o duque de Ai receberia o seu ducal tio. Embora o ducal tio insinuasse abertamente que um convite para ficar hospedado no palácio não seria recusado, o camareiro preferiu dar-se por desentendido. De mau humor, o duque retirou-se.
Dirigimo-nos então para o mercado central, onde o intendente do duque estava já a negociar com os vendedores de osso de dragão. Não consigo perceber por que é que eu gostava tanto dos mercados cataios. Obviamente, o facto de ser estrangeiro deve ter qualquer coisa a ver com isso. Afinal, um mercado é um mercado em qualquer parte do Mundo. Mas os Cataios são mais imaginativos do que qualquer outro povo. As suas comidas expostas assemelham-se a delicadas pinturas ou esculturas e a variedade à venda é infinita: cestos de Ch'iu, flâmulas de Cheng, cordões de seda de Key... dez mil coisas.
O duque era demasiado importante para falar com os retalhistas sobre a sua mercadoria, mas
444aceitava as suas profundas vénias com uma série de gestos hieráticos. Entretanto, dizia-me entre dentes: - Eu sabia que devíamos ter ido para sul. Se houver guerra a sério, somos apanhados no meio. Pior, o meu sobrinho vai estar demasiado ocupado para me tratar como deve ser. Não vai haver recepção oficial, nem prova de estima, nem um lugar para ficar -. Isto é que o preocupava mais. Detestava pagar hospedagens... ou o que quer que fosse, já agora.
Reparei que no mercado não se interessavam absolutamente nada pela guerra. - Por que é que não estão mais excitados? - perguntei ao duque enquanto abríamos caminho por entre o mercado apinhado de gente e coisas, tudo maravilhosamente colorido por baixo do Céu baixo. Por qualquer razão o Céu do Catai parece estar mais perto da terra do que no resto do Mundo; sem dúvida o Céu está sempre a espreitar os duques, tentando decidir a qual deles dará o mandato.
- Por que é que haviam de estar mais excitados? Há sempre guerra entre Key e Lu. É um incómodo terrível, claro, para o duque e para a corte mas de nenhum interesse para a gente comum.
- Mas podem ser mortos. A cidade pode ser incendiada...
- Oh, nós não temos esse tipo de guerra cá. Isto não é Ch'in, onde a guerra é uma coisa sangrenta porque os Ch'ineses são lobisomens. Não. Nós somos

civilizados. Os dois exércitos encontrar-se-ão nas Portas de Pedra... como habitualmente. Haverá uma ou duas escaramuças. Morrerão ou serão feridos algumas centenas de homens. Far-se-ão prisioneiros e cativos, que serão resgatados. Então haverá um tratado. O nosso povo gosta de fazer tratados. Neste momento há dez mil tratados entre os Estados do Reino do Meio, e como é certo que cada um deles será violado, isso significa mais outro tratado para substituir o anterior.
De facto, os negócios do Reino do Meio não são tão maus ou tão bons como o duque me levou a acreditar. Sessenta anos antes o primeiro-ministro de Sung, um Estado fraco, promoveu uma conferência de paz. Daí resultou a declaração de um armistício. Durante dez anos houve paz no Reino do Meio. Dez anos é muito tempo, como o prova a história dos homens. Embora tenha havido muitas guerras menores nos anos recentes, os princípios do armistício de Sung ainda são aceites por todos, o que explica por que razão ainda nenhum governante achou propício o momento para se apoderar da hegemonia.
O duque propôs que fôssemos até ao grande templo. - Tenho a certeza de que encontraremos lá a família Chi, a cometer as suas blasfémias habituais. Só o herdeiro legítimo do duque Tan pode

falar ao Céu. Mas a família Chi faz o que lhe apetece e o chefe da família, o barão K'ang, gosta de fingir que é o duque.
O grande templo do duque Tan é tão impressionante como o templo de Loyang e muito mais antigo. O duque Tan fundou Lu há seis séculos. Pouco depois da sua morte, este templo foi construído em sua memória. Evidentemente, a idade real de um edifício em qualquer lugar, é sempre incerta. Como a maior parte dos templos do Catai são feitos de madeira, estou razoavelmente convencido de que mesmo o templo mais antigo é uma recriação, como a fénix, de um original há muito desaparecido. Mas os Cataios afirmam - tal como os Babilónicos - que como são sempre cuidadosos na reprodução exacta dos edifícios, nada muda realmente.
À frente do templo estavam em trajo de combate mil soldados de infantaria. Vestiam túnicas de couro. Tinham arcos de olmo a tiracolo. Espadas compridas à cinta. Os soldados estavam completamente cercados de crianças, mulheres da rua, vendedores de comidas. No outro extremo da praça, animais sacrificados estavam a assar nos altares. Os ânimos eram mais festivos do que guerreiros.
O duque perguntou a um dos guardas à porta do templo o que estava a acontecer. O guarda disse que o barão K'ang estava lá dentro, a falar com o Céu. O ânimo do duque era verdadeiramente azedo quando voltou para junto de mim no meio da multidão. - É verdadeiramente assustador. Sacrílego. Ele não é o duque.

Eu tinha curiosidade em saber o que se estava exactamente a passar dentro do templo. O meu amo fez o melhor que pôde para me explicar. - O pseudoduque está a dizer aos antepassados, que não são os antepassados dele, que o reino foi atacado. Está a dizer que se o Céu e todos os antepassados se sorrirem para ele, ele deterá o inimigo nas Portas de Pedra. Entretanto, oferece aos antepassados todos os sacrifícios, orações e músicas habituais. Em seguida o general comandante cortará as unhas...
- O quê?!
O duque parecia um tanto surpreendido. - Os vossos generais não cortam as unhas antes de irem para a batalha?
- Não. Por que haviam de cortar as unhas?
- Porque sempre que morre alguém que conhecemos, nós cortamos as nossas unhas antes do seu funeral, em sinal de respeito. Como morrem homens na guerra, o nosso general comandante prepara-se com antecedência, deste modo, para o funeral envergando trajo de luto e cortando as unhas. Em seguida leva o seu exército através do portão dos maus augúrios (aqui é a Porta Baixa do Norte) e sai para a batalha.

- Julgava que um general só desejava associar-se aos bons augúrios.
- E associa -, disse o duque, um tanto irritado. Como a maior parte dos que gostam de explicar coisas, detestava responder a perguntas. - Nós guiamo-nos pelos opostos, tal como o Céu. Sai pela porta funesta e regressa pela porta da sorte.
Aprendi nas minhas viagens que a maior parte das observâncias religiosas não fazem sentido se não formos aceites nos mistérios profundos do culto.
- E ele fará treze orações ao número treze.
- Treze porquê?
O duque comprou uma lagartixa frita a um vendedor. Não me ofereceu, o que tomei por um mau sinal; sem dúvida ele deve tê-lo tomado por um bom sinal. - Treze - disse, de boca cheia de lagarto - porque o corpo tem nove buracos - (pensei na horripilante descrição de Sariputra desses orifícios) - e quatro membros. Nove e quatro faz treze, ou seja um homem. Depois de uma celebração do número treze, que é o próprio homem, o general rezará para que os seus homens se livrem dos sinais da morte. Um sinal da morte - (falou rapidamente, antes que eu pudesse fazer outra pergunta) - é aquela parte do corpo menos guardada pelo Céu, e por conseguinte, mais vulnerável à morte. Aqui há anos disseram-me onde é o meu sinal da morte e eu tenho tido todo o cuidado em não o expor. De facto...
Mas eu nunca iria ouvir mais nada sobre o sinal da morte do duque. Nesse

momento as portas de bronze do templo abriram-se. Os tambores foram percutidos com baquetas de jade. Sinos ressoaram. Soldados acenaram com brilhantes flâmulas de seda. Todos os olhos estavam agora na porta, na qual estava o ditador hereditário de Lu.
O barão K'ang era um homenzinho gordo com uma cara tão lisa como uma casca de um ovo; trajava de luto. Solenemente voltou-nos as costas e fez três vénias aos antepassados lá dentro. Então um homem alto e elegante saiu do templo; também ele trajava de luto.
- Aquele é Jan Ch'iu - disse o duque. - O intendente da família Chi. Vai conduzir o exército dos Chi até às Portas de Pedra.
- Não há exército de Lu?
- Sim. É o exército dos Chi -. Como muitos Cataios, o duque não concebia a existência de exércitos nacionais. Em quase todos os países, cada clã tem as suas tropas. Como o clã mais poderoso terá mais soldados, exerce mais poder no reino. A única excepção a esta regra é Ch'in, onde o barão Huan conseguira unir num só exército não só todas as tropas dos seus colegas nobres como todos os

homens capazes do país. O resultado é um Estado militar espartano, uma anomalia no Reino do Meio.
Com o fim de garantir a vitória, o ditador e o seu general executaram uma série de ritos arcanos à vista do povo.
- Quem vai ganhar a guerra?
- Key é um Estado mais rico e mais poderoso do que Lu. Mas Lu é muito sagrado e muito antigo. Tudo quanto o povo do Reino do Meio considera como sábio e bom está associado com o fundador desta cidade, o duque Tan.
- Mas para se ganhar uma guerra não basta ser-se sábio ou bom e antigo.
- É claro que basta. O Céu decide dessas coisas, e não os homens. Se fossem deixadas aos homens, os lobos de Ch'in já nos teriam escravizado a todos. Mas o Céu mantém os lobos açaimados. Palpita-me que esta guerra vai ser curta. Key não se atreveria a perturbar o equilíbrio do Mundo conquistando Lu mesmo que pudesse o que é duvidoso. Jan Ch'iu é um óptimo general. Além disso é dedicado a Confúcio. Até o acompanhou no exílio. Mas há sete anos Confúcio disse-lhe que o seu dever era aqui e desde então ele tem sido o intendente dos Chi. Na minha opinião, ele tem muitas qualidades boas, se bem que seja do povo. É por esta razão que tenho sido sempre educado para com ele -. O duque concedeu-lhe este privilégio máximo.
O ditador abraçou o seu general. A cada soldado foi então oferecida carne do sacrifício. Quando os soldados acabaram de comer a carne assada, Jan Ch'iu gritou uma ordem, que não percebi. Do outro lado da praça aproximava-se com

muito ruído um carro com dois homens.
É escusado dizer que o duque reconheceu o oficial que vinha no carro. Dizia sempre que lhe tinham sido apresentadas mais pessoas do que a qualquer outra personalidade do Reino do Meio. - É o segundo-comandante. Também é discípulo de Confúcio. De facto, a família Chi é administrada por proteges de Confúcio e foi por essa razão que o barão K'ang o mandou chamar ao fim de todos estes anos -. O duque olhava para o segundo-comandante, que neste momento saudava o ditador. - Não consigo lembrar-me do nome dele. Mas ele é perigoso. Uma vez ouvi-o dizer que nenhum de nós devia viver do trabalho dos outros. Fiquei atónito. E Confúcio também, alegra-me dizê-lo. Lembro-me da resposta dele, que cito muitas vezes: "Deves fazer o que foste destinado a fazer na tua vida, tal como a gente do povo deve fazer o que está destinada a fazer. Se fores sábio e justo, eles olharão para ti com os seus bebés às costas.
448
Portanto não desperdices o teu tempo tentando cultivar o teu próprio alimento. Deixa isso para o camponês." Confúcio disse também...
Eu tinha deixado de o escutar. Tinha reconhecido o segundo-comandante. Era Fan Ch'ih. Pensei rapidamente. Deveria ir ter ali mesmo com ele, agora? Ou deveria esperar que ele voltasse da guerra? Mas e se ele fosse morto? Se fosse morto, sabia que passaria o resto da minha vida como escravo do duque louco do chão sagrado. Durante a nossa estadia em Loyang tinha percebido que o duque era demasiado cabeça no ar para empreender a longa e arriscada viagem até Magadha. Ficaria seu escravo o resto da minha vida, seguindo-o de lugar em lugar como um macaquinho de feira, para ser exibido, beliscarem-me a face para que os Cataios pudessem ver o vermelho aparecer e desaparecer. Entre essa vida e a morte prefiro a morte... ou a fuga. Tomei essa decisão naquela praça apinhada à frente do grande templo de Lu.
Abri caminho através da multidão; mergulhei por baixo de uma fila de soldados; corri para Fan Ch'in. Quando me preparava para falar com ele, dois membros da guerra de Chi agarraram-me os braços. Eu estava a poucas jardas do barão K'ang, cuja face se mostrava inexpressiva. Jan Ch'iu franziu o semblante. Fan Ch'ih piscou os olhos.
- Fan Ch'in! - gritei. O meu velho amigo voltou-me as costas. Fiquei aterrorizado. Segundo a lei cataia eu era agora um escravo fugido. Podia ser condenado à morte.
Quando os guardas começavam a arrastar-me dali gritei em persa: - É esta a maneira de tratar o embaixador do Grande Rei?
Fan Ch'ih rodou nos calcanhares. Olhou para mim fixamente durante um instante. Então voltou-se para Jan Ch'iu e disse-lhe qualquer coisa que não pude

ouvir. Jan Ch'iu fez sinal aos guardas, que me soltaram. Encolhendo-me à maneira cataia aproximei-me de Fan Ch'ih. Não tinha tido tanto medo desde que em criança me arrastei naquele tapete da rainha Atossa.
Fan Ch'ih desceu do carro e o meu coração, que tinha parado de bater, arrancou de novo. Quando Fan Ch'ih me abraçou segredou-me ao ouvido em persa: - Como? O quê? Rápido.
- Capturado pelos Ch'ineses. Agora escravo do duque de Sheh. Recebeste as minhas mensagens?
- Não -. Fan Ch'ih desfez o abraço. Dirigiu-se para o barão K'ang. Curvou-se perante ele. Trocaram palavras. Embora o ovo do rosto do ditador não traísse qualquer emoção, mesmo assim fez ligeiramente que sim. Então Fan Ch'ih subiu para o carro. Jan Ch'iu

montou um garanhão negro. Ordens foram gritadas. Meio a andar, meio a correr, as tropas da família Chi atravessaram a praça em direcção à funesta Porta Baixa do Norte.
O olhar do barão K'ang estava posto no seu exército. Eu não sabia o que fazer. Tinha medo de ser esquecido. Quando o último soldado saiu da praça, o duque de Sheh estava ao meu lado. - Que exibição a tua! - disse ele. - Sinto-me humilhado! Comportaste-te barbaramente. Vamos embora! Já! -. Puxou-me pelo braço. Mas eu fiquei firme como se os meus pés tivessem sido pregados à terra vermelha calcada.
De repente o ditador olhou para nós. O duque de Sheh assumiu as suas maneiras de corte. - Caro barão K'ang, que prazer ver-te neste dia dos dias! Um dia em que paira no ar a vitória do meu amado sobrinho o duque de Lu.
As maneiras cataias não são outra coisa senão rígidas. Embora o meu amo pouco mais fosse do que um parasita sem dinheiro, todas as cortes do Catai o recebiam como duque; e embora quase não haja nenhum verdadeiro duque no Reino do Meio que não seja olhado com desprezo pelos seus ministros hereditários, não há um duque que não seja tratado, tanto em privado como em público, como uma figura celestial, como um verdadeiro descendente do imperador Amarelo.
O barão K'ang fez o mínimo absoluto dos gestos físicos que são exigidos quando um barão de baixa extracção, ainda que seja chefe de um Estado, se encontra na presença de um duque. Quando por fim o barão K'ang falou, a sua voz foi tão inexpressiva como o seu rosto. - O teu sobrinho, de quem sou escravo, deve estar aqui antes do cair da noite. Penso que tu vais ficar em casa dele.
- Na realidade não tenho a certeza. Acabo de falar com o camareiro. Ele pareceu muito aflito, o que é compreensível. Afinal hoje é um dia da tartaruga, o que dificilmente é uma experiência de todos os dias. Mas também uma visita do tio

do duque não é uma experiência de todos os dias, não é, barão?
- O Céu parece realmente querer estragar-nos com mimos, duque. És bem vindo à minha triste choupana.
- É muita bondade a tua, barão, devo dizê-lo. Eu próprio procurarei o teu intendente. Não te incomodes mais. Eu trato disso -. O duque voltou-se para mim. - Vamos -, disse.
Foi neste momento que olhei para o barão K'ang. Ele olhava por cima de mim para o duque. - O teu escravo ficará comigo.
- Como és magnânimo! Naturalmente esperava que o deixasses dormir dentro do palácio, mas não ia fazer questão disso.
450
- Ele ficará no palácio, duque. Como meu hóspede.
Assim fui libertado. O duque de Sheh ficou furioso mas não podia fazer nada. O barão K'ang era ditador e quanto a isso não havia nada a fazer.
Um respeitoso subintendente atribuiu-me um quarto no palácio dos Chi e disse-me: - O amo receber-te-á esta noite depois dos augúrios da tartaruga.
- Sou escravo? -. Fui directo.
- Não. És um hóspede de honra do barão K'ang. Podes entrar e sair à tua vontade, mas como o duque de Sheh pode tentar recuperar-te...
- Não sairei daqui. Fico aqui mesmo, se posso.
Passava da meia-noite quando o ditador mandou chamar-me. Recebeu-me cordialmente, tanto quanto me apercebia: nem o seu rosto nem o seu corpo traíam qualquer espécie de emoção. Quando acabei a série prescrita de vénias, torções e gestos da mão, ele fez-me sinal para me sentar numa esteira à sua direita. Atrás de um biombo de penas duas mulheres tocavam música fúnebre. Parti do princípio de que eram concubinas. A sala estava iluminada por um só candeeiro de bronze cheio daquilo a que os Cataios chamam óleo gordo de perfume de orquídea. Se bem que não seja feito de orquídeas inodoras, este óleo é delicadamente perfumado com uma flor qualquer; é caríssimo.
- Como vês, coloquei-te no lugar de honra, à minha direita -, disse o barão.
Inclinei a cabeça. Mas estava um tanto intrigado. No Reino do Meio o lugar de honra é a esquerda do anfitrião.
O barão adiantou-se ao meu espanto. - Em tempo de paz o lugar de honra é à esquerda. Em tempo de guerra é à direita. Nós estamos em guerra, Ciro Spitama -. Ele disse o nome estrangeiro sem nenhuma dificuldade; tinha fama de ter a melhor memória de todo o Catai. - Já não és escravo.
- Estou-te muito grato, Senhor Barão... - comecei a dizer. Com um gesto elegante da mão interrompeu-me. Fan Ch'ih diz
que és parente do Grande Rei do outro lado do deserto ocidental. Além disso

disse-me que tu foste amigo dele. De modo que não podemos fazer menos por ti do que o que tu fizeste pelo nosso amigo e parente.
Vieram-me lágrimas aos olhos. Estava emocionado, para dizer o mínimo. - Estar-te-ei eternamente grato...
- Sim, sim. Neste caso, como anfitrião, não faço mais do que seguir a sabedoria de Confúcio.

- Ouço elogios a esse sábio divino onde quer que vá. Ele é quase tão admirado como tu... -. O barão deixou-me lisonjeá-lo tanto que vi até que ponto a face inexpressiva era na verdade uma obra de arte, para não dizer um artefacto. Como muitos homens com poder, o barão não se cansava com os elogios e em mim tinha um panegirista muito acima de tudo quanto tivesse conhecido entre os quatro mares cataios. De facto, encantei-o tanto que ele prontamente mandou vir um vinho feito de ameixas fermentadas. Enquanto bebíamos fez-me um sem número de perguntas sobre a Pérsia, Magadha, Babilónia. Ficou fascinado com as descrições que lhe fiz da vida da corte de Susa. Quis saber em pormenor como eram governadas as satrapias. Ficou deliciado com o facto de eu perceber a arte de fundir o ferro. Esperava que eu ensinasse os seus ferreiros. Pediu-me que descrevesse os carros de guerra, as armaduras, as armas persas.
Então, de repente, calou-se; pediu desculpa. - É incorrecto que dois homens de cultura falem tanto de guerra, uma actividade que é melhor deixar para os brutamontes que são bons nela.
- Mas dadas as circunstâncias, a nossa conversa é compreensível, Senhor Barão. O teu país está em guerra.
- Mais uma razão para eu deixar os meus pensamentos demorarem-se naquelas coisas realmente importantes. Tais como dar ao reino um único dia de perfeita paz. Se isso alguma vez acontecer, o doce orvalho com sabor a mel cairá sobre a Terra.
- Isso alguma vez aconteceu, Senhor Barão?
- Todas as coisas aconteceram já. Todas as coisas acontecerão -. Acredito que isto foi o que ele disse. Numa língua sem tempos verbais, nunca há a certeza. - Durante quanto tempo nos honrarás com a tua presença?
- Gostaria de regressar o mais cedo possível à Pérsia. Naturalmente... -. Não acabei esta frase que só ele podia acabar.
- Naturalmente -, ecoou ele. Mas não prosseguiu com o assunto. - Vi o duque de Sheh na corte hoje à noite -. Uma coisa muito parecida com um sorriso começou a alterar a parte inferior do ovo. - Estava muito triste. Disse que tu és amigo dele, além de escravo. Que te salvou dos lobisomens. Esperava viajar contigo até Magadha, onde o teu sogro é rei. Esperava que, juntos, como sócios, pudésseis

abrir uma rota permanente até Champa e Rajagriha.
- Ele tencionava reter-me para obter um resgate. Nunca se falou de nenhuma rota comercial.
O barão K'ang fez amigavelmente que sim. - Pois -, disse informalmente. Há, a propósito, duas espécies de sins na língua

cataia. Uma é formal; a outra, informal. Achei bom sinal que ele tivesse preferido ser informal comigo. - Tenho muito interesse no rei Ajatashatru. Logo no princípio do seu reinado ele escreveu ao Filho do Céu de Loyang. Todos os duques receberam cópias dessa carta. O teu terrível sogro dizia que estava interessado em comerciar connosco. Parto do princípio de que ainda esteja interessado.
- Oh, sim. De facto, ele tinha esperanças de que eu pudesse vir a ser a ligação -. Eu não podia acreditar no que estava a dizer. Obviamente a prolongada e íntima associação com o duque de Sheh tornara-me tão fantasista como ele; de resto, o vinho de ameixa era inesperadamente forte e causava estragos em mim. Falei longamente sobre a minha missão de reunir num só mundo a Pérsia, a índia e o Catai. Descrevi com todos os pormenores uma rota circular de caravanas com partida de Susa, passando pela Báctria, Ch'in, Lu, Champa, Shravasti, Taxila e novamente Susa. O que eu dizia não fazia sentido, era incoerente. Mas o barão mostrou-se educado. Ao contrário de muitos governantes, escutou atentamente. A sua maneira neutra, fazia comentários precisos em discursos lentos. Era sempre rápido a detectar a palavra significativa não dita, bem como as falsas notas. Vim a admirá-lo e até a gostar dele. Mas nunca deixei de o temer.
Quando por fim parei para respirar, ele disse, para meu grande alívio, que a rota comercial que eu tinha em vista era também um sonho seu. Isto foi delicado da parte dele. Pois tinha sido o sonho de muitos viajantes durante vários séculos. Conhecia pouco da Pérsia e do Ocidente, disse ele, mas tinha de facto alguns conhecimentos superficiais sobre os reinos da planície gangética. Então descreveu-mos com considerável pormenor, concluindo com: - Ajatashatru é agora monarca universal. Destruiu Koshala. Salvo umas quantas repúblicas nas montanhas, tem a hegemonia... -. Calou-se; e então acrescentou: - da índia.
- Ajatashatru é na verdade um guerreiro magnífico, um governante justo -. O vinho de ameixa produziu uma quantidade de epítetos mais próprios para gravar num rochedo para edificar camponeses do que para ornamentar, como naquele momento, uma conversa com o homem que parecia ser, pelo menos até ali, o meu libertador.
- É curioso - disse o barão, quando por fim me calei - como a Pérsia e agora a índia têm cada uma delas um monarca que recebeu o decreto do Céu.

- Eu pensava que o decreto só podia vir para o Filho do Céu, para o senhor do Reino do Meio.
- Isso é o que nós sempre pensámos. Mas agora começamos a ver quanto mundo existe para lá dos quatro mares. E começo a

suspeitar de que não somos senão um grão no grande celeiro. Seja como for, acho bom sinal que o mandato tenha sido dado novamente, ainda que aos bárbaros das terras longínquas.
- Talvez - disse eu, demasiado atrevidamente - venha a recair sobre Lu.
- Talvez -, disse ele. - Ou sobre outro -, acrescentou. Um criado trouxe-nos ovos que tinham sido conservados debaixo de terra durante vários anos. Comêmo-los com colherzinhas. Os ovos tinham um sabor delicado a bolor. Embora depois disso em Susa e Halicarnasso eu tivesse enterrado muitos ovos eles apodreceram simplesmente. Ou o solo cataio é diferente do nosso ou eles têm um processo secreto de tratar os ovos.
O barão fez com que eu respondesse a mais perguntas do que as que fiz. Era insaciável de curiosidade sobre o Ocidente. Mas a verdade é que ele tinha curiosidade por tudo. Era como um Grego.
Quando me atrevi a perguntar-lhe sobre os augúrios da carapaça da tartaruga dessa tarde ele abanou a cabeça. - Não posso discutir isso. Tens de me perdoar -. Mas pude ver pelo tom da sua voz que os augúrios tinham sido excelentes. - Habitualmente as nossas relações com Key são boas. Mas quando eles deram asilo ao duque Chão... que temo não seja um bom homem... desenvolveu-se uma certa tensão entre os nossos reinos. Achámos muitíssimo mal da parte deles darem guarida ao nosso inimigo tão perto das Portas de Pedra, onde poderia agir como pólo de concentração de toda a espécie de descontentamentos.
Protestámos. Mas o duque velho de Key era um homem teimoso. Além disso gostava de criar problemas. De modo que encorajou as pretensões do nosso ex-duque -. O barão suspirou docemente e arrotou sonoramente. - Felizmente, no curso natural das coisas, o duque Chão morreu. Depois passou tudo a correr bem entre os nossos dois países. Ou assim o julgávamos. Mas então... Oh, vivemos num período muitíssimo interessante. - Os Cataios utilizam este termo de uma maneira muito parecida como os Gregos empregam o termo catastrófico. - O duque Ting sucedeu ao seu irmão Chão e o meu indigno avô foi designado para o cargo de primeiro-ministro, um cargo para que estava tão pouco preparado... ou que desejava tão pouco, como eu -. É assim que os grandes senhores cataios se exprimem, parecem eunucos a prepararem-se para assaltar a dispensa do harém. - Quando o meu avô morreu, um dos seus secretários, um indivíduo de nome Yang Huo autonomeou-se primeiro-ministro. Como era apenas cavaleiro,

nada disso era correcto. Oh, sentimo-nos muito desanimados -. O barão pousou a colher. Juntos ficámos a ouvir as maquinações da sua

extraviada mente. Em seguida trouxeram-nos damascos em calda. De todos os frutos do Catai, este é o mais apreciado. Eu nunca gostei de damascos. Mas consumi com aparente prazer tudo quanto o ditador me ofereceu.
Como sempre, não foi pelo barão K'ang que fiquei a saber a verdadeira natureza deste profundo desânimo, mas por outros. Yang Huo tinha-se apoderado do governo. Durante três anos foi ditador absoluto. Como tantos governantes ilegítimos, era tremendamente popular junto do povo. Tentou inclusivamente fazer uma aliança com o duque contra as três famílias baroniais. - Sirvo o duque Ting como seu primeiro-ministro - costumava dizer - para que a dinastia Chou possa reaver a sua justa supremacia em Lu. Quando isso acontecer o mandato do Céu descerá sobre o nosso duque, herdeiro do divino Tan.
O duque Ting teve o bom tino suficiente para manter a máxima distância possível entre ele e o usurpador. Uma distância literal: o duque andava sempre à caça. Apenas vinha à capital quando era obrigado a dirigir-se aos antepassados. Devo dizer que se estivesse no seu lugar, teria feito uma aliança com Yang Huo. Juntos, Ting e Huo teriam podido destruir as famílias baroniais. Mas o duque era tímido. De resto não possuía a imaginação ou o saber para se assumir como governante de facto. Durante cinco gerações a sua família tinha sido dominada pelas três famílias. De modo que ia à caça.
Com o tempo Yang Huo excedeu-se. Tentou matar o pai do barão K'ang. Mas as forças dos Chi juntaram-se em torno do seu chefe e Yang Huo fugiu para Key com a maior parte do tesouro nacional. O governo de Lu pediu que o rebelde lhe fosse devolvido juntamente com o tesouro roubado. Quando este pedido foi ignorado, as relações entre Key e Lu deterioraram-se.
O barão assegurou-me que, mesmo naquele preciso momento em que conversávamos, Yang Huo tramava o seu regresso, com o objectivo, tal como disse, de criar "um Chou no Leste", isto é, restaurar o imperador celestial original. Yang Huo devia ser um homem muitíssimo persuasivo. Tinha de certeza muitos admiradores secretos em Lu, especialmente entre os que apoiam o que eles chamam os antigos costumes. Tanto quanto sei, nunca regressou. A família Chi é muitíssimo poderosa e o barão K'ang é - ou era - muitíssimo esperto e formidável. -Quando conheci o barão ele era já primeiro-ministro há oito anos. Mas embora fosse ditador absoluto, continuava a temer Yang Huo. Além disso tinha ficado abalado com a recente revolta de um dos seus comandantes mais capazes, o alcaide do Castelo de Pi.

Depois da queda do império Chou, os nobres têm vindo a construir fortalezas para si próprios. Ao princípio esses castelos destinavam-se a dar protecção contra os ladrões e os exércitos hostis. Mas gradualmente, com os anos, as fortalezas tornaram-se o sinal exterior visível dos poderes de uma dada família. Pelo casamento, traição, revolta aberta, cada família procura ganhar tantas praças fortes quantas puder. Como actualmente a família Chi detém o maior número de praças fortes de Lu, governa um milhão de pessoas, numa aliança incómoda com as suas rivais, os Meng e os Shu. É escusado dizer que o duque não tem nenhum castelo. De facto, não possui nada além do palácio, para cuja manutenção nunca há dinheiro suficiente. Yang Huo prometeu mudar tudo isso; falou inclusivamente de arrasar os castelos dos Chi. Palpita-me que não foi a tentativa de assassínio do barão velho mas a sua ameaça às fortalezas o que causou a queda de Yang Huo.
Uns doze anos antes da minha chegada a Lu, o alcaide do Castelo de Pi rebelou-se contra os seus senhores Chi. Durante cinco anos conseguiu manter a cidadela. Por fim foi obrigado a entregá-la e refugiou-se em Lu. Não era segredo nenhum que o barão K'ang o considerava como sendo o principal instigador da guerra entre Key e Lu, ainda que outros achassem que essa honra deveria ir para Yang Huo. Seja como for, o alcaide tinha conseguido a habilidade de se posicionar como mais um apoiante da família ducal. Também ele queria criar o "Chou no Leste".
O barão aludiu a esta rebelião. Como sempre, foi menos do que directo: - A vontade do Céu é claramente que nos seja recusada uma vida absolutamente serena. Contudo nós propiciamos o Céu e realizamos todos os ritos tradicionais. Infelizmente temos quem nos queira mal no norte... -. O barão fez uma pausa para ver se eu percebera este duplo sentido. Eu percebi. Key fica ao norte de Lu, enquanto a frase "no norte" significa também o imperador celestial. - Tu conheces-nos, como vejo. Eu referia-me, evidentemente, a Key, que dá guarida aos nossos inimigos. Não sei porquê. Nós nunca recebemos um só opositor do governo deles. Os homens são imprevisíveis, não são?
Concordei. Na realidade sempre achei os homens bastante previsíveis. Apenas cuidam do seu próprio interesse. Por outro lado, a maneira como os homens preferem interpretar ou explicar o facto, digamos, da criação, é para mim muitas vezes um mistério.
Enquanto estava ali com o barão K'ang naquela sala pouco iluminada com a música suave enchendo o ar à nossa volta mais como a reverberação de um som do que o próprio som, soube que ele

pretendia utilizar-me. À sua maneira elíptica, estava a testar-me. Era como se

estivesse a aplicar calor no interior da carapaça da tartaruga para poder ler a misteriosa escrita que deveria surgir na superfície exterior coberta de sangue. Mantive-me tão silencioso como... uma carapaça de tartaruga.
- A restauração da casa de Chou é o nosso sonho -, disse ele um tanto inesperadamente.
- É iminente?
- Quem sabe? De qualquer modo, primeiro a hegemonia e depois o mandato -. Subitamente duas rugas finas paralelas desfiguraram a parte superior da casca do ovo. O barão estava a franzir o sobrolho. - Há aqueles que pensam que o processo pode ser invertido. Embora eu não acredite nisso, muitos sábios e outros não tão sábios pensam que tal é o caso. Acreditam que se a um duque legítimo for dada a sua antiga primazia mundana, o decreto do Céu virá a seguir. Recentemente alguns... aventureiros têm encorajado esta falsa ideia. Por esta razão é que o nosso exército está nas Portas de Pedra. É fácil lidar com aventureiros -. A parte superior do ovo voltava a estar lisa outra vez. - Não tememos traidores. Mas tememos... e respeitamos... os nossos sábios divinos. Conheces os ensinamentos de Confúcio?
- Sim, Senhor Barão. Fan Ch'in falou-me muito dele quando estávamos juntos no Ocidente. E, é claro, todos os homens cultos o discutem. Até o Mestre Li -, acrescentei com um sorriso. Começava a sentir a direcção do vento.
- Até o Mestre Li -, repetiu ele. A parte inferior do ovo exibiu agora durante um momento duas pequenas indentações. O ditador tinha-se sorrido. - Eles não se amam, esses sábios -. Disse isto com uma voz doce. - Confúcio está de regresso a Lu, a meu pedido. Esteve fora catorze anos. Durante estes anos viajou por quase todas as terras entre os quatro mares. Gosta de pensar que foi exilado pelo meu adorado pai, o primeiro-ministro. Mas garanto-te que não. Confúcio é que nos exilou. Ele é muito severo. Quando o duque de Key deu de presente ao meu pai algumas dançarinas religiosas - (a expressão que o barão utilizou para dizer dançarinas religiosas não foi diferente da expressão babilónica para prostitutas do templo) - Confúcio foi de opinião que o meu pai não devia aceitar este presente pela razão de que tal era indecoroso. O seu argumento era o tradicional: essas dançarinas destinavam-se a enfraquecer o poder de decisão dos homens que sejam seus donos. Muito cortesmente, o meu pai disse que considerava o presente como sinal de que o governo de Key desejava remir-se do facto de ter dado guarida

ao traidor Yang Huo. Então Confúcio demitiu-se de todos os seus cargos. Era o magistrado do silo de Cheng-fu, uma vila encantadora que deves visitar enquanto estás cá. Era também adjunto do superintendente de obras... não, não

estou enganado, tinha sido promovido desse cargo. Era subministro da polícia, um cargo importante que desempenhava com muitíssima competência.
Eu observava o barão, que falava para a parede atrás da minha cabeça. A direcção do vento era agora inconfundível. Ele sabia que eu era amigo de Fan Ch'ih. Fan Ch'ih era discípulo de Confúcio; o intendente dos Chi, Jan Ch'iu também. Comecei a ligar tudo.
Fiz a ilacção necessária: - Confúcio foi a Key?
- Foi.
Bebemos vinho de ameixa; prestámos atenção à música; passámos de um para o outro um bocado de jade polido para refrescar as mãos.
Nunca conheci ninguém em nenhum país do Mundo que ocupasse um lugar como o de Confúcio no Reino do Meio. Por nascimento era o primeiro cavaleiro de Lu. Isto queria dizer que tinha precedência imediatamente a seguir aos ministros de Estado nobres. Não obstante era originário de uma família pobre. Dizia-se que o seu pai tinha sido um oficial subalterno do exército da família Meng. Tal como as outras famílias baroniais, os Meng dirigiam uma escola para os filhos dos seus clientes. Confúcio foi o melhor aluno de todos os tempos a frequentar essa escola. Estudou as Odes, as Histórias, O Livro das Mudanças; tornou-se perito no passado com o fim de poder ser útil no presente. Como filho do primeiro cavaleiro recebeu também treino militar. Provou ser um archeiro excelente até que a idade lhe enevoou os olhos.
Confúcio sustentava-se e à família - casara-se aos dezanove anos - trabalhando para o Estado. Creio que o seu primeiro emprego foi como amanuense nos celeiros do Estado. Devia ser de contas exactas pois, a seu tempo, subiu no funcionalismo público cujo topo, para um cavaleiro, é um posto como que atingiu no ministério da polícia.
É pouco dizer-se que Confúcio não era, de um modo geral, popular. De facto era odiado e malquisto não só pelos seus colegas funcionários como também pelos altos funcionários do Estado. A razão era simples. Ele era um chato. Sabia exactamente como e precisamente por que razão tudo devia ser feito e nunca era tímido na expressão das suas opiniões aos seus superiores. Não obstante, apesar de irritante, era um homem demasiado valioso para ser ignorado; e assim subiu até onde lhe era possível. Aos cinquenta e seis

anos era subministro da polícia, e devia ter parado aí. Tinha feito uma carreira bem sucedida no funcionalismo. Era venerado por todos ainda que não amado. Era a autoridade reconhecida sobre o império celestial dos Chou. Embora nada tivesse escrito, era o principal intérprete dos textos Chou. Dizia-se que tinha lido O Livro das Mudanças tantas vezes que a correia de couro que prende as páginas

de tiras de bambu teve de ser substituída uma dúzia de vezes. Ele tinha tanto desgastado o couro como dado cabo da paciência dos seus colegas da administração de Lu.
A certa altura Confúcio tornou-se mestre. Não consegui averiguar em que ocasião ou de que maneira começou. Deve ter acontecido gradualmente. À medida que ficava mais velho e mais letrado, os jovens vinham até ele com perguntas sobre isto ou aquilo. Aos cinquenta anos devia ter trinta ou quarenta discípulos a tempo inteiro, jovens cavaleiros Fan Ch'ih que o ouviam continuamente.
Embora não fosse diferente de um desses filósofos que vemos - ou melhor, que ouço em Atenas -, não aceitava dinheiro dos jovens e ao contrário do teu fogoso amigo Sócrates, não fazia perguntas para conduzir os jovens à sabedoria. Confúcio respondia a perguntas; e muitas das suas respostas eram provenientes de uma memória que era positivamente um arquivo. Sabia tanto toda a história escrita como a oral da dinastia Chou. Conhecia também a história dos antecessores dos Chou, os Shang. Embora muitos Cataios acreditem que Confúcio seja um sábio divino - um desses raros mestres enviados pelo Céu e que tanto mal fazem - o próprio Confúcio negava firmemente não só a divindade como a sagacidade. No entanto tornou-se tão célebre fora de Lu que homens de todas as partes do Reino do Meio o vinham visitar. Recebia toda a gente cortesmente; falava do que é e do que deve ser. Foi a sua descrição do que devia ser que lhe trouxe problemas.
Confúcio começou a vida como cliente da família Meng. Seguidamente recebeu um cargo da família Chi. Mas apesar do patrocínio das famílias baroniais, nunca deixou de lhes lembrar que tinham usurpado as prerrogativas dos duques. Ele queria esta situação corrigida, primeiro, pela restauração dos rituais Chou na sua forma original e, segundo, pela cedência dos poderes ilegais dos barões ao duque legítimo. Quando estas duas coisas estivessem feitas, o Céu ficaria satisfeito e o mandato seria concedido.
Uma conversa destas não deleitava propriamente os barões. Mas a família Chi continuou a tolerar o sábio. Além disso os Chi davam preferência aos seus discípulos. A verdade é que não tinham muita escolha: todos os confucianos eram soberbamente formados pelo

seu mentor em administração e na guerra. Por último, como Confúcio tentava manter a paz entre os Estados, os barões não podiam criticá-lo por isso - pelo menos abertamente.
Confúcio era enviado com frequência a conferências de paz, onde invariavelmente arrasava os outros participantes com a sua sabedoria celestial.

Às vezes era útil. Mas apesar dos seus anos de trabalho como administrador e diplomata, nunca aprendeu a ter tacto. O barão K'ang deu-me um exemplo célebre da falta de maneiras do sábio. - Pouco antes de se ter ido embora de Lu pela primeira vez, Confúcio assistiu a uma celebração no templo ancestral da nossa família. Quando viu que o meu pai tinha contratado sessenta e quatro dançarinas, ficou furioso. Disse que como o duque não podia permitir-se contratar senão oito dançarinas quando se dirigia aos seus antepassados, o meu pai não devia ter chamado mais do que seis. Oh, Confúcio ralhou ao meu pai, que muito se divertiu com isso!

A verdadeira história não foi tão divertida. Confúcio tinha dito muito claramente ao velho primeiro-ministro que dado que ele estava a usurpar flagrantemente a prerrogativa do soberano, sofreria a ira do Céu. Quando o barão disse a Confúcio que se metesse na sua vida, o sábio retirou-se. Ao sair da sala ouviram-no dizer: - Se este homem pode ser suportado, então quem não poderá ser suportado? -. Devo dizer que o meu avô nunca se atreveu a ir tão longe.

Confúcio tentou persuadir o duque Ting a desmantelar as fortalezas das três famílias baroniais. Sem dúvida, o duque tê-lo-ia feito se pudesse. Mas não tinha poder. Em todo o caso, ainda que por pouco tempo, os dois homens conspiraram contra as três famílias; e é relativamente certo que eram responsáveis pela revolta da fortaleza de Pi pertencente aos Chi. Provas? Pouco depois de o alcaide do Castelo de Pi fugir para Key, Confúcio demitiu-se de todos os seus cargos e saiu de Lu.

Sobre o que aconteceu em Key há várias versões. Mas todas coincidem em que tanto Yang Huo como o alcaide de Pi tentaram obter os serviços de Confúcio. Ambos prometeram derrubar as famílias baroniais e repor o duque no seu lugar legítimo; ambos pediram a Confúcio que fosse seu primeiro-ministro. Consta que Confúcio se deixou tentar pela oferta do alcaide. Mas nada disso foi avante porque Yang Huo e o alcaide nunca juntaram forças. Se o tivessem feito, Fan Ch'ih tem a certeza de que teriam corrido com os barões e reposto o duque. Mas os aventureiros suspeitavam tanto um do outro como suspeitavam dos barões.

Confúcio não ficou muito tempo em Key. Embora as suas discussões

com os dois rebeldes não fossem satisfatórias, o duque de Key ficou encantado com Confúcio e convidou-o a entrar para o governo. O sábio hesitou. Mas o primeiro-ministro de Key não estava disposto a ter um tal modelo de virtudes na sua administração e a oferta foi retirada.

Durante os anos seguintes Confúcio vagueou de Estado em Estado, à procura de emprego. Em nenhum momento quis ser professor profissional. Mas como na vida nós temos sempre aquilo que não queremos, era assediado por estudantes

potenciais onde quer que fosse. Jovens cavaleiros e mesmo até nobres estavam desejosos de aprender com ele. Embora parecesse falar da restauração dos antigos costumes para agradar ao Céu, Confúcio era na realidade o líder de um movimento extremamente radical cuja intenção era, muito simplesmente varrer a nobreza toda-poderosa e mais do que nunca proliferante para, mais uma vez, voltar a haver um Filho do Céu que contemplasse a sul os seus escravos leais, entre os quais uma clara maioria seria de cavaleiros altamente treinados na nova ordem confuciana.
Era este o pano de fundo do regresso de Confúcio a Lu aos setenta anos. Embora não fosse considerado como uma ameaça pessoal ao regime, as suas ideias perturbavam tanto os nobres que o barão K'ang decidiu pôr um fim às deambulações do sábio. Enviou-lhe uma embaixada em nome do duque. Implorava-se ao sábio que voltasse para casa; acenava-se-lhe com um alto cargo. Confúcio mordeu a isca. Estava agora a caminho de Lu, vindo de Wei.
- Esperemos - disse o meu anfitrião - que a nossa guerrazinha com Key tenha acabado quando ele chegar.
- Seja essa a vontade do Céu -, disse eu piamente.
- Vais ouvir falar muito de vontade do Céu a Confúcio -. Seguiu-se um longo silêncio. Eu retinha a respiração. - Tu vais ficar alojado aqui, perto de mim.
- A honra... -. Não me foi concedido concluir.
- E trataremos de que regresses, por todos os meios, à tua terra natal. Entretanto... -. O barão baixou o olhar para as suas mãozinhas lisas.
- Servir-te-ei de todas as maneiras, Senhor Barão.
- Pois.
Desta maneira, sem serem necessárias mais palavras, ficava combinado que durante a minha estadia em Lu eu espiaria Confúcio e faria os meus relatórios secretamente ao barão, que temia Yang Huo e o alcaide, suspeitava do comandante da sua própria guarda, Jan
461
Ch'iu, considerava irritante a força moral de Confúcio e das suas prédicas. Às vezes é sábio não fugires do que temes mas confrontares-te com ele. Tinha sido por esta razão que o barão mandara vir Confúcio. Queria conhecer o pior.

4

A CAPITAL DE LU LEMBRAVA-ME Loyang. É claro que todas as cidades cataias se pareciam mais ou menos umas com as outras. As mesmas ruas espantosamente estreitas e tortuosas, os mesmos mercados barulhentos, os mesmos parques calmos com os seus altares ao Céu, à chuva, à Terra. A cidade

de Ch'u-fu era mais antiga que Loyang e cheirava a madeira queimada, resultado de meio milénio de incêndios. Embora não o soubesse na altura, Lu era considerado um tanto atrasado por aqueles Estados ascendentes como Key, cuja capital era vista com a mesma admiração que Sardis era para nós. Não obstante, o duque de Lu era o herdeiro do lendário Tan, cujo nome está na boca de todos, mais ou menos como Ulisses é referido constantemente pelos Gregos. Mas enquanto Ulisses é famoso pela sua astúcia, Tan era assombrosamente nobre e altruísta, um modelo não só do perfeito governante cataio como sobretudo do perfeito gentil-homem - uma categoria inventada ou retomada por Confúcio. Embora a maior parte dos gentis-homens sejam cavaleiros, nem todos os cavaleiros são gentis-homens. O comportamento gentil ou correcto é o ideal confuciano. Descreverei o que isto é no lugar próprio.

Sempre que tinha uma coisa importante a dizer, Confúcio atribuía-a invariavelmente a Tan. Mas então costumava dizer, "eu não faço senão transmitir o que me foi ensinado. Nunca invento nada". Suponho que ele acreditava nisto e suponho que, de certo modo, isto podia ser verdade. Tudo foi já dito antes, e se uma pessoa conhece o passado escrito, pode sempre encontrar nele um pretexto digno para a acção - ou aforismo.

Duas semanas depois de me mudar para o palácio dos Chi, a guerra entre Lu e Key acabou. Jan Ch'iu e Fan Ch'ih tiveram uma vitória notável... ou seja, inesperada. Tinham mesmo conseguido tomar a vila de Lang, no lado da fronteira de Key. Foi noticiado que tanto Yang Huo como o alcaide de Pi foram vistos a combater no exército de Key contra os seus próprios nacionais. A este respeito, os

Cataios são como os Gregos. A lealdade para consigo próprio tem precedência sobre o patriotismo.

Demócrito interpela-me. Acaba de me perguntar por aqueles aventureiros persas que derrubaram Grandes Reis a quem tinham jurado obediência. Não há comparação. É verdade que nós tivemos o nosso quinhão de usurpadores. Mas não sou capaz de pensar num caso que seja em que um Persa de categoria insatisfeito se tenha juntado a um exército estrangeiro com o fim de invadir a sua terra natal.

Fui tratado como hóspede da família Chi; foi-me dado o título de hóspede. Fui também recebido na corte ducal. Embora o duque Ai não exercesse nenhum poder, o barão K'ang não só lhe dava a primazia perante ele próprio como o consultava quando se tratava de questões de Estado. Embora não haja nenhum caso registado de o barão ter seguido o conselho do duque, as suas relações eram superficialmente sem atritos.

Quando o vitorioso exército da família Chi regressou à capital, assisti a uma recepção aos heróis no Longo Tesouro, um edifício mesmo em frente ao palácio ducal. Como elemento do círculo do primeiro-ministro eu usei pela primeira vez o avental da corte - um curioso adorno de seda que cai num semicírculo abaixo de um cinto largo de couro a que estão afixadas as diversas insígnias da condição em ouro, prata, marfim e jade. Escusado será dizer que o meu cinto estava limpo, salvo um pequeno botão de prata, que me identificava como hóspede de honra.
Éramos umas cinquenta pessoas os que entraram atrás do barão K'ang no salão principal do Longo Tesouro. Anteriormente este edifício fora não só a casa-forte do tesouro como a morada dos duques. Quando o duque Chão tentou reaver os seus poderes legítimos, refugiou-se no Longo Tesouro. Mas os soldados das três famílias dominaram os guardas e pegaram fogo ao edifício. Chão escapou ao incêndio; o edifício, não. Houve bastante discussão sobre se se devia reconstruir ou não este símbolo do poder ducal. O barão K'ang acabou por dar autorização e no ano anterior à minha chegada a Lu, o Longo Tesouro ressurgiu das cinzas.
No lado norte do salão estava o duque Ai. Era um homem magro, bem parecido, com as pernas do caçador inveterado; ou seja, o tipo de pernas que se dobram obedientemente tendo em vista adaptar-se perfeitamente aos flancos do cavalo. Vestia uma túnica espampanante de azul e ouro, uma peça que outrora tinha pertencido ao lendário Tan.
As famílias Meng e Shu estavam já na sala, bem como a família

ducal e seus dependentes. Entre estes vi o carrancudo duque de Sheh. Pelo menos fuzilou-me quando me viu.
O barão K'ang fez uma vénia ao duque; desejou-lhe longa vida; cumprimentou-o pela sua vitória contra Key. Em seguida apresentou Jan Ch'iu ao duque, que respondeu com um discurso que era tão celestial e arcaico que eu pouco compreendi dele.
Enquanto o duque Ai falava eu examinei o comprido salão de tecto alto, uma réplica exacta do que tinha existido. Uma estátua alta, grosseira, do duque Tan estava em frente a Ai; fora isto, não havia mais nenhuma mobília a não ser os cortesãos. Com os seus trajos brilhantes eram um espectáculo encantador e o salão parecia mais um jardim na Primavera do que uma reunião de ambições sombrias.
Depois da alocução do Norte, houve música. E uma dança ritual. E grandes doses de vinho de milho miúdo, de que todos beberam em demasia. A certo ponto o duque retirou-se furtivamente - um triste sinal do poder perdido: o protocolo universal exige que ninguém abandone uma sala antes do soberano. Mas era o barão K'ang e não o duque Ai quem governava em Lu.

Logo que o duque saiu, as pessoas começaram a misturar-se. Houve muitas vénias, muitas encolhas, muitos passinhos. Achei sempre o protocolo cataio tanto ridículo como enervante. Por outro lado, Fan Ch'ih não ficou impressionado com a maneira como nós fazemos essas coisas em Babilónia.
Por fim, como previa, o duque de Sheh veio ter comigo. Tinha bebido demais. - Nem que eu viva dez mil anos...
- Rezo para que assim seja -, disse-lhe rapidamente, com vénias e encolhas como se estivesse na presença de um verdadeiro duque.
- Espero nunca mais encontrar tamanha ingratidão.
- Não podia fazer outra coisa, Senhor Duque. Estava prisioneiro.
- Prisioneiro -. Apontou para o botão de prata do meu cinto.
- Hóspede de honra! Tu... a quem salvei da morte certa... és um escravo. Meu escravo. Pago por mim. Alimentado por mim. Tratado como coisa humana por mim. Agora traíste o teu benfeitor, o teu salvador!
- Nunca! A minha gratidão é eterna. Mas o barão K'ang...
- ... foi enfeitiçado. Sei reconhecer os sinais. Bom, eu avisei o meu sobrinho, o duque. Ele tem-te debaixo do olho. Um passo em falso e...
Onde me teria levado esse passo em falso nunca o saberei porque Fan Ch'ih se meteu entre nós. - Caro amigo -, disse para mim.
- Senhor Duque -, disse para o meu antigo amo.

- Honra para ti por este dia -, murmurou o duque para Fan Ch'ih e afastou-se. Nunca mais o vi. Contudo tinha sido sincero quando lhe disse que lhe estaria grato para sempre por me ter salvo dos lobisomens.
Fan Ch'ih quis saber em pormenor tudo quanto me tinha acontecido. Contei-lhe tudo da melhor maneira que pude. Ele abanava constantemente a cabeça e murmurava: - Não está certo, não está certo - enquanto eu lhe contava as minhas inúmeras atribulações no Reino do Meio. Quando fiquei sem fôlego, disse: - Tu empenhaste-me para que eu voltasse para casa. Eu vou fazer tudo para tu voltares para casa. Eu vou fazer tudo para tu voltares à Pérsia. É uma promessa.
- O barão K'ang também prometeu ajudar-me, graças a ti.
A expressão de Fan Ch'ih era grave, uma expressão que raramente se vê naquela cara alegre. - Não vai ser fácil, claro. E não pode ser para já.
- Eu pensava apanhar um navio que fosse para Champa e...
- Não há muitos navios que saíam para Champa. E os poucos que saem raramente lá chegam. E os que chegam... bom, chegam sem passageiros.
- Navios piratas?
Fan Ch'ih fez que sim. - Serias roubado e lançado pela borda fora logo na primeira noite. Não. Terás de ir no teu próprio navio ou num navio do governo

com um carregamento. Infelizmente o Estado está sem dinheiro -. Fan Ch'ih abriu os dedos de ambas as mãos com as palmas para cima; depois virou-as, o gesto cataio que quer dizer vazio, nada, pobreza. - Primeiro, Yang Huo roubou quase todo o tesouro. Em seguida, houve o custo da reconstrução disto -. Indicou o comprido salão onde os cortesãos, como se fossem flores, tinham começado a dar semente. - E depois houve problemas diversos e agora por último esta guerra com Key, que conseguimos não perder -. Os Cataios deleitam-se nas meias verdades; e folgam no aparte críptico.
- Tiveste uma vitória maravilhosa. Acrescentaste território novo a Lu.
- Mas o que ganhámos não iguala o que perdemos. O barão K'ang vai ter que impor novos impostos. Isso quer dizer que vais ter de esperar que tenhamos dinheiro para te mandar para casa. No próximo ano talvez.
Fiz o melhor que pude para parecer contente. Na verdade estava desolado. Tinha saído da Pérsia há quase cinco anos.
- Por motivos egoístas, estou encantado em ter-te aqui -.

Fan Ch'ih sorriu; a sua cara parecia a lua de Outono. - Agora posso pagar-te tudo quanto fizeste por mim em Babilónia.
Respondi que não tinha feito nada, etc. Então perguntei-lhe: - Há algum banco em Lu semelhante ao Egibi e filhos?
- Não. Mas temos todo o tipo de mercadores, exportadores, capitães de mar, homens avarentos.
Não sei a que propósito foi mas o nome de Confúcio foi mencionado durante a conversa. Não me lembro em que contexto. Mas lembro-me muito bem de como os olhos de Fan Ch'ih brilharam subitamente de prazer: - Lembras-te de todas as histórias que te contei sobre o Mestre K'ung?
- Oh, sim, sim! Como poderia esquecê-las? -. O meu entusiasmo não era fingido. Tinha uma tarefa a cumprir.
Fan Ch'ih pegou-me no braço e conduziu-me por entre a multidão de cortesãos. Embora as maneiras deles fossem tão preciosas e refinadas como sempre, as suas vozes eram agora um tudo nada sonoras. Faziam em tudo lembrar a corte persa, com uma excepção: o governante cataio - ou neste caso os governantes - sai ao primeiro sinal de embriaguês enquanto o Grande Rei fica até ao fim. Devido a este antigo costume persa, Heródoto diz-nos agora que o Grande Rei só bêbedo é que toma as decisões políticas. Na realidade é precisamente o contrário. Todas as palavras que são ditas numa festa real em que se beba são registadas por um escriba e todas as ordens que o rei dá bêbedo são cuidadosamente passadas a pente fino à luz neutra do dia seguinte. As decisões que forem menos do que coerentes são tranquilamente esquecidas.

Segui Fan Ch'ih através do salão repleto. Reparei no barão K'ang que se escapulia por uma porta lateral. Tinha aceitado a vitória das suas tropas com a mesma equanimidade com que aceitava tudo. Em muitos aspectos era um modelo de governante. Admirá-lo-ei sempre por mais estranho que o achasse... e ao seu mundo.
Por baixo da estátua um tanto agourenta do duque Tan estava Jan Ch'iu, rodeado por uma dúzia de simpatizantes. Um rápido olhar disse-me que todos eram da classe dos cavaleiros, incluindo o próprio general. Fan Ch'ih apresentou-me ao seu comandante. Trocámos as formalidades habituais. Em seguida, com todo o decoro, Fan Ch'ih encaminhou-me na direcção de um velho alto e muito delgado de cara pálida, grandes orelhas, testa abaulada, barba rala e uma boca mais própria para as exigências dietéticas de uma lebre comedora de erva do que para um homem comedor de carne. Os seus dois dentes da frente eram tão compridos mesmo com a boca fechada, que as pontas amarelas se viam timidamente em repouso sobre o lábio inferior.

- Mestre K'ung, permite-me que te apresente o meu amigo da Pérsia, genro de dois reis e...
- Hóspede de Honra -, disse Confúcio com exactidão: tinha olhado para o meu cinto e visto o modesto símbolo da minha condição absolutamente ambígua.
- Primeiro Cavaleiro -, repliquei. Eu era agora um competente leitor de cintos.
Trocámos as formalidades habituais. Embora fosse meticulosamente correcto na maneira como falava, Confúcio dava uma impressão de franqueza absoluta. Há que conhecer a língua cataia para se ver até que ponto isso é difícil.
Depois fui apresentado a meia dúzia de discípulos do mestre. Eles tinham compartilhado do seu exílio. Agora estavam outra vez em casa. Pareciam todos muito satisfeitos com eles próprios, especialmente um velhinho todo curvado que não era senão o filho de Confúcio, mas que parecia da idade do pai. Não me lembro de nada de importância que tenha sido dito. A conversa foi inteiramente sobre a vitória de Jan Ch'iu, que este modestamente atribuiu aos ensinamentos de Confúcio. Penso que ele falava realmente a sério.
Alguns dias mais tarde Fan Ch'ih levou-me à casa do mestre, um edifício sem qualquer característica especial perto dos altares à chuva. Como a mulher de Confúcio tinha morrido há muito, quem tratava dele era uma filha viúva.
Durante a manhã Confúcio costumava falar com quem quer que viesse visitá-lo. O resultado era que num abrir e fechar de olhos, o pátio interior ficava tão cheio de jovens e não menos jovens que o mestre era obrigado a levar toda a gente para o bosque de amoreiras perto dos altares à chuva.
À tarde Confúcio recebia os amigos ou discípulos. Isto é, eram os mesmos

porque ele nunca deixava de ser o professor e os amigos nunca deixavam de ser discípulos. Faziam-lhe constantemente perguntas sobre política e religião, o bem e o mal, a vida e a morte, a música e o ritual. Geralmente ele respondia a uma pergunta com uma citação, com frequência do duque Tan. Então, se pressionado suficientemente, adaptava a citação à pergunta em questão.
Lembro-me vivamente da minha primeira visita à sua casa. Fiquei ao fundo do pátio interior. Entre o sábio e mim havia uma centena de estudantes sentados no chão. Como já disse atrás, Confúcio aceitava pouco ou nenhum dinheiro destes jovens. Gostava de dizer: "Nunca ninguém que quisesse instrução da minha parte se viu dela recusado, por mais pobre que fosse... mesmo que tudo quanto possa trazer seja um bocado de carne seca." Mas isto tinha um corolário. Ele não perdia tempo com estúpidos. "Ensino apenas aquele

que ferve de desejo, de entusiasmo, aquele que quer saber o que eu sei." Tratava tanto os estudantes como os discípulos por "pequenos" como se fossem crianças. Como eu apenas tinha uma vaga noção dos textos que Confúcio citava, não era propriamente um estudante ideal entusiasmado e a ferver. Contudo quando o mestre falava na sua voz lenta mas bastante aguda, dei por mim a escutá-lo atentamente, ainda que só compreendesse metade do que ele citava. Mas quando ele resolvvia interpretar um texto antigo, era tão claro como as águas do rio Choaspes.
Lembro-me de uma pergunta que lhe fez um jovem positivamente a ferver e superentusiasmado: - Se o nosso Senhor Duque pedisse ao Mestre K'ung para entrar para o governo, que faria o Mestre K'ung?
Fan Ch'ih segredou-me ao ouvido: - Isto pode ser uma pista.
Confúcio olhou durante um momento para o jovem. Depois citou uma máxima antiga qualquer. - "Quando procurado, vai; quando posto de lado, esconde-te."
Fan Ch'ih ficou deliciado com esta evasiva elegante. Eu não fiquei tão impressionado. Toda a gente sabia que Confúcio passara a sua vida a tentar encontrar um governante que o deixasse, no mínimo, governar o Estado; e na pior das hipóteses que ouvisse com atenção o seu conselho. Mesmo com setenta anos a ambição de governar do velho era tão forte como sempre.
- Poderias interpretar essa citação, Mestre? -. O jovem estava nervoso. Eu perguntava-me se o barão K'ang lhe tinha dito para fazer esta pergunta. - Muitos acreditam que te mandaram chamar para gerires o Estado.
Confúcio sorriu-se: tinha a maior parte dos dentes. - Meu pequeno, sei que pensas que te escondo qualquer coisa, um segredo qualquer. Acredita em mim, não tenho segredos. Se os tivesse, não seria eu.
- Excelente -, segredou-me Fan Ch'ih ao ouvido. Lembro-me de apenas mais um

diálogo dessa manhã. Um jovem
sério e apagado disse: - Na minha aldeia diz-se que tu és conhecido como sendo muito culto, mas perguntam-se por que razão tu nunca fizeste realmente nada no Mundo nem granjeaste um nome para ti próprio.
Os outros estudantes ficaram embasbacados. Fan Ch'ih ficou tenso. Confúcio riu-se. Estava genuinamente divertido. - Os teus amigos têm toda a razão. Nunca me distingui em coisa nenhuma. Mas nunca é demasiado tarde, não é? Começarei a praticar.
468
Hoje. Mas o quê? Tiro ao arco? Corrida de carros? Corrida de carros! Sim, entrarei nas corridas logo que esteja preparado -. Toda a gente se riu de alívio.
Nessa tarde estive outra vez com Confúcio. Desta vez apenas uma dúzia dos seus amigos mais íntimos estavam presentes. Ele pareceu não notar a minha presença. Lembro-me de pensar que talvez fosse verdade o que ele tinha dito sobre não ter segredos. Mas se havia segredos, era minha tarefa descobri-los e relatá-los ao barão K'ang.
Confúcio estava sentado numa esteira na sala de visitas. Era ladeado pelo seu discípulo mais velho, Tzu-lu, e pelo seu discípulo mais amado, o jovem mas doente Yen Hui. Ao fundo espreitava o seu filho precocemente envelhecido; em primeiro plano estava o seu neto Tze-ssu. Confúcio tratava o neto como se fosse o filho e o filho como se fosse um conhecido, porque o filho era idiota. Isto parece ser uma lei das famílias. O que quer que o pai seja, o filho não é.
Os discípulos especulavam abertamente sobre os planos do barão K'ang sobre Confúcio. E o mestre também: - Voltei porque me garantiram que eu era necessário e ser necessário é servir o Estado seja de que maneira for.
Yen Hui abanou a cabeça. - Por que razão desperdiçaria o mestre o seu tempo precioso com assuntos burocráticos? -. Quando Yen Hui falou a voz era tão baixa que tivemos todos de nos inclinar para a frente de orelhas postas. - Não é melhor que tu fales connosco, com os jovens cavaleiros que vêm ver-te, com os oficiais do Estado que te consultam? Por que razão deverias sobrecarregar-te com o ministério da polícia quando só tu podes explicar aos homens os costumes dos antigos e assim os conduzires ao bem?
- Tzu-lu respondeu a Yen Hui: - Ouviste o mestre dizer dez mil vezes: "Aquele que não tem uma posição no Estado não discute a sua política." Pois bem, o barão K'ang mandou vir Confúcio. Isso quer dizer que precisa dele. Isso quer dizer que esse estado de harmonia das coisas com que sonhamos desde o tempo dos Chou está próximo.
Seguiu-se uma longa discussão entre os dois pontos de vista. Confúcio escutava cada orador como se esperasse ouvir palavras de uma sabedoria arrasante. Que

claramente não estava abalado com o que ouvia, de modo nenhum parecia surpresa para ele. Tzu-lu era um velho feroz, de modo nenhum o tipo de pessoa que se liga a um sábio - ao contrário de Yen Hui, que era gentil, contemplativo, reservado.
Fan Ch'ih falou do grande apreço em que o barão K'ang tinha Confúcio; de facto, ainda recentemente, o primeiro-ministro tinha

mencionado a possibilidade de nomear Confúcio juiz do Supremo Tribunal de Lu. A maioria dos outros achava que isto seria uma honra correcta. Todos preferiram ignorar o facto de que como era só cavaleiro, Confúcio não podia ter nenhum dos grandes cargos públicos.
Finalmente quando falou, Confúcio não tocou directamente no assunto: - Como sabeis, quando tinha quinze anos decidi dedicar-me ao estudo. Aos trinta, tinha os pés firmemente plantados no chão. Aos quarenta, já não sofria de... perplexidades. Aos cinquenta, sabia quais eram os mandamentos do Céu. Aos sessenta, submeti-me a eles. Agora estou com setenta -. O mestre olhou para a borda da esteira sobre que estava sentado. Com todo o cuidado alisou uma ruga invisível para todos nós. Então ergueu o olhar. - Estou com setenta anos -, repetiu. - Posso seguir os ditames do meu coração porque o que desejo já não ultrapassa os limites do que está certo.
Ninguém sabia bem como interpretar isso. Como veio a suceder, ninguém a isso era obrigado porque nesse momento Jan Ch'iu entrou na sala com a notícia de que: - "O nosso senhor gostaria que o mestre comparecesse perante ele no palácio."
A facção Tzu-lu ficou encantada. Tinha a certeza de que Confúcio iria ser nomeado para um cargo público. Yen Hui parecia triste. Mas então todos ficaram tristes quando Jan Ch'iu acrescentou: - Quero dizer o nosso senhor, o duque Ai.
Confúcio sorriu para os seus discípulos, consciente da desilusão que tinham tido. - Meus pequenos - disse docemente - se de todo o Livro dos Cânticos tivesse de tirar uma só frase que cobrisse todo o meu ensinamento, diria: "Não deixes que haja mal nos teus pensamentos."
Eu raramente via o barão K'ang em privado. Como a vitória contra Key tinha exaurido o tesouro nacional, os dias do primeiro-ministro eram gastos na concepção de novos e engenhosos impostos que os igualmente engenhosos cidadãos de Lu geralmente tratavam de evitar pagar. Isto lembrava-me o custo ruinoso das guerras gregas que forçaram Dário a impor impostos tão altos que o Egipto se revoltara.
Finalmente, depois de vários encontros com Confúcio, apresentei o meu relatório directamente ao barão K'ang no Longo Tesouro. Encontrei-o sentado à cabeça de

uma grande mesa coberta de tiras de bambu, nas quais estavam ordenadas as contas do Estado. Numa segunda mesa, os amanuenses faziam e refaziam outras tiras; faziam anotações; somavam e subtraíam. Por trás do barão, a estátua do duque Tan fitava o tecto.
470
- Perdoa-me -, disse o barão, não se levantando. - Hoje é o dia de verificarmos o inventário do Estado. Um dia desanimador, parece-me.
No Catai, como na índia, cada Estado mantém reservas de trigo. Quando há escassez, as reservas são postas à venda com um pequeno lucro. Em tempos de abundância, o trigo é mantido fora dos mercados. Armas, alfaias agrícolas, tecidos, carroças, bois e cavalos são também mantidos pelo Estado não só como bens para venda quando necessário mas como reservas para os tempos difíceis ou interessantes. Não era nenhum segredo que em Lu havia agora escassez de tudo, incluindo cunhagem de moedas, as quais não estavam a ser tão bem recortadas como deviam.
Ao avançar em bicos de pés, de ombros encolhidos, a cabeça a abanar de humildade e incredulidade fingidas - a forma tradicional de uma pessoa se aproximar de um alto funcionário - o barão fez-me sinal para me sentar ao lado dele num banco baixo.
- Hóspede de Honra, os teus dias não são demasiado tristes, espero, nesta cidade miserável -. Os Cataios podem falar assim durante horas seguidas. Felizmente o barão K'ang nunca emitia estes sons convencionais durante mais de um momento de cada vez; geralmente era directo e prático. Não era diferente de Dário - isto é, Dário o bufarinheiro. E não Dário, o Grande Rei.
- Viste Confúcio quatro vezes.
Fiz que sim, de modo nenhum surpreendido por ter sido espiado.
- O duque Ai recebeu-o por várias vezes, o que é muitíssimo conveniente.
- Mas tu não o recebeste, Senhor Barão -. Pus a pergunta na forma de uma afirmação, uma útil arte persa até aí desconhecida no Reino do Meio.
- A guerra -. O barão indicou com um gesto os amanuenses na outra mesa comprida. Isto queria dizer que ainda não tinha falado em privado com Confúcio.
- A minha impressão é que ele pensa que o mandaste vir para o usares.
- A minha impressão é também essa -. O barão tinha uma expressão muito solene, sinal seguro de que estava divertido. Durante os meus três anos em Lu, cheguei a ser capaz de ler no seu rosto com a maior das facilidades. Compreendíamo-nos perfeitamente. Também fui levado a compreender, desde o princípio, que ia ter que trabalhar muito duramente pela minha libertação desta gaiola encantadora.

Fiz o meu relatório. Repeti tudo quanto Confúcio tinha dito de

interesse e quase tudo o que Fan Ch'ih disse sobre o mestre. Quando acabei o barão disse: - Tens de o interessar em ti.
- Não estou certo de que seja possível -. Permiti-me um sorriso proibido. Na presença de um superior, o cortesão deve sempre parecer humilde e apreensivo - o que de modo nenhum é difícil em qualquer das instáveis cortes do Catai.
O génio da dinastia Chou tinha sido o de mitigar a natureza destrutiva do homem através de intrincados rituais, observâncias, maneiras e música. Um homem da corte deve conhecer e agir segundo trezentas regras de grande cerimonial. A esteira onde se senta deve estar lisa, os lençóis da cama devem ter uma vez e meia o comprimento da pessoa que nela dorme, os nomes verdadeiros dos mortos recentes não devem ser mencionados, etc. Somando-se às trezentas observâncias maiores, o verdadeiro cavalheiro deve conhecer também e ser capaz de praticar as trezentas menores. Passar o tempo com um cavalheiro cataio verdadeiramente escrupuloso é uma experiência muitíssimo perturbante para um estrangeiro. O teu companheiro está sempre a fazer gestos misteriosos da mão enquanto ergue os olhos para o Céu ou os põe na terra, para não falar já de rolar os olhos de um lado para o outro, murmurar orações, ajudar-te quando não é necessária nenhuma ajuda ou deixar-te cair quando uma certa ajuda podia ser útil. Mesmo os silêncios do barão, as suas exclamações cípticas, usos ou não usos dos músculos faciais faziam todos eles parte do código do nobre, algo modificado para a compreensão de um estrangeiro. Contudo quando homens de poder estão juntos - em qualquer lado da Terra - tendem a ignorar muitas das amenidades que exibem para o público. Dário cuspia sempre em privado; e ria-se como um soldado.
- Tens de o interessar -. Deste modo o barão ordenava-me que espiasse directamente Confúcio.
- Que assuntos devo... para o interessar? -. Deste modo eu aceitava a minha comissão.
- És neto de um sábio divino. Isso interessá-lo-á -. Após uma longa e aborrecedora listagem de assuntos ditos interessantes, o barão chegou aonde queria. - O assunto de Key interessa-o profundamente, e a mim também. Acredito que dentro de muito pouco tempo teremos notícias invulgares de Key. Quando chegarem, não faço ideia de qual será a sua reacção. Afinal, ele é íntimo do duque Chien. Esteve muitas vezes na companhia do alcaide de Pi...
- Esse traidor! -. Eu senti-me devidamente ultrajado.
- Para lhe dar o seu nome próprio, sim. Sei também que o alcaide se ofereceu para fazer de Confúcio primeiro-ministro de Lu se Confúcio o ajudasse a trair a

sua terra natal.
472
Fiquei, pela primeira vez, intrigado. - Confúcio aceitou?
- Isso é o que tens de descobrir. O que é certo é que o alcaide argumentou fortemente a favor da devolução, assim o disse ele, de todo o poder ao duque de Lu, que nunca... como sabemos... perdeu uma centelha daquele verdadeiro poder que lhe foi dado pelos antepassados celestiais -. A convicção de que o governante hereditário é todo-poderoso é central nas trezentas observâncias rituais de um cavalheiro. Tudo quanto o ditador fazia fazia-o em nome do duque Ai.
- Foi essa a causa da guerra? A restauração, como eles falsamente lhe chamam, do duque?
- Sim. O alcaide persuadiu o duque Chien de que esta era a altura de atacar. Naturalmente Key gostaria de nos enfraquecer ou até de nos absorver. Mas então, há cerca de um ano, Confúcio atravessou o rio Amarelo e instalou-se em Wei. Não sei porquê. Gostaria de saber porquê. Tinha rompido com o alcaide, como tende a romper com toda a gente? Ou foi uma manobra para nos levar a pensar que não tinha nenhuma ligação com os nossos inimigos em Key ou com esta guerra?
Nunca tinha visto o barão falar assim tão directamente. Fui igualmente directo. - Pensas que Confúcio é um agente secreto do alcaide?
- Ou do duque Chien. Mas, mesmo que o fosse, não teria importância a não ser pelo facto - (o barão olhou-me a direito nos olhos, uma coisa que um cavalheiro cataio nunca deve fazer) - de os seus discípulos ocuparem posições em todos os ministérios do nosso governo. O meu melhor general é um confuciano convicto. O teu bom amigo e meu segundo intendente, Fan Ch'ih, daria a vida pelo mestre. Bom, eu preferia que não houvesse que dar vidas. Compreendes-me ?
- Sim, Senhor Barão.
O medo do barão K'ang era que os confucianos do seu governo, combinados com as forças do duque Chien, o pudessem derrubar, especialmente agora que lhe faltavam os recursos para travar uma segunda guerra. O barão tinha trazido Confúcio para casa não só para o ter debaixo de olho mas para o neutralizar se houvesse uma nova guerra. Em certo sentido para o barão eu era o agente ideal. Era bárbaro: não devia obediência a ninguém a não ser ao barão, que só ele tinha o poder de me enviar para o meu país. Embora ele não confiasse em mim mais do que eu confiasse nele, nenhum de nós tinha muita escolha no assunto. Aceitei a comissão de boa-fé. Tornar-me-ia interessante para Confúcio - o que não era a mais
473

fácil das tarefas, pois que o mundo exterior aos quatro mares não interessa aos Cataios. Felizmente Confúcio mostrou ser único. Era fascinado pelo mundo dos quatro bárbaros: isto é, os que vivem a norte, sul, leste e oeste do Reino do Meio. De facto, sempre que desanimava, costumava dizer: "Acho que me meto numa jangada e vou a flutuar até ao mar." Esta é a fórmula cataia de ir viver como um selvagem para qualquer parte do mundo selvagem e não civilizado.
- Como - perguntei ao barão K'ang - hei-de conseguir falar com ele a sós?
- Leva-ao à pesca -, disse o Barão, voltando à triste tarefa de tentar salvar um Estado à beira da bancarrota.
Como sempre o barão estava certo. Confúcio tinha a paixão da pesca. Não me lembro exactamente de como foi que consegui que ele fosse comigo até ao riacho que atravessa o bosque de salgueiros logo a norte dos altares da chuva, mas numa manhã cheia de luz do princípio do Verão lá estávamos os dois, sozinhos, cada um com a sua cana de bambu, linha de seda, anzol de bronze, cacifo de vime. Confúcio nunca pescava com rede. - Que prazer pode haver nisso? - costumava perguntar. - A não ser que a tua subsistência dependa de apanhares tantos peixes quantos puderes.
Vestindo uma túnica acolchoada velha, Confúcio sentou-se de pernas cruzadas na relva húmida da margem. Eu sentei-me ao lado numa pedra. Ainda me lembro de como a superfície prateada do rio lento reflectia a luz do Sol. Ainda me lembro de que o Céu branco e primaveril nesse dia tinha não só um sol enevoado como também uma meia lua que parecia o crânio de um fantasma.
Tínhamos o rio só para nós. A propósito, esta foi a primeira vez que pude observar o mestre sem os seus discípulos. Achei-o muitíssimo simpático, e de modo nenhum sacerdotal. De facto ele só era antipático quando algum poderoso se comportava de modo incorrecto.
Confúcio revelou-se um mestre pescador. Logo que um peixe mordia a isca e ficava preso, ele fazia deslocar o fio de um lado para o outro; era como se o fio fosse movido não por uma mão mas pela própria corrente do rio. Então, no momento exacto, dava um sacão na cana.
Depois de um longo silêncio disse ele: - Se ao menos pudéssemos continuar assim sempre, com isto, dia após dia.
- À pesca, Mestre?
O velho sorriu. - Isso também, Hóspede de Honra. Mas estava a referir-me ao rio, que nunca passa, que é sempre assim.

- O Mestre Li disse que tudo é já uma parte do sempre assim -. Não há melhor maneira de fazer com que um homem abaixe a guarda do que falar-lhe dos seus rivais. Mas Confúcio não se deixaria arrastar para o assunto do Mestre Li. Em

vez disso perguntou-me pelo Senhor da Sabedoria. Respondi com a minha delonga habitual. Ele ouviu-me sem se comprometer. Fiquei realmente com a impressão de que estava mais interessado na vida quotidiana de um bom Zoroastrista do que na guerra entre a Verdade e a Mentira. Além disso tinha curiosidade pelos diversos sistemas de governo que eu encontrara nas minhas viagens. Falei-lhe de tudo quanto sabia.
Achei Confúcio um homem muitíssimo impressionante apesar do facto de não poder apreciar a vasta cultura por que ele era venerado no Reino do Meio. Como eu não conhecia nada dos rituais, das odes, das histórias que ele se devotara a decorar, não podia deliciar-me com a facilidade com que ele citava dessas obras antigas. De facto, nem sempre conseguia ver quando é que ele estava a citar e quanto estava a extrapolar de um texto antigo. Regra geral ele falava com bastante simplicidade, ao contrário de tantos Gregos que tornam os assuntos simples difíceis por meio da sintaxe e então, triunfantemente, esclarecem o que tinham conseguido obscurecer com uma sintaxe ainda mais complicada.
Fiquei espantado ao descobrir com que frequência este sábio tradicionalista divergia das opiniões convencionais. Por exemplo, quando lhe perguntei o que tinham dito os últimos augúrios da carapaça da tartaruga ele disse: - A carapaça pediu para voltar a ser unida à tartaruga.
- Isso é um provérbio, Mestre?
- Não, Hóspede de Honra, uma piada -. E mostrou completamente os seus dois dentes da frente num sorriso. Como tantas pessoas cujos dentes são tortos, ele sofria de problemas de estômago - pelos quais era muito admirado. No Catai, uma perturbação constante e sonora dessa parte do corpo significa uma mente superior sempre em actividade.
Confúcio discutiu a pobreza do Estado. - Ainda ontem o duque Ai me perguntou o que devia fazer. De modo que perguntei-lhe se o Estado tinha recebido as décimas deste ano e ele disse que sim, mas que a guerra tinha custado tanto que não sobrou nada.
- As décimas têm de ser aumentadas -, disse eu, lembrando-me da figura mal-humorada do barão atarefado no Longo Tesouro.
- Mas isso seria muitíssimo incorrecto - disse Confúcio - e injusto. Afinal, se na bonança o governante está disposto na

bonança a distribuir a abundância, então devia estar disposto nos tempos difíceis a aceitar o facto de que não vai ter tanto para gastar como gostaria.
Relatei este comentário ao barão porque pensei que podia significar que Confúcio estava desejoso de enfraquecer o Estado em caso de ataque da parte de Key. O barão achou isso possível mas inverosímil. - Ele sempre teve essa

opinião. Pensa que o povo deve ao Estado uma parte fixa dos seus rendimentos e nada mais; e irrita-se sempre que um governo altera o que ele acha que é um contrato sagrado.
Confúcio falou-me de um sábio que conhecera na sua juventude. Aparentemente esse estadista - era primeiro-ministro de um dos ducados menos poderosos - tinha reunido e conformado todas as leis do Reino do Meio e tinha-as inscrito em bronze, tal como Dário quando nos deu o nosso código de leis. Esse sábio - Tzu-Ch'an de seu nome - elaborou também uma série de disposições económicas para horror dos conservadores. Mas as suas reformas revelaram-se tão eficazes que hoje ele é um dos Cataios modernos mais admirados. Com certeza que Confúcio foi generoso no seu elogio do seu mentor. - Tzu-Ch'an tinha as quatro virtudes do perfeito cavalheiro -. Um peixe puxou a linha do mestre. Delicadamente, ele balançou a cana no sentido da corrente; então, com mais força, no sentido contrário. - Está fisgado -, disse, todo contente.
- Quais são as quatro virtudes? - perguntei. A leste do rio Indo é tudo numerado.
Confúcio, enquanto recolhia o fio, anunciou essas preciosas qualidades: - O perfeito cavalheiro é cortês na vida privada. É minucioso nos seus tratos com o príncipe. Dá à gente do povo não só o que lhe é devido mas mais. Finalmente, é absolutamente justo nos seus tratos com os que o servem e com o Estado.
- Tzu-Ch'an parece ser um sábio divino -. Fui educado. Na verdade o sábio parecia-me mais um daqueles mestres do lugar comum que são sempre citados até à náusea pelos estúpidos.
Confúcio deixou o peixe cansar-se na borda do rio. - Duvido que alguma vez vejamos um sábio divino no nosso tempo. Mas podemos sempre esperar encontrar um perfeito cavalheiro.
- Tu és considerado um perfeito cavalheiro, Mestre. Ou até mais do que isso -. Eu falava para ele como para um governante.
Mas Confúcio não parecia levar-se a sério, como a maior parte dos homens eminentes. - O que sou considerado ser e o que sou são duas coisas diferentes. Tal como o peixe, que é uma coisa na água e outra no prato. Sou um professor porque ninguém me permitirá dirigir os negócios do Estado. Sou como a cabaça amarga:

penduram-me na parede como decoração, mas não me usam-. Ele disse isto sem nenhum azedume aparente. Então tirou o peixe para terra, uma perca razoável. Com gestos hábeis tirou o anzol ao peixe, lançou-o no cacifo, preparou outra vez o anzol com isca e lançou a linha - tudo isto no tempo que leva uma pessoa vulgar a elaborar a resposta a uma pergunta cuja resposta é conhecida.

Quando gabei a Confúcio a sua habilidade como pescador, ele riu-se e disse: - Eu não ocupo cargos importantes. Por isso é que tenho tantas habilidades.
- Diz-se que o duque de Key te ofereceu um cargo importante.
- Isso foi o duque velho. E foi há muitos anos. Ultimamente falei com o filho dele. O duque Chien é um homem sério. Mas eu não tenho influência em Key.
- Ninguém duvida, Mestre -. Começava a cumprir a comissão do barão K'ang. Ao mesmo tempo fisguei um peixe.
- Porque é que ninguém duvida, Hóspede de Honra? -. Confúcio era um dos poucos sábios que fazem realmente perguntas para saber o que não sabem. Regra geral, os sábios deste Mundo preferem prender o ouvinte com perguntas cuidadosamente preparadas tendo em vista obter respostas que reflictam as opiniões imutáveis do sábio. Isto é muito fácil, como observaste ainda há dias, Demócrito, quando obriguei Sócrates a responder às minhas perguntas. Nesta escuridão em que estou perpetuamente posso ouvir o teu sorriso. Bom, tu um dia verás que tenho razão. A sabedoria não começou na Ática, embora ainda possa acabar cá.
- Devido à guerra recente, Mestre, à qual te opuseste.
- Eu não estava em Key quando a guerra começou -. Confúcio olhou para a minha linha tensa. - A favor da corrente, sem forçar - aconselhou. Movi a cana mas forcei; e perdi o peixe. - Que pena -, disse ele. - É só um toquezinho muito leve. Bom, mas eu também pesquei neste rio toda a minha vida. Conheço a corrente. Surpreende-me que alguém possa pensar que eu teria encorajado a guerra -. Confúcio sabia exactamente o que é que eu andava a pescar. Ninguém o enganava no seu próprio terreno, de modo que nem tentei.
Fui directo: - Pensa-se que tu querias que o alcaide do Castelo de Pi repusesse o duque no poder.
Confúcio fez que sim; e largou a linha. - É verdade que falei com o alcaide. É verdade que ele me ofereceu um cargo. É verdade que lhe disse que não. Ele é um aventureiro e não é sério -. O velho olhou para mim de repente. Os seus olhos eram mais claros do que os da maioria dos Cataios. - Também é verdade que não

haverá um equilíbrio perfeito entre o Céu e a Terra enquanto não restaurarmos as cerimónias, a música, as maneiras e a dinastia dos antigos. Vivemos tempos difíceis porque não somos bons. Diz isto ao barão K'ang -. Não o perturbava que eu tivesse sido mandado espiá-lo. Com efeito ele utilizava-me como meio de comunicar com o primeiro-ministro.
- O que é a bondade, Mestre?
- Aquele que se submete ao ritual é bom -. Uma nuvem de mosquitos envolveu-

nos. - Não te mexas -, disse ele. - Eles vão-se embora -. Ficámos imóveis, sentados. Os mosquitos não se afastaram. Dei por mim a respirar mosquitos. Mas o mestre ignorava-os. - Um cavaleiro ou um governante - (Confúcio voltou a mostrar os dois dentes da frente num sorriso) - podem ser a mesma coisa. como sabes, não deve fazer nada que vá contra o ritual. Deve tratar seja quem for da mesma maneira cortês. Não deve fazer nada aos outros que não gostasse que lhe fizessem.
- Mas certamente quando um governante condena um homem à morte por um crime, está a fazer uma coisa que não gostaria que lhe fizessem.
- Provavelmente o homem que é condenado à morte pôs-se contra o ritual. Cometeu uma má acção aos olhos do Céu.
- Mas supõe que ele serve o seu país numa guerra -. Nesta altura tanto eu como Confúcio lutávamos já contra os mosquitos. Ele servia-se do seu leque; eu usava o meu chapéu de palha de aba larga. Por fim os mosquitos começaram a partir em grupos, tal como unidades militares.
- A guerra implica um conjunto diferente de rituais. É quando uma nação está em paz que o bom governante deve estar vigilante e evitar as quatro coisas feias. Outra vez os números! Como era de esperar que eu perguntasse o que eram as quatro coisas feias, perguntei. Entretanto, o último dos absolutamente feios mosquitos tinha-se ido embora.
- Primeira, condenar um homem à morte sem primeiro lhe ter ensinado o que está certo; esta chama-se selvajaria. Segunda, esperar que uma tarefa esteja pronta numa data determinada, sem primeiro ter dado aviso ao operário; isto é opressão. Terceira, ser vago nas ordens dadas e ao mesmo tempo esperar meticulosidade; isto é ser perseguidor. E última, dar de má vontade a uma pessoa o que é seu de direito; isto é desprezível e mesquinho.
Como dificilmente se podia negar a fealdade destas coisas, não fiz comentários. Ele também não os esperava. - Que entendes precisamente por ritual, Mestre? -. O termo ritual é usado constantemente

no Catai e significa mais do que uma simples observância religiosa.
- Os ritos antigos de Chou purificam-nos enquanto o sacrifício aos antepassados une a Terra ao Céu numa harmonia perfeita se o governante for bom e os ritos forem realizados com exactidão.
- Em Loyang assisti às cerimónias ancestrais. Creio tê-las achado confusas. Confúcio tinha fisgado outro peixe. A cana de bambu dobrou-se num arco. O peixe era pesado mas a mão do pescador era leve. - Quem quer que compreendesse todos os sacrifícios ancestrais poderia lidar com tudo que existe debaixo do Céu tão facilmente como eu... pesco - (com um puxão forte Confúcio

fez passar por cima das nossas cabeças um gordo sargo. Rimo-nos os dois de prazer. É sempre agradável ver fazer qualquer coisa maravilhosamente bem) - este peixe -. Enquanto Confúcio concluía a frase, o peixe caiu num tufo de lilazes. Fui lá buscá-lo para o mestre, que disse: - Todas as cerimónias ancestrais são um pouco como pescar peixes. Um puxão demasiado forte e partes a linha ou a cana. Um puxão demasiado fraco e perdes o peixe... e também a cana.
- Então ser-se bom é agir de acordo com a vontade do Céu.
- Claro -. O velho guardou a sua última conquista.
- O que é o Céu?
Confúcio levou mais tempo a iscar o anzol do que habitualmente. Só respondeu quando a linha estava outra vez lançada. Reparei que a Lua que se via à luz do dia tinha desaparecido. O Sol estava agora oblíquo no Céu branco.
- O Céu é o dador da vida e da morte, da boa e da má sorte -. Ele sabia que não tinha respondido à minha pergunta. Eu não disse nada. Continuou: - O Céu é onde mora o antepassado original. Quando sacrificamos ao Céu, é a ele que sacrificamos.
Fisguei uma enguia. Achei que a minha enguia escorregadia era uma excelente imagem de Confúcio a falar do Céu. Ele não foi preciso... pela excelente razão de que acreditava tanto no Céu como no dito antepassado supremo, ou seja, nada.
Confúcio era ateu. Tenho a certeza. Mas acreditava no poder do ritual e da cerimónia tal como concebidos pela mais do que morta dinastia Chou porque era um adepto da ordem, do equilíbrio, da harmonia nos assuntos humanos. Como a gente vulgar acredita em todas as espécies de deuses-estrelas e como a classe governante acredita na sua descendência directa de uma série de antepassados celestiais que a vigiam do Céu, Confúcio lutava por usar essas crenças antigas a fim de criar uma sociedade harmoniosa. Realçava a

dinastia Chou porque - à parte o encanto das admonições do duque Tan - o último Filho do Céu foi um Chou. Logo, para criar um Reino do Meio unificado, era necessário encontrar um novo Filho do Céu, de preferência dessa família. Mas como Confúcio temia, com razão, a emergência de um governante errado, realçava constantemente o que afirmavam serem as virtudes da velha dinastia. Embora eu esteja relativamente certo de que ele inventava muito do que dizia, Fan Ch'ih jurou-me que Confúcio não fazia mais do que interpretar textos autênticos. Ao que respondi: - Então interpreta-os apenas para satisfazer situações do momento -. Fan Ch'ih não via nada de mal nisto.
Quando lhe contei a piada de Confúcio sobre a carapaça da tartaruga, ele franziu o sobrolho. - Isso foi incorrecto.

- Porquê?
- A arte da adivinhação tem origem nos antepassados. Eles deram-nos também O Livro das Mudanças, que o mestre venera.
- No entanto ele sorriu.
Fan Ch'ih parecia infeliz. - Não é segredo nenhum que o mestre não se interessa tanto pela adivinhação como devia. Na verdade, diz-se que ele disse que um homem faz o seu próprio futuro obedecendo às leis do Céu.
- Que ele não acredita que exista.
Fan Ch'ih estava chocado. - Se pensas que sim, não o compreendeste. Mas claro, tu és bárbaro -. Fez uma careta alegre. - Serves esse tal deus que criou o mal para ter uma desculpa para torturar as suas outras criaturas.
Não dignifiquei esta blasfémia com uma resposta.
Tanto quanto sei, Confúcio era o único Cataio que não se interessava absolutamente nada por fantasmas, demónios, o mundo dos espíritos. Quase se podia pensar que ele não acreditava nisso. Questionei-o várias vezes sobre este assunto, mas nunca tive uma resposta satisfatória.
Do que me lembro é que quando tentava tirar a enguia do anzol perguntei a Confúcio: - E os mortos? Para onde vão? São julgados? Voltam a erguer-se? Ou voltam a nascer? -. As contorções da enguia não me permitiam tirar o anzol da sua mandíbula. - Não há algum mérito em fazer o bem, o qual será recompensado no Céu? E se não há, então por que razão...
- É melhor deixares-me tirar essa enguia -, disse o mestre. Com um gesto hábil, o velho soltou a enguia e meteu-a no cacifo. Em seguida limpou as mãos na erva. - Até que ponto - perguntou - conheces a vida?
480
- Não sei se entendi bem a pergunta. Conheço a minha vida. Viajei por países estranhos, conheci todo o tipo de povos...
- Mas não conheceste todas as raças, todos os homens?
- Claro que não.
- Então, Hóspede de Honra, como ainda não compreendes a vida, como podes compreender a morte?
- Tu compreendes a vida, Mestre?
- É claro que não. Sei algumas coisas. Gosto de estudar. Tentei compreender este Mundo. Ouço toda a gente. Ponho de lado tudo quanto parece duvidoso e sou prudente quanto ao resto.
- Não acreditas na revelação divina?
- Como, por exemplo?
Falei-lhe da vez em que tinha ouvido a voz do Senhor da Sabedoria. Descrevi-lhe também a visão de Pitágoras, a iluminação do Buda, as experiências

sobrenaturais dos nossos Magos - reconhecidamente provocadas pelo haoma, mas apesar disso verdadeira visão. O velho escutou, e sorriu... ou deu essa impressão: as pontas dos dois dentes da frente eram sempre visíveis. Devido a isso, a expressão habitual de Confúcio era de divertimento amável.
Quando acabei, Confúcio enrolou a linha e impecavelmente guardou o carreto. Fiz o mesmo, menos impecavelmente. Durante um momento pensei que ele se tivesse esquecido do que estávamos a falar. Mas ao pôr-se em pé, com uma certa ajuda da minha parte - ele tinha as articulações perras - o mestre disse, muitíssimo por acaso: - Já ouvi muitas histórias como as que me contaste e costumava ficar tremendamente impressionado com elas. Tanto que, por fim, decidi que tinha chegado a altura de eu tentar a meditação. Passei um dia inteiro sem comer e uma noite inteira sem dormir. Concentrei-me totalmente. E então que julgas que aconteceu? -. Pela primeira vez dirigia-me informalmente. Tinha sido aceite.
- Não sei, Mestre.
- Nada. Absolutamente nada. A minha mente era um branco total. Não vi absolutamente nada. Não compreendi absolutamente nada. Por isso é que penso que é melhor estudar as coisas reais deste mundo real.
Caminhávamos lentamente através das árvores logo por trás dos altares. Confúcio era reconhecido e saudavam-no todos os passantes; ele respondia com bonomia, cortesmente, distantemente.
à frente dos altares apareceu de repente um cavaleiro abrutalhado: - Mestre -. Cumprimentou em êxtase Confúcio.
- Tzu-Kung -. Os cumprimentos do mestre foram correctos; mas mais nada.
481
-Tenho uma grande novidade!
- Diz-nos qual é.
- Lembras-te de quando te perguntei se havia um preceito que eu devesse e pudesse seguir todo o dia e todos os dias?
Confúcio fez que sim. - Lembro-me sim. Eu disse-te: "Nunca faças aos outros aquilo que não queiras que te façam a ti."
- Isso foi há mais de um mês e hoje, graças a ti, Mestre, o que não quero que os outros me façam, não tenho nenhum desejo... acredita-me! ... absolutamente nenhum desejo de lho fazer!
- Meu caro - disse Confúcio, dando palmadas no braço de Tzu-Kung - ainda não chegaste bem a esse ponto.

Fiz o meu relatório ao barão K'ang. Não sei que impressão lhe causou o relato desta primeira conversa com Confúcio. Ele escutou gravemente; depois pediu-me que me lembrasse de tudo quanto o que tinha sido dito sobre o ex-alcaide de Pi. Parecia mais interessado nele do que no duque de Key.
Quando me atrevi a dizer que achava muito inverosímil que um homem como Confúcio alguma vez tentasse derrubar um Estado, o barão K'ang abanou a cabeça. - Tu não conheces este grande homem tão bem como nós. Ele reprova a ordem vigente. Sabes o que ele disse sobre o meu querido pai, o primeiro-ministro hereditário: "Se este homem pode ser suportado, então tudo pode ser suportado." Isto foi dito abertamente, antes do primeiro exílio.
- Por que é que o teu pai o não condenou à morte?
O barão fez rolar a mão no ar. - Por ele ser Confúcio aturamos-lhe o seu mau temperamento. Aliás, ele conhece a via do Céu. Por conseguinte temos de honrá-lo. Mas também temos de o ter debaixo de olho.
- Com setenta anos, Senhor Barão?
- Mas, claro. Os anais do Reino do Meio estão cheios de velhos perversos que tentaram destruir o Estado -. Então o barão disse-me que eu iria ensinar os metalúrgicos do Estado a fundir o ferro. Deveria também ver Confúcio tão frequentemente quanto possível e fazer relatórios regulares. O barão concedia-me acesso diário à sua pessoa, o que queria dizer que podia frequentar a sua corte sempre

que me apetecesse. Por uma razão qualquer nunca fui aceite nas recepções quer da família Menge quer da família Shu. Mas fui sempre bem recebido na corte ducal.
Foi-me atribuído um salário modesto, uma casa agradável embora fria perto da fundição, dois criados e duas concubinas. As mulheres cataias são de longe as mais belas do Mundo e as mais subtis na arte de satisfazerem os homens. Fiquei completamente louco por ambas as raparigas. Quando Fan Ch'ih falou a Confúcio da minha venalidade, o mestre riu-se e disse: "Procurei toda a minha vida um homem cujo desejo de elevar a sua força moral fosse tão forte como o seu impulso para o sexo. Julguei que talvez o nosso bárbaro fosse esse homem. Agora tenho de continuar a procurar."
De um modo geral Confúcio não se ria muito na época em que o conheci. Pouco depois do seu regresso, começou tudo a correr muito mal. Eu estava presente na corte quando o duque Ai anunciou: - O meu amado primo o duque de Key foi assassinado.
Apesar do protocolo ouviu-se na sala um murmúrio de surpresa. O primeiro-cavaleiro, embora não suspirasse ou se mexesse ou fizesse o que quer que fosse

de indecoroso, ficou realmente muito pálido.
Ao que parecia uma família baronial de Key decidira apoderar-se do poder numa forma muito semelhante à utilizada pela família Chi quando tirou o poder aos duques de Lu. O amigo e patrono de Confúcio foi assassinado à entrada do seu templo ancestral. Quando o duque Ai acabou de falar, Confúcio pediu licença, como primeiro-cavaleiro, para se dirigir ao trono.
Quando lhe foi dada a autorização, ele disse: - Peço perdão por não lavar primeiro a cabeça e os membros, como pertence a um suplicante. Mas não sabia que viria a encontrar-me numa situação como esta neste dia tão terrível -.
Embora a voz do velho estalasse de tensão, ele fez um discurso eloquente em que afirmava que o assassínio de um monarca legítimo era uma afronta ao Céu que devia ser punida. - Na verdade, se o assassínio não for prontamente vingado, todas as nações poderão perder o direito à simpatia do Céu.
A resposta do duque foi digna: - Compartilho o horror do primeiro-cavaleiro pelo assassínio do meu primo. Farei o que puder para o vingar -. O duque mostrou-se tão feroz como é próprio de um homem sem poder. - Sugiro que leves este assunto ao conselho dos Três.
Confúcio foi direito ao barão K'ang, que lhe disse sem rodeios que não havia nada a fazer em Lu por um assassínio praticado em Key. Confúcio ficou furioso; mas não podia fazer nada.
Nessa noite Fan Ch'ih veio a minha casa na fundição. Enquanto

as duas raparigas nos serviam bolos de arroz frito - vivíamos frugalmente nesses dias de pós-guerra - Fan Ch'ih disse-me: - Estávamos à espera disto desde a guerra.
- Do assassínio do duque?
Fan Ch'ih fez que sim. - Ele queria restituir todo o poder ao duque Ai. Mas quando perdeu a guerra, perdeu o apoio dos seus barões. E então, sem ajuda do exterior, eles mataram-no.
- Ajuda do exterior? -. De repente lembrei-me do que o barão K'ang tinha dito sobre certos acontecimentos que estavam em marcha.
Fan Ch'ih levou o dedo aos lábios. Fiz sinal às raparigas para se retirarem. Quando ficámos sozinhos, Fan Ch'ih contou-me que o barão K'ang tinha conspirado com os barões de Key para matar o duque. Isto explicava o desejo do barão para que eu descobrisse não só o que Confúcio podia fazer ou queria fazer mas sobretudo até que ponto Jan Ch'iu e Fan Ch'ih seriam influenciados pela ira previsível de Confúcio pelo assassínio de um príncipe que também era seu amigo pessoal. Muito justificadamente o medo do barão era traição. Certamente tinha todos os motivos para estar apreensivo. No espaço da sua vida, um servo

Chi tornara-se ditador de Lu; o alcaide do seu próprio castelo tinha-se rebelado; e o duque de Key tinha invadido o reino. Se o barão era um homem muito desconfiado, quem podia censurá-lo?
- Tentei sossegar-lhe o espírito -, disse eu. - Mas não penso que o barão me leve muito a sério.
- Talvez te levasse a sério. Tu és de fora.
- Quando pensas que eu poderei voltar... para dentro? - Embora os meus dias fossem agradáveis naquela terra encantadora ainda que um tanto perigosa, muitas vezes deixava-me dominar pela solidão. Ainda me lembro muito vivamente da sensação de isolamento que me invadiu uma manhã de Outono. A primeira rapariga tinha querido que eu fosse de manhã cedo ao mercado e visse um par de faisões caríssimos. Lembro-me de como era fria essa madrugada. Lembro-me de que a neblina da noite ainda não se tinha dissipado. Lembro-me de que o mercado era - é - um deleite constante. Durante a noite, carros e carroças entram na cidade com géneros. Vegetais e raízes comestíveis são em seguida expostas requintadamente, não segundo o preço mas segundo a cor, o tamanho, a beleza. Tinas redondas contêm peixes vivos, tanto do rio como do mar, bem como polvos, lagostins, caranguejos. Há igualmente à disposição iguarias exóticas e caras: patas de urso, ninhos gelatinosos de aves, barbatanas de tubarão, fígados de pavão, ovos enterrados do tempo do imperador Amarelo.
484
Logo que o Sol se ergue sobre o mercado e a neblina começa a dissipar-se, a compra e a venda atingem o auge. O espectáculo é delicioso e eu costumava participar nele com alegria. Mas nessa manhã, à frente de uma fila de gaiolas de vime com faisões cor de bronze, deixei-me ir abaixo subitamente, arrasado pela solidão. Nunca me senti tão fora do mundo real. Ali estava eu, rodeado de pessoas de uma raça estranha cuja língua mal conhecia, cuja cultura era tão distante de tudo quanto conhecera. Se houvesse realmente uma casa dos pais dos Arianos ou um Hades, tenho a certeza de que me sentiria nela como me sentia ali, a olhar para os faisões, de olhos marejados de lágrimas. Lembrei-me daquela passagem de Homero em que o fantasma de Aquiles chora pela sua antiga vida no Mundo por baixo daquele Sol que nunca mais voltará a ver. Nesse momento antes queria ser um pastor nas colinas de Susa do que o Filho do Céu. Embora esses momentos de fraqueza fossem raros, não eram menos arrasadores quando aconteciam. Às vezes ainda sonho que estou rodeado de gente amarela num mercado. Quando tento fugir, barram-me o caminho gaiolas de faisões.
Fan Ch'ih tentou consolar-me: - Vamos os dois. Dentro de pouco tempo. O barão gosta da ideia. E tem motivos para isso. Afinal, eu descobri o que julgo ser a primeira estrada da seda para a índia. Podíamos partir já amanhã, só que...

- Não há dinheiro?
Fan Ch'ih fez que sim. - É pior do que o que pensas. O tesouro dos Chi está quase vazio. O tesouro ducal está sempre vazio.
- E as famílias Meng e Shu?
- Também sofrem. A colheita do ano passado foi má. A guerra foi desastrosamente cara e não ganhámos mais nada a não ser Lang, a vila mais pobre de Key.
- Disseste que cá não há banqueiros mas de certeza que deve haver mercadores abastados que estejam dispostos a emprestar dinheiro ao Estado.
- Não. Os nossos ricos fingem que são pobres. De modo que ninguém empresta dinheiro porque... bom, a vida aqui é tão precária.
Não é mais precária do que nos outros sítios, pensei. Mas, com efeito, em Babilónia e mesmo em Magadha, foram os longos períodos de relativa paz e estabilidade que tornaram possível os complexos negócios bancários. O Reino do Meio é demasiado fragmentado para permitir qualquer sistema muito elaborado de crédito.
- Amanhã - Fan Ch'ih tinha um ar infeliz apesar de ter à sua frente um prato das quatro estações que as raparigas tinham levado

quatro dias a preparar, um prato que uma pessoa gostaria de contemplar e saborear ainda por mais quatro dias - o barão K'ang anunciará novos impostos. Sobre toda a gente. Ninguém vai ser isento. É a única maneira de se arrancar dinheiro aos ricos.
- E de arruinar os outros -. Fiquei alarmado. O imposto de guerra tinha sido cobrado alguns meses antes para desespero de todos os cidadãos. Nessa ocasião Confúcio tinha avisado o governo de que o imposto era excessivo. - Pior - dissera ele - ao tirares assim tanto para o Estado, reduzes a capacidade de criação de riqueza. Até o bandido da floresta nunca leva mais de dois terços de caravana de um mercador. Afinal, é do interesse do bandido que o mercador prospere para que haja sempre alguma coisa para ele roubar -. Perguntei a Fan Ch'ih se Confúcio tinha sido consultado.
- Não. O barão K'ang não quer mais lições. Jan Ch'iu vai afixar a proclamação na parede do Longo Tesouro. E depois ele e os seus soldados irão de casa em casa colectar o que puderem.
- Espero que o barão saiba o que está a fazer.
- Ele sabe o que está a fazer -. Fan Ch'ih não estava nada feliz. Fora a inquietação pública que os novos impostos ia criar, todo o governo estava preocupado com a reacção de Confúcio. Maravilhei-me sempre com o terror e o respeito que votavam a este velho sem poder. Embora nenhum governante lhe

desse o cargo que ele queria ou seguisse o seu conselho tanto político como religioso, todos queriam a sua bênção. Ainda não compreendo como é que um simples estudioso sem poder político ou riqueza pôde firmar uma tal posição para si próprio. Sem dúvida o Céu tinha-lhe dado um decreto quando ninguém estava a olhar.
No dia em que os novos impostos entraram em vigor, eu estava em casa de Confúcio. Uma dúzia dos discípulos estavam dispostos em semicírculo à volta do mestre, que estava sentado com as costas apoiadas à coluna de madeira que suportava o tecto da sala interior. As costas pareciam incomodá-lo pois ele apoiava ora uma espádua ora a outra contra a superfície da madeira. Ninguém falou do último aumento dos impostos. As opiniões de Confúcio sobre o assunto eram por demais conhecidas. Em vez disso falámos, nada a despropósito, de funerais e de luto, dos mortos e do que se lhes devia. Tzu-lu estava sentado à esquerda do mestre. Yan Hui à direita. Noutra parte da casa, o filho de Confúcio estava a morrer. A morte pairava no ar.
- Certamente - disse Confúcio - nunca se pode ser tão rígido como se pensa quando se trata de luto. Devemo-lo à memória dos mortos. Adiro inclusivamente à velha regra de que um homem que

chorou de manhã num funeral não deve erguer a voz numa canção nessa noite.
Embora todos estivessem de acordo em que não se podia ser meticuloso de mais na observação dos ritos funerários - por exemplo, nunca se deve sacrificar aos mortos depois de comer alho ou beber vinho - havia uma certa discordância sobre quanto tempo se devia pôr luto por um pai, em oposição a um filho, a um amigo ou a uma pessoa.
Um jovem discípulo disse: - Estou convencido de que um ano de luto é bastante para um pai; contudo o mestre insiste em três anos completos de luto.
- Não insisto nada, meu pequeno. Conformo-me simplesmente com o costume -.
Embora os modos suaves de Confúcio fossem os habituais, não pude deixar de reparar nos olhares algo ansiosos que lançava na direcção do enfermo Yen Hui.
- Mas não é costume suspender todas as actividades rituais quando se chora um pai?
- Esse é o costume -, disse Confúcio.
- Mas, Mestre, se um cavalheiro não praticar todos os ritos da religião, durante três anos, os ritos decairão. Se não tocar música, perderá a arte. Se não plantar os seus campos, não haverá colheita. Se não, não haverá um fogo novo quando o velho se extinguir. De certeza que um ano sem fazer estas coisas necessárias é mais do que suficiente.
Confúcio desviou o olhar de Yen Hui para o jovem discípulo. - Ao fim de um

ano de luto - perguntou - sentir-te-ias bem comendo o melhor arroz e usando finos brocados?
- Sim, Mestre, sentiria.
- Nesse caso, fá-lo. Não hesites. Mas lembra-te só que - (e a voz suave subiu ligeiramente) - se o verdadeiro cavalheiro ouve música durante o luto, a música soará áspera aos seus ouvidos. A boa comida não terá sabor. Uma cama confortável será como um campo de pedras. É por esta razão que ele acha fácil, e certo, abster-se de tais luxos. Mas se tu te sentes bem entregando-te a esses prazeres, não hesites!
- Sabia que compreenderias, Mestre -. Muito aliviado o discípulo pediu licença e retirou-se.
Quando o jovem saiu, Confúcio abanou a cabeça. - Que desumano! O pai deste jovem morreu há apenas um ano e agora ele quer acabar o luto. No entanto quando ele era criança passou três anos nos braços dos seus pais. Poder-se-ia pensar que podia, pelo menos, chorar o pai durante o mesmo período de tempo.
487
Embora Confúcio me encorajasse a fazer-lhe perguntas, eu raramente o fazia quando havia outros presentes. Preferia interrogar o sábio quando estávamos sozinhos. Descobrira também que quando tinha uma cana de pesca nas mãos ele era mais comunicativo. Até me fazia perguntas e ouvia com atenção as minhas respostas. Assim sendo, era com surpresa minha que eu dava por mim a fazer uma pergunta a Confúcio à frente dos discípulos. Suponho que me sentia afectado pela tensão geral. O filho de Confúcio estava a morrer; Yen Hui estava a morrer; o mestre estava tão revoltado com os novos impostos que um cisma nas fileiras dos discípulos era uma clara possibilidade. Para mudar de assunto mas também para aprender, ouvi-me perguntar: - Reparei que em algumas regiões do Reino do Meio se matam homens e mulheres quando morre um grande senhor. Aos olhos do Céu é isto decoroso, Mestre?
Todos os olhos se voltaram de repente para mim. Como não há na Terra uma sociedade que não perpetue os costumes antigos que embaraçam profundamente os seus contemporâneos decorosos, a minha pergunta era absolutamente indecorosa.
Confúcio abanou a cabeça, como se para condenar com um gesto físico uma prática que era obrigado a explicar, quando não a justificar. - Desde o tempo do imperador Amarelo, tem sido costume dos grandes que morrem levar consigo os seus escravos leais. No oeste este costume ainda está vivo, como testemunhaste em Ch'in. Nós somos menos tradicionalistas aqui no leste. Mas isso deve-se ao duque de Chou, cuja opinião sobre o assunto colocou todo esse tema sob uma luz um tanto diferente.

Confúcio, sempre que mencionava o duque de Chou, podia-se ter quase a certeza de que se preparava para subverter o costume em nome do lendário fundador de Lu, cujos ditos pareciam nunca contradizer as próprias opiniões de Confúcio sobre todas as coisas. - Como os nossos governantes gostam de ser servidos nos seus túmulos como foram servidos nos seus palácios... um desejo decoroso e absolutamente tradicional... tem sido costume matar toda a espécie de homens, mulheres, cavalos e cães úteis. Isto é correcto até certo ponto... até ao ponto que o duque de Chou esclareceu tão maravilhosamente, como tudo o mais que fez na vida. Ele observou o facto de os corpos humanos se deteriorarem rapidamente e que a sua carne se transforma em terra passado pouco tempo. Em pouco tempo, a mais bela concubina que alguma vez existiu, perderá as suas formas e transformar-se-á em barro vulgar. Então o duque de Chou disse: "Quando estes homens e estas mulheres assassinados se transformam em barro, perdem a sua forma e as suas funções originais.
488
Portanto substituamos a sua carne temporária por imagens de barro fiéis de tal modo cozidas que durarão para sempre. Em qualquer dos casos o grande senhor está rodeado de barro. Mas se as imagens à sua volta são feitas de barro que manteve a sua forma, então o espírito poderá contemplar os seus escravos leais para sempre."
Os discípulos ficaram satisfeitos. Se o duque de Chou alguma vez disse ou não disse isto, não interessava. Confúcio tinha dito que sim e isso era suficiente. Com certeza todos os Cataios inteligentes estavam de acordo em que o sacrifício humano em larga escala é um desperdício, inútil... e condenado, segundo Confúcio, pela dinastia Chou. - Evidentemente - observou Tzu-lu - o povo de Ch'in tem pouca consideração pela vida humana.
- É verdade -, disse eu. - De facto, quando perguntei ao ditador de Ch'in por que razão se sentia obrigado a executar tanta gente por crimes sem importância, ele disse: "Se lavares a tua cabeça como deve ser, perderás sempre alguns cabelos. Se nunca a lavares, perderás todo o teu cabelo."
Senti, para minha surpresa, que a maioria dos presentes na sala concordavam com Huan. Mas a verdade é que no Reino do Meio eles tendem a ser favoráveis à pena de morte por crimes que nós puniríamos com uma simples mutilação, ou mesmo um espancamento.
O tema dos funerais, do luto, do que se deve aos mortos, ainda fascina mais os Cataios do que a nós. Nunca me tinha apercebido totalmente disso até Tzu-lu de repente perguntar ao mestre: - Os mortos sabem que rezamos por eles?
Eu sabia - quem não sabia? - que Confúcio tinha sempre uma aversão profunda pelas perguntas sem resposta. - Não concordarias - respondeu - em como é

suficiente que nós saibamos o que estamos a fazer quando os honramos?
- Não -. Como discípulo mais antigo e mais fanático, Tzu-lu não se coibia absolutamente nada em contradizer o sábio. - Se os espíritos e os fantasmas não existem, então não vejo razão para nos incomodarmos em propiciá-los ou servi-los.
- Mas e se eles existem realmente? -. Confúcio sorriu. - E então?
- Devemos honrá-los, claro, mas...
- Como não podemos ter a certeza, não será melhor fazermos como fizeram os nossos antepassados?
- Talvez. Mas a despesa de um funeral pode arruinar uma família -. Tzu-lu era teimoso. - Deve haver outra maneira mais razoável de servir tanto os espíritos como os vivos.
489
- Meu velho amigo, antes de teres aprendido a servir correctamente os homens vivos como podes esperar servi-los quando mortos? -. Confúcio olhou, inadvertidamente diria eu, para Yen Hui, que olhou para ele e sorriu; de repente todos os pormenores do crânio do jovem tornaram-se visíveis por baixo da pele flácida.
- Além disso - continuou Confúcio - o mundo que importa é este mundo, o mundo dos vivos. Mas como nós amamos e respeitamos os que vieram antes de nós, observamos aqueles ritos que nos chamam a atenção para a nossa unidade com os antepassados. Contudo o significado real desses rituais não é de apreensão fácil, mesmo até pelo sábio. Para a gente comum, tudo isso é um mistério. Eles consideram tais cerimónias como serviços prestados para propiciar fantasmas terríveis, o que não é o caso. O Céu está longe. O homem está perto. Honramos os mortos por amor dos vivos.
As evasivas de Confúcio sobre o assunto do Céu fascinavam-me sempre. Eu queria fazer-lhe mais perguntas, mas fomos interrompidos pela chegada de Jan Ch'iu e Fan Ch'ih, que se sentaram ao fundo da sala, no chão, como rapazinhos da escola que chegaram atrasados à lição.
Confúcio fitou Jan Ch'iu durante um longo momento. Então perguntou-lhe: - Por que chegastes atrasados?
- Afazeres do Estado, Mestre -. A voz de Jan Ch'iu foi baixa. Confúcio abanou a cabeça. - Posso não ter cargo nenhum mas
se houve afazeres do Estado esta noite, eu devia tê-lo sabido -. Fez-se um silêncio embaraçado. Então Confúcio perguntou: - Estás de acordo com os novos impostos?
- Hoje de manhã afixei as tabelas na parede do Longo Tesouro por ordem do barão K'ang.

- Isso já se sabia -. Por uma única vez as pontas dos dois dentes da frente não se viram; o velho cerrava de tal modo a boca de coelho que parecia estranhamente severo, como um deus-demónio do trovão. - Não te perguntei se afixaste ou não afixaste as novas tabelas. Perguntei-te se estavas ou não de acordo com elas.
Jan Ch'iu pareceu desolado e nervoso. - Como intendente da família Chi, sou obrigado a obedecer ao primeiro-ministro.
Confúcio estava tão perto de um ataque de fúria quanto a ele lhe era possível estar. - Em tudo? - perguntou.
- Tenho deveres, Mestre. E foi sempre regra tua que devemos servir o nosso senhor legítimo.
- Mesmo quando ele exige que cometas sacrilégio? Jan Ch'iu ficou confuso. - Sacrilégio, Mestre?
- Sim, sacrilégio. Na Primavera passada o Mestre K'ang foi ao
490
monte T'ai. Ofereceu jade ao espírito da montanha. Como apenas o soberano pode fazer isso, cometeu sacrilégio. Assiste-o nessas cerimónias no monte T'ai?
- Sim, Mestre.
- Então cometeste sacrilégio -. Confúcio fechou com força o seu leque oficial. - Já começaste a recolher os novos impostos?
Jan Ch'iu fez que sim, de olhos no chão.
- O que estás a fazer é injusto. Os impostos são excessivos. O povo vai sofrer. Devias ter tentado impedir o barão K'ang. Devias tê-lo avisado das consequências do que está a fazer.
- Mas avisei-o de que os impostos eram... seriam mal aceites.
- Quando o governante se recusa a agir justamente para com o povo, o seu servidor é obrigado a resignar. O teu dever era claro. Devias ter resignado do teu posto de intendente da família Chi.
Em toda a sala ouviu-se um sibilar de respirações subitamente contidas. Eu estava a testemunhar uma coisa que nunca tinha acontecido anteriormente. Confúcio tinha acusado um discípulo... um discípulo que por acaso era um dos homens mais poderosos do Estado. Jan Ch'iu pôs-se em pé. Fez uma profunda vénia ao mestre e retirou-se. Fan Ch'ih ficou. Sorrindo agradavelmente Confúcio mudou de assunto.
Durante algum tempo Lu pareceu estar à beira de uma revolução. Lembrava-me a reacção do Egipto aos impostos de guerra de Dário. Há sempre um ponto além do qual não se pode forçar um povo e quando esse ponto é atingido, ou o governante escraviza todo esse povo ou terá de encontrar uma maneira inteligente de retirar da sua posição.
Confúcio era neste momento o centro dos cavaleiros Antichi que serviam o

duque e também as famílias Shu e Meng. Embora os barões se opusessem aos impostos, não se atreviam a confrontar-se com o barão K'ang. Tal como o duque Ai, fizeram comentários sibilinos. Tal como o duque Ai, não fizeram nada. O exército da família Chi não só era poderoso como também era leal ao ditador. Aliás, no dia anterior à afixação dos novos impostos o barão K'ang aumentou o salário de todos os seus soldados. Em tempos difíceis, a lealdade é cara.
Durante este período de tensão passei os meus dias na fundição. Como o barão K'ang não me mandasse chamar, não estive presente na corte dos Chi. É escusado dizer que não visitava Confúcio. Evitei também a corte ducal, sempre um centro de dissensão. Com efeito não via ninguém a não ser Fan Ch'ih, que costumava vir ver-me. Era a minha única ligação com o perigoso mundo da corte.
491
Fan Ch'ih gostava de vir à fundição e ver os fundidores do ferro. Achava o processo fascinante. Eu achava os metalúrgicos cataios fascinantes. Nunca conheci outro povo tão rápido a aprender e a dominar técnicas novas. Embora eu oficialmente estivesse encarregado da produção de ferro do Estado, pouco tinha a fazer depois dos primeiros meses. Os metalúrgicos sabiam já tudo que os seus homólogos persas sabiam; e eu era redundante.
Uma semana depois da cobrança dos impostos, Fan Ch'ih fez-me uma visita. Passei os trabalhos ao meu ajudante principal e larguei o calor e o clarão do metal derretido saindo para um crepúsculo violeta e enevoado, marcado pela queda lenta de grandes flocos de neve. Enquanto caminhávamos para minha casa fui informado das últimas notícias. Aparentemente o barão K'ang controlava totalmente a situação. Os impostos estavam a ser cobrados e o Estado estava relativamente seguro quanto a dissensões internas. - Mas o mestre recusou-se a ver Jan Ch'iu. Ou o barão K'ang.
Estávamos na rua dos oleiros Shang. Os Shang são os habitantes pré-Chou de cabelo escuro que foram conquistados pelas tribos do Norte. Antes de os Chou chegarem ao Reino do Meio, os Shang eram sacerdotes e administradores, mestres da leitura e da escrita. Agora não têm nenhum poder. Fazem cerâmica. Mas ultimamente muitos dos cavalheiros de Confúcio são de origem Shang. Assim, lentamente, o povo do cabelo preto volta ao poder, como parece estar a fazer em todo o Mundo. Zoroastro, o Buda, Mahavira - e até Pitágoras - estão a ressuscitar as antigas religiões do mundo pré-ariano e, lentamente, o deus-cavalo está em todo o lado a morrer.
- Não é perigoso - perguntei - Confúcio desafiar o barão K'ang? -. Estávamos parados diante de uma tenda de um oleiro. Como as lojas Shang têm uma lanterna que torna os amarelos, os vermelhos e os azuis das cerâmicas vidradas

brilhar como brasas numa fornalha, Fan Ch'ih de repente parecia um arco-íris feito carne.
Fan Ch'ih sorriu. - Isto aqui é o "Chou no leste". Ou pelo menos é o que nós afirmamos. O nosso sábio divino está seguro, diga o que disser.
- Ele diz que não é um sábio divino.
- É modesto, um sinal de divindade, se é que isso existe. Mas ele é cruel. Jan Ch'iu sofre.
- Podia acabar com o sofrimento demitindo-se de intendente.
- Não se demitirá.
- Então prefere sofrer?
492
- Prefere o poder à virtude. Não é raro. Mas gostaria de ser bom e ao mesmo tempo poderoso, o que é raro. Ele pensa que isso é possível. O mestre discorda.
Fan Ch'ih comprou castanhas assadas. Ao tirar-lhes as cascas queimávamos os dedos; ao comê-las queimávamos a boca. Ao mesmo tempo, flocos penujentos caíam do céu de prata suja para a terra de prata suja. - Tens de falar com ele -, disse Fan Ch'ih, com a boca cheia de castanhas.
- Com Jan Ch'iu?
- Com Confúcio. És neutro, de fora. Ele ouve-te.
- Duvido. Além disso, que posso dizer-lhe?
- Podes dizer-lhe a verdade. O Estado sofre porque não há harmonia entre o governante e o sábio divino. Ora, se Confúcio receber Jan Ch'iu...
Disse-lhe que faria o que pudesse. Entretanto perguntei-lhe mais uma vez pelo meu regresso.
Fan Ch'ih não estava optimista. - Este ano não se pode fazer nada. O tesouro continua deficitário. Mas sei que o barão K'ang está muito interessado na rota terrestre para a índia.
- A tua estrada da seda?
- A minha estrada da seda, sim. Mas uma viagem dessas seria uma empresa muito grande.
- Estou a ficar velho, Fan Ch'ih -. Desde esse dia associo a solidão total com neve a cair e castanhas assadas.
- Faz as pazes entre o barão K'ang e Confúcio. Se o conseguires terás o que queres -. Embora não acreditasse nele, disse-lhe que faria o que pudesse.
O dia seguinte era o último dia do ano, de modo que fui ao santuário ancestral de Confúcio. Não podia ter escolhido um momento pior. Se por outra coisa não fosse, o rito da expulsão estava no auge. Trata-se sem dúvida da cerimónia mais barulhenta que existe. Anda toda a gente a correr de um lado para o outro, a tocar cornetas, tambores, chocalhos. Acredita-se que só fazendo o máximo de

barulho podem os espíritos malignos do ano velho ser expulsos e dar lugar aos bons espíritos do ano novo. Durante o rito da expulsão, era costume de Confúcio vestir traje de corte e pôr-se nos degraus a leste do santuário ancestral. Quando o barulho estava no máximo, ele acalmava os espíritos ancestrais com falas suaves. Dizia-lhes para não terem medo nem se espantarem com aquela barulheira terrível. Pedia-lhes para permanecerem onde estavam.
Mas para meu espanto, Confúcio não tinha tomado a sua

posição habitual nos degraus do santuário. Estava doente? Corri para sua casa. Ou tentei correr: a cada passo que dava era detido pelas momices dos exorcistas e os seus doidos oficiais.
Por uma determinada soma um exorcista vai de casa em casa, a expulsar espíritos. O exorcista é acompanhado por dois homens muito barulhentos que são chamados os doidos. Se estas criaturas são ou não realmente doidos não é importante. O que é certo é que se comportam da maneira mais grotesca possível. Têm uma pele de urso a cobrir-lhes a cabeça e os ombros e andam de lança e escudo. Uma vez dentro de uma casa os doidos excitam os criados até ao êxtase com gritos agudos de perfurar os tímpanos, enquanto o exorcista corre pela casa uivando epítetos aos espíritos malignos que vivem na cave, nas águas do telhado, nos quartos das traseiras.
A fachada caiada de branco da casa de Confúcio tinha sido manchada com tinta amarela da cor do açafrão. Nunca soube o significado destas pinturas. Como a porta da frente estava escancarada, entrei. Esperava encontrar uma qualquer cerimónia religiosa. Mas não havia sacerdotes ou sequer estudantes na sala exterior, que estava fria como uma tumba.
Ao atravessar o corredor exterior ouvi o som de choros no interior da casa. Pensando que fosse um exorcista, parei e tentei lembrar-me da etiqueta correcta. Era permitido entrar na casa de uma pessoa durante os ritos da expulsão?
Fui esclarecido por um discípulo que apareceu no corredor atrás de mim. - O filho morreu -, segredou. - Devemos apresentar os nossos sentimentos ao pai -. Levou-me para os aposentos privativos.
Vestido de luto, Confúcio estava sentado numa esteira simples, com as costas encostadas à coluna de madeira. A sala estava meia cheia de discípulos. Todos tinham um ar não só compungido como chocado.
Saudei o mestre, que me respondeu com a sua cortesia habitual. Ambos fizemos os gestos que são exigidos na mais triste das ocasiões. Ao ajoelhar-me ao lado de Tzu-lu, este murmurou: - Está inconsolável.
- Como podia não estar quando é o máximo da dor perder o filho mais velho? -. Respondi com a deixa tradicional.

- Ele perdeu mais do que isso -, disse Tzu-lu.
Ao princípio não compreendi o que ele queria dizer. Convencionalmente falando, a pior coisa que pode acontecer a um homem é a perda do filho mais velho. Juntei-me aos cânticos; repeti as orações; proferi as entoações de consolação. Mas Confúcio neste momento estava não só a chorar a sério como ritualmente.
494
Por fim, respeitosa mas firmemente, Tzu-lu disse: - Mestre, abandonaste toda a compostura. É correcto chorar dessa maneira?
Confúcio parou de se carpir; as lágrimas brilhavam-lhe nas faces como rastos de caracóis. - É correcto? - repetiu. Então, antes que Tzu-lu pudesse responder, começou a chorar novas lágrimas. Ao mesmo tempo falou numa voz surpreendentemente firme: - Se a morte de um homem pudesse justificar um choro descontrolado, seria a dele.
Vi então que Confúcio não acreditava numa vida depois da morte. Dissesse ele o que dissesse ritualmente sobre o Céu como residência dos antepassados, ele próprio não acreditava que tal lugar existisse. Mesmo assim, eu ainda continuava um tanto surpreendido que ele ficasse desmoralizado com a morte de um filho que muito pouco tinha significado para ele. O filho tinha sido acusado por mais de uma vez de aceitar dinheiro dos estudantes de Confúcio e ficar com ele. Pior do que isso, tinha sido estúpido.
Então um velho que eu nunca tinha visto antes disse: - Mestre, empresta-me a tua carruagem para eu poder usá-la para fazer uma armação adequada para o caixão do meu filho.
Sentia-me mais do que mistificado. Quem era este velho? Quem era o filho morto? Bruscamente Confúcio deixou de chorar. Voltou-se para o velho: - Não, meu amigo, não te posso emprestar. Estás desesperado, o que é natural. Eu estou tão desesperado como tu. Não, o dobro, pois perdi o meu próprio filho, tal como ele era, e agora perdi o teu filho também, o melhor e o mais sábio de todos os jovens.
Foi então que vi que Yen Hui também tinha morrido. Duas vezes, em rápida sucessão, o mestre tinha sido atingido pelo... Céu.
O pai de Yen Hui pôs-se outra vez a carpir-se desagradavelmente.
- Então não é mais importante que tudo que um jovem assim tão brilhante receba todas as honras possíveis? Não era ele o pupilo mais sábio do homem mais sábio?
Confúcio piscou os olhos e a contrariedade tomou o lugar da dor.
Contrariamente ao que as pessoas possam julgar, os velhos são muito mais rápidos a mudar de estado de espírito do que os jovens.

- O teu filho era como uma árvore de que eu pudesse cuidar até florescer. Mas a árvore não viveu o suficiente para dar fruto -. Confúcio calou-se; inspirou profundamente; em seguida falou sem nenhuma emoção aparente: - Não posso permitir que a minha carruagem seja utilizada como armação de um caixão, porque quando o meu próprio filho foi enterrado... e eu não quero compará-los... também não lhe concedi uma armação de caixão. Primeiro, porque

não seria correcto e, segundo, porque sou o primeiro-cavaleiro e como tal não devo ir a pé para a cova. O costume exige que eu dirija um carro de guerra. Como esta é a lei, não temos escolha neste assunto.
Embora o pai de Yen Hui ficasse profundamente descontente, não se atreveu a insistir. Mas Tzu-lu insistiu: - Certamente, Mestre, devemos enterrar Yen Hui com toda a cerimónia possível. Podemos arranjar madeira para uma armação sem te privar da tua carruagem. Devemos prestar a Yen Hui todas as homenagens. Devemo-lo ao Céu. Devemo-lo aos antepassados. Devemo-lo a ti que o ensinaste.
Fez-se um longo silêncio. Então Confúcio baixou a cabeça e segredou como se para si próprio. - O Céu roubou-me o que era meu.
Mal esta blasfémia foi proferida o Céu reagiu. Um exorcista irrompeu pela sala adentro seguido por quatro doidos ululantes. Quando se puseram a dançar, a chocalhar campainhas, a bater tambores, a gritar insultos a todos os espíritos malignos do ano velho, Confúcio escapuliu-se da sala; e eu corri através da cidade para o palácio dos Chi.
Encontrei Fan Ch'ih naquela parte do palácio que corresponde à segunda sala da chancelaria na Pérsia. Aqui os negócios do Estado são dirigidos quotidianamente por cavaleiros Chou de pele clara e por cavalheiros Sang de cabelo preto. Nunca consegui descobrir quantos destes funcionários eram Confucionistas. Mas suspeito de que era a maioria.
Fan Ch'ih já sabia das duas mortes. - Isto é muito triste, claro. Yen Hui era um homem notável. Todos nós sentiremos a sua falta.
- E quanto ao filho?
Fan Ch'ih fez um gesto vago. - Ao menos toda esta tristeza dá-nos tempo para respirar.
Jan Ch'iu juntou-se-nos. Embora parecesse exausto, deu-me as boas-vindas com a cerimónia devida a um hóspede de honra. Também estava ao corrente. - Gostava de poder ir vê-lo. Sei que deve estar a sofrer. Que foi que ele disse?
Repeti o comentário de Confúcio sobre o Céu.
Jan Ch'iu abanou a cabeça. - Isso não foi correcto, como ele próprio será o primeiro a reconhecer quando já não sofrer mais.

- Noutros tempos - disse Fan Ch'ih - ele nunca teria dito uma coisa dessas, por mais magoado que estivesse com a vontade do Céu -. Tanto Jan Ch'iu como Fan Ch'ih estavam mais perturbados com o lapso tão pouco característico de Confúcio do que com a morte do modelo de virtudes Yen Hui.
- Assistes ao funeral? - perguntei a Jan Ch'iu.

- Claro. Vai ser um grande acontecimento. O pai dele tratou disso.
Isto surpreendeu-me. - Mas o mestre disse que as cerimónias para Yen Hui devem ser tão simples como as do seu filho.
- Vai ter uma desilusão -. Jan Ch'iu falou secamente. - Já vi os planos. O pai mostrou-mos hoje de manhã. Hóspede de Honra - (com o dedo indicador tocou-me ao de leve no antebraço, um gesto de confiança) - como sabes, eu não sou bem vindo na casa do mestre. Apesar disso, é urgente que fale com ele o mais cedo possível.
- Ele vai estar de luto durante três meses pelo menos -, disse Fan Ch'ih. - E ninguém vai poder falar com ele... doutros assuntos.
- Teremos de arranjar maneira -. Outra vez o indicador pousou no meu braço, leve como uma borboleta. - Tu és bárbaro. És sacerdote. Ele interessa-se por ti. Tu nunca o irritaste nem o desgostaste. Se quiseres fazer-nos essa amabilidade... e refiro-me a este país e não simplesmente à família que sirvo, tenta arranjar um encontro entre ele e o barão H'ang.
- Mas certamente o barão pode simplesmente mandar chamá-lo. Como primeiro-cavaleiro ele terá de vir.
- Mas como sábio divino, não pode ser convocado.
- Ele nega... -, comecei a dizer.
- No Reino do Meio ele é o sábio divino. Que ele negue esse facto tão veementemente é simplesmente a prova de que é realmente o que nós sabemos que ele é. O barão K'ang precisa de Confúcio -. Jan Ch'iu olhou-me nos olhos. Isto com frequência é um sinal de que um homem está a mentir. Mas o intendente não tinha motivos para mentir. - Temos muitos, muitos problemas.
- Os impostos?
Jan Ch'iu fez que sim. - São exorbitantes. Mas sem eles não podemos manter o exército. Sem o exército... -. Jan Ch'iu voltou-se para Fan Ch'ih, que me contou a última ameaça ao Estado.
- Perto do Castelo de Pi há uma espécie de terreno sagrado chamado Chuan-yu. Foi-lhe dada autonomia pelo próprio duque Tan. Embora esse lugar fique dentro das fronteiras de Lu, foi sempre independente. A fortaleza de Chuan-yu é quase tão formidável como a do Castelo de Pi.
Começava a perceber. - De modo que o ex-alcaide de Pi...

- ...tem estado a subverter Chaun-yu-. A cara irresistivelmente alegre de Fan Ch'ih estava em contradição com a tensão da sua voz. - É apenas uma questão de tempo até termos outra rebelião entre mãos.
497
- O barão K'ang gostaria de arrasar a fortaleza -. Jan Ch'iu brincava com os ornamentos do seu cinto. - Se o não fizermos agora, o meu filho ou o meu neto terão de o fazer -, disse ele.
- Não podemos permitir que uma fortaleza tão poderosa permaneça nas mãos dos nossos inimigos. Naturalmente Confúcio opor-se-á a um ataque a esse lugar sagrado, ou a qualquer outro lugar sagrado -. Jan Ch'iu olhou para mim pela segunda vez. Eu permaneci impassível. Tal como muitos cavaleiros Chou ele tinha os olhos amarelos como um tigre. - Como ministros do barão, concordamos com ele. Como. discípulos de Confúcio, discordamos dele.
- Pensais que há alguém que possa convencer Confúcio a fazer uma coisa tão... incorrecta? -. Compreendia o dilema deles e não lhe via saída.
- Temos de tentar -. Fan Ch'ih sorriu. - Tu tens de tentar. Diz-lhe que deve receber o barão K'ang. Diz-lhe que lhe será oferecido um alto posto. Caso contrário...
- Caso contrário o barão arrasará o castelo de qualquer maneira -. Eu fui directo.
- Sim -, disse Jan Ch'iu. - Mas o castelo não me preocupa tanto como os últimos dias de Confúcio. Durante muitos anos trabalhámos para um único fim: pôr no poder o sábio divino para que ele possa endireitar tudo.
- Agora estás a querer dizer-me que ele só pode chegar ao poder se permitir que o barão cometa um erro -, disse eu, em tom ríspido.
Jan Ch'iu foi rápido a tomar a ofensiva. - Certo ou errado, o barão K'ang pensa que Confúcio tramou para derrubar a família Chi quando negociou com o alcaide traidor de Pi. Certo ou errado, o barão pensa que esta última guerra foi instigada por Confúcio. Certo ou errado, o barão pensa que Confúcio pode um dia usar o seu prestígio no Reino do Meio para se tornar Filho do Céu.
- Se isso é verdade, no todo ou em parte, o vosso sábio divino é culpado de traição -. Lembrei-me de fazer o sorriso da corte.
- Sim -, disse Jan Ch'iu e não sorriu. - Felizmente nós ganhámos a guerra e o nosso velho inimigo o duque de Key morreu.
Via agora toda a dimensão da conspiração. - O barão K'ang...
- (ia dizer: assassinou o duque; mas preferi a discrição) -... pôde então salvar o Estado -. Completei a frase sem nenhuma convicção.
Fan Ch'ih fez que sim. - Agora tudo quanto falta fazer é dar cabo dos rebeldes de Chuan-yu. Então poderemos dormir descansados. Como os rebeldes de Chuan-yu são a última esperança dos

inimigos do barão, só a fortaleza deles está entre nós e a paz mais completa.
- Mas primeiro o mestre tem de concordar com o seu desmantelamento.
Jan Ch'iu abanou a cabeça. - Quer concorde quer não, as muralhas de Chuan-yu serão deitadas abaixo. Mas se concordar de boa vontade, o sonho de dez mil sábios tornar-se-á verdadeiro. Confúcio será convidado a dirigir o Estado. Ele disse sempre: "Dai-me três anos e eu endireitarei as coisas." Bom, antes que seja tarde demais, quero que ele tenha esses três anos. Toddos nós o queremos.
Nunca consegui perceber Jan Ch'iu. Acredito que ele era genuinamente devotado ao mestre; afinal tinha provado a sua lealdade quando, anos antes, acompanhara Confúcio no exílio. Contudo era igualmente leal ao barão K'ang. Esperava fazer uma ponte entre... bom, o Céu e a Terra, e se eu o ajudasse a construir essa ponte, seria mandado para casa. Tal foi o acordo a que chegámos no palácio dos Chi, na noite do dia em que Confúcio criticou o Céu pela morte de Yen Hui.
Quando Fan Ch'ih me acompanhou ao vestíbulo do palácio dos Chi, eu fiz comentários à frieza com que Confúcio tratara o pai de Yen Hui. Por que razão não deveria Yen Hui ter um funeral esplêndido? E por que razão não deveria Confúcio romper com o costume e ir a pé em vez de na sua carruagem?
- Creio que nunca percebeste a subtileza do homem mais sábio de todos os tempos -, disse Fan Ch'ih.
- Como eu não sou absolutamente nada sábio, como poderia compreendê-lo? -. Empreguei todos os recursos habituais da humildade cataia.
- Para Confúcio, tudo quanto interessa é a vida moral. Isto quer dizer que sempre que o desejo ou o interesse pessoal se chocam com a acção justa, então os desejos e os interesses devem ser postos de lado. Como homem, ele quer honrar Yen Hui. Mas como defensor do que é justo, não pode romper com o que sabe ser o comportamento correcto.
- E então o humilde Yen Hui vai ter um enterro humilde?
- Pois. Um homem tem certos deveres para com o soberano, os pais, os amigos, a humanidade. Mas estes deveres às vezes chocam-se. Obviamente, o dever para com o soberano tem precedência sobre o dever para com um amigo. É claro, há todo o tipo de ambiguidades. Para Confúcio, o nosso soberano legítimo é o duque Ai. Para nós, é o barão K'ang. De certo modo, Confúcio está certo. De certo modo nós estamos certos. Mas ele não cederá e nós não podemos ceder. De modo que há... infelicidade.

- Quem determina em última instância o que está certo? -. Eu estava na porta grande do palácio.
- O Céu, Hóspede de Honra.

- O que é o Céu, Subintendente Fan Ch'ih?
O meu amigo sorriu. - O Céu é o que está certo -. Rimo-nos ambos.
Penso que para todos os fins práticos os Confucianos são ateus. Não acreditam numa vida depois da morte ou num dia de juízo. Não se interessam pela maneira como foi criado este Mundo ou para que fim. Em vez disso, agem como se esta vida é tudo quanto existe e conduzi-la correctamente é tudo quanto importa. Para eles o Céu é simplesmente uma palavra para falar do comportamento correcto. Porque a gente do povo tem toda a espécie de sentimentos irracionais sobre o Céu - um conceito tão antigo como a raça - Confúcio, inteligentemente, utilizou a ideia de Céu para dar uma autoridade mágica aos seus pronunciamentos sobre a maneira como os homens deveriam tratar uns com os outros. Mas então, para impressionar os letrados, tanto Chou como Shang, empenhou-se em tornar-se o maior letrado do Reino do Meio. Como consequência, não há texto Chou que ele não possa citar em seu benefício. Contudo apesar da minha profunda aversão ao ateísmo e a minha irritação com muitas das restrições confucianas, nunca conheci nenhum homem com uma ideia tão clara sobre a forma como devem ser conduzidos os assuntos públicos e privados. Mesmo Demócrito acha intrigante a minha (sem dúvida falível) memória dos seus ditos. Se se vai eliminar o criador de todas as coisas, então é boa ideia substituir o criador por uma ideia clara da bondade à escala humana.

6

Fiz o melhor que pude para juntar o sábio desgostado e o ditador susceptível. Ao princípio pouco avancei. Por um motivo: Confúcio ainda chorava o filho e Yen Hui; por outro, a sua saúde deteriorava-se. No entanto, ele continuava a ensinar. Além disso começou a interessar-se em escrever a história de Lu. - Penso que podia vir a ser útil - disse-me - mostrar como e porquê dez gerações de duques têm sido impotentes.
Perguntei-lhe qual pensava que fosse a razão principal do declínio do poder ducal e da ascenção dos ministros hereditários.
500
- Tudo começou quando os primeiros duques arrendaram a cobrança dos impostos à nobreza -. Confúcio era sempre muito objectivo nas suas análises. - Os nobres acabaram por ficar com os impostos para si e, como toda a gente sabe, quem controla o tesouro controla o Estado. É também um facto que nenhuma dinastia dura mais de dez gerações. Também é um facto que, se o poder passou para os barões - (o velho fez o seu sorriso de coelho) -, estes raramente conseguem manter o seu mando por mais de cinco gerações. Tenho a impressão

de que hoje, ao fim de cinco gerações de poder, as famílias Chi, Meng e Shu já não são o que eram.
Não me atrevi a tratar directamente com Confúcio. Em vez disso cultivei Tzu-lu porque só ele dizia sempre o que pensava a Confúcio. - Afinal - disse-me ele - se eu o não tivesse impedido, ele tinha-se aliado ao alcaide de Pi. Acreditou realmente nesse patife quando ele disse que criaria um Chou no leste. Eu disse a Confúcio que seria idiota se se metesse com o alcaide. Se alguma vez houver um Chou no leste, tal acontecerá naturalmente e porque o mestre tornou claro e fez ver atodos que isso não só é desejável como possível.
Nessa altura Tzu-lu tinha já concordado comigo em como tinha chegado a altura de Confúcio fazer as pazes com o barão K'ang. - Não te preocupes - disse Tzu-lu - eu trato disso.
Após muitas negociações Confúcio aceitou um convite para visitar o barão na sua chamada cabana da floresta. Num luminoso dia de Verão, escoltado por uma companhia de soldados Chi, saímos da cidade num carro ligeiro puxado por quatro cavalos.
- Espero - tinha-me dito o barão quando se ultimavam os últimos preparativos - que ele não se importe que eu o receba no velho pavilhão de caça do meu pai. Apenas rezo para que a sua simplicidade rústica lhe fale ao seu sentido das proporções -. O ovo do rosto do barão como habitualmente, não traía nenhuma emoção quando acrescentou: - Tu, Ciro Spitama, hóspede de honra, prestaste-nos um serviço que não esquecerei tão cedo.
A viagem através da floresta foi agradável. Aves de todas as espécies, recentemente chegadas do longínquo sul, davam às asas enquanto as árvores tinham folhas novas e as flores selvagens enchiam o ar com aqueles perfumes delicados que me fazem espirrar incontrolavelmente.
Na primeira noite jantámos regiamente: caça e peixe recém-pescado. Dormimos em tendas. Não vimos dragões, duendes ou bandidos. Mas na manhã seguinte vimos um solitário sábio eremita solitário; e como muitos sábios eremitas, este não conseguia parar de falar. Não há como o voto do silêncio para desatar uma língua.
501
O cabelo e a barba do homem há anos que não eram cortados ou lavados. Vivia numa árvore não muito distante do caminho florestal. Devido a isso era muito conhecido dos viajantes que passavam por aquela parte do Mundo. Tal um macaco indiano ele aparecia e assombrava os estranhos. Gostava de comparar a perfeição singela da sua vida com a mundanidade do resto do Mundo. Os sábios eruditos do Catai são tão cansativos como os que encontrei na planície gangética; felizmente não são tão numerosos.

- Ah, o Mestre K'ung! - saudou Confúcio, que se tinha apeado do carro com o fim de, decorosamente, se aliviar num bosque de amoreiras silvestres.
Confúcio cumprimentou polidamente o homem.
- Diz-me Mestre K'ung, haverá crime maior do que ter demasiados desejos?
- Ter um desejo errado é crime -. Confúcio foi brando. Estava habituado aos insultos dos sábios eremitas. Estes desejavam, tal como o Buda, eliminar um mundo que ele somente queria rectificar. Eles tinham-se retirado; ele não.
- Haverá desastre maior do que não se ser constante? - perguntou o selvagem.
- Ser-se descontente com o papel que nos cabe na vida pode ser considerado um desastre.
O sábio eremita não ficou nada satisfeito por ver as suas perguntas retóricas respondidas tão à letra. - Haverá infelicidade maior do que ser-se cobiçoso?
- Isso não depende do que se cobiça? Cobiçar o que é bom aos olhos do Céu dificilmente poderá ser uma infelicidade.
- Sabes o que é o Céu?
- Para ti, que segues o Mestre Lu - Confúcio conhecia o seu inimigo - é a Via que não pode ser descrita em palavras. Portanto cedo perante o Mestre Li e não a descreverei em palavras.
O sábio eremita também não ficou deliciado com esta resposta. - Mestre K'ung, tu acreditas na importância suprema do sacrifício ancestral tal como realizado pelo Filho do Céu?
- Na verdade acredito.
- Mas já não há um Filho do Céu.
- Houve. Haverá. Entretanto, o sacrifício ancestral continuará, ainda que menos perfeito, na ausência do solitário.
- Qual é o significado do sacrifício ancestral?
Fui surpreendido pelo espanto de Confúcio perante o que deve ter sido para ele a mais rara de todas as coisas nesta velha Terra, uma pergunta nova. - Qual é o significado do sacrifício ancestral? - repetiu.

- Sim. Como começou? Que significa? Explica-me Mestre K'ung.
- Não sei -. Confúcio olhava para o selvagem como se fosse uma árvore que lhe tivesse caído no caminho. - Quem entendesse verdadeiramente o sacrifício poderia lidar com todas as coisas debaixo do Céu tão facilmente como isto -. E Confúcio colocou o indicador da mão direita contra a palma aberta da esquerda.
- Como não entendes o mais importante dos nossos sacrifícios, como podes sequer começar a compreender a vontade do Céu?
- Eu transmito meramente a sabedoria dos antepassados sábios. E nada mais -.
Confúcio começou como que a dar a volta à árvore caída no seu caminho. Mas o

sábio eremita não ia deixá-lo ir-se embora; pôs a mão no braço do mestre.
- Isso não é correcto -, disse Fan Ch'ih, com uma palmada no braço do eremita.
Quando Confúcio tomava o seu lugar no carro a expressão do selvagem estava mais próxima do ódio do que da frieza impassível prescrita pelos celebradores do sempre-assim.
Não pude resistir a atormentá-lo: - Como - perguntei-lhe - começou a existir tudo isto? Quem criou o Universo?
Durante um momento julguei que o selvagem não me tivesse ouvido. De certeza que não olhou para mim; os seus olhos estavam postos nas costas curvadas de Confúcio. Mas então, quando eu me preparava para ir para o carro, ele disse ou citou: - O espírito do vale nunca morre. É a chamada fêmea misteriosa. A entrada da fêmea misteriosa é chamada a raiz do Céu e a Terra. Está dentro de nós desde sempre. Por mais que tires dela nunca secará.
- Isso quer dizer que viemos das águas de um útero primordial? -. A minha pergunta não foi respondida. Em vez disso, o eremita de repente gritou para Confúcio: - Mestre K'ung acreditas que o mal deva ser pago com o bem?
Embora Confúcio não olhasse para o homem, respondeu-lhe: - Se pagas o mal com o bem, como poderás recompensar o bem? Com o mal?
Neste momento eu já estava no carro. Ouvi Confúcio murmurar entre dentes. - O homem é idiota.
- Tal como Mestre Li -, disse Tzu-lu.
- Não -. Confúcio franziu o sobrolho. - O Mestre Li é esperto. É manhoso. Disse que como os ritos ancestrais estão a diminuir, a lealdade e a ordem estão a desaparecer e a desordem a começar. Em minha opinião ele prega uma doutrina desordenadora.
Penso que em toda a minha vida nunca vi uma propriedade particular tão bela como a cabana da floresta do pai do barão

K'ang. Muito curiosamente, nunca nenhum dos meus companheiros tinha posto os olhos na propriedade que o velho ditador tinha criado para si umas cinquenta milhas a sul da capital.
No meio de uma grande clareira na floresta, tinham sido construídos uma série de terraços de modo que, ao subir-se os degraus para o pavilhão mais elevado, julgaríamos flutuar no que parecia ser um vasto mar verde, limitado a sul por uma cordilheira de montanhas como ilhas desse mar verde ainda cobertas pela neve do Inverno.
Junto ao primeiro terraço fomos recebidos por um camareiro, que nos acompanhou até ao patamar mais elevado. A cabana é um conjunto de salas, corredores, varandas e pavilhões construídos em quatro terraços artificiais no

centro de uma série de jardins maravilhosos. Onde quer que estejamos, dentro ou fora, vemos céu, flores, árvores. Os jardins e o palácio foram criados por arquitectos de Ch'u, um país do sul no Yangtze, famoso em todo o Reino do Meio pelos seus edifícios, jardins, mulheres esplêndidas - e dragões, como descobriu para seu horror o duque de Sheh.
Lagos ornamentais reflectiam a luz aquosa de um meio-dia de céu pálido. Algas verdes-claras cobriam a superfície da água como uma rede em cujas delicadas malhas eram apanhados lótus. À borda da água, orquídeas amarelas floresciam como borboletas geladas em voo. Todos os criados do jardim vestiam peles de leopardo. Não sei porquê. O que sei é que o efeito era não só bizarro como misteriosamente belo e inteiramente típico, como me disseram, de um jardim de Ch'u.
No patamar mais elevado há um edifício de dois andares feito de pedra vermelha muito polida. Encolhendo-se polidamente, o camareiro introduziu-nos num salão que era tão alto, tão largo e tão comprido como o próprio edifício. Ficámos todos subjugados pela beleza e pela luminosidade do interior - todos, isto é, menos Confúcio, que na verdade parecia muito lúgubre.
A pedra verde e cinzenta muitíssimo polida do interior faz um vivo contraste com o vermelho exterior. No centro do salão, uma enorme coluna de mármore negro, esculpida de forma a parecer uma árvore, suporta um tecto cujas traves radiais de teca foram trabalhadas de modo a parecerem ramos, carregados de todas as espécies de frutos dourados.
Directamente em frente à porta principal, uma tapeçaria azul alcião esconde a entrada para o palácio propriamente dito. Enquanto admirávamos tudo de boca aberta, mãos ou cordas invisíveis puxaram a tapeçaria para um lado, revelando o barão K'ang. O nosso anfitrião estava vestido com simplicidade mas correctamente.

Ao saudar o primeiro-cavaleiro correctamente ainda que não com simplicidade, as mesuras, os gestos das mãos, dos ombros, as suspensões da respiração foram intermináveis. Obviamente pretendia-se que esta ocasião fosse supremamente formal, elevada e significativa.
Depois de Confúcio ter dado todas as respostas correctas, o barão conduziu-nos para uma comprida varanda donde se avistavam uma série de jardins em socalcos. Aqui foi-nos servido um banquete por uma dúzia de raparigas de uma beleza espantosa de Ch'u. Estas raparigas são um elemento integrante da mobília, ou até mesmo da arquitectura e todos nós ficámos deslumbrados, menos Confúcio. Ele estava sentado no lugar de honra e fazia todas as observâncias correctas. Mas mantinha os olhos desviados das criadas. Nenhum de nós

imaginara que um luxo tal existisse em Lu. Embora o palácio da família Chi na capital seja um edifício grande, é convenientemente austero, como pertence ao centro administrativo de um Estado arruinado. Por razões dele o ditador tinha decidido mostrar-nos um aspecto da sua vida que poucos jamais tiveram o privilégio de ver. Estávamos muitíssimo impressionados, como ele pretendia. Confúcio estava desfeito... como o barão pretendia? Ainda hoje não tenho a certeza.
O banquete foi delicioso e bebemos abundantemente de um vinho de cor verde de jade e com sabor a mel e comemos pratos após pratos que nos foram servidos à maneira do sul. Isto é, os amargos alternam com os salgados, que alternam com os avinagrados, que alternam com os salgados, a que se sucedem os doces. Lembro-me de tartaruga cozida; ganso em molho avinagrado; pato na cassarola; cabrito assado com molho de inhame; grou seco com rabanetes de picles... e a famosa sopa amarga e ácida de Wu.
À excepção do barão K'ang e de Confúcio todos nós nos empanturrámos como alarves. O sábio e o ditador comeram com parcimónia e apenas molharam os lábios de vinho.
Entre dois pratos mulheres jovens apresentavam as danças tremendamente sedutoras de Cheng, acompanhadas à cítara, flautas, campainhas e tambores. Depois uma beldade fascinante de Wu cantou uma série de canções de amor que até Confúcio foi obrigado a elogiar pela sua finura... e antiguidade. De um modo geral, ele detestava toda a música composta depois da era Chou.
Lembro-me de bocados de conversa, ainda hoje iluminada e perfumada na minha memória pelo esplendor do dia, da comida, da música, das mulheres. A certa altura o barão voltou-se para Confúcio. - Diz-me, Mestre, qual dos teus discípulos é o que gosta mais de aprender?

- É aquele que morreu, Primeiro-Ministro. Infelizmente Yen Hui teve uma vida curta. Agora - disse Confúcio com um olhar penetrante sobre aqueles dos seus discípulos que estavam presentes - não há nenhum para tomar o seu lugar.
O barão sorriu. - Naturalmente tu és o juiz, Mestre. Mesmo assim, eu diria que Tzu-lu é sábio.
- Dirias? -. Confúcio mostrou as pontas dos dentes da frente.
- Acho também que é uma pessoa indicada para um cargo de Estado. Concordas com isto, Mestre? -. Deste modo, não muito delicadamente, Confúcio estava a ser subornado.
- Tzu-lu é eficiente -, disse Confúcio. - Logo devia ter um cargo -. Tzu-lu teve a elegância de parecer embaraçado.
- E Jan Ch'iu?

- É versátil -, respondeu simplesmente Confúcio. - Como sabes, pois que já ocupa um cargo.
- E Fan Ch'ih?
- É capaz, como já sabias.
Nesta altura Jan Ch'iu e Fan Ch'ih tinham deixado de apreciar o festim, uma vez que o barão se divertia à sua custa. Ele estava também a comunicar, de uma maneira secreta, com Confúcio. - Sou bem servido pelos teus discípulos, Mestre.
- Quem me dera que a virtude fosse igualmente bem servida, Primeiro-Ministro.
O barão preferiu não responder a esta réplica cortante. - Diz-me, Mestre. Qual é a melhor maneira de fazer com que o povo seja respeitoso e leal?
- Sem ser pelo exemplo? -. Apercebi-me subitamente de que Confúcio não só não estava a ferver de fúria como também a refeição que comera apesar de frugal começava a fazer-lhe mal. O barão tinha uma expressão atenta, como se Confúcio ainda não tivesse falado. Trata os homens com dignidade -. Confúcio franziu o sobrolho e arrotou. - Então eles respeitar-te-ão. Promove aqueles servidores do Estado que são dignos e educa os que são incompetentes.
- Que verdade maravilhosa! -. O barão afectou deleitar-se com esta banalidade.
- Fico feliz por a achares assim -. Confúcio parecia mais do que nunca ácido. - Certamente o contrário nunca deve ser praticado.
- O contrário?
- Não tentes educar os que já são dignos. Não promovas os incompetentes.

Felizmente a conversa foi interrompida por uma balada triste de Ts'ai. Mas quando acabou, o barão K'ang voltou às suas perguntas respeitosas ainda que provocadoras. - Como sabes, Mestre, o crime aumentou enormemente depois que serviste com tanta distinção como subministro da polícia. Eu próprio... o humilde escravo do duque... roubaram-me a minha própria casa três vezes. Que farias para parar esta epidemia de ilegalidade?
- Se o povo não tivesse tanta vontade de possuir coisas, Primeiro-Ministro, não conseguirias contratar um ladrão para roubar fosse quem fosse. Pela simples razão de que não havia nada para roubar.
O barão ignorou esta... selvajaria. Não há outra palavra para classificar a réplica do Mestre. Confúcio estava claramente ofendido com a exibição de riqueza que o barão achara por bem ostentar numa época em que o Estado estava arruinado. - Mas roubar é errado, Mestre. E aqueles, como nós, que mandam... bom, como devemos proceder para fazer com que o povo obedeça às leis?
- Se seguires um caminho recto, quem seguirá um que seja tortuoso?
Nesta altura todos nós estávamos muito comprometidos; e um tanto bêbedos. Mas o barão mostrava sinais de estar incomodado. - Acredito, Mestre, que cada

um de nós está num caminho que lhe parece ser recto. Aqueles que escolhem o caminho tortuoso... bom, que deve fazer o governante com eles? Devem ser condenados à morte?
- Tu és um governante, Primeiro-Ministro, e não um carniceiro. Se honestamente queres o bem, o povo também o quererá. Um cavalheiro é como o vento e o povo como a erva. Quando o vento passa por cima de um prado, a erva dobra-se sempre -. Confúcio era novamente ele próprio.
O barão fez que sim. Tive a impressão de que ele estava realmente a ouvi-lo. Mas à procura de quê? Traição? Senti-me muito mal. Todos nós nos sentíamos mal, menos Confúcio, cuja mente, contrariamente ao estômago, parecia de momento estar em paz.
- Mas o povo entende o modo de agir de um cavalheiro?
- Não. Mas pode ser levado, pelo exemplo, a segui-lo.
- Estou a ver -. O barão teve um ataque de soluços, que os Cataios consideram como uma manifestação sonora de sabedoria interior. Até Confúcio parecia menos severo ao ver que estava a ser escutado com muita atenção pelo seu antagonista. - Diz-me, Mestre, um governante que não siga a via poderá trazer paz e prosperidade ao seu povo?

- Não, Primeiro-Ministro. Não pode.
- Então e o último duque de Wei? Era um homem de fraca reputação que se deixava manipular pela sua concubina, uma mulher que, creio, tu uma vez visitaste.
A esta insinuação desagradável Confúcio franziu o sobrolho. - Se alguma vez agi mal - disse - rezo ao Céu para que me
perdoe.
- Tenho a certeza de que te perdoou. Mas explica-me por que razão o Céu não puniu esse governante de tão fraca reputação? Ele morreu de velho, próspero e contente há dez anos.
- O falecido duque achou por bem contratar os serviços do melhor ministro dos negócios estrangeiros, do sumo sacerdote mais devoto e do melhor general do Reino do Meio. Este foi o segredo do seu êxito. Nas suas nomeações seguia a vontade do Céu. Isto é raro -, acrescentou Confúcio, olhando fixamente para o ditador.
- Não nego que poucos governantes puderam dispor de servidores tão bons e tão virtuosos como o falecido duque de fraca reputação -, disse, displicente, o ditador.
- Não nego que poucos governantes têm sido capazes de reconhecer o que é bom e virtuoso quando o vêem -. Confúcio estava sublime... e devastadoramente à

vontade.
Nós estávamos todos muito nervosos menos o mestre e o ditador. Eles pareciam estar a gostar do duelo.
- Governar bem o que é?
- Quando os próximos aprovam e os distantes se aproximam.
- Então sentimo-nos honrados porque tu, que estavas longe de nós, aproximaste-te -. Isto foi realmente bem encaixado. - Rezamos para que a tua presença entre nós signifique aprovação da nossa política.
Confúcio fitou com bastante grosseria o primeiro-ministro. Depois deu-lhe uma das suas respostas do catálogo... com alguma falta de sinceridade. - Aquele que não ocupa um cargo no Estado não discute a sua política.
- Os teus... pequenos ocupam cargos elevados -. O barão apontou para Jan Ch'iu e Fan Ch'ih. - Ajudam-nos a fazer leis boas, decretos sensatos...
Confúcio interrompeu o ditador. - Primeiro-Ministro, se insistires em governar o povo com regras, regulamentos, decretos e punições, ele distanciar-se-á pura e simplesmente e tratará da sua vida. Por outro lado, se governasses pela força moral e pelo exemplo pessoal, ele viria até ti de livre vontade. E seria bom.
- E o que é a bondade, Mestre?

- é a vontade do Céu tal como praticada pelos sábios divinos.
- Mas como tu próprio és um sábio divino...
- Não! Não sou um sábio divino. Sou imperfeito. Quando muito sou um cavalheiro. Quando muito tenho um pé no caminho, mas mais nada. Meu Senhor Barão, a bondade é o reconhecimento da aparência de todas as coisas e aquele cujo coração esteja, por pouco que seja, voltado para a bondade aperceber-se-á dessa aparência e então ser-lhe-á impossível não gostar de todos os homens.
- Mesmo dos maus?
- Especialmente dos maus. A busca da rectidão é um trabalho para uma vida inteira. De facto, a tendência básica de um verdadeiro cavalheiro é a rectidão, a qual ele põe em prática seguindo o ritual, fazendo-a avançar com modéstia e levando-a fielmente até à conclusão. Certamente, a obtenção de riqueza e poder através de meios desonestos está tão longe do ideal do cavalheiro como uma nuvem à deriva no Céu.
O barão era tão desonesto como a maior parte dos governantes; contudo baixou a cabeça como se por respeito e temor. - No entanto - disse para a esteira de seda em que se sentava - para um humilde servidor do Estado, o que é que, falando praticamente, é a rectidão?
- Se já o não sabes, não posso dizer-to -. Confúcio estava sentado muito direito. - Mas como estou certo de que, lá no fundo da tua barriga, sabes o que é certo tão

bem como qualquer cavalheiro, só te quero lembrar que implica duas coisas: consideração pelos outros e lealdade para com os outros.
- Quando uso de consideração, Mestre, que faço?
- Não fazes aos outros o que não gostarias que te fizessem a ti. Isso é muito simples. Quanto à lealdade, deve-la ao teu soberano, se ele é recto. Se não é recto, deves transferir a tua lealdade, mesmo que sofras com isso.
- Diz-me, Mestre, alguma vez encontraste alguém que se preocupasse profundamente com o bem e odiasse verdadeiramente o mal?
Confúcio olhou para as mãos. Os seus polegares invulgarmente compridos impressionavam-me sempre. Quando respondeu, fê-lo em voz baixa: - Não consigo pensar em ninguém que tenha conseguido praticar o bem com toda a força, ainda que unicamente um só dia.
- Mas com certeza tu és inteiramente bom.
Confúcio abanou a cabeça. - Se eu fosse inteiramente bom, não estaria aqui contigo, Primeiro-Ministro. Jantamos luxuosamente enquanto o teu povo morre de fome. Isto não está bem. Isto não está certo. Isto não é correcto.
509
Em qualquer outra parte do Mundo a cabeça de Confúcio teria sido imediatamente separada do corpo. Estávamos todos aterrorizados. Mas, muito curiosamente, Confúcio tinha feito a coisa mais inteligente possível. Atacando directamente o ditador do ponto de vista moral, tornava claro que de modo nenhum era perigoso politicamente para a família Chi. No pior dos casos, era um incómodo. No melhor, era um adorno do seu regime. O sábio truculento que critica toda a gente é com muita frequência o homem mais seguro do país - muito como o bobo da corte, a quem raramente ninguém dá ouvidos. O medo do barão K'ang era que Confúcio e os seus discípulos estivessem conluiados com Key; que estivessem a preparar o derrube das famílias baroniais e a restauração dos poderes ducais. Assim sendo, o comportamento de Confúcio na cabana da floresta convenceu o ditador de que nada tinha a recear da parte de Confúcio. Demoradamente o barão K'ang explicou a Confúcio por que razão o Estado precisava de novas receitas. Pediu também desculpa pelo luxo da sua casa, alegando que "foi construída pelo meu pai e não por mim. E em grande parte foi um presente do governo de Ch'u".
Confúcio ficou calado. A tempestade tinha passado. À medida que a conversa se generalizava, as dançarinas tornavam-se cada vez mais eróticas nos seus movimentos. Não me lembro de como cheguei à cama nessa noite. Só sei que acordei na manhã seguinte num quarto de paredes vermelhas de cinébrio trabalhado e com embutidos de azeviche. Ao sentar-me na cama uma bela rapariga correu as compridas cortinas azuis de seda da cama. Ofereceu-me uma

bacia cujo interior mostrava uma fénix dourada renascendo das chamas... o melhor dos augúrios, pensei, enquanto vomitava. Nunca estive tão mal disposto... ou num sítio tão lindo.
Os dias seguintes foram idílicos. Até Confúcio parecia à vontade. Por uma razão: com muito aparato, o barão K'ang tinha-o investido no cargo de ministro de Estado e agora tudo parecia indicar que a cabaça amarga ia ser tirada da parede e usada.
Ou pelo menos era o que toda a gente pensava excepto Tzu-lu. - É o fim -, disse-me ele. - A longa jornada chegou ao fim. Nunca darão uma oportunidade ao mestre de governar.
- Mas ele é ministro de Estado.
- O barão K'ang é bom. É esperto. Confúcio foi homenageado publicamente. Mas nunca o utilizarão. É o fim.
No nosso último dia na cabana da floresta fui chamado ao escritório do barão K'ang. Ele foi absolutamente cordial. - Serviste-nos

bem -, disse. Durante um instante um sorriso foi claramente perceptível - um sorriso no seu rosto liso como um ovo. - Graças em parte aos teus bons serviços, o nosso sábio divino já não está de mal connosco. Além disso há paz numa terra cujas fronteiras estão tão calmas como o sono eterno do Monte T'ai.
Como de costume, o estilo elíptico do ditador precisava de interpretação. Mais tarde Fan Ch'ih disse-me que nessa mesma manhã tinha chegado a notícia de que a cidade sagrada de Chuan-yu tinha caído em poder das tropas da família Chi e que a cidadela tinha sido desmantelada. E melhor do que tudo, do ponto de vista do ditador, sem reacção do outro lado da fronteira. O alcaide rebelde era velho. O rebelde Yang Huo havia sido dado como morto. O novo duque de Key estava ocupado com assuntos internos. De momento Lu - e o seu ditador - estavam em paz. Embora não o soubéssemos na altura, a nossa recepção na cabana da floresta tinha sido para o barão K'ang a celebração do êxito de uma longa e tortuosa política externa e doméstica. A investidura de Confúcio como ministro de Estado era um gesto simbólico ainda que vazio, calculado para agradar aos admiradores de Confúcio e para acabar com o descontentamento dos cavaleiros e dos cavalheiros que administravam o Estado.
- Mas estamos-te também em débito por nos teres mostrado a maneira ocidental de fazer o ferro. O teu nome... apesar de bárbaro... foi já registado com honra nos anais de Lu. -. Olhava para mim como se eu tivesse acabado de receber das suas mãos um tesouro em ouro.
De lágrimas nos olhos agradeci-lhe aquela extraordinária demonstração de carinho. Ele escutou-me durante algum tempo em que eu desfiei elegantes frases

cataias uma após outra, tal um oleiro a vidrar uma travessa. Quando por fim parei para respirar ele disse: - Desejo mais uma vez estabelecer a estrada da seda até à índia.
- Mais uma vez, Senhor Barão?
O barão fez que sim. - Sim. Não é do conhecimento geral mas no tempo dos Chou... quando o Filho do Céu olhava de Shensi para o sul... havia um comércio regular por terra entre nós e os bárbaros da planície gangética. Depois deu-se este longo... interlúdio. Sem um verdadeiro Filho do Céu há muitas coisas que não são o que eram. Embora a estrada da seda nunca tenha sido abandonada, o comércio regular foi interrompido há perto de trezentos anos. Ora eu sempre mantive... como também o meu imaculado pai... boas relações com Ch'u, a bela nação a sul de nós. Talvez tenhas reparado favoravelmente nos jardins Ch'u que nós criámos aqui. Bom, não são nada quando comparados com a terra inteira de Ch'u que é um jardim

enorme, regado pelo rio Yangtze -. Com uma certa riqueza de pormenores o barão contou-me a história de Ch'u. De coração agotado como de um passarinho aprisionado eu fingia escutá-lo.
Finalmente o ditador chegou ao que interessava. - Agora que temos paz dentro e fora do reino, em parte graças a ti, caro amigo, o nosso duque concluirá um tratado com o duque de Ch'u e juntos, patrocinaremos uma expedição por terra à índia e tu levarás presentes do nosso governante ao rei de Magadha.
Então, como que por magia, a sala encheu-se de mercadores. Dois eram Indianos. Um era de Rajagriha; os outros, de Varanasi. Disseram-me que tinham chegado ao Catai por mar. Mesmo ao sul de Kweichi sofreram um naufrágio. Ter-se-iam afogado se não tivessem sido salvos por duas das muitas sereias que abundam no mar do sul. Estas criaturas vivem tanto na água como em terra - ou pelo menos em rochas distantes, onde tecem lindos panos feitos de algas marinhas. As sereias notoriamente têm uma grande inclinação pelos homens, e quando choram - geralmente depois de terem sido abandonadas por um marinheiro humano - as suas lágrimas formam pérolas perfeitas.
Discutimos a expedição em todos os pormenores. Embora o barão K'ang tivesse dado a impressão de que a viagem ia ser empreendida unicamente como forma de me recompensar pelos serviços prestados à família Chi, descobria pouco depois que tal não era mais do que a habitual hipérbole cataia. De facto, pelo menos uma vez por ano, partia de Key uma caravana em direcção a Lu; e então seguia para sul, para Ch'u. Em cada etapa, era engrossada por novas mercadorias. E conclui que já podia ter partido de Lu anos antes. Mas, para ser justo com o ditador, ele queria que eu ganhasse a passagem. Quando a ganhei,

deixou-me partir. Tudo somado, ele era um governante admirável. Disso não há dúvida.
Não me lembro de muita coisa do resto do tempo que passámos na cabana da floresta. Mas lembro-me de que ao contrário dos jubilosos Jan Ch'iu e Fan Ch'ih, Confúcio não parecia de modo nenhum entusiasmado com o seu alto cargo. Tzu-lu também estava sorumbático. Só comecei a perceber quando chegámos às portas da cidade. Quando o nosso carro passou o portão interior, uma sentinela perguntou a um dos nossos guardas: - Quem é esse velho
ilustre?
- Um ministro de Estado -, respondeu oficiosamente o guarda. - O primeiro-cavaleiro Confúcio.
- Ah, pois -, riu-se o guarda. - É aquele que está sempre a dizer que mesmo que não valha a pena devemos continuar a tentar.
512
Embora o rosto de Confúcio não mudasse de expressão, todo o seu corpo tremeu como se ele estivesse doente. O surdo Tzu-lu não ouvira o que a sentinela tinha dito mas reparou nas tremuras. - Deves cuidar da saúde, Mestre. Esta estação é muito má.
- Qual é a estação que o não é? -. Tal como se verificou, Confúcio estava doente.
- E que importa isso?
Confúcio não se tinha rendido ao primeiro-ministro mas ao tempo. Na cabana da floresta tinha aceitado o facto de que nunca dirigiria o Estado. Esperava ainda ser útil doutra maneira. Mas o sonho de meter nos eixos a sua terra natal chegara ao fim.

7

O RESTO DO VERÃO FOI OCUPADO com os preparativos para a partida. Os mercadores de Lu que queriam comerciar com a índia foram mandados reunir as suas mercadorias no armazém central. Conheci todos os mercadores e tornei-me tão útil quanto podia. Prometi obter em Magadha todos os privilégios que pudesse por esta ou aquela matéria-prima ou manufactura. Embora o comércio com a índia ainda não fosse corrente, os mercadores cataios tinham uma percepção muito clara daquilo a que os Indianos davam valor. Sempre pensei que cada raça possui uma memória bem distinta da dos seus anais escritos ou falados. De pai para filho há determinadas informações que são passadas. Apesar do facto de se terem passado três séculos sem um comércio regular entre o Oriente e o Ocidente, a maioria dos mercadores cataios parecia nascer a saber que a seda, as pérolas e as peles, os biombos de penas, o jade e o osso de dragão

são apreciados no Ocidente, onde o ouro, os rubis e as especiarias que os orientais tanto desejam podem ser encontrados em abundância.
O chefe da expedição era um marquês de Key. Durante o Verão fez-me uma visita. Tratei de o impressionar vivamente com o meu parentesco com Ajatashatru, que era agora, segundo as notícias mais recentes, senhor de toda a planície gangética, com excepção da república de Licchavi. A pedido do marquês concordei em fazer a ligação entre a expedição e o governo de Magadha. Se ainda gozava ou não do favor do meu tempestuoso sogro era uma questão que achei prudente não levantar. Era possível que Ambalika e os meus filhos estivessem mortos. Ajatashatru podia ter enlouquecido.

Certamente, se lhe desse na cabeça podia condenar-me à morte por deserção... ou para seu próprio divertimento. Ele era sempre referido como preocupação pelos Cataios bem informados.
- Nunca houve um rei tão sangrento como ele -, disse Fan Ch'ih. - Nos últimos anos incendiou até às fundações uma dúzia de cidades, matou milhares de homens, mulheres e crianças.
Como eu sabia que Ajatashatru era pior do que os Cataios suspeitavam, pintei-o com melhores cores do que o que eles temiam. Fosse como fosse, teríamos que nos arriscar. Além disso, eu estava relativamente certo de que ele haveria de querer que a estrada da seda fosse aberta ao tráfico regular. Logo, não iria querer inibir o comércio roubando e assassinando mercadores legítimos. Era pelo menos o que eu me dizia... e ao nervoso marquês de Key.
Pouco depois de termos regressado da cabana da Floresta, Confúcio caiu de cama. Passado uma semana começou a espalhar-se por todo o Reino do Meio que o sábio divino estava a morrer.
Logo que ouvimos a notícia eu e Fan Ch'ih corremos para a casa do mestre. A rua em frente à casa estava apinhada de jovens em silêncio, atentos e tristes. Tzu-lu tinha dado ordens em como só os discípulos originais podiam ficar ao lado do leito de morte. Eu fui admitido apenas porque estava com Fan Ch'ih.
Na sala exterior estavam reunidos trinta discípulos. Vestiam de luto. Eu cheirei o fumo das folhas aromáticas que estavam a ser queimadas no quarto. O seu cheiro, embora não seja desagradável ao homem, é enjoativo para os espíritos malignos - ou é o que crêem os Cataios. Dentro do quarto entoava um cântico fúnebre.
Quando Fan Ch'ih ouviu o cântico começou a chorar. - Isto quer dizer que ele está a morrer. Este cântico canta-se apenas quando o espírito está a deixar o corpo.
No Catai, se não se reza ao Céu e à Terra para que cuidem de um moribundo ele

volta e persegue os que não estiveram dispostos a aplacar em nome dele as duas metades do ovo original. Os Cataios acreditam que cada homem possui dois espíritos dentro de si. Um é o espírito da vida, que acaba quando o corpo morre. O outro é o espírito da pessoa, que continua a existir enquanto for recordado e honrado com sacrifícios. Se o espírito recordado não for honrado correctamente, a vingança do fantasma pode ser terrível. Mesmo naquele momento triste, não pude deixar de pensar como todas as religiões são confusas. O próprio Confúcio não acreditava nem em espíritos nem em fantasmas. Possivelmente os seus discípulos também não acreditavam. Contudo, no momento da sua morte, Tzu-lu insistiu em que fossem realizadas todas as cerimónias antigas e obsoletas.
514
Era como se o meu avô à hora da sua morte tivesse pedido à deusa-demónio Anahita que intercedesse por ele junto dos guardiães da casa dos pais arianos.
Os discípulos no pátio juntaram-se ao cântico. Eu senti-me mal e a mais. Além disso estava sinceramente triste pois tinha acabado por admirar aquele ancião sábio e obstinado.
Então o cântico parou. Tzu-lu apareceu na sala exterior. Parecia arrasado, quase como se fosse ele que estivesse a morrer. Jan Ch'iu estava parado atrás dele.
- O mestre está inconsciente. Está quase no fim -, anunciou Tzu-lu de voz embargada. - Mas se recuperar os sentidos devemos prestar-lhe todas as honras -.
Tzu-lu aproximou-se de um dos discípulos que tinha um embrulho enorme nos braços. - Estão aqui os trajos que são usados pelos servidores de um grande ministro. Temos de os vestir. Depressa!
Tzu-lu, Jan Ch'iu, Fan Ch'ih e mais quatro discípulos envergaram os trajos que não tinham sido feitos com as suas medidas. Depois entraram em fila no quarto cantando os louvores do grande ministro de Estado. Como ninguém me deteve, fui atrás deles.
Confúcio jazia numa esteira simples, com a cabeça voltada para norte - onde moram os mortos. Estava muito pálido; e a sua respiração era irregular. Num braseiro ardiam folhas aromáticas.
Quando Tzu-lu e os outros servidores se puseram a balançar e a gemer, Confúcio abriu os olhos. Pareceu espantado; como um homem acordado de um sono natural. - Tzu-lu! -. A voz saiu-lhe surpreendentemente forte.
Os discípulos interromperam a cantilena e Tzu-lu disse:
- Grande Ministro, estamos aqui para te servir na morte como na vida. Realizámos os ritos da expiação. Convocámos os espíritos do Céu e os espíritos da Terra...
- A minha expiação começou há muito tempo -. O rosto pálido começou a escurecer à medida que as forças regressavam.

- Não preciso de ritos. Ou o que fiz na minha vida de bom aos olhos do Céu ou não. Tudo isso... é supérfluo -. O ancião piscou os olhos; reparou nos trajos que os discípulos vestiam. - De que estais vestidos?
- De servidores de um grande ministro.
- Mas eu não sou um grande ministro.
- És ministro de Estado...
- Isso não é nada, como sabeis. Só um grande ministro pode ter servidores que vistam essas roupas -. Confúcio fechou os olhos.
- Isso é um arremedo, Tzu-lu -. Depois os olhos voltaram a abrir-se;

tinham-se tornado vivos e alerta. A voz era também mais forte.
- Quando fingis que eu sou o que não sou, quem julgais enganar? A corte? Eles sabem a verdade. O Céu? Não! Prefiro morrer
- (apareceu um ligeiro vestígio de um sorriso nos cantos da sua boca) - segundo a minha humilde posição.
Tzu-lu não disse nada. Jan Ch'iu quebrou o silêncio constrangido. - Mestre, trouxe-te um remédio especial -. Jan Ch'iu ofereceu ao velho uma garrafinha com tampa. - É um presente do barão K'ang, que reza pela tua recuperação.
- Agradece-lhe as orações. E o remédio -. Com algum esforço Confúcio ergueu uma mão como para pegar na garrafa. Mas quando Jan Ch'iu tentou colocar-lha na mão ele cerrou o punho e disse: - Como não sei o que está na garrafa, não me atrevo a tomá-lo. Além disso - (e os dentes da frente mostraram-se finalmente no famoso sorriso de coelho) - o primeiro-ministro deve saber que um cavalheiro não pode tomar nenhum remédio de nenhum médico cujo pai e cujo avô não serviram anteriormente a sua família.
Confúcio não morreu. No fim do Verão pediu ao barão K'ang um ministério a sério. Quando lhe disseram que de momento não havia nenhum disponível, ele percebeu que a cabaça amarga estava pendurada na parede para sempre. Aparentemente de bom grado, Confúcio passou a dividir o seu tempo entre o estudo dos textos Chou e os seus alunos. Diz-se que a escola privada de Confúcio foi a primeira do Reino do Meio que não estava relacionada com uma família nobre. O próprio Confúcio tinha sido educado na escola privada da família Meng. Agora era o educador de toda a classe dos cavaleiros, bem como de uma quantidade de nobres. Mais importante do que isso, ele era um fazedor de cavalheiros. Antes de Confúcio, ninguém abaixo do nível de cavaleiro podia aspirar à condição - não, condição, não - à qualidade de cavalheiro. Confúcio disse que quem seguisse a via certa com diligência podia tornar-se cavalheiro. Os despossuídos letrados Shang ficaram felizes. A nobreza Chou não.
Confúcio dedicou também uma boa parte do seu tempo a classificar os anais de

Lu. Achava que era importante saber exactamente o que aconteceu durante aqueles anos em que os duques perderam o poder. Passava muitas horas felizes e poeirentas com os anais, postos à sua disposição pelo duque Ai. No Catai, só as grandes famílias possuem livros em todas as quantidades. Segundo Confúcio, a maior parte destes livros é uma grande trapalhada porque a escrita - que é vertical e não horizontal - é feita em tiras de

bambu que em seguida são ligadas entre si por uma correia de couro que passa por um furo na parte de cima de cada tira. Com o tempo as correias gastam-se. E quando isso acontece, a ordem das tiras fica destruída. O sonho de Confúcio era ordenar devidamente o máximo que pudesse da literatura Chou. Isto significava separar hinos ancestrais de canções de corte, e assim por diante. No total, uma empresa prodigiosa. Não faço ideia de se ele viveu o suficiente para acabar a tarefa. Duvido muito.

Vi-o pela última vez nas traseiras dos altares da chuva. Passeava com muitos estudantes. Quando me viu, sorriu. Juntei-me ao grupo; e escutei-o durante um bocado. Embora ele não lhes tivesse dito nada que eu não tivesse ouvido antes, era sempre interessante observar a maneira como ele adaptava a sua sabedoria a homens e a situações diferentes. Ele detestava particularmente aqueles que se limitavam a repetir afectadamente o que tinham decorado, como outros tantos pássaros indianos. "Aprender e não reflectir sobre o que se aprendeu é perfeitamente inútil. Pensar sem primeiro ter aprendido é perigoso." Por outro lado não tinha muita paciência com os manipuladores do argumento. Lembro-me de uma vez em que um jovem voltou as palavras do próprio Confúcio contra ele. O mestre aceitou esta esperteza com uma serenidade aparente. Mas ao afastarmo-nos ele resmungou: - Como odeio fala-baratos! -. Não deveria gostar de Atenas.

Demócrito, penso que até o teu mestre Protágoras teria concordado com as observações de Confúcio sobre como é necessário examinar o que se aprendeu. Confúcio pensava também que um professor deve ser sempre capaz de reinterpretar o antigo em termos do novo. Isto é óbvio. Infelizmente também é óbvio que poucos mestres não são capazes de fazer outra coisa a não ser repetir, sem interpretar, as máximas antigas. Para Confúcio, a verdadeira sabedoria é saber a extensão do que não se sabe tão bem como o que se sabe. Tenta isto com o teu amigo Sócrates... ou nesse demónio com quem ele gosta de falar.

Demócrito acha que sou injusto com Sócrates. Se sou, é porque conheci homens grandes e sábios de uma espécie que não se encontra neste lugar... ou época.

Quando Confúcio e os discípulos chegaram à beira do rio eu disse: - Mestre, estou de partida. Quero despedir-me.

Confúcio voltou-se para os discípulos. - Ide para casa, pequenos -. Então deu-me o braço, um gesto de intimidade que raramente se permitia mesmo com Tzu-lu. Juntos caminhámos até ao sítio exacto onde tínhamos pescado pela primeira vez juntos três anos antes. - Espero que penses de vez em quando em nós quando

estiveres... lá -. Ele era demasiado educado para dizer o nome cataio correcto para o "lá": terra dos bárbaros.
- Pensarei. Muitas vezes. Aprendi muitas coisas contigo, Mestre.
- Achas que sim? Ficaria muito satisfeito com isso, claro. Mas nós somos tão diferentes.
- O mesmo Céu cobre a Pérsia e o Catai -. Eu era sincero no meu afecto por ele.
- Mas os decretos não são os mesmos -. O velho mostrou os dentes de coelho. - É por essa razão que ainda acreditas no Senhor da Sabedoria, no dia do juízo e nesse flamejante... fim das coisas.
- Sim. Mas mesmo assim, a via da correcção, para nós... na Terra... é também a tua.
- A via do Céu -, corrigiu-me. Estávamos na margem do rio. Desta vez ele sentou-se na pedra onde eu me tinha sentado. Eu ajoelhei-me ao seu lado. - Já não pesco -, disse ele. - Perdi o jeito.
- Isso desaparece?
- O que é que não desaparece? Excepto a noção do bem. E do ritual. Sei que te ris secretamente das nossas três mil e trezentas observâncias. Não, não negues. Eu compreendo-te. É por essa razão que gostaria que tu nos compreendesses. Estás a ver, sem o ritual, a cortesia torna-se cansativa. A prudência torna-se timidez. O atrevimento torna-se perigoso. A inflexibilidade torna-se rigidez.
- Nunca me ri de ti, Mestre. Mas às vezes fico confuso. Mesmo assim, ensinaste-me o que é um verdadeiro cavalheiro... ou o que devia ser. E isso é o que tu és.
O velho abanou a cabeça. - Não -. A sua voz era triste. - O verdadeiro cavalheiro é bom. Logo nunca é infeliz. É sábio. Logo, nunca fica perplexo. É corajoso. Logo, nunca tem medo. Muita da minha vida foi passada no medo, na perplexidade, na infelicidade. Não sou o que gostaria de ser. Esta a razão, para dizer a verdade, por que falhei.
- Mestre, tu és um professor famoso...
- Um razoável condutor de carros é mais famoso do que eu. Não. Não sou conhecido. Mas não culpo o Céu, ou até os homens -. Afastou uma mecha de cabelos brancos da sua testa abaulada. - Gosto de pensar que no Céu os homens são recompensados pela forma como vivem e por aquilo que aspiraram ser. Se isto é verdade, então estou satisfeito.
Escutámos os gritos dos pássaros dos pomares próximos; os gritos das mulheres

que afugentavam os pássaros esfomeados. - Mestre, acreditas no Céu?
- A Terra é um facto -. O velho bateu com a mão no solo coberto de musgo.
518
- O Céu é um facto?
- Assim nos foi ensinado pelos Chou e antes dos Chou pelos Shang.
- Mas tirando os seus ensinamentos e os seus rituais, tu acreditas?
- Aqui há anos, quando estive pela primeira vez em Key ouvi e vi a dança da sucessão. Fiquei estupefacto. Nunca antes tinha percebido o que era a verdadeira beleza, o que era a perfeita bondade. Durante os três meses seguintes vivi num deslumbramento. Por fim compreendi como deve ser o Céu porque na Terra eu tinha estado tão perto da perfeição, do bem.
- Mas donde vinha essa música? Quem a criou?
Quando Confúcio cruzou as mãos, os polegares compridos cruzaram-se um sobre o outro. - Se te respondo que era do Céu, tu perguntas-me quem criou o Céu. E eu não responderei a essa pergunta porque não há necessidade de sabermos o que não podemos saber. Temos tanto com que lidar aqui. Em nome do Céu criámos determinados rituais que nos tornam possível transcendermo-nos. Em nome do Céu, somos obrigados a observar determinados costumes, determinadas maneiras, determinados modos de pensar que a harmonia, a rectidão, a bondade. Palavras que nunca são definidas facilmente -. O velho franziu o sobrolho. - O único grande obstáculo no meu próprio caminho... no caminho de todos os homens... é o da linguagem. As palavras importantes são nebulosas com tantos significados e não significados. Se eu tivesse poder, redefiniria todas as palavras -. Calou-se e depois sorriu-se, malicioso. - De modo a conformarem-se com o seu significado Chou original.
- Mas todas essas cerimónias, Mestre! Quero dizer, que pensas da actuação de Tzu-lu quando estiveste doente?
Confúcio ficou carrancudo. - Os trajos eram absolutamente blasfemos.
- Referia-me às orações ao Céu e à Terra pelo teu espírito quando tu próprio não acreditas em espíritos.
- Essa - disse o mestre - é uma questão delicada. Favoreço o ritual porque conforta os livros, mostra respeito pelos mortos, lembra-nos a nossa continuidade com todos os que nos antecederam. Afinal, eles superam-nos em milhões, e é por esta razão que não posso acreditar em fantasmas. Se esses espíritos estivessem todos à nossa volta, não haveria espaço para os vivos. Toparíamos com um fantasma a cada passo que déssemos.
- Mas e todas essas pessoas que dizem que viram os espíritos dos mortos?
519
Confúcio lançou-me um rápido olhar de lado, como se não estivesse certo de até

que ponto poderia arriscar-se comigo. - Bom - disse - falei com muitas pessoas que pensam que viram os espíritos dos mortos e faço-lhes sempre uma só pergunta, que as choca. O fantasma estava nu? Invariavelmente, respondem-me, o espírito vestia as roupas que tinha quando foi enterrado. Ora nós sabemos que quando um homem morre, as suas roupas apodrecem ao mesmo tempo que ele. Portanto como é que o seu espírito pode vesti-las outra vez?
- Não sabia como reagir a isto. - Talvez o espírito apenas pareça estar vestido - contrapus fracamente.
- Talvez o espírito apenas pareça. Talvez o espírito não exista a não ser na mente de um homem apavorado. Antes de nasceres fazias parte da força primordial.
- Isso está perto do que Zoroastro nos diz.
- Sim, lembro-me -, disse Confúcio sem ligar muito. Nunca fui capaz de o interessar na Verdade. - Quando morres, reúnes-te à força primordial. Como não tens nenhuma lembrança ou consciência da força primordial antes de nasceres, como podes reter o que quer que seja desta breve consciência humana depois de morreres e regressares à força primordial.
- Na índia acreditam que reencarnarás na terra como outra pessoa ou outra coisa.
- Para sempre?
- Não. Continuas a regressar até o ciclo actual da criação chegar ao fim. A única excepção é a daquele que alcançou a iluminação. Esse apaga-se a si próprio antes do fim do ciclo.
- E quando é... apagado, para onde vai?
- É difícil de descrever.
Confúcio sorriu-se. - Também me parece. Para mim foi sempre claro que o espírito que anima o corpo humano regressa, na morte, à unidade primordial donde veio.
- Para renascer? Ou para ser julgado?
Confúcio encolheu os ombros. - Seja lá para o que for. Mas uma coisa é certa. Não podes reacender um fogo que se apagou. Enquanto queimas a tua vida, a tua semente pode fazer um novo ser humano mas depois que o teu fogo se extinguiu, ninguém é capaz de te fazer voltar outra vez à vida. Os mortos, caro amigo, são cinzas frias. Não têm consciência. Mas isso não é motivo para não honrarmos a sua memória e a nós próprios e aos nossos descendentes.
Falámos de advinhação. Embora ele não fosse um crente, ele pensava que as formas e os rituais eram úteis ao homem. Em questões

que tinham a ver com o aperfeiçoamento dos homens nas suas relações mútuas, Confúcio fazia-me lembrar um jardineiro que está sempre a aparar e a podar as suas árvores para que elas dêem melhores frutos.

Falámos do Estado. - Estou resignado -, disse ele. - Sou como o vaso do duque Tan no templo ancestral. Viste-o? -. Quando lhe disse que não, ele contou-me como o vaso tinha sido colocado no templo pelo próprio duque no tempo da fundação de Lu. - Quando o vaso está vazio, mantém-se em pé e é muito bonito. Mas quando está cheio, o vaso rola para um lado e tudo quanto contém espalha-se pelo chão, o que não é bonito. Bom, eu sou esse vaso vazio. Não posso ser cheio com poder e glória, mas estou de pé.
No fim, à sombra dos altares antigos da chuva, Confúcio deu-me o abraço ritual - que outra coisa podia ser? - de um pai que diz adeus a um filho que nunca mais voltará a ver. Ao deixar o velho os meus olhos estavam marejados de lágrimas. Não consigo saber porquê. Não acreditava naquilo em que ele acreditava. Contudo achava-o integralmente bom. Não encontrei, de certeza, ninguém nas minhas viagens que se pudesse comparar com ele.

LIVRO SETE

Por que Razão o Rio Ganges se Tingiu de Sangue

1

A VIAGEM DE Lu A MAGADHA PELA estrada da seda demorou quase um ano. Grande parte do tempo estive doente. Mas o mesmo aconteceu com toda a gente da expedição - doentes com aquela febre que é tão comum nessas hediondas selvas do sul. Embora um terço da expedição tivesse morrido durante a viagem, o marquês de Key considerou as nossas perdas como, comparativamente, ligeiras.
Já não me lembro de nenhum pormenor da rota precisa que tomámos. Se me lembrasse não iria contá-lo a Grego algum. Na devida altura escrevi um relato da viagem e parto do princípio de que as minhas notas estão guardadas à chave na casa dos livros de Persépolis.
Houve ocasiões durante esse ano terrível em que duvidei muito de que alguma vez voltasse a ver Susa. Houve também ocasiões em que deixei de me importar. A febre tem esse efeito. Prefere-se antes morrer a ser atormentado dia e noite pelos demónios da febre. Confúcio pensa que o mundo dos espíritos não existe. Se não existe, então quem e o quê são essas criaturas de pesadelo que nos assombram durante a febre? Nesses momentos são reais; logo, demonstravelmente, são reais. Demócrito põe a minha lógica em questão. Mas tu nunca estiveste doente, muito menos foste perseguido por fantasmas.

O meu papel na expedição nunca foi inteiramente claro. Embora fosse um hóspede de honra de Lu e genro do rei de Magadha, era também uma espécie de escravo. O marquês de Key tratava-me

bastante bem; ainda assim sentia que ele não me considerava senão como uma coisa útil; e, se necessário, uma coisa útil perfeitamente dispensável.
Quando chegámos ao porto fluvial de Champa no Ganges, pedi ao marquês para me deixar ir à frente para a capital. Ao princípio recusou. Mas eu estava com sorte. Como o vice-rei de Champa me tinha uma vez visto na corte, fez-me tais honras que o marquês dificilmente podia manter-me cativo naquele que era, afinal, o meu próprio país. Concordei em encontrar-me com o marquês em Rajagriha. E então parti de Champa com um contingente de tropas magadha-nas.
É escusado dizer que não tinha nenhuma intenção de ir para Rajagriha. Por um motivo: não tinha nenhum desejo de me encontrar outra vez com o meu sogro. Por outra, queria ver a minha mulher e os meus filhos em Shravasti.
Vinte milhas a leste de Champa separei-me da minha escolta militar. Eles continuaram para Rajagriha enquanto eu me juntava a um segundo destacamento de tropas magadhanas. Estes homens tinham sido colocados na fronteira com as repúblicas e o seu oficial comandante ficou mais do que contente por acompanhar o genro do rei; na verdade ele estava com muito medo de mim. Em breve vi porquê.
Embora mesmo no Catai tivéssemos ouvido histórias da crueldade de Ajatashatru eu tendi a achá-las exageradas. Sabia, evidentemente, que ele era cruel. Como um caranguejo, tinha devorado o próprio pai. Mas essa era mais a regra do que a excepção na planície gangética. Certamente, nunca o julgara futilmente cruel. Mas estava enganado.
Em primeiro lugar fiquei espantado com a extensão da devastação que vi no que tinha sido outrora a orgulhosa e próspera federação republicana. À medida que avançávamos para norte através desses reinos conquistados era como se a própria terra tivesse sido morta. Não crescia nada onde outrora tinham sido campos de milho miúdo, pomares, pastagens.
Quando chegámos a um campo semeado de tijolos enegrecidos pelo fogo, o comandante disse: - Aqui era a cidade de Vaishali -. A destruição tinha sido total. Cães e gatos e aves de rapina, cobras e escorpiões e lagartos ocupavam agora as ruínas do que tinha sido, ainda uma década antes, uma cidade próspera onde me tinha mostrado a sala dos congressos e o santuário de Mahavira.
- Naturalmente, o rei planeia reconstruir a cidade -. O comandante deu um pontapé a uma pilha de ossos.
- Quando o fizer tenho a certeza de que rivalizará com a própria Rajagriha -,

disse eu, lealmente. Embora tivesse o cuidado de

não me mostrar senão como um genro leal do que os Indianos consideravam como o maior monarca de todos os tempos, a curiosidade às vezes era mais forte.
- Houve muita resistência aqui? Foi mesmo necessário arrasar a cidade inteira?
- Oh, sim, Senhor Príncipe? Eu estive aqui. Participei na batalha, que durou oito dias. A maior parte dos combates foi além -. Apontou para oeste onde uma fila de palmeiras marcavam o rio seco. - Forçámo-los a afastar-se da margem do rio. Quando eles tentaram refugiar-se na cidade, detivemo-los junto às muralhas. O rei em pessoa conduziu a carga pela porta principal. O rei em pessoa incendiou a primeira casa. O rei em pessoa cortou a garganta do general republicano. O rei em pessoa tingiu de vermelho as águas do rio Ganges -. O capitão declamava agora em vez de falar. As vitórias de Ajatashatru estavam já a ser postas em verso para que as gerações futuras pudessem cantar a sua glória e a sua sanguinolência.
Doze mil soldados republicanos tinham sido empalados de ambos os lados da estrada desde Vaishali e Shravasti. Como a batalha decisiva tinha sido na estação seca, os cadáveres tinham-se mumificado com o calor do Sol. Devido a isso, os soldados mortos ainda pareciam estar vivos, de bocas escancaradas, como se tivessem falta de ar ou gritassem; a morte deve ter chegado lentamente no alto daquelas estacas de madeira. Fiquei um tanto surpreendido ao ver que todos os homens tinham sido cuidadosamente emasculados: os Indianos vêem com maus olhos essa prática. Mais tarde, em Shravasti, vi à venda muitos sacos escrotais requintadamente curtidos e, durante pelo menos uma estação, estiveram muito na moda como bolsinhas de dinheiro. As senhoras usavam-nos ao cinto, como sinal de patriotismo.
Contornámos a fronteira do que restava da república de Licchavi. Embora a capital tivesse sido destruída, o resto da república ainda continuava a lutar. - São um povo muito ruim -, disse a minha escolta. - O rei está muito furioso com eles por não se renderem.
- Não o censuro. Rezemos para que ele os puna... e dentro de pouco tempo!
- Oh sim, Senhor Príncipe. Nós odiámo-los, odiámo-los! -. Mas não havia ódio na voz do jovem. Ele era tanto uma vítima da sanguinolência de Ajatashatru como as filas intermináveis de cadáveres castanhos e torcidos à nossa esquerda e à nossa direita.
Ao continuarmos pela estrada do norte, um abutre veio descansar no ombro de um soldado mumificado. Quase com uma curiosidade humana, delicadeza mesmo, o abutre espreitou para dentro do buraco onde existira o olho e deu uma bicada exploratória; não

encontrando nada, voou para longe. Tinha chegado demasiado tarde para o banquete.
Num belo dia fresco e sem nuvens de Outono, entrei em Shravasti. Felizmente Ajatashatru tinha poupado a capital de Koshala. Quando parti de Shravasti tinha vinte e sete ou vinte e oito anos. Agora tinha quarenta e a minha cara tinha sido tão queimada pelo Sol e pelo vento que se assemelhava a uma máscara de teca. Pior, o cabelo que emoldurava a máscara estava completamente branco. Pior do que tudo, o dono da máscara já não era jovem.
A casa junto ao rio do príncipe Jeta parecia estar na mesma. Bati à porta principal. Um criado espreitou cautelosamente para mim através de uma janelinha na porta. Quando lhe disse quem era, riu-se. Quando o ameacei em nome de Ajatashatru desapareceu. Passados momentos a porta abriu-se e um intendente respeitoso recebeu-me. Embora eu fosse para ele um estranho ele disse-me que sabia tudo do homem do Ocidente que era o pai dos dois filhos de Ambalika. Assim fiquei a saber que a minha esposa e os filhos estavam vivos. Quanto ao príncipe Jeta...
O meu velho amigo estava sentado no jardim interno. Era na verdade o meu velho amigo. Não teria reconhecido nesta criatura emaciada o homem vigoroso que conhecera e admirara.
- Aproxima-te -, disse ele. Como não se mexeu para me cumprimentar, atravessei o pátio até ao sítio onde ele estava deitado num divã. Foi só quando o abracei que descobri que ele estava completamente paralisado da cabeça para baixo.
- Aconteceu no ano passado -, pareceu pedir desculpa. - Teria preferido uma partida rápida, mas foi decidido que eu morresse por fases lentas. Obviamente a minha última encarnação foi feliz. Mas não devo queixar-me. Afinal vivi o suficiente para voltar a ver-te.
Antes que eu pudesse responder juntou-se-nos uma mulher gorda de meia-idade e dois rapazes muito sérios de olhos azuis. Só reconheci Ambalika quando ela falou. - Olha para ti! -. Ela lançou-se imediatamente ao ataque. - Estás velho! Oh, o meu pobre marido... e senhor -. Abraçámo-nos. Não diria que a nossa reunião se tenha parecido muito com a de Ulisses e Penélope. Mas a verdade é que também não tinha pretendentes a matar... que eu soubesse.
O meu filho mais velho estava já um homem; o mais novo estava no limiar da maturidade. O sol quente da planície gangética amadurece tudo rapidamente, como se tivesse medo que haja pouco tempo para a reprodução.
Os rapazes olhavam para mim maravilhados. Eu olhava para

eles. A combinação dos olhos azuis do norte com a pele escura do sul era muito extraordinária: eles eram muito bonitos.
- Eu também acho que são amorosos -, disse Ambalika depois de os rapazes terem sido mandados embora. - Mas, claro, aqui toda a gente olha para eles como se fossem demónios por causa daqueles olhos azuis. Têm problemas sem conta. Mas logo que cresçam... -. Ambalika calou-se. Olhávamos um para o outro por cima do corpo frágil do príncipe Jeta. Eu estava seduzido, como sempre pelo encanto de Ambalika. Nunca conheci uma mulher tão deliciosa de estar com ela. Ela era como um homem para conversar, mas não um homem de Estado, como a rainha Atossa. Quanto ao seu aspecto... bom, o Sol da índia tinha feito o seu trabalho. Ela estava definitivamente madura demais, mais do que madura. O corpo não tinha formas e os queixos eram numerosos. Só os olhos eram os mesmos; brilhavam exactamente da mesma maneira como naquela noite em que observáramos juntos a Estrela do Norte.
- Começa - disse o príncipe Jeta - pelo princípio. Comecei. Contei-lhes tudo quanto achei de interesse para eles.
Surpreendia-me que nem um nem outro quisessem saber da Pérsia. Quando nos tínhamos casado Ambalika não falara doutra coisa. Mas a verdade é que esperara ir comigo para Susa. Agora tinha perdido todo o interesse no Ocidente... e em mim.
Por outro lado, o Catai fascinou-os a ambos. Como vim a saber o príncipe Jeta fazia parte de um consórcio que estava envolvido na reabertura da estrada da seda.
- Agora - disse eu, de garganta seca de tanto falar - diz-me tu o que aconteceu aqui.
Ambalika fez o delicado gesto de aviso que queria dizer que estávamos a ser espiados. E então, numa voz arrebatada, disse:
- O meu pai é agora o monarca universal. Deleitamo-nos com as suas vitórias. Com a sua sabedoria. Com a sua bondade -. Houve bastante mais desta veia não informativa.
Quando lhe perguntei pelo Buda, o príncipe Jeta disse:
- Alcançou o nirvana há alguns anos.
- Depois de ter comido um pesado jantar de porco com feijão -. Ambalika era outra vez imprudente como sempre.
- Isso é só boato -. O príncipe Jeta não gostou da leviandade dela. - O que sabemos de certeza é que ele nos deixou em paz. As suas últimas palavras foram: "Todas as coisas são transitórias. Trabalha pela tua salvação com diligência."
- Sariputra ainda está à frente da ordem?

O príncipe Jeta abanou a cabeça. - Morreu primeiro que o
529
Buda. Ananda é quem está à frente agora. Estão todos cá em residência, a propósito.
- Ocupados a discutir o que Buda disse ou não disse -. Ambalika era tão intolerante como sempre em relação ao outro mundo e aos seus devotos.
- Amanda é um bom guardião -, disse o príncipe Jeta sem muita convicção. - Trata de que os monjes continuem a decorar tudo quanto o Buda disse tal como faziam quando ele era vivo.
- Só que - e falei com base numa infeliz experiência pessoal de sacerdote - o Buda já não está cá para os corrigir.
- É verdade. E não preciso de te dizer que já há discordâncias sérias sobre o que ele terá ou não dito.
- Vai haver mais -. Ao longo dos anos nunca deixei de me espantar e enfurecer com as novas doutrinas que os Zoroastristas emitem convenientemente em nome do meu avô. Precisamente antes de partir de Susa da última vez, fiz uma visita ao chefe dos Zoroastristas. Quando ele atribuiu ao meu avô uns versos sem sentido eu disse-lhe, muito rispidamente, que Zoroastro nunca tinha dito uma tal coisa. Com uma cara muito compenetrada o charlatão replicou: - Tens razão. O profeta não disse isto em vida. Ele falou estes versos a mim num sonho recente e ordenou-me que os escrevesse logo que acordasse.
A Verdade é derrotada pela Mentira - pelo menos no tempo do longo domínio. Bom, esses falsos sacerdotes sentirão o metal derretido. Isso é um facto.
As semanas seguintes foram muito agradáveis. Embora a gorda Ambalika já não me atraísse sexualmente, achei-a não só excelente como companhia como também inteligente. nA nossa primeira noite juntos, ela conduziu-me para o telhado que dominava o rio. Lembro-me de que a Lua estava em declínio, que o fumo das cozinhas no cais por baixo de nós era tão pungente como sempre, que nada muda na índia.
- Aqui ninguém vem ouvir-nos. -. Sentámo-nos lado a lado num divã, com o luar a incidir-nos directamente nos olhos. Muito ao longe, para leste, podia-se distinguir quase os Himalaias, uma massa negra contra o Céu.
- Onde está o teu pai? -. Não tencionava encontrar-me com essa volátil figura se pudesse evitá-lo.
- Na estação seca está sempre com o exército. De modo que provavelmente deve estar algures na república de Licchavi. Eles são muito teimosos. Não consigo imaginar porquê. Se se rendessem ele podia salvar uns poucos. Agora matá-los-á a todos.
530

- Ele é mesmo o monarca universal, não é -. Como não sabia até que ponto a minha esposa era partidária do seu pai, fui cauteloso.
- Bom, não tem havido sacrifício do cavalo mas... Sim, ele é o primeiro de todos os reis da nossa história.
Observámos estrelas cadentes e escutámos alguém tocar uma cítara desafinada por baixo de nós.
- Suponho que voltaste a casar? -. Ela fez a pergunta sem qualquer ênfase particular.
- Sim. Sou... ou fui... casado com a irmã do Grande Rei. Já morreu.
- Houve filhos?
- Não. Os meus únicos filhos têm-te a ti como mãe.
- A honra é toda minha -. Ambalika disse isto com toda a seriedade mas estava claramente a troçar.
Ignorei a troça. - Tanto quanto sei, é o primeiro caso de alguém ter filhos numa terra distante e da filha do rei.
- A Pérsia é que é a terra distante -. Ambalika foi cortante. - Nós estamos em casa, na nossa terra.
- Pensei que tu quisesses voltar comigo para a Pérsia. Ambalika riu-se. - Digamos que eu gostaria tanto de ir para a
Pérsia como tu gostarias de me ter lá.
- Eu gostaria de...
- Não sejas idiota! -. De repente ela parecia-se muito com a rapariguinha com quem eu me tinha casado. - Não saberias o que fazer comigo e eu de certeza que não saberia o que fazer num país cheio de neve e gelo e gente de olhos azuis -. Arrepiou-se com a ideia.
- Mas os nossos filhos...
- ...têm de ficar aqui.
- Têm? -. Senti irritação de repente. Afinal, eram os meus filhos e quis muito levá-los comigo para Susa, com ou sem a mãe.
- Sim, têm. Seja como for, tu não tens escolha na matéria. Nem eu -, acrescentou.
- É a vontade do meu pai. Ele gosta da ideia de ter netos persas. Pensa que um dia serão úteis.
- Como embaixadores? Mas se eles nunca visitaram a sua Pátria, que utilidade poderão ter?
- Ele há-de arranjar-lhes uma. Não te preocupes. De qualquer modo, mandou vir o velho Caraka. Para lhes ensinar persa.
Fiquei contente por saber que Caraka ainda era vivo. Segundo Ambalika ele tinha sido o superintendente das fundições de Magadha.

- E o Catai? - perguntou ela ajeitando o xaile de lantejoulas por causa do vento morno da noite. - Casaste-te com alguma lá?
- Tinha duas concubinas encantadoras. Mas nenhuma esposa.
- Filhos?
- Não. As mulheres cataias dominaram a arte de não ter filhos. Ambalika fez que sim. - Já ouvi dizer isso. É claro que nós
temos alguns feitiços que resultam sempre, salvo quando não resultam.
- As Cataias bebem uma espécie de poção. Mas quando se lhes pergunta o que é, elas põem-se com risinhos. Como povo, são muito cheios de segredos. De qualquer modo, as minhas duas raparigas eram deliciosas. Havias de gostar delas.
- Gostaria quase de qualquer companhia aqui. Como única esposa de um marido invisível em casa de um avô sem nenhuma concubina com menos de sessenta anos, passo bastante tempo sozinha. Que fizeste com as raparigas quando te vieste embora do Catai?
- Uma mandei-a para casa numa aldeia com dinheiro suficiente para arranjar um marido e a outra foi para casa de um amigo meu -. Fan Ch'ih tinha-se enamorado tanto da minha segunda concubina que eu fiquei encantado por poder dar-lhe um presente que ele apreciava verdadeiramente.
- Então serei privada da companhia delas -. Ambalika disse isto quase com tristeza. - Mas a verdade é que também serei privada da tua companhia dentro de pouco tempo, não é verdade?
- Tenho de me apresentar ao Grande Rei -, disse eu.
- E logo que o faças, estarás velho demais para voltar para aqui -. A rudeza de Ambalika tinha-me sempre espantado... e encantado. No escuro, ouvindo a sua voz clara e trocista consegui ignorar os refegos de carne que tinham abafado tão completamente a rapariga esguia com quem tinha casado no que parecia, mesmo já naquele tempo, ter sido uma outra vida.
- Gostarias que eu ficasse?
- Acho que não -, disse ela. - Estivemos separados demasiado tempo.
- E o rei?
Ambalika ficou calada. Passei-lhe um braço pelos ombros. Foi um erro. A ilusão de juventude criada pela escuridão foi desencantada pelo tacto. Mas ficámos abraçados durante algum tempo; e ela contou-me dos tempos sangrentos por que tinham passado os países da planície gangética. - Tivemos muito medo especialmente quando o exército de Koshala foi destruído. De facto, todos nós estávamos preparados para abandonar a cidade quando o rei nos

mandou uma mensagem, secretamente, a dizer-nos que ficássemos

pois Shravasti seria poupada porque o Buda estava a residir cá! -
Riu-se docemente no meu pescoço. - O interesse do meu pai pelo Buda não é diferente do meu. Mas ele sabia que o Buda era popular. Além disso sabia que a ordem budista odiava o rei Virudhaka por ter destruído a república de Shakya. Evidentemente na altura ninguém suspeitava que o meu pai ia eliminar as outras repúblicas todas logo que fosse coroado em Shravasti. Seja como for, o povo daqui saudou o meu pai como se ele fosse algum libertador. E até hoje ele tem-se comportado bem.
- Ele vê-te?
- Oh, sim. Damo-nos bem e, é claro, está encantado com os netos. Pergunta-me sempre por ti, espera voltar a ver-te, chora...
- Ainda?
- Ainda. Mas agora há muito mais para chorar do que antes -. Para lá desta simples frase Ambalika não fez outras críticas ao pai. Mas as mulheres sempre foram atraídas pelo poder. Não penso que pudesse alguma vez existir um conquistador tão sanguinário que a maioria das mulheres não se mostrasse disposta a dormir com ele na esperança de ele lhes dar um filho que, por sua vez, seria tão feroz como o pai.

2

PoUCO DEPOIS DO CARNAVAL ANUAL que arrebata Shravasti quando todos os dias são destinados ao prazer, o príncipe Jeta e eu fizemos uma visita a Ananda no mosteiro budista. Eu acompanhava a liteira do príncipe Jeta a pé.
- Raramente saio de casa -, murmurou ele enquanto abríamos caminho por entre as multidões alegres. - Mas quero estar presente quando tu falares com Ananda. Ele vai deliciar-se com as tuas histórias cataias -. Porque o príncipe Jeta tinha ficado fascinado com o que lhe contara sobre Confúcio e o Mestre Li, ele partia do princípio de que o novo chefe da ordem budista haveria igualmente de ficar interessado. Este foi o único sinal de ingenuidade que alguma vez detectei no meu velho amigo. Se há uma coisa que o sacerdote profissional detesta, é falarem-lhe de uma religião ou de um sistema de pensamento rival.
O parque de bambu era agora totalmente dedicado à ordem budista. A cabana onde o Buda tinha vivido estava rodeada por um muro baixo enquanto, ali perto, estava a ser construído um novo edifício.

- Um convento -, disse o Príncipe Jeta. - É Ambapali que está a construí-lo. E ela vai ser a primeira monja.
- A cortesã de Vaishali?

- Sim. Depois da morte do Buda ela veio para aqui... com todo o seu dinheiro. O que foi uma grande sorte.
- Sim. Eu vi as ruínas de Vaishali.
- Ela devotou o resto da sua vida à ordem. Admiro-a profundamente. Ela é muito santa.
- E também muito velha -, acrescentei, pois não pude conter-me. É muito mais do que vulgar as cortesãs bem sucedidas voltarem-se para a religião ou para a filosofia quando a sua beleza fenece. Será interessante ver o que vai ser Aspásia.
Ananda parecia-se um tanto com Buda, uma semelhança que ele não fazia nada por minimizar. Com muitas vénias, o chefe da sangha escoltou a liteira do príncipe Jeta até ao salão principal do mosteiro. Eu segui-os.
Várias centenas de jovens monjes recitavam as palavras do Buda. Reparei que muitos deles usavam as vestes amarelas recentemente criadas. Isto era uma inovação. Nos velhos tempos eles só podiam vestir aqueles bocados de pano que tivessem mendigado.
Ananda conduziu-nos até uma sala de tecto baixo nas traseiras do terceiro pátio do mosteiro. - Aqui é que a minha memória funciona melhor -, disse ele.
Quando os carregadores da liteira do príncipe Jeta se retiraram Ananda voltou-se para mim. - Lembro -me de ti com prazer -, disse ele. - Sariputra falava com tanto apreço de ti.
Quando o príncipe Jeta falou a Ananda das minhas aventuras no Catai, o homem santo afectou interesse. Mas foi o príncipe Jeta e não Ananda quem me pediu que expusesse a sabedoria dos Cataios. Assim fiz, resumidamente. Ananda mostrava-se polidamente entediado. Por fim disse: - O Mestre Confúcio impressiona-me como demasiado e completamente deste mundo para ser verdadeiramente sério.
- Ele acredita que o mundo dos homens é o único mundo que existe -, disse eu. - Por essa razão é que pensa que o mundo seja um assunto tão sério no nosso comportamento no único mundo que existe.
- Quanto a isso estaríamos de acordo, certamente, e a sua concepção do que constitui um verdadeiro cavalheiro é muito próxima do que nós sabemos ser a verdade. Por isso é que acho tão estranho ele ainda não ter reparado no que é tão óbvio... o facto do nirvana. E logo quando parece tão perto das quatro verdades nobres - (Ananda deixou escapar um som alto e ordinário, fazendo estalar a língua contra a parede interna da bochecha) - ele pára.

- Não penso que ele queira ir mais longe neste Mundo.
- É uma pena.
- Não acho que seja necessário ter pena de Confúcio -. Falei mais cortantemente

do que era minha intenção e a cabeça do príncipe Jeta rodou de Ananda para mim.
Ananda sorriu-se. - A nossa piedade é geral, meu caro. A nossa piedade é por todas as coisas vivas. Estar vivo é estar preso no ciclo do nascimento e renascimento. Só daquele que esteve aqui e se foi embora se pode dizer que realizou o que devia ser o objectivo deliberado de todos os homens.
- O Mestre K'ung não concordaria com isso -. Surpreendi-me por dar por mim a falar como se fosse um discípulo de Confúcio. Na realidade eu tinha ficado horrorizado com a sua indiferença total para com o Senhor da Sabedoria. Não só ele tinha sido indiferente à ideia de criação como se tinha recusado a aceitar a dualidade que está implícita em todas as coisas. Embora ele fosse inteiramente deste Mundo, defendi Confúcio contra Ananda. A perversidade humana não tem fim. Suponho que se é tentado sempre a desafiar aquele que pensam que eles e só eles possuem a verdade ou a via ou a chave do mistério.
- Qual era a ideia de morte de Confúcio? - Por deferência para com o príncipe Jeta, Ananda estava a afectar interesse.
- Realmente não sei. Suspeito que ele não pensava que isso interessasse. Ele está interessado na vida...
- Preso na vida! Pobre homem!
- Quem é que não está... preso? Confúcio é um homem honesto. Está quase sempre triste. Confessa-se imperfeito, uma coisa muito rara como vim a descobrir, tratando-se dos homens santos deste Mundo -. Ananda aceitou o meu insulto com um sorriso manso. Continuei:
- Ele queria governar um Estado para o bem geral. Quando isto lhe foi recusado ele sofreu e porque sofreu ele disse a todos que isso era a prova de que ele não era de modo nenhum um sábio perfeito.
- De modo nenhum um sábio perfeito -, repetiu Ananda.
- Tens a certeza de que ele não mostrou absolutamente nenhum sinal de querer sair do ciclo do nascimento e morte e renascimento?
- Não creio que ele aceitasse esse ciclo.
- Isso é ignorância, receio.
- Não, ignorância não. É simplesmente outra espécie de conhecimento. Ele concebe uma unidade primordial donde nós vimos e à qual vamos.
- Isso é muito intuitivo, muito intuitivo -. Ananda voltou-se para o príncipe Jeta.
- É a prova da sabedoria absoluta do Buda que mesmo no bárbaro Catai um professor seja capaz de vislumbrar

a verdade... não é o mesmo que compreendê-la, convenhamos, mas ele sente-a realmente -. Ananda sorriu-se para mim. - Ficamos muito contentes por ouvir

isso -. A complacência do homenzinho era profundamente irritante.
- Tenho a certeza - disse eu - que Confúcio ficaria muito contente por num país distante as suas verdades também terem sido entendidas, ainda que debilmente.
Ananda ignorou não só o que eu disse mas o desafio feito. Voltou-se para o príncipe Jeta. - Gostarás muito de saber que aperfeiçoámos finalmente um sistema de drenagens que é único... pelo menos em Shravasti. Desviámos as águas de um regato subterrâneo de modo que agora corre directamente por baixo das latrinas. Conseguimos também... -. Falou demoradamente de higiene, que constitui sempre um problema para as cidades indianas.
Por fim, polidamente, Ananda voltou-se outra vez para mim. - Julgo lembrar-me de que quando estiveste aqui da primeira vez teres crenças bastante diferentes das que pareces ter agora. Nessa altura acreditavas num deus supremo, um criador único do Universo. Agora, graças aos ensinamentos desse Cataio, estás preocupado apenas com... a maneira de te comportar no Mundo do dia-a-dia.
Eu também não contava que ele se lembrasse do que tinha dito sobre o Senhor da Sabedoria havia tantos anos antes. Seria idiota da minha parte. No que diz respeito à memória, o sacerdote profissional é pior - ou melhor - do que o poeta.
- Não mudei -, disse-lhe. - Ainda acredito no Senhor da Sabedoria. Falei nos ensinamentos de Confúcio para demonstrar apenas que... -. Calei-me incapaz de me lembrar exactamente do que tinha querido revelar ao citar o mundano Confúcio.
- ... as semelhanças entre a sua via e a via do Buda. Evidentemente, compreendo -. Ananda sorriu-se irritantemente. - Com certeza - continuou - o teu Cataio, ao rejeitar a ideia de um deus criador semelhante a Brama ou ao Senhor da Sabedoria mostra os rudimentos de uma verdadeira inteligência.
Recebi esta blasfémia com, espero, a mesma imperturbabilidade que ele utilizou para se desviar do meu primeiro desafio. - É uma inteligência verdadeira - disse-lhe - ver que nada pode partir do nada. Logo o Mundo teve de partir de qualquer coisa. O Mundo teve de ser criado, tal como foi... pelo Senhor da Sabedoria.
- Mas quem o criou a ele?
- Ele.
- De quê?
- De nada.

- Mas acabaste de dizer que nada pode partir de nada.
Sim, Demócrito, tinha caído na mais antiga armadilha do Mundo. Mudei rapidamente de táctica. - Nada não é o que eu queria dizer. Digamos que o que existia então e também hoje e também amanhã é o sempre-assim -. Sem pensar tinha-me apropriado do conceito do Mestre Li. - Foi a partir do sempre-assim

que o Senhor da Sabedoria criou a Terra, o Céu, o homem. Criou a Verdade e a Mentira...
- Mas meu caro -, Ananda suspirou. - Isso é muito primitivo, desculpa-me. Não quero ferir os teus sentimentos. Respeito a tua fé profunda no que o teu avô julgava ser verdade. Mas até o teu amigo cataio ultrapassou a noção de um deus do Céu omnipotente como o Senhor da Sabedoria ou Brama ou o Céu ou o que queiras chamar-lhe. Sabes, houve outrora um Brâmane que costumava ficar muito irritado com o Buda. Por fim disse-lhe: "Como podes rejeitar Brama o criador? Não vês que qualquer que seja a mágoa, qualquer que seja o sentimento, qualquer que seja a felicidade que um homem tem lhe vem de uma divindade suprema?"
- Que respondeu o Buda a isso? -. Obviamente o príncipe Jeta nunca tinha ouvido esta parte da doutrina anteriormente... porque se tratava de uma revelação recente?
- Cito a resposta do Buda -, disse Ananda. Fechou os olhos e começou a entoar: - "Então, graças à criação de uma divindade suprema, os homens tornar-se-ão assassinos, ladrões, promíscuos, mentirosos, difamadores, prepotentes, tagarelas, cobiçosos, maliciosos e perversos nas suas opiniões. E assim, para aqueles que preferem regredir para a criação de um deus como sendo uma razão essencial, não há nem o desejo nem o esforço nem a necessidade de realizar ou não realizar este ou aquele acto."
- Muito bem -, sussurrou o príncipe Jeta.
- Que disparate! -. Eu estava furioso. - Isso é só uma parte. Depois de o Senhor da Sabedoria se ter criado a si próprio e à sua sombra demoníaca, criou o homem e deu ao homem uma escolha: serve a Verdade ou serve a Mentira. Aqueles que servem a Mentira sofrerão no juízo final, enquanto os...
- Que coisa tão complicada -, disse Ananda. - E tão típica de uma dessas divindades supremas. E toda essa malícia. E toda essa idiotice. Afinal, se ele é supremo por que é que deixa que o mal exista?
- É para que cada homem possa fazer a sua escolha.
- Se eu fosse uma divindade suprema não me daria ao trabalho de criar quer o mal quer o homem ou o que quer que seja que não me agradasse. Receio que quando se trata de explicares a tua divindade suprema és obrigado a voltar atrás. O mal existe. Não consegues

explicar porquê. De modo que transformas o teu criador numa espécie de desportista cruel que joga com a vida humana. Serão eles ou não serão obedientes? Torturo-os ou não os torturo? Meu filho, isso tudo é tão primitivo. Por essa razão é que nós abandonámos há muito a própria noção de uma

divindade suprema. E o mesmo se passa, pelo que vejo, com o teu amigo Confúcio. Ele vê, tal como nós, que aceitar um monstro desses é o mesmo que dar um aval ao mal, pois que o mal também foi criado por ela. Felizmente ultrapassámos o Brama, ultrapassámos o Senhor da Sabedoria. Olhamos para a natureza do Universo e vemos que ele é um círculo sem princípio nem fim, e para aquele que segue o curso do meio é possível ver através do círculo e ver que tudo isso é uma ilusão... tal como a eternidade. Finalmente, por razões práticas, pensamos que os homens se comportam melhor num mundo onde não haja nenhuma divindade suprema que avalize o mal e confunda os simples. Tal como disse tão sabiamente o teu Confúcio, "O Céu é longe. O homem está próximo". Não insisti mais no assunto. Os ateus podem sempre levar a melhor sobre os que acreditam no Senhor da Sabedoria. Nós sabemos o que é verdade. Eles não. Simpatizei com Confúcio porque ele não tentou retirar o Céu de cima da Terra. Aceitou o que não era capaz de compreender. Mas o Buda desafiou o Céu com a indiferença. Não penso que alguma vez tenha existido neste Mundo um homem tão arrogante. Com efeito, ele disse: "Eu existo. Mas quando deixo de existir, não mais existirei e não haverá existência em qualquer parte. O que os outros julgam ser a existência é uma ilusão." Isto é de cortar a respiração.
Demócrito diz que continuou a respirar normalmente. Pensa que o Buda queria dizer outra coisa. A criação continua, diz Demócrito, e a única anomalia é o eu imperfeito que observa a criação. Retira o eu e a matéria permanece, como sempre. O sempre assim? Não consegui acompanhar nada disto. Para mim o que é, é.

3

Durante as semanas seguintes, negociei com os diversos mercadores e guildas que queriam fazer negócio com a Pérsia. Por esta altura eu próprio era já um mercador. Sabia o que podia vender-se em Susa; e por quanto. Gostei mesmo das horas que passei a regatear nas tendas que se erguem

no mercado central. Escusado será dizer que sempre que me encontrava na companhia de algum mercador importante ou de um tesoureiro de uma guilda, o nome dos Egibi era mencionado. Em certo sentido essa firma era uma espécie de monarca universal. Onde quer que se vá no Mundo os seus agentes já lá estiveram e fizeram negócio.
Não me foi fácil falar com os meus filhos. Ao princípio mostravam-se desconfiados. Eu tinha a sensação de que, de certo modo, eles se ressentiam por serem diferentes e me culpavam por isso. No entanto consegui ganhar a

confiança do mais velho. Ele tinha um orgulho desmesurado pelo avô, o rei.
- Ele será o primeiro senhor de toda a criação -. Estávamos a atravessar o mercado central, onde o meu filho tinha estado a ver-me aceitar uma série de empréstimos de uma sociedade de mercadores. Devo dizer que ele se tinha esforçado o melhor que podia para disfarçar o seu desprezo da classe dos guerreiros pelos mercadores com quem eu estava a negociar.
- Que queres dizer com senhor de toda a criação?
- O rei olha para Ocidente. O rei olha para Oriente -. O rapaz estava obviamente a citar de um texto qualquer do palácio.
- Achas que ele tem ambições no país do teu pai! - perguntei-lhe.
O rapaz fez que sim. - Um dia o Mundo inteiro será dele porque nunca houve nenhum como ele. Afinal, nunca houve nenhum senhor de toda a índia antes dele.
- De toda a índia? E os Licchavis? E o reino de Avanti? E a nossa província da índia? E o Sul?
O rapaz encolheu os ombros. - Isso são pormenores. Mas quando Ajatashatru entrou a cavalo nesta praça... eu era uma criança nessa altura mas ainda me lembro de como ele era... ele era como o Sol. E o povo dava-lhe as boas-vindas como se ele fosse o Sol depois das chuvas.
Não lhe disse que o povo podia ter-se sentido aterrorizado com o seu novo governante que se parecia realmente com esse Sol inclemente do Verão que greta os campos e os transforma num verdadeiro deserto.
- Ele gosta de ti?
- Oh, sim. Tenho o favor dele -. O rapaz era já da altura do guerreiro que dentro de pouco seria. Embora tivesse os meus olhos - aliás, os olhos da feiticeira trácia Lais - era-me completamente estranho. Mas via que ele era ambicioso e cheio de energia. Haveria de conseguir vencer na corte de Magadha. Disso não havia dúvida.

- Gostarias de conhecer a Pérsia?
Os dentes dele eram muito brancos; e o sorriso muito encantador. - Oh, sim! A minha mãe falou-me tanto de Susa e de Babilónia e do Grande Rei. E sempre que nos vem ver o velho Caraka conta-me histórias.
- Gostarias de ir para lá comigo? -. Não me atrevi a olhar para ele. Na terra dos cabelos pretos há qualquer coisa de estranho em dois pares de olhos azuis olharem para dentro um do outro, como se a um espelho... só que um dos espelhos tinha uma moldura escura.
- Tenho de acabar os meus estudos, pai -. A resposta era esperada. - Depois vou para a Universidade de Taxila. Não quero ir mas o meu avô ordenou-me que

estudasse línguas. De modo que tenho de obedecer.
- Talvez ele faça de ti embaixador, como eu.
- Isso seria uma dupla honra para mim -. O rapaz era já um cortesão.
O meu filho mais novo era sonhador e tímido. Quando por fim consegui falar com ele, ele quis saber histórias de dragões e sereias. Fiz o melhor que pude para o encantar com essas narrativas. Interessava-se também pelo Buda. Suspeito que tenha herdado do seu bisavô aquele tipo de espírito que contempla o outro mundo com toda a naturalidade. Seja como for, nenhum dos meus filhos queria deixar a índia. Embora isso não me surpreendesse, senti-me profundamente decepcionado.
No dia anterior à partida da minha caravana para Taxila, sentei-me ao lado da liteira do príncipe Jeta no telhado da casa do rio.
- Vou morrer dentro de pouco tempo -, disse ele. Voltou a cabeça na minha direcção. - Por isso é que fiquei tão contente por ter-te voltado a ver.
- Porquê? Depois de morto esquecer-me-ás -. Como o príncipe Jeta gostava de se rir da morte fiz o melhor que pude para o divertir com piadas sobre esse assunto, o que não é a mais fácil das tarefas. Ainda hoje não me consegui habituar à ideia de abandonar este corpo reconhecidamente decrépito e fazer a longa caminhada até ao lado distante - ou assim rezo ao Senhor da Sabedoria - da ponte do redentor.
- Ah, mas ter falado contigo nos meus últimos dias pode alterar o meu destino de forma importante. Por tua causa, posso estar mais perto da saída quando renascer.
- Julgava que estivesses apenas a um passo do nirvana.
- Estou a mais do que um passo. Receio estar mais longe do

que isso. Estou ligado à dor. A minha próxima encarnação pode muito bem ser pior do que esta -. Olhou para baixo para o corpo paralítico.
- Só nascemos uma vez -, disse-lhe. - É pelo menos o que acreditamos -, acrescentei polidamente.
O príncipe Jeta sorriu. - Aquilo em que acreditas não faz sentido, se me permites que to diga. Não podemos conceber um deus que pega numa alma imortal, permite-lhe que nasça uma vez, joga um jogo com ela, e então julga-a e condena-a à dor ou ao prazer eternos.
- Eternos, não. No fim, na eternidade, todos seremos um só.
- Não sei se consigo captar a tua ideia de eternidade.
- E quem consegue captá-la? Mudei de assunto; falei dos meus filhos. - Esperava que eles pudessem voltar comigo. E Ambalika também.
O príncipe Jeta abanou a cabeça. - Isso não é viável. Eles encontrar-se-iam tão

deslocados lá como tu te encontraste aqui. Além disso...
O príncipe Jeta calou-se. Tinha visto qualquer coisa do outro lado do rio. Olhei também. A planície entre as montanhas e o rio estava cheia com o que parecia ser uma tempestade de poeira. No entanto não havia vento.
- Que será aquilo? - perguntei. - Uma miragem?
- Não -. O príncipe Jeta franziu o sobrolho. - É o rei. Senti um arrepio sob o Sol cálido. - Julgava que ele estava na
fronteira do Licchavi.
- Estava. Agora está aqui.
- Acho que devo partir antes que ele chegue.
- É demasiado tarde -, disse o príncipe Jeta. - Ele vai querer ver-te.
- Mas como não sabe que estou aqui, eu podia...
- Ele sabe que estás aqui. Ele sabe tudo.
Na manhã seguinte, de madrugada, foi-me ordenado que me apresentasse ao rei na outra margem do rio. Despedi-me de Ambalika como se fosse a última vez que a via. Ela tranquilizou-me.
- és genro dele. Pai dos seus netos favoritos. Não tens nada a temer -. Mas mesmo assim eu sentia que ela estava a despedir-se de mim para sempre.
Não existe nada na Terra que se compare com um exército indiano. Para começar, não é um exército... é uma cidade. Imagina uma cidade de tendas de duzentos ou trezentos homens, mulheres, crianças, elefantes, camelos, cavalos, bois, tudo movendo-se lentamente

através da paisagem poeirenta, e terás uma ideia de como é quando um rei indiano vai para a guerra. Os Gregos escandalizam-se com o facto de o Grande Rei ir para a guerra com as suas mulheres e as suas mobílias e os seus jarros de água do Choaspes, pelo facto de até os imortais serem autorizados a viajar com as suas mulheres e os seus. escravos pessoais. Mas quando chega a hora de lutar, os acompanhantes e as bagagens ficam na rectaguarda. Na índia não é assim. A cidade do rei simplesmente engole o inimigo. Primeiro os elefantes carregam sobre o exército adversário. Se o inimigo não tem elefantes, a batalha acaba aí. Se houver resistência, entram em acção os lanceiros e os archeiros. Entretanto, feiras, tabernas, oficinas, armeiros ocupam de tal modo o território do inimigo que este é derrotado pela própria massa de gente e coisas que lhe é arremessada. Quando dois exércitos de igual tamanho se enfrentam, a vitória final pertence ao exército que conseguir matar o chefe do outro campo. Se nenhum dos chefes morrer, o resultado é uma confusão que nunca mais acaba - isto é, duas cidades irremediavelmente misturadas. Há histórias de exércitos de reis que se misturaram tanto que cada lado foi obrigado a pedir uma trégua para se

conseguir separar as coisas.
O condutor do meu carro precisou de uma hora para ir da primeira sentinela na outra margem do rio até ao coração do acampamento militar onde a tenda dourada de Ajatashatru tinha sido erguida. Eu tinha mais a sensação de estar num vasto bazar do que num campo militar. Lentamente, lentamente avançámos através de feiras, passámos por arsenais e matadouros até à cidade interior, onde as tendas do rei e da sua corte tinham sido erguidas.
À entrada da tenda real, o condutor parou e eu desci. Um camareiro conduziu-me para uma tenda ao lado onde um escravo me apresentou uma bacia de prata cheia de água de rosas. Ritualmente lavei as mãos e cara na água de rosas; depois um segundo escravo limpou-me com um pano de linho. Fui tratado com respeito mas em silêncio. Uma vez limpo deixaram-me sozinho. Embora o tempo passasse lentamente a imaginação trabalhava rapidamente. Como partia do princípio de que seria condenado à morte, não havia forma de execução que não imaginasse vivamente em todos os seus horrendos pormenores. Contemplava a ideia da sufocação lenta - de que tenho horror - quando Varshakara apareceu à entrada da tenda. Reagi muito como um nadador quando dá conta que o que julgava ser um tronco a flutuar é na realidade um crocodilo. Mas o camareiro pôs-me à vontade. - Estás quase na mesma -, disse-me ao abraçar-me.

- Tu estás na mesma! -. Na verdade Varshakara estava exactamente como da primeira vez que nos vimos havia tantos anos em Varanasi. Sempre mestre da traição, fizera com um à vontade consumado a transição do serviço do pai assassinado para o do filho assassino. A sua pêra agora era vermelho vivo, para substituir os dentes vermelhos, que tinham desaparecido.
Falámos do Catai. Ele estava ansioso por tudo quanto fosse informação e, felizmente, eu tinha mais do que bocados para alimentar este predador.
- Tens de me fazer um relatório -, disse no fim. - Nós estamos muito interessados na reabertura da estrada da seda. Como dissemos ao teu companheiro... que continua em Champa, a propósito.
Não me surpreendeu saber que o camareiro já tinha aberto negociações com o marquês de Key. Imaginava, com alguma aflição o que o meu colega cataio tinha dito de mim. Afinal, eu tinha-o abandonado. Mas Varshakara não fez mais comentários sobre este assunto.
Então ouviu-se um trovão à nossa volta: tambores anunciavam a aproximação de Ajatashatru. Saímos da tenda e eu olhei com algum pavor para o que devia ser o maior elefante do Mundo... um elefante branco que avançava na nossa direcção como uma montanha carregada de jóias. Em cima do elefante estava um

pavilhão de prata incrustrado de diamantes. Dentro desta estrutura cintilante estava uma formidável e reluzente personagem dourada.
- Ajatashatru! -. Todas as vozes aclamavam o rei. Gritavam-lhe bênçãos. Músicos faziam uma barulheira terrível. Suplicantes prostravam-se na terra. Quando o elefante fez alto, colocaram-lhe uma escada contra o seu flanco. Dois acrobatas profissionais marinharam pela escada acima. Depois puseram o rei em pé e ajudaram-no a descer lentamente.
Ajatashatru era agora o homem mais gordo que eu já vira. De facto, pesava tanto que as suas pernas eram incapazes de suportar o peso do seu corpo inchado. Devido a isso ele ou caminhava, como naquele momento, com os braços apoiados nos ombros dos dois acrobatas, ou apoiava-se em duas grossas muletas de marfim. Ao arrastar-se lentamente, a cabeça, o pescoço e os ombros fundiam-se numa espessura só, fazendo-o parecer uma aranha dourada.
Os meus olhos estavam postos no chão quando Ajatashatru se aproximava. Esperava que ele parasse e me cumprimentasse, mas, passou por mim sem uma palavra. Continuei de olhos postos no tapete vermelho. Tal como o Grande Rei, Ajatashatru nunca punha os pés na terra nua.
543
Várias horas depois Varshakara veio buscar-me com um sorriso convidativo. Não sei porquê, senti a falta das suas presas sangrentas; perguntei-me se ele teria sido forçado a abandonar o hábito de mascar sementes de bétele; recentemente um entendido nessas coisas dissera-me que mesmo sem dentes é possível manter a semente entre a bochecha e o maxilar sem dentes... e gozar a desordem da mente.
Varshakara conduziu-me à presença do rei. Ajatashatru estava esparramado num divã enorme, rodeado por um milhar de almofadas de seda. Ao alcance da mão estava uma dúzia de mesinhas cobertas com pratos de comida e jarros de vinho; igualmente, ao alcance da mão, estava uma dúzia de rapariguinhas e rapazinhos pré-púberes. Os gostos sexuais do meu sogro não tinham sofrido nenhuma alteração com a idade. Mas a verdade é que aquilo que os homens são na juventude sê-lo-ão na velhice, mesmo que o pior.
Um menino de oito ou nove anos limpava amorosamente a cara do rei com um guardanapo de linho. O corpo de Ajatashatru luzia de suor. Ele não era capaz de atravessar uma sala sem sofrer de exaustão. Embora eu partisse do princípio de que a sua vida devia estar perto do fim, o rosto estava inalterado. Talvez por causa da gordura, o meu sogro parecia até mais novo do que eu. Reparei que nos países onde o calor é intenso e os corpos amadurecem cedo e envelhecem rapidamente, os homens e as mulheres engordam deliberadamente tendo em vista se não reter a beleza da adolescência ao menos o encanto da infância.

Ajatashatru fez um sorriso radiante. - Queridíssimo! -. A enorme cara de bebé olhou para mim com avidez como se eu fosse uma coisa de comer. Depois abriu os braços dos quais a gordura sedosa pendia como travesseiros de Sardis. - Aproxima-te!
Aproximei-me. Ao inclinar-me para beijar a mão mais próxima, tropecei e caí em cima do divã. As crianças riram-se. Fiquei aterrorizado. Em Susa - ou em qualquer corte - uma coisa destas significaria morte imediata. Mas fui perdoado. O rei agarrou-me pelas axilas e soergueu-me e arrastou-me no divã como se eu fosse um boneco. Obviamente os braços gordos ainda eram poderosos. Ao cair sobre o vasto peito que rescendia de cem perfumes contraditórios, os lábios carminados beijaram-me na face exactamente da mesma maneira ansiosa como uma criança esbanja amor numa boneca... que passado um momento quebrará.
- Meu querido! Sem ti a vida tem sido um fardo, uma tristeza! Quantas noites chorámos até adormecer, perguntando-nos por que razão o nosso genro mais querido nos desertou. Oh, seu maroto! Maroto!

Com isto Ajatashatru pegou em mim e pousou-me ao lado dele. Cai uma pilha de almofadas. Ao lado dele sentia-me um frágil vidro ao lado de um elefante. Não havia etiqueta que eu soubesse para uma situação como aquela. Assumi um ar tão respeitoso e tão atento como podia, esparramado ao lado daquele que devia ser de longe o maior rei do Mundo.
- Querido Dário! -. Devo dizer que ele se obstinou em chamar-me Dário durante toda a entrevista. É evidente que não o corrigi. Como tantos monarcas absolutos, ele não era lá muito bom a lembrar-se de nomes. Na Pérsia, o Grande Rei nunca aparece em público sem um camareiro para lhe segredar ao ouvido os nomes das pessoas que se aproximam dele.
- Que falta de ti sentiu a minha pobre menina! Quanta fome não teve de notícias tuas! Quanta sede não teve de saber por onde paravas! -. Os verbos que Ajatashatru utilizou deram pistas do que lhe ia no pensamento. Imediatamente as crianças começaram a oferecer-lhe de comer e de beber. Ele era o único homem que conheci que era capaz de falar claramente com a boca cheia. Mas a verdade é que ele raramente parava de falar e de comer.
Mas quando finalmente me foi permitido falar, contei-lhe as minhas tentativas falhadas de regressar a Magadha. Enquanto eu falava ele emborcava vinho ruidosamente. Quando lhe contei o meu cativeiro no Catai, ele escutou com toda a atenção. Entre massas de gordura os olhos escuros estavam tão brilhantes como sempre. Quando acabei o meu recital - interrompido a intervalos regulares por exclamações de deleite, espanto, afecto - Ajatashatru esvaziou uma caneca de vinho e disse: - Farás uma descrição da estrada da seda a Varshakara.

- Sim, Senhor Rei.
- Com todos os pormenores.
- Sim, Senhor Rei.
- Farás um mapa.
- Sim, com alegria.
- Tu és o meu querido, não és? -. Abraçou-me. - Vais mostrar-me o caminho para o Catai, não vais?
- Tu, Senhor Rei, queres ir ao Catai?
- Por que não? O ano que vem vai ser muito, muito aborrecido. Os marotos dos Licchavis foram derrotados e Pardyota... lembras-te dele, o rei de Avanti?... tem-se portado muito mal. Mas acho que não levará mais do que um mês ou dois a conquistar Avanti. Ficas connosco e verás a lição que lhe vou aplicar. Vais gostar. Porque eu sou muito, mas muito bom professor.
545
- Eu sei, Senhor Rei. Vi as ruínas de Vaishali.
- Oh, como fico contente com isso! -. Os olhos brilharam-lhe. - Viste os empalamentos ao longo da estrada?
- Sim! Eram magníficos, Senhor Rei. Na verdade nunca vi tantos prisioneiros executados de uma só vez.
- Nem eu. É claro toda a gente me diz que estabeleci um recorde mas tu sabes como as pessoas podem ser tão pouco sinceras. Mesmo assim, penso honestamente que nenhum outro rei alguma vez tenha empalado tantos marotos como eu nesse dia. Foi emocionante. Nunca ouviste tamanha gritaria. Principalmente quando os castrámos depois de serem empalados. Julguei que ensurdecia. Tenho um ouvido muito sensível. De que estávamos a falar?
- Do Catai, Senhor Rei.
- Sim. Sim. Quero ir lá eu próprio, com o exército principal. Tu serás o nosso guia.
Quando lhe disse que o exército, com sorte, precisaria de não menos do que três anos para chegar à fronteira do Reino do Meio, ele começou a perder o interesse. Arrepiou-se quando lhe descrevi as selvas sufocantes, os desfiladeiros das altas montanhas, os desconfortos e as febres daquela longa viagem.
- Se o que dizes é verdade, não irei pessoalmente. É óbvio. Mas mandarei um exército. Afinal, sou monarca universal, ou não sou?
- Sim. Sim, Senhor Rei!
- E como o Catai faz parte do Universo, eles saberão imediatamente que eu agora possuo... como é que eles lhe chamam?
- O mandato do Céu.
- Sim. - Verão que já o possuo desde há muitos anos. Bem visto tudo, seria

melhor ir para Ocidente, não achas? As distâncias não são tão grandes. E não há selvas a preocuparem-nos. E todas aquelas cidades encantadoras onde ficarmos. E, é claro, a Pérsia faz parte do meu universo. Não é verdade, queridíssimo?
- Oh, sim, Senhor Rei -. Eu estava a sentir-me cada vez mais inquieto. Embora o exército de Ajatashatru não fosse uma ameaça para a satrapia da Báctria, muito menos para o império persa, via-me preso como um macaco a uma trela seguindo lentamente o rei até à Pérsia... e à derrota certa.
Embora fizesse tudo para o desviar de uma aventura persa, Ajatashatru estava eufórico com a ideia daquilo a que chamava "o meu universo". Culpou os republicanos por o terem impedido de "viajar para o sol nascente, para o sol poente, para a estrela-do-norte. Oh, eu sei quanto existe no meu universo e como é pouco o tempo que tenho para visitar todos os meus povos, mas tenho de fazer esse

esforço. Devo-o ao... Céu". Tinha apreendido rapidamente o sistema político-religioso cataio. Estava de certeza encantado com a ideia de a hegemonia ser a verdadeira concessora do mandato. Como tinha a certeza de já possuir a primeira, estava agora pronto a receber o outro "logo que fizer algumas viagens para ver todos os meus bons povos amarelos e os de olhos azuis também. Imagina possuir milhões de pessoas com olhos como os meus netos! Rapazes encantadores, diga-se. Se por outra coisa não fosse, estamos-te devedores por eles, Dário". Então, no decurso de um repasto complicado e interminável fomos interrompidos por más notícias. O exército de Avanti tinha entrado em Magadha. Varshakara estava muito sério. Ajatashatru parecia muito aborrecido. - Oh, que homem mais perverso! Que rei mais mau! Agora vamos ter que o matar. Dentro de pouco tempo. Meu querido! -. O rei beijou o meu rosto mais como se fosse um prato. E então deu-me um empurrão terrível e eu caí do divã abaixo.
- Vai para junto da tua encantadora esposa. Espera por nós em Shravasti. Estaremos cá antes do começo das chuvas. Entretanto vamos fazer do reino de Avanti um deserto. Isto é uma promessa. Eu sou deus na Terra. Igual a Brama. Sou o monarca universal. Dá o meu amor à... à... à minha filha -. Tinha-se esquecido do nome de Ambalika. - E beija os teus dois encantadores filhos de olhos azuis. Sou um avô cheio de amor. Vai-te embora.
O meu último encontro com Ambalika foi surpreendentemente alegre. Estávamos sentados ao lado um do outro no balouço ao centro do pátio interior do príncipe Jeta - um dos poucos lugares onde não podíamos ser ouvidos. Disse-lhe que tinha estado com o rei.
- Ele vai partir para uma guerra contra Avanti!
- Não vai ter uma vitória fácil -, disse Ambalika.

- Achas que a guerra pode durar mais do que uma estação?
- Pode durar anos, como aquele disparate com os Licchavi.
- Então não acho que ele queira invadir a Pérsia este ano.
- Ele disse que queria invadir a Pérsia? Fiz que sim. Sem querer comprometer-me.
- Bom... -. Ambalika estava pensativa. Balouçámo-nos um pouco, por cima dos arbustos floridos. - Se ele fosse mais novo, penso que poderia consegui-lo. Não achas?
- A Pérsia é o império mais poderoso da Terra -. Achei que esta fosse uma resposta razoavelmente neutra.
- Mas o meu pai é o maior general do Mundo. Ou era. Bom, nunca o saberemos. A guerra com Avanti vai arrastar-se e o pai morrerá de indigestão e tu... que vais fazer?

- Vou voltar para Susa.
- Com a tua caravana?
Fiz que sim. Não lhe disse que tencionava escapar-me da cidade nessa mesma noite, sem a caravana. Contudo penso que ela deve ter suspeitado que eu tinha qualquer coisa desse género na cabeça pois de repente disse: - Quero voltar a casar.
- Com quem?
- Com o meu meio-irmão. Ele ama-me. É muito bom para os meus filhos. Fará de mim sua primeira esposa e viveremos aqui em Shravasti. Ele é o vice-rei, como sabes. Não creio que o conheças. Bom, terei de me casar com ele dentro de pouco tempo porque o príncipe Jeta vai morrer de um momento para o outro e quando ele morrer esta casa vai para o sobrinho dele, uma criatura venenosa e nós ficamos sem casa.
- Mas tu já és casada -, lembrei-lhe.
- Eu sei. Mas posso tornar-me viúva, não posso?
- Queres que eu me mate? Ou o rei faz-te isso?
- Nem uma coisa nem outra -. Ambalika ofereceu-me um sorriso encantador. - Vamos lá para dentro. Quero mostrar-te uma coisa.
Fomos para o quarto dela. Ela abriu um cofre de marfim e tirou de lá um documento em papiro. Como eu tinha dificuldade em ler a escrita indiana, ela leu-me um relato da morte lamentável de Ciro Spitama em Susa, num "ano indeterminado do reinado do Grande Rei Xerxes".
- Agora inventas uma data... que deve ser seis meses a partir de hoje. Depois escreves qualquer coisa em cima e em baixo em persa, dizendo que esta carta vem da chancelaria. Tu sabes como é, tudo muito oficial.

- Também sabia a religião indiana. - Tu não podes voltar a casar-te. É a lei.
Ambalika tinha pensado em tudo. - Falámos com o sumo sacerdote. Ele dirá que nós nunca fomos casados correctamente. Os Brâmanes sabem encontrar sempre um erro na cerimónia quando querem. E querem. De modo que depois caso-me com o meu irmão, muito discretamente.
- E nunca mais voltaremos a ver-nos?
- Esperava bem que não! -. A crueldade alegre de Ambalika era arrepiantemente muito igual à do pai. - De qualquer modo tu não hás-de querer voltar aqui. Quando mais não seja, porque estarás muito velho.
- Os meus filhos...
548
- São - disse ela muito calmamente - o que devem ser.
Portanto fiz uma descrição da minha própria morte a que apus a assinatura o primeiro amanuense da chancelaria de Susa. Depois, uma hora antes do pôr do Sol, saí de casa. Não vi os meus filhos nem o príncipe Jeta. As moedas que tinha guardei-as num cinto de pano que passei à volta da cintura. No mercado comprei uma capa velha, sandálias, um bordão. Poucos minutos antes do fecho da porta do ocidente para a noite, saí da cidade.
Não faço ideia do que aconteceu aos meus filhos. Caraka enviar-me-ia mensagens se julgasse que eu ainda sou vivo. Mas parto do princípio de que acreditou em Ambalika quando ela anunciou a minha morte.
Por intermédio dos Egibi recebia notícias de Ajatashatru. A guerra com Avanti acabou por ser tão longa e tão inconclusiva como a guerra contra Licchavi. Por fim, no nono ano do reinado de Xerxes, Ajatashatru morreu do que se disse ter sido uma morte natural. Como a sucessão foi confusa, o improvisado império que ele criara na planície gangética esborrou-se prontamente.
Quando penso na índia, o ouro brilha na escuridão por trás das pálpebras destes olhos cegos. Quando penso no Catai, a prata brilha e volto a ver, como se visse realmente, a neve prateada a cair sobre salgueiros de prata.
Ouro e prata; agora a escuridão.
549

LIVRO OITO

A Idade de Ouro de Xerxes, o Grande Rei

1

Na primavera do oitavo ano do reinado de Xerxes cheguei a Susa, depois de seis

anos no Oriente e a oriente do Oriente. O homem novo e curioso que partira da Báctria já não existia. Um espectro de meia-idade passou a cavalo pelos portões de Susa. Surpreendia-me que as pessoas pudessem realmente ver-me. Não me surpreendia que ninguém me reconhecesse. Como tinha sido dado por morto havia anos, para a corte eu era um fantasma. Pior, era um fantasma para mim próprio.
Mas esta sensação de irrealidade foi logo dissipada ou melhor substituída pela irrealidade do mundo a que regressara. Nada estava na mesma. Não, isto não é totalmente verdade. A chancelaria estava na mesma, como descobri quando fui recebido na segunda sala por um subcamareiro que conhecera quando ele ainda servia vinho no harém. Era um Sírio que gostava de saber tudo. Faziam muita troça dele porque ele fazia muitas perguntas. Era temido porque nunca se esquecia das respostas.
- É um grande transtorno, Amigo-do-Rei -. O eunuco empregou o último título que eu tinha tido. Os funcionários da primeira sala foram expeditos em informar-me de que já não era olho-do-rei. - Naturalmente estava muito feliz por te ver. Mas... -. Não concluiu.
Respondi por ele. - Fui declarado legalmente morto e os meus bens foram confiscados pelo tesouro.
- Pelo tesouro não. Ou pelo menos só uma pequena parte. A tua distinta mãe ficou com o grosso dos teus bens.

- Ainda é viva?
- E de que maneira. Está com a corte em Sardis.
- Sardis? -. Fiquei surpreso. - Desde quando mantém o Grande Rei corte em Sardis?
- Não tiveste nenhuma notícia -. A segunda sala dá para um jardim. Reparei que a Primavera estava atrasada.
- Muito poucas. Sei que as guerras gregas continuaram. Sei que o Grande Rei incendiou Atenas até às fundações -. Tinha sabido isto em Shravasti por um agente dos Egibi. - Fora isto não sei mais nada.
- Aconteceu muita coisa -, disse o subcamareiro.
Isto não era nenhum exagero. Pouco depois de eu partir para o Catai, Xerxes pediu aos sacerdotes de Bel Marduk que lhe oferecessem determinados objectos de ouro do seu tesouro. - Não pedi nada que fosse sagrado -, contou-me ele. - Mas mesmo assim, eles recusaram. Eu fui até muito indulgente. Não condenei ninguém à morte. Mas confisquei uma série de coisas de ouro e fundi-as para fazer dáricos para pagar as guerras gregas. Depois fui para Susa.
Algumas semanas depois de Xerxes sair de Babilónia, um dos inúmeros

pretendentes a esse antigo trono foi encorajado pelos sacerdotes de Bel Marduk a declarar-se rei de Babel, o que ele fez. Mandou matar o nosso horrendo velho amigo Zopiros. Depois foi morto por um rival que resistiu ao exército persa durante mais de um ano. Por fim, Babilónia caiu em poder do cunhado, o melhor general de Xerxes, Megabizos, filho do sátrapa assassinado Zopiros.
- A vingança do Grande Rei foi terrível -, disse o subcamareiro, com a cabeça a tremer de respeito e medo. - Derreteu a estátua de Bel Marduk de modo que nunca ninguém mais poderá apertar a mão da estátua. Em seguida arrasou todos os templos de Bel Marduk e expulsou todos os sacerdotes que não mandou matar. Confiscou as terras e os bens dos principais mercadores...
- Incluindo os dos Egibi?
- Não -. O eunuco sorriu. - Egibi e filhos agora estão estabelecidos aqui em Susa. Depois o Grande Rei dividiu Babilónia em duas satrapias e aboliu o título de rei de Babel. Agora intitula-se simplesmente "Xerxes, o Grande Rei". Hoje Babilónia é uma cidade da província e mil anos de história chegaram ao fim.
- Onde passa o Inverno a corte agora?
- Em Persépolis.
- Que é gelada no Inverno.
O eunuco suspirou. - Somos escravos leais -. Entoou a fórmula habitual, que eu repeti.

Quando lhe perguntei pelo que tinha sido feito de todas essas toneladas de ouro de Babilónia, foi-me dito que tinham sido usadas na invasão da Grécia. - Usadas... e esgotadas, temo eu -, disse o eunuco. - Essas guerras foram ruinosas!
- Mas bem sucedidas. Atenas foi destruída.
- Claro, claro! -. Mas o entusiasmo do eunuco era claramente fingido. Um interrogatório mais cerrado revelou uma parte da história tão bem conhecida aqui em Atenas que só a repito, Demócrito, para te dar uma ligeira ideia de como foi vista pelo outro lado.
Xerxes comandou a invasão pessoalmente. Partiu de Sardes e avançou por terra. Com ele estavam três dos seis corpos do exército, ou sejam sessenta mil homens - e não os seis milhões ou lá qual foi o número que Heródoto desencantou para lisongear os Atenienses. A frota acompanhou o exército.
Os Gregos estavam em pânico. Como os oráculos de Delfos e Atenas concordavam todos em como o Grande Rei era invencível, sugeriu-se que os Atenienses fariam melhor em entregar a sua cidade e partirem para a Itália. Como numa adenda, o oráculo de Delfos disse que as muralhas de madeira da cidade poderiam ser úteis. Foi então que o mal visto e mal considerado Temístocles decidiu, um tanto tortuosamente, interpretar a frase "muralhas de

madeira" como querendo dizer barcos de madeira.
Mas o eunuco da chancelaria conhecia apenas a versão da guerra da corte, e contou-ma. - Exactamente há dois anos, fá-los este mês, o Grande Rei estava em Tróia, onde sacrificou um milhar de cabeças de gado à deusa troiana.
Isto foi um choque. Tinha acabado de ficar muito contente por saber que Xerxes, ao rejeitar os títulos de faraó e rei de Babel, tinha rejeitado os deuses desses países. Mas então, por razões que se prendem mais com o teatro do que com a política, tinha feito um sacrifício decisivo não ao Senhor da Sabedoria mas a uma deusa troiana cujo nome o eunuco nem sequer conseguia recordar-se.
- Mas a razão de ser do sacrifício foi bem aceite, Amigo-do-Rei. Como sabes melhor do que ninguém, o Grande Rei sabia de cor bastante do Grego Homero. Então, depois do sacrifício, no meio das antigas ruínas disse: "Vingarei Tróia, destruída pelos Gregos invasores. Vingarei o meu antepassado, Príamo o rei. Vingarei toda a Ásia pelas crueldades supérfluas dos Gregos. Tal como os Gregos atacaram a Ásia para buscar uma puta espartana, atacá-los-ei para lavar uma mancha desonrosa que nos foi lançada há tantas gerações. Atenas arderá, tal como Tróia ardeu. Atenas arderá, tal como ardeu Sardis. Atenas arderá e eu próprio lançarei a tocha. Eu sou a paga.
555
Eu sou a justiça. Eu sou a Ásia." Então os exércitos da Pérsia atravessaram o Helesponto e entraram na Europa.
Os motivos de Xerxes para a invasão da Grécia foram engenhosos. Como não existe nenhum Grego em parte nenhuma do Mundo que não se orgulhe pessoalmente do que os seus antepassados fizeram na cidade asiática de Tróia, o Grande Rei tornava agora todos os Gregos responsáveis pelos pecados dos seus antepassados. Xerxes nisto foi absolutamente sincero. Acreditava verdadeiramente que, mais cedo ou mais tarde, os deuses - que, evidentemente, não existem - exigem contas severas por todo o mal que lhes fizeram. Ao princípio a guerra correu bem. A frota e o exército desceram, em perfeita coordenação, a costa da Tessália. À passagem foi morto um rei de Esparta com todos os seus homens. Quatro meses depois de Xerxes ter feito o seu discurso em Tróia estava na Ásia. O líder ateniense Temístocles ordenou a evacuação da cidade. A maior parte dos homens embarcou naqueles navios que eram, disse-o ele, as muralhas de madeira de Atenas. Prudentemente, Temístocles ateve-se com a letra ainda que não com o espírito do oráculo de Delfos e a maioria dos Atenienses preferiu concordar com ele. Não tinham outra escolha. Como as forças persas eram invencíveis, ou fugiam por mar ou morriam em terra.
Na presença de Xerxes a cidade de Atenas foi incendiada até às fundações e Tróia - para já não falar de Sardis - foi vingada. Entretanto, Temístocles

mantinha contactos secretos com Xerxes. O comandante ateniense fez os habituais pedidos dos Gregos de terra e dinheiro e Xerxes mostrou-se mais do que disposto em atender o seu astuto inimigo. Numa demonstração de boa vontade, Temístocles disse a Xerxes que, dado que a frota grega se preparava para largar para a Sicília, Xerxes devia atacar imediatamente se quisesse uma vitória definitiva. Muito curiosamente, apenas a rainha Artemísia suspeitou de uma cilada. Ela conseguiu, diga-se já agora, realizar o seu desejo e comandava pessoalmente as forças de Halicarnasso. Embora fosse incompetente no campo de batalha, era uma astuta analista da mentalidade grega. A propósito, sempre que ia para a batalha, Artemísia usava uma barba postiça, modelada pela de Mardónio. Se bem que este travesti o aborrecesse muito, ele nunca se queixou.

Apesar do aviso de Artemísia, Xerxes deu ordem de ataque. Um terço da frota persa perdeu-se devido à deslealdade ou incompetência de certos capitães fenícios. Quando Xerxes puniu justamente esses oficiais, os restantes comandantes fenícios e egípcios desertaram deixando a Pérsia apenas com metade da frota. Apesar disso

em terra nós éramos supremos e a Ática era nossa. Contudo, o dúbio Temístocles colheu todos os louros dos Gregos por uma grande batalha naval. O que começou como um acto de traição da parte dele acabou como a chamada salvação da Grécia.

Xerxes não culpou Temístocles pela derrota. Como podia culpá-lo? Os Gregos não ganharam. Os Persas perderam, graças àqueles capitães fenícios.

Temístocles então avisou Xerxes de que a primeira linha da frota ateniense tinha largado para o Helesponto, com ordens para destruir a ponte entre a Europa e a Ásia. Com o fim de proteger a ponte, Xerxes acorreu a Bizâncio. No caminho pernoitou em casa do meu avô em Abdera, uma grande honra bem como fonte de intermináveis problemas políticos para a família de Lais. Ainda hoje são conhecidos por medófilos.

Xerxes deixou ficar um corpo de exército na Grécia, sob o comando de Mardónio. Um segundo corpo de exército protegia a longa estrada terrestre desde a Ática até ao Helesponto. Um terceiro corpo de exército foi utilizado na manutenção da ordem nas cidades jónicas.

Como Mardónio ainda controlava o continente grego, todos os chefes gregos que se opunham ao governo de Atenas acorreram ao seu quartel-general em Tebas. Os Gregos anti-Pérsia ficaram totalmente desmoralizados. No entanto Mardónio foi obrigado a incendiar Atenas pela segunda vez, como lição ao Partido Conservador. De todos os Atenienses eles foram os únicos a recusar aceitar o

Grande Rei como seu senhor. Os desmoralizados conservadores continuaram a implorar ajuda a Esparta, mas daí não vinha nenhuma. Tradicionalmente os Espartanos são aliados em quem não se pode confiar. Aliás, e talvez tendo mais a ver com isto, os líderes de Esparta costumam estar a soldo dos Persas.
Durante algum tempo pareceu que Mardónio tinha tido sucesso na sua missão. Mas então o regente espartano Pausânias tornou-se ávido. De repente, achando que a Lua estava numa posição auspiciosa, entrou na Ática com o exército espartano e pediu a Mardónio que lhe desse de presente uma arca de ouro, em troca da qual ele se retiraria. Mas Mardónio queria uma vitória definitiva sobre Esparta e os seus aliados gregos. Não pagou o ouro. Também ele era ambicioso... de glória. Mas ao permitir que a paixão que o governava, a avareza, fosse suplantada pelo amor da glória, destruiu-se a ele próprio. É sempre um erro agir contra o carácter próprio.
Mardónio atacou o exército espartano. Os Espartanos foram destroçados. Mas quando tentaram fugir encontraram a estrada para o Peloponeso cortada pelas nossas tropas, e nós nos tínhamos apoderado das suas reservas de mantimentos.
557
Mardónio conseguira o seu objectivo. A Grécia era dele. Mas ele queria fazer um último gesto de triunfo. Montado num cavalo branco Mardónio comandou o ataque final contra os restos do exército espartano. Na confusão, o cavalo branco foi morto e Mardónio lançado ao chão. Antes que pudesse pôr-se em pé - uma coisa demorada, pois ele mancava muito - um grego esmagou-lhe a cabeça com uma pedra. Assim morreu o meu amigo Mardónio, que sonhara ser o senhor de todas as ilhas, que quisera ser o senhor de todos os Gregos. Se alguma morte pode ser considerada uma boa morte, a de Mardónio foi uma. Não só morreu instantaneamente como morreu a acreditar que tinha realizado o seu desejo e que a Grécia era na verdade sua. Misteriosamente o corpo nunca foi encontrado. Ao longo dos anos o filho de Mardónio gastaria uma fortuna à procura dos ossos do seu pai.
No campo de Plataea o falso Pausânias foi declarado salvador de toda a Grécia. Entretanto a Jónia rebelara-se e o corpo de exército de Mardónio - agora comandado por Artabazo - foi obrigado a regressar à Ásia, onde uma boa parte da frota persa tinha sido destruída na praia do Cabo Mícale. Pior, dois corpos de exército persas tinham sido derrotados pelos Gregos. É uma ironia que a vitória decisiva que os aliados gregos nunca conseguiram no seu próprio terreno na Europa tenha sido inesperadamente deles a menos de cem milhas a oeste do Grande Rei e da sua corte em Sardis.
Com espanto escutei o relato do subcamareiro acerca de todos os desastres que se haviam abatido sobre a Pérsia. - E é por esta razão

- disse ele, como que dando uma explicação - que o Grande Rei não irá para Susa antes do início do Verão, quando o seu filho Dário deverá casar-se.
- As guerras gregas acabaram -, disse eu. Que mais podia dizer? Mardónio morreu, pensei. A juventude acabou.
O subcamareiro encolheu os ombros. - Dizem que Pausânias quer tornar-se rei da Grécia. Se o tentar, vamos ter uma longa guerra pela frente.
- Ou uma longa paz.
Juntou-se-nos um eunuco ancião que eu conhecera em criança no harém. Calorosamente cumprimentámo-nos. Então ele disse
- Podes ir falar com ela agora.
- Ela quem? -. Olhei para ele estupidamente.
- A rainha mãe, claro.
- Ainda vive? -. Não podia acreditar.
Nem Atossa. Tinha encolhido até ao tamanho de uma boneca de

criança, e como a de uma criança, a sua cabeça era agora demasiado grande para o seu corpo diminuído e frágil.
Atossa estava deitada numa cama de prata aos pés da estátua de Anahita. Ao prostrar-me ela levantou uma mão durante um momento; depois deixou-a cair na colcha. Deste modo fui cumprimentado.
- Levanta-te -. A voz agora era tão rouca como a de um homem.
Olhámos um para o outro, como um par de fantasmas que acabam de se encontrar na casa dos pais arianos.
- Estás surpreso?
Fiz que sim, ainda confuso.
Atossa sorriu, revelando um último dente. Embora eu tivesse alguma dificuldade em compreender o que ela dizia, a voz da rainha era tão forte como sempre, e os velhos olhos ainda brilhavam. - Estás - disse ela - muito velho.
- Tu estás, rainha mãe...
- ...como uma coisa que se esqueceram de enterrar. É ridículo uma pessoa viver tanto.
- Para nós é uma bênção -. Com um à vontade surpreendente eu assumi o estilo cortesão. Receara ter perdido o domínio disso. Os dialectos cataios e indianos misturavam-se agora tanto com persa e grego na minha cabeça que muitas vezes tinha que pensar antes de dizer as frases mais simples. Ainda hoje tenho dificuldades com as palavras. Enquanto falo grego contigo penso em persa, um persa tão adulterado por línguas orientais, enquanto os meus sonhos actuais são muitíssimo insatisfatórios. Como já não vejo mais nada na vida raramente vejo muita coisa durante o sono. Mas ouço de facto vozes; e muitas vezes já não

compreendo o que estão a tentar dizer-me.
Atossa deteve o meu fluxo de cortesão com um gesto da cabeça.
Põe-te ali -, disse ela apontando para um sítio entre a cabeceira da cama e a estátua de Anahita. - Custa-me mexer a cabeça. Ou o resto do corpo, já agora. Tenho dores -. Fechou os olhos. Durante um momento pensei que tivesse adormecido... ou mesmo morrido. Mas ela estava simplesmente a reunir forças. - Não creio que esperasses encontrar-me viva. Ou que Mardónio tivesse morrido.
- A primeira coisa é uma alegria...
- ...indescritível. - Ela troçou de nós os dois. -Mas a segunda é um assunto sério.
- Tinha a impressão - fui obrigado a avançar diplomaticamente - que Mardónio foi responsável por... tudo quanto aconteceu na Grécia.

- Sim. Ele conquistou a Grécia -. Por baixo da espessa camada de esmalte, qualquer coisa como um rubor aflorou nas gretas. - Mas foi morto.
- Pelos Gregos?
A boca de Atossa fechou-se numa linha direita, o que é uma coisa que não é fácil quando se tem só um dente. - Esperemos que sim -, disse. - Mas é possível que uma determinada facção da corte possa tê-lo morto. O corpo nunca foi encontrado, o que é muito pouco característico dos Gregos. Apesar de todos os seus defeitos, são de muita confiança no que respeita a entregarem os corpos dos seus inimigos.
Mesmo no seu leito de morte Atossa continuava a tecer as suas teias. Como uma aranha anciã, ainda desejava caçar objectos brilhantes. - Vais achar - disse ela por fim - que a corte é uma coisa muito diferente do que era no nosso tempo -. Deste modo, casualmente, fazia de mim seu contemporâneo. - O harém é o centro.
- Também o era... no nosso tempo.
Atossa abanou a cabeça; e fez um esgar de dor. - Não. Naquele tempo Dário governava por intermédio da chancelaria. Modestamente eu conseguia realizar certas coisas. Mas não por intermédio do harém. Era obrigada a servir-me da chancelaria também. Hoje há quinhentas mulheres no harém. Em Persépolis as três casas estão tão cheias que o harém foi alargado e engloba todos os antigos edifícios administrativos do palácio de Inverno. O meu filho... -. Atossa calou-se.
- Ele foi sempre muito susceptível -. Procurei empregar todo o tacto possível.
- Amestris é forte. Felicito-me por tê-la escolhido. Ela compreende as mulheres, os eunucos e o Grande Rei. Mas não tem jeito para a administração. Eu fui bem educada. Ela não. Já te apercebeste de que eu sou a última pessoa viva que se lembra do meu pai Ciro? -. No fim da sua vida, Atossa tinha tendência para

divagar e a dizer alto o que antigamente só pensaria. - E quase ninguém se lembra do meu irmão Cambises. Mas eu lembro-me. E também sei quem o matou -. Fez-me um sorriso de segredo. Ela tinha-se esquecido, se alguma vez o soube, que Xerxes me tinha contado a verdadeira história da ascensão sangrenta do seu pai. Então voltou ao presente. - Conto contigo para ajudares o meu filho. Eu e tu somos tudo o que resta dos velhos tempos. E eu ir-me-ei em breve. Amestris apenas se importa com os seus três filhos, o que é normal. Além disso é ciumenta, o que é um defeito perigoso. Eu nunca me

importei com quem partilhava da cama de Dário. Não que ele se interessasse muito por mulheres. E eu era um caso especial, claro. Eu não era só uma esposa: eu era a sócia do Grande Rei, a rainha. Mas Amestris é diferente. Muito diferente. Ela mandou matar, secretamente e outras vezes não tão secretamente como isso, pelo menos vinte das favoritas do meu filho...
- Por que é que ele lhe dá tanta liberdade?
- Não me interrompas! Não tens maneiras nenhumas. Mas também, nunca as tiveste. És um Mago grego. Ou um Grego mago. Hás-de ficar contente em saber que hoje Lais é um grande poder no harém porque se faz muito útil a Amestris.
- Magia? - murmurei.
- Magia? Que disparate! Veneno -. Atossa parecia mais divertida que o contrário.
- Sempre que o Grande Rei mostra um interesse especial em alguma, a rapariga perde as cores numa semana. Na segunda semana sofre de dores do estômago. Na terceira semana perde todo o apetite. Na quarta semana morre... aparentemente de causa natural. A tua mãe é de certeza a melhor feiticeira que eu conheci e eu criei-me com os Caldeus. Há muitas promessas de bêbedos -. Fiquei sem perceber esta última mudança. Atossa protestou contra a falta de tempo para fazer as ligações necessárias.
- Promessas de bêbedo? - repeti.
- Sim. Sim. - A resposta saiu-lhe irritada. Atossa detestara sempre dar explicações sobre coisas que lhe pareciam evidentes. - Xerxes está quase sempre bêbedo. E então Amestris... ou quem esteja com ele... pede-lhe coisas e, é claro, ele concede tudo o que eles querem. No dia seguinte vê demasiado tarde o que fez. Mas o Grande Rei não pode voltar com a palavra atrás.
Isto é qualquer coisa, Demócrito, que os Gregos nunca conseguiram entender. Não só é impossível a um Persa mentir, como logo que te fez uma promessa ele não pode desdizer-se. Atribuo a maior parte dos desastres que se abateram sobre a Pérsia a esta nobre característica ou costume.
Demócrito lembra-me de que nesta resposta a Heródoto eu disse que tudo quanto era decidido num conselho de bêbedo era revisto no dia seguinte à luz da

sobriedade... e aceite ou rejeitado. Essa é de facto a verdade. Mas eu referia-me aos conselhos supremos ou às reuniões de juristas, e não àquelas ocasiões em que só o Grande Rei não é... ele próprio. Aliás, e é disto que estou realmente a falar, em determinadas ocasiões cerimoniais os íntimos do Grande Rei podem pedir-lhe o que lhes apetecer e ele é obrigado a conceder-lhes o que eles querem. Obviamente, um soberano astuto... e sóbrio... pode

manobrar de tal modo que nunca dá aquilo que nunca quer dar. De resto, os íntimos do rei não têm desejo nenhum de lhe desagradar abusando do privilégio. Mas quando o Grande Rei está bêbedo perde o domínio de si; e podem acontecer coisas terríveis. Quando Xerxes trocou o Mundo pelo harém, as mulheres e os eunucos aproveitaram-se do seu estado de confusão.
- Não sei que influência terás nele. Muito pouca, diria eu. Mas ela receber-te-á. Agarrei esta mudança rápida. - A rainha Amestris recebe homens?
Atossa fez que sim. - Agora admite-se que eu criei um precedente. Naturalmente nunca a verás sozinha, como estás agora a ver-me, indefesa perante ti, uma presa fácil para o prazer masculino -. Atossa de repente riu-se e eu dei conta de que nunca na vida a tinha ouvido rir. Ela parecia mesmo Dário... ou Ciro? Nos seus últimos dias Atossa era como um homem, ou para ser preciso, ela era como um Grande Rei.
- Xerxes encoraja Amestris a reunir com os conselheiros de Estado, com os juristas, com os comandantes da guarda, com toda a gente que ele devia ver mas prefere que ela veja em seu nome. Não se governa impérios desta maneira. Pelo menos não por muito tempo. Sabes que ele se apaixona? Imagina! O meu pai, os meus irmãos, Dário... nenhum deles nunca levou uma mulher a sério. As mulheres eram para o prazer e mais nada... mas eu não. Não que eu alguma vez desse muito prazer. Mas também não era obrigada. Faço parte do governo da Pérsia. Xerxes, no entanto, tem de estar sempre apaixonado. Repara que falei em grego - disse ela - para descrever um estado de entusiasmo sexual que não é persa. Ou que não devia ser.
Atossa franziu tanto o sobrolho que o esmalte branco na sua testa abriu rachas de repente como um rio seco com o calor do Verão. Falou aos sacões, quase sem respirar. - A mulher de Masistes. Do seu meio-irmão. Xerxes viu-a com Amestris. No harém. Em Sardis. Um acidente, claro. As damas estavam a conversar. Xerxes aparece de repente. Vê a esposa do seu irmão. Apaixona-se por ela. Manda-lhe recados. Presentes. Toda a gente sabe. Que vergonha.
- A dama respondeu-lhe?
- Não. É uma mulher esperta. E simples. Não consigo perceber o que Xerxes queria dela. Criar a confusão, talvez. Bom, conseguiu-o. Amestris está furiosa.

Masistes está aterrorizado. A dama é cheia de recursos. Tem uma bela filha de treze anos. Xerxes dispôs já tudo para que essa rapariga se case com o príncipe herdeiro. Pensa que
562
quando isso se der, a gratidão da mãe será tão grande que ela se entregará a ele. Ciro Spitama, o meu filho vai perder o seu trono-.
Atossa ergueu-se na cama. O esforço foi grande. Mas a vontade também. - Ele está a destruir-nos a todos. Masistes é filho de Dário. É o sátrapa da Báctria. É popular. Xerxes vai arrastá-lo para a rebelião.
- O que é preciso fazer?
- Não sei -. Atossa fechou os olhos. A luz suave do candeeiro parecia fazer-lhe mal aos olhos. - Ele já só raramente me vem ver. Sabe que eu desaprovo a maneira como ele vive. Sabe também que eu em breve estarei naquele gavetão de pedra na sagrada Pasárgada. De modo que não é preciso dar-me atenção.
Atossa abriu os olhos e olhou para mim a sondar-me. - Tu ainda podes ser capaz de falar com ele. Rezo à deusa para que ele te ouça. Rezarei mesmo ao Senhor da Sabedoria - acrescentou. - Mas prepara-te para encontrares surpresas. Xerxes não é o homem que conheceste. Não é o filho que eu pari.

2

Exteriormente xerxes pouco tinha mudado. Estava um tanto mais gordo devido à bebida e a sua barba tinha sido tingida da mesma cor de vermelho de raposa que os barbeiros tinham usado com Dário. Fora isso tratou-me exactamente da mesma maneira como quando éramos rapazes.
Devo dizer que a chegada da corte de Sardis foi como a de um exército invasor. O harém era tão grande que a estrada do noroeste ficou repleta numa extensão de cem milhas de carros cheios de mobílias e arcas de ouro e prata e, evidentemente, mulheres, eunucos e escravos da casa imperial. Como Lais viajava sempre com os seus sempre leais - a ela, se não a mais alguém - Gregos, foi uma das últimas a chegar.
Pouco depois da chegada, o Grande Rei concedeu a primeira audiência. Quando os ostiários me conduziram até ele, ele fitou-me cheio de espanto. Então ergueu o ceptro dourado em sinal de cumprimento e anunciou a sua satisfação pela conclusão bem sucedida da minha embaixada. Mais tarde, nessa mesma noite, mandou chamar-me para ir ao seu quarto.
Apesar de todos os meus anos de corte nunca antes tinha visto os famosos móveis do quarto de dormir dos Grandes Reis. Por uma
563

vez a fábula e a real realidade coincidiam. Um século antes o ourives sâmio Teodoro tinha moldado um elaborado ramo de videira em ouro maciço com curvas que se entremavam por cima da cama, dando a impressão de um vinhedo metálico cujas videiras não produziam uvas mas pedras preciosas. O famoso plátano de ouro está disposto em frente à cama. Como é um tanto menos alto que um homem, decepciona um pouco. Tinha-se ouvido sempre dizer que um homem podia estar em pé à sua sombra. Ao lado da cama, num tamborete de marfim, há uma bacia enorme de ouro cheia de água perfumada.
Xerxes estava deitado na cama. Ao seu lado tinha uma mesa em cima da qual estavam dispostos vários jarros de vinho de Helbon. Havia duas taças de ouro. Ao fazer a minha reverência, ele disse: - Levanta-te. Anda cá. Quero ver-te! Afectuosamente abraçou-me com o braço esquerdo, enquanto o direito se ocupava em encher as taças com vinho.
- Nunca pensei que voltaria a ver-te. Senta-te. Na cama. Esquece o protocolo. Ninguém pode ver-nos... salvo os espiões de Amestris. Estão a espreitar-nos pelos furos na parede. Todos os meses mando tapar os buracos. Todos os meses ela manda abri-los. Gosta de saber quem vem para a cama comigo. Isto vai confundi-la! -. Xerxes sorriu. Apesar das dobras espessas de carne por cima e por baixo dos olhos, parecia mais novo do que era. Tirando uma leve tremura de uma mão, parecia saudável; de certeza que parecia mais novo do que eu.
- Tens de usar - disse, depois de me olhar durante um longo momento - o meu barbeiro. Pintar o cabelo. Toda a gente sabe que somos da mesma idade. Assim deixas-me ficar mal andando por aí com todo esse cabelo branco.
Bebemos. Falámos do passado. De Mardónio. - Oh, que vitória nós tivemos! Toda a Grécia era nossa menos o Peloponeso. Espera, disse-lhe antes de partir. Os Espartanos ou se rendem ou entram na Ática. Então será fácil suborná-los para que se vão embora. Ou destroçar-lhes o exército. Isto foi o que ele fez. Nós ganhámos em Plataea. Mas isso não foi o suficiente para Mardónio. Não. Queria ser herói mundial. Por isso descuidou-se. E eles mataram-no. Matam sempre -, acrescentou enigmático. - E nós perdemos a oportunidade de destruir o exército espartano. Depois, aquela questão de Micale... -. A voz arrastou-se e morreu. Perguntava-me... mas não me atrevia a perguntar... quem é que mata sempre os heróis mundiais.
- Bom, vamos lá voltar dentro de pouco tempo -. Xerxes

animou-se com esta ideia, um efeito que foi reforçado, literalmente pelo vinho. Nesse tempo as faces de Xerxes ficavam vermelhas quando ele bebia. Para o fim da sua vida deixaram de ficar vermelhas porque se tinham já tornado permanentemente da cor de sangue vivo. - Graças ao meu regente espartano,

Pausânias, o vencedor de Plataea -. Xerxes acabou uma segunda taça de vinho. - Ele quer ser rei de toda a Grécia. Por outras palavras, ser eu. De modo que me pediu ajuda. Secretamente, claro. Está em Bizâncio neste momento. Quer casar com uma filha minha. Então, com a minha ajuda, ocupará Atenas. E assim por diante.
- Podes confiar nele?
- É claro que não! - A disposição de Xerxes estava a melhorar. - Mas ele ser-nos-á útil. Já me mandou uma quantidade de prisioneiros persas, como sinal de boa-fé. Como é aquele ditado antigo? Nunca confies num Grego que te dê um presente. Bom, não confio nele mas cheira-me que ele pode criar bastantes problemas aos seus companheiros Gregos. Bom - (Xerxes olhou-me com cumplicidade maldosa) - que pensaste quando Atossa te disse que eu vou perder o meu trono porque passo tempo demais no harém?
Senti terror; e mostrei-o. - É tempo mal passado? -. Fui incapaz de pensar outra coisa para dizer.
- Como é que sei o que ela disse? -. Xerxes sorriu. - Sei sempre. Quem me dera não saber. Mas não tenho escolha. Atossa é como o tempo aqui de Susa... ou demasiado quente ou demasiado frio -. Xerxes serviu-me outra taça de uma nova garrafa. Enquanto o bebia, perguntava-me se não estaria envenenado. - Sim, estou apaixonado por uma determinada senhora que acontece ser a esposa do meu irmão, razão pela qual não lhe posso ordenar que me ame. Mas penso que sou capaz de a vencer. Dispus as coisas para que o meu filho Dário case com a filha dela. O rapaz é muito bonito, a propósito. Não conheço a sua futura esposa. Mas ela tem sorte. Um dia será rainha da Pérsia. E o que é mais importante do que isso, apesar do que diz Atossa, a gratidão obriga a mãe a vir para a cama comigo. O que será na próxima semana, julgo eu. No dia a seguir ao casamento.
Passei uma hora com o meu velho amigo. A minha primeira impressão foi de que quase não tinha mudado nada. Mas quando saí vi que uma coisa muito estranha tinha acontecido, ou melhor, não tinha acontecido. Xerxes não me fez nenhuma pergunta sobre a índia ou o Catai. De facto, durante os catorze anos que lhe restavam, quase nunca aludiu às minhas embaixadas. Tinha perdido toda a curiosidade pelo Mundo. Tinha-se voltado para si próprio. Não se

importava com outra coisa a não ser com o harém e com a conclusão daqueles edifícios que tinha começado a construir na sua juventude.
Quando os desconfiados Espartanos mataram, com toda a justiça, Pausânias por ser agente persa, Xerxes quase nem reparou que tinha perdido o seu aliado principal no mundo grego. Mas por essa altura tinha-se convencido de que, como filho cumpridor, tinha travado a guerra que o seu pai tencionara travar. Sem a

sorte de Dário, Xerxes não conseguiu manter o domínio do território da Grécia. Mas teve o prazer de incendiar duas vezes Atenas. Vingou Tróia e Sardis e, de um modo geral, ficou muito satisfeito com o resultado da guerra grega. Demócrito chama-me a atenção para a peça de Ésquilo, Os Persas, que alguém me leu da primeira vez que estive em Atenas. A peça é um disparate completo. Porque - garanto-te - nunca ouvi Xerxes elogiar os Atenienses... ou quaisquer outros Gregos. Nunca lhes chamaria de certeza arrojados e temerários. E - como é que é o verso? - "Estes olhos tristes viram os seus violentos e esplêndidos feitos." Lê-me essa fala que me fez rir à gargalhada. Como... Sim, por minha "sorte aziaga, nasci para esmagar, para arruinar a minha própria terra natal". Em termos práticos, Xerxes não só arruinou a sua terra natal como ele próprio pensava ter aumentado o seu património. Tinha querido dar uma lição aos Gregos, e deu-lha. Só tinha uma queixa: os custos da guerra. - Todo o ouro que arranjei em Babilónia foi gasto na Grécia. Por conseguinte a lição é clara: "Nunca entres em guerra contra um país pobre, pois seja qual for o resultado, tu é que perdes."

Duvido que este sentimento pudesse agradar a Ésquilo pois um Grego tem dificuldade em dar-se conta de como a Grécia é pequena e pobre; e que a Pérsia é grande e rica. A vida é curta. Curta.

Assisti ao casamento entre o príncipe herdeiro Dário e a filha de Masistes. Dois terços dos convidados eram-me totalmente desconhecidos. Mas como a maioria eram descendentes de Os Seis, reconheci os nomes mas não os rostos da nova geração. O casamento serviu também para eu voltar a ocupar mais uma vez o meu lugar na corte do Grande Rei... desta vez como um velho! Embora me tratassem com o respeito devido a um amigo de toda a vida de um soberano de meia idade, eu próprio não despertava qualquer interesse nos presentes. A corte só tinha olhos para ela própria, tal como o Grande Rei. Mais precisamente, eu tinha estado fora durante muito tempo. Além disso não tinha dinheiro. Levei dez anos a reaver do tesouro os meus diversos bens, para não falar de Lais, que não ficou tão satisfeita como devia por voltar a ver o seu filho. Mas a verdade é que tenho notado que muitos pais ficam mais felizes do que o contrário por sobreviverem aos seus filhos adultos.

Como Lais tinha ocupado os meus aposentos na minha casa, foi só ao fim de muitas queixas nada elegantes que ela se mudou outra vez para os apartamentos das mulheres. Embora não tivesse sido com desprazer por me ver vivo, Lais manteve a sua alegria natural de mãe dentro dos limites do decoro. - Como podíamos saber? - disse-me enquanto observava com tristeza as suas arcas e os seus divãs saírem do meu quarto para os aposentos algo acanhados das mulheres.

- Além disso a lei diz que ao fim de três anos de ausência, a pessoa é considerada morta.
Lais não tinha mudado quase nada. Esse quase nada era um pouco de peso que tornava doce e jovem um rosto que tinha começado, nos primeiros anos da sua maturidade, a ter um aspecto duro e determinado.
- Tinha marcado receber uns convidados logo à noite -. Isto foi no dia a seguir às cerimónias nupciais.
- Está à vontade -. Fui amável. Éramos mais como velhos conhecidos do que mãe e filho. - Queres que eu esteja presente?
- Não vais ser desagradável? -. Parecia apreensiva.
- Gregos -. Ninguém muda nunca, pensei para mim próprio. - Ainda conspiras?
- Mais do que nunca -, respondeu Lais, de cabeça bem erguida, sem dúvida a imitar a deusa Atena. - Este é o momento por que sempre esperámos. As nossas sortes nunca nos pareceram tão luminosas.
- Luminosas? Oh, sim! Gloriosas, de facto -. Não pude conter-me. - Perdemos dois dos nossos seis corpos de exército, metade da frota e o tesouro está vazio. Portanto que é que te faz pensar que as nossas sortes nunca pareceram tão luminosas?
Fui informado. Em todo o pormenor. Por Lais. Depois, por Demarato. Ele ainda era um homem bonito, se bem que um pouco gasto pelo tempo. Agora estava à vontade nas suas roupas persas e apesar de que os sapatos persas decentes lhe cobrissem os pés, parti do princípio de que tinha aprendido a lavar os pés. Entre os emigrados gregos presentes no jantar estava um belo jovem de Cos de nome Apolónides. Xerxes entusiasmara-se com ele. Não, Demócrito, não era devido à sua beleza mas sim devido à sua habilidade como físico. Escusado será dizer, mas por causa do seu aspecto, estava proibido de se aproximar do harém. Geralmente os físicos são os únicos homens que podem entrar nessa parte do palácio mas, tradicionalmente, têm de ser muito velhos como Demócedes ou muito feios ou as duas coisas ao mesmo tempo. Embora os físicos sejam constantemente vigiados pelos eunucos,

estava toda a gente de acordo que com alguém como Apolónides isso seria tentar o destino.
- O meu primo Pausânias já demonstrou a sua boa-fé. Repatriou cinco dos gloriosos parentes do Grande Rei -. Demarato tinha aprendido a falar um persa florido bastante desagradável. De facto agora as suas maneiras eram mais persas do que espartanas e eu não tinha a certeza de se não preferia a sua antiga rudeza. Os Espartanos não têm hábitos nem de luxo nem de relativa liberdade. Quando estas duas coisas coincidem, como acontece na corte persa, o Espartano sente-se

desmoralizado.
- Mas os Espartanos não deixarão de certeza que Pausânias faça uma aliança connosco -. Tive a certeza desde o princípio que Pausânias estava condenado. Era arrogante; era ambicioso; era estúpido. Estes atributos costumam atrair a alegre atenção daquelas deusas a quem os Gregos se referem nervosamente como as bondosas. Na verdade, elas são as fúrias.
- Tu não conheces Esparta -. O antigo rei de Esparta foi serenamente condescendente. - Pausânias é regente. Pode fazer o que quiser enquanto tiver os éforos no bolso. Isto é, enquanto fizer com que haja ouro nos bolsos deles. Oh, ele vai ser o senhor de toda a Grécia, em nome do Grande Rei, evidentemente.
Lais estava entusiasmadíssima... como sempre. Não há como uma conspiração grega para lhe fazer brilhar os olhos. No capítulo da política grega ela é, simplesmente, demente.
Depois do jantar juntou-se aos conspiradores um homem realmente importante. Eu tinha conhecido Megabizos muito superficialmente quando éramos jovens. Ele era filho de Zópiros, o sátrapa mutilado de Babel que Xerxes e eu tínhamos conseguido evitar durante a nossa primeira viagem a Babilónia. Durante os meus anos no Oriente, Megabizos tinha-se distinguido tanto militarmente que Xerxes lhe tinha dado a sua irmã Amistis como esposa. A propósito, de um casamento anterior Megabizos tinha um filho com o mesmo nome do avô, Zópiros. Este é o mesmo Zópiros que recentemente estava a criar problemas à sua terra natal. Embora seja verdade que o jovem tenha as suas queixas contra a nossa casa real, isso não é razão para ele se comportar como um Grego.
Fisicamente Megabizos era um gigante - é um gigante, isto é: ele tem alguma fórmula secreta para sobreviver. Ainda não há muito tempo, durante uma caçada real, salvou o Grande Rei Artaxerxes de um leão. Infelizmente nenhum súbdito pode matar um animal antes de o Grande Rei ter feito a primeira morte. Embora ficasse grato a Megabizos por lhe ter salvo a vida, Artaxerxes ofendeu-se com a violação

de um costume antigo. Megabizos foi condenado à morte. Mas Amistis juntou forças com a rainha mãe Amestris e juntas persuadiram o Grande Rei a exilar Megabizos. Diz-se que ele é leproso actualmente. Mas tudo isso seria no futuro quando nos conhecemos sob os olhares vigilantes de Lais.
Houve a habitual - isto é, interminável - discussão da questão grega. Reparei que Megabizos não se comprometia. Reparei também que ele olhava para mim, como que à espera de um sinal. Eu fiquei confuso. Por fim, como os Gregos começavam a ficar bêbedos, fiz sinal a Megabizos para vir para o meu gabinete de trabalho, que é logo a seguir à sala de jantar. Ao sairmos da sala Lais lançou-

me um olhar furioso... na minha própria casa!
- Estou interessado no Oriente -, disse Megabizos. Escusado será dizer, nem mesmo uma orquestra Lídia teria encantado mais o meu ouvido do que esta simples frase.
Durante uma hora falámos da índia e do Catai. A conversa que nunca consegui travar com Xerxes, tive-a com o seu general. Não havia dúvida absolutamente nenhuma no espírito de Megabizos onde estava o nosso futuro. - Não há dinheiro, claro -. Mas a cabeça do gigante fez que sim em vez de dizer que não. - Vão ser precisos alguns anos antes de podermos preparar uma invasão.
- Mas tu quere-la?
- Tanto como tu -. Olhámos um para o outro. Depois apertámos as mãos. Éramos aliados. Na sala ao lado os Gregos cantavam canções de amor milesianas.
- Que pensas de Pausânias? - perguntei-lhe.
- Que se pode pensar do salvador da Grécia o ano passado que hoje se oferece para nos vender a Grécia em troca de uma esposa real e de um manto de seda? É uma nuvem passageira.
- Mas quando a nuvem passar...
- Atravessaremos o rio Indo.
- Dário sonhava com vacas.
- Então - disse Megabizos - tu e eu pastoreá-las-emos para o filho.
Infelizmente para a Pérsia, Xerxes preferia pastorear mulheres. Aliás, à medida que envelhecia, interessava-se cada vez mais por aquilo que não podia ou não devia ter. Mesmo até quando estávamos a discutir animadamente a política oriental Xerxes tinha-se apaixonado pela recente esposa do filho. Incapaz de seduzir a mãe, lançou-se na sedução da filha.
Como Amestris - a actual rainha mãe - tinha sido durante tanto tempo um poder na corte persa, devo tentar corrigir a falsa

impressão que o mundo grego dá dela. Tal como a sua antecessora e modelo a rainha Atossa, Amestris é uma grande política. Como filha de Otanes ela possui rendimentos próprios, o que quer dizer que não depende financeiramente do Grande Rei. De facto, suspeito que há ocasiões em que é o contrário que se passa. Embora receba homens como se ela própria fosse um homem, nunca houve o mais leve indício de escândalo de Amestris... com um homem. Eunucos é outra coisa. De qualquer modo, ela é demasiado formidável para casos de amor. Tal como Atossa, tem sido sempre dedicada aos seus filhos. Tal como Atossa, conseguiu forçar um Grande Rei renitente a conceder o título de príncipe herdeiro ao seu filho mais velho. Parece ser uma regra real em todo o Mundo que o soberano seja sempre relutante em nomear o seu herdeiro por uma

quantidade de razões que são perfeitamente óbvias, embora nem sempre razoáveis.
Em Susa, Amestris ocupa a chamada terceira casa do harém. Quando Xerxes alargou o palácio, aumentou consideravelmente os apartamentos da rainha. Devido a isso ela hoje tem a sua própria chancelaria, bem como inúmeros apartamentos para damas de companhia, eunucos, etc. Tradicionalmente, na corte persa, a rainha mãe tem precedência sobre a rainha consorte. Em teoria, quando Xerxes se tornou Grande Rei, a terceira casa devia ter permanecido sob o controlo da sua mãe. Mas Atossa preferiu os seus velhos apartamentos. - Onde estou não é o que importa - disse ela com um sorriso astuto - desde que eu esteja lá. Amestris é bem-vinda à terceira casa.
Surpreendentemente, as relações entre as duas damas eram boas. Amestris nunca esqueceu que fora Atossa quem fez dela rainha, e ao contrário de muita gente, Amestris não odeia aqueles que a ajudaram. Ela sabia também que a velha rainha ainda controlava a chancelaria. Diz-se que nenhum sátrapa era nomeado sem o consentimento de Atossa. Ela tinha também muito a dizer sobre qual o comandante que devia ser colocado nesta ou naquela satrapia para vigiar a administração local. A combinação dos sátrapas, que são relativamente independentes, com os comandantes do exército, que dependem directamente do Grande Rei, é uma arte subtil. Um erro e ficas com uma guerra civil nas mãos. Pelo menos uma vez por dia Amestris visitava Atossa nos apartamentos desta e comparavam notas sobre assuntos do Estado. As duas damas eram assistidas com frequência pelo camareiro da corte Aspamitres. Ele era bastante sabido para servir ambas as mulheres lealmente.
Embora eu me sentisse desanimado por, mais uma vez, a política oriental não dar em nada, o quotidiano da corte era de facto muito agradável. Segundo as estações, íamos de Persépolis para

Susa, depois para Ectabana e novamente para Persépolis. A vida decorria serena e esplêndida; feliz, também. Eu ainda tinha ambições. Queria glória para mim. Queria glória para Xerxes. Mas o Grande Rei preferia comandar as suas campanhas não na planície gangética ou nas margens do rio Amarelo mas nas casas do harém. O resultado disso é que a hegemonia do Mundo continua a ser um sonho.
Um mês depois do casamento de Dário com a filha de Masistes, vi a rainha Amestris no dia a seguir à infeliz noite em que Xerxes seduziu pela primeira vez a sua nova nora. Estava sozinho com a rainha Atossa. A Atossa anciã não fazia a mínima questão em ter uma acompanhante quando se encontrava com um homem. Por outro lado, a relativamente jovem Amestris comportava-se

livremente como um homem. Durante esses anos de ouro, as mulheres do nosso palácio foram as mais livres de sempre. Naturalmente, se uma dama do harém fosse apanhada sozinha com um homem, seria estrangulada até morrer e o homem enterrado vivo, um destino muito pior do que o que tem um adúltero ateniense que é forçado a receber no ânus um grande rabanete, uma coisa tanto capaz de dar prazer como desconforto nestas paragens.
Amestris é uma mulher alta, esbelta e frágil. Possui uma voz melodiosa, olhos negros, pele branca; cora com facilidade; é educada e hesitante de maneiras. Embora pareça muito diferente da sua antecessora, é tão formidável como Atossa era. Suspeito que Atossa
- a qual eu conheci melhor - era a mais inteligente das duas. Por outro lado, Amestris já governou a Pérsia por mais tempo do que Atossa. Aliás, Atossa era obrigada a partilhar o poder com Dário, enquanto Amestris nunca partilhou o poder com ninguém. Governa o seu filho Artaxerxes como governou o pai Xerxes; e governa bem. Certamente a ela se deve bastante a longa paz em que vive a Pérsia, cujo decrépito símbolo sou eu, tremendo de frio nesta casa cheia de correntes de ar.
Amestris entrou no quarto de Atossa sem cerimónia. - Já começou -, segredou. Então viu-me. - Quem é este?
Atossa respondeu com brandura. - É o teu cunhado, Ciro Spitama. Ou era. Foi casado com Parmis.
Amestris mandou-me levantar. Achei-a educada, tímida mesmo.
- Seguimos as tuas aventuras no Oriente com muito interesse -, disse formalmente. - Apresentar-te-ás na terceira casa e contar-nos-ás mais.
Amestris não só tem um conjunto de espiões de primeira classe como tem também uma boa memória. Sabe exactamente quem é o melhor para este ou aquele trabalho e como melhor o aproveitar. Aos olhos de Amestris se representava a política oriental... e Zoroastro.

Como nenhum destes dois assuntos lhe interessava, não sou íntimo dela... o que é uma boa coisa em minha opinião.
Atossa mandou-me sair. Esperei no comprido corredor onde os secretários de Atossa preparavam a sua correspondência. Então, passada uma hora, fui chamado ao quarto. Amestris tinha-se ido embora e a máscara de esmalte branco de Atossa parecia um prato quebrado. Contou-me o que tinha acontecido. Depois disse: - O meu filho está doido.
- Que se pode fazer?
Atossa abanou a cabeça. - Nada. Ele vai continuar. Mas o seu filho agora odeia-o, o que é perigoso. E Amestris odeia a rapariga, o que é perigoso... para a

rapariga. E também para a mãe. Amestris responsabiliza a mãe. Eu não. Disse-lhe: "Conheço a esposa de Masistes e ela não é como as outras mulheres. Quando ela disse não a Xerxes foi a sério." Mas Xerxes é teimoso. Tinha esperado ganhá-la com este casamento e falhou. Agora está apaixonado pela filha. Amestris diz que quando ele deu as boas-vindas à rapariga à casa do seu filho, qui-la. E agora teve-a.
Atossa afundou-se no monte de almofadinhas da cama. Os olhos vermelhos acenderam-se tal como o fogo do Senhor da Sabedoria. Numa voz baixa, dura, pronunciou um epitáfio: - Falo na presença de Anahita, a verdadeira deusa. Não haverá luto pelos mortos nesta casa -. Atossa ergueu o olhar para o rosto da deusa. Murmurou uma oração caldeia. Depois olhou para mim. - Acabo de pedir à deusa que me conceda um desejo. Que a próxima pessoa a ser chorada nesta casa que o meu pai construiu seja eu.
Anahita respondeu à oração de Atossa. Dois dias depois a velha rainha morreu durante o sono. Como a corte se preparava para partir para Persépolis, todos comentaram favoravelmente o seu sentido de oportunidade. Graças à oportunidade da sua morte, não haveria uma expedição especial a Pasárgada para o funeral; em vez disso, o corpo viajaria com a corte, como se ela ainda estivesse viva.

3

Xerxes ficou mais abalado com a morte de Atossa do que eu esperava. - Ela era a nossa última ligação com o começo -. Xerxes ia sentado no seu carro dourado. Como amigo-do-rei eu cavalgava à sua ilharga. À nossa frente

abriam-se as gargantas roxas que marcam a fronteira da sagrada Pasárgada. - Enquanto foi viva nós estávamos seguros.
- Seguros, Senhor?
- Ela tinha poder -. Fez um gesto mágico qualquer. Eu fingi não ter visto. - Enquanto foi viva, pôde manter a maldição afastada. Agora que se foi...
- O Senhor da Sabedoria julgará cada um de nós quando chegar a altura -. Mas as minhas invocações da misericórdia do Senhor da Sabedoria não impressionavam Xerxes. À medida que envelhecia voltava-se cada vez mais para o culto do demónio. Foi mesmo ao ponto de mudar a estátua da Anahita de Atossa para o seu quarto, onde não parecia de modo nenhum deslocada ao lado do plátano de ouro. Em última análise falhei a Histaspes. Nunca consegui converter Xerxes à Verdade.
Acabei de fazer as contas e verifiquei que Atossa não podia ter mais de setenta

anos quando morreu. Isto é de certo modo uma surpresa pois ela agiu sempre e pareceu sempre como se tivesse estado presente na criação do Mundo. Com a passagem dos anos Atossa não envelheceu tanto como secou, como uma folha de papiro numa pedra ao Sol... uma folha onde estava escrita a maior parte da história do império persa.
A morte da rainha Atossa lançou uma sombra sobre a celebração do Ano Novo. Xerxes estava lúgubre. A rainha Amestris retraída. Masistes apreensivo. O príncipe herdeiro, de olhar ameaçador para toda a gente. Segundo Lais, só a princesa herdeira estava satisfeita. Lais visitava com frequência a segunda e a primeira casas do harém. contou-me, com alguma admiração, que a rapariga era invejada por todas as mulheres. A rapariga era tão bonita quanto estúpida. Por estupidez cometeu um erro fatal. O que ela fez foi o seguinte. Amestris tinha tecido com as suas próprias mãos uma túnica para Xerxes. A rapariga agradou-se da túnica e pediu a Xerxes que lha desse. E o idiota deu-lha. A princesa herdeira vestiu a túnica numa vista à terceira casa do harém. Amestris recebeu-a com muita amabilidade e elegância, mesmo até com ternura. Fingiu não reconhecer a túnica. Devo notar aqui que nunca se sabe o que Amestris pensa ou sente. Um sorriso compassivo pode preceder uma execução sumária, enquanto que um ralho pode ser o sinal de que a pessoa vai realizar um desejo do fundo do coração. Mas ninguém precisava de uma sabedoria especial para ver que, mais cedo ou mais tarde, Amestris se vingaria por este insulto.
Nesse ano em Persépolis a celebração do primeiro dia do ano foi invulgarmente magnificente. Durante a longa procissão eu próprio

guiei vazio onde se senta, se a tal está disposto, o Senhor da Sabedoria. Embora o salão das cem colunas continuasse por acabar, Xerxes recebeu nele a corte e todos os sátrapas do império, bem como os nobres, funcionários, chefes de clã que lhe prestaram homenagem com uma flor.
Mais tarde, em privado, entre os amigos íntimos e a família, o Grande Rei ungiu a própria cabeça segundo o costume. É esta a ocasião em que os presentes têm o direito de lhe pedir um desejo, que ele concede, seja qual for o desejo. É claro que estes pedidos raramente são excessivos. Afinal, todos somos escravos para sempre do Grande Rei.
Nesse ano malfadado, a cerimónia da unção da cabeça do Grande Rei decorreu como habitualmente. Há sempre alguma comédia quando os amigos do rei se reúnem. Desta vez o divertimento foi dado por Demarato. Ele estava bêbedo e mais do que nunca florido... para não dizer atrevido. Pediu ao Grande Rei o direito de entrar majestaticamente em Sardis, com uma coroa real "pois sou para sempre rei de Esparta".

Durante um instante Xerxes ficou surpreso com um descaramento deste que, noutra ocasião, teria sido uma ofensa capital. Felizmente Megabizos salvou tudo observando que: - Demarato não tem miolos que cheguem para serem cobertos por uma coroa -. Riu-se toda a gente e a crise passou.
Quando Xerxes andou pelo são entre os seus amigos, não deu nada que não teria habitualmente dado em tal ocasião e toda a gente ficou satisfeita. Depois retirou-se para o harém. A propósito, estava completamente sóbrio quando nos deixou.
Lais estava no harém e contou-me o que aconteceu a seguir. - A rainha Amestris era toda sorrisos. Beijou as mãos do Grande Rei. Depois segredou-lhe o que pareciam ser palavras de carinho ao ouvido. Ele ficou aterrorizado. Disse: "Não!", em voz alta. Ela disse: "Sim!", naquela vozinha de criança que ela tem. Os dois saíram da sala. Ninguém sabe o que disseram ou fizeram. Mas quando voltaram Xerxes vinha branco; e Amestris sorria. Ela tinha pedido a cabeça da mulher de Masistes e Xerxes tinha sido obrigado a conceder-lhe o seu desejo -.
Amestris foi astuta em não pedir a cabeça da verdadeira culpada, a princesa herdeira. A rapariga era da família real; mas a mãe não. Mais precisamente, Amestris acreditava que a mãe era totalmente responsável pela ligação entre Xerxes e a sua nora.
Xerxes mandou chamar Masistes e pediu-lhe que se divorciasse da mulher. Ofereceu mesmo a Masistes uma das suas próprias filhas

como substituta. Como Masistes não fazia ideia do que tinha acontecido, disse a Xerxes que era ridículo abandonar uma esposa que também era a mãe dos seus filhos adultos.
Xerxes ficou furioso e os dois irmãos brigaram. Quando Masistes se retirou disse: - Senhor ainda não me mataste.
Quando Masistes chegou a casa encontrou a sua esposa ainda viva, mas os seus peitos tinham-lhe sido cortados, a língua arrancada e estava cega. Masistes e os filhos fugiram para a Báctria e revoltaram-se. Mas não eram adversários para Megabizos. Numa questão de meses a Báctria foi subjugada e Masistes e a sua família condenada à morte.
Não é do conhecimento geral que Xerxes nunca mais falou com Amestris ou entrou na terceira casa. Mas, muito curiosamente, isto em nada afectou o poder da rainha. Ela continuou a envolver-se na política. Continuou - continua - a governar a Pérsia. Ainda mais estranho, em pouco tempo estava em excelentes termos com a princesa herdeira. Mas a verdade é que Amestris é capaz de encantar quem quer que seja, especialmente os seus três filhos. E dos três filhos ela fez-se agradabilíssima e muito útil para o segundo, o nosso actual Grande Rei Artaxerxes. De um modo geral, Atossa escolheu bem a sua sucessora.

4

Os DOZE ANOS SEGUINTES FORAM OS mais felizes da minha vida. Confessadamente eu estava na meia-idade. Confessadamente o meu amigo Xerxes tinha-se retirado do Mundo. Mesmo assim, ainda penso nesse tempo como estranhamente esplêndido. Não houve guerras de nenhuma consequência e a vida da corte era mais do que nunca deliciosa. Nunca antes ou depois desse tempo gozaram as damas do harém de tanta liberdade. As que queriam ter amantes não tinham grandes dificuldades em arranjá-los. De certa forma penso que Xerxes se divertia com todas as intrigas. Mostrava-se complacente, desde que o comportamento da dama não fosse escandaloso.

Só a rainha Amestris estava acima de qualquer suspeita. Isto é, nunca teve nenhum caso com um homem. Era demasiado astuta para dar a Xerxes um pretexto para invocar a lei dos Arianos. Mas manteve realmente um longo e discreto caso com o eunuco Aspamitres.

575

Amitis, a filha da rainha, não foi tão sensata como a sua mãe. Teve abertamente uma série de amantes, o que enfureceu o seu marido Megabizos. Quando ele se queixou a Xerxes, diz-se que o Grande Rei respondeu: - A nossa filha pode fazer o que lhe apetecer.

E diz-se que Megabizos lhe respondeu: - E se lhe apetecer violar as nossas leis mais antigas, tu consentirás? -. Xerxes disse: - Como é uma Acménida, ela não pode violar as nossas leis.

Retrospectivamente vejo que esta troca de palavras - ou outra muito semelhante a esta - significou o princípio do fim. O príncipe herdeiro Dário odiava Xerxes por lhe ter seduzido a esposa. Megabizos estava furiosa porque os adultérios de Amitis eram perdoados pelo pai. Aliás, alguns anos antes, um membro da família real seduzira a neta virgem de Megabizos. Nessa ocasião Xerxes agiu prontamente. Ordenou que o sedutor fosse empalado. Mas o harém cerrou fileiras à volta do prevaricador, um homem chamado Sataspes. Para agradar às damas reais, Xerxes ordenou que Sataspes circum-navegasse a África, uma coisa que os Fenícios afirmam terem feito. Durante um ano ou dois, Sataspes andou pelo norte de África. Depois regressou a Susa, afirmando que tinha dado a volta à África. Ninguém acreditou e ele foi executado.

Mesmo assim Megabizos estava menos do que contente. Tinha querido vingança na altura e não dois anos depois. Por fim a rainha irritou-se e foi com a sua intervenção que finalmente a terrível glória real passasse para o seu filho.

No Outono do vigésimo primeiro ano do reinado de Xerxes, eu estava na Tróade

com Lais. Xerxes tinha dado a Demarato uma propriedade considerável e o antigo rei de Esparta era agora mais um criador de cavalos persa do que um conspirador grego - uma mudança absolutamente para melhor. Embora Demarato e Lais vivessem juntos como marido e mulher ela recusava-se a casar com ele. Gostava demasiado da sua liberdade. Além disso não queria partilhar a fortuna considerável que amealhara ao longo dos anos, graças à sua amizade com Atossa. - Entro e saio á hora que quero -, costumava dizer... e continua sem dúvida a dizer ainda hoje, se está viva, na Trácia.
Estávamos nos estábulos de Demarato a inspeccionar um garanhão árabe recém-chegado. Era uma manhã cinzenta e enevoada e o vento sul cheirava a areia. Um criado aproximou-se de nós vindo da casa a gritar: - Morreu! -. E a bela época chegou ao fim.
Segundo sei, o que aconteceu foi o seguinte. Com a bênção da rainha Aspamitres e o comandante dos guardas Artabano mataram Xerxes quando ele estava a dormir - o que era fácil, pois Xerxes havia anos que não adormecia sem primeiro beber meia dúzia de

jarros de vinho de Helbon. Mataram também o condutor do seu carro - e cunhado - Patiramphes.
Na noite do assassínio, o príncipe herdeiro Dário estava no pavilhão de caça da estrada para Pasárgada. Quando lhe deram a notícia, Dário correu para Susa... e para uma cilada. Toda a gente sabia que ele não só odiava o pai como queria, muito naturalmente, ser Grande Rei. De modo que os conspiradores fizeram constar que tinha sido por ordem de Dário que Patiramphes matara o Grande Rei, obrigando o leal Artabano a matar Patiramphes.
Os conspiradores foram então ter com Artaxerxes, de dezoito anos, e disseram-lhe que o seu irmão Dário era responsável pelo assassínio do seu pai. Se Artaxerxes concordasse com a execução do seu irmão, eles prometiam fazer dele Grande Rei. Não tenho nenhum motivo para acreditar que Artaxerxes soubesse até então o que tinha acontecido. Mas Artabano controlava a guarda do palácio e Artaxerxes não tinha poder nenhum. Fez o que lhe disseram. No dia seguinte, quando Dário chegou a Susa, foi preso por Artabano. Condenado por regicídio por dois juízes, foi condenado à morte.
Não faço ideia de qual foi a participação da rainha na execução do seu filho mais velho. Embora tivesse concordado com o assassínio de Xerxes não posso acreditar que tenha tido alguma coisa a ver com a execução de Dário. Suspeito que uma vez que os acontecimentos estavam em marcha, ela perdeu o controle. O que eu sei é que quando soube pelos seus espiões que Artabano planeava assassinar Artaxerxes e ser ele o Grande Rei, ela convocou Megabizos e fez uma

aliança secreta com ele. Como comandante do exército, Megabizos era mais poderoso que o comandante dos guardas Artabano. Embora Megabizos tivesse aprovado o assassínio de Xerxes, era leal à dinastia.
Com metade de um corpo de exército Megabizos dominou a guarda do palácio e Artabano foi morto. Em seguida Aspamitres foi preso. Como amante da rainha esperava-se que o camareiro da corte fosse poupado. Mas ele tinha tentado suplantar os Acménidas e Amestris estava louca de fúria. Foi a rainha quem deu a ordem para que Aspamitres fosse colocado numa coisa que se chama a masseira, uma espécie de caixão de madeira que cobre o tronco do corpo e deixa os membros e a cabeça expostos ao sol e ao vento, aos insectos e aos répteis. De todas as mortes, a masseira é considerada a mais lenta e a mais desagradável... isto é, a seguir à velhice.
Eu, Demócrito, filho de Atenócrito, desejo inserir neste ponto da narrativa do meu tio-avô, Ciro Spitama, uma conversa que tive com ele cerca de uma hora depois de ele me ter ditado a história da

morte de Xerxes. Como bom Zoroastrista, ele pensava que todas as questões essenciais tinham sido respondidas. Mas ele era, em última análise, por demais inteligente para ignorar as provas em contrário. Embora eu esteja relativamente certo de que ele não quereria que eu reproduzisse as suas palavras nessa ocasião, penso que o devo não só à sua memória como aos nossos esforços conjuntos em registar o que ele disse.
Passeávamos pela ágora. Estávamos em pleno Verão; o dia estava muito quente. O Céu parecia um metal tornado azul pelo calor e a cidade, de uma lama branca de osso, parecia abandonada. Os Atenienses estavam em casa, a jantar... ou nos ginásios, fugindo ao calor. Esta era a hora do dia de "que o meu tio gostava mais para passear pela cidade. -Nem um Ateniense! -dizia. - Nenhum barulho. Nem um grito! -. Devido a toda aquela roupa que usava nunca tinha calor. Anos mais tarde, quando fiz uma viagem pela Pérsia, vesti-me como os Persas e achei que as roupas leves que não tocam na pele mantêm a pessoa fresca no dia mais quente.
No pórtico do Odeon Ciro decidiu sentar-se à sombra. Sabia exactamente onde estava na ágora ou em qualquer outro sítio onde tivesse sido levado uma vez. Pusemo-nos à vontade num degrau do Odeon. À nossa frente o Monte Licabeto tinha mais do que nunca um aspecto esquisito, como uma rocha ponteaguda lançada por algum titã antigo. Irracionalmente os racionais Atenienses detestam esta montanha. Dizem que é por causa dos lobos que lá há, mas eu penso que é porque a montanha destoa do resto da paisagem.
- Desde que voltei do Catai sabia que aquilo havia de acabar em sangue. E por

isso distanciei-me... da corte. De Xerxes nunca poderia distanciar-me. Ele era para mim mais do que um irmão. Era o meu gémeo, o meu outro eu. Com ele morto, eu sou só metade do que era.
- Enquanto ele... é o quê?
- O Grande Rei está na ponte do redentor -. Ciro não disse mais... e não havia mais nada a dizer porque, se Zoroastro está certo, Xerxes neste momento está mergulhado num mar de metal em fusão.
- Supõe - disse eu - que não existe nenhuma ponte, que não existe o Senhor da Sabedoria...
- Como posso supor uma coisa dessas? -. Mas como o velho tinha realmente suposto isso mesmo durante muito tempo, estava interessado na minha resposta.
- Zoroastro diz que houve um tempo em que o Senhor da Sabedoria

não existia. Bom, não é possível que quando morremos vamos para o mesmo sítio donde veio o Senhor da Sabedoria?
Ciro assobiou uma estranha melodia que deveria ter algum significado religioso pois assobiava-a sempre que deparava com uma contradição ou uma lacuna na teoria zoroastriana. Ele tinha, a propósito, os dentes todos; podia comer de tudo.
- Não é possível - disse finalmente - responder a essa pergunta.
- Então talvez os orientais tenham razão e a questão da criação não é para ser respondida -. Na verdade eu hoje sei a resposta a essa pergunta, mas naquele tempo eu era ignorante. Estava no começo de uma busca de toda uma vida... a cujo triste fim Ciro tinha chegado. Triste porque a única pergunta importante continuava por responder... para ele.
O velho assobiou durante um momento, de olhos fechados; uma mão pálida fez um caracol duro com um tufo da barba, o que era sempre um sinal de que ele estava mergulhado em profunda reflexão. - Eles estão enganados - disse por fim.
- Tudo quanto percebemos começa algures e acaba algures. É como uma lima traçada na areia. Tal como... um bocado de cordel. Tal como uma vida humana. O que eles tentam fazer no Oriente é fechar a linha. Fazer um círculo. Sem princípio. Sem fim. Mas pergunta-lhes quem traçou o círculo. Não têm resposta. Encolhem os ombros. "Está ali", dizem. Pensam que estão a andar à volta, à volta. Para sempre. Sem fim. Sem esperança! -. A última palavra gritou-a; e arrepiou-se de horror com a ideia de não haver um fim para as coisas. - Nós vemos um começo definido. Um fim definido. Vemos o bem e o mal como princípios necessários, em conflito. Um será recompensado depois da morte; o outro será punido. O todo a ser realizado apenas no fim do fim.
- Qual é o começo... do quê?
- A perfeição. A divindade. Um estado que nos é desconhecido.

- Mas há uma falha nessa concepção. Zoroastro não sabe para que fim foi criado o Senhor da Sabedoria.
- Mas apesar de tudo ele foi criado. Ele é. Ele será. Mas... -. O velho abriu muito os seus olhos cegos. - Há qualquer coisa que falta. Uma coisa que não consegui encontrar em parte nenhuma durante uma vida tão longa -. Deste modo, pelas suas próprias palavras, Ciro reconhecia que tinha falhado na sua busca. Contudo, ao relatar-me tão pormenorizadamente a sua derrota, tornou-me possível compreender o que ele não pudera entender... a natureza do Universo.
Não sei ao certo até que ponto o velho acreditava na teologia

primitiva do seu avô. Qualquer divindade que tivesse criado a vida para a torturar tem de ser, por definição, absolutamente má. Dito doutra maneira, o Senhor da Sabedoria não criou Ahriman. O Senhor da Sabedoria é Ahriman, se quisermos seguir até às suas consequências extremas a lógica - se esta é a palavra certa! - da mensagem de Zoroastro.
Em abono do meu tio ele foi profundamente abalado com o que ouviu no Oriente. Embora continuasse a dizer-se um dualista, tendia - nos momentos amargos - a parecer como se pensasse que o círculo poderia não ser, afinal, um símbolo melhor da nossa condição do que a linha recta que tem princípio e fim. Em última análise não há nem a linha recta nem o círculo. Mas para compreender como são as coisas, precisamos de avançar para lá da actual fase infantil da existência humana. Os deuses e os demónios devem ser abandonados juntamente com essas noções de bem e de mal que são importantes para a vida quotidiana mas que não significam nada para a unidade material que contém todas as coisas e as faz uma só. A matéria é tudo. Tudo é matéria.

5

Assisti à coroação de artaxerxes na sagrada Pasárgada. Embora tivesse sido, por cortesia, reconduzido como amigo-do-rei, não explorei esta vantagem. Os soberanos jovens não gostam das relíquias dos reinados anteriores e por conseguinte preparei-me para me retirar para as minhas propriedades ao sul de Halicarnasso. A minha vida pública tinha chegado ao fim. Era pelo menos o que eu pensava.
Pouco depois de sair de Persépolis fui mandado chamar pelo Grande Rei. Naturalmente fiquei aterrorizado. Quem me teria criado problemas? Esta é a pergunta que se faz sempre que o ostiário ergue a vara de ofício e diz: - O amo chama o seu escravo. Vem comigo.
Artaxerxes estava sentado num gabinete pequeno no palácio de Inverno. Não me

lembro por que razão não vivia no palácio novo de Xerxes. Suponho que, como habitualmente, continuava em construção.
Com dezoito anos Artaxerxes era um jovem belo embora frágil. Como ainda não lhe tinha crescido a barba completamente, o seu rosto tinha um ar um tanto feminino. Em criança tinha sofrido uma
580
doença que lhe atrofiara o braço e a perna esquerda. Devido a isso a mão direita era consideravelmente maior que a esquerda. É por esta razão que quando queremos falar do Grande Rei sem mencionar o seu nome, nós lhe chamamos o da mão comprida.
Em pé, à direita da cadeira do Grande Rei estava o novo comandante dos guardas, Roxanes, um homem imponente que se tinha distinguido nas guerras gregas. À esquerda da cadeira estava o belo físico Apolónides; gozava de muito favor por ter salvo recentemente a vida do Grande Rei de uma febre desgastante.
Como sempre Artaxerxes foi amável comigo e, como sempre que estava na sua presença, fiquei desconcertado por ver os olhos de Xerxes implantados numa cara completamente diferente. Era como se o meu amigo mais querido estivesse a olhar para mim do rosto do filho.
- Precisamos de ti, Amigo-do-Rei -. A voz do rapaz ainda estava fraca devido ao ataque de febre.
Anunciei a minha prontidão em dar a minha vida pelo meu novo amo.
Artaxerxes foi direito ao assunto. - A viúva de Artabanos é Grega. Graças a ela Artabanos estava a planear um exílio na Grécia. Como tu foste amigo íntimo do meu pai o Grande Rei e como também és meio Grego, quero que me traduzas o que este homem tem a dizer e depois quero que me digas a tua opinião sobre ele.
Com isto Artaxerxes bateu com a sua mãozinha esquerda na palma da sua enorme mão direita. As portas de cedro abriram-se e dois ostiários escoltaram um homem baixo e largo até ao Grande Rei. Durante um longo momento os dois homens olharam um para o outro, o que era contra o protocolo. Então, lentamente, o homem caiu de joelhos e mais uma vez, lentamente, prestou homenagem.
- Quem és tu, Grego? - perguntou Artaxerxes.
Do chão veio a resposta: - Sou Temístocles, filho de Néocles. Sou aquele general de Atenas que destruiu a frota do Grande Rei Xerxes.
Artaxerxes olhou para mim. A tremer um pouco traduzi este discurso assombroso. Mas para minha surpresa Artaxerxes sorriu. - Diz-lhe que se levante. Não é todos os dias que recebemos um inimigo tão famoso.
Temístocles levantou-se. Cresciam-lhe pelos grisalhos grossos numa espessura de três dedos das sobrancelhas direitas e escuras que lhe sombreavam uns olhos

negros, luminosos, vigilantes. Era visível que não tinha nenhum temor respeitoso pelo Grande Rei... ou por quem quer que fosse. Mas era hábil, tinha bons reflexos e era inteligente.
581
- Por que é que Artabano não te apresentou ao meu pai?
- Tinha medo, Senhor.
- Mas tu não tens?
Temístocles abanou a cabeça. - Por que havia de ter? Servi bem o teu pai em duas ocasiões.
- O meu pai não considerou que a perda de um terço da sua frota em Salamis fosse um serviço útil -. Artaxerxes estava a divertir-se.
- Não, Senhor. Mas precisamente antes dessa batalha, enviei uma mensagem ao Grande Rei. Disse-lhe que a frota grega se preparava para fugir. Disse-lhe que essa era a sua oportunidade para atacar...
- Ele atacou -, disse Xerxes. - E qual foi o resultado?
- Ele atacou, Senhor, e teria ganho a batalha se não fosse a traição dos seus capitães fenícios.
Isto era verdade e não era. Escusado é dizer que eu não ia ultrapassar a minha humilde posição de tradutor. Artaxerxes escutou atentamente a minha tradução literal; depois baixou a cabeça. - Qual foi - perguntou - o segundo serviço que prestaste ao meu pai?
- Mandei-lhe um aviso de que parte da frota grega pretendia destruir a ponte entre a Ásia e a Europa.
- Isso é verdade -, disse Artaxerxes. Mais uma vez a história era verdade e não era, e além disso típica deste Grego manhoso. Como Temístocles queria que os Gregos aguentassem e derrotassem os Persas, forçou Xerxes a atacá-los; desse modo obrigou os Gregos a lutar pelas suas vidas... o que eles fizeram. Então os Fenícios desertaram e os Gregos ganharam a batalha ou, para ser mais preciso, os Persas perderam-na. Isto foi tanto uma surpresa para os Gregos como para os Persas. O aviso de que a ponte sobre o Helesponto seria destruída foi o golpe de génio de Temístocles. Ele queria Xerxes fora da Europa. Tal como contou aos seus amigalhaços aqui em Atenas: "Em circunstância nenhuma destruais a ponte. Se não deixamos Xerxes ir para a Pérsia ficamos com um leão à solta aqui na Grécia. Cortai a retirada ao Grande Rei e ele sai debaixo daquele guarda-sol dourado com uma espada na mão e o exército mais poderoso do Mundo atrás dele."
Deste modo conseguiu Temístocles servir simultaneamente a Grécia e a Pérsia. Mas como a gratidão é desconhecida dos Gregos, Temístocles foi ostracizado. Mais tarde, quando Pausânias tentou interessá-lo em subverter a Grécia, ele

recusou juntar-se à conspiração. Isto foi não-grego da sua parte, para dizer o mínimo. Ou talvez não confiasse em Pausânias. Infelizmente foram apresentadas

cartas ambíguas de Temístocles para Pausânias no julgamento deste último e os Atenienses ordenaram a Temístocles que voltasse a Atenas para poderem executá-lo por traição. Ele fugiu para a Pérsia, para casa de Artabano, cuja mulher era parente da mãe de Temístocles - uma dama de Halicarnasso, diga-se. À luz da recente e muitíssimo peculiar lei do general Péricles de que ninguém pode ser cidadão de Atenas a não ser que ambos os pais sejam naturais da cidade, devia sublinhar-se que os dois maiores comandantes de Atenas, Temístocles e Címon, não preencheriam as condições para serem cidadãos de Atenas. Tanto a mãe de um como a do outro eram estrangeiras.
- Fala-nos - disse o Grande Rei - desse Grego irritante que anda a fazer pirataria nas nossas águas.
- Pirataria, Senhor? -. Temístocles ainda não estava familiarizado com o estilo oblíquo dos nossos Grandes Reis; eles afectam nunca saber o nome ou o lugar de origem das pessoas. Até ao fim da vida a rainha Atossa teimava que Atenas ficava na África e que os seus habitantes eram anões negros retintos. .
- Eurimedonte -, disse Artaxerxes com uma precisão cruel. O Grande Rei conhecia esse lugar. Todos os Persas o conhecem. Os Gregos que se gabam de Maratona, de Salamis e de Plataea como vitórias maravilhosas não se apercebem que nenhuma dessas batalhas teve o menor significado para a Pérsia. O facto de os Gregos terem conseguido manter-se nas suas cidades incendiadas da Ática dificilmente é uma grande proeza militar. Mas a Pérsia ficou muito abalada com a vitória de Címon na foz do rio Eurimedonte. Com efeito, tenho pensado muitas vezes que a vitória consumada de Címon em solo persa foi o princípio do fim de Xerxes. Desse momento em diante a política do harém e a política do exército começaram a convergir e o Grande Rei foi derrubado.
- Címon, filho de Miltíades... -, começou Temístocles.
- Nosso sátrapa traiçoeiro -. Os Persas nunca esquecerão que Miltíades foi durante muitos anos um escravo leal do Grande Rei, possuidor de vastas propriedades no mar Negro.
- ... o vencedor de Maratona.
- Onde fica isso? - perguntou Artaxerxes piscando os olhos do pai.
- Um lugar sem importância. - Como tradutor pude observar a inteligência veloz de Temístocles em acção. Logo que apanhou o passo do Grande Rei, acertou por ele o seu estilo. - De qualquer modo, Senhor, esse pirata é também meu inimigo.
- Quem pode provar a pirataria? -. Artaxerxes lançou um

olhar rápido a Roxanes, que estava rígido de aversão pelo homem a quem se referia sempre como a serpente grega.
- Em Atenas, Senhor, há duas facções. Uma gostaria imenso de fazer a paz com o rei dos reis. Eu sou desse partido. Do nosso lado temos o povo. Contra nós estão os proprietários fundiários, que derrubaram os tiranos. Hoje Címon é o que eu era ontem, o general de Atenas e a causa do povo foi prejudicada quando eu fui ostracizado.
- Mas certamente, se foste ostracizado, isso quer dizer que a maioria do povo votou contra ti -. Artaxerxes continuava dividido entre fingir desconhecer essa insignificante cidade africana e a paixão natural de um jovem em marcar um ponto e ser julgado esperto. Xerxes nunca cometeu esse erro. Talvez devesse tê-lo feito.
- Sim, Senhor. Mas foram inflamados Contra mim pelos conservadores antipersas. Disseram que eu estava a conspirar com Pausânias para derrubar os Estados gregos. De qualquer modo, como deves ter ouvido falar, os Gregos cansam-se muito depressa dos seus líderes. Porque eu era líder do povo não quer dizer que o povo gostava ou apreciava a minha liderança.
- Agora és um exilado e o pirata ataca a parte continental do nosso império. Que devemos fazer?
- Eu tenho um plano, Senhor.
Temístocles era o Grego mais subtil que jamais conheci. Fosse o que fosse que pretendesse fazer, arranjava maneira de o fazer... pelo menos uma vez. Era um verdadeiro Ulisses. Mas antes de revelar o seu plano ao Grande Rei pediu um ano para aprender persa pois que: "A tua língua é como um dos vossos extraordinários tapetes, intrincada, subtil, bela. Não consigo exprimir-me através de um intérprete, por mais competente que ele seja."
O Grande Rei deu a Temístocles um ano. Além disso deu-lhe uma bela propriedade em Magnésia. E depois deu-lhe a sua mão comprida a beijar e mandou-o embora.
Depois de Temístocles ter saído, Artaxerxes bateu palmas, ficou muito corado e gritou: - Tenho-o nas mãos! Tenho o Grego nas mãos!
Como se veio a ver, Temístocles não tinha nenhum plano além do de esperar pelo inevitável ostracismo de Címon, o que aconteceu quatro anos depois. Durante esses anos Temístocles não só aprendeu a falar persa sem sotaque como lhe foi dado o governo de Magnésia. Além disso foi encarregado de construir uma nova esquadra e de treinar os nossos marinheiros à maneira grega. Nesse tempo os navios persas eram fortalezas flutuantes, pesadas demais para o combate e muito inflamáveis. Temístocles modernizou a esquadra persa.

Comandaria Temístocles uma expedição contra o seu próprio povo? Os conservadores aqui em Atenas pensam que a sua intenção era essa. Com toda a certeza Elpinice está convencida da sua traição. Mas ela devotou-se à memória gloriosa do seu irmão Címon. A minha opinião é que Temístocles não queria mais do que viver e morrer em paz e com conforto, que foi o que fez. Cinco anos depois da sua chegada à corte Temístocles morreu. Uns dizem que ele se matou. Tenho a certeza de que não. Há uma lei universal que diz que os grandes homens não vivem muito tempo depois de serem separados do povo que engrandeceram. Durante os dez anos que Címon viveu no ostracismo, o poder de Atenas deteriorou-se visivelmente. Uma tentativa de invasão do Egipto foi esmagada por Megabizos. Com efeito, tudo quanto o chamado partido do povo empreendeu falhou, menos a conquista da vizinha ilha de Egina e uma ou duas escaramuças vitoriosas nos arrabaldes de Atenas. Sem Temístocles e Címon, Atenas foi - e é - um país sem maior importância para o Mundo.
Quando Címon regressou do exílio, recebeu o comando da frota. Mas tinha perdido os seus melhores anos. Pior, os Atenienses também tinham perdido esses anos. Quando Címon morreu em Chipre, o império ateniense chegou ao fim e o império persa estabilizou-se. Efialtes e Péricles são pobres substitutos para tais heróis.
Não repitas, Demócrito, estes pensamentos àqueles que possam discordar de um velho que viu mais deste Mundo do que tencionava... e muito menos queria.

6

Os MEUS ÚLTIMOS ANOS NA PÉRSIA foram, julgava eu, simplesmente os meus últimos anos. Gostava do meu retiro. Nunca ia a Susa. Ocupava-me em fazer anotações para a segunda chancelaria. Escrevia sobre a estrada da seda, o Catai, Ajatashatru. As minhas notas eram recebidas com polidez e prontamente arquivadas na casa dos livros.
Reuni-me muitas vezes com a comunidade zoroastrista. Agora que estava velho era tratado com reverência. Mas nunca consegui interessar os Zoroastristas em nenhuma das ideias de divindade ou não divindade com que deparara no Oriente. Reparava também com mais resignação do que alarme que a simplicidade do Senhor da
585
Sabedoria está a ser fragmentada. Os velhos deuses-demónios estão a regressar sob a forma de aspectos do Um que é Dois mas que voltará a ser Um no fim do tempo do longo domínio. Os deuses-demónios não desistem facilmente. Recentemente o Grande Rei erigiu um altar à Arta, ou justiça - como se essa

qualidade fosse uma espécie de deus.
O ostracismo de Címon teve um bom resultado... para a Pérsia, claro está. Quando Címon reinava em Atenas, não havia a menor possibilidade de paz entre o império e os aliados gregos. Mas quando Címon foi derrubado, o líder democrata Efialtes restituiu prontamente o poder à assembleia do povo. Quando Efialtes foi assassinado como recompensa pelos seus esforços, a liderança passou para o jovem Péricles, cujo primeiro passo foi fazer a paz com a Pérsia. Enviou uma embaixada a Persépolis chefiada por Cálias.
E foi assim que, quando eu estava com sessenta anos, fui convocado a Persépolis pelo Grande Rei. Fui com serenidade. Mas a verdade é que há muito que não fico nervoso ou deprimido quando convocado por alguém do poder, e isto inclui o nosso potentado local o general Péricles. A morte está perto, os reis estão longe, para parafrasear Confúcio.
Não tinha visitado Persépolis desde a coroação de Artaxerxes. Quando me apresentei no palácio de Inverno, descobri que era desconhecido de todos menos de uns poucos eunucos da segunda sala da chancelaria. Choraram quando me viram. Os eunucos costumam tornar-se sentimentais quando ficam velhos. Eu não. Muito pelo contrário. Mas é bem verdade que nós, as criaturas idosas, somos tudo quanto resta do reinado de Dário e o meio-dia da Pérsia. Tínhamos muito de que falar... ou de que chorar.
Atribuíram-me um quarto extremamente frio e desconfortável no palácio de Xerxes que estava - e sem dúvida ainda está - por acabar, enquanto os meus criados foram alojados na cidade das barracas que cresceu do lado de fora das muralhas do recinto real.
Devo dizer que esperava mais ou menos ser morto por algum crime imaginário. Por um lado, estava a perder a vista, o que significa que se tem de escutar atentamente os outros... a crueldade máxima. Por outro... o meu tempo tinha passado. Infelizmente gozava de muito favor.
Fui mandado chamar não pelo Grande Rei mas pela rainha mãe, Amestris. Ela tinha mobilado muitíssimo esplendidamente a terceira casa do harém. Embora as salas sejam pequenas, ela conseguiu torná-las opulentas. Na sala onde me recebeu, as paredes estão completamente cobertas por placas de folha de ouro, modelada para

imitar as folhas do lótus. Ela própria parecia envolta no mesmo material. Logo que os ostiários se retiraram, ficámos sozinhos. Tomei isto como um tributo à minha avançada idade.
- És o último -, segredou Amestris; e corou.
Ao fim de três dias na corte estava bastante habituado a ouvir aclamarem-me,

reverentemente, como o último. Produzi uma série de murmúrios senis para provar à rainha que não só era o último mas, dentro de muito pouco tempo, também o último teria partido. Quem, pergunto-me, é o seguinte? Talvez Amestris. Ela não envelheceu bem, pensei. Tornou-se muito magra e o rosto outrora bonito está cheio de rugas. Contudo quase não usa pintura no rosto. Suponho que o rosto grotesco de Atossa nos últimos anos da sua vida teve um efeito cautelar na sua nora.
- Senta-te -, disse ela, provando que aos seus olhos eu estava claramente próximo da extinção. Como eu era - sou - bastante manco, atirei-me agradecido para um banco ao lado da sua cadeira de marfim. Ela cheirava a mirra. Este caríssimo unguento estava de tal maneira impregnado na sua pele que as rugas da sua tez amarelada tinham um curioso brilho nacarado.
- Tu amavas o meu marido o Grande Rei -. Vieram-lhe lágrimas aos olhos. Penso que ela estava a ser bastante sincera. Afinal é possível conformarmo-nos com a morte de alguém que amamos. Eu não era capaz. Mas os Acménidas são. - Nós somos os últimos... que o amámos.
Pelo menos podia agora partilhar o meu estatuto terminal com mais alguém. Mas preferi usar de tacto. - Certamente, o nosso Grande Rei e os seus irmãos e irmãs...
- Os filhos não sentem o que nós sentimos -, disse ela cortante. - Tu conheceste Xerxes como homem e como amigo. Eu conheci-o como marido. Eles conheceram-no apenas como Grande Rei. Além do mais, os filhos não têm coração. Não se passou o mesmo contigo?
- Eu não conheço os meus filhos.
- Queres dizer aqueles dois filhos que deixaste na índia?
- Sim, Grande Rainha -. Como sobre toda a gente da corte, a casa dos livros contém todo o tipo de informações sobre mim, reunidas ao longo dos anos pelos agentes secretos. De repente perguntei-me se Amestris se tinha dado ao trabalho de investigar a minha vida. Senti-me ligeiramente desconfortável. Embora anseie pela morte, morrer mesmo pode ter aspectos desagradáveis.
- No ano passado ainda viviam. A chancelaria recebeu um relatório circunstanciado da nossa missão comercial em Shravasti. Mas

a tua esposa Ambalika morreu. As mulheres não duram muito naquele clima.
- É o que parece, Senhora -. Não senti nada. Ambalika tinha morrido para mim no nosso último encontro quando ela preparou com tanta pressa a minha morte oficial.
- Ambalika casou-se com o irmão depois de tu te vires embora. Devo dizer que não entendo os seus costumes. Quero dizer, ela ainda era tua esposa. É claro, as

raparigas são sempre piores -. Franzindo o sobrolho Amestris voltou ao assunto dos filhos. Ela tinha o seu filho. O seu ocupava-lhe todo o pensamento. Era do conhecimento geral que a rainha mãe odiava a sua filha Amitis, cuja paixão pelo belo Apolónides era mesmo então bem conhecida. Ao fim de muito relembrarmos Xerxes, entrou no assunto. - Os Gregos querem paz. É pelo menos o que dizem.
- Quais Gregos, Grande Rainha?
Amestris fez que sim. - O problema é sempre esse, não é? Neste momento estão cá duas embaixadas. Uma é da cidade grega de Argos, um lugar que Xerxes muito amava, se se pode amar uma coisa tão... instável como uma cidade grega. Os outros vêm de Atenas.
Devo ter mostrado a minha surpresa.
Amestris fez que sim. Também nós tivemos uma surpresa. Pensamos que vieram cá de boa-fé. Mas quem pode ter a certeza? O embaixador ateniense é"Cálias o cunhado de Címon.
- Um aristocrata?
- Sim. O que quer dizer anti-Pérsia. Mas seja ele o que for, foi escolhido para negociar connosco pelo actual governo, que é democrático -. Amestris sabia ser bastante específica ao contrário do Grande Rei, que deve parecer sempre uma divindade, penetrando todos os átomos de uma discussão sem nunca fazer uma distinção específica. Por outro lado, Amestris é como um eunuco superior, daqueles que nunca param de ler registos da chancelaria e sabem mil e um pormenores sobre mil e uma coisas, muitas vezes sem perceber a questão principal, como Atossa fazia sempre.
- O neto de Hípias está a falar com a embaixada argiva -. Amestris ofereceu-me o seu sorriso. - Pensámos que seria deselegante utilizar o neto do tirano como intermediário com os democratas atenienses. De modo que agradar-nos-ia muito que fosses tu a tratar com Cálias.
Aceitei o encargo.
Eu e Cálias demo-nos bem logo desde o início. Ele contou-me as suas histórias sobre Maratona e das primeiras vezes gostei muito delas. Depois aborreceram-me. Hoje gosto delas outra vez. Há tão

poucas coisas que se mantenham iguais nesta vida que só somos capazes de ter prazer com um homem que persiste em contar-te ano após ano, as mesmas histórias, sempre com as mesmas palavras Num mundo de fluxo, o tédio de Cálias é uma constante.
Mostrei Persépolis a Cálias e ao resto da embaixada. Ficaram respeitosamente impressionadas não só com a riqueza da Pérsia - para a qual estavam preparados

- mas com as extraordinárias maravilhas arquitectónicas que Xerxes tinha criado. Dois dos Atenienses eram construtores. Um desses dois é íntimo de Fídias e eu tenho a certeza de que aqui mesmo nas traseiras desta casa, entre todo o barulho e a ladroagem, está a ser construída uma réplica do palácio de Inverno de Persépolis, como símbolo do génio de Atenas!
Não estou autorizado a discutir os pormenores do tratado. Já eram secretos há catorze anos quando as conversações começaram e continuam secretos agora que a paz está em vigor desde a morte muito oportuna de Címon em Chipre há três anos. Posso dizer que ambas as partes concordaram manter-se na sua própria esfera. A Pérsia não interferirá no Egeu. Atenas não interferirá na Ásia Menor. Contrariamente à lenda, não existe nenhum tratado assinado ou selado porque o Grande Rei só pode tratar com os seus iguais. Como é o rei dos reis, não tem iguais. Logo, só pode aparecer como concordando com o tratado. Como os sentimentos persas ainda eram violentamente antigregos devido ao caso da foz do rio Eurimedonte, as negociações foram mantidas secretas. Só o Grande Rei, a rainha mãe e eu sabemos todos os pormenores.
Finalmente, quando Címon morreu e o general Péricles assumiu o controlo do Estado, o tratado foi aceite por ambos os lados e eu fui enviado para aqui para Atenas como símbolo corpóreo do nosso magnífico tratado. Esperemos que a paz dure mais do que o símbolo, que não pretende aguentar outro Inverno nesta cidade horrorosa, nesta casa cheia de correntes de ar, nesta política alucinada.
Tu enterrarás os meus restos mortais, Demócrito. Quero ser restituído tão rapidamente quanto possível à unidade primordial. Que lapso tão estranho! Estou a citar o Mestre Li. Não quero dizer unidade primordial, evidentemente. Quero dizer o Senhor da Sabedoria, donde vêem os nossos espíritos e para quem os nossos espíritos - lavados da Mentira - regressam no fim do tempo do longo domínio.
Para teu prazer, Demócrito, devo notar que durante a minha última audiência com a rainha mãe, fiquei encantado com um eunuco de vinte anos chamado Artoxares que me divertiu muito. Ele foi -nos de uma utilidade enorme quando redigíamos os pormenores

do tratado. Se é verdade que Amestris goza os seus favores incompletos, gabo-lhe o gosto. Ele é não só inteligente como belo. Diz-se também que teve um caso com Apolópides, o amante de Amistis. Um dia, receio, essas duas damas poderosas enfrentar-se-ão. Quando tal acontecer, agradecerei, pela primeira e última vez, o facto de estar exilado em Atenas.

LIVRO NOVE

A Paz de Péricles

1

Ontem à noite o general Péricles celebrou o terceiro ano da minha embaixada com uma noite de música em casa de Aspásia. Como tudo o que se refere à minha ignorada e pouco celebrada embaixada, a festa realizou-se num segredo relativo e à última hora. Pouco antes do pôr do Sol, quando me preparava para deitar, Demócrito chegou com a notícia de que o general gostaria de me ver. Atravessámos a cidade a correr, com as caras escondidas por baixo de xailes para que os conservadores não pudessem saber o que o infame representante do Grande Rei estava a conspirar com Péricles para escravizar Atenas.
Dois polícias scitas montavam guarda à entrada da alameda - não se lhe pode chamar rua - que conduz à casa de Aspásia. Perguntaram a Demócrito o que estávamos a fazer ali. Ele disse-lhes uma senha qualquer e deixaram-nos entrar na alameda.
Eu estava com muito calor quando chegámos. Os verões aqui são tão quentes como os invernos são frios. Com efeito, o clima é quase tão mau como o de Susa, se tal é possível. Mas a verdade é que agora sou invulgarmente susceptível ao calor e ao frio. Ontem à noite estava encharcado de suor quando chegámos à casa de Aspásia.
Demócrito diz-me que o interior é muito elegante. Mas como sabes? Apesar da riqueza do teu avô, a casa de Abdera onde foste criado é rústica... para dizer o mínimo. De todas as casas daqui só a de Cálias me parece ser ao mesmo tempo confortável e esplêndida. É evidente que sei que tem tapetes nos soalhos de mármore e os braseiros queimam lenhas aromáticas.
593
Entra-se na casa de Aspásia por um corredor comprido e estreito e de tecto baixo que conduz a um pátio pequeno. À direita do pátio há uma sala de recepções com varanda, uma sala que não é muito maior do que esta onde estamos neste momento, a tentar fugir ao calor do Sol.
Soube imediatamente que estava na casa de uma dama milesiana. Perfumes caros enchiam o ar e os músicos tocavam tão suavemente que se era obrigado a escutar a música. Isto é uma raridade em Atenas, onde os cidadãos são tão pouco musicais que quando assistem realmente a um concerto, se esforçam por ouvir todas as notas num esforço de perceberem por que razão deviam estar tão deleitados. Os Gregos jónicos da Ásia Menor são diferentes. Consideram a música como um complemento à conversa, à comida, e até de fazer amor. A

música faz parte do ar que respiram, não é uma equação para Pitágoras resolver. Havia uma dúzia de pessoas na sala quando chegámos. Demócrito diz-me que na verdade havia dez convidados, bem como alguns escravos de Sardis que tocavam música e serviam a comida. Fui cumprimentado por Envangelos, o intendente de Péricles. Embora esta figura célebre esteja habitualmente no campo a olhar pelas quintas do general - e de dois filhos legítimos - na última semana tinha estado na cidade a celebrar com o resto de Atenas o troféu da vitória que a assembleia acabara de votar para Péricles. Aparentemente esse troféu foi dado pela reconquista de Euboea. Na realidade, o troféu deve-se pelo modo astuto como Péricles manobrou o rei de Esparta no inverno passado quando o exército espartano ocupou a Ática e os Atenienses se acotovelavam por detrás das suas compridas muralhas.
Quando a mensagem para se renderem chegou vinda do quartel-general espartano em Elêusis, a assembleia esteve tentada a fazer isso precisamente. Afinal, o exército espartano é o melhor do mundo grego. Para quê resistir-lhe? Atenas é uma potência marítima e não uma potência continental. Mas Péricles não tencionava render o que quer que fosse. Combinou um encontro secreto com o rei espartano, um adolescente de olhos esbugalhados que nunca tinha saído do Peloponeso. Ciente da juventude e inexperiência do rei, os desconfiados anciãos espartanos tinham designado um conselheiro especial para vigiar de perto o seu rei-menino. Mas, tal como Péricles depois observou, as precauções espartanas deste género simplesmente dobram o preço. O rei-menino recebeu três talentos de ouro, a serem-lhe entregues em Delfos, enquanto o conselheiro - um estadista muito manhoso - recebeu sete talentos de ouro imediatamente.

Assim que o rei e o conselheiro receberam o seu dinheiro o exército espartano foi para casa. O rei-menino foi multado numa soma enorme pelos anciãos, enquanto o conselheiro especial fugiu para a Sicília onde provavelmente hoje goza a sua riqueza. - O meu único problema - disse Péricles ao partido - é como explicar este pagamento à assembleia.
O conselho de Aspásia foi directo: - Quando apresentares as tuas contas diz simplesmente: "Para despesas necessárias - dez talentos."
Palpita-me que é isso precisamente o que Péricles fará. Certamente todos sabem que os Espartanos foram subornados. Quando felicitei Péricles pelo pouco que a paz custara a Atenas, a sua resposta foi sombria: - Eu não comprei paz -, disse. - Comprei tempo.
Mas a minha narrativa está desordenada. Embora o general Péricles não estivesse em casa quando nós chegámos, Aspásia fez perfeitamente as honras da casa. Ela tem uma voz muito bonita, canta canções milesianas com muita graça,

recita poesia melhor do que qualquer outra que eu tenha ouvido. É claro, penso que não há língua mais bela do que o grego da Jónia quando bem falado. Sim, Demócrito, é ainda mais belo do que o persa.
- Desejava conhecer-te desde que chegaste de Atenas -, disse ela segurando a minha mão entre as suas. Ela dá a impressão de que sente realmente tudo quanto diz.
Quando elogiei a sua coragem por me receber na sua casa, ela riu-se. - Fui sempre chamada a medófila. Pessoalmente, tanto me faz. Mas há tempos em que... -. A voz arrastou-se e ela não acabou a frase. Maldisse mais uma vez a minha cegueira. O que eu não teria dado para estudar aquele rosto! Demócrito diz que Aspásia é pequena e que está ligeiramente mais magra do que no Inverno passado. O cabelo é castanho claro e é natural... ou pelo menos é o que ele pensa. Ainda não és um perito nesses assuntos como eu sou, ou era.
Aspásia apresentou-me alguns homens. Um era Fórmio, o braço direito de Péricles na assembleia. Outro era um general de nome Sófocles. Aqui há anos, quando ele tinha vinte e poucos anos, escreveu uma tragédia que ganhou o primeiro prémio num festival de Dionisos. O velho Ésquilo ficou tão furioso por ficar em segundo contra este jovem em ascenção que se mudou para a Sicília, onde aquela águia de vista acerada pôs fim à sua rivalidade com uma tartaruga bem apontada. Gosto sempre muito de pensar na morte de Ésquilo.
595
Sófocles é escandaloso aqui porque se atira abertamente aos jovens da sua própria classe. Por uma razão qualquer isto é tabu em Atenas. Embora os cidadãos de Atenas sejam encorajados a terem casos com rapazes adolescentes da sua própria classe, assim que o rapaz deixa crescer uma barba como deve ser, ele deve deixar de ter relações sexuais com outros cidadãos. Espera-se dele que case e constitua família. Então, feito o seu dever, é encorajado a encontrar um rapaz tendo em vista continuar o - o quê? - a formação creio eu, de um novo cidadão e soldado. Tais costumes não são desconhecidos noutros lados, especialmente entre os nossos primos arianos, as tribos do Norte. Mas mesmo assim não compreendo muito bem o poderoso tabu contra as relações sexuais entre dois homens adultos que sejam além disso cidadãos de Atenas. Embora os escravos e os estrangeiros sejam caça livre para esses homens que gostam desse tipo de sexualidade, dois cidadãos adultos que desejem ter um caso amoroso são obrigados a renunciar a todos os cargos públicos.
Até hoje Sófocles tem conseguido manter o seu cargo e seduzir os cidadãos jovens. Mas Péricles está muito aborrecido com ele. Recentemente repreendeu o seu amigo e camarada general. - Tens de dar o exemplo -, disse o comandante supremo. - Nunca toque num dos teus soldados. Desvia os olhos quando estão no

banho -. Mas Sófocles continua a escandalizar os Atenienses. Diz-se que sempre que faz uma visita a um amigo, os jovens da casa são mandados esconder-se. A propósito, como o general Péricles nunca mostrou o menor interesse por rapazes, é considerado um homem sem coração. Esta sociedade é bem fora do comum.
Aspásia conduziu-me para um leito baixo. Sentei-me na borda enquanto ela se sentava aos meus pés, como uma neta. Trouxeram-nos vinho. Ouvi os risos das raparigas ao fundo. Se Aspásia não arranja mulheres para Péricles, como sustentam os seus inimigos, certamente consegue atrair para a sua casa as damas profissionais mais talentosas da cidade. Há anos que não me divertia tanto como ontem à noite. Embora com a minha idade os rapazes sejam não só indecentes como perigosos, gostei de poder recordar - pela primeira vez desde que deixei a índia - como é delicioso misturar numa companhia mulheres inteligentes com homens da melhor condição. Isso é uma coisa que nem se sonha na Pérsia. De modo que, creio eu, deve-se reconhecer o mérito aos Atenienses por terem inventado uma forma nova e deliciosa de sociedade.
Demócrito pensa que o mérito pertence especificamente a Aspásia. Diz-me que não só as outras companheiras atenienses não têm a sua classe como as suas festas costumam ser de bebedeira e estúpidas.
596
Demócrito é que sabe. Graças a uma mesada principesca do pai pode passar todo o tempo que lhe apetece nas casas das senhoras profissionais. Além disso tem sido capaz de conseguir escapar às garras de um homem adulto. De um modo geral deves estar grato a um destino que tem sido tão benigno... até aqui. Não me espanta que rias tanto.
Perguntei a Aspásia por Anaxágoras.
- Está em Corinto.
- E vai voltar?
- Não sei. Espero que sim.
- Tenho a certeza de que volta. Ouvi a defesa de Péricles -. Coberto de véus eu tinha ido à assembleia. Tucídides atacou Anaxágoras... e as suas teorias. Péricles defendeu o seu amigo... e ignorou as teorias. Não sei se fiquei muito impressionado com qualquer dos oradores. Péricles é um orador fluente e com graça que é capaz, quando quer, de ferir nota positivamente frígia de paixão. Utilizo um termo musical porque o general se serve da sua voz como de um instrumento musical. Mas no julgamento de Anaxágoras, a lira de Péricles esteve muda. Ambos os oradores estavam preocupados com os acontecimentos recentes tais como a invasão espartana, a perda da Boécia, a revolta de Euboea. De certo modo, Péricles estava a ser julgado numa altura em que era mais do que nunca necessário. Por fim, quando a assembleia decidiu que Anaxágoras não era nem

medófilo nem ateu, estavam simplesmente a mostrar a sua confiança em Péricles. Tucídides aceitou mal a sua derrota na assembleia. Promete voltar à carga noutro dia. Estou certo de que o fará. Diplomaticamente Anaxágoras saiu de Atenas depois do julgamento. Devo dizer que sinto a sua falta quase tanto como Péricles.
Cumprimentei Aspásia pelo vinho, pela música, pelo ar perfumado.
Aspásia riu-se, com um riso agradável. - A minha casa deve parecer muito pobre na verdade comparada com o harém do Grande Rei.
- Como sabes que eu devia saber alguma coisa sobre o harém?
- Tu eras o confidente da rainha velha e és um favorito da rainha mãe. Oh, eu sei tudo a teu respeito! -. A verdade é que sabia. Aparentemente as mulheres gregas do harém persa têm conseguido, como não sei, estar em comunicação com as suas equivalentes nas cidades gregas. Surpreendeu-me o quanto Aspásia sabia da vida da corte. - Mas a verdade é que o meu pai serviu o Grande Rei... como nos fazem lembrar diariamente os conservadores.
- Mileto era uma cidade muito amada pelo Grande Rei -, entoei.

Na realidade, Mileto tem criado à Pérsia mais problemas do que todas as cidades gregas da Ásia Menor juntas. Xerxes queria arrasá-la.
Péricles juntou-se-nos tão silenciosamente que só dei pela sua presença quando senti uma mão no meu ombro e ouvi a famosa voz murmurar: - Sê benvindo, Ciro Spitama.
- General -. Como eu tentasse levantar-me, a mão no meu ombro manteve-me sentado.
- Não te mexas, embaixador. Sentar-me-ei ao teu lado.
Aspásia foi buscar vinho para o general. Reparei que a festa continuava como se o governante não estivesse na sala. O corpo sentado ao meu lado no leito era realmente, mesmo na escuridão, uma presença formidável. Não me tinha esquecido que Péricles era muito mais alto do que eu. - Descorámos-te -, disse ele. - Mas não foi de propósito.
- Compreendo, General.
- Tu sabes que fui quem mandou Cálias a Susa fazer a paz.
- Sim, nós sabíamo-lo.
- Espero que também saibas como me opus à expedição ao Egipto. Quanto mais não fosse, era uma violação flagrante do nosso tratado. Mas como nunca pude apresentar o tratado na assembleia de uma maneira apropriada, não podia invocá-lo. De qualquer modo, apresentado ou não, o tratado continua em vigor, pelo menos, enquanto isso for com este governo.
- O Grande Rei diria o mesmo.

- Já vivemos tanto! -. Péricles bateu palmas... de alegria? Não consegui perceber só pela voz. - Conheceste Temístocles -. Isto foi uma afirmação e não uma pergunta.
- Sim. Servi de intérprete da primeira vez que ele foi a Susa. Péricles levantou-se. Ofereceu-me o braço, um braço musculoso
de soldado. Lutei por me pôr em pé. - Gostaria de conversar contigo - disse ele - a sós.
Péricles guiou-me através da sala. Embora parasse para falar com um ou outro homem, nunca se dirigiu a nenhuma mulher a não ser a Aspásia. Introduziu-me numa salinha abafada que cheirava a azeite. - É aqui que trabalho -. Sentou-me num banco. Estávamos tão perto um do outro que cheirava o seu suor... lembrava a bronze quente.
- Eu tinha vinte e oito anos - disse ele - quando Temístocles foi ostracizado. Pensava que ele era o maior homem que esta cidade jamais produziu.
- Mas agora... -. Comecei uma resposta de cortesão, mas o

general interrompeu-me; não é muito de lisonjas... de estilo persa. Como grego prefiro o estilo ático. - Mas depois mudei de opinião. Ele era um homem ambicioso. Aceitava dinheiro de toda a gente, incluindo do tirano de Rodes... o que não tem desculpa. Pior, depois de meter as mãos no dinheiro do tirano, não fez nada para o ajudar.
- Talvez essa fosse a forma de Temístocles de provar que era um verdadeiro democrata -. Não pude resistir a uma piadinha à custa do partido de Péricles.
A piada foi ignorada. - Temístocles deu provas de que a sua palavra não valia nada. Mas no seu tempo era o nosso melhor chefe militar. Mais precisamente compreendia o mundo melhor do que qualquer outro homem que conheci.
- Incluindo Anaxágoras?
- Anaxágoras compreende muito dos segredos da criação. Essas coisas são importantes, claro, e muito profundas. Mas eu estava a falar de política. Temístocles compreendia que o povo ia fazer muito antes de elas próprias saberem. Via no futuro. Tinha a capacidade de nos dizer o que ia acontecer a seguir e não acho que este seu dom lhe tivesse sido dado por Apolo. Não. Penso que ele era capaz de prever o futuro porque compreendia perfeitamente o presente. Por isso é que quero saber... -. Péricles calou-se. Tive a sensação de que ele estava a olhar para mim.
- Que gostarias de saber, general?
- Quero saber o que Temístocles te disse sobre Atenas, sobre Esparta, sobre a Pérsia. Naturalmente, se não quiseres contar-me, eu compreendo.
- Contar-te-ei o que puder -. Fui honesto. - Ou seja, aquilo de que consigo

lembrar-me e a minha memória do passado recente não é boa. Posso dizer-te todas as palavras que o Grande Rei Dário me disse há trinta anos, mas já me esqueci da maior parte do que Tucídides me disse no Odeon no Inverno passado.
- Tens sorte. Quem me dera poder esquecê-lo. Mas ele não me deixa. É um lutador, como sabes. é mau. Do tipo que se agarra e depois, pela calada, morde. Atenas é demasiado pequena para nós os dois. Mais cedo ou mais tarde um de nós tem de ir-se embora. Porque... -. Mais uma vez Péricles interrompeu-se. Tem a tendência a ter pena de si próprio, afectando incompreensão daquilo ou das pessoas que se lhe opõem. Na última reunião da assembleia, o seu comportamento foi positivamente infantil. Péricles foi criticado por gastar demasiado do dinheiro do império na construção de novos edifícios. Em vez de responder que se não gastasse esse dinheiro metade da população não teria trabalho, Péricles disse: - Muito

bem. Acabarei as obras com o meu próprio dinheiro. E então todos os edifícios não serão dedicados à cidade mas a mim -. Como um coro de "Não"! Tinha sido cuidadosamente ensaiado previamente, ele conseguiu a aprovação do seu orçamento... e poupou a sua fortuna pessoal.
Péricles responde a estas questões políticas em termos absolutamente pessoais. Mas o que é verdade é que a cidade é uma cidade pequena e como todos os dirigentes se conhecem demasiado bem uns aos outros, os seus ataques mútuos são sempre pessoais e calculados não só para ferir mas para envenenar.
De qualquer modo, a pedido de Péricles, fiz o melhor que pude para me lembrar da única conversa privada que tive com Temístocles. Tal teve lugar em Magnésia, um and ou dois antes da sua morte. Não me lembro por que razão estava nessa parte do Mundo. Do que me lembro é que quando se espalhou ao longo da estrada principal que o amigo-do-rei se aproximava, Temístocles enviou-me um mensageiro. Não queria eu ser seu convidado na casa do governador? Naturalmente, sendo persa, agradou-me que o grande homem se lembrasse de mim. Naturalmente, sendo grego, sabia que ele queria qualquer coisa da minha parte.
Lembro-me que era um fim de tarde - de verão, creio. Estávamos os dois sentados numa varanda com vista para os jardins da sua propriedade. Ao longo dos anos Temístocles tinha amealhado uma enorme fortuna que, não se sabe como, conseguira pôr fora de Atenas antes de perder o poder.
- Houve um mal-entendido entre mim e o sátrapa de Sardis -. Temístocles serviu-nos vinho ele próprio. - Uma coisa sem importância mas... -. à maneira grega lançou para o chão algum vinho. - Aqui há anos - continuou - erigi uma estátua em Atenas chamada a aguadeira. Era um monumento evocativo ao tempo em

que eu fui fiscal das águas, um cargo muito difícil que penso desempenhei bastante bem. A estátua é de bronze... no estilo antigo, claro, mas toda a gente gostava dela. Bom, depois da queda de Atenas, os Persas levaram a estátua e colocaram-na no tempo de Hera em Sardis -. Sim, Demócrito, ele disse "a queda de Atenas".
- De modo que perguntei ao sátrapa se podia comprar a estátua ao templo e mandá-la para Atenas... sabes, como símbolo de paz entre os Persas e os Gregos, etc, etc, etc. O sátrapa ficou furioso. E agora acusa-me de insultar o Grande Rei, de traição, de... -. Temístocles discutiu durante bastante tempo as ameaças do sátrapa. Estava realmente abalado com todo aquele caso. Fiz o melhor que
600
pude para o tranquilizar. Disse-lhe que esclareceria a questão tanto com a chancelaria como com a terceira casa do harém. Certamente que o tratado de paz era mais importante para o Grande Rei do que uma simples estátua.
Infelizmente, por essa altura, os Atenienses acharam por bem atacar a nossa província do Egipto. Num ataque de fúria, o Grande Rei ordenou que Temístocles reunisse a frota. Uma semana mais tarde Temístocles morreu... de uma dentada de um cavalo, segundo constou; e a estátua do aguadeiro continua em Sardis até hoje.
Assim que convenci Temístocles de que o Grande Rei não se deixaria influenciar por um mero sátrapa da Lídia, discutimos mil e uma coisas. Ele tinha um espírito vivo e curioso. Fez-me muitas perguntas e escutou muitas, ainda que não todas, as minhas respostas.
Eu também lhe fiz perguntas. Certamente perguntei-lhe pelo Egipto. Mesmo naquela altura era do conhecimento geral que no Egipto havia elementos descontentes que procuravam ajuda do exterior. Os Atenienses ajudariam os rebeldes egípcios contra a Pérsia? A resposta de Temístocles foi firme: - A não ser que os Atenienses estejam completamente loucos... o que não deve ser posto de lado, posso dizê-lo, dada a minha experiência pessoal... - (sorriu-se) - nunca atacarão o continente da Ásia ou da África. Qual seria o interesse de uma coisa dessas? Nunca poderiam vencer. Eles não são suficientemente numerosos.
Repeti este discurso a Péricles, que murmurou: - Claro. Claro. Ele tem razão. Isto é, quanto a sermos poucos. Continua, por favor.
Contei a Péricles o resto de que me lembrava. O diálogo foi mais ou menos assim:
- Estou certo de que já não há mais perigo para Atenas da parte do Grande Rei -. Temístocles lançou-me um olhar de lado para ver qual seria a minha reacção perante tal declaração da parte de um pensionista persa.
Fui neutro. - Já não gozo das confidências do Grande Rei. Mas concordo

contigo. O Grande Rei apenas quer manter o que tem. Se as minhas orações forem ouvidas, iremos um dia para Oriente...
- E se as minhas orações forem atendidas, os Atenienses irão para Ocidente.
- Ele disse isso? -. Péricles estava tão chegado a mim que pude sentir na minha face o calor do seu rosto.
- Sim. Temístocles falou da Sicília, da Itália. "A Europa tem de ser grega", disse ele. "Temos de olhar para ocidente."
- Precisamente! Bom, e que disse ele de mim? -. Divertiu-me ver que Péricles possui toda a vaidade habitual do homem público.
601
Felizmente - ou infelizmente - o homem público acaba sempre por se confundir com o povo que dirige. Quando o general Péricles pensa em Atenas, está a pensar em si próprio. Quando ajuda a primeira, ajuda o segundo. Como Péricles tem talento e é sábio - para não dizer astuto - hoje Atenas deve estar com muita sorte.
Embora não conseguisse lembrar-me se Temístocles tinha mencionado ou não o seu herdeiro político, inventei livremente. Quando se fala com um governante nunca se está sob juramento. - Temístocles achava que tu eras o sucessor lógico do seu sucessor Efialtes. Disse-me que não levou a sério o facto de sobre ti pesar uma maldição por descenderes dos Alcmeónidas... - Lancei isto porque tinha curiosidade em ver a reacção de Péricles ao facto de muitos Gregos pensarem que ele e a sua família ainda estavam debaixo de uma maldição divina porque, dois séculos antes, um dos seus antepassados matou um inimigo num templo.
- Como toda a gente sabe, a maldição foi levantada quando a nossa família reconstruiu o templo de Apolo em Delfos -. Com base nesta resposta superficial, não sei se Péricles acredita ou não que a maldição ainda esteja ou não a agir. Se está, Atenas sofrerá porque Péricles é Atenas, ou pelo menos é o que ele pensa. Com a idade tendo cada vez mais a acreditar na longevidade das maldições. Xerxes esperava ser assassinado e eu tenho a certeza de que no fim ele não mostrou surpresa, partindo do princípio de que lhe foi concedido um momento de reflexão antes da passagem da terrível glória real num rio de sangue.
Mostrei-me cortesão: - Temístocles falou de ti com respeito... ao contrário de Címon, que odiava -. Esta última parte era verdade.
- Címon era um homem perigoso -, disse Péricles. - Nunca o deveria ter autorizado a regressar. Mas Elpinice enganou-me. Sim, fui enganado por essa maldita criatura. Ainda hoje não sei como foi que ela fez. Diz-se que ela é feiticeira. Talvez seja. Bom, ela apareceu-me vestida de noiva. Fiquei chocado. "És muito velha", disse-lhe, "para usar perfume e vestires-te dessa maneira". Mas ela discutiu comigo como um homem e acabou por conseguir impor-se.

Címon regressou. Agora está morto, enquanto Tucídides... Bom, a cidade é pequena demais para os dois. Um tem de se ir embora. Dentro de pouco tempo.
Péricles levantou-se. Mais uma vez o braço forte ajudou-me a erguer. - Juntemo-nos aos convidados e celebremos a paz com Esparta e a paz com a Pérsia. Celebremos, general, a paz de Péricles -. Disse-o com perfeita sinceridade.
602
Péricles respondeu com o que tomei por uma perfeita sinceridade: - Gostaria que as gerações futuras digam de mim que nunca nenhum Ateniense se vestiu de luto por minha causa.
Eu, Demócrito de Abdera, filho de Atenócrito, organizei estas memórias de Ciro Spitama em nove livros. Paguei pela sua transcrição e hoje podem ser lidas por qualquer Grego.
Uma semana depois da recepção em casa de Aspásia, Ciro Spitama morreu, rapidamente, sem dor, enquanto eu lhe lia Heródoto. Isso foi há quase quarenta anos.
Durante estes anos viajei por muitos países. Vivi em Babilónia e Bactra. Viajei até à nascente do Nilo e fui tão longe para oriente como as margens do Indo. Escrevi muitos livros. Contudo, quando regressei a Atenas este ano, ninguém me conhecia... nem sequer o loquaz Sócrates.
Penso que Ciro Spitama estava certo quando disse que a maldição lançada sobre os Alcmeónidas ainda continua. Péricles foi um grande homem, com um grande destino trágico. Ao tempo da sua morte, há vinte anos, Atenas estava a ser atacada, de fora, pelo exército espartano e, de dentro, pela peste negra.
Hoje, ao fim de vinte e oito anos de guerras contínuas e debilitantes, Atenas rendeu-se a Esparta. Na Primavera, as compridas muralhas foram desmoronadas e enquanto escrevo estas linhas há uma guarnição espartana na Acrópole.
Graças em grande parte à educação que recebi de Ciro Spitama pude, no decurso de uma longa vida de trabalho, desvendar as causas não só de todos os fenómenos celestiais como da própria criação.
Os primeiros princípios do Universo são os átomos e o espaço vazio; tudo o resto é meramente pensamento humano. Os mundos como o nosso são ilimitados em número. Nascem e morrem. Mas nada pode aceder ao ser a partir do que não existe, ou transformar-se no que não existe. Mais, os átomos essenciais não têm limite, tanto em tamanho como em número, e fazem do Universo um vértice no qual todas as coisas são geradas - o fogo, a água, o ar, a terra.
A causa de as coisas acederem à existência é a espiral a que chamo necessidade; e tudo acontece segundo a necessidade. Deste modo, a criação é constantemente criada e recriada.
Tal como Ciro Spitama começava a suspeitar, ou mesmo acreditar, não existe um

começo nem um fim de uma criação que existe num estado de fluxo num tempo que é verdadeiramente infinito. Embora não tenha observado em sítio nenhum o mais pequeno
603
traço do Senhor da Sabedoria de Zoroastro, ele poderia muito bem ser um conceito que se pode traduzir por aquele círculo que representa o cosmos, a unidade primordial, a criação.
Mas já escrevi sobre esses assuntos anteriormente e menciono-os aqui para expressar a minha gratidão ao velho cuja biografia tenho o prazer de dedicar à última sobrevivente de uma época brilhante, Aspásia, a mulher de Lisicles, o negociante de ovelhas.
604

FICÇÃO-UNIVERSAL

Títulos publicados

1. Gaspar, Belchior & Baltasar - Michel Tournier
2. Infância - Nathalie Sarraute
3. A Insustentável Leveza do Ser - Milan Kundera
4. A Obra ao Negro - Marguerite Yourcenar
5. As Infernais Máquinas de Desejo do Doutor Hoffman - Angela Cárter
6. O Sangue dos Outros - Simone de Beauvoir
7. O Livro do Riso e do Esquecimento - Milan Kundera
8. Catch 22 - Joseph Heller
9. O Golpe de Misericórdia - Marguerite Yourcenar
10. Testamento de Um Poeta Judeu Assassinado - Elie Wiesel
11. O Rei dos Álamos - Michel Tournier
12. Deserto - J. M. G. Le Clézio
13. À Espera dos Bárbaros - J. M. Coetzee
14. Os Filhos da Meia-Noite - Salman Rushdie
15. O Homem Que Olha - Alberto Moravia
16. A Brincadeira - Milan Kundera
17. Um Espião Perfeito - John Le Carré
18. Enciclopédia dos Mortos - Danilo Kis
19. O Velho Gringo - Carlos Fuentes
20. A Gota de Ouro - Michel Tournier
21. A Tomada do Poder - Czeslaw Milosz
22. Histórias de Goldkorn - Leslie Epstein

23. O Futuro Radioso - Alexandre Zinoviev
24. O Amigo Distante - Christoph Hein
25. História de Mayta - Mário Vargas Llosa
26. O Amor nos Tempos de Cólera - Gabriel Garcia Marquez
27. Doutor Fausto - Thomas Mann
28. Turista por Acidente - Anne Tyler
29. Noites no Circo - Angela Cárter
30. Quem Matou Palomino Molero? - Mário Vargas Llosa
31. A Vergonha - Salman Rushdie
32. O Livro dos Amores Risíveis - Milan Kundera
33. Se Não Agora, Quando? - Primo Levi
34. Washington D. C. - Gore Vidal
35. Que o Fogo Consuma Esta Casa - William Styron
36. A Procura do Imperador - Roberto Pazzi
37. Pânico - Joseph Heller
38. O Conselho do Egipto - Leonardo Sciascia
39. Cem Anos de Solidão - Gabriel Garcia Marquez
40. A Tia Júlia e o Escrevedor - Mário Vargas Llosa
41. A Fogueira das Vaidades - Tom Wolfe
42. O País das Águas - Graham Swift
43. Criação - Gore Vidal
Fim

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."